

H. P. BLAVATSKY

A DOCTRINA SECRETA

síntese da ciência, da religião e da filosofia

**Volume III
ANTROPOGÊNESE**

PENSAMENTO



HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A DOCTRINA SECRETA

Síntese de Ciência, Filosofia e Religião

Tradução de
RAYMUNDO MENDES SOBRAL

VOLUME III
ANTROPOGÊNESE



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Tradução do original inglês
The Secret Doctrine
The Synthesis of Science, Religion and Philosophy
Edição Adyar
Theosophical Publishing House, 1938
Copyright © 1973 by Sociedade Teosófica no Brasil

Edição
9876543

Ano
3456789

Direitos Reservados
EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374, 04270 São Paulo, SP, fone 63-3141.

Impresso nas oficinas
da EDITORA PENSAMENTO.



Esta obra
é dedicada aos verdadeiros Teósofos
de todos os países,
seja qual for a raça a que pertençam.
Eles a solicitaram e para eles foi escrita.

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A Ciência Moderna insiste na doutrina da evolução; a razão humana e a Doutrina Secreta também o fazem, e a idéia encontra confirmação nas antigas lendas e nos velhos mitos, e até mesmo na *Bíblia*, quando lida nas suas entrelinhas. Vemos a flor abrir-se lentamente do botão, vemos o botão nascer da semente. Mas de onde vem a semente, com todo o seu programa traçado de transformações físicas, e suas forças invisíveis, e portanto espirituais, que lhe desenvolvem gradualmente a forma, a cor e o aroma? A palavra *evolução* fala por si. O germe da raça humana atual deve ter preexistido na raça de que descende, assim como a semente, em que jaz escondida a flor do próximo verão, existiu e se desenvolveu na flor paterna. O pai pode não diferir senão *ligeiramente*, mas sempre difere de sua futura progênie. Os antepassados antediluvianos do elefante e do lagarto de hoje foram talvez o mamute e o plesiossauro: por que os progenitores de nossa raça humana não poderiam ser os "gigantes" dos *Vedas*, dos *Voluspa* e do *Gênesis*? Embora seja positivamente absurdo crer que a "transformação das espécies" se tenha processado pelo método materialista dos evolucionistas, é natural pensar que cada gênero, a começar pelos moluscos e a terminar pelo homem-símio, veio se modificando a partir de sua forma primordial e distintiva.

SUMÁRIO

Notas preliminares sobre as Estâncias Arcaicas e os Quatro Continentes Pré-históricos	15
---	----

A Doutrina Secreta enuncia três Proposições novas: (a) a Evolução Simultânea de Sete Grupos Humanos em Sete Regiões Distintas de nosso Globo; (b) o Nascimento do Corpo Astral antes do Nascimento do Corpo Físico; (c) o Homem, nesta Ronda, precedeu a todos os mamíferos do reino animal. — Raças sem Sexo e Bissexuais — Os Primeiros Arquétipos Masculinos nos Deuses do Mistério dos Fenícios, etc. — Alegorias Exotéricas baseadas em Mistérios Esotéricos — Sete Deuses, cada um dos quais cria um Grupo de Homens — O Significado das Duas "Criações" — Os Cinco Continentes: 1.º a Terra Sagrada e Imperecível; 2.º o Continente Hiperbóreo; 3.º a Lemúria; 4.º a Atlântida; 5.º a Europa — O Homem já existia há 18.000.000 de anos — Períodos Geológicos — Os Trópicos no Pólo.

PARTE I

ANTROPOGÊNESE

Doze Estâncias do Livro Secreto de Dzryan	27
Comentários	37
Estância I — Princípios da Vida Senciente	39

O Significado do termo "Lha" — Os Princípios da Astrologia e da Astrolatria — Deuses e Homens têm sua origem no mesmo Ponto, a UNIDADE Absoluta — O Logos é a Base do Aspecto-sujeito do Ser Manifestado — Mulaprakriti é o Fundamento do Aspecto-Objeto das Coisas — A Força sucede a Mulaprakriti — Adão-Kadmon — O Dragão e a Serpente — O Mistério Oculto de Mercúrio e Vênus — Os Sete Dhyânis Planetários e os Planetas — Os Governadores Celestiais da Humanidade — O Globo e a Cruz — Shukra, ou Vênus, e a Terra — O Misticismo Oculto trata do Regente do Planeta — O Uno, os Muitos e as Inteligências que animam diversos Centros do Ser — O Dodecaedro do Universo — As três Classes de Luz — Os Números da Criação — Uma Divindade Intra-Cósmica é uma necessidade filosófica — A Evolução por meio de Palavras — Tudo é gerado na Natureza Ideal — Adão-Kadmon e Adão-Adami — Todas as Estrelas ou Planetas são habitados — A Primeira Luta no Céu — A Primeira Raça-Raiz foi Etérea — Estamos na Quarta Ronda.

Dois Astrônomos Antediluvianos: Nârada e Asuramaya	63
O Espelho do Futuro — Dados extraídos dos Livros Secretos do Ocultismo.	

Estância II — Sem Ajuda, a Natureza Falha

67

Os Globos alteram suas Condições Geológicas e Atmosféricas — Os Monstros do Caos — Os Corpos Primários Eféreos dos Homens — A Natureza necessita de ajuda para produzir o Homem Espiritual e Inteligente — Os Deuses da Vontade, os que completam o Homem.

A Criação de Seres Divinos nas Versões Exóticas

73

A Alma Universal está na Raiz da Consciência do Eu — A Criação Primária e a Evolução Secundária da Natureza Manifestada e Visível — Os "Dias" e "Noites" de Brahmá — Os Anjos Rebeldes — Relatos Babilônicos da "Criação" — O que dizem os Gnósticos.

Estância II (Continuação)

78

As "Chamas" são uma Hierarquia de Espíritos — A Lua é muito mais antiga que a Terra — A Água, Símbolo do Elemento Feminino — A Duração dos Períodos Geológicos.

A Cronologia dos Brâmanes

80

"A Ilha Branca" é um Nome simbólico — As Cifras hindus dos Períodos da Evolução Cósmica — Yugas, Kalpas e Ciclos Raciais — Os Gigantes bons e os Pigmeus maus — Períodos Geológicos, segundo a Ciência — A importância da Cronologia Oriental — A Cosmogonia é um Plano Inteligente — Estamos no Fundo de um Ciclo.

Estância III — Tentativas de Criação do Homem

89

Os Senhores da Lua — A História de Abraão é baseada na de Brahmá — As diversas Classes de Criadores — Os Pitris Agnishvarta e Barhishad são Antecessores Solares e Lunares — O Fogo Espiritual, Vivente — O Ego Humano definido — Renascimentos Cósmicos ou Movimento Eterno, Cósmico e Espiral — O Homem, um Deus com forma Animal — As Doutrinas Ocultas relacionam especialmente Nârada com os Ciclos e Kalpas Secretos — Fogos, Centelhas e Chamas — Formas Astrais antes das Formas Físicas — A Primeira Raça desaparece na Segunda Raça — A Matriz Humana é um reflexo da Matriz Celeste, a "Cidade Santa".

Estância IV — Criação das Primeiras Raças

100

A Filosofia Oculta ensina que a Primeira Estirpe Humana foi projetada da Própria Essência de Seres Superiores Divinos — Há uma Evolução Espiritual Psíquica, uma Intelectual e Uma Animal — As Sete Classes de Pitris: três Incorpóreas e quatro Corpóreas — Doze Grandes Deuses ajudam a Brahmá na obra da Criação — A Derivação da Palavra "Manu" — Os Agnishvâtas, o "Coração" do Corpo Dhyân-Chohânico — Por que a recusa dos "Deuses" a criar, e sua "Maldição" — O que Prometeu simbolizava — "Criadores" e suas "Sombras" — Os "Criadores" na Mitologia Escandinava — A Suástica, Símbolo Sagrado e Místico — O Martelo de Thor e o Malhete Maçônico — O Châyâ é a Imagem Astral — Os Progenitores do Homem Interno Sutíl — O Homem Primitivo foi um Revés — Os "Divinos Rebeldes" são os nossos Salvadores — O Significado do Dragão, Princípio Masculino — O que é o Hidrogênio realmente — O Mistério da Criação Kumâra — A Voz Divina, ou Luz Primordial, Shekinah — A Evolução dos Elementos e os Sentidos — A Ordem Esotérica da Involução.

Estância V — A Evolução da Segunda Raça

124

O Fogo Espiritual é o Eu Superior — O TODO-FORÇA é inerente na Mônada — O Ego Superior reina sobre o Ego Animal após as três e meia primeiras Raças-Raízes — As Sete Habitações ou Zonas do nosso Globo — O Homem traz Consigo a Potência de transcender as Faculdades dos Anjos

— O Espírito Divino é simbolizado pelo Sol ou pelo Fogo — A Alma Divina pela Água e pela Lua — A Alma Humana, ou Mente, simbolizada pelo Vento ou pelo Ar — A Primeira Raça tinha os três Elementos, mas não o Fogo *Vivente* — Fogo, Ar e Sol são Três Graus Ocultos do Fogo — Os pertencentes à Primeira Raça foram os Duplos Astrais de seus Pais — A Lei da Evolução obriga os Pais Lunares a passar através de todas as formas de Vida e de Ser neste Globo — A Segunda Raça é assexual e nascida do Suor — Outros modos de reprodução — Os “Filhos da Yoga” ou a Raça Astral Primitiva — Sete Estádios de Reprodução em cada Raça — Os Hermafroditas Humanos Primitivos são um Fato na Natureza — O “Blastema Primordial” é a Essência Dhyân-Chohânica ou Duplo dos Pitris — Os “Filhos do Crepúsculo” — A Primeira Raça foi absorvida na Segunda — O Homem desenvolve um Corpo Físico — A alegoria de Leda, Castor e Pólux.

O Divino Hermafrodita

139

O Enigma da Esfinge — O Andrógino Divino separa-se em Homem e Mulher, Caim e Abel — Jah-Hovah, o Andrógino — A Bíblia e os Purânas, comparados — Jah-Hovah é o Nome genérico de uma Hierarquia de Anjos Planetários Criadores — O Caim Esotérico — As Teoantropografias Ariana e Semítica comparadas — O Nome-Deus Judaico.

Estância VI — A Evolução dos “Nascidos do Suor”

147

A Terceira Raça torna-se Bissexual — A Quarta Raça prova o Fruto da Árvore do Bem e do Mal — Nossa Quinta Raça aproxima-se rapidamente do Quinto Elemento — A Primeira Raça-Raiz não podia sofrer dano algum, nem ser destruída pela Morte — A Segunda Raça pereceu na Primeira e tremenda Agonia da Evolução e da Consolidação do Globo durante o Período Humano.

Algumas Palavras Sobre os Dilúvios e Sobre os Noés

155

O Peixe ou Avatar-Matsya — O Primeiro Dilúvio Cósmico se refere à Primeira Criação Primordial — O Dilúvio Atlante — O “Dilúvio” é uma Tradição Universal — Os Símbolos Arquitas — O Noé Judeu e o Nuh Caldeu — O Segundo Dilúvio atingiu a Quarta Raça-Raiz — A “Ilha Branca” — Os Significados de Ilá.

Podiam Existir Homens há 18.000.000 de Anos?

164

A Diferença entre a Ciência Profana e a Ciência Esotérica depende da Demonstração da Existência de um Corpo Astral dentro do Corpo Físico — A Humanidade Física vem existindo sobre a Terra há 18.000.000 de anos — Adão-Galatéia — A Humanidade Física possuía a princípio uma Enorme Forma Etérea — A Evolução só se aplica ao Homem Externo, Físico — A Analogia é a Lei Diretora na Natureza — Um “Organismo sem Órgãos” — O Homem foi o Primeiro Mamífero *nesta Ronda* — A Duração do Desenvolvimento Sexual, Astral e Físico, abrange Períodos de Tempo Imensos — Geração Espontânea — Uma Divindade Manifestada só pode ser uma Parte Fracionária do Todo — As Condições Físicas necessárias às Primitivas Raças.

Estância VII — Das Raças Semidivinas até as Primeiras Raças Humanas

178

A chamada Queda dos Anjos é a chave do Mistério do Mal — O Homem, até a metade da Presente Ronda, e intelectualmente considerado, não é mais que um animal — O Manas só estará plenamente desenvolvido na Ronda seguinte — O “Fogo Negro” é “Luz” Absoluta, a Sabedoria — Lúcifer, o Espírito da Iluminação Absoluta e da Liberdade de Pensamento — Criações Várias — O Princípio Divino de duas Faces, que está no Homem em conflito — A Sucessão de Raças, desde os Existentes-por-si-Mesmos: 1.º os Nascidos-por-si-mesmos; 2.º os Nascidos-do-Suor; 3.º os Duplos (Andróginos) —

Modos de Reprodução Primitivos: 1.º Cissiparidade; 2.º Brotamento; 3.º Esporos; 4.º Hermafroditismo intermediário; 5.º União verdadeiramente Sexual — Mônadas e Rondas — A Evolução é um Eterno Ciclo de Vir-a-Ser — A Queda dos Anjos está mais relacionada com Causas Fisiológicas do que com Causas Metafísicas — Os Deuses são Homens Deificados — Os Kumâras criados por Kriyâshakti — O Nascimento Chhâyâ, um Modo Primordial de Procriação sem Sexos — Desenvolve-se a Mente, após haver provado o Fruto da Árvore do Conhecimento — Kama é Eros — Daksha é o Pai dos Primeiros Progenitores Humanos — O Sentido Esotérico de Padmapâni Avalokiteshvara — Padmapâni, o Portador do Lótus, é, esotericamente, o Sustentador dos Kalpas.

Estância VIII — Evolução dos Animais Mamíferos: a Primeira Queda 198

O Espírito e a Matéria se equilibram no Homem — Os Homens são os Progenitores dos Animais — Os Rishis e suas progênes — Shiva, a Evolução e o Progresso personificados — Daksha é o tipo da Terceira Raça Primitiva — Zoologia Arcaica — O Pecado das Raças sem Mente.

Possíveis Objeções ao que Precede 203

A Mônada cessa de ser Humana tão-somente quando se converte em *Absolutamente Divina* — Erros Darwinistas — O Homem Primordial, sem Mente e sem Alma, converte-se no Antecessor dos Símios.

Estância IX — A Evolução Final do Homem 209

Como explica o Ocultismo os Acontecimentos que precederam a "Queda" — O Homem não tem Sangue Pitecóide em suas Veias — A Raça "Sem Ossos" — Os Reis e Instrutores da Terceira Raça — A Unidade Específica da Humanidade tem Exceções — A Geologia, a Botânica e a Zoologia apóiam os Ensinamentos Esotéricos — As Raças e a Lei de Retardamento — A Separação dos Sexos — A Quarta Raça desenvolveu a Linguagem — Idiomas Monossilábicos, Aglutinantes e de Inflexão — A Transformação da Terra.

Edens, Serpentes e Dragões 220

O Jardim do Eden, um Colégio — A Queda do Homem na Geração ocorreu no Primeiro Período dos Tempos Mesozóicos — Camelos Voadores — Nações Antigas descrevem os Monstros que avistaram — Lendas de Dragões — A Serpente de Bronze de Moisés — É Satã uma Realidade? — Duas Escolas de Magia — O Dragão nas Teologias Antigas — A Luz Imutável e a Sombra, ou o Bem e o Mal — A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal cresce das Raízes da Árvore da Vida — Dragões Voadores.

Os "Filhos de Deus" e a "Ilha Sagrada" 237

Algumas Cidades estão construídas em cima de Antigas Cidades Subterrâneas e Labirintos — Dois Continentes Perdidos — Algumas Ilhas são Restos de Países Imensos de Épocas Remotas — Relíquias de Gigantes Primitivos da Ilha da Páscoa — "Filhos de Deus" e Feiticeiros Poderosos — Arte e Cultura Hindu e Babilônica.

Estância X — A História da Quarta Raça 245

O Karma dos Filhos de Sabedoria que adiaram sua Encarnação até a Quarta Raça — O Verdadeiro Significado da Doutrina dos "Anjos Caídos" — Todos os Iniciados *conquistaram* o Reino das Trevas, ou Inferno — O Turno dos "Deuses" para encarnarem — O verdadeiro Ponto de Vista Esotérico sobre "Satã" — O Conhecimento Egípcio da Luz Geradora do Logos — O Mistério do Peso, da Medida e do Número — O Deus Judaico, um "Anjo da Matéria" — Anais Bíblicos e outros Registros da História Universal do nosso Globo —

Os Resultados Cósmicos do Egoísmo e do Egotismo — O Processo da formação do Universo requer Seres Inteligentes — Um "Sol Central" e três Sóis Secundários em cada Sistema Solar — Os "Rebeldes" não quiseram criar Homens Irresponsáveis — Lúcifer, o "Precursor da Luz" — A Maldição pronunciada contra Satã — O Homem chegará a ser seu próprio Criador e um Deus Imortal — O Sacrifício dos Anjos do Fogo, cuja Natureza era "Sabedoria" e "Amor" — O Sentido Metafísico do "Fogo por Fricção" — O Homem Interno é Essência mesma de Inteligências Elevadas — Descrições dos Kumâras — A Cor das Raças-Raízes — As Condições Materiais do Homem e da Natureza durante o Período da Raça Lémuro-Atlante.

Ensinamentos Arcanos dos Purânas e do Gênesis — Evolução Física 269

Os Purânas e a História Natural — A Ciência se Ocupa do "Cascão" do Homem — A Evolução Cósmica se repete durante a Gestação — Quando os Sáurios alcançaram seu mais Elevado Desenvolvimento — O Homem, tal como os outros Animais, tem sua origem na Célula: a Célula, desenvolvendo-se, chega ao Tipo Humano — A Lei Inerente de Desenvolvimento Progressivo — O Símio Pithecóide é uma Criação Acidental — A Alegoria de Lilith.

Uma Visão Panorâmica das Primeiras Raças 281

O Simbolismo de Urano e Cronos — A Primeira Mulher — As Raças na Mitologia Grega — A Religião da Terceira e da Quarta Raças — A Idade de Ouro — A Origem Secreta de todas as Religiões Subsequentes — Os Anjos Caídos são a própria Humanidade — O Homem Divino morava no Animal — A Primeira Guerra que se conheceu na Terra.

São os Gigantes uma Ficção? 294

As Ciências Geológica, Sideral e Bíblica podem proporcionar as provas necessárias — A Evidência de Escritores Pagãos Antigos — Na Quarta Raça os Homens retornaram ao Culto do Corpo Humano, o Falicismo — Os Gigantes da Quarta Raça — Os Mistérios do Céu e da Terra revelados à Terceira Raça — Os Quatro Kumâras Sagrados — Os Filhos de Deus se casam com as Filhas dos Homens — Os Rishis, Prajâpatis, Manus, suas Esposas e Progenie são a Semente da Humanidade — Cruzamento Humano e Animal — Animais Falantes — O Homem Mudo que anda de quatro pés.

As Raças com "Terceiro Olho" 306

O Homem Divino é o Novo Tipo no Princípio de Cada Ronda — A Arca significa simplesmente o Homem — A Duração de um Dia Polar — Os Ciclopes Gigantes e os Mortais de "Três Olhos" — A Involução Espiritual e Psíquica opera em Linhas Paralelas com a Evolução Física — Criaturas Humanas Primitivas com Quatro Braços, uma Cabeça e Três Olhos — O Terceiro Olho recolheu-se ao Interior — Fisiologia Oculta — O Significado da Glândula Pineal — A Glândula Pineal está inutilizada para uso físico neste período — A Evolução do Olho — O completo desenvolvimento de Manas na Quinta Ronda — O "Terceiro Olho" é agora uma Glândula — O Terceiro Olho e sua conexão com o Karma — O Número de Mônadas é limitado — Karma é uma Lei Absoluta e Eterna no Mundo das Manifestações.

Os Manus Primitivos da Humanidade 324

Os Sete e os Quatorze Manus — Os Nomes dos Quatorze Manus — O Manu Primordial dá o Ser aos demais Manus — Svâyambhuva, a Mônada Cósmica que se converte no Centro de Força de cujo interior emerge uma Cadeia Planetária — A alegoria do grande dilúvio do Manu Vaivasvata — O sentido esotérico da palavra "Peixe" — O Princípio do Quarto Continente — O Significado das "Vestiduras" no Zohar.

As Dinastias *Divinas* precederam os Reis *Humanos* — Primeiras cidades rochosas dos Lemurianos e construções ciclópicas — As Dinastias Divinas deram início às Primeiras Civilizações e cultivaram as Artes e as Ciências — A degeneração da humanidade — O significado dos Sete Dvipas, as Cadeias Planetárias e os chamados Continentes — A nossa Humanidade principiou na Terra com Vaivasvata Manu — Krishna, Nârada e Gâruda são, esotericamente, Símbolos de Ciclos e Chaves de Alegorias — Os Precursores da Quarta Raça foram os Lemurianos — A Conformação do Continente da Terceira Raça — Continentes Antigos voltarão a aparecer — Os Limites da Índia em Idades Pré-históricas — A Ilha de Páscoa pertence à Primeira Civilização da Terceira Raça — Mudanças de Clima — Cada um de quatro distúrbios do Eixo mudou por completo a face do Globo — Ciclos dentro de Ciclos — Depois da destruição da Lemúria o Homem decresceu em Estatura Física — A Inundação Atlante de há 850.000 anos — Restos de um Continente Atlântico — Os Anais Secretos conservam a História completa do crescimento e evolução das Raças — Só a Logografia Religiosa Oculta conhece o significado dos nomes antigos — Ainda estão de pé Testemunhos dos Continentes Submersos — As Estátuas Colossais de Banián; as Cinco Estátuas são Anais Esotéricos da Evolução Gradual das Raças.

Ruínas Ciclópicas e Pedras Colossais como Testemunho dos Gigantes

359

Pedras animadas — Restos druídicos — Pedras oscilantes na Europa — Pedras vivas que falam e se movem — Nossos "Progenitores" foram *Deuses* antes de se converterem em Homens — Cada Continente é destruído ou morre — Os Gigantes pereceram, e poucos foram salvos.

Estância XII — A Quinta Raça e seus Instrutores Divinos

369

O Grande Dragão e as Serpentes da Sabedoria — As Pirâmides — Reme-moração da Grande Inundação Atlante — Os Pólos foram invertidos.

Serpentes e Dragões sob Diferentes Simbolismos

372

O Nome do Dragão na Caldéia e o Décimo Signo do Zodíaco — A Serpente simboliza o Iniciador — Os *Deuses* a quem os Homens chamam *Dragões* — O Dragão de São João é Netuno, o Símbolo da Magia Atlante.

Os Signos Siderais e Cósmicos

374

A Luz Astral, a Via-Láctea, etc., chamadas "Serpentes" pelos Adeptos — Grande antiguidade das escrituras zoroastrianas — Como os egípcios simbolizam o Cosmos — Os dois pólos místicos — Cada grande reformador do mundo é uma emanção direta do Logos — Deus e a Natureza Antropomorfizados — Os dois Cabiros personificam os Pólos Opostos — A Verdadeira Etimologia do Nome Lares — Quem eram Enoch e os outros? — Os Cabiros eram os Grandes Deuses Cósmicos, os Sete e os Quarenta e Nove Fogos Sagrados — Os Pólos são a medida celeste — A invenção das Letras, das Leis, da Legislação, da Arquitetura, dos Modos da Magia e do Uso Medicinal das Plantas — A produção do Grão ou Trigo — A Serpente, Símbolo do Adepto.

Nossos Instrutores Divinos

383

Nossas Raças provêm de Raças Divinas — As cinco aparências de Hermes — As Tábuas Sincrônicas do Egito — O Zodíaco de Dendera-Bhârata, a Terra Eleita dos Tempos Antigos — Platão fala das Dinastias Divinas — Idéia de Platão sobre o Mal — Frutos e grãos foram trazidos à Terra pelos Senhores da Sabedoria — Os "Filhos de Deus" *existiram e existem* — Os B'ne Aleim se mesclaram com os Homens Normais — O Mistério — Satã é, na realidade,

o Espírito Divino Superior, a Sabedoria Divina Oculta na Terra — Satã, interpretado exotericamente, é o Demônio.

A Origem do Mito de Satã

397

Devemos buscar no Egito a sua origem Ocidental — A origem terrestre da Alegoria da Guerra no Céu deve ser buscada nos templos de iniciação — Os Hierofantes do Egito chamavam a si mesmos "Filhos do Deus-Serpente" — Os Druidas eram chamados Serpentes — Outros Mitos de Dragões e Serpentes — Agni, o Deus do Fogo, e Alegorias de Demônios — Apolo é o Deus-Sol — A Luta entre os Adeptos Ários da Quinta Raça Nascente e os Feiticeiros da Atlântida — Os Demônios da Profundidade — Poderes *Manifestados*, os "Filhos e seus Rebanhos" Deuses-Sóis ou Poderes *Criadores* — Sabedoria, a Divina Sofia — Jehovah, o "Adversário" de todos os demais Deuses — Jehovah, transformado em Humanidade — A Necessidade do Mal — Seitas Gnósticas fundadas por Iniciados.

Noé era um Cabiro, por isso deve ter sido um Demônio

408

Tubal-Caim foi um Cabiro — A Identidade de Noé e Melchizedek — Adão, Caim e Marte como Personificações — O Dilúvio de Noé nunca existiu.

As Tradições Persas mais Antigas Sobre os Pólos e os Continentes Submersos

411

As Lendas do Irã — A data em que pereceram os últimos atlantes — A cronologia esotérica de Platão e outros iniciados — As tradições persas de duas Raças — A Fênix persa — Que são as Montanhas de Kaf? — Os Continentes Árticos — O Ocultismo informa que a Ásia Setentrional é tão antiga quanto a Segunda Raça — Quando desapareceu o Continente Ártico do Norte.

Especulações Ocidentais Baseadas em Tradições Gregas e Purânicas

420

Os Hindus dividiam geograficamente o Globo em Sete Zonas e alegoricamente em Sete Infernos e Sete Céus — As Mansões dos Deuses e dos Demônios — Quatro Continentes já viveram o seu tempo — Os Continentes Futuros Simbolizados — A Latitude e a Longitude da Ilha Perdida — A Atlântida de Platão — O Monte Hermon e seus Dragões Alados.

A Maldição, Considerada de um Ponto de Vista Filosófico

427

Os poderes criadores foram um Dom da Divina Sabedoria — O Adão e a Eva do *Gênesis* se referem à Terceira e à Quarta Raças — A verdadeira maldição — Os Agnishvâtas e outros Salvadores Divinos — O Pecado *Original* e o abuso da inteligência física — O Mistério de Prometeu — Cristo relacionado com Epafos — Uma Raça de Buddhas e Cristos — Quando se simboliza uma Raça, não se deve esperar exatidão topográfica — A origem da primitiva Raça dos Etíopes — Foi Esquilo um Iniciado? — Quem foi Dioniso e quem será? — O Dom de Prometeu — O Homem voltará a ser o Titã livre.

Fragmentos Adicionais de um Comentário Sobre os Versículos da Estância XII

440

Os "Buddhas de Compaixão" — As recordações coletivas jamais abandonam a Alma Divina — Os mais antigos anais sobre a Atlântida — De onde os ários adquiriram o seu Maravilhoso Conhecimento — A sentença da Atlântida — A Grandeza da Civilização Atlante — A Astronomia e o Simbolismo, herança dos Atlantes — Em que época foi construída a Grande Pirâmide — Os três Zodíacos — As Divisões das Raças-Raízes — A árvore genealógica de nossa Raça — O Ciclo de Kali Yuga — Os Zodíacos egípcios e gregos.

Conclusão	455
A História "Escrita nas Estrelas" — O Senzar, primitiva chave hieroglífica — Quando a escrita era uma arte desconhecida — A Natureza procede por Ciclos — A Nova Raça Futura — A Quinta Raça se superporá à Sexta — A Futura Humanidade do Novo Mundo — O Curso da Natureza sob a Influên- cia da Lei Kármica.	
Glossário de Termos Empregados nas Doze Estâncias do Livro de Dzryan	465
Notas adicionais	470
<i>Bibliografia</i>	475

NOTAS PRELIMINARES SOBRE AS ESTÂNCIAS ARCAICAS E OS QUATRO CONTINENTES PRÉ-HISTÓRICOS

Facies totius universi, quamvis infinitis modis variet,
manet tamen semper eadem.

Spinoza 1

As ESTÂNCIAS inseridas neste volume, com os seus comentários, foram extraídas dos mesmos Anais Arcaicos que as Estâncias sobre Cosmogonia do primeiro volume. Damos aqui uma tradução a mais literal possível; mas algumas das Estâncias são demasiado obscuras para que se possam compreender sem explicação, e por isso, tal como fizemos no primeiro volume, começaremos por apresentá-las textualmente, passando em seguida aos seus Comentários, versículo por versículo, e esforçando-nos por torná-las mais claras mediante notas explicativas ao pé da página, como antecipação do esclarecimento mais completo dos Comentários.

No que concerne à evolução da humanidade, a Doutrina Secreta enuncia três novas proposições, que se acham em contradição formal com a Ciência moderna, e também com os dogmas religiosos correntes. Ensina ela: (a) a evolução simultânea de sete Grupos humanos em sete diferentes partes do nosso Globo; (b) o nascimento do corpo *astral* antes do corpo *físico*, servindo o primeiro de modelo ao segundo; e (c) que o homem, nesta Ronda, precedeu a todos os mamíferos — inclusive os antropóides — do reino animal².

Não é só a Doutrina Secreta que fala do nascimento simultâneo do homem em sete divisões do nosso Globo. No *Divino Pimandro* de Hermes Trismegisto vemos os mesmos sete homens primordiais, que se desenvolvem da Natureza e do Homem Celeste, no sentido coletivo dessa designação, ou

(1) "A face (aparência) de todo o universo, conquanto varie de infinitos modos, permanece contudo sempre a mesma." *Spinoza Letters*, LXIV. Ver *The Correspondence of Spinoza*, de A. Wolf, 308.

(2) Veja-se o *Gênesis*, II, 19. No versículo 7.º Adão é formado, e no 19.º se diz: "O Senhor Deus formou, da terra, todos os animais do campo e todas as aves do ar; e depois os apresentou a Adão para ver como os queria chamar." Assim, foi o

seja, dos Espíritos Criadores². Nos fragmentos das Tábuas Caldéias, reunidos por George Smith, e onde foi inscrita a Lenda Babilônica da Criação, vêem-se mencionados, na primeira coluna da tábua Cutha, Sete Seres humanos, com "caras de corvos", isto é, de tez negra, Seres que "os (sete) Grandes Deuses criaram". Ou, conforme vem explicado nas linhas 16, 17 e 18:

No meio da terra cresceram e se fizeram grandes,
E aumentaram em número,
Sete Reis, irmãos da mesma família⁴.

Estes são os Reis de Edom, a que se refere a *Cabala*; a Primeira Raça, que era *imperfeita*, isto é, nascida antes que existisse a "balança" (os sexos), e que, portanto, foi destruída⁵.

"Apareceram sete Reis irmãos, e tiveram filhos; sua linhagem consistia em 6.000 membros. O Deus Nergas [a morte] os destruiu. 'Como os destruiu?' Ponto em equilíbrio [na balança] os que ainda não existiam."⁶

Foram "destruídos", como Raça, por transfusão em sua própria progênie (por exsudação); isto é, a Raça sem sexo reencarnou na Raça (potencialmente) bissexual; esta última nos andróginos; e estes, por sua vez, na Raça sexuada, ou seja, na Terceira Raça do último período. Se as tábuas estivessem menos danificadas, ver-se-ia que continham narrativa idêntica

homem criado *antes* dos animais, pois os animais mencionados no capítulo I são os signos do Zodíaco, e o *homem* "macho e fêmea" não é o homem, mas a Legião dos Sephiroth, *Forças* ou Anjos, "feitos à sua [de Deus] imagem e semelhança". O homem Adão não foi criado a esta semelhança, nem o diz a *Bíblia*. Por outra parte, o segundo Adão é, do ponto de vista esotérico, um setenário que representa sete homens, ou melhor, sete grupos de homens; pois o primeiro Adão, o Kadmon, é a síntese dos dez Sephiroth. Destes, a Tríade Superior permanece no Mundo dos Arquétipos como a futura "Trindade", ao passo que os sete Sephiroth inferiores criam o mundo material manifestado; e *este setenário é o Segundo Adão*. O *Gênesis* e os mistérios que lhe serviram de base procedem do Egito. O "Deus" do primeiro capítulo do *Gênesis* é o Logos, e o "Senhor Deus" do segundo capítulo os *Elohim* criadores, os Poderes inferiores.

(3) Pimandro se exprimiu assim: "Este é o mistério até hoje oculto. A Natureza, fundindo-se com o Homem Celeste [os Elohim ou Dhyânis], produziu uma maravilha... sete Homens, todos machos e fêmeas [Hermafroditas]... consoante a natureza dos sete Governadores" (II, 29), ou das sete Legiões de Pitris ou Elohim, que os projetaram ou criaram. Isto é bem claro; vejamos, no entanto, as interpretações dos nossos modernos teólogos, homens que se supõe inteligentes e instruídos. Em *Theosophical and Philosophical Works of Hermes Trismegistus, Cristian* (?) Neoplatonist, obra compilada por John David Chambers, do Oriel College, de Oxford, o tradutor se pergunta "quem estes sete Homens representarão"; e resolve a dificuldade com a conclusão de que, "como o homem modelo original [o Adão Kadmon do primeiro capítulo do *Gênesis*] era masculino-feminino..., os sete podem significar os patriarcas nomeados em seguida no *Gênesis*" (pág. 9). Eis um processo verdadeiramente teológico de cortar o nó górdio!

(4) *Chaldean Account of Genesis*, de George Smith, pág. 103.

(5) Veja-se Zohar, *Siphra Dzenioutha*, *Idra Suta*, 2928, Franck, *La Kabbale*, pág. 205.

(6) *Siphra Dzenioutha*.

à dos Anais Arcaicos e à de Hermes, senão em seus pormenores, pelo menos quanto aos fatos fundamentais, já que Hermes foi bastante desfigurado pelas más traduções.

É bem verdade que o aparente supernaturalismo desses ensinamentos, conquanto alegórico, é tão diametralmente oposto à letra das declarações da *Bíblia*⁷, assim como às últimas hipóteses da Ciência, que há de provocar refutações apaixonadas. Os Ocultistas sabem, no entanto, que as tradições da Filosofia Esotérica devem ser as verdadeiras, pela simples razão de serem as mais lógicas e resolverem todas as dificuldades. Temos, por outro lado, o *Livro de Thoth* e o *Livro dos Mortos* dos egípcios, os *Purânas* dos hindus com os seus sete Manus, e as narrativas caldeu-assírias, em cujos ladrilhos se mencionam sete Homens primitivos ou Adãos, nome este cuja significação se pode averiguar por meio da *Cabala*. Os que conhecem algo sobre os mistérios da Samotrácia lembrar-se-ão também de que os Cabiras tinham o nome genérico de "Santos Fogos", tendo criado em sete localidades da ilha de Electria ou Samotrácia, o "Cabira nascido da Santa Lemnos", a ilha consagrada a Vulcano.

Segundo Píndaro, esse Cabira, cujo nome era Adamas⁸, foi, nas tradições de Lemnos, o tipo do homem primitivo nascido do seio da Terra. Era o arquétipo dos primeiros machos na ordem da geração, e um dos sete antepassados autóctones ou progenitores da Humanidade⁹. Se a isto associarmos o fato de que a Samotrácia foi colonizada pelos fenícios e, antes deles, pelos misteriosos Pelasgos que vieram do Oriente, e se recordarmos também a identidade dos Deuses do "Mistério" dos fenícios, caldeus e israelitas, será fácil descobrir a procedência da confusa história do Dilúvio de Noé.

Não mais se pode negar que os judeus, que devem suas primeiras idéias da Criação a Moisés (o qual, por sua vez, as houve dos egípcios), compuseram o seu *Gênesis* e suas primitivas tradições cosmogônicas, quando foram recopiadas por Ezra e outros, utilizando-se dos relatos caldeus-acadianos. Basta, pois, examinar as inscrições cuneiformes babilônias, assírias e outras, para encontrar também nelas, esparsas aqui e ali, não só o significado original do nome de Adão, Admi ou Adami, mas ainda a criação de sete Adãos-Raízes ou Homens-Raízes, nascidos fisicamente da Mãe-Terra, e espiritual ou astralmente do Fogo Divino dos Progenitores.

Não era de esperar que os assiriólogos, ignorantes dos ensinamentos esotéricos, prestassem ao misterioso número sete, constantemente repetido nos cilindros babilônicos, atenção maior que a que lhe dispensam ao encontrá-lo no *Gênesis* e no resto da *Bíblia*. No entanto, os números dos Es-

(7) Visto haver hoje a certeza de que as Tábuas Caldéias, que dão a descrição alegórica da Criação, da Queda e do Dilúvio, e até da lenda da Torre de Babel, foram escritas "antes do tempo de Moisés" (*Chaldean Account of Genesis*, de Smith), como se pode dizer que o *Pentateuco* é uma "revelação"? É simplesmente outra versão da mesma história.

(8) Veja-se *Philosophumena*, v. 7, edição de Müller, pág. 98.

(9) *Ibid.*, pág. 108.

píritos Antepassados e os sete grupos de sua progênie humana lá estão nos cilindros, apesar do estado deteriorado dos fragmentos, e se podem ver tão nitidamente como no *Pimandro* e no *Livro do Mistério Oculto da Cabala*. Neste último, Adão Kadmon é a Árvore Sephirothal, como também é a "Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal". Esta Árvore, reza o versículo 32, "tem ao seu redor sete colunas" ou palácios dos sete Anjos criadores, que operam nas Esferas dos sete Planetas sobre o nosso Globo. Assim como Adão Kadmon é um nome *coletivo*, também o é o nome de Adão-homem. Diz George Smith em seu *Chaldean Account of Genesis*:

"A palavra Adão, empregada nessas lendas para designar o primeiro ser humano, evidentemente não é um nome próprio, mas foi usada tão-só para significar a humanidade. Adão aparece como nome próprio no *Gênesis*, mas, com toda a certeza, em algumas passagens o termo não é usado senão com o mesmo sentido da palavra assíria." ¹⁰

Por outra parte, nem o Dilúvio caldeu nem o da *Bíblia*, com suas fábulas de Xisoutros e de Noé, estão baseados no Dilúvio Universal ou mesmo no Dilúvio atlante, registrados na alegoria hindu de Vaivasvata Manu: são *alegorias esotéricas baseadas nos Mistérios Esotéricos de Samotrácia*. Se os antigos caldeus conheciam a verdade esotérica, oculta nas lendas dos *Purânas*, as outras nações só conheciam os mistérios da Samotrácia, que alegorizavam. Adaptaram-nos a suas nações astronômicas e antropológicas, ou melhor, fálicas. Sabe-se historicamente que a Samotrácia ficou célebre na antiguidade em virtude de um dilúvio que submergiu a região e alcançou o cume das mais altas montanhas, acontecimento que se deu antes da época dos Argonautas. Foi rapidamente inundada pelas águas do Pontus Euxinus, que até então era considerado como um lago ¹¹.

Mas, além disso, tinham os israelitas outra tradição em que basear a sua lenda, a do Dilúvio que transformou, *pela última vez*, o deserto atual de Gobi em um mar, há uns 10.000 ou 12.000 anos, e que levou um grande número de Noés a se refugiarem com suas famílias nas montanhas em derredor.

Como somente agora foi reconstituída a história da Babilônia, graças às centenas de milhares de fragmentos mutilados (só no terrapleno de Kouyunjik foram descobertos, desde as escavações de Layard, mais de 20.000 fragmentos de inscrições), as provas aqui citadas são relativamente escassas; não obstante, tal como são, corroboram quase todos os nossos ensinamentos; pelo menos três, com toda a segurança. Ei-los:

1. A primeira raça a cair em geração era uma raça escura (zalmat-qadi), chamada Adamu ou Raça Escura; a Raça de Sarku ou Raça Clara permaneceu pura até muito tempo depois.

(10) Página 86.

(11) Veja-se Plínio, cap. 12; Estrabão, 10; Heródoto, VII, cap. 109; Pausânias, VII, capítulo 4; etc.

2. Os babilônios reconheciam a existência de duas Raças principais ao tempo da Queda, ambas precedidas pela Raça dos Deuses, os Duplos Etéreos dos Pitris. Tal é a opinião de Sir. H. Rawlinson. São as nossas Segunda e Terceira Raças-Raízes.

3. Os sete Deuses, cada um dos quais criou um Homem, ou Grupo de Homens, eram "os Deuses aprisionados ou encarnados". Esses Deuses eram: o Deus Zi; o Deus Zi-Ku (Vida Nobre, Diretor da Pureza); o Deus Mir-Ku (Coroa Nobre), "Salvador da morte dos Deuses [mais tarde] aprisionados", e Criador das "raças escuras que a sua mão fez"; o Deus Libzu, "Sábio entre os Deuses"; o Deus Nissi; o Deus Suhhab; e Hea ou Sa, a síntese de todos, o Deus da Sabedoria e do Oceano, identificado com Oannes-Dagon na época da Queda e chamado coletivamente o Demiurgo ou Criador¹².

Há nos fragmentos babilônicos duas chamadas "Criações"; e, por ter o *Gênesis* aderido a esse princípio, vemos que os seus dois primeiros capítulos se diferenciam em Criação Eloísta e Criação Jeovista. A ordem correta não foi, porém, observada nesse como em todos os demais relatos exotéricos. Ora, as duas "Criações", segundo os Ensinamentos Ocultos, se referem respectivamente à formação dos sete Homens primordiais pelos Progenitores, os Pitris ou Elohim, e à dos Grupos humanos depois da Queda.

Tudo isso vai ser examinado mais adiante, à luz da Ciência e de comparações entre as Escrituras de todas as nações antigas, inclusive a *Bíblia*. Enquanto isso, e antes de tratar da Antropogênese das raças pré-históricas, conviria chegar-se a um acordo quanto aos nomes dos continentes em que nasceram, viveram e morreram as quatro grandes Raças que precederam a nossa Raça Adâmica. Seus nomes arcaicos e esotéricos eram numerosos e variavam segundo a língua falada pela nação que os mencionava em seus anais e escrituras. Por exemplo, a região que no *Vendidad* é designada pelo nome de Airyana Vaejo¹³, e onde nasceu o Zoroastro original¹⁴, chama-se na literatura purânica, Sveta Dvipa, Monte Meru, Mansão de Vishnu, etc., e, na Doutrina Secreta, simplesmente a "Terra dos Deuses", sob a direção dos "Espíritos deste Planeta".

Por isso, e para evitar uma possível e até provável confusão, cremos ser mais conveniente adotar, para cada um dos quatro continentes a que constantemente temos de aludir, um nome mais familiar ao leitor culto.

(12) *Chaldean Account of Genesis*, pág. 82.

(13) Veja-se *Bundabish*, 79, 12.

(14) Por "original" queremos significar o Amshaspend, chamado "Zarathushtra, o senhor e diretor do Vara feito por Yima naquela terra". Houve vários Zarathushtras ou Zertusts; só o *Dabistan* enumera treze; mas todos estes eram reencarnações do primeiro. O último Zoroastro foi o fundador do templo do Fogo de Azareksh, e o escritor das obras da religião primitiva dos Magos, destruídas por Alexandre.

I. A Ilha Sagrada e Imperecível

É o nome que propomos dar ao primeiro Continente, ou melhor, à primeira *terra firme* onde os Progenitores divinos fizeram evolucionar a Primeira Raça.

A razão desse nome é que, segundo se afirma, a "Terra Sagrada e Imperecível" nunca participou da sorte dos outros Continentes, por ser a única cujo destino é durar desde o começo até o fim do Manvantara, passando por todas as Rondas. É o berço do primeiro homem e a morada do último mortal *divino*, escolhido como um *Sishta* para semente da futura Humanidade. Muito pouco se pode dizer sobre essa ilha misteriosa e sagrada, exceto, talvez, na poética expressão de um dos Comentários, que "*a Estrela Polar mantém sobre ela o seu vigilante olhar, desde a aurora até o fim do crepúsculo de um Dia do Grande Sopro*"¹⁵.

II. O Continente Hiperbóreo.

Este será o nome escolhido para o segundo Continente, a terra que estendia os seus promontórios ao Sul e ao Leste do Pólo Norte, para receber a Segunda Raça, e que abrangia tudo o que hoje se conhece como Ásia do Norte. Foi o nome dado pelos gregos mais antigos à longínqua e misteriosa região, aonde, de acordo com a tradição, Apolo, o Hiperbóreo, ia viajar todos os anos. *Astronomicamente*, Apolo é, sem dúvida, o Sol, que, abandonando os seus santuários helênicos, se comprazia em visitar anualmente o seu longínquo país, onde se dizia que o Sol nunca se punha durante a metade do ano.

"Εγγυζ γὰρ νυκτός τε καὶ ηματός εἰσέλευθαι",

diz um verso da Odisséia¹⁶.

Historicamente, porém, ou melhor, etnológica e geologicamente, o significado é outro. A terra dos Hiperbóreos, o país que se estendia além de Bóreas, o Deus de coração gelado, o Deus das neves e das tempestades, que gostava de dormir pesadamente sobre a cordilheira dos Montes Rifeus, não era um país ideal, como supõem os mitólogos, nem um país vizinho da Cítia e do Danúbio¹⁷. Era um Continente real, uma terra *bona fide*, que não conhecia o inverno naqueles tempos primitivos, e cujos tristes restos não têm ainda hoje mais que um dia e uma noite durante o ano. As sombras da noite nunca desciam sobre ela, assim diziam os gregos, porque era a "Terra dos Deuses", a morada favorita de Apolo, o Deus da luz, de quem eram sacerdotes e servidores bem-amados os respectivos habitantes.

(15) Chamado na Índia o "Dia de Brahma".

(16) X, 86. "Tão próximos estão o cair da noite e o despertar do dia" — trad. de Butcher e Lang.

(17) V. Volcker, *Mythological Geography*, pág. 47.

Uma *ficção* poética, assim pode hoje considerar-se; mas naqueles tempos era uma verdade poetizada.

III. A Lemúria.

Propomos a denominação de Lemúria para o terceiro Continente. Tal nome é uma invenção ou uma idéa do Sr. P. L. Sclater, que, entre 1850 e 1860, confirmou, com apoio em provas geológicas, a existência real, em tempos pré-históricos, de um Continente que, conforme demonstrou, se estendia de Madagascar a Ceilão e Sumatra. Incluía algumas partes do que é hoje a África; com esta exceção, porém, o gigantesco Continente, que ia do Oceano Índico à Austrália, desapareceu por completo sob as águas do Pacífico, deixando ver, aqui e ali, somente alguns topos de seus montes mais elevados, que são ilhas atualmente. Segundo o Sr. Charles Gould, o naturalista Sr. A. R. Wallace

"amplia a Austrália dos períodos terciários à Nova Guiné e às ilhas Salomão, e talvez a Fidji, e de seus tipos marsupiais infere uma conexão com o continente do Norte durante a era secundária." ¹⁸

Essa questão será mais detidamente examinada em outra parte ¹⁹.

IV. Atlântida.

É o nome que damos ao quarto Continente. Seria a primeira terra histórica, se se prestasse mais atenção à tradição dos antigos. A famosa ilha assim chamada por Platão não passava de um fragmento desse grande Continente ²⁰.

V. Europa.

O quinto Continente era a América; mas, como está situada nos antípodas, os ocultistas indo-arianos mencionam geralmente a Europa e a Ásia

(18) *Mythical Monsters*, página 47.

(19) Convém, todavia, observar que o Sr. Wallace não aceita a idéa do Sr. Sclater, e até se opõe a ela. O Sr. Sclater supõe que uma terra ou continente unia outrora a África, Madagascar e a Índia, mas não a Austrália e a Índia; o Sr. A. R. Wallace demonstra, em sua *Geographical Distribution of Animals and Island Life*, que a hipótese de semelhante terra, com base em supostos fundamentos zoológicos, não tem razão de ser. Admite, porém, que devia existir uma proximidade muito maior entre a Índia e a Austrália, e em época tão remota que era "seguramente pré-terciária", e acrescenta, em uma carta particular, que "nenhum nome se deu a esta suposta terra". No entanto, ela existiu realmente e era, sem dúvida, "pré-terciária", pois a Lemúria, se adotado este nome para o terceiro Continente, pereceu antes do completo desenvolvimento da Atlântida, e a Atlântida submergiu, desaparecendo suas partes principais, antes de terminado o Período Mioceno.

(20) Veja-se *Esotheric Buddhism*, páginas 66-7, 8.ª edição inglesa, reimpressa em 1918.

Menor, quase contemporâneas daquela região, como sendo o quinto Continente. Se os seus ensinamentos referissem o aparecimento dos Continentes em sua ordem geográfica e zoológica, haveria que modificar esta classificação. Mas, tendo-se estabelecido a sucessão dos Continentes segundo a ordem de evolução das Raças, desde a Primeira até a Quinta, que é a nossa Raça-Raiz Ariana, deve-se chamar Europa ao Quinto Continente. A Doutrina Secreta não leva em conta ilhas e penínsulas, nem segue a distribuição geográfica moderna das terras e dos mares. Desde os tempos de seus primeiros ensinamentos e da destruição da Atlântida, a superfície da Terra mudou mais de uma vez. Houve uma época em que o delta do Egito e a África do Norte faziam parte da Europa, antes que a formação do Estreito de Gibraltar e o levantamento ulterior do Continente alterassem por completo o mapa da Europa. A última mudança notável ocorreu há uns 12.000 anos²¹, e foi seguida pela submersão da pequena ilha atlante à qual Platão deu o nome de Atlântida, que era o do Continente a que ela pertencia. A Geografia, na Antiguidade, era uma parte dos Mistérios. Diz o *Zohar*:

"Estes segredos [das terras e dos mares] foram comunicados aos *homens da ciência secreta*, mas não aos geógrafos."²²

A afirmação de que o homem físico era, originariamente, um colossal gigante pré-terciário, e de que já existia há 18.000.000 de anos, deve naturalmente parecer absurda aos admiradores e partidários da Ciência moderna. Todo o *posse comitatus* dos biólogos se distanciará da idéia dessa Terceira Raça de Titãs da Era Secundária, seres aptos para lutar com êxito contra os gigantescos monstros do ar, do mar e da terra. E os antecessores daqueles, os protótipos etéreos dos atlantes, pouco tinham que temer dos que não lhes podiam fazer dano.

Pode o antropólogo moderno rir à vontade do nosso Titã, como ri do Adão bíblico, e como também o teólogo ri do antepassado pitecóide do antropólogo. Estejam seguros os ocultistas e seus severos críticos de que ajustaram hoje suas recíprocas contas, nada ficando uns a dever aos outros. As Ciências Ocultas, em todo caso, pretendem menos e dão mais que a Antropologia Darwiniana ou a Teologia Bíblica.

A cronologia esotérica, por outra parte, não deve assustar ninguém, pois que, em matéria de cifras, as maiores autoridades do dia são tão volúveis e incertas quanto as ondas do Mediterrâneo. Só no que diz respeito à duração dos períodos geológicos, os sábios da Sociedade Real divagam

(21) Mais uma "coincidência": "Está hoje provado que em tempos geológicos ainda recentes esta região setentrional da África era efetivamente uma península da Espanha, e que sua união com a África "propriamente dita" se efetuou, ao norte, pela ruína de Gibraltar, e, ao sul, pela elevação que deu lugar ao Saara. As margens deste antigo mar do Saara são ainda indicadas pelas conchas dos mesmos Gastrópodes que vivem nas costas do Mediterrâneo." (Prof. Oscar Schmidt, *Doctrine of Descendent and Darwinism*, página 244.)

(22) III, fol. 10-a.

sem chegar a uma conclusão positiva, e saltam, com a maior facilidade, de um milhão a quinhentos milhões de anos, conforme mais de uma vez teremos ocasião de ver no decorrer desta comparação.

Tomemos, por enquanto, e à guisa de exemplo, os cálculos do Dr. James Croll, F. R. S. Esta autoridade, no dizer de um geólogo americano²³, estima em 2.500.000 anos o tempo decorrido desde o começo da Era Terciária ou do período Eoceno. Mas, segundo um geólogo inglês²⁴, o Dr. Croll "atribui uma duração de 15.000.000 de anos ao tempo que se passou desde o início do período Eoceno". Seja como for, ambas as cifras se harmonizam com os ensinamentos da Doutrina Secreta²⁵. Efetivamente, calculando esta em quatro a cinco milhões de anos o período entre o início e o final da evolução da Quarta Raça-Raiz nos Continentes Lémuro-Atlantes, em um milhão a idade da Quinta Raça ou Raça Ariana até os nossos dias, e em 850.000 anos o tempo desde a submersão da última extensa península da grande Atlântida, tudo isso pode perfeitamente ter ocorrido dentro dos 15 milhões de anos assinados pelo Dr. Croll à Era Terciária. Não obstante, do ponto de vista cronológico, a duração do período é de importância secundária; vemos, aliás, que alguns cientistas americanos a fazem recuar ainda mais. Estes senhores, pouco se preocupando em que sejam acóimadas de absurdas ou duvidosas as suas afirmações, continuam a sustentar que o homem já existia na Era Secundária. Encontraram pegadas humanas em rochas cuja formação data desse período. Além disso, o Sr. De Quatre-

(23) A. Winchell, Professor de Geologia, em *World-Life*, página 399.

(24) Charles Gould, antigo inspetor geólogo da Tasmânia, em *Mythical Monsters*, página 84.

(25) Sir Charles Lyell, de quem se diz que foi o "feliz inventor" dos termos Eoceno, Mioceno e Plioceno, para designarem as três divisões da Idade Terciária, devia realmente ter determinado uma duração aproximada para "os filhos de sua mente". Havendo, porém, deixado a duração desses períodos às especulações dos especialistas, o resultado daquela idéia feliz foi a maior confusão e perplexidade. Em verdade, parece impossível citar uma única série de cifras de qualquer obra sem correr o risco de vê-la desmentida pelo próprio autor em algum livro anterior ou posterior. Sir William Thomson, uma das mais eminentes autoridades modernas, mudou de opinião meia dúzia de vezes quanto à idade do Sol e à data da consolidação da crosta terrestre. Em *Natural Philosophy*, de Thomson e Tait, observamos que se atribuem apenas dez milhões de anos ao período transcorrido desde que a temperatura da Terra permitiu nela aparecer a vida vegetal (Ap. D e seg.; também *Trans. Royal Society, Edim.*, XXIII, Pt. I, 157, 1862, em que o 847 foi suprimido). O Sr. Darwin cita o cálculo de Sir William Thomson como variando entre "um mínimo de 98 e um máximo de 200 milhões de anos desde a consolidação da crosta" (veja-se Charles Gould, *op. cit.*, pág. 83). Na mesma obra (*Nat. Phil.*), calculam-se 80 milhões de anos desde o começo da formação da crosta até o estado atual do mundo; e em sua última conferência, conforme mencionamos em outra parte, Sir William Thomson declara (1887) que a idade do Sol não vai além de 15 milhões de anos! Por outro lado, o Dr. Croll, baseando seus argumentos quanto à idade do calor solar nas cifras estabelecidas anteriormente por Sir William Thomson, conta 60 milhões de anos a partir do início do período Cambriano. Como isto é consolador para os devotos do conhecimento *exato*! Assim, sejam quais forem as cifras alinhadas pela Ciência Oculta, não há dúvida que serão corroboradas pelas estimativas de alguns dos homens de ciência considerados como autoridades no mundo moderno.

fages não vê nenhuma razão científica valiosa que prove a impossibilidade de haver o homem existido durante a Era Secundária.

As Idades e os períodos geológicos não constituem, a bem dizer, senão termos puramente convencionais, pois que se acham apenas delineados, não havendo dois geólogos ou dois naturalistas que estejam de perfeito acordo quanto às cifras. Nestas condições, a sábia fraternidade deixa uma larga margem à opção dos ocultistas. Optaremos pelo Sr. T. Millard Reade em apoio de nossas opiniões? Este senhor, em uma exposição sobre "A Pedra Calcária como Índice do Tempo Geológico", que leu em 1878 perante a Sociedade Real, pretende que o *minimum* necessário à formação das camadas sedimentares e à eliminação da matéria calcária é, em números redondos, de 600 milhões de anos ²⁶. Ou deveremos pedir ajuda, para nossa cronologia, às obras de Darwin, cuja teoria requer de 300 a 500 milhões de anos para as transformações orgânicas? Sir Charles Lyell e o Professor Houghtan contentava-se com situar o começo da Era Cambriana, respectivamente, em 200 e 240 milhões de anos antes de nossa época. Os geólogos e os zoólogos reclamam o máximo de tempo; e o Sr. Huxley situou, certa vez, o princípio da formação da crosta terrestre há 1.000.000.000 de anos, sem querer descontar um só milhar.

Mas, para nós, o ponto capital não está no acordo ou desacordo dos naturalistas a respeito da duração dos períodos geológicos, mas na circunstância, realmente extraordinária, de se acharem eles de perfeito acordo em um ponto de máxima importância. Convêm todos em que durante o período Mioceno — fosse há um milhão ou há dez milhões de anos — a Groenlândia e também o Spitzberg, ou seja, o que resta do nosso segundo Continente, o Hiperbóreo, "gozavam de um clima quase tropical". Ora, os gregos pré-homéricos haviam conservado bem viva a tradição daquela "Terra do Sol Eterno", para onde o seu Apolo viajava todos os anos. A Ciência nos diz que:

"... durante o período Mioceno, a Groenlândia (a 70° de lat. N.) estava coberta por grande quantidade de árvores; tais como o teixo, a árvore vermelha, uma sequóia semelhante às espécies da Califórnia, a faia, o plátano, o salgueiro, o carvalho, o álamo e a nogueira, assim como uma espécie de magnólia e de zamia." ²⁷

Em uma palavra: a Groenlândia continha plantas do Sul, desconhecidas nas regiões do Norte.

Surge agora uma questão bem natural. Se os gregos dos tempos de Homero conheciam uma terra Hiperbórea, isto é, uma terra bendita, além do alcance de Bóreas, o Deus do inverno e da tempestade; região ideal que os gregos das gerações seguintes e os seus escritores em vão tentaram localizar além da Cítia; país em que as noites eram curtas, e longos os dias, e além do qual se encontrava uma terra onde o Sol nunca se punha e onde as palmeiras cresciam livremente; se eles conheciam tudo isso, quem lhes

(26) Veja-se *Proceedings*, Royal Society, Londres, XXVIII, 281.

(27) Gould, *Mythical Monsters*, página 91.

deu a informação? Em sua época e desde muitos séculos antes, a Groenlândia já devia certamente estar coberta de neves e de gelos eternos, como hoje. Tudo tende a demonstrar que o país das noites curtas e dias longos era a Noruega ou Escandinávia, além do qual ficava a terra bendita da luz e do verão eternos. Para que os gregos o soubessem, necessário fora que a tradição chegasse até eles vinda de um povo mais antigo, que conhecesse aquelas particularidades do clima, sobre as quais os gregos por si mesmos nada podiam saber. Ainda em nossos dias, a Ciência suspeita de que, para lá dos mares polares, no próprio círculo do Pólo Ártico, existe um mar que não congela nunca e um continente sempre verdejante. Os ensinamentos Arcaicos, e também os *Purânas* — para quem saiba ler suas alegorias —, encerram idênticas afirmações. É o que basta para nos fazer acreditar como bem provável que, durante o período Mioceno da Ciência Moderna, em época na qual a Groenlândia era quase uma região tropical, existiu ali um povo hoje desconhecido da História.

NOTA — Pedimos ao leitor que tenha bem presente que as Seções deste livro não seguirão estritamente a ordem cronológica. Na Parte I (Antropogênese) as Estâncias formam a base da exposição, sendo acompanhadas de comentários explicativos de certos pontos importantes. Nas Seções das Partes II e III (volume IV) serão reunidos vários informes adicionais, para uma explicação mais completa do assunto.

PARTE I
ANTROPOGÊNESE

DOZE ESTÂNCIAS DO LIVRO
SECRETO DE DZYAN

COM COMENTÁRIOS

Em primitivos tempos uma virgem,
Que era do Eter a formosa filha,
Durante muitos séculos viveu
Na imensurável extensão do Céu.

.....
Viveu errante setecentos anos,
.....

E setecentos anos trabalhou
Antes de dar à luz seu primogênito.
.....

Antes que descesse um formoso cisne
Até à materna água apressado,
.....

Nos joelhos de leve se apoiou:
Um ninho apropriado encontrou
Onde em segurança os seus ovos pôr.
.....

Nele põe os seus ovos livremente.
Seis ovos de ouro ela pôe ali,
Depois um sétimo, um ovo de ferro.

Kalevala (CRAWFORD)

ANTROPOGÊNESE

DAS

ESTÂNCIAS DO LIVRO DE DZYAN¹

ESTÂNCIA I

1. O Lha que dirige o Quarto é Servidor dos Lha(s) dos Sete, os que giram conduzindo suas Carruagens ao redor do seu Senhor, o Olho Único [do nosso Mundo]. Seu Sopro deu Vida aos Sete. Deu Vida ao Primeiro.

2. Disse a Terra: "Senhor da Face Resplandecente; *minha Casa está vazia...* Envia os teus Filhos para povoarem esta Roda. Enviaste os teus Sete Filhos ao Senhor da Sabedoria. Sete vezes ele te vê mais perto de si, sete vezes mais ele te sente. Proibiste aos teus Servidores, os pequenos Anéis, que recolham a tua Luz e o teu Calor e interceptem a tua grande Munificência em sua passagem. Envia-os agora à tua Serva."

3. Disse o Senhor da Face Resplandecente: "Eu te enviarei um Fogo quando o teu trabalho estiver começado. Eleva a tua voz a outros Lokas; assiste o teu Pai, o Senhor do Lótus, na procura de seus filhos... Tua Gente estará sob o comando dos Pais. Teus Homens serão mortais. Os Homens do Senhor da Sabedoria, não os Filhos do Soma, são imortais. Cessa as tuas queixas. Tuas Sete Peles ainda estão sobre Ti... Tu não estás preparada. Teus Homens não estão preparados."

4. Depois de grandes sofrimentos, libertou-se ela de suas Três Peles velhas, vestiu as Sete Peles novas, e permaneceu com a primeira.

ESTÂNCIA II

5. A Roda girou por trinta crores² mais. Construiu Rûpas; Pedras moles, que endureceram; Pedras duras, que amoleceram. O visível do

(1) Damos aqui somente quarenta e nove Stokas dentre várias centenas, e nem todos os versículos foram traduzidos literalmente, usando-se por vezes uma perífrase para maior clareza e inteligência, ali onde uma interpretação à letra seria de todo incompreensível.

(2) Termo que se usa em Bengala para significar *dez milhões*.

invisível, os Insetos e as pequenas Vidas. Ela os sacudia de seu dorso, quando invadiam a Mãe... Depois de trinta crores, ela se voltou por completo. Repousava sobre seu dorso, sobre suas costas... Não queria chamar os Filhos do Céu, não queria recorrer aos Filhos da Sabedoria. Ela criou de seu próprio Seio. Produziu Homens Aquáticos, terríveis e malvados.

6. Os Homens Aquáticos, terríveis e malvados, ela mesma os criou com os restos dos outros. Formou-os com a escória e o limo de sua Primeira, Segunda e Terceira. Os Dhyânis vieram e olharam... os Dhyânis procedentes do resplandecente Pai-Mãe, vieram das Brancas Regiões, das Mansões dos Mortais Imortais.

7. Eles ficaram descontentes. "Nossa Carne não está aí. Não há Rûpas convenientes aos nossos Irmãos da Quinta. Não há Moradas para as Vidas. Águas puras, e não turvas, devem eles beber. Sequemo-las."

8. As Chamas vieram. Os Fogos com as Centelhas; os Fogos da Noite e os Fogos do Dia. Eles secaram as Águas turvas e escuras. Com o seu calor eles as esgotaram. Os Lhas do Alto e os Lhamayin do Abaixo vieram. Destruíram as Formas de duas e de quatro faces. Lutaram com os Homens-Cabras, os Homens de Cabeça de Cão e os Homens com Corpo de Peixe.

9. A Água-Mãe, o Grande Mar, chorou. Ela se levantou, desapareceu na Lua, que a tinha criado, que a fizera nascer.

10. Quando eles foram destruídos, a Terra ficou vazia. Pediu que a secassem.

ESTÂNCIA III

11. O Senhor dos Senhores veio. Do corpo dela separou as Águas, e aquilo foi o Céu em cima; o Primeiro Céu.

12. Os Grandes Chohans chamaram os Senhores da Lua de Corpos Aéreos: "Produzi Homens, Homens com a vossa Natureza. Dai-lhes as Formas internas. Ela construirá as Vestimentas externas. Eles serão Machos-Fêmeas. Senhores da Chama também..."

13. Cada um deles seguiu para o Território que lhe foi destinado; eram Sete, cada qual em seu Lote. Os Senhores da Chama ficaram atrás. Não queriam ir, não queriam criar.

ESTÂNCIA IV

14. As Sete Legiões, os Senhores "Nascidos da Vontade", impulsioneados pelo Espírito Dispensador da Vida, separaram os Homens de si mesmos, cada qual em sua própria Zona.

15. Sete vezes sete Sombras de Homens Futuros nasceram. Cada um com sua própria Cor e Espécie. Cada um inferior a seu Pai. Os Pais, os Sem-Ossos, não podiam dar a Vida a Seres com Ossos. Sua progênie foi Bhuta, sem Forma nem Mente. Por isso foi chamada a Raça Chhâya.

16. Como nasceram os Manushya? Como se formaram os Manus com Mente? Os Pais chamaram em sua ajuda o seu próprio Fogo, que é o Fogo que arde na Terra. O Espírito da Terra chamou em sua ajuda o Fogo Solar. Esses Três, com seus esforços conjugados, produziram um bom Rûpa. Podia estar de pé, andar, correr, curvar-se ou voar. Contudo, não passava ainda de um Chhâya, uma Sombra sem Entendimento.

17. O Sopro necessitava de uma Forma. Deram-lha os Pais. O Sopro necessitava de um Corpo Denso; a Terra o modelou. O Sopro necessitava do Espírito de Vida; os Lhas Solares o insuflaram em sua Forma. O Sopro necessitava de um Espelho do seu Corpo; "Nós lhe damos o nosso!", disseram os Dhyânis. O Sopro necessitava de um Veículo de Desejos; "Aqui o tem!", disseram os Drenadores das Águas. Mas o Sopro necessitava de uma Mente para abranger o Universo: "Isso não podemos dar!", disseram os Pais. "Nunca a tive!" disse o Espírito da Terra. "A Forma seria consumida, se eu lhe desse a minha!", disse o Grande Fogo... O Homem permaneceu um Bhuta, vazio e sem entendimento... Assim deram a Vida os Sem-Ossos aos que vieram a ser os Homens com Ossos na Terceira.

ESTÂNCIA V

18. Os Primeiros foram os Filhos do Ioga. Seus filhos, os filhos do Pai Amarelo e da Mãe Branca.

19. A Segunda Raça foi produzida por brotamento e expansão, a Assexual procedente da Sem-Sexo³. Assim, ó Lanu! teve origem a Segunda Raça.

20. Seus Pais foram os Nascidos por Si Mesmos... Os Nascidos por Si Mesmos, os Chhâyas procedentes dos brilhantes Corpos dos Senhores, os Pais, os Filhos do Crepúsculo.

21. Quando a Raça envelheceu, as Águas antigas se misturaram com as Águas mais recentes. Quando suas Gotas ficaram turvas, elas se desvaneceram e sumiram na Corrente nova, a Corrente cálida da Vida. O Exterior da Primeira se converteu no Interior da Segunda. A velha Asa passou a ser a Sombra nova e a Sombra da Asa.

ESTÂNCIA VI

22. A Segunda desenvolveu depois os Nascidos do Ovo, a Terceira. O Suor aumentou, suas Gotas cresceram, e as Gotas se tornaram duras e redondas. O Sol os aqueceu; a Lua os esfriou, e os modelou; o Sopro os alimentou até a sua maturidade. Da Abóbada Estrelada o Cisne Branco fecundou a Grande Gota. O Ovo da Futura Raça, o Homem-Cisne da Terceira ulterior. Primeiramente, Macho-Fêmea; depois, Homem e Mulher.

(3) O que se expõe aqui é a idéia e o espírito da frase, pois a tradução literal seria pouco compreensível para o leitor.

23. Os Nascidos-de-Si-Mesmos foram os Chhâyas, as Sombras dos Corpos dos Filhos do Crepúsculo. Nem a água, nem o fogo podiam destruí-los. [Seus filhos foram destruídos.]

ESTÂNCIA VII

24. Os Filhos da Sabedoria, os Filhos da Noite, prontos para renascer, desceram. Viram as formas vis da Primeira Terceira. "Podemos escolher", disseram os Senhores, "nós temos a sabedoria." Alguns entraram nos Chhâyas. Outros projetaram a Centelha. Outros ainda demoraram até a Quarta. Com seu próprio Rûpa encheram o Kama. Os que entraram vieram a ser Arhats. Os que só receberam uma Centelha permaneceram desprovidos de entendimento; a Centelha brilhava debilmente. Um Terço continuava sem mente. Seus Jivas não estavam preparados. Estes foram deixados à parte entre os Sete. Tornaram-se os Cabeças Estreitas. Um Terço estava preparado. "Nestes habitaremos", disseram os Senhores da Chama [e da Sabedoria Secreta].

25. Como procederam os Manasas, os Filhos da Sabedoria? Rechacaram os Nascidos-de-Si-Mesmos. Não estavam preparados. Desdenharam os Nascidos-do-Suor. Não estavam inteiramente preparados. Não quiseram entrar nos primeiros Nascidos-do-Ovo.

26. Quando os Nascidos-do-Suor produziram os Nascidos-do-Ovo, os duplos, os fortes, os poderosos dotados de ossos, os Senhores da Sabedoria disseram: "Agora criaremos."

27. A Terceira Raça veio a ser o Vahan dos Filhos da Sabedoria. Criou "Filhos da Vontade e do Yoga". Criou-os por Kriyâshakti, os Santos-Pais, Antepassados dos Arhats.

ESTÂNCIA VIII

28. Das gotas de suor, do resíduo da substância, material proveniente dos corpos mortos dos homens e dos animais da Roda anterior, e do pó rejeitado, foram produzidos os primeiros animais.

29. Animais com ossos, dragões do oceano e Sarpas voadoras vieram acrescentar-se aos seres que rastejam. Os que se arrastam pelo solo ganharam asas. Os aquáticos de pescoço longo tornaram-se em antepassados das aves do ar.

30. Durante a Terceira, os animais sem ossos cresceram e se transformaram: converteram-se em animais com ossos, os seus Chhâyas se solidificaram.

31. Os animais foram os primeiros a separar-se. Começaram a procriar. O homem duplo também se separou. Disse: "Façamos como eles: unamo-nos e procriemos." Assim o fizeram.

32. E os que careciam de Centelha tomaram para si enormes animais fêmeas. Com elas procriaram raças mudas. Eles próprios eram mudos. Mas as suas línguas se desataram. As línguas de sua progênie permaneceram mudas. Eles geraram monstros. Uma raça de monstros encurvados e cobertos de pelo vermelho, que andavam de quatro patas. Uma raça muda para silenciar a sua vergonha.

ESTÂNCIA IX

33. Vendo isso, os Lhas que não haviam construído homens choraram, dizendo:

34. "Os Amanâsas macularam nossas futuras casas. Isto é Carma. Habitemos as outras. Instruamo-os melhor para evitar que algo de pior aconteça." E assim fizeram...

35. Então os homens todos foram dotados de Manas. Viram o pecado daqueles que não tinham mente.

36. A Quarta Raça desenvolveu a linguagem.

37. O Um se converteu em Dois; assim também todos os seres vivos e rastejantes que ainda eram unos, os peixes gigantes, as aves e as serpentes de cabeça de escamas.

ESTÂNCIA X

38. Assim, de dois a dois, nas Sete Zonas, a Terceira Raça deu nascimento à Quarta; os Suras passaram a A-suras.

39. A Primeira, em todas as Zonas, era da cor da lua; a Segunda amarela como o ouro; a Terceira, vermelha; a Quarta, de cor morena, tornando-se negra pelo pecado. Os sete primeiros ramos humanos eram todos da mesma cor. Os sete seguintes começaram a mesclar-se.

40. Então a Terceira e a Quarta cresceram em orgulho. "Somos os reis; somos os deuses."

41. Tomaram esposas de aparência formosa. Esposas escolhidas, entre os sem mente, os de cabeça estreita. Procriaram monstros, demônios perversos, machos e fêmeas, e também Khados (dâkinî), de mente limitada.

42. Edificaram templos para o corpo humano. Adoraram o varão e a fêmea. Então o Terceiro Olho cessou de funcionar.

ESTÂNCIA XI

43. Eles construíram cidades colossais. Com terras e metais raros eles construíam. Com os fogos expelidos, com a pedra branca das motanhas e a pedra negra, talhavam suas próprias imagens em tamanho natural e à sua semelhança, e as adoravam.

44. Ergueram grandes imagens de nove yatis de altura: o tamanho de seus corpos. Fogos internos haviam destruído a terra de seus País. A Água ameaçava a Quarta.

45. As primeiras Grandes Águas vieram. Elas submergiram as Sete Grandes Ilhas.

46. Salvos todos os Justos; destruídos os Ímpios. Com estes pereceu a maior parte dos enormes animais produzidos pelo suor da terra.

ESTÂNCIA XII

47. Poucos ficaram. Alguns amarelos, alguns morenos e negros e alguns vermelhos ficaram. Os que tinham a cor da lua haviam desaparecido para sempre.

48. A Quinta procedente do trono santo ficou; ela foi governada pelos primeiros Reis Divinos.

49 ... [As Serpentes] que voltaram a descer, que fizeram a paz com a Quinta, que a ensinaram e instruíram...

COMENTARIOS

AOS TEXTOS E EXPRESSÕES DAS
DOZE ESTÂNCIAS

(Segundo a numeração das
Estâncias e dos Slokas)

ESTÂNCIA I

PRINCÍPIOS DA VIDA SENCIENTE

1. O Lha, ou Espírito da Terra. 2. Invocação da Terra ao Sol. 3. O que o Sol responde. 4. Transformação da Terra.

1. O Lha (a) que dirige o Quarto¹ é o Servidor dos Lha(s) dos Sete² (b), os que giram conduzindo suas Carruagens ao redor do seu Senhor, o Olho Único³ [do nosso Mundo]. Seu Soporo deu Vida aos Sete⁴. Deu Vida ao Primeiro (c).

"Todos são Dragões de Sabedoria" — acrescenta o Comentário.

(a) "Lha" é um termo antigo usado nas regiões trans-himalaicas para designar um "Espírito", qualquer Ser celestial ou *super-humano*, e abrange toda a série de hierarquias celestes, desde um Arcanjo ou Dhyâni até um Anjo das Trevas ou Espírito terrestre.

(b) Esta expressão indica, em linguagem corrente, que o Espírito Guardião do nosso Globo, que é o quarto da Cadeia, está subordinado ao Espírito principal (ou Deus) que comanda os Sete Gênios ou Espíritos Planetários. Conforme já foi explicado, os antigos, em seu Kyriel de Deuses, tinham Sete Deuses principais do Mistério, cujo chefe era, *exotericamente*, o Sol visível, ou o oitavo, e, *esotericamente*, o Segundo Logos, o Demiurgo. Os Sete — que na religião cristã passaram a ser os "Sete Olhos do Senhor"

(1) O Quarto Globo, nossa Terra. Todas as interpretações sobre a tradução do texto das Estâncias e dos Comentários são da autora. Em alguns casos estarão incompletas e até não serão pertinentes do ponto de vista hindu; mas são corretas no sentido que lhes dá o Esoterismo trans-himalaico. Em todos os casos a autora assume a responsabilidade. Como nunca teve pretensões a infalível, o que ela expõe com sua própria autoridade talvez deixe muito a desejar, particularmente naqueles casos sobremodo abstrusos que envolvem metafísica profunda. O ensinamento é apresentado tal como se entende; e, como há sete chaves de interpretação para cada símbolo ou alegoria, o significado que pode não satisfazer, por exemplo, o aspecto psicológico ou astronômico, estará, não obstante, inteiramente correto do ponto de vista físico ou metafísico.

(2) Os Espíritos Planetários.

(3) Loka Chakshus.

(4) Os Planetas.

— eram os Regentes dos sete planetas *principais*; estes, porém, não eram contados de acordo com a enumeração imaginada mais tarde pelos que haviam esquecido os verdadeiros *Mistérios* ou deles tinham uma noção imperfeita, e que não incluíam nem o Sol, nem a Lua, nem a Terra. O Sol era, exotericamente, o chefe dos doze Grandes Deuses ou Constelações Zodiacais; e, esotericamente, o Messias, o Christos — o Ser “ungido” pelo Grande Sopro, ou o Uno — rodeado pelos doze Poderes que lhe são subordinados, estes também subordinados, respectivamente, a cada um dos sete “Deuses do Mistério” dos planetas.

“Os Sete Superiores fazem os Sete Lhas criarem o mundo” — reza um Comentário. Quer dizer que a nossa Terra — por não falar do resto — foi *criada* ou formada por Espíritos Terrestres, sendo os “Regentes” tão-só os supervisores. Eis o primeiro germe do que veio a ser depois a Árvore da Astrologia e da Astrolatria. Os Superiores eram os *Cosmocratas*, os construtores do Sistema Solar. Isso está evidenciado em todas as Cosmogonias antigas, como a de Hermes, a dos caldeus, a dos ários, a egípcia e até a dos judeus. Os Signos do Zodíaco — os *Animais Sagrados* ou o “Cinturão do Céu” — são, ao mesmo tempo, o B’ne Alhim — Filhos dos Deuses ou dos Elohim — e os Espíritos da Terra, mas anteriores a estes. Soma e Sin, Ísis e Diana, são todos Deuses, ou deusas lunares, chamados Pais e Mães de nossa Terra, que lhes é subordinada. Mas estes, por sua vez, estão subordinados aos seus “Pais” e “Mães” — sendo que estes últimos são intercambiáveis, variando de nação em nação —, os Deuses e seus Planetas, tais como Júpiter, Saturno, Bel, Briaspati, etc.

(c) “Seu Sopro deu Vida aos Sete.” A frase refere-se tanto ao Sol, que dá vida aos Planetas, como ao “Superior”, o Sol *Espiritual*, que dá vida a todo o Cosmos. As chaves astronômica e astrológica, que abrem a porta de comunicação com os mistérios da Teogonia, só podem ser encontradas nos glossários ulteriores que acompanham as Estâncias.

Nos Slokas apocalípticos dos Anais Arcaicos, a linguagem, com ser menos mística, é tão simbólica quanto a dos *Purânas*. Sem a ajuda dos Comentários posteriores, compilados por gerações de Adeptos, seria impossível compreender o sentido correto. Nas antigas Cosmogonias, o mundo visível e o mundo invisível são os dois elos de uma mesma cadeia. Assim como o invisível Logos constitui, com suas Sete Hierarquias — cada uma das quais representada por seu Anjo principal ou Reitor —, um PODER interno e oculto, assim também, no mundo das formas, o Sol e os sete Planetas principais formam a potência ativa e visível, sendo a última “Hierarquia”, por assim dizer, o Logos visível e objetivo dos Anjos Invisíveis, sempre subjetivos, exceto nos graus inferiores.

Assim — antecipando um pouco para maior clareza —, diz-se que cada Raça em evolução nasce sob a direta influência de um dos Planetas; a Primeira Raça recebeu seu sopro de vida do Sol, como veremos mais adiante: enquanto que a Terceira Humanidade — composta daqueles que caíram na geração, ou que de andróginos se converteram em entidades separadas, ma-

chos e fêmeas — se diz que estava sob a influência de Vênus, “o ‘pequeno sol’, no qual o orbe solar armazena sua luz”.

A Suma das Estâncias do volume I nos mostra a gênese⁵ dos Deuses e dos homens, com origem em um só e mesmo Ponto, que é a UNIDADE Absoluta, Eterna, Imutável e Universal. Em seu aspecto primário manifestado, vimos-la tornar-se: 1.º na esfera da objetividade e do físico, a SUBSTÂNCIA PRIMORDIAL e a FORÇA, centrípeta e centrífuga, positiva e negativa, macho e fêmea, etc.; 2.º no mundo metafísico, o ESPÍRITO DO UNIVERSO ou Ideação Cósmica, que alguns chamam LOGOS.

Este Logos é o ápice do Triângulo Pitagórico. Quando o Triângulo está completo, converte-se no Tetraktys, ou o Triângulo no Quadrado, e é o duplo símbolo do Tetragrammaton de quatro letras, no Cosmos manifestado, e de seu triplice Raio fundamental, no não-manifestado — o seu Númeno.

Em termos mais metafísicos, a classificação que ora damos das Causas Finais Cósmicas é mais de conveniência que de absoluta exatidão filosófica. No começo de um grande Manvantara, Parabrahman se manifesta primeiro como Mûlaprakriti, e depois como o Logos. Equivale este Logos à “Mente Inconsciente Universal”, etc., dos panteístas ocidentais. Constitui a base do aspecto-sujeito do Ser manifestado, e é a fonte de todas as manifestações da consciência individual. Mûlaprakriti, ou a Substância Cósmica Primordial, é a base do aspecto-objeto das coisas — a base de toda a evolução e cosmogênese objetivas. A Força não surge, portanto, com a Substância Primordial da latência Parabrahmânica. Ela é a *transformação em energia do pensamento supraconsciente do Logos*, energia infundida, por assim dizer, na objetividade deste último, saído da latência potencial da Realidade Única. Daí resultam as leis maravilhosas da Matéria; daí a “marca primordial” tão inutilmente discutida pelo Bispo Temple. A Força *não é, pois, síncrona com a primeira objetivação de Mûlaprakriti*. Não obstante, como esta última, sem aquela, é absoluta e necessariamente inerte — *mera abstração* — é inútil construir um tecido de sutilezas quanto à ordem de sucessão das Causas Finais Cósmicas. A Força *sucede* a Mûlaprakriti; mas, sem a Força, Mûlaprakriti é inexistente para todos os propósitos e objetivos práticos⁶.

O Homem Celeste ou Tetragrammaton, que é o Protógono, Tikkoun, o Primogênito da Divindade passiva e a primeira manifestação da Sombra desta Divindade, é a Forma e a Idéia Universal que engendram o Logos Manifestado, Adão Kadmon, ou o símbolo de quatro letras, na *Cabala*, do próprio Universo, também chamado o Segundo Logos. O Segundo surge do

(5) Segundo a sábia definição do Dr. A. Wilder, Gênese, γένεσις, não é “geração”, mas “o aparecimento do eterno no Cosmos e no Tempo”, ou seja, “o passar do *esse* ao *existere*”, ou da Asseidade ao “Ser” — como diria um teósofo.

(6) Para uma explicação mais clara das origens, tais como referidas no *Bhagavad Gîtâ*, consultem-se as Notas sobre o esoterismo desta obra, publicadas em *The Theosophist* de fevereiro, março e junho de 1887, Madrasta.

primeiro e desenvolve o Terceiro Triângulo⁷; e deste último (a Legião inferior dos Anjos) são gerados os HOMENS. É desse terceiro aspecto que vamos tratar agora.

Deve o leitor ter presente que há uma grande diferença entre o Logos e o Demiurgo, pois um é *Espírito* e o outro é *Alma*; ou, como diz o Dr. Wilder:

“ $\Delta\tau\alpha\nu\omicron\iota\alpha$ e $\Delta\sigma\gamma\omicron\zeta$ são sinônimos, ao passo que Νοῦς é superior e está em estreita afinidade com Τὸ Ἀγαθόν ; um é a concepção superior e o outro a compreensão — um é noético, o outro é frênico.”⁸

Por outra parte, o Homem era considerado em vários sistemas como o Terceiro Logos. O significado esotérico do termo Logos — Linguagem ou Palavra, *Verbo* — é a conversão do pensamento oculto em expressão objetiva, como sucede com a imagem na fotografia. O Logos é o espelho que reflete a MENTE DIVINA, e o Universo é o espelho do Logos, embora este último seja o *esse* do Universo. Assim como o Logos reflete *tudo* no Universo do Pleroma, assim também reflete o Homem, em si mesmo, tudo o que vê e encontra em seu Universo, a Terra. Representa as Três Cabeças da Cabala: “*unum intra alterum, et alterum super alterum*”⁹, “Cada Universo (Mundo ou Planeta) tem o seu próprio Logos” — diz a Doutrina. O Sol sempre foi chamado o “Olho de Osíris” pelos egípcios, e ele mesmo era o Primogênito, ou a Luz manifestada ao mundo, “a qual é a Mente e a Inteligência divina do Oculto”. Só através do Raio sétuplo dessa Luz é o que podemos chegar a conhecer o Logos por intermédio do Demiurgo, considerando este último como o “Criador” do nosso Planeta e de tudo o que a ele pertence, e o primeiro como a Força diretora desse “Criador” — bom e mau ao mesmo tempo, origem do bem e origem do mal. “Criador” que não é bom nem mau *per se*, mas cujos aspectos diferenciados na Natureza o fazem assumir um ou outro caráter.

Com os Universos invisíveis e desconhecidos, disseminados pelo espaço, nada tem que ver nenhum dos Deuses Solares. A idéia está muito claramente expressa nos Livros de Hermes e em todas as tradições antigas. É geralmente simbolizada pelo Dragão e pela Serpente: o Dragão do Bem e a Serpente do Mal, representados na Terra pela Magia da Mão Direita e pela Magia da Mão Esquerda. No poema épico da Finlândia, o *Kalevala*¹⁰, está exposta a origem da Serpente do Mal: ela nasceu da saliva de Suyoatar, e foi dotada de uma Alma Vivente pelo Princípio do Mal, Hisi. Descreve-se uma luta entre os dois: a “coisa má”, a Serpente ou o Bruxo, e Ahti, o Dragão ou o Mago branco, Lemminkäinen. O último é um dos sete filhos de Ilmatar, a virgem “filha do ar”, aquela “que caiu do céu sobre o mar”,

(7) Veja-se a Árvore Sephirothal.

(8) Noético, do *Nous* grego; frênico, do *Phren* grego — ou *Manas* e *Buddhi*, respectivamente.

(9) *Zohar, Idra Suta*, Seção VII.

(10) J. B. Alden, Nova Iorque, 1888; II, 432-434.

antes da Criação; isto é, o Espírito transformado na matéria da vida sentiente. Há todo um mundo de significado e de pensamento oculto nas poucas linhas que se seguem, admiravelmente traduzidas pelo Dr. J. M. Crawford. O herói Lemminkainen

Com mágico poder o muro rompe,
Em pedaços a paliçada faz,
Sete piquetes a átomos reduz.
O muro-serpente em fragmentos corta.

.....

E quando o horrendo monstro, desatento,

.....

Investe, com a boca venenosa,
De encontro à cabeça de Lemminkainen,
O herói, com presteza se esquivando,
Do saber as palavras pronuncia,
Que de remotas eras lhe vieram
E de seus avoengos aprendera...

(b) Na China, os homens de Fohi, ou "Homem Celeste", são chamados os doze Tien-Hoang, as doze Hierarquias de Dhyânis ou de Anjos, de rostos humanos e corpos de dragões; representando o Dragão a Sabedoria Divina ou o Espírito¹¹; e eles criaram os homens encarnando-se em sete imagens de argila — terra e água — modeladas à semelhança destes Tien-Hoang: uma terceira alegoria¹². O mesmo fazem os doze Æsers dos Escandinavos. No Catecismo Secreto dos drusos da Síria — lenda que é

(11) São freqüentes os assertos de que a Serpente é o símbolo da Sabedoria e do Conhecimento Oculto. "A serpente foi associada ao deus da sabedoria desde os tempos mais remotos que a história conhece" — escreve C. Staniland Wake. "Este animal era o símbolo particular de Thoth ou Taut... e de todos os deuses, tais como Hermes (?) e Seth, que podem ser com ele relacionados. Isso é igualmente verdade quanto ao terceiro membro da tríade caldeia primitiva, Hea ou Hoa." Segundo Sir Henry Rawlinson, "os mais importantes títulos desta divindade se referem a suas funções como fonte de todo conhecimento e ciência". Não só é o "peixe inteligente", como o seu nome pode ainda significar ao mesmo tempo "vida" e "serpente" (um Adepto iniciado); sendo também representada "pela grande serpente que ocupa um lugar tão notório entre os símbolos dos deuses nas pedras negras que registram os benefícios de Babilônia" (*The Great Pyramid*, pág. 75). Esculápio, Serapis, Plutão, Esmun e Knepp são todos deuses com os atributos da Serpente, diz Dupuis. Todos eles curam, administram a saúde espiritual e física, e a iluminação. A coroa formada por um áspide, a *Thermuthis*, pertence a Isis, Deusa da Vida e da Cura. Os *Upanishads* contêm um tratado sobre a *Ciência das Serpentes*, ou — o que é a mesma coisa, a *Ciência do Conhecimento Oculto*; e os Nagas dos budistas exotéricos não são "as criaturas fabulosas com a natureza de serpente... superiores ao homem e consideradas protetoras da lei de Buddha", como pensa Schlangintweit, mas homens realmente vivos, alguns superiores ao homem em virtude do Conhecimento Oculto que possuem, e protetores da lei de Buddha porque lhe interpretam corretamente as doutrinas, e outros moralmente inferiores por serem "magos negros". Eis por que se diz, com razão, que Gautama Buddha "lhes ensinou um sistema religioso mais filosófico que os ensinados aos homens que não estavam suficientemente adiantados para compreendê-lo, na época de seu aparecimento" (*Ibid.*, página 72).

(12) Comparar com os *Símbolos dos Bonzos*.

repetida palavra por palavra pelas tribos mais antigas das cercanias do Eufrates — os homens foram criados pelos “Filhos de Deus”, que desceram à Terra e, depois de reunir sete Mandrágoras, animaram as raízes desta planta, que imediatamente se converteram em homens¹³.

Todas as alegorias deixam perceber uma só e mesma origem: a natureza dupla e tríplice do homem; dupla como macho e fêmea, e tríplice por ter uma essência espiritual e psíquica *interior* e um tecido material exterior.

2. Disse a Terra: “Senhor da Face Resplandecente¹⁴, minha Casa está vazia... Envia os teus Filhos para povoarem esta Roda¹⁵. Enviaste os teus Filhos ao Senhor da Sabedoria (a). Sete vezes ele te vê mais perto de si, sete vezes mais ele te sente (b). Proibiste aos teus servidores, os pequenos Anéis, que recolham a tua Luz e o teu Calor e interceptem a tua grande Munificência em sua passagem. Envia-os agora à tua Serva.”

(a) O “Senhor da Sabedoria” é Mercúrio, ou Budha.

(b) O Comentário moderno explica estas palavras como uma alusão ao fato astronômico de que Mercúrio, como todos sabem, recebe do Sol sete vezes mais luz e calor do que a Terra, e até mais do que a formosa Vênus, a qual só recebe o dobro da quantidade incidente sobre o nosso insignificante Globo. Se o fato era ou não conhecido na antiguidade, pode-se inferir da oração dirigida ao Sol pelo “Espírito da Terra”, conforme se vê no texto¹⁶. O Sol, porém, recusa-se a povoar o Globo, porque ainda não está apto a receber a vida.

(13) A Mandrágora não é outra senão a da *Bíblia*, a de Raquel e Lia. As raízes da planta são carnosas, cobertas de penugem, terminando em forma de forquilha e representando grosseiramente os membros, o corpo e até a cabeça de um homem. Suas misteriosas propriedades *mágicas* têm sido proclamadas em fábulas e no teatro, desde a mais remota antiguidade. E desde Raquel e Lia, que a utilizam em feitiçaria, até Shakespeare, que fala do “guinchar”

De mandrágoras arrancadas da terra.

Que de ouvi-las enlouqueceram os mortais.

a mandrágora foi sempre a planta mágica por excelência.

Essas raízes parecem não possuir talos; e grandes folhas saem da parte superior da raiz, qual um gigantesco tufo de cabelos. Têm pouca semelhança com o homem as que se encontram na Espanha, Itália, Ásia Menor ou Síria; mas em Caramânia, perto da cidade de Adana, e na ilha de Cândia, apresentam de modo surpreendente a forma humana, e são muito apreciadas como amuletos. As mulheres também as usam como um talismã contra a esterilidade e para outros fins. São especialmente eficazes na “Magia Negra”.

(14) O Sol.

(15) A Terra.

(16) Copérnico escreveu suas teorias sobre a “Revolução dos Corpos Celestes” no século XVI, e o *Zohar*, inclusive a compilação feita por Moisés de León no século XIII, declara que:

“No Livro de Hammannunach, o Velho (ou o Ancião), vemos... que a Terra gira sobre si mesma em forma circular; que alguns se acham em cima e outros em

Mercúrio, como Planeta astrológico, é ainda mais Oculto e misterioso que Vênus. É idêntico a Mitra, o Gênio ou Deus masdeísta, "estabelecido entre o Sol e a Lua, o perpétuo companheiro do Sol de Sabedoria". Pausânias (Livro V) no-lo mostra como tendo um altar em comum com Júpiter. Era provido de asas, para significar que acompanhava de perto o Sol em seu curso, e chamado o Núncio e o Lobo do Sol, "*solaris luminis particeps*". Era o guia e o evocador das Almas, o Grande Mago e o Hierofante. Vergílio no-lo descreve empunhando sua vareta mágica para evocar as almas precipitadas no Orco: *tum virgam capit, hac animas ille evocat Orco*¹⁷. É o Mercúrio Dourado, o Χρυσοψᾶής Ἑρμῆς, que os Hierofantes proibiam se mencionasse. É simbolizado na Mitologia grega por um dos "cães" (vigilantes) que cuidam do rebanho celeste (a Sabedoria Oculta), ou Hermes Anúbis, ou ainda Agathodæmon. É o Argos que vela sobre a Terra e que esta confunde com o próprio Sol. O imperador Juliano orava todas as noites ao Sol Oculto pela intercessão de Mercúrio; pois, como diz Vossius,

"Todos os teólogos afirmam que *Mercúrio e o Sol são um só*... Era o mais eloqüente e o mais sábio de todos os Deuses, o que não é de admirar, porque *Mercúrio se acha tão próximo da Sabedoria e da Palavra de Deus* [o Sol], que era confundido com ambas."¹⁸

Vossius expressou assim uma verdade oculta maior do que ele supunha. O Hermes dos gregos tem estreita relação com o Saramâ e o Sârameya hindus, o divino vigilante "que guarda o rebanho dourado das estrelas e dos raios solares".

Segundo os termos mais explícitos do Comentário:

O Globo, impulsionado para diante pelo Espírito da Terra e seus seis Auxiliares, obtém todas as suas forças vitais, sua vida e seus poderes, do Espírito do Sol, por intermédio dos Sete Dhyânis Planetários. São estes os mensageiros de Luz e de Vida.

*E assim como cada uma das Sete Regiões da Terra, cada um dos Sete Primogênitos*¹⁹ [os Grupos Humanos primordiais], *recebe espiritualmente a luz e a vida de seu próprio Dhyâni especial, e fisicamente do Palácio [a Casa, o Planeta] desse Dhyâni, o mesmo sucede com as sete grandes*

baixo; que... algumas regiões da Terra são iluminadas, enquanto outras estão na obscuridade; para uns é dia, quando para outros é noite; e há regiões onde é dia permanentemente, ou onde, pelo menos, a noite não dura senão alguns instantes." (Zohar, III, fol. 10-a; citação na *Qabbalah* de Myer, página 139).

(17) Veja-se também o Fargard 21 do *Vendidad*, sobre a milícia celeste.

(18) *Idolat.*, II, 373.

(19) "Em cima como embaixo" é o axioma fundamental da Filosofia Oculta. Como o Logos é sétuplo, isto é, manifestando-se no Cosmos por sete formas diferentes; ou, como, segundo o ensinam os sábios brâmanes, "cada um destes sete Logos é a figura central de um dos sete ramos principais da antiga Religião da Sabedoria"; e, como os sete princípios correspondem aos sete estados distintos de Prajñâ, a Consciência, e estão aliados aos sete estados da Matéria e às sete formas de força; a divisão tem que ser a mesma em tudo o que se relaciona com a Terra.

Raças a nascer aí. A Primeira nasce sob a influência do Sol; a Segunda, sob a de Brihaspati [Júpiter]; a Terceira, sob a de Lahitanga [Marte, o de "Corpo Igneo", e também sob a de Vênus ou Shukra]; a Quarta, sob a de Soma [a Lua, também o nosso Globo, pois a Quarta Esfera nasceu da Lua e sob a sua influência] e de Shani, Saturno, o Krura-lochana [Olho Maléfico] e o Azita [o Obscuro]; a Quinta, sob a de Budha [Mercúrio].

O mesmo igualmente sucede em relação ao homem e a cada "homem" [cada princípio] no homem. Cada um recebe sua qualidade específica de seu Primário [o Espírito Planetário], e por isso cada homem é um setenário [ou uma combinação de princípios, cada um dos quais tem origem em uma qualidade daquele Dhyâni especial]. Cada poder ativo ou força da Terra lhe vem de um dos Sete Senhores. A Luz vem por intermédio de Shukra [Vênus], que recebe uma provisão triplíce e dá um terço dela à Terra²⁰. Por esse motivo são as duas chamadas as "Irmãs Gêmeas", mas o Espírito da Terra está subordinado ao "Senhor" de Shukra. Nossos sábios figuram os dois Globos um por cima e o outro por baixo do duplo Signo [a Svástika primitiva sem os seus quatro braços, ou seja, a cruz +]²¹.

O "duplo signo", como sabe todo estudante de Ocultismo, é o símbolo dos princípios masculino e feminino da Natureza, do positivo e do negativo; a Svástika, ou 卐 , é tudo isso e muito mais. Toda a Antiguidade, desde o nascimento da Astronomia — ensinada à Quarta Raça por um dos Reis da Dinastia Divina — e também da Astrologia, representava Vênus, em suas tábuas astronômicas, por um Globo colocado em cima de uma Cruz, e a Terra por um Globo embaixo de uma Cruz. A significação esotérica destas figuras é a Queda da Terra na Geração, ou a reprodução de suas espécies por meio da união sexual; mas as nações ocidentais emprestaram-lhes um sentido por completo diferente. Seus místicos — guiados pelas luzes da Igreja Latina — interpretaram aquele símbolo como significando que a nossa Terra, com tudo o que nela existe, foi redimida pela Cruz, ao passo que Vênus — ou, dizendo de outro modo, Lúcifer ou Satã — a calcava sob os pés.

Vênus é o mais oculto, poderoso e misterioso de todos os Planetas, aquele cuja influência sobre a Terra e cujas relações com ela são as mais importantes. No Bramanismo exotérico, Vênus ou Shukra — uma divindade masculina²² — é o filho de Bhrigu, um dos Prajâpatis e sábio védico, e é Daitya-Guru, ou o sacerdote instrutor dos gigantes primitivos. Toda a história de Shukra, nos *Purânas*, se refere às Raças Terceira e Quarta. Conforme diz o Comentário:

(20) A Ciência ensina que Vênus recebe do Sol duas vezes mais luz e calor que a Terra. Diz-se, por isso, que aquele planeta, precursor da aurora e do crepúsculo, e o mais brilhante de todos, dá à Terra uma terça parte da provisão que recebe, guardando dois terços para si. Isso tem um significado ao mesmo tempo Oculto e astronômico.

(21) Vênus é ♀, a Terra ♂.

(22) Na Filosofia Esotérica Vênus é macho e fêmea, ou hermafrodita — o que explica a Vênus *barbada* da mitologia.

Foi por intermédio de Shukra que os "duplos" [os hermafroditas] da Terceira Raça-Raiz descenderam do primeiro "Nascido-do-Suor". Essa a razão por que Shukra era representado com o símbolo $\ominus$ [o círculo e o diâmetro] durante a Terceira [Raça] e com o símbolo $\oplus$ durante a Quarta.

Isto requer uma explicação. O diâmetro, quando isolado num círculo, representa a Natureza feminina, o primeiro Mundo Ideal, por si mesmo gerado e por si mesmo impregnado do Espírito de Vida universalmente difundido, referindo-se, portanto, também à Raça-Raiz primitiva. Converte-se em andrógino quando as Raças e todas as coisas da Terra desenvolvem suas formas físicas, transformando-se o símbolo em um círculo com um diâmetro, do qual parte uma linha vertical: expressão dos aspectos masculino e feminino, ainda não separados, e que é o primeiro Tau egípcio, $\oplus$, o mais antigo; depois o símbolo se modifica para +, ou aqueles dois aspectos separados e caídos na geração²³. Vênus (o Planeta) é simbolizado por um globo entre uma cruz, indicando que preside à geração natural do homem. Os egípcios simbolizavam o Ankh, a "vida", pela cruz ansata, ou ⚔ , o que não passa de outra forma de Vênus (Ísis), ♀ , significando esotericamente que a humanidade e toda a vida animal haviam transposto o círculo espiritual divino e caído na geração física masculino-feminina. Este signo tem, desde o fim da Terceira Raça, um sentido fálico idêntico ao da "Árvore da Vida" no Éden. Anouki, uma das formas de Ísis, é a deusa da Vida; e o Ankh foi tomado aos egípcios pelos hebreus. Foi introduzido na linguagem por Moisés, que estava instruído na Sabedoria dos sacerdotes do Egito, juntamente com muitas outras palavras místicas. A palavra Ankh em hebreu, acompanhada do sufixo pessoal, quer dizer "minha-vida" — meu ser —, que "é o prenome pessoal Anochi", derivado do nome da Deusa egípcia Anouki²⁴.

Num dos mais antigos catecismos da Índia Meridional, na Presidência de Madrastra, a Deusa hermafrodita Ardhanâri²⁵ segura a cruz ansata, a Svástika, o "signo masculino e feminino, precisamente na parte central, para denotar o estado pré-sexual da Terceira Raça. Vishnu, que hoje é representado com um lótus saindo do seu umbigo — ou o Universo de Brahmá nascendo do ponto central, Nara —, aparece em um antigo baixo-relevo com duplo sexo (Vishnu e Laksmi), de pé sobre uma folha de lótus flutuando na água, que se eleva no semicírculo e flui pela Svástika, "a fonte da geração" ou da queda do homem.

Pitágoras chama a Shukra-Vênus o *Sol alter*, o "outro Sol". Dos "sete Palácios do Sol", o de Lúcifer-Vênus é o terceiro na *Cabala* cristã e judia,

(23) Portanto, se deixamos de lado o seu aspecto religioso-metafísico, a Cruz dos cristãos é um símbolo muito mais fálico que a Svástika pagã. Veja-se o volume I.

(24) A cruz ansata é o signo astronômico planetário de Vênus, "significando a existência da energia parturiente no sentido sexual, sendo este um dos atributos de Ísis, a Mãe, e de Eva, Hauvah, ou a Mãe-Terra, e isto era reconhecido por todos os povos antigos, sob uma ou outra forma de expressão". (De um manuscrito cabalista moderno).

(25) Veja-se *Hindu Pantheon*, de Edward Moor.

e dele o *Zohar* faz a casa de Samael. Segundo a Doutrina Oculta, esse planeta é o *primário* da nossa Terra e o seu protótipo espiritual. Daí o dizer-se que o carro de Shukra (o de Lúcifer-Vênus) é conduzido por um grupo de oito “*cavalos nascidos da terra*”, sendo que os corcéis dos carros dos outros planetas são diferentes.

Todo pecado cometido na Terra repercute em Ushanas-Shukra. O Guru dos Daityas é o Espírito Guardião da Terra e dos Homens. Toda alteração que se produz em Shukra repercute e se reflete na Terra.

Shukra ou Vênus aparece, assim, como o Preceptor dos Daityas, os Gigantes da Quarta Raça, que, na alegoria indiana, alcançaram em certa época a sabedoria de toda a Terra e derrotaram os Deuses menores. Os Titãs da alegoria ocidental também estão estreitamente relacionados com Vênus-Lúcifer, que os cristãos posteriormente identificaram com Satã. E, sendo Vênus, como igualmente Isis, representada com cornos de vaca na cabeça, símbolo da Natureza mística — que se podia converter no da Lua, a representá-la, pois todas essas Deusas eram lunares —, a configuração daquele planeta é hoje colocada pelos teólogos entre os cornos do Lúcifer místico²⁶. Devido à fantasiosa interpretação da tradição arcaica, segundo a qual Vênus se transforma (geologicamente) ao mesmo tempo que a Terra, tudo o que sucede em uma também sucede na outra, e muitas e importantes têm sido as suas alterações comuns, devido a essas razões Santo Agostinho repete a mesma coisa, atribuindo as diferentes mudanças de configuração, de cor, e até mesmo de curso de órbita, às características

(26) Ateneu diz que a primeira letra do nome de Satã era, nos tempos antigos, representada por um arco e um crescente, e alguns católicos romanos, gente boa e piedosa, quiseram persuadir o público de que foi em homenagem aos cornos de Lúcifer em forma de crescente que os muçulmanos escolheram a Lua crescente para suas armas nacionais. Vênus, desde que instituído o dogmatismo católico romano, foi identificado com Satã e Lúcifer, ou o Grande Dragão, contrariamente a toda lógica e razão. Segundo os simbologistas e os astrônomos:

“A associação entre a serpente e a idéia de trevas tinha um fundamento astronômico. A posição ocupada em certa época pela constelação do Dragão mostra que a Grande Serpente era a Rainha da Noite.

Essa constelação se encontrava primeiramente no centro mesmo do céu, e era tão extensa que foi chamada o Grande Dragão. Seu corpo estende-se por sete signos do Zodíaco; e Dupuis, que vê no Dragão do *Apocalipse* uma alusão à Serpente celeste, diz: ‘Não é de admirar que uma constelação tão extensa fosse representada pelo autor desse livro como um grande dragão de sete cabeças, que arrancou dos céus um terço das estrelas e as jogou sobre a Terra.’ (Staniland Wake, *The Great Pyramid*, página 79; Dupuis, III, página 255.)

Mas Dupuis nunca soube *por que* o Dragão, que teve outrora a estrela polar — o símbolo do Guia, Guru ou Diretor —, chegou a ser assim tão degradado pela posteridade. “Os Deuses de nossos pais são os nossos demônios”, diz um provérbio asiático. Quando o Dragão deixou de ser a “estrela polar”, a divindade sideral guiadora teve o destino de todos os deuses caídos. Houve tempo, diz Bunsen, em que Seth e Tífon eram “grandes deuses universalmente adorados em todo o Egito, tendo conferido aos reis das Dinastias décima oitava e décima nona os símbolos da vida e do poder. Mais tarde, porém, durante a vigésima Dinastia, foram subitamente tratados como Demônios maus, e tanto é assim que suas effgies e seus nomes foram apagados de todos os monumentos e inscrições que puderam ser alcançados”. A verdadeira razão oculta será exposta nestas páginas.

que a imaginação teológica emprestou a Vênus-Lúcifer. Em sua piedosa fantasia, chega ele ao ponto de relacionar as últimas mudanças no planeta ao mítico Dilúvio de Noé, que teria ocorrido 1.796 anos antes de Cristo²⁷.

Como Vênus não tem satélites, pretende a alegoria que Âsphujit (esse "Planeta") adotou a Terra (progênie da Lua), "*a qual cresceu mais que sua mãe e lhe causou muitos distúrbios*" — o que é uma alusão à relação oculta entre as duas. O Regente (do Planeta) Shukra²⁸ amava tanto o seu filho adotivo que se encarnou como Ushanas, e lhe deu leis perfeitas, que foram desprezadas e repudiadas em idades posteriores. Outra alegoria, no *Harivamsa*, reza que Shukra foi a Shiva e lhe pediu que protegesse seus discípulos, os Daityas e os Asuras, contra os Deuses guerreiros, e que, para conseguir o seu intento, executou um rito de Ioga, "*aspirando, de cabeça para baixo, fumo de palha durante 1.000 anos*". É uma alusão à grande inclinação do eixo de Vênus — que alcança 50 graus — e às nuvens eternas que envolvem o planeta. Mas isto diz respeito tão-somente à constituição física de Vênus. O Misticismo Oculto só se ocupa de seu Regente, o Dhyân Chohan que o anima.

A alegoria de que Vishnu condenou Shukra a *nascer sete vezes* na Terra, como castigo por haver matado sua mãe (a de Shukra), é plena de significação filosófica oculta. Não se refere aos Avatares de Vishnu, porque estes são em número de nove (o décimo está ainda por vir), mas às Raças da Terra. O planeta Vênus ou Lúcifer — também Shukra e Ushanas — é o portador de luz em nossa Terra, assim no sentido físico como no sentido místico. Sabiam-no perfeitamente os cristãos dos primeiros tempos, pois que um dos primitivos Papas de Roma é conhecido como Pontífice com o nome de Lúcifer.

*Cada Mundo tem sua Estrela-Mãe e seu Planeta-Irmão. E a Terra é a filha adotiva e a irmã menor de Vênus, mas os seus habitantes pertencem a uma espécie própria... Todos os seres sencientes completos [homens setenários completos ou seres superiores] recebem, de início, formas e organismos em perfeita harmonia com a Natureza e o estado da Esfera que habitam*²⁹.

As Esferas do Ser, ou Centros de Vida, que são núcleos isolados que produzem seus homens e animais, são inumeráveis; não há uma que se

(27) *De Civitate Dei*, LXXI, VIII.

(28) Shukra é filho de Bhṛigu, o grande Rishi, um dos Sete Prajâpatis e o fundador da Raça dos Bhārgavas, em que nasceu Parushu Râma.

(29) O que está em manifesta contradição a Swedenborg que viu na "primeira Terra do Mundo Astral" habitantes vestidos como os camponeses da Europa, e na Quarta Terra mulheres trajando como as pastoras dos *bailes de máscaras*! Até o famoso astrônomo Huygens esposava também a idéia errônea de que os outros mundos e planetas possuem espécies de seres idênticos aos que vivem na Terra, com as mesmas formas, sentidos, inteligência, artes, ciências, moradas, e até a mesma qualidade de tecidos em suas vestes! (*Théorie du Monde*.) Para uma compreensão melhor do asserto de que a Terra "é a progênie da Lua", veja-se a Estância VI do volume I.

pareça com sua irmã-companheira, nem com outra qualquer, em sua pro-
gênie especial própria³⁰.

Todas têm uma dupla natureza, física e espiritual.

Os nucléolos são eternos e imperecíveis; os núcleos, periódicos e finitos. Os nucléolos fazem parte do Absoluto. Constituem as aberturas daquela sombria e impenetrável fortaleza oculta para sempre à vista humana e até à dos Dhyânîs. Os núcleos são a luz da eternidade que dali escapa.

É essa LUZ que se condensa nas formas dos "Senhores do Ser" — dos quais os primeiros e os mais elevados são, coletivamente, JIVÂTMÂ, ou Pratyagâtmâ [que, em sentido figurado, se diz que emana de Paramâtmâ; é o Logos dos filósofos gregos, que aparece no começo de cada novo Manvantara]. Deles, em escala descendente — formados das ondas cada vez mais consolidadas dessa Luz, que se converte em Matéria densa em nosso plano objetivo — procedem as numerosas Hierarquias das Forças Criadoras; umas sem forma; outras com sua forma própria e característica; outras, enfim, as mais inferiores [Elementais] sem forma alguma própria, mas assumindo toda espécie de formas, de acordo com o meio ambiente.

Assim, pois, não há mais que um Upâdhi [Base] Absoluto, no sentido espiritual; nele e sobre ele são construídos, para fins manvantáricos, os incontáveis centros básicos em que se processam as Evoluções individuais cíclicas e universais durante o período ativo.

As Inteligências iluminadoras, que animam os diversos Centros do Ser, são chamadas indistintamente, pelos homens que moram além da Grande Linha³¹, Manus, Rishis, Pitris³², Prajapâtis, etc.; e, pelos que habitam o lado de cá, Dhyâni-Budhas, Chohans, Melhas [Deuses do Fogo], Bodhisattvas³³ e outros nomes. Os ignorantes as chamam Deuses; os profanos instruídos, o Deus Único; e os sábios, os Iniciados, veneram nelas tão-só as manifestações manvantáricas de AQUILLO, a cujo respeito nem os nossos Criadores [os Dhyân-Chohans] nem as suas criaturas podem jamais discutir ou saber coisa alguma. O ABSOLUTO não se define, e nenhum mortal ou imortal jamais o viu nem compreendeu durante os períodos de Existên-

(30) Este é um comentário moderno. Foi acrescentado aos antigos comentários para mais clara compreensão daqueles discípulos que estudam Cosmogonia Esotérica depois de terem recebido uma educação ocidental. As glosas primitivas contêm um excesso de adjetivos e figuras de retórica para que possam ser compreendidas com facilidade.

(31) "Além da Grande Linha" quer dizer, neste caso, a Índia, que é a região trans-himalaica para os que vivem no Tibete.

(32) Usamos o termo Pitris nestes Slokas para facilitar a compreensão, mas não é o constante das Estâncias originais, onde tais Seres recebem designações próprias, além dos nomes de "Pais" e "Progenitores".

(33) É erro interpretar literalmente o culto dos Bodhisattvas humanos ou Manjushri. É verdade que, exotericamente, a escola Mahâyâna ensina o culto a eles sem distinção, e que Huiên-Tsiang fala de alguns discípulos de Buddha que foram adorados. Mas, esotericamente, não é o discípulo ou o sábio Manjushri pessoalmente quem recebia honras, e sim os divinos Bodhisattvas e Dhyâni-Budhas que animavam (*anri-
lakha*, como dizem os mongóis) as formas humanas.

cia. O mutável não pode conhecer o Imutável, nem o que vive pode perceber a Vida Absoluta.

"Não pode o homem conhecer, portanto, Setes mais elevados que os seus próprios Progenitores", "*Nem deve adorá-los*". Deverá, porém, saber como veio ao mundo.

O número Sete, a cifra fundamental em todas as religiões nacionais, tanto na Cosmogonia como no que se refere ao homem, tem sua razão de ser. Encontramo-lo entre os antigos povos da América de modo tão evidente quanto entre os ários e os egípcios arcaicos. Esta questão será examinada a fundo na segunda parte do volume IV; contudo, alguns fatos podem, desde já, ser passados em revista.

Diz o autor de *Sacred Mysteries among the Mayas and the Quiches*, 11.500 years ago³⁴:

"O sete parece ser o número sagrado por excelência entre as nações civilizadas da antiguidade. Por quê? A pergunta nunca obteve resposta satisfatória. Cada povo em particular deu uma explicação diferente, de acordo com as doutrinas peculiares de sua religião [exotérica]. Que o sete era o número dos números para os iniciados nos mistérios sagrados, não resta a menor dúvida. Para Pitágoras... era o 'veículo da Vida', com alma e corpo, por ser formado de um Quaternário, ou seja, *Sabedoria e Intelecto*, e de uma Trindade, ou *ação e matéria*. O Imperador Justiniano, em *Matrem* e em *Oratio*³⁵, se expressa nestes termos: 'Se eu tivesse que tratar dos sagrados mistérios de nossa Iniciação, que os caldeus dedicaram a Baco por causa do *deus de sete raios* que ilumina a alma por seu intermédio, diria coisas desconhecidas do povo, mas bastante familiares aos benditos Teurgistas.'³⁶

E quem, conhecendo os *Purânas*, o *Livro dos Mortos*, o *Zendavesta*, as inscrições assírias e, finalmente, a *Bíblia*, e havendo observado a constante repetição do número sete nesses anais de povos que, desde as mais remotas eras e até há pouco tempo ainda, eram desconhecidos entre si e tão distanciados uns dos outros, quem, perguntamos, poderia atribuir à coincidência o fato seguinte, relatado por aquele mesmo explorador dos Mistérios antigos? Falando da preponderância do sete como número místico, entre os habitantes do "Continente Ocidental", a América, acrescenta ele que tal coisa não é menos notável, porquanto o sete

"aparece com freqüência no *Popul-Vuh*. Encontramo-lo, ainda, nas *sete famílias* que, segundo Sahagun e Clavigero, acompanharam o personagem místico chamado *Volan*, considerado o fundador da grande cidade de Nachan, que alguns identificam como Palenque. Nas *sete grutas*³⁷, de onde se conta que saíram os antepassados de Nabualts.

(34) O autor da obra mencionada é Augusto Le Plongeon. Tanto ele como sua esposa são bastante conhecidos nos Estados Unidos, por seus infatigáveis trabalhos na América Central. Foram os descobridores do sepulcro do Kan Coh real, em Chichen-Itza. Parece que o autor acredita e procura provar que o conhecimento esotérico dos Ários e dos Egípcios foi recebido dos Maias. Entretanto, embora certamente contemporâneos da Atlântida de Platão, os Maias pertenciam ao Quinto Continente, que foi precedido da Atlântida e da Lemúria.

(35) Mais exatamente, *In Matrem Deorum, Oratio V*.

(36) Página 143.

(37) Estas *sete grutas*, *sete cidades*, etc., etc., representam em todos os casos os sete centros ou zonas em que nasceram os sete grupos primitivos da Primeira Raça-Raiz.

Nas *sete cidades* de Cibola, descritas por Coronado e Niza... Nas *sete Antilhas*. Nos *sete heróis*, que, segundo se diz, escaparam ao Dilúvio."

Vamos, aliás, encontrar esse mesmo número de "heróis" em todas as histórias de Dilúvio — desde os sete Rishis que se salvaram com o Manu Vaivasvata, até a Arca de Noé, na qual os animais, as aves e as criaturas foram reunidas em grupos de "sete".

Assim, consideramos perfeitos os números 1, 3, 5 e 7, por serem de todo místicos e exercerem papel importantíssimo em todas as Cosmogonias e na evolução dos seres vivos. Na China, 1, 3, 5 e 7 são chamados "números celestes" no canônico "Livro das Transformações": *I Ching*, ou *transformação* no sentido de "evolução".

A explicação se torna evidente quando se estudam os símbolos antigos: todos eles têm por base o ponto de partida dos algarismos reproduzidos do Manuscrito Arcaico, que se vêem no Prefácio do volume I. O símbolo da evolução e da queda na geração ou na Matéria, Θ , encontra-se nas antigas esculturas e pinturas mexicanas, assim como no Sephiroth cabalístico e no Tau egípcio. Examinem-se os manuscritos mexicanos (*add mss*, Museu Britânico, 9789)³⁸, e ver-se-á esse símbolo em uma árvore cujo tronco está coberto com dez frutos que vão ser colhidos por um homem e uma mulher em cada lado, e de cujo extremo superior saem dois ramos, à direita e à esquerda, formando um T (Tau) perfeito; na ponta de cada um deles há um cacho triplice; e uma ave — a Ave da Imortalidade, Átmã ou o Espírito Divino —, pousada entre os dois ramos, perfaz assim o número *sete*. O símbolo representa a mesma idéia que a Árvore Sephiroth, *dez* no conjunto, passando a *sete* quando separada da tríade superior. Os frutos celestes são dez, $\bigcirc$, 10, nascidos das duas sementes invisíveis, macho e fêmea, completando o número doze, 12, o Dodecaedro do Universo. O sistema místico contém o ponto central $\blacksquare$; o 3 ou Δ ; o 5, $\star$; e o 7 ou $\square$; ou também $\star$, o triângulo no quadrado e o ponto sintetizador nos dois triângulos entrelaçados. (Isto, no mundo dos arquétipos.) É no HOMEM que o mundo fenomenal alcança o seu grau mais elevado, recebendo o reflexo de tudo. O Homem é, portanto, o quadrado místico — em seu aspecto místico —, o Tetraktys, e torna-se o Cubo no plano criador. Seu símbolo é o cubo desenvolvido³⁹ e o 6 se converte em 7, ou a $\boxplus$, 3 horizontalmente (o feminino) e 4 verticalmente; este é o Homem, a meta da Divindade na Terra, e cujo corpo é a cruz de carne, sobre a qual, por meio da qual e na qual ele está sempre crucificando e levando à morte o Logos divino, ou o seu EU SUPERIOR.

Todas as Filosofias e Cosmogonias dizem:

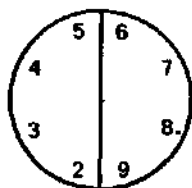
O Universo tem um Soberano [Soberanos coletivamente] que o governa e que se chama o VERBO (Logos); o Espírito Construtor é o seu Reino. Os dois constituem o Primeiro Poder depois do UNO.

(38) A gravura está reproduzida em *Sacred Mysteries of the Mayas and the Quices*, página 134.

(39) Veja-se *Source of Measures*, páginas 50-53.

São o Espírito e a Natureza, que, juntos, formam o nosso Universo Ilusório. Os dois permanecem inseparáveis no *Universo das Idéias*, durante a vigência deste, e depois voltam ao seio de Parabrahman, o Uno sempre imutável. "O Espírito, cuja essência é eterna, una e existente por si mesma, irradia uma Luz pura e etérea — uma Luz dupla imperceptível aos sentidos elementares — segundo os *Purânas*, a *Bíblia*, o *Sepher Yetzirah*, os Hinos gregos e latinos, o *Livro de Hermes*, o *Livro dos Números* caldeu, o Esoterismo de Lao-Tsé e todos os demais. Na Cabala, que explica o sentido oculto do *Gênesis*, essa LUZ é o *HOMEM-DUAL*, ou os Anjos Andrógynos (ou, mais propriamente, sem sexo), cujo nome genérico é *ADÃO KADMON*. São eles que completam o homem, cuja forma etérea é emanada de outros Seres divinos, mas bem inferiores, que solidificam o corpo com argila ou a "poeira do solo" — uma alegoria, sem dúvida, mas tão científica como qualquer evolução darwiniana, e mais verdadeira.

O autor de *Source of Measures* diz que o fundamento da Cabala e de todos os livros místicos está nos *dez Sephiroths*, o que é uma verdade essencial. Eis como ele ilustra os Dez Sephiroths ou os 10 Números:



O círculo é o zero, ou *nada*; a linha vertical do diâmetro é o primeiro UM ou o UM *primitivo* (o Verbo ou o Logos), do qual surgem o 2, o 3 e assim sucessivamente até o 9, limite dos dígitos. O 10 é a primeira Manifestação Divina⁴⁰, que contém todas as faculdades possíveis da expressão exata da proporção: o *Jod* sagrado. A Cabala nos ensina que estes Sephiroths eram os *números* ou *emanações* da Luz Celeste (20612:6561) — eram as 10 Palavras, *DBRIM*, 21224, sendo a Luz, de que eles emanaram, o Homem Celeste, o Adão-KDM (144-144); e a Luz, segundo o Novo Testamento (41224), criou Deus, do mesmo modo que no Antigo Testamento Deus (Alhim, 31415) criou a Luz (20612:6561)⁴¹.

Ora, em Ocultismo, como na Cabala, há três espécies de Luz: 1.º a Luz Abstrata e Absoluta, que é igual a Trevas; 2.º a Luz do Não-Manifestado-Manifestado, que alguns chamam o Logos; e 3.º esta última Luz refletida nos Dhyân-Chohans, os Logos menores — os Elohim, coletivamente —,

(40) Veja-se *Isis sem Véu*, págs. 300 e seguintes, para comprovação da antiguidade do sistema decimal dos números.

(41) Veja-se *Masonic Review*, Cincinnati, junho de 1886, art. "The Cabbalah", n.º VI, página 10.

que, por sua vez, a difundem pelo Universo objetivo. Mas na Cabala — reeditada e cuidadosamente adaptada aos dogmas cristãos pelos cabalistas do século XIII — as três Luzes são descritas como: 1.º a Luz clara e penetrante, a de Jeová; 2.º a Luz reflexa; e 3.º a Luz *em abstrato*.

“Esta luz, considerada abstratamente (em sentido metafísico ou simbólico), é Alhim [Elohim, Deus], ao passo que a Luz clara e penetrante é Jeová. A luz de Alhim pertence ao mundo em geral, em sua totalidade e plenitude; mas a de Jeová é a que pertence à criação mais importante, o homem, que essa luz fez e penetrou.”⁴²

O autor de *Source of Measures* recomenda ao leitor, mui pertinente-mente, que consulte a obra *Ancient Faiths Embodied in Ancient Names*, de Inman, II, 648. Vê-se ali uma gravura representando

“a *vesica piscis*, Maria, e o emblema feminino, copiado de um Rosário da Virgem Maria bendita, que foi impressa em Veneza no ano de 1542”,

e portanto, como observa Inman, “com a licença da Inquisição e, por conseguinte, ortodoxo”, e que mostra ao leitor o que a Igreja Latina entendia por aquele “poder penetrante da luz e seus efeitos”. É triste ver como têm sido deturpadas, na interpretação cristã, as mais nobres, grandiosas e sublimes idéias da Filosofia Oriental a respeito da Divindade — aplicadas, que foram, às mais grosseiras concepções antropomórficas!

Os Ocultistas do Oriente chamam a essa Luz *Daivaprakriti*, e os do Ocidente a Luz de *Christos*. É a Luz do LOGOS, o reflexo direto do sempre Incognoscível no plano da Manifestação Universal. Eis aqui, porém, a interpretação que lhe dão os cristãos modernos da Cabala. Segundo declara o autor há pouco citado:

“O termo Elohim-Jehovah aplica-se ao mundo em geral em sua totalidade e com o seu principal conteúdo, o homem. O Rev. Dr. Cassell [um cabalista], em seus extratos do Zohar, para provar que a Cabala expõe a doutrina da Trindade, diz entre outras coisas: que ‘Jeová é Elohim (Alhim)... Por três passos, Deus (Alhim) e Jeová se tornam idênticos, e, conquanto separados, cada um *per se* e juntos são do mesmo UNO’.”⁴³

Do mesmo modo, Vishnu se converte no Sol, o símbolo visível da Divindade Impessoal. Descreve-se Vishnu como “atravessando as sete regiões do Universo em *três passos*”. Mas para os hindus é uma versão *exotérica*, uma doutrina superficial e uma alegoria, ao passo que os cabalistas o expõem como o sentido Esotérico e final. Continuemos:

“Ora, a Luz, conforme dissemos, é 20612 a 6561, como o enunciado próprio da relação integral e numérica entre o diâmetro e a circunferência de um círculo. Deus (Alhim, isto é, 31415:1, uma forma modificada da anterior) é a redução disso para obter-se uma unidade do tipo *Um*, como base em geral de todo cálculo e toda medida. Mas, para a produção da vida animal e para a especial *medida do tempo*, ou ano lunar,

(42) *Ibid.*, loc. cit.

(43) *Ibid.*, página 11.

que influencia a concepção e o desenvolvimento do embrião, os números da medida de Jeová (a medida do *homem igual a Jeová*), ou seja, 113 a 355, têm que ser singularizados⁴⁴. Esta última relação, porém, não é mais que uma forma modificada da Luz, ou 20612:6561 como um valor de π (π), e uma variante deste último (isto é, 20612 : 6561 :: 31415 : um, e 355 : 113 = 31415 ou Alhim, ou Deus), e deste modo pode ser incluído um no outro e derivar-se dele: estes são os três passos pelos quais se pode demonstrar a *Unidade* e a identidade dos nomes Divinos; vale dizer que ambos são variantes da mesma razão, ou seja, a de π . O objetivo deste comentário é mostrar que a mesma medida simbólica da Cabala, segundo o ensinamento, se usa nas três Alianças da *Bíblia* e na Maçonaria, conforme vimos.

Os Sephiroths são, pois, descritos, em primeiro lugar, como a *Luz*, isto é, eles próprios são, verdadeiramente, uma função desta, e idênticos à manifestação de Aín-Soph; e o são porque a *Luz* representa a razão 20612:6567, como parte das "Palavras" DBRIM, ou quanto à Palavra DABAR, 206 (= 10 côvados). A "*Luz*" representa de tal modo o principal argumento da Cabala, para explicar os Sephiroths, que o mais famoso livro da Cabala é chamado *Zohar*, ou "*Luz*". Nele vemos expressões como estas: 'O infinito era completamente desconhecido, e não esparzia luz alguma, até que o ponto luminoso irrompeu impetuosamente e se tornou visível'. 'Quando ele, primeiramente, tomou a forma (de coroa ou do primeiro Sephira), fez emanar de si 9 esplêndidas luzes, que irradiaram e difundiram um clarão resplandecente em todas as direções — isto é, o 9 mais o 1 (o um que era a origem dos nove, como acima) formaram o 10, ou seja: ① ou ②, o Dez sagrado (os dez números, ou Sephiroths), ou *jod* — e estes dez números eram a "*Luz*", assim como no Evangelho de São João Deus (Alhim, 31415:um) era aquela Luz (20612:6561), por meio da qual todas as coisas foram feitas."⁴⁵

No *Sepher Yetzirah* (ou "Número da Criação"), todo o processo da evolução é exposto em números. Nas suas "trinta e duas Sendas da Sabedoria", o número 3 é repetido quatro vezes, e o número 4 cinco vezes. Portanto, a Sabedoria de Deus está contida em números (Sephirim ou Sephiroth); pois Sepher (ou S-ph-r, eliminando as vogais) significa "numerar"; e é por isso que vemos Platão afirmar que a Divindade "geometrizava", ao construir o Universo.

O livro cabalístico *Sepher Yetzirah* principia com uma declaração da sabedoria oculta de Alhim ou Sephirim, isto é, dos Elohim nos Sephiroths.

"Em trinta e dois caminhos, a sabedoria oculta estabeleceu Jah, JHVH, Tzabaoth, Elohi de Israel, Alhim de Vida, El de Graça e Misericórdia, Morador Excelso e elevado das alturas, e Rei da Eternidade, e seu nome — Santo em três Sephirim, isto é: B—S'ph-r, V—S'ph-r, V—Siph-or."

O Sr. Ralston Skinner chega a dizer que:

"Este comentário traz à luz a 'oculta sabedoria' do texto original, por meio do conhecimento oculto, isto é, pelo emprego de palavras que têm uma série especial de números e uma fraseologia particular, que põem em relevo o sistema explicativo que vemos adaptar-se com tanta precisão à *Bíblia* hebraica... Ao expor o seu esquema, o autor, a fim de reforçá-lo, completando-o com um postulado geral, ou seja, a palavra única *Sephrim* (*Sephiroth*) do número Jezirah, explica a separação desta palavra em outras três subordinadas, um jogo sobre uma palavra comum, *s-ph-r*, ou número.

(44) Veja-se *Source of Measures*, páginas 276 e seguintes, Ap. VII.

(45) Art. *Masonic Review*, páginas 11 e 12.

O príncipe Al-Charazi ⁴⁶ diz ao Rabi: 'Desejo agora que me comunique alguns dos princípios mais importantes da *Filosofia Natural*, que, segundo afirmas, foram por eles (os sábios antigos) descobertos nos primeiros tempos'. Ao que responde o Rabi: 'A tais princípios pertence o Número da Criação do Pai de nossa Raça, Abraão' (isto é Abrão e Abraão, ou os números 41224 e 41252). Disse ele então que este livro dos números trata do ensinamento da 'Alhim-idade e da Un-idade por meio de (DBRIM), ou seja, dos números do vocábulo 'Palavras'. Quer dizer que ensina o uso da razão 31415: Um, por meio de 41224, cifra que, na descrição da Arca da Aliança, estava dividida em duas partes pelas duas tábuas de pedra em que estes DBRIM ou 41224 foram escritos ou gravados, a saber: 20612×2 . Passa a tecer comentários sobre o uso dessas três palavras subordinadas, e, em relação a uma delas, tem o cuidado de acrescentar: 'e Alhim (31415 : Um) diz: Faça-se a Luz (20612 : 6561)'.

As palavras, tais como figuram no texto, são:

ספר ספר סיפיר

— e o Rabi, comentando-as, diz: 'Ensina-se a Alhim-idade (31415) e a Un-idade (o diâmetro para Alhim) por meio de palavras (DBRIM = 41224), segundo as quais há, de um lado, uma expressão infinita em criações heterogêneas, e, de outro, uma tendência harmônica final para a Un-idade' (a qual, como todos sabem, é a função matemática do π (pi) das escolas, que mede, pesa e numera as estrelas do céu, resolvendo-as, contudo, na unidade final do Uni-verso), 'por meio de Palavras'. O seu acordo aperfeiçoa-se finalmente nessa Un-idade que as coordena e que consiste em

ספר ספר ספיר

— isto é: o Rabi, em seu primeiro comentário, omite o *jod* ou *i* em uma das palavras, passando depois a incluí-lo. Se tomamos os valores destas palavras subordinadas, vemos que são 340, 340 e 346, o que perfaz o total de 1026; a palavra geral foi assim dividida para produzir tais números, os quais, por meio de T'mura, podem ser mudados de várias maneiras, com objetivos diversos." ⁴⁷

Pedimos ao leitor que se reporte à Estância IV do volume I, "sloka" 3, e ao respectivo Comentário ⁴⁸, onde verá que 3, 4 (7) e o tríplice 7, ou 1065 (o valor de Jeová), correspondem ao número dos 21 Prajâpatis, mencionado no *Mahâbhârata*, ou dos três seph'tim (palavras em cifras ou símbolos). E esta comparação entre os Poderes Criadores da Filosofia Arcaica e o Criador antropomórfico do Judaísmo *exotérico* (pois que o Esoterismo dos judeus evidencia sua identidade com a Doutrina Secreta) levará o estudante a perceber e descobrir que Jeová não é, realmente, senão um Deus "lunar" e da "geração". Sabem todos os que estudam conscienciosamente a Cabala que, quanto mais nela se aprofundam, tanto mais se convencem de que — a não ser lendo-se à luz da Filosofia Esotérica Oriental — o estudo da Cabala, ou do que dela resta, só pode conduzir à verificação de que, nas linhas traçadas pelo Judaísmo e o Cristianismo *exotéricos*, o monoteísmo de ambos em nada é superior à antiga Astrolatria, que a Astronomia de hoje veio justificar.

Os cabalistas nunca cessam de repetir que a *Inteligência Primária* não pode jamais ser compreendida. Não pode ser compreendida, nem tampouco localizada, devendo portanto permanecer inominada e negativa. Daí a razão

(46) No livro *Al-Charazi*, de Jehuda-ha-Levi, traduzido pelo Dr. D. Cassell.

(47) Art. citado, páginas 12, 13.

de haver-se imaginado que o Ain-Soph o "INCOGNOSCÍVEL" e o "INOMINÁVEL" —, não podendo tornar-se manifesto, fez emanar de si os Poderes Manifestadores. Desse modo, *só de suas Emanações pode a inteligência humana cogitar*. A teologia cristã, repudiando a doutrina das Emanações e substituindo-a pela da Criação direta e consciente dos Anjos, e de tudo o mais *ex nihilo*, não pode fugir à perplexidade e ao dilema, em que ora se vê, entre o Sobrenatural, ou Milagroso, e o Materialismo. Um Deus *extra-cósmico* é fatal para a Filosofia; uma Divindade *intra-cósmica* — ou seja, o Espírito e a Matéria inseparavelmente unidos — é uma necessidade filosófica. Separem-nos, e não restará senão uma superstição grosseira, sob a máscara do emocionalismo. Mas, por que "geometrizar" — no dizer de Platão —, por que representar aquelas Emanações sob a forma de uma imensa tábua aritmética? O autor citado esclarece muito bem a questão, respondendo:

"A percepção mental, para que se possa converter em percepção física, necessita do princípio cósmico da Luz; e, portanto, o nosso círculo mental tem que se fazer visível por meio da luz, ou, para sua completa manifestação, deve o círculo ser o da visibilidade física ou a própria luz.

Tais conceitos, assim enunciados, formam a base da filosofia do Divino em manifestação no Universo." ⁴⁹

Isso é filosofia. Não sucede o mesmo quando vemos o Rabi dizer no *Al-Chazari*:

"Por s'ph-r deve entender-se o *cálculo* e o *peso* dos corpos criados. Pois o cálculo, por meio do qual deve um corpo ser construído de maneira harmoniosa e simétrica, e a construção bem proporcionada e ajustada ao seu objetivo, consiste, em última análise, em *número*, *extensão*, *massa* e *peso*; a relação coordenada de movimentos, logo, a harmonia da música, tem que consistir inteiramente no *número*, isto é: s'ph-r... Por Sippor (s'phor) devem entender-se as palavras de Alhim [206—1 de 31415 : um], pelas quais se junta ou se adapta o plano à forma de construção; por exemplo, foi dito: 'Faça-se a luz.' Fez-se a obra à medida que eram pronunciadas as *palavras*, isto é, à medida que se mostravam os números da obra." ⁵⁰

Isso vale por *materializar*, francamente, o *espiritual*. A Cabala, porém, não foi sempre assim tão adaptada às concepções antropomonoteístas. Veja-se, para comparação, qualquer uma das seis escolas da Índia. Por exemplo: na Filosofia Sâkhya de Kapila, a não ser que, alegoricamente falando, Purusha suba aos ombros de Prakriti, esta última permanece irracional, enquanto que, sem ela, o primeiro fica inativo. Portanto, a Natureza (no homem) tem que ser um composto de Espírito e Matéria, antes de poder chegar ao que é, e o Espírito, latente na Matéria, tem que ser gradualmente despertado para a vida e a consciência. A Mônada deve passar por suas formas mineral, vegetal e animal, antes que a Luz do Logos possa manifestar-se no homem animal. Até esse momento, não pode este último ser chamado "homem", senão uma Mônada aprisionada em formas sem-

(49) Artigo citado, pág. 14.

(50) Arr. citado, pág. 14.

pre mutáveis. É a *Evolução*, e não a *Criação* por meio de PALAVRAS, que a Filosofia do Oriente reconhece, inclusive em suas versões exotéricas. *Ex oriente lux*. Até o nome do primeiro homem na *Bíblia Mosaica* era de origem indiana, em que pese à negativa do Professor Max Müller. Os judeus tomaram o seu Adão à Caldéia, e Adão-Adami é uma palavra composta, e, portanto, um símbolo múltiplo, que denuncia as doutrinas Ocultas.

Não cabe fazer aqui dissertações filológicas; podemos, todavia, recordar ao leitor que as palavras *Ad* e *Adi* significam em sânscrito "o primeiro"; em aramaico, "um" (*Ad-Ad*, o "único um"); e em assírio, "Pai", donde *Ak-ad* ou "pai-criador"^{50-A}. E, uma vez reconhecida a veracidade deste asserto, será bem difícil confinar Adão na *Bíblia Mosaica*, e ver na palavra apenas um nome judeu⁵¹.

São frequentes os elementos de confusão que se introduzem nos atributos e nas genealogias dos Deuses em suas Teogonias, o Alfa e o Ômega dos anais da ciência simbólica, tal como apresentada ao mundo pelos escritores brâmanes e bíblicos semi-iniciados. Essa confusão, no entanto, não podia ocorrer por parte das nações primitivas, que se compunha de descendentes e discípulos dos Instrutores Divinos; pois os atributos, como as genealogias, estavam inseparavelmente ligados aos símbolos cosmogônicos, sendo os "Deuses" a vida e o "princípio-alma" que animam as diferentes regiões do Universo. Em nenhum lugar e a ninguém se permitia que as especulações passassem *além* desses Deuses *manifestados*. A Unidade sem limites, infinita, permanecia em todas as nações como terreno virgem proibido, até onde não se aventurava o pensamento humano nem especulavam vãs teorias. A única alusão que se fazia girava em torno da concepção sumária de suas propriedades de diástole e sístole, de expansão periódica, ou dilatação e de contração. No Universo, com todas as suas incalculáveis miríades de Sistemas e Mundos, que desaparecem e reaparecem na eternidade, os Poderes antropomórficos ou Deuses, suas Almas, tinham que desaparecer também, com os seus corpos. Conforme diz o nosso *Catecismo*:

"O Sopro retornando ao Seio Eterno que os exala e inala."

A Natureza ideal, o Espaço Abstrato, no qual todo o Universo é misteriosa e invisivelmente engendrado, constitui o aspecto feminino do poder procriativo da Natureza, tanto na Cosmogonia Védica como nas demais. Aditi é Saphira, e a Sofia dos Gnósticos, e Ísis, a Virgem-Mãe de Hórus. Em todas as Cosmogonias, por trás da Divindade "Criadora" e acima dela,

(50-A) O apelativo *Ak-ad* (acádios) pertence à mesma classe de *Ad-m*, Ha-va (Eva), *Æd-en* (Éden); *Ak-Ad* quer dizer "Filho de Ad", como os filhos de Ad na Arábia Antiga. *Ad-Ad*, o "único um" e o "primeiro", era o *Ad-on* ou "Senhor" de Síria e esposo de *Ad-ar-gat* ou Aster't, a Deusa de Síria. E *Gan-Æden* (Éden) ou *Gandúnia* era a Babilônia ou a Mesopotâmia. Em assírio *Ak* significava Criador, pronunciando-se guturalmente a letra *k*, como *kh* (*ah*). No misticismo de Swedenborg, Adão não era um homem, mas uma igreja (?) de luz primitiva. Nos *Vedas*, *Ad-iti* é a luz primordial, o *Ákasha* do mundo fenomenal.

(51) Veja-se o volume IV, Parte 2.^a, Seção II, "Adão-Adami".

existe uma Divindade Superior, um Ideador, ou Arquiteto, do qual o Criador não é mais que o agente executivo. Mais alto ainda, *por cima e ao redor, dentro e fora*, há o Incognoscível e o Desconhecido, a Fonte e a Causa de todas essas Emanações.

Fácil é, portanto, explicar a razão pela qual Adão-Adami se encontra na Escritura caldéia, seguramente mais antiga que os Livros Mosaicos. Em assírio, *Ad* quer dizer o "pai"; em aramaico, *Ad* significa "um", e *Ad-ad* o "único um"; enquanto que, em assírio, *Ak* é "criador". Assim, *Ad-am-ak-ad-mon* veio a ser Adão-Kadmon, na Cabala (*Zohar*), com o sentido de "Único (Filho) do Divino Pai ou do Criador", pois os termos *am* e *om* significavam ao mesmo tempo, em quase todas as línguas, o *divino* ou a *divindade*. Desse modo, Adão-Kadmon e Adão-Adami chegaram a ter o significado de "a primeira Emanação do Pai-Mãe ou a Natureza Divina" e, literalmente, "o Primeiro Um Divino". É de ver que *Ad-Argat* (ou *Aster't*, a Deusa síria, esposa de *Ad-on*, o Senhor Deus da Síria ou o Adonai judeu), e Vênus, Ísis, Íster, Milita, Eva, etc., são idênticas a Aditi e Vâch dos hindus. Todas são as "Mães de tudo o que vive" e "dos deuses".

Por outra parte, cósmica e astronomicamente, todos os Deuses masculinos foram, em primeiro lugar, "Deuses-Sóis"; e depois, teologicamente, os "Sóis da Justiça" e os Logos, todos simbolizados pelo Sol⁵². Todos são Protógonos — Primogênitos — e Microposopos. Para os judeus, Adão-Kadmon era o mesmo que Athamaz, Tamaz ou o Adônís dos gregos — "o Uno com seu Pai e de seu Pai" — convertendo-se o Pai, durante as últimas Raças, em Hélios, o Sol, como Apolo Karneios⁵³, por exemplo, que era "o nascido do Sol"; Osíris, Ormuzd, e os outros, foram todos sucedidos por tipos ainda mais terrestres, em que se transformaram, tais como Prometeu, o crucificado do Monte Kajbec, Hércules e tantos outros Deuses Sóis e Heróis; até que todos eles não chegaram a ter outra significação melhor que a de símbolos fálicos.

Está escrito no *Zoar*:

(52) Adão-Jeová, Brahma e Marte são, em certo sentido, idênticos; todos são símbolos de *poderes geradores primitivos* ou iniciais, destinados à procriação humana. Adão é vermelho, como também Brahmá-Virâj e Marte (Deus e Planeta). A Água é o sangue da Terra; por isso, todos esses nomes têm relação com a Terra e a Água. "Precisa-se de *terra e água* para criar uma alma humana", diz Moisés. Marte é idêntico a *Karttikeya*, Deus da Guerra (em certo sentido), o Deus que nasceu do Suor de Shiva, Shiva-guarmaja, e da Terra. No Mahâbhârata, *Karttikeya* aparece como nascido sem a intervenção de mulher. Também é chamado Lohita, o Vermelho, como Adão e os outros "primeiros homens". Por conseguinte, tem toda a razão o autor de *Source of Measures* quando acredita que Marte (e todos os demais Deuses com atributos semelhantes), "*como deus da guerra e do derramamento de sangue*", era só uma idéia secundária derivada da idéia primitiva da efusão de sangue na primeira concepção". E eis aí que Jeová se converteu depois em um Deus guerreiro, "Senhor dos Exércitos", aquele que dirigia a guerra. É o agressivo Zodh ou Caím (por permutação), que matou o irmão (feminino), cujo "sangue clama desde a Terra", a Terra que abriu a boca para receber o sangue. (*Gênesis* IV, 10, 11.)

(53) Apolo Karneios é certamente uma transformação grega do Krishna-Karma indiano. Karne quer dizer "radiante", e Karneios, que era um dos títulos de Apolo, assim entre os celtas como entre os gregos, significava "nascido do Sol".

"O homem foi criado pelos Sephiroth (Elohim-Javeh também), que engendraram pelo poder comum o Adão terrestre."

Por isso, no *Gênesis* dizem os Elohim: "Eis que o homem se tornou como um de nós"⁵⁴. Mas, na Cosmogonia hindu ou "Criação", Brahmâ-Prajâpati cria Virâj e os Rishis, espiritualmente, sendo estes últimos chamados especificamente "os Filhos nascidos da mente de Brahmâ"; e a maneira assim expressa de *engendrar* exclui toda idéia de Feticismo, pelo menos entre as raças humanas primitivas. O exemplo denuncia claramente o respectivo grau de espiritualidade dos dois povos.

3. Disse o Senhor da Face Resplandecente: "Eu te enviarei um Fogo quando o teu trabalho estiver começado. Eleva a tua voz a outros Lokas; assiste o teu Pai, o Senhor do Lótus⁵⁵ (a), na procura de seus Filhos... Tua Gente estará sob o comando dos Pais⁵⁶. Teus Homens serão mortais. Os Homens do Senhor da Sabedoria⁵⁷, não os Filhos de Soma⁵⁸, são imortais. Cessa as tuas queixas (b). Tuas Sete Peles ainda estão sobre Ti... Tu não estás preparada. Teus Homens não estão preparados." (c).

(a) Kumunda-Pati é a Lua, a mãe da Terra, em sua região de Soma-Loka. Embora os Pitris, ou Pais, sejam Filhos dos Deuses, e também Filhos de Brahma e até Rishis, são eles geralmente conhecidos como os Antepassados Lunares.

(b) Pitri-Pati é o Senhor ou Rei dos Pitris, Yama, Deus da Morte e Juiz dos Mortais. Os homens de Budha (Mercúrio) são metaforicamente "imortais", por sua Sabedoria. Tal é a crença comum dos que sustentam a opinião de que todas as estrelas e planetas são habitados; e há homens de ciência, C. Flammarion entre outros, que o acreditam firmemente, apoiando-se tanto em argumentos lógicos como em dados astronômicos. Sendo a Lua um corpo inferior, mesmo em relação à Terra, sem falar de outros planetas, os homens terrestres produzidos por seus Filhos (os Homens Lunares ou antepassados), com a matéria de seus corpos ou envoltórios, não podem ser imortais. E não podem chegar a ser homens verdadeiros, inteligentes e conscientes, sem que sejam "acabados", digamos assim, por outros criadores. Assim, na lenda Purânica, o filho da Lua (Soma) é Budha (Mercúrio), o inteligente e o sábio, porque pertence à linhagem de Soma, o Regente da Lua (in) visível, não de Indo, a Lua física. Mercúrio é, portanto, irmão mais velho da Terra — seu meio-irmão, por assim dizer,

(54) *Gênesis* III, 22, Douag: "Eis que Adão se tornou como um de nós." A Versão Autorizada reza: "Eis que o homem se tornou como um de nós" (III, 22).

(55) Kumunda-Pati Kumuda = o lótus branco, que dizem abrir-se ao despontar a Lua; Pati = Senhor.

(56) Pitri-Pati.

(57) Budha, Mercúrio.

(58) A Lua.

da linhagem do Espírito, porque a Terra pertence à do Corpo. Estas alegorias revestem um sentido mais profundo e científico, astronômica e geologicamente, do que o admitido pelos nossos físicos modernos. Todo o ciclo da primeira "Guerra no Céu", a Târakâmaya, tão referido está de verdades filosóficas quanto de verdades cosmogênicas e astronômicas. Ali, pela história dos Deuses e dos Reis, pode-se encontrar a biografia de todos os planetas. Ushanas (Shukra ou Vênus), o amigo íntimo de Soma e inimigo de Brihaspati (Júpiter), que era o "Instrutor dos Deuses" e cuja esposa fora raptada pela Lua (Soma) — "de quem ela teve Budha" —, tomou igualmente parte ativa nessa guerra contra os "Deuses", sendo então rebaixado à categoria de Divindade-Demônio (Asura), e assim permanecendo até hoje⁵⁹.

Aqui a palavra "homem" se refere aos homens Celestes, ou aqueles que na Índia são chamados Pitaras ou Pitris, os Pais, os Progenitores dos homens. Isso não resolve a aparente dificuldade apresentada, em face das hipóteses modernas, pelo ensinamento que nos mostra esses Progenitores ou Antepassados criando os primeiros Adões humanos, de suas costelas, como sombras astrais. E, ainda que a situação seja algo melhor do que no caso da costela de Adão, não deixa de haver dificuldades geológicas e climáticas. Não obstante, tal é o ensinamento do Ocultismo.

(c) Em cada raça o organismo do homem adaptou-se ao meio ambiente. A primeira Raça-Raiz foi tão etérea quanto a nossa é material. A pro gênie dos Sete Criadores que desenvolveram os Sete Adões Primordiais⁶⁰, não necessitava, seguramente, de gases purificados para respirar e viver. Assim, por mais que os devotos da Ciência moderna proclamem a impossí-

(59) Ushanas-Shukra, ou Vênus, é sem dúvida o nosso Lúcifer, a Estrela da Manhã. Esta alegoria, em suas múltiplas significações, se destaca pelo seu cunho verdadeiramente engenhoso. Assim, Brihaspati (o planeta Júpiter), ou Brahmanaspati, é, no *Rig Veda*, uma divindade símbolo e protótipo do culto *exotérico* e ritualista. É o sacerdote, o sacrificador, o suplicante e o canal por onde as orações dos mortais vão até os Deuses. É o Purohita (o Sacerdote de Família ou Capelão) do Olimpo Hindu e o Guru espiritual dos Deuses. Soma é o Deus do Mistério, que preside à natureza mística e oculta do homem e do Universo. Tarâ, a esposa do sacerdote, que simboliza o adorador, prefere as verdades *Esotéricas* ao seu invólucro exterior, o *exoterismo*; e é por isso que a figuram como raptada por Soma. Ora, Soma é o suco sagrado a que se dá esse mesmo nome, e que propícia visões místicas e revelações em estado de êxtase; e o *resultado daquela união* é Budha (Sabedoria), Mercúrio, Hermes, etc. — numa palavra, essa ciência que ainda em nossos dias é proclamada diabólica e satânica pelos Brihaspatis da Teologia. Não é, pois, de admirar que vejamos a Teologia Cristã ampliar o círculo desta alegoria, para tomar o partido dos Deuses hindus e considerar Ushanas (Lúcifer) — que ajudou Soma contra essa antiga personificação do culto ritualista (Brahmanaspati, o Senhor dos brâmanes, agora convertido em Júpiter-Jeová) — como Satã, o "Inimigo de Deus".

(60) Como demonstramos em outra parte, o Homem Celeste, Adão-Kadmon, do primeiro capítulo do *Gênesis*, é o que foi criado à *imagem e semelhança de Deus* ("E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", I, 26). O Adão do segundo capítulo não aparece como tendo sido criado segundo aquela *imagem e semelhança* divina, antes de haver comido o fruto proibido. O primeiro Adão é a Legião de Sephiroth; o segundo Adão é a Primeira Raça-Raiz humana sem o entendimento; o terceiro Adão é a Raça que se separou e cujos olhos foram abertos.

bilidade desta doutrina, sustentam os Ocultistas que tal aconteceu *evos e evos* antes da evolução dos Lemurianos, os primeiros homens físicos, ocorrida há uns 18.000.000 de anos.

A Escritura Arcaica ensina que, no início de cada Kalpa local, ou Ronda, a Terra volta a nascer; e um dos *Livros de Dzryan* e seus Comentários descrevem a evolução preliminar da seguinte forma:

“Assim como o Jiva humano [a Mônada], ao passar a uma nova matriz, retoma outro corpo, assim também sucede com o Jiva da Terra; em cada Ronda ele se reveste de um invólucro mais perfeito e mais sólido, ao surgir uma vez mais da matriz do espaço para a objetividade.”

Semelhante processo é, naturalmente, acompanhado pelas dores do novo nascimento, isto é, as convulsões geológicas.

A única referência a este ponto é a que se encontra em um versículo do exemplar do *Livro de Dzryan* que temos à vista, onde se lê:

4. Depois de grandes sofrimentos, libertou-se ela⁶¹ de suas Três Peles velhas, vestiu as Sete Peles novas, e permaneceu com a Primeira.

Trata-se do crescimento e progresso da Terra, pois diz o Comentário da Estância que se refere à Primeira Ronda:

*“Depois que a Natureza invariável [Avikâra] e imutável (a Essência Sadaikarûpa) despertou e se modificou [diferenciou] em [um estado de] causalidade [Avyakta], e que de causa [Kârana] se converteu em seu próprio efeito distinto [Vyakta], passou ela de invisível a visível. O menor dos menores [o mais atômico dos átomos ou aniyânsan aniyasâm] converteu-se em um dos muitos [Ekânekarûpa]; e, produzindo o Universo, produziu também o quarto Loka [nossa Terra] na guirlanda dos sete lótus. O Achyuta converteu-se então no Chyuta.”*⁶²

Diz-se que a Terra se libertou de “suas três Peles velhas”, referindo-se isto às três Rondas precedentes, pelas quais já havia passado; sendo a atual a quarta Ronda das sete. No começo de cada Ronda nova, após um período de “obscurcimento”, a Terra (como também sucede às seis outras “Terras”) se desfaz — ou assim se supõe — de suas velhas Peles, tal como a serpente; e por isso é chamada, no *Aitareya Bryhmana*, Sarpa-Râjñi, a “Rainha das Serpentes” e a “mãe de tudo o que se move”. As “Sete Peles”, com a primeira das quais permanece atualmente, se refere às sete mudanças geológicas que acompanham a evolução das Sete Raças-Raízes da Humanidade e lhes correspondem.

(61) A Terra.

(62) Achyuta é um termo quase intraduzível. Significa o que não está sujeito a cair ou a tornar-se pior: o que não pode falhar. É o contrário de Chyuta, o Decaído. Os Dhyânis que se encarnam nas formas humanas da Terceira Raça-Raiz, dotando-as de inteligência (Manas), são chamados Chyutas, porque caíram na geração.

A Estância II, que fala desta Ronda, principia com algumas palavras de informação a respeito da idade de nossa Terra. A cronologia será exposta oportunamente.

No Comentário acrescentado à Estância há referência a dois personagens, Nârada e Asuramaya, especialmente o último. A esta celebridade arcaica se atribuem todos os cálculos; nas linhas que se seguem daremos ao leitor uma noção sucinta sobre os dois.

DOIS ASTRÔNOMOS ANTEDILUVIANOS: NÂRADA E ASURAMAYA

Ante a mente do estudante oriental de Ocultismo, duas figuras se acham indissoluvelmente associadas com a Astronomia mística, a Cronologia e seus ciclos. Duas grandes e misteriosas figuras, que se elevam quais gigantes do Passado Arcaico e dele exsurgem sempre que nos temos de ocupar de Yugas e Kalpas. Quando, em época da pré-história viveram, ninguém o sabe nem o poderá saber jamais com aquela certeza requerida por uma cronologia exata — à exceção de alguns poucos homens neste mundo. Pode ter sido há cem mil anos ou há um milhão de anos; nunca o saberá o mundo exterior. O Ocidente místico e a Franco-maçonaria falam muito de Enoch e de Hermes; o Oriente místico fala de Nârada, o antigo Rishi védico, e de Asuramaya, o Atlante.

Já se observou que, de todos os caracteres incompreensíveis do *Mahâ-bharata* e dos *Purânas*, Nârada, o filho de Brahma no *Matska Purâna*, o descendente de Kashyapa⁶³ e a filha de Daksha no *Vishnu Purâna*, é o mais misterioso. Parâshara lhe confere o título honorífico de Deva-Rishi (mais propriamente Rishi Divino que Semideus), e no entanto ele é amaldiçoado por Daksha e até por Brahma. Anuncia a Kansha que Bhagavan, ou Vishnu no exoterismo, encarnará no oitavo filho de Devaki, e com isso atrai a ira do Herodes indiano sobre a mãe de Krishna; e depois, do alto da nuvem em que está sentado — invisível como um verdadeiro Manasa-putra — louva a Krishna, e regozija-se com o grande feito do Avatar que acaba de matar o monstro Keshin. Nârada está aqui, ali e em toda parte, mas nenhum dos *Purânas* dá as reais características desse grande inimigo da procriação física. Sejam elas quais forem no esoterismo hindu, Nârada (que o Ocultismo de aquém-Himalaia chama de *Pesh-Hun*, o "Mensageiro" ou o Ângelos grego) e o confidente único de Carma e de Adi-Budha, e o executor de seus decretos universais. É uma espécie de Logos ativo, que encarna constantemente, que conduz e dirige os negócios humanos desde o começo até o fim do Kalpa.

Pesh-Hun não é uma propriedade hindu especial, mas de caráter geral. É o inteligente e misterioso poder diretor, que dá impulso aos Ciclos,

(63) Também Kâshyapa como patronímico.

Kalpas e acontecimentos universais, e lhes regula os movimentos⁶⁴. É o ajustador visível do Carma em uma escala geral, o inspirador e guia dos maiores heróis deste Manvantara. Nos livros exotéricos há referência a ele sob nomes bem pouco lisonjeiros, tais como: Kalikâraka, *promotor de discórdias*, Kapi-vaktra, *Cara de Macaco*, e até mesmo Pishuna, o *Espião*, se bem que em outra parte seja chamado Deva-Brahma. Ao próprio Sir William Jones causou forte impressão este personagem misterioso, pelo que coligiu em seus estudos sânscritos. Ele o compara a Hermes e Mercúrio, e o chama de “mensageiro eloqüente dos Deuses”⁶⁵. Tudo isso, sem falar que os hindus o consideram um grande Rishi, “que ainda constantemente pelo mundo, dando bons conselhos”, induziu o Dr. Kenealy⁶⁶ a ver nele um dos doze Messias. Talvez não estivesse tão longe da verdade como alguns imaginam.

O que Nârada realmente é não se pode explicar em um livro. Por outro lado, as gerações modernas de profanos não teriam grande coisa a lucrar se o disséssemos. Podemos, não obstante, observar que, se há no Panteão hindu uma Divindade que se pareça com Jeová — no tentar aqueles de quem quer fazer seus instrumentos e suas vítimas, “sugerindo-lhes” pensamentos e “endurecendo-lhes” os corações — essa é Nârada. Com a diferença de que este último não é movido pelo desejo de ter um pretexto para “mandar pragas” e assim poder demonstrar: “*Eu sou o Senhor teu Deus.*” Nem tampouco por qualquer motivo egoísta ou de ambição: em verdade, assim procede para servir e guiar o progresso e a evolução universal.

Com exceção de alguns Deuses dos *Purânas*, Nârada é uma das raras figuras preeminentes que visitam as chamadas regiões inferiores ou infernais, Pâtâla. Seja ou não verdade que Nârada aprendesse tudo o que sabia em razão de suas relações com o Shesha de mil cabeças, a Serpente que leva os Sete Pâtâlas e o mundo inteiro, como um diadema, sobre as suas cabeças, e que era o grande mestre de Astronomia⁶⁷, o certo é que ele supera o Guru de Garga em seus conhecimentos das complicações cíclicas. A ele foi confiado o nosso progresso, assim como a nossa felicidade ou infelicidade nacional. É quem provoca as guerras, e quem lhes põe termo. Nas antigas Estâncias, atribui-se a Pesh-Hun haver calculado e registrado todos os Ciclos astronômicos e cósmicos futuros, e ensinado a Ciência aos primeiros que contemplaram a abóbada estrelada; também se diz que Asu-

(64) Talvez seja por esse motivo que se diz no *Bhagavad Gîtâ* que Brahma havia feito saber a Nârada, desde o princípio, que todos os homens, sem exceção, até mesmo os Mlechhas, os párias e os bárbaros, podiam conhecer a verdadeira natureza de Vâsudeva, e aprender a ter fé nesta Divindade.

(65) Veja-se: *Asiatic Researches*, I, 265.

(66) *Book of God*, 60.

(67) Shesha, que é também Ananta, o infinito, e o “Céu da Eternidade” no Esoterismo, acredita-se que ensinou sua ciência astronômica a Garga, o astrônomo mais antigo da Índia, o qual obteve o seu favor e passou a saber tudo o que diz respeito aos Planetas, bem como o modo de ler presságios.

ramaya⁶⁸ baseou todas as suas obras astronômicas nesses anais, e que determinou a duração de todos os períodos geológicos e cósmicos do passado, e a duração de todos os Ciclos futuros, até o fim do presente Ciclo de Vida, ou o fim da Sétima Raça.

Entre os Livros Secretos há uma obra chamada *O Espelho do Futuro*, onde se acham registrados todos os Kalpas dentro dos Kalpas e todos os Ciclos no seio de Shesha, ou o tempo infinito. Essa obra é atribuída a Pesh-Hun-Nârada. Há outro livro antigo, que se atribui a vários Atlantes. Os dois registros nos ministram as cifras de nossos Ciclos e a possibilidade de se calcular a data dos Ciclos futuros. Contudo, os cálculos cronológicos que ora vamos apresentar são os dos brâmanes, como será explicado mais adiante; a maioria deles, porém, são também os da Doutrina Secreta.

A cronologia e os cálculos dos brâmanes iniciados estão calcados nas observações zodiacais da Índia e nas obras do mencionado Astrônomo e Mago Asuramaya. Os anais zodiacais atlantes não podem estar errados, porquanto foram compilados sob a direção daqueles que primeiro ensinaram, entre outras coisas, a Astronomia à humanidade.

Sem embargo, ainda neste ponto enfrentamos, deliberada e conscientemente, uma nova dificuldade. Dirão que o nosso asserto é contrariado pela Ciência, na pessoa de um homem considerado como grande autoridade (no Ocidente) em todos os assuntos de literatura sânscrita: o Professor Albrecht Weber, de Berlim. Sentimos não poder evitá-lo; mas estamos prontos a sustentar o que agora declaramos. Asuramaya, que a tradição épica assinala como o mais antigo astrônomo de Aryavarta, aquele a quem o "Deus-Sol" comunicou o conhecimento das estrelas", *in propria persona*, como diz o mesmo Dr. Weber, é por este identificado, de maneira algo misteriosa, com o "Ptolomeu" dos gregos. Mas não se apresenta outra razão mais valiosa para esta identificação, a não ser a de que:

"Este último nome (Ptolomaio), conforme vemos na inscrição de Piyadasi, converteu-se no 'Turamaya' indiano, nome do qual poderia ter se derivado facilmente o de 'Asura-Maya'." ⁶⁹

Não há dúvida que "poderia" ter se derivado; mas a questão vital é esta: Há razões sérias que provem que se *derivou*? A única prova oferecida é que assim *deve* ser.

"Porque... este Maya é claramente atribuído a Romaka-pura no Ocidente." ⁷⁰

A Mâyâ é evidente, pois que nenhum sanscritista europeu pode dizer onde estava essa localidade de Romaka-pura, exceto, apenas, que ficava em alguma parte "no Ocidente". De qualquer modo, e visto que nenhum membro da Real Sociedade e nenhum orientalista ocidental darão jamais ouvidos aos ensinamentos bramânicos, é inútil levar em conta as objeções

(68) Ou Asura Maya.

(69) Ver "Notas Adicionais".

(70) Veja-se *The History of Indian Literature*, página 263, do Professor A. Weber, nas Séries Orientais de Trubner.

dos orientalistas europeus. Romaka-pura estava "no Ocidente", é certo, pois fazia parte integrante do contingente perdido da Atlântida. E é igualmente verdade que nos *Purânas* hindus se menciona que a Atlântida foi o lugar em que nasceu Asuramaya, "tão eminente como Mago quanto como Astrólogo e Astrônomo". Demais, nega-se o Prof. Weber a reconhecer grande antiguidade ao Zodíaco hindu, e mostra-se propenso a crer que nada sabiam os hindus a esse respeito, só vindo a ter conhecimento do Zodíaco depois que

"eles o importaram dos gregos." 71

Tal afirmação contradiz as mais antigas tradições da Índia, sendo, portanto, destituída de fundamento 72. E tanto mais se justifica que não a tomemos em consideração quando é o próprio professor que nos informa, na introdução de sua obra, de que,

"... além dos percalços naturais que se opõem à investigação [na Índia], ainda existe ali uma densa nuvem de preconceitos que paira sobre o país e o encobre com um véu" 73.

Envolvido por esse véu, não é de admirar que o Dr. Weber tenha sido mesmo induzido a cometer alguns erros involuntários. Esperamos que agora ele se ache mais bem informado.

Ora, quer se deva considerar Asuramaya como um mito moderno ou como um personagem que teria florescido na época dos gregos da Macedônia, quer seja o que os Ocultistas afirmam, em todo caso os seus cálculos coincidem inteiramente com os dos *Anais Secretos*.

Graças aos fragmentos de obras imensamente antigas, atribuídas ao astrônomo atlante, e encontrados no sul da Índia, puderam dois sábios brâmanes 74 reconstituir, em 1884 e 1885, o calendário a que em outra parte aludimos, trabalho esse que foi declarado perfeito pelos melhores Pandits (do ponto de vista bramânico) e se refere à cronologia dos ensinamentos ortodoxos. Se compararmos os seus dados com os que publicamos alguns anos atrás em *Ísis sem Véu*, com os ensinamentos fragmentários divulgados por alguns teósofos e com os informes que agora divulgamos dos livros *Secretos do Ocultismo*, veremos que o todo se harmoniza perfeitamente, salvo um ou outro pormenor que não pode ser explicado. Porque, para explicá-lo, teriam que ser revelados segredos de uma Iniciação superior (tão desconhecidos da autora como do leitor), o que *não é possível fazer*.

(71) Até os índios Maias da Guatemala tinham o seu Zodíaco, desde a mais remota antiguidade. E "o homem primitivo procedeu do mesmo modo, independentemente de tempo ou localidade", observa um escritor francês.

(72) Veja-se o volume II, Seção XVI, "O Zodíaco e sua antiguidade".

(73) *Ibid.*

(74) O *Tirukkanda Panchanga*, para o ano Kali Yuga 4986, por Chintamany Raghavaracharya, filho do famoso astrônomo do Govetto, de Madrasta, e Tartakamala Venikata Krishna Rao.

ESTÂNCIA II

SEM AJUDA, A NATUREZA FALHA

5. Depois de enormes períodos, a Terra cria monstros. 6. Os "Criadores" se desgostam. 7. Secam a Terra. 8. Destroem as formas. 9. As primeiras grandes marés. 10. O início da deformação da crosta.
5. A Roda girou por trinta "crores"¹ mais. Construiu Rúpas²; Pedras moles, que endureceram³; Pedras duras, que amoleceram⁴. O visível do invisível, os Insetos e as pequenas Vidas⁵. Ela⁶ os sacudia de seu dorso quando invadiam a Mãe (a)... Depois de trinta crores, ela se voltou por completo. Repousava sobre seu dorso, sobre suas costas... Não queria chamar os Filhos do Céu, não queria recorrer aos Filhos da Sabedoria. Ela criou de seu próprio Seio. Produziu Homens Aquáticos, terríveis e malvados (b).

(a) Esta parte se refere a uma inclinação do eixo (e houve várias) e ao conseqüente dilúvio e caos sobre a Terra (sem nenhuma relação com o Caos Primordial), quando foram criados monstros, meio-homens, meio-animais. O *Livro dos Mortos* o menciona, e também a versão caldéia da criação, que se vê nas Tábuas de Cuta, apesar de mutiladas.

Não é sequer uma alegoria. Aqui se trata de *fatos*, que se acham reproduzidos no relato do *Pimandro*, assim como nas tábuas caldéias da criação. Os versículos podem quase ser acompanhados na Cosmogonia que Berosse nos legou e que foi desfigurada por Eusébio, ao ponto de se tornar irreconhecível, mas cujos traços podem identificar-se nos fragmentos deixados por antigos autores gregos, como Apolódoro, Alexandre Polistor, e outros.

(1) De anos, 300 milhões de anos, ou Três Idades Ocultas. O *Rig Veda* contém a mesma divisão. No "Hino do México" (X, 97, I), está dito que "as plantas surgiram Três Idades (Triyugam) antes que os Deuses" em nossa Terra. (Veja-se a "Cronologia dos Brâmanes", no final desta Estância.)

(2) Formas.

(3) Minerais.

(4) Vegetais.

(5) Saristripa, svapada.

(6) A Terra.

Os “homens aquáticos, terríveis e malvados”, que foram o produto da Natureza Física somente, um resultado do “impulso evolucionário” e da primeira tentativa de criação do “homem”, coroamento, objetivo e finalidade de toda vida animal na Terra, são descritos em nossas Estâncias como um malogro. Não vemos isso mesmo na Cosmogonia de Berosse, denunciada de modo tão veemente como o supra-sumo do absurdo pagão? E, não obstante, quem, entre os evolucionistas, pode garantir que as coisas não se passaram, no início, tal como se descrevem? Rezam os *Purânas*, os fragmentos egípcios e caldeus, e mesmo a *Bíblia*, que houve duas “criações”, e até mais, antes da última formação do Globo, o qual, ao mudar de condições geológicas e atmosféricas, mudou também a sua flora, a sua fauna, os seus homens. Este asserto não só está de acordo com todas as Cosmogonias antigas, como também com a Ciência moderna, e ainda, até certo ponto, com a teoria da evolução, como se pode demonstrar em poucas palavras.

Nas primeiras Cosmogonias do mundo não há “Criação Obscura”, nem “Dragão Mau” vencido por um Deus-Sol. Ainda entre os Acádicos, o Grande Oceano — o Abismo aquoso, ou Espaço — era o lugar de nascimento e a mansão de Ea, a Sabedoria, a Divindade infinita e incognoscível. Mas, para os semitas e os últimos caldeus, o Oceano insondável da Sabedoria se converte na Matéria grosseira, na substância pecadora, sendo Ea transformada em Tiamat, o Dragão morto por Morodach ou Satã, no meio das ondas astrais.

Nos *Purânas* hindus, vê-se Brahmâ, o Criador, recomeçar *de novo* várias “Criações”, após outros tantos malogros; e ali se mencionam duas grandes Criações⁷, a Pâdma e a Vârâha, a atual, quando a Terra foi tirada da Água, por Brahmâ sob a forma de Javali, o Avatar Vârâha. A Criação é apresentada como um exercício recreativo, um divertimento (Lilâ) do Deus Criador. O *Zohar* fala de mundos primordiais que pereceram logo depois de virem à existência. E a mesma coisa se diz no *Midraish*, em que Rabi Abahu⁸ ensina claramente que o “Santíssimo” havia sucessivamente criado e destruído vários mundos antes de lograr êxito com o atual. Isso não somente se refere a outros Mundos no Espaço, como também envolve um mistério relacionado com o nosso próprio Globo e que se contém na alegoria dos “Reis de Edom”; pois as palavras “Eis que isto me agrada” estão repetidas no *Gênesis*⁹, embora em termos deturpados, como de costume.

Os fragmentos caldeus da Cosmogonia nas inscrições cuneiformes e em outras partes mostram duas criações distintas de animais e de homens, sendo que a primeira foi destruída por insatisfatória. As tábuas cosmogô-

(7) Estas duas não se devem confundir com as Sete Criações ou Divisões de cada Kalpa. Aqui quer significar a Criação *Primária* e a Criação *Secundária*. Veja-se a Seção XIII do Volume II, “As Sete Criações”.

(8) Em *Bereschith Rabba*, Parscha IX.

(9) I, 31.

nica provam que esta nossa atual criação foi precedida de outras¹⁰; e, conforme o demonstra o autor de *The Qabbalah*, também o afirma a Cabala, no *Zohar*, *Siphra Dtezioutha*, no *Jovah Rubba*, 128-a, etc.

(b) Oannes ou Dagon, o "Homem-Peixe" caldeu, divide a sua Cosmogonia e a sua Gênese em duas partes. Primeiramente, o abismo de águas e trevas, onde residiam os mais horrendos seres: homens alados, homens com duas ou quatro asas, seres humanos com duas cabeças, patas e chifres de bode — os nossos "homens-cabras"¹¹ — hipocentauros, touros com cabeça de homem e cães com cauda de peixe. Em suma, combinações de diversos animais e homens, de peixes, répteis e outros animais monstruosos, revestindo as formas e aspectos uns dos outros. O elemento feminino em que residiam é personificado por Thalath — o Mar ou a "Água" —, que finalmente foi vencido por Belus, o princípio masculino. Diz Polistor:

"Belus veio, e dividiu a mulher em duas partes: com uma metade formou a Terra, e com a outra o Céu; e ao mesmo tempo destruiu os animais nela existentes."¹²

Segundo observa com muita propriedade Isaac Myer:

"Para os acádios, cada objeto e cada poder da Natureza têm o seu respectivo Zi ou Espírito. Os acádios organizaram suas Divindades em tríades, geralmente de varões (ou antes, sem sexo?); e os semitas também tinham Divindade triádicas, mas introduziram o sexo."¹³

Ou o Falicismo. Para os ários e os primeiros acádios, todas as coisas são emanções *por meio de* e não *de* um Criador ou Logos. Para os semitas, tudo é *engendrado*.

6. Os Homens Aquáticos, terríveis e malvados, ela mesma os criou com os restos dos outros¹⁴. Formou-os com a escória, e o limo de sua

(10) Veja-se *Hibbert Lectures*, 1887, Sayce, página 390.

(11) De onde vem esta identidade de idéias? Os chineses possuem as mesmas tradições. Segundo o comentarista Kwoh P'oh, na obra intitulada *Shan-Hai-King*, "Maravilhas do Mar e da Terra", obra que foi escrita pelo historiador Chung Ku, e calcada nas gravuras existentes em nove urnas e feitas pelo Imperador Yu (2255 antes de Cristo), referência a uma entrevista com homens que *tinham duas caras distintas na cabeça*, uma na frente e outra atrás, monstros com corpo de cabra e cabeça humana, etc. Gould, em seu livro *Mythical Monsters* (pág. 27), ao declinar os nomes de alguns autores de História Natural, menciona o *Shan-Hai-King*: "Segundo o comentarista Kwoh P'oh (276-324 depois de Cristo), esta obra foi compilada 3.000 anos antes da época em que ele viveu, ou sete dinastias antes. Yang Sun, da dinastia Ming (que começou no ano 1368 d.C.), declara que a compilação se deve a Kung Chia e a Chung Ku (?), como acima dissemos. "Chung Ku... no tempo do último imperador da dinastia Hia (1818 a.C.), temendo que o Imperador destruísse os livros que tratavam das idades antigas, levou-os consigo para Yin."

(12) *Ancient Fragments*, de Cory, página 59.

(13) *Qabbalah*, página 246.

(14) Restos de minerais, vegetais e animais.

Primeira, Segunda e Terceira¹⁵. Os Dhyânis vieram e olharam... Os Dhyânis, procedentes do resplandecente Pai-Mãe¹⁶ vieram das Brancas Regiões¹⁷, das Mansões dos Mortais Imortais (a).

(a) As explicações contidas em nossas Estâncias são muito mais claras do que as que nos dariam as tábuas de Cuta (ainda que estivessem completas) em sua versão da criação. Contudo, o que delas resta serve de confirmação. Pois, segundo as tábuas, o "Senhor dos Anjos" destrói os homens do abismo, "não ficando nenhum esqueleto nem restos após o morticínio". Depois, os Grandes Deuses criaram homens com corpos de aves do deserto, seres humanos, "sete reis, irmãos da mesma família", etc. — o que se refere às faculdades locomotoras dos corpos etéreos primários dos homens, que tanto podiam voar como andar¹⁸, mas que foram "destruídos" porque não eram "perfeitos", isto é, "não tinham sexo, como os Reis de Edom".

Que dirá a Ciência dessa idéia de uma criação primordial das espécies, se expurgada de toda metáfora ou alegoria? Objetará que os "Anjos" e os "Espíritos" nada têm a ver com isso; mas, se a Natureza e a lei física da Evolução foram os criadores de tudo o que existe sobre a Terra, por que não poderia haver "abismos como aquele", quando o Globo se achava coberto pelas águas, e em cujo seio fossem geradas inúmeras criaturas monstruosas? São os "seres humanos" e os animais com cabeça de homem e duas caras que parecem absurdos? Se, porém, o homem não passa de um animal superior, e descende do bruto por uma série infinita de transformações, por que o "elo perdido" não poderia ter cabeça humana e corpo de animal, ou, tendo duas cabeças, por que estas não poderiam ser de animais ou *vice-versa*, no tempo daqueles primeiros esforços da Natureza? Não nos informam da existência, durante os períodos geológicos, na época dos répteis e dos mamíferos, de lagartos com asas de pássaro e cabeça de serpente em corpos de animal?¹⁹ E, argumentando do ponto de vista da Ciência, não vemos que até a nossa própria raça humana destes dias nos proporciona por vezes espécimes monstruosos: crianças de duas cabeças, corpos de animal com cabeça humana, crianças com cabeça de cão, etc.? Prova isso que, se a Natureza ainda se permite tais caprichos, depois de normalizada durante idades sem conta a sua marcha evolutiva, a existência de monstros como os descritos por Berosse era perfeitamente possível ao iniciar-se aquela obra; e que tal possibilidade, em certa época, talvez constituísse uma lei, antes que a Natureza houvesse feito uma opção entre as espécies por ela produzidas, e começado a reeditar de modo regular os tipos

(15) Rondas.

(16) Deuses e Espíritos Planetários, especialmente os Ribhus. Os "três Ribhus", que também se convertem nos "três vezes sete", número de seus dons.

(17) Solares-Lunares.

(18) Tenham-se presentes as "raças aladas" de Platão e as descrições do Popol-Vuh sobre a primeira raça humana, que podia andar, voar e perceber os objetos por mais distantes que estivessem.

(19) Veja-se *Mythical Monsters*, por Charles Gould.

escolhidos. E disso, realmente, temos agora uma prova definida nos fatos da chamada "Reversão" da Ciência.

Eis aí o que a Doutrina Secreta ensina, e o que demonstra com numerosas provas. Vamos, porém, continuar o nosso estudo das Estâncias, sem esperar a aprovação da Teologia dogmática, nem a da Ciência materialista. Que falem as Estâncias por si mesmas, com o auxílio da luz que sobre elas projetam os Comentários e suas explicações; o aspecto científico destas questões será examinado mais adiante.

Vemos que a Natureza falhou, quando abandonada a si mesma na criação do homem animal. Pode ela produzir os dois primeiros reinos, assim como o dos animais inferiores; mas, ao chegar a vez do homem, são necessários para sua criação poderes espirituais, independentes e inteligentes, além das "vestes de pele" e do "sopro de vida animal". As Mônadas humanas das Rondas anteriores requerem algo mais elevado que os materiais puramente físicos para construir suas personalidades, sob pena de ficarem situadas num grau ainda inferior ao de qualquer "Frankenstein" animal²⁰.

7. Eles ficaram descontentes. "Nossa Carne não está aí²¹. Não há Rûpas convenientes aos nossos Irmãos da Quinta. Não há Moradas para as Vidas²². Águas puras, e não turvas, devem eles beber (a). Seque-mo-las²³."

(20) No primeiro volume do livro *Introduction à l'Étude des Races Humaines*, do Sr. De Quatrefages, recentemente publicado, há provas de que, desde o período pós-terciário, e ainda antes desse tempo (pois que então já existiam muitas raças disseminadas pela face da Terra), o homem não variou um átomo em sua estrutura física. E se o homem esteve, durante séculos e séculos, rodeado por uma fauna que se modificava de um período ou ciclo a outro, uma fauna que desaparecia para renascer sob forma diferente, de tal modo que hoje não existe na Terra um só animal, grande ou pequeno, contemporâneo do homem daqueles tempos; se, pois, todos os animais se transformaram, exceto o homem, basta este fato para provar não só a antiguidade do homem, como ainda que ele constitui um *Reino distinto*. Por que só ele havia de escapar à transformação geral? Porque, diz Quatrefages, a arma que usava, na luta contra a Natureza, as condições geológicas e os elementos em constante mutação, era "a sua força psíquica, e não a sua força física nem o seu corpo", como sucede com os animais. Dai ao homem a mesma dose de inteligência e raciocínio de que são dotados os outros mamíferos, e ele, com o seu organismo físico atual, se converterá na criatura mais desamparada da Terra. E, como tudo tende a provar que o *organismo humano*, com todas as suas características, propriedades e idiosincrasias, já existia em nosso Globo naqueles remotíssimos períodos geológicos, quando ainda não havia um só exemplar das atuais formas de mamíferos, qual é a conclusão inevitável que se impõe? Esta: Já que todas as raças humanas pertencem a uma só espécie, segue-se que esta é a *mais antiga de todos os mamíferos* hoje existentes. E, portanto, a mais estável e persistente de todas as espécies, e já se achava tão completamente desenvolvida como hoje, enquanto todos os demais mamíferos atualmente conhecidos não haviam sequer mostrado os primeiros sinais de seu aparecimento na Terra. Tal é a opinião do grande naturalista francês, que assim desfez um golpe terrível no darwinismo.

(21) Disseram eles.

(22) As Mônadas das "apresentações" dos homens da Terceira Ronda, as enormes formas simiescas.

(23) As águas.

(a) Diz o *Catecismo* em relação aos Comentários:

Dos Mundos materiais descendem os que dão forma ao homem físico em cada novo Manvantara. São os Lhas [Espíritos] inferiores que possuem um duplo corpo [uma Forma Astral dentro de uma Forma Etérea]. São os construtores e criadores do nosso corpo de ilusão...

Dentro das formas projetadas pelos Lhas [os Pitris], as Duas Letras²⁴ [a Mônada, também chamada "O Duplo Dragão"] desceram das Esferas da Expectação²⁵.

O Homem necessita de Quatro Chamas e três Fogos para ser homem na Terra, e requer a essência dos quarenta e nove Fogos²⁶ para ser perfeito. Aqueles que deixaram as Esferas Superiores, os Deuses da Vontade²⁷, são os que completam o Manu da ilusão. Porque o "Dragão Duplo" não tem influência sobre a mera forma. É como a brisa onde não há árvores, nem ramos que a recebam e acolham. Não pode influir na forma quando não há agente transmissor [Manas, a "Mente"], e a forma o ignora.

Nos mundos mais elevados, os três constituem um²⁸; na Terra [no começo] o um se converte em dois. Estes são como as linhas (lados) de um triângulo que houvesse perdido sua base, a qual é o terceiro Fogo²⁹.

Mas, antes de passarmos adiante, algumas explicações se fazem necessárias. Para tanto, especialmente no interesse de nossos irmãos indo-arianos (cuja interpretação esotérica pode diferir da nossa), cumpre-nos esclarecer, à luz de seus próprios livros exotéricos (sobretudo os *Purânas*), o sentido das palavras que acabamos de citar. Nas alegorias purânicas, Brahmâ, que é coletivamente a Força Criadora do Universo, está assim descrito:

"No início dos Yugas [Ciclos]..., tomado do desejo e do poder de criar, e impellido pela força do que tem de ser criado, ele produz, e o repete, ao começar um Kalpa, uma criação similar."³⁰

(24) No Sistema Esotérico, os sete "princípios" do homem são representados por sete letras. As duas primeiras são mais sagradas que as quatro letras do Tetragramaton.

(25) As Esferas intermediárias, onde as Mônadas que não alcançaram o Nirvana se diz que dormitam em inconsciente inatividade, no intervalo dos Manvantaras.

(26) Explicados em outra parte. Os Três Fogos, Pavâka, Pavamâna e Shuchi, que tiveram quarenta e cinco Filhos, os quais, com os seus três Pais e o seu Pai Agni, constituem os quarenta e nove Fogos. Pavamâna, o Fogo produzido pelo atrito, é o pai do Fogo dos Asuras; Shuchi, o Fogo Solar, é o Pai do Fogo dos Deuses; e Pavâka, o Fogo Elétrico, é o Pai do Fogo dos Pitris (veja-se o *Vâyû Purâna*). Mas esta é uma explicação no plano material e terrestre. As Chamas são passageiras e apenas periódicas; os Fogos são eternos em sua unidade tríplice. Correspondem aos quatro "princípios" humanos inferiores e aos três superiores.

(27) Os Suras, que mais tarde se converteram em A-suras.

(28) Atmâ, Buddhi e Manas. No Devachan é necessário o elemento superior do Manas para constituir um estado de consciência e percepção da Mônada desencarnada

(29) *Catecismo*, Livro III, Sec. 9.

(30) Veja-se *Vishnu Purâna*, livro I, capítulo V, "sloka" final. Versão do texto por Fitzedward Hall, na tradução de Wilson, I, 88. Também *Mânaya-Dharma Shâstra*, I, página 80.

Propomo-nos agora examinar a versão exotérica do *Vishnu Purâna*, e ver até que ponto se harmoniza com a nossa versão Oculta.

A CRIAÇÃO DE SERES DIVINOS NAS VERSÕES EXOTÉRICAS

No *Vishnu Purâna*, que é por certo a mais antiga de todas as escrituras conhecidas sob o nome de *Purânas*, vemos, tal como nas demais, que Brahma, em seu caráter de Deus masculino, assume, para fins criadores, “quatro Corpos investidos de três qualidades”³¹. Ali se lê:

“Desta maneira, ó Maitreya, Jyotsnâ (a aurora), Râtira (a noite), Ahan (o dia) e Sandhyâ (a tarde) [crepúsculo] são os quatro corpos de Brahmâ.”³²

Conforme explica Parâshara, quando Brahmâ deseja criar novamente o mundo e formar progênie pela força de sua vontade, no quádruplo estado ou nas quatro Ordens de Seres, chamados Deuses (Dhyân-Chohans), Demônios³³ (isto é, Devas mais materiais), Progenitores (Pitris) e Homens, “ele concentra (como no Ioga) a mente em si mesmo” (Yuyuje)³⁴.

É estranho, mas principia por criar os Demônios, que assim precedem os Anjos ou os Deuses. Isso não é uma incongruência nem o fruto de concepções inconsistentes; antes, encerra, como tudo o mais, um profundo sentido esotérico, perfeitamente claro para todo aquele que esteja livre de preconceitos teológicos cristãos. Quem tiver presente que na raiz da Consciência do *Eu* se acha o princípio Mahat, ou o Intelecto, a “Mente Universal” (literalmente, a “Grande Mente”), explicada pela Filosofia Esotérica como a “Onisciência Manifestada” — o primeiro produto de Pradhâna, a Matéria Primordial, conforme diz o *Vishnu Purâna*, mas o primeiro Aspecto Cósmico de Parabrahman, ou do SAT esotérico, a Alma Universal³⁵, segundo ensina o Ocultismo — compreenderá o porquê. Os chamados Demônios (que esotericamente são o Princípio intelectual ativo e afirmador do *Eu*) representam o *pólo positivo da criação*, digamos assim; e por isso são criados em primeiro lugar. Eis em resumo o processo, tal como o descrevem alegoricamente os *Puranas*:

(31) Isto, no Esoterismo, tem relação direta com os sete “princípios” do Brahma manifestado, ou Universo, na mesma ordem que no Homem. Exotericamente, são apenas quatro “princípios”.

(32) Tradução de Wilson, I, 81.

(33) Demônio é um termo muito vago, pois se aplica a um grande número de Espíritos inferiores, isto é, mais materiais, ou Deuses menores, assim chamados porque “fazem a guerra” contra os superiores; mas não são diabos.

(34) “Concentrar a mente em si mesmo”, *Mano Samâdhate*, segundo o Comentário, é a função do Ioga (Yuyuje). *Vishnu Purâna*, Wilson, I, 4.

(35) A mesma ordem dos princípios no homem: Atmâ (Espírito); Buddhi (Alma), seu veículo (*Vahan*), como a Matéria o é do Espírito; e Manas (Mente), o terceiro, ou o quinto se considerado microscopicamente. No plano da personalidade, Manas é o primeiro.

Havendo Brahmâ concentrado a mente em si mesmo, e estando o corpo, que assumiu, impregnado da Qualidade das Trevas, criou, primeiramente os Asuras, que saíram de sua Coxa; e depois abandonou esse corpo, que foi então transformado na Noite³⁶.

O caso aqui envolve dois pontos importantes:

a) No Rig Veda, os Asuras aparecem, primitivamente, como *Seres Espirituais divinos*; e sua etimologia vem de *Asu*, sopro, o "Sopro de Deus"; sendo o seu significado idêntico ao do Espírito Supremo, ou o Ahura do masdeísmo. Só mais tarde, e para fins teológicos e dogmáticos, é que os representam como saindo da Coxa de Brahmâ, e que fazem derivar o seu nome do *a*, privativo, e de *Sura*, um Deus, passando a significar "não-Deus", e convertendo-se os Asuras em inimigos dos Deuses.

(b) Todas as Teogonias antigas, sem exceção — desde as dos ários e egípcios até a de Hesíodo —, situam a Noite antes do Dia na ordem da evolução cósmica; inclusive o *Gênesis*, em que "as trevas cobrem a face do abismo" antes do "primeiro dia". A razão é que todas as Cosmogonias (exceto na Doutrina Secreta) começam pela chamada "Criação Secundária", a saber, pelo Universo *Manifestado*, sendo que a gênese deste tem de começar por uma diferenciação marcante entre a Luz eterna da "Criação *Primária*" (cujo mistério deve para sempre permanecer envolto em "Trevas" para a inteligência e os conceitos finitos do investigador profano) e a Evolução Secundária da Natureza manifestada visível. O *Veda* contém toda a filosofia dessa divisão, mas os nossos orientalistas não a explicam, porque *já* *jamais a entenderam*.

Prosseguindo em sua criação, Brahmâ assume outra forma, a do Dia, e com o seu Sopro cria os Deuses dotados do Atributo da Bondade (Passividade)³⁷. No seu corpo seguinte prevaleceu o Atributo de grande Passividade, que é também Bondade (negativa); e dos flancos desse personagem saíram os Pitris, os Progenitores dos Homens; porque, segundo explica o texto, Brahmâ (durante esse processo) "pensava de si mesmo que era ele o pai do mundo"³⁸. Chama-se a isso *Kriyâshakti*, o poder misterioso do Ioga, explicado em outra parte. O corpo de Brahmâ, quando este o abandonou, converteu-se em Sandhyâ, o Crepúsculo da Tarde, o intervalo entre o Dia e a Noite.

Finalmente, Brahmâ assumiu sua última forma, impregnada pelo Atributo da Impureza.

(36) Veja-se o Vol. IV, Parte Segunda, Seção IV, "O Mito dos Anjos Caídos".

(37) Assim, esclarece o Comentário, a afirmação de que os Deuses são *mais poderosos de dia, e os Demônios durante a noite*, é puramente alegórica.

(38) Este "pensar de si mesmo" como sendo isto, aquilo ou outra coisa é o fator principal na produção de toda espécie de fenômenos psíquicos, e mesmo físicos. As palavras "se alguém disser a esta montanha: 'atira-te ao mar', e não duvidar... isso acontecerá" não são palavras vãs. Só que a palavra "fé" deveria ser substituída por VONTADE. A Fé sem Vontade é como um moínhó de vento *sem vento*: não dá resultados.

E desta forma foram produzidos os homens, nos quais predomina a impureza (paixão).

Esse corpo, ao ser abandonado, converteu-se na Aurora, ou Crepúsculo da Manhã, a Alvorada da Humanidade. Aqui Brahmâ representa, esotericamente os Pitris. É ele, coletivamente, o Pitâ, o "Pai".

Cumpre agora explicarmos o verdadeiro significado esotérico desta alegoria. Brahmâ simboliza aqui, pessoalmente, os Criadores Coletivos do Mundo e dos Homens, o Universo com todas as suas produções inumeráveis de coisas que se movem e de coisas (aparentemente) imóveis³⁹. Coletivamente, ele é os Prajapâtis, os Senhores do Ser; e os Quatro Corpos representam as Quatro Classes de Poderes Criadores, ou Dhyân-Chohans, que se descrevem no Comentário da "sloka" I, Estância VII, no volume I. Toda a filosofia da chamada "Criação" do bem e do mal neste Mundo, e de todo o Ciclo de seus resultados Manvantáricos, depende da exata compreensão desses Quatro Corpos de Brahmâ.

O leitor estará agora preparado para compreender a verdadeira significação esotérica do que se segue. Existe ainda um ponto importante que é preciso esclarecer. Ao decidir arbitrariamente que Satã e seus Anjos Caídos pertenciam à primeira Criação, e que Satã foi o primeiro Arcanjo a ser criado, e o mais sábio e mais formoso de todos eles, a Teologia cristã ditou a palavra de ordem. A partir de então, todas as Escrituras Pagãs foram consideradas como admitindo o mesmo significado, e apontadas como demoníacas; pretendeu-se, e ainda se pretende, que a verdade e os fatos pertencem ao Cristianismo, e que só com ele principiaram. Até os orientistas e os mitólogos, apesar de alguns não serem cristãos, mas "infieis", ou homens de ciência, entraram de modo inconsciente, e só pela força da associação de idéias e do hábito, nos trilhos teológicos.

Considerações puramente bramânicas, inspiradas na sede do poder e na ambição, fizeram com que as massas permanecessem na ignorância das grandes verdades; e essas mesmas causas induziram os iniciados entre os primeiros cristãos a guardar silêncio, enquanto que a ordem natural das coisas era deturpada pelos que jamais haviam conhecido a verdade e julgavam da Hierarquia dos "Anjos" por sua forma exotérica. Assim como os Asuras, nas crenças populares, se tinham convertido nos Deuses inferiores rebeldes em luta com os Deuses superiores, assim também o mais elevado dos Arcanjos, o Agathodæmon verdadeiramente, o mais antigo Logos benévolo, passou a ser, na teologia, o "Adversário", ou Satã. Estará isso, porém, confirmado pela interpretação fiel de alguma Escritura antiga? *Certamente que não.* Do mesmo modo que as Escrituras masdeístas do *Zend-Avesta*, o *Vendidad* e outras, acusam e retificam a artificiosa confusão que se fez em torno do Panteão hindu e seus Deuses, e por meio de Ahura repõem os Asuras em seu legítimo lugar na Teogonia, assim as recentes descobertas

(39) A mesma idéia se encontra nos quatro primeiros capítulos do *Gênesis*, com o seu "Senhor" e o seu "Deus", que são os Elohim e o Eloha Andrógino.

das tábuas caldéias vieram restabelecer o bom nome das primeiras Emanações divinas. Não é difícil a prova. A Angelologia cristã deriva direta e exclusivamente da dos fariseus, que trouxeram os seus dogmas da Babilônia. Os saduceus, que eram os verdadeiros guardiães das leis de Moisés, desconheciam os Anjos e até não admitiam a imortalidade da alma humana (não a do Espírito impessoal). Na *Bíblia*, os únicos Anjos que se mencionam são os "Filhos de Deus", no capítulo VI do *Gênesis* (hoje considerados como os Nephilim, os Anjos Caídos), e vários Anjos em forma humana, os "Mensageiros" do Deus judaico, cujo caráter requer uma análise mais minuciosa que a feita até agora. Como acima dissemos, os primeiros acádios chamavam Ea à Sabedoria, nome que foi posteriormente deturpado pelos caldeus e semitas, transformando-se em Tiamat e Tislat, e no Thalath de Berosse, o Dragão feminino do Mar, hoje Satã. Em verdade, "como decaíste tanto (por culpa do homem), ó Estrela resplandecente, Filha da Manhã!"

Que nos dizem as versões babilônias da "Criação", segundo se vêem nos fragmentos de ladrilhos assírios, essas mesmas versões em que se basearam os fariseus para construir sua Angelologia? Vejam-se as obras *Assyrian Discoveries*⁴⁰ e *Chaldean Account of Genesis*⁴¹, do Sr. George Smith. A Tábua com a história dos Sete Deuses ou Espíritos malignos contém a seguinte versão (sublinhamos as passagens mais importantes):

1. Nos primeiros dias os Deuses maus,
2. os anjos rebeldes que na parte inferior do céu
3. haviam sido criados,
4. realizaram sua obra maligna,
5. tramando com suas perversas cabeças... etc.

Mostra-se, portanto, com a maior clareza possível, em um fragmento que permaneceu intacto, e cuja leitura não dá margem a dúvidas, que os "Anjos Rebeldes" haviam sido criados na *parte inferior do céu*, isto é, que pertenciam e pertencem a *um plano material de evolução*, plano esse que, não sendo acessível aos nossos sentidos, permanece geralmente invisível para nós, sendo por isso considerado como subjetivo. Estariam, pois, os gnósticos assim tão equivocados quando afirmavam que este Mundo visível, inclusive e especialmente a Terra, foi criado por Anjos *Inferiores*, os Elohim inferiores, um dos quais era o Deus de Israel, segundo eles ensinavam? Esses gnósticos se encontravam, no tempo, mais próximos dos anais da Doutrina Secreta Arcaica, e é de admitir, portanto, que conheciam o seu conteúdo melhor do que os cristãos não-iniciados, que empreenderam, centenas de anos mais tarde, a tarefa de reformular e *corrigir* o que fora dito. Vejamos, porém, o que adiante declara a mesma Tábua:

7. Eram em número de sete (os deuses maus).

(40) Página 398.

(41) Página 107.

Em seguida vem a descrição deles, sendo que o quarto era uma “serpente”, o símbolo fálico da Quarta Raça na evolução humana.

15. Os sete eram mensageiros do Deus Anu, seu rei.

Ora, Anu faz parte da Trindade caldéia e, em um de seus aspectos, é idêntico a “Sin”, a Lua. E a Lua, na Cabala hebraica, é o Argha da semente de toda vida material, estando ainda mais estreitamente ligada, do ponto de vista cabalístico, a Jeová, que tem duplo sexo, como Anu. Em Esoterismo, ambos são representados e estudados como de aspecto dual: masculino ou espiritual, e feminino ou material; ou Espírito e Matéria, os dois princípios antagônicos. Eis por que se diz, nas linhas 28 a 41, que os “Mensageiros de Anu”, que é Sin, a “Lua”, foram finalmente derrotados pelo mesmo Sin, com a ajuda de Bel, o Sol, e de Ishtar, Vênus. Os assiriólogos vêem nisso uma contradição, quando é simplesmente *metafísica* dos ensinamentos esotéricos.

Existe mais de uma interpretação, porque há sete chaves para o mistério da “Queda”. Demais, há duas “Quedas” na Teologia: a da rebelião dos Arcanjos e a “Queda” de Adão e Eva. Assim, tanto as Hierarquias superiores como as inferiores são acusadas de um suposto crime. A palavra “suposto” é o termo verdadeiro e correto, porquanto em ambos os casos a acusação está baseada em um conceito errôneo. Em Ocultismo, ambas as “Quedas” são consideradas como efeitos cármicos, e ambas se incluem na Lei da Evolução: intelectual e espiritual, de um lado; física e psíquica, de outro. A “Queda” é uma alegoria universal. Representa, em um extremo da escala da Evolução, a “rebelião”, isto é, a ação da inteligência que se diferencia, ou a consciência em seus diversos planos, buscando a união com a matéria; e no outro, o extremo inferior, a rebelião da Matéria contra o Espírito, ou da ação contra a inércia espiritual. E aqui se encontra o germe de um erro que produziu tão desastrosas conseqüências na mentalidade das sociedades civilizadas, durante 1.800 anos. Na alegoria original, era a Matéria (e portanto os Anjos mais materiais) que triunfava sobre o Espírito (ou sobre os Arcanjos que “caíram” neste plano).

“Eles, os *das espadas flamejantes* [ou das paixões animais] puseram em fuga os Espíritos das Trevas.”

Foram, contudo, estes últimos que lutaram pela supremacia da espiritualidade consciente e divina na Terra, sendo vencidos e sucumbindo ante o poder da Matéria. Mas no dogma teológico o que vemos é o contrário disso. Miguel, “aquele que é semelhante a Deus” e representante de Jeová, e que é o Chefe da Legião Celeste — assim como Lúcifer o é da Legião Infernal, na imaginação de Milton —, foi quem saiu vencedor na luta contra Satã. É verdade que a natureza de Miguel depende da de seu Criador e Senhor. Quanto ao que seja este último, pode-se averiguá-lo estudando atentamente a alegoria da “Guerra no Céu” com a chave astronômica. Conforme Bentley demonstrou, a “Guerra dos Titãs contra os Deuses”, em Hesíodo, e também a Guerra dos Asuras contra os Devas, ou Târâka-

maya, são idênticas em tudo, exceto nos nomes. O aspecto das estrelas (Bentley toma o ano 945 antes de Cristo como a data mais próxima para semelhante conjuntura) mostra que

"Todos os planetas, menos Saturno, estavam no mesmo lado do céu que o Sol e a Lua."

E, portanto, eram seus oponentes. Não obstante, é Saturno, ou o "Deus-Lua" judeu, que tanto Hesíodo como Moisés apresentam como vencedor; mas nenhum dos dois foi compreendido. E eis aí como foi deturpado o verdadeiro significado.

ESTÂNCIA II (Continuação)

8. As Chamas vieram. Os Fogos com as Centelhas; os Fogos da Noite e os Fogos do Dia (a). Eles secaram as Águas turvas e escuras. Com o seu calor eles as esgotaram. Os Lhas⁴² do Alto e os Lhamayin⁴³ do Abaixo vieram (b). Destruíram as Formas de duas e de quatro faces. Lutaram com os Homens-Cabras, os Homens de Cabeça de Cão e os Homens com Corpo de Peixe.

(a) As "Chamas" são uma Hierarquia de Espíritos paralela, senão idêntica, aos "ardentes" Saraph (Serafins) mencionados por Isaias⁴⁴, aqueles que, segundo a Teogonia hebraica, acompanham o "Trono do Todo-poderoso". Melha é o Senhor das "Chamas". Quando aparece na Terra, assume a personalidade de um Buddha, reza uma lenda popular. É um dos Lhas mais antigos e venerados, um São Miguel budista.

(b) Não deve ser dado à palavra "Abaixo" o sentido de Regiões Infernais, mas apenas um sentido espiritual, ou melhor, etéreo: refere-se a Seres de grau inferior, por estarem mais próximos da Terra, ou de um grau mais elevado que a nossa esfera terrestre; ao passo que os Lhas são Espíritos das Esferas mais altas — e daí provém o nome da capital do Tibete, Lha-ssa.

Além de um enunciado de natureza puramente física e inerente à evolução da vida sobre a Terra, outro sentido alegórico pode ser associado a este "sloka", ou até vários sentidos, segundo o ensinamento. As CHAMAS ou "Fogos" representam o Espírito ou o elemento masculino, e a "Água" a Matéria ou o elemento contrário. E aqui vemos novamente, na ação do Espírito que destrói a forma puramente material, uma alusão à eterna luta, nos planos físico e psíquico, entre o Espírito e a Matéria, além de significar ainda um fato cósmico científico, pois, conforme se diz no versículo imediato,

(42) Espíritos.

(43) Também Espíritos.

(44) VI, 2-6.

9. Água-Mãe, o Grande Mar, chorou. Ela se levantou, desapareceu na Lua, que a tinha criado, que a fizera nascer.

Que é que isto significa? Não é uma alusão evidente à ação das marés durante as primitivas fases da história do nosso planeta em sua Quarta Ronda? As investigações modernas fizeram surgir ultimamente numerosas teorias sobre as grandes marés paleozóicas. Segundo a teoria do Sr. G. H. Darwin, há 52.000.000 de anos pelo menos — e provavelmente há muito mais tempo — a Lua se originou da massa plástica da Terra. Partindo do ponto em que se detiveram as pesquisas de Helmholtz, Ferrel, Sir William Thomson e outros, seguiu ele o curso do retardamento das marés em relação aos movimentos giratórios da Terra, até perdê-lo nas profundezas da noite dos tempos, e colocou a Lua, durante a infância do nosso planeta, a somente “uma fração da distância atual”. Em resumo, pela sua teoria, foi a Lua que se separou da Terra. Concorrendo a elevação da maré com a oscilação da massa globular, e a tendência centrífuga sendo então quase igual à gravidade, foi esta vencida, e a massa levantada pelo fluxo pôde assim separar-se por completo da Terra ⁴⁵.

O Ocultismo ensina o contrário. A Lua é muito mais velha que a Terra; e, conforme explicamos no volume I, esta última é que deve sua existência à primeira, em que pese à explicação da Astronomia e da Geologia em outro sentido. Daí a razão das marés e da atração exercida pela Lua, como o demonstra a parte líquida do Globo: sempre esforçando-se por elevar-se até a sua mãe. Tal é o significado da frase de que a Água-Mãe “se levantou, desapareceu na Lua, que a havia elevado, que a fizera nascer”.

10. Quando eles foram destruídos ⁴⁶, a Terra-Mãe ficou vazia ⁴⁷. Pediu que a secassem ⁴⁸.

A hora da formação da crosta da Terra soara. As águas se tinham separado, e o processo iniciou-se. Era o começo de uma nova vida. É isso o que nos revela uma chave. Outra chave ensina a origem da Água, sua mistura com o Fogo — “Fogo líquido”, segundo a expressão usada — e dá uma descrição alquímica da progênie de ambos: as matérias sólidas, tais como os minerais e as terras. A extensão oceânica da Terra originou-se das “Águas do Espaço”, progênie do Espírito-Fogo masculino e da Água feminina (gasosa). Varuna é atraído para baixo, do alto do Espaço infinito,

(45) Vejam-se, porém, as objeções contra esta teoria que foram posteriormente apresentadas nas obras de vários geólogos. Consultem-se os artigos de Sir R. S. Ball em *Nature*, XXV, 79-82, 103-107, de 24 de novembro e 1.º de dezembro de 1881.

(46) Os Rúpas.

(47) A Deusa que deu nascimento a esses monstros, primordiais, na versão de Berosse, foi Thalathth, em grego Thalassa, o “Mar”.

(48) Veja-se, para comparação, o relato de Berosse sobre a Criação, tal como reproduzido por Alexandre Polistor, e sobre as criaturas horrosas nascidas do princípio duplo — Terra e Água — no oceano da Criação primordial: Narás (Centauros, homens com membros de cavalo e corpo humano) e Kinnaras (homens com cabeça de cavalo), criados por Brahma no princípio do Kalpa.

para reinar como Netuno sobre os mares finitos. Como sempre, observa-se que a fantasia popular está baseada sobre um fundamento estritamente científico.

Em toda a parte a Água é o símbolo do Elemento feminino; Mater, de onde provém a letra M, deriva-se pictoricamente de MM, que é um hieróglifo da água. É a Matriz Universal, o "Grande Oceano". Vênus, a grande Virgem-Mãe, surge das ondas do mar, e Cupido, ou Eros, é o seu filho. Mas Vênus não é senão a última variante mitológica de Gæa, Gaia, a Terra, a qual, em seu aspecto superior, é Prakriti, a Natureza, e, metafisicamente, Aditi, e até mesmo Mûlaprakriti, a Raiz de Prakriti ou o seu númeno.

Por isso, Cupido ou o Amor, em seu sentido primitivo, é Eros, a Vontade Divina, ou o Desejo de manifestar-se por meio da criação visível. Eis por que Fohat, o protótipo de Eros, se tornou na Terra o Grande Poder da "Eletricidade Vital" ou o Espírito "Dispensador de Vida". Recorde-mos a Teogonia grega, e penetremos no espírito de sua filosofia. Os gregos nos ensinam que tudo, inclusive os Deuses, deve a existência ao Oceano e à sua esposa Tethys, que é a mesma Gæa, a Terra ou a Natureza. Mas que é o Oceano? O Oceano é o Espaço incomensurável — o Espírito no Caos — que é a Divindade; e Tethys não é a Terra, e sim a Matéria Primordial em processo de formação. Em nosso caso, já não é Aditi-Gæa que dá nascimento a Urano ou Varuna, o principal Aditya entre os sete Deuses Planetários, mas Prakriti, materializado e localizado. A Lua, masculina em seu caráter teogônico, é, somente em seu aspecto cósmico, o princípio gerador feminino, assim como o Sol é o emblema masculino. A Água é a Progenie da Lua, uma divindade andrógina em todas as nações.

A Evolução procede de acordo com as leis da analogia, assim no Cosmos como na formação do mais pequeno Globo. Assim, o que dissemos acima quanto ao *modus operandi* na época em que surgia o Universo, aplica-se igualmente ao caso especial da formação de nossa Terra.

A Estância ora comentada começa aludindo a trinta crores, ou 300.000.000 de anos. Perguntar-se-á: Que podiam saber os antigos acerca da duração dos períodos geológicos, quando nenhum homem de ciência ou matemático de hoje é capaz de calcular essa duração, nem sequer com exatidão aproximada? Que dispusessem ou não de melhores meios — e nós sustentamos que dispunham, como o provam seus zodíacos — vamos, em todo caso, dar a conhecer agora a cronologia dos antigos brâmanes, com a maior fidelidade possível.

A CRONOLOGIA DOS BRÂMANES

Não existe maior enigma para a Ciência, nem problema que se apresente mais desesperadamente insolúvel, que a questão: Que idade — ainda que aproximadamente — têm o Sol e a Lua, a Terra e o Homem? Que sabe a Ciência Moderna sobre a duração das Idades do Mundo, ou pelo menos sobre a dos períodos geológicos?

Nada, absolutamente nada.

Se pedirmos à Ciência informações cronológicas, os cientistas de boa-fé e verazes, como por exemplo o Sr. Pengelly, geólogo eminente, nos respondem: "Nada sabemos."⁴⁹ Até agora não se pôde fazer nenhuma estimativa digna de crédito a respeito da idade do Mundo e do Homem, e tanto a Geologia como a Antropologia tateiam no escuro. E, no entanto, quando um estudante da Filosofia Esotérica se permite apresentar os ensinamentos da Ciência Oculta, sua voz é imediatamente abafada. Por quê? Se, adstritos aos seus próprios métodos físicos, os maiores homens de ciência se mostram incapazes de chegar sequer a um acordo aproximado?

Verdade que a Ciência não pode ser responsabilizada por tal coisa. Certamente que, nas trevas profundas das eras pré-históricas, os exploradores se deixam perder em um labirinto, cujos vastos corredores sem portas não oferecem nenhuma saída que conduza ao passado arcaico. Perdidos no amontoado confuso de suas próprias especulações contraditórias, refugando, como sempre o fizeram, o testemunho da tradição oriental, não dispondo de chave alguma, sem um indicador seguro que os guie, que podem fazer os geólogos ou os antropólogos, senão recolher o delgado fio de Ariadna, quando o percebem, e avançar depois completamente ao acaso? Daí começarem por dizer que a data mais remota alcançada pelos anais documentários é geralmente considerada pela Antropologia tão-só como "o primeiro ponto distintamente visível do período pré-histórico" — segundo as palavras do autor do artigo da *Enciclopédia Britânica*. Ao mesmo tempo confessam "que além desse período se estende uma vasta e indefinida série de idades pré-históricas".

É precisamente por essas "idades" que vamos principiar. Elas não são "pré-históricas" senão para a visão simples da Matéria. Para o olho de água espiritual do Vidente e do Profeta de todas as raças, o fio de Ariadna se estende muito além desse período "pré-histórico", sem parar ou interromper-se, avançando de modo seguro e constante pela noite dos tempos; e a mão que o sustém é demasiado firme para que o deixe cair ou partir-se. Existem anais: não importa que os profanos os rejeitem por imaginários; e em verdade muitos deles são tacitamente aceitos por filósofos e homens de grande saber, só encontrando uma negativa invariável e sistemática na corporação oficial e coletiva da Ciência *ortodoxa*. E já que esta última se recusa a dar-nos uma idéia, ainda que aproximada, da duração das Idades geológicas, salvo uma ou outra hipótese contraditória, vejamos o que nos pode ensinar a Filosofia Ária.

Os cálculos constantes do *Manu* e dos *Purânas* (à parte alguns exageros sem importância e evidentemente *intencionais*) são, como já dissemos, idênticos aos ministrados pela Filosofia Esotérica. É o que se pode ver comparando os dois em qualquer calendário hindu reconhecidamente ortodoxo.

(49) Confissão análoga pode ver-se em *Philosophy*, página 481, do Professor Lefèvre.

O melhor e o mais completo de tais calendários, atualmente, segundo o atestam os brâmanes eruditos da Índia Meridional, é o calendário tamil, de que já falamos, chamado *Tirukkanda Panchanga*⁵⁰, que dizem compilados dos fragmentos secretos de dados de Asuramaya, com os quais está em perfeita concordância. Ao mesmo tempo em que se afirma ter sido Asuramaya o maior dos astrônomos, sussurta-se que foi o "feliciteiro" mais poderoso da Ilha Branca, "que se tornou negra em virtude de seus pecados"; ou seja, das Ilhas Atlantes.

"Ilha Branca" é um nome simbólico. Conta-se que Asuramaya viveu, segundo a tradição do *Jnanâbhâskara*, em Romaka-pura, no Ocidente; porque o nome é uma alusão ao país e berço dos "Nascidos do Suor", da Terceira Raça. Essa terra ou continente desaparecera muitos séculos antes do tempo em que viveu Asuramaya, o qual era um atlante, mas descendente direto da Raça Sábia, a Raça que nunca morre. Muitas são as lendas concernentes a este herói, discípulo de Surya, o próprio Deus-Sol, segundo os relatos indianos. Pouco importa que ele tenha vivido em uma ou outra ilha; a questão está em provar que não é um mito, como querem fazer crer o Dr. Weber e outros. A circunstância de que Romaka-pura seja mencionada como o berço ocidental deste herói, discípulo de Surya, nas idades arcaicas, é tanto mais interessante pelo que sugere a respeito do ensinamento esotérico sobre as Raças Nascidas do Suor, os homens nascidos "dos poros de seus pais". "ROMA-KUPAS" significa "os poros dos cabelos", em sânscrito. No *Mahâbhârata*⁵¹ consta que um povo chamado Raumas foi criado dos poros de Virabhadra, o terrível gigante que destruiu o sacrifício de Daksha. Mencionam-se também outras tribos e povos nascidos do mesmo modo. Tudo isso são referências aos últimos tempos da Segunda Raça-Raiz e aos primeiros tempos da Terceira.

As cifras que se seguem são extraídas do calendário a que aludimos; as notas ao pé da página indicam os pontos em que há discordância com as cifras da escola Ârya Samâj:

- | | |
|--|--------------------------------|
| I. Desde o início da Evolução Cósmica ⁵² até o ano hindu de Tarana (ou 1887) | 1.955.884.687 anos |
| II. Os reinos (astral) mineral, vegetal e animal, até o homem, necessitaram para sua evolução de | 300.000.000 anos ⁵³ |

(50) Veja-se acima, página 66.

(51) Parva XII, 110, Adhyâya, sloka 308.

(52) Diz a Doutrina Esotérica que esta "Evolução Cósmica" diz respeito somente ao nosso Sistema Solar, ao passo que no hinduísmo exotérico ela se refere, se não nos equivocamos, a todo o Sistema Universal.

(53) Eis outro ponto de discordância. Ensina o Ocultismo que os protótipos astrais dos reinos mineral, vegetal e animal, até o homem, consumiram esse tempo (300 milhões de anos) em sua evolução, refazendo-se com os materiais abandonados da Ronda precedente, materiais que, sendo muito densos e físicos em seu próprio ciclo, eram relativamente etéreos se comparados com a materialidade da metade de nossa Ronda. Ao fim desses 300 milhões de anos, a Natureza, em sua marcha para o físico e material, no arco descendente, principia com a humanidade em seu trabalho para

III. Tempo decorrido desde o primeiro aparecimento da "Humanidade" (em nossa Cadeia Planetária)	1.664.500.987 anos ⁵⁴
IV. O número de anos decorridos a partir do "Manvantara de Vaivasvata" ⁵⁵ — ou Período Humano — até o ano de 1887 é precisamente de	18.618.728 anos
V. O período completo de um Manvantara é de	308.448.000 anos
VI. Quatorze Manvantaras mais o período de um Satya Yuga perfazem um Dia de Brahma, ou um Manvantara completo, ou	4.320.000.000 anos
Portanto, um Mahâ Yuga se compõe de	4.320.000 anos ⁵⁶
Do começo do Kali Yuga ao ano de 1887 decorreram	4.989 anos

baixo, endurecendo ou materializando as formas à medida que avança. Assim, os fósseis encontrados nas camadas geológicas, a que se deve atribuir uma antiguidade não de dezoito milhões, mas de muitas centenas de milhões de anos, pertencem na realidade a formas da Ronda precedente, as quais, quando viviam, eram muito mais etéreas que físicas, *segundo o que hoje conhecemos por físico*. Se os percebemos e exumamos como formas tangíveis, deve-se isto ao processo de materialização ou cristalização a que nos temos referido, e que ocorreu posteriormente, no início da Quarta Ronda, alcançando o seu máximo após o aparecimento do homem e prosseguindo paralelamente à evolução física deste último. Basta isso para mostrar que o grau de materialidade da Terra varia *pari passu* com o de seus habitantes. Desse modo, encontra o homem hoje, como fósseis tangíveis, o que outrora foram (para seus sentidos atuais) formas etéreas dos reinos inferiores. As cifras bramânicas acima se referem à evolução que começa no Globo A e na Primeira ronda. Neste volume só tratamos da Ronda atual, a Quarta.

(54) A autora não pode explicar a alteração dos três últimos grupos de três algarismos. Segundo todos os cálculos, uma vez deduzidos os 300 milhões, a quantidade devia ser 1.655.844.687. Mas os algarismos que mencionamos são os constantes do calendário tâmil, já referido, e de acordo com a sua tradução. A escola do falecido Pandit Dayânand Sarasvati, fundador da Ârya Samaj, dá a data de 1.960.852.987. Veja-se o *Ârya Magazine*, de Lahore, em cuja capa se lêem as palavras: "Era *Ârya*, 1.960.852.987."

(55) Manu Vaivasvata é o Ser Humano (algumas versões lhe acrescentam os Sete Rishis) que na alegoria de Matsya Avatâra se salvou do Dilúvio em um bote, como Noé na Arca. Assim, o Manvantara de Vaivasvata seria o "período pós-diluviano". Isso, porém, não se refere ao Dilúvio "Atlante", que sobreveio mais tarde, nem ao de Noé, nem tampouco ao Dilúvio Cósmico ou *Pralaya* de obscurcimento, que precedeu a nossa Ronda, mas sim ao aparecimento da Humanidade nesta Ronda. Há uma grande diferença, contudo, entre o *Pralaya Naimittika*, Ocasional ou Incidental, o *Pra-kritika*, Elemental, o *Aryantika*, Absoluto, e o *Nitya*, *Pralaya* Perpétuo; sendo descrito este último como "a contingente reaglutinação do Universo de Brahma no fim do Dia de Brahma". Um sábio teósofo bramane suscitou a questão de saber se: "existe tal *Pralaya Cósmico*, pois que, neste caso, o Logos (Krishna) teria que voltar a nascer, quando ele é Aja (não nascido)". Não vemos por quê. Diz-se que o Logos nasce, mas apenas em sentido metafórico, tal como se diz que o Sol nasce todos os dias, ou melhor, como os raios do Sol nascem pela manhã, e que o Sol morre quando desaparece; quando o que sucede é simplesmente a reabsorção de seus raios na essência-mãe. O *Pralaya Cósmico* é para as coisas visíveis, não para o Mundo Arupa, Sem Forma. O *Pralaya Cósmico* ou Universal não ocorre senão ao fim de Cem Anos de Brahma, quando se diz que há a dissolução universal. Então — rezam as Escrituras Esotéricas — o *Aryaya*, a Vida Eterna simbolizada por Vishnu, assumindo o caráter de Rudra, o Destruidor, entra nos *Sete Raios* do Sol e absorve todas as Águas do Universo. "Alimentados deste modo, os Sete Raios Solares se dilatam em *Sete Sóis* e incendeiam todo o Cosmos."

(56) Por isso que um Mahâ Yuga é a milésima parte de um Dia de Brahma.

Para que estes dados se façam ainda mais claros em seus pormenores, damos em seguida os cálculos de Rao Bahadur P. Sreenivas, que appareceram em *The Theosophist* de novembro de 1885:

	Anos mortais
360 dias mortais fazem	1
O Krita Yuga contém	1.728.000
O Tetrâ Yuga	1.296.000
O Dvâpara Yuga	864.000
O Kali Yuga	432.000
A soma destes 4 Yugas constitui um Mahâ Yuga, com	4.320.000
Setenta e um Mahâ Yugas formam o período do reinado de um Manu	306.720.000
Os reinados de quatorze Manus compreendem a duração de 994 Mahâ Yugas, ou	4.294.080.000
Acrescentem-se os Sandhis, ou seja, os intervalos entre os reinados dos Manus, intervalos equivalentes a seis Mahâ Yugas, ou	25.920.000
O total dos reinados e interregnos dos quatorze Manus é de 1.000 Mahâ Yugas, perfazendo um Kalpa, isto é, um Dia de Brahma	4.320.000.000
Como uma Noite de Brahma tem igual duração, um Dia e uma Noite de Brahma contém	8.640.000.000
360 de tais Dias e Noites de Brahma constituem um Ano de Brahma, que se eleva a	3.110.400.000.000
100 desses Anos formam o período completo da Idade de Brahma, isto é, o Mahâ Kalpa	311.040.000.000.000

Tais são as cifras exotéricas aceitas em toda a Índia, cifras que concordam muito aproximadamente com as que figuram nas Obras Secretas. Estas últimas, entretanto, ampliam-nas com a divisão em um certo número de Ciclos Esotéricos, que não se acham mencionados em nenhum dos escritos populares bramânicos. Uma divisão, a dos Yugas em Ciclos de Raça, vai mencionada em outra parte como exemplo. A dos outros Ciclos, em suas minúcias, naturalmente nunca foram dadas a público; tais Ciclos, porém, são conhecidos de todos os brâmanes "Duas vezes Nascidos" (Dviya ou Iniciados), e os *Purânas* fazem referências a alguns deles em termos velados, circunstância que nenhum orientalista positivista tratou jamais de esclarecer, nem o poderia se o quisesse.

Esses Ciclos Astronômicos sagrados são de imensa antiguidade, e a maior parte deles, como já dissemos, são devidos aos cálculos de Nârada e Asuramaya. Este último tem a reputação de Gigante e de Feiticeiro. Mas os Gigantes antediluvianos (os Gibborim da *Bíblia*) não eram todos Bruxos ou malévolos, como desejaria a Teologia cristã, que vê em cada ocultista um servidor do Demônio; e tampouco eram eles piores que muitos "fiéis filhos da Igreja". Um Torquemada e uma Catarina de Médicis causaram certamente mais dano em seu tempo, sob a invocação do nome do Senhor, que qualquer Gigante atlante ou Semideus da antiguidade, chame-se Cíclope, Medusa ou mesmo o Titã órfico, o monstro *angüipede* conhecido por Efialtes. Existiam nos tempos antigos "gigantes" bons, assim como existem hoje "pigmeus" maus; e os Râkshasas e Yakshas de Lankâ não

são piores que os nossos modernos dinamitadores, e que certos generais cristãos e civilizados, durante as guerras modernas. Não são tampouco mitos.

"O que escarnece de Briareu e de Orion devia evitar de ir a Karnac ou Stonehenge, e até de falar a seu respeito",

observa um escritor do nosso tempo.

Como as cifras bramânicas acima correspondem aproximadamente aos cálculos básicos do nosso Sistema Esotérico, recomendamos ao leitor que os guarde cuidadosamente na memória.

Na *Enciclopédia Britânica* vemos, como última palavra da Ciência, que a antiguidade do homem não pode ir além de "dezenas de milhares de anos". É, portanto, evidente que, podendo as cifras variar entre 10.000 e 100.000, não dizem grande coisa, se é que algo significam, e só contribuem para tornar mais densa as trevas que envolvem a questão. Não importa, aliás, que a Ciência situe o aparecimento do homem na época do "turbilhão pré-glacial ou pós-glacial", se nos diz ao mesmo tempo que o chamado "Período Glaciário" não passa de uma longa sucessão de períodos, os quais

"se diluam gradualmente, sem quaisquer mudanças bruscas, no que se chama o período recente ou humano... a superposição dos períodos geológicos havendo sido a regra desde a origem dos tempos"⁵⁷.

Esta "regra" só conduz ao informe ainda mais enigmático, quando fosse estritamente científico e exato, de que

"mesmo em nossos dias o homem é contemporâneo do período glaciário nos vales alpinos e em *Finmark*"⁵⁸.

Assim, não houvesse as lições ensinadas pela Doutrina Secreta, e até pelo Hinduísmo Exotérico e suas tradições, estaríamos ainda hoje flutuando, perplexos, entre os "Períodos" indefinidos de uma escola científica, as "dezenas de milhares" de anos de outra, e os 6.000 anos dos intérpretes da *Bíblia*. Esta é uma das várias razões pelas quais, com todo o respeito devido às conclusões de nossos sábios modernos, nos vemos obrigados a fazer caso omissos deles em todas essas questões de antiguidade pré-histórica.

A Geologia e a Antropologia modernas estão, naturalmente, em desacordo com as nossas opiniões. Mas o Ocultismo encontrará, para opor a essas duas ciências, tantas armas quantas as de que dispõe contra as teorias astronômicas e físicas, em que pese ao asserto do Sr. Lang de que

"nos cálculos [cronológicos] desta espécie [com relação às formações mais ou menos antigas], não há teorias; estão eles baseados em fatos positivos, limitados apenas por alguns erros [?] possíveis em ambos os casos."⁵⁹

(57) *Op. cit.*, artigo "Geology".

(58) *Ibid.* Isto dá uma oportunidade até mesmo à bíblica "Cronologia de Adão" de 6.000 anos.

(59) *Modern Science and Modern Thought*, página 48.

O Ocultismo provará, com as próprias confissões da Ciência, que a Geologia comete muitos erros, mais vezes ainda que a Astronomia. Nessa mesma passagem, em que o Sr. Lang confere preeminência à Geologia sobre a Astronomia, no que tange à exatidão, deparamos algumas linhas em flagrante contradição com o que admitem os melhores geólogos. Diz o autor:

"Em resumo, as conclusões da Geologia, pelo menos até o período siluriano⁶⁰, quando a ordem atual das coisas já se achava inaugurada, são *factos* aproximados [assim é verdadeiramente] e não teorias, ao passo que as conclusões astronômicas resultam de *teorias*, baseadas em dados tão inseguros que, se em alguns casos apresentam períodos tão incrivelmente curtos..., em outros os dão inadmissivelmente longos." ⁶¹

Depois do que, aconselha ao leitor que "o mais seguro"

"Parece ser admitir que a Geologia prova realmente que a duração da presente ordem de coisas é de algo mais que 100 milhões de anos, e que a Astronomia atribui um tempo enorme, embora desconhecido, que se estende muito aquém no passado como além do futuro, para o nascimento, crescimento, maturidade, decadência e morte do sistema solar, do qual a nossa terra é um pequeno planeta, que está passando agora pela fase habitável." ⁶²

Julgando por experiências passadas, não temos a menor dúvida de que, se tivessem de contestar "as pretensões absurdas e anticientíficas da cronologia Ária exotérica (e esotérica)", tanto o cientista que apresentava resultados "incrivelmente curtos", ou só de 15.000.000 de anos, como o que "reclamava 600.000.000", juntamente com os que aceitam os números de Sr. Huxley, 1.000.000.000 de anos ⁶³ "desde que principiou a sedimentação na Europa", seriam todos igualmente dogmáticos. Nem tampouco deixariam de lembrar ao ocultista e ao brâmane que só os homens de ciência modernos representam a ciência exata, cujo dever é lutar contra o erro e a *superstição*.

A Terra está passando pela fase "habitável" tão-só para a ordem atual de coisas e no que se refere à nossa humanidade atual com os seus "invólucros de pele" e fósforo para os ossos e o cérebro.

Estamos dispostos a aceitar os 100.000.000 de anos propostos pela Geologia, pois nos ensinaram que a nossa presente espécie humana física — ou a Humanidade Vaivasvata — começou há só dezoito milhões de anos. Mas, como já mostramos, a Geologia não tem fatos para nos apresentar sobre a duração dos períodos geológicos, e tampouco os tem a Astronomia. A carta autêntica do Sr. W. Pengelly, F. R. S., citada em outro ponto, diz:

"Atualmente é impossível, e talvez o seja sempre, reduzir os períodos geológicos, mesmo com aproximação, a anos e até a milênios."

(60) Até o período Siluriano no que respeita aos moluscos e à vida animal, de acordo; mas que sabem os geólogos do homem?

(61) *Ibid.*, loc. cit.

(62) *Ibid.*, 49.

(63) Winchell, *World-Life*, 180.

E, não tendo a Geologia descoberto, até agora, nenhum fóssil humano de tipo diferente da forma *atual*, que sabe a Geologia a respeito do homem? Tem investigado zonas ou camadas, e com elas a vida zoológica primitiva, até a siluriana. Quando houver feito o mesmo com o homem, até chegar à sua primeira forma protoplasmática, então admitiremos que possa saber algo a respeito do homem primitivo. Se, como diz o Sr. S. Laing aos seus leitores, não tem muita importância para "a influência das descobertas científicas de hoje sobre o pensamento moderno" que

"o homem tenha existido em um estado de progresso constante, embora lento, nos últimos 50.000 anos de um período de 15 milhões, ou nos últimos 500.000 anos de um período de 150 milhões" ⁶⁴,

muita importância tem para as afirmações dos ocultistas. A menos que estes mostrassem a *possibilidade*, senão a certeza completa, de que o homem vem existindo desde há dezoito milhões de anos, não haveria por que escrever a *Doutrina Secreta*. Cumpre, por isso, tentar algo nesse sentido, e os nossos geólogos e homens de ciência modernos serão chamados a dar o seu testemunho desse fato, no volume seguinte. Entretanto, e apesar de a Cronologia Hindu ser constantemente apresentada pelos orientalistas como uma ficção sem base em nenhum cálculo "positivo" ⁶⁵, não passando de mera "jactância infantil", ela é, não obstante, amiúde torcida e desfigurada, para ficar de acordo com as teorias ocidentais. Não há números que tenham sido tão manipulados e torturados como os famosos 4, 3, 2, seguidos de zeros, dos Yugas e Mahâ-Yugas.

Como todo o Ciclo dos fatos pré-históricos, como a evolução e a transformação das Raças, e a extrema antiguidade do homem dependem dessa Cronologia, é de suma importância contrastá-la com outros cálculos existentes. Se a Cronologia oriental for rejeitada, teremos pelo menos o consolo de comprovar que nenhuma outra (seja com as cifras da Ciência, seja com as da Igreja) é mais digna de fé. Conforme diz o Professor Max Müller, muitas vezes é tão útil provar o que uma coisa não é, como provar o que pode ser. Quando conseguirmos pôr em evidência as falsidades, tanto dos cálculos científicos como dos cristãos (permitindo uma boa oportunidade de compará-los com a nossa Cronologia), a Ciência e a Igreja já não terão fundamento sólido e razoável para dizer que os números esotéricos são menos dignos de confiança que os seus.

Neste ponto podemos remeter o leitor à nossa primeira obra, *Isis sem Véu* ⁶⁶, a fim de ler algumas observações que ali fizemos a respeito das cifras que citamos acima.

Hoje podemos acrescentar alguns fatos novos aos informes contidos naquele livro, fatos que já são conhecidos de todos os orientalistas. O caráter sagrado do ciclo de 4.320, com zeros adicionais, está em que os

(64) *Op. cit.*, 49.

(65) *Vishnu Purâna*, Wilson, I, 51.

(66) Vol. I, pág. 32, ed. inglesa.

algarismos que o compõem, tomados separadamente ou unidos em diversas combinações, são todos, e cada um de per si, simbólicos dos mais importantes mistérios da Natureza.

Com efeito, quer considerando o 3 ou o 4 separadamente, ou os dois somados e fazendo 7, ou ainda os três números 4, 3, 2 somados, formando 9, todos esses números têm sua aplicação nas matérias mais sagradas e ocultas, e registram o funcionamento da Natureza em seus eternos fenômenos periódicos. São números que nunca erram, números que retornam perpetuamente, revelando a quem perscruta os segredos da Natureza um Sistema verdadeiramente divino, um plano cosmogônico inteligente, que se manifesta nas divisões naturais do tempo, nas estações, nas influências invisíveis e nos fenômenos astronômicos, com sua ação e reação sobre a natureza terrestre, inclusive na moral; sobre o nascimento, o crescimento e a morte; sobre a saúde e as enfermidades. Todos esses acontecimentos naturais estão baseados nos processos cíclicos do próprio Cosmos, e deles dependem, produzindo agentes periódicos, que, atuando do exterior, exercem influência sobre a Terra e tudo o que nela vive e respira, de um ao outro extremo do Manvantara. As causas e os efeitos são esotéricos, exotéricos e *endexotéricos*, por assim dizer.

Dissemos em *Ísis sem Véu* e agora repetimos: *Estamos no fundo de um ciclo e evidentemente em um estado de transição*. Platão divide o progresso intelectual do Universo, durante cada Ciclo, em períodos férteis e períodos estéreis. Nas regiões sublunares, as esferas dos diversos elementos permanecem em eterna e perfeita harmonia com a Natureza Divina, diz Platão, “mas suas partes”, em razão da grande proximidade da Terra, e de sua união com o que é terrestre (ou seja, com a Matéria, e portanto com o reino do Mal), “às vezes afinam com a Natureza (Divina), e às vezes lhe são contrárias”. Quando essas correntes — que Eliphas Levi chama “correntes de luz astral” — do Éter universal, que contém em si mesmo todos os elementos, se acham em harmonia com o Espírito Divino, a nossa Terra, com tudo o que nela existe, goza de um período fértil. Os poderes ocultos das plantas, dos animais e dos minerais estão em simpatia mágica com as “naturezas superiores”, e a Alma Divina do homem em perfeita inteligência com as “inferiores”. Mas durante os períodos estéreis estas últimas perdem sua simpatia mágica, e a visão espiritual da maioria da Humanidade fica de tal modo obscurecida que deixa de ter noção das faculdades superiores de seu próprio Espírito Divino. Estamos agora em um período estéril; o século XVIII, durante o qual grassou tão irresistivelmente a febre maligna do ceticismo, legou a falta de fé ao século XIX, como doença hereditária. A inteligência divina encontra-se velada no homem; só o seu cérebro animal “faz filosofia”. E apenas filosofando, como pode ele compreender a “Doutrina da Alma”?

A fim de não interromper o fio de nossa narração, daremos algumas provas surpreendentes da existência dessas leis cíclicas na Parte II do Livro IV. Enquanto isso, prosseguiremos com as nossas explicações a respeito dos Ciclos Geológicos e dos Ciclos de Raça.

ESTÂNCIA III

TENTATIVAS DE CRIAÇÃO DO HOMEM

11. A descida do Demiurgo. 12. Os Deuses Lunares recebem ordem para criar. 13. Os Deuses Superiores se recusam.

11. O Senhor dos Senhores veio. E do corpo dela¹ separou as Águas, e aquilo foi o Céu em cima: o Primeiro Céu².

Aqui a tradição volta a ser outra vez Universal. O contexto da versão primitiva, reproduzido nos *Purânas*, encontra-se também na versão posterior, a Mosaica. Consta na primeira:

"Ele, o Senhor [o Deus que tem a forma de Brahmâ], quando o mundo se converteu em um oceano, vendo que a terra jazia dentro das águas, e desejando levantá-la [separá-la], criou outra forma para si mesmo. Assim como no Kalpa [Manvantara] precedente havia assumido a forma de uma Tartaruga, do mesmo modo tomou neste a de um Javali", etc.³

Na "criação" eloísta⁴, "Deus" cria "um firmamento no meio das águas", e diz: "Que a *terra seca* apareça." E agora chegamos ao ponto essencial em que tradicionalmente se apóia a parte esotérica da interpretação cabalística.

12. Os Grandes Chohans⁵ chamaram os Senhores da Lua de Corpos Aéreos: "Produzi Homens⁶, Homens com a vossa Natureza. Dai-lhes as Formas internas⁷. Ela⁸ construirá as Vestimentas externas⁹. Eles serão Machos-Fêmeas. Senhores da Chama também..."

(1) A Terra-Mãe.

(2) A atmosfera ou o ar, o firmamento.

(3) *Harivamsa*, I, 36.

(4) *Gênesis*, I, 6-9.

(5) Senhores.

(6) Disseram-lhes.

(7) Isto é: os Jivas ou Mônadas.

(8) A Terra-Mãe ou Natureza.

(9) Corpos externos.

Quem são os “Senhores da Lua”? Na Índia chamam-nos Pitris, ou “Antepassados Lunares”, mas nos manuscritos hebreus o próprio Jeová é o “Senhor da Lua”, coletivamente a Legião, e também um dos Elohim. A astronomia dos hebreus e a sua “observação dos tempos” era regulada pela Lua. Um cabalista, depois de mostrar que “Daniel... falava da providência de Deus por *tempos* determinados”, e que o *Apocalipse* de João ¹⁰ menciona “uma cidade *cúbica*, cuidadosamente medida, descendo dos céus”, etc., acrescenta:

“Mas o poder vitalizador do céu reside principalmente na *Lua*. Era o יהוה [Jehovah] hebreu — e São Paulo recomenda: ‘Que nenhum homem nos julgue por vossa observância do sétimo dia e do dia de *lua nova* — *que são uma sombra das coisas que hão de suceder*; mas o corpo (ou substância) é de Cristo’, isto é, de Jeová — essa função que ‘faz da mulher estéril uma ditosa mãe’ — ‘pois os filhos são o dom de Jeová’... o que dá a chave para a objeção feita pelo esposo de Shunamita, quando ela queria ir ao homem de Deus: ‘pois não é o sétimo dia nem o dia de *lua nova*’ ¹¹. Os poderes espirituais viventes das constelações anunciavam grandes guerras, pelos movimentos e posições das estrelas e planetas, e especialmente pela conjunção da Lua, a Terra e o Sol. Bentley tece comentários sobre a ‘guerra indiana entre os deuses e os gigantes’, dizendo que foi assinalada pelo eclipse do Sol na altura do nodo ascendente da Lua, no ano 945 antes de Cristo (?), época em que nasceu ¹² ou surgiu do seio da mar SRT (Sarah, S-r-i, a mulher do Abrão hebreu ¹³, que foi a Vênus Afrodite [sic] dos ocidentais, emblema do ano lunissolar, ou a Lua [pois que Sri é a esposa da Lua; veja-se a nota ao pé da página], a deusa da reprodução’ ¹⁴... [É por isso que] o grande monumento e sinal do exato período do ano e mês lunar, pelo qual podia ser calculado este ciclo de [19 anos tropicais do Sol e 235 revoluções da Lua] era o Monte Sinai — o Senhor Jeová descendo sobre ele... Paulo fala [portanto] como um mistagogo, quando diz a respeito da mulher livre e da mulher escrava de Abraão: — ‘Pois esta Agar (a mulher escrava de Abraão) é o Monte Sinai na Arábia’. Como podia uma mulher ser uma montanha? E essa montanha em particular? No entanto, em certo sentido... ela o era, e de um modo maravilhosamente verdadeiro. Seu nome era Agar, em hebreu אגרה, cujo número é 235, ou exatamente o número de meses lunares equivalente aos 19 anos tropicais que perfazem este ciclo, mostrando o que há de verdade na semelhança e similitude; tendo o Monte Sinai, na linguagem esotérica desta sabedoria, o monumento do tempo exato do ano e mês lunar, pelo qual se podia calcular este ciclo espiritual vitalizador — montanha que era realmente cha-

(10) XXI, 16.

(11) Veja-se *II Reis*, IV, 23.

(12) Segundo a maravilhosa cronologia de Bentley, que escreveu num tempo em que a cronologia bíblica era ainda inatacável; e também segundo a dos orientistas modernos, que diminuem quanto podem as datas hindus.

(13) Ora, Shri é filha de Bhrigu, um dos Prajâpatis e Rishis, chefe dos Bhrigus, os “Consumidores”, a Classe Aérea dos Deuses. Ela é Lakshmi, esposa de Vishnu, e é Gauri, a “prometida de Shiva”, e é Sarasvati, a “aquosa”, esposa de Brahma, pois os Deuses e Deusas não são mais do que um, sob três aspectos. Leia-se a explicação de Parâshara no *Vishnu Purâna* (I, VIII, tradução de Wilson, I, 118-20), e compreender-se-á. “O Senhor de Shri é a Lua” — diz ele — e “Shri é a esposa de Nârâyana”, o Deus dos Deuses; Shri ou Lakshmi (Vênus) é Indrâni, e é Sarasvate, porque, segundo a expressão de Parâshara, “Hari [ou Ishvara, o ‘Senhor’] é tudo o que se denomina macho [no Universo]; Lakshmi é tudo o que se chama fêmea. Não há nada além deles”. Portanto, ela é feminina, e “Deus” é a Natureza masculina.

(14) Shri é a Deusa da “Fortuna e Prosperidade”, sendo ela própria essas duas coisas.

mada (Fuerst) "a Montanha da Lua (Sin)". Por isso também Sarai (SRI), a mulher de Abraão, não pôde ter filhos enquanto o seu nome não foi alterado para Sarah, שרה, que lhe deu a propriedade daquela influência lunar." 15

É possível que julguem isto uma digressão que nos afasta do nosso assunto principal, mas é uma digressão que se faz mui necessária para os leitores cristãos. Realmente, quem quer que estude, sem paixão, as lendas de Abrão ou Abraão, Sarai ou Sarah, que era "formosa de ver-se", e as de Brahma e Sarasvati, ou Shri. Lakshmi-Vênus, assim como as relações de todos com a Lua e a Água (e sobretudo se compreende o verdadeiro significado cabalístico do nome de Jeová e sua relação e conexão com a Lua), como pode duvidar de que a história de Abrão esteja baseada na de Brahma, ou de que o *Gênesis* tenha sido escrito de acordo com as linhas seguidas por todas as nações antigas? Nas velhas Escrituras tudo é alegórico, tudo se acha indissolúvelmente associado à astronomia e à cosmologia, e nelas se baseia.

13. Cada um deles ^{16-A} seguiu para o Território que lhe foi destinado; eram Sete, cada qual em seu Lote. Os Senhores da Chama ficaram atrás. Não queriam ir, não queriam criar.

Os Ensinamentos Secretos nos mostram os Progenitores divinos criando homens em sete partes do Globo, "cada qual em seu Lote", isto é, cada qual uma Raça de homens externa e internamente diferente, e em Zonas distintas. Esta afirmação poligenista é examinada em outra parte, na Estância VII.

Mas quem são "Eles", os que criam, e quem os "Senhores da Chama", "que não queriam criar"? O Ocultismo divide os "Criadores" em doze Classes, quatro das quais alcançaram a "Libertação" até o fim da "Grande Idade"; a quinta está próxima de alcançá-la, mas permanece ainda ativa nos planos intelectuais, ao passo que as outras sete estão ainda submetidas à Lei Cármica diretamente. Estas últimas atuam nos Globos de nossa Cadeia em que se encontram seres humanos.

Os livros exotéricos hindus mencionam Sete Classes de Pitris, e entre eles duas espécies distintas de Progenitores ou Antepassados: os Barhishad e os Agnishvâtta, isto é, os que possuem o "fogo sagrado" e os que dele são desprovidos. O ritualismo hindu parece relacioná-los com os fogos dos sacrifícios e com os brâmanes Grihastha ^{16-B} em encarnações primitivas; os que cuidaram, como deviam, dos seus sagrados fogos domésticos em anteriores nascimentos, e os que não o fizeram. A distinção, como dissemos, é derivada dos *Vedas*. A primeira e a mais elevada classe (esotericamente), a dos Agnishvâtta, compõe-se, na alegoria exotérica, dos chefes de família Grihastha ou brâmanes que, tendo faltado ao dever de manter os

(15) *Masonic Review* (Cincinnati), artigo "The Cabbalah", núm. VI, 15-17.

(15-A) Os Deuses Lunares.

(15-B) Chefes de família.

seus fogos domésticos e de oferecer sacrifícios ao fogo em suas vidas passadas em outros Manvantaras, perderam todo o direito a que se lhes façam oblações com fogo. Pelo contrário, os Barhishad, sendo brâmanes que conservaram os fogos sagrados de suas moradas, são desse modo reverenciados até hoje. Por isso é que os Agnishvâtta são representados como desprovidos de fogos, e os Barhishad como possuidores deles.

Mas a Filosofia Esotérica explica as qualidades originais como devidas à diferença de natureza entre as duas classes: os Pitris Agnishvâtta estão vazios de "fogo", isto é, de paixão criadora, por serem demasiado divinos e puros: ao passo que os Barhishad, sendo os Espíritos Lunares mais estreitamente relacionados com a Terra, se converteram nos Elohim criadores da forma, ou do Adão de barro.

A alegoria conta que Sanandana e outros Vedhas, os Filhos de Brahma, sua primeira progênie,

"Não tinham desejos nem paixões; estavam inspirados por sabedoria santa, afastados do Universo, e não desejavam progênie."¹⁶

É também o que significam, neste "sloka", as palavras "não queriam criar", explicando-se como segue:

As Primeiras Emanações do Poder Criador estão demasiado perto da Causa Absoluta. São forças de transição, forças latentes, que só se desenvolverão nos próximos e sucessivos graus.

Isso esclarece o caso. Daí o dizer-se que Brahma se sentiu irritado quando viu que aqueles

"Espíritos encarnados, saídos de seus membros [gâtra] não queriam multiplicar-se."

Depois do que, assim reza a alegoria, criou ele sete outros Filhos, nascidos da Mente¹⁷, a saber: Marichî, Atri, Angiras, Pulastya, Kratu e Vasishtha. Este último é muitas vezes substituído por Daksha, o mais prolífico dos Criadores. Em quase todos os textos esses sete Filhos de Vasishtha-Daksha são chamados os Sete Rishis do Terceiro Manvantara; referindo-se isto tanto à Terceira Ronda como à Terceira Raça-Raiz e suas Sub-raças da Quarta Ronda. São todos os Criadores dos diversos Seres nesta Terra, os Prajâpatis, e aparecem ao mesmo tempo como diversas reencarnações nos primeiros Manvantaras ou nas primeiras Raças.

Compreende-se agora por que os Agnishvâtta, desprovidos do fogo criador mais grosseiro, e portanto inaptos para criar, por não terem Duplo ou Corpo Astral a projetar (pois careciam de forma), são apresentados nas alegorias exotéricas como Yogis, Kumâras (jovens castos) que se "rebelaram", Asuras que se opunham aos Deuses e lutavam contra eles, etc.¹⁸

(16) *Vishnu Purâna*, I, VII, Wilson, I, 101.

(17) Veja-se: *Mahabharata, Mokshadharma Parvan*.

(18) Porque, como o demonstra a alegoria, os Deuses que não tinham nenhum mérito pessoal próprio, temendo a santidade daqueles Seres encarnados que, por seus

Mas só eles podiam completar o homem, isto é, torná-lo um Ser autoconsciente, quase divino, um Deus na Terra. Os Barhishad, embora de posse do “fogo criador”, careciam do elemento superior MAHÁT-ico. Situados ao mesmo nível dos “Princípios” inferiores, os que precedem a matéria grosseira objetiva, só podiam produzir o homem externo, ou, mais propriamente, o molde do homem físico, o homem astral. Por isso, apesar de vermos Brahmâ — o *Mahat* coletivo ou a Mente Divina Universal — confiar-lhes a tarefa, o “Mistério da Criação” se repete na Terra, mas em sentido inverso, como num *espelho*.

Os que não podem criar o homem espiritual imortal são os que projetam o molde sem mente (o Astral) do Ser Físico; e, conforme se verá, os que não quiseram multiplicar-se foram os que se sacrificaram pelo bem e salvação da Humanidade Espiritual. Porque, para completar o *homem setenário*, para acrescentar a seus três Princípios inferiores e cimentá-los com a Mônada Espiritual (que não podia habitar nunca semelhante forma senão apenas em seu *estado absolutamente latente*), havia necessidade de dois “Princípios” de ligação; Manas e Kâma. Tal coisa requer um Fogo Espiritual vivente do Princípio médio procedente dos Estados Quinto e Terceiro do Pleroma. Mas este Fogo possuem-no os *Triângulos*, não os *Cubos* (perfeitos) que simbolizam os Seres Angélicos¹⁹; os Triângulos dele se apossaram desde a Primeira Criação, como na alegoria de Prometeu. São estes os Seres ativos, e portanto deixam de ser “puros” no Céu. Converteram-se nas Inteligências independentes e livres, que em todas as Teogonias aparecem lutando por essa independência e essa liberdade, e são por isso — no sentido vulgar — considerados “rebeldes à lei divina passiva”. São, pois, aquelas “Chamas” — os Agnishvâtas — que, segundo se vê no “sloka”, “ficaram atrás”, em vez de seguir com os outros para criar homens na Terra. Mas a verdadeira significação esotérica é que a maior parte deles, os “Senhores da Chama”, estavam destinados a encarnar como Egos na próxima colheita da Humanidade.

O Ego humano não é nem Atmâ nem Buddhi, mas o *Manas Superior*; o fruto intelectual e a florescência do *Egoísmo* intelectual autoconsciente — no sentido espiritual elevado. As escrituras antigas referem-se a ele como o *Karâna Sharira* no plano de *Sutrâtmâ*, que é o “fio de ouro” em que se acham enfiadas, como pérolas, as diversas Personalidades do Ego Superior. Se se dissesse ao leitor, como nas *alegorias semi-esotéricas*, que estes Seres eram Nirvanis em retorno de anteriores Mahâ-Manvantaras —

esforços, se haviam convertido em Ascetas e Yogis, pondo assim em perigo o poder dos primeiros, mediante os poderes que *por si mesmos haviam adquirido*, denunciaram estes últimos. Tudo isso tem um profundo significado filosófico, e se refere à evolução e à aquisição de poderes divinos por *esforço próprio*. Nos *Purânas* aparecem alguns Rishis-Yogis como muito mais poderosos que os Deuses. Os Deuses secundários ou Potências temporárias da Natureza (as Forças) estão fadados a desaparecer. Somente a Potencialidade espiritual do homem é que o pode conduzir a ser uno com o INFINITO e o ABSOLUTO.

(19) O Triângulo se converte em um Pentágono (quintuplo) sobre a Terra. Veja-se o Volume I, Estâncias III a V.

Idades de incalculável duração que se sucederam na Eternidade há um tempo ainda mais incalculável — dificilmente ele compreenderia o texto de maneira correta; enquanto alguns vedantinos poderiam dizer: “Não é assim; os Nirvanis não voltam jamais” — o que é verdade em relação ao Manvantara a que pertencem, mas errôneo quando se refere à Eternidade. Porque está dito nos “Slokas” Sagrados:

O Fio Radiante, que é imperecível e só se dissolve no Nirvana, dele emerge de novo em sua integridade no dia em que a Grande Lei chama outra vez todos os Seres à atividade.

Assim, como os Pitris superiores ou Dhyânis não tomaram parte na criação física, vemos o Homem Primordial — saído do corpo de seus Progenitores *espiritualmente* “sem fogo” — descrito como um ser aeriforme, não compacto e *sem mente*. Não tinha Princípio médio que servisse de elo entre o *superior* e o *inferior* — o Homem Espiritual e o cérebro físico —, porque não era dotado de *Manas*. As Mônadas que se encarnaram naquelas Conchas vazias permaneceram tão inconscientes como quando se achavam separadas de suas formas e veículos incompletos anteriores. Neste nosso plano não há potencialidade de Criação ou Autoconsciência em um Espírito *puro*, a não ser que a sua natureza demasiado homogênea, perfeita — porque divina — se misture, por assim dizer, a uma essência já diferenciada, sendo por ela fortalecida. Só a linha inferior do Triângulo — que representa a primeira Tríade que emana da MÔNADA Universal — pode proporcionar essa consciência necessária no plano da Natureza diferenciada. Mas como podiam as puras Emanações, que, segundo esse princípio, deviam ser originariamente *inconscientes* (em nosso sentido), suprir de algum modo o Princípio requerido, se elas mal o possuíam?

A resposta é difícil de compreender, a menos que se conheça bem a metafísica filosófica de uma série, sem princípio nem fim, de Renascimentos Cósmicos, e se esteja familiarizado com aquela imutável lei da Natureza, que é o MOVIMENTO ETERNO, cíclico e espiral, e por conseguinte progressivo, mesmo em seu aparente retrocesso. O Princípio Divino Único, o *AQUILO* sem nome dos *Vedas*, é o Todo Universal, que não pode ficar em “Absoluto Repouso”, sem em seus aspectos e emanações espirituais, nem em seus átomos físicos, exceto durante as Noites de Brahma. Daí também se segue que os “Primogênitos” são os primeiros a serem postos em movimento no início de um Manvantara, e, portanto, os primeiros a cair nas esferas inferiores da materialidade. Os chamados “Troncos” da Teologia, que são o “Assento de Deus”, devem ser os primeiros homens que encarnam na Terra, e é fácil compreender, se levarmos em conta a série interminável de Manvantaras passados, que o último tinha de ser o primeiro, e o primeiro o último. Vemos, em suma, que os Anjos superiores haviam atravessado, inumeráveis evos antes, os “Sete Círculos”, *arrebatando-lhes* assim o Fogo Sagrado; em poucas palavras, isto quer dizer que em encarnações passadas, tanto nos mundos inferiores como nos mundos superiores, haviam assimilado toda a sabedoria neles existente: o reflexo de MAHAT em seus diversos graus de intensidade. Nenhum Ser, angélico ou

humano, pode alcançar o estado de Nirvana, ou de pureza absoluta, sem passar pelos evo's de sofrimento e do *conhecimento* do MAL, assim como do BEM, uma vez que de outro modo este último permaneceria incompreensível.

Entre o homem e o animal — cujas Mônadas ou Jivas são no fundo idênticos — existe o abismo intransponível da Mentalidade e da Autoconsciência. Que é a mente humana em seu aspecto superior? De onde procede, se não é uma parte da essência — e em alguns casos raros a encarnação, a *essência mesma* — de um Ser superior, de um Ser pertencente a um plano superior e divino? Pode o homem — esse Deus encerrado em forma animal — ser produto da Natureza material só pela evolução, como é o animal (que difere do homem pela forma exterior, mas não pelo material de que é formado o seu invólucro físico, e que está animado pela mesma Mônada, embora não desenvolvida), quando vemos que as potencialidades de ambos diferem entre si tanto quanto o Sol difere do vagalume? E qual é a causa de tal diferença, se o homem é um animal *com um Deus vivo* dentro de sua concha física? Detenhamo-nos um instante e apresentemos a questão perante nós mesmos, sem ter em conta as divagações e os sofismas das ciências modernas, tanto materialistas como psicológicas.

Admite-se, até certo ponto, que o Ensino Esotérico seja alegórico. Para torná-lo compreensível à inteligência mediana, faz-se necessário o uso de símbolos em uma forma inteligível. Daí a razão de ser das narrativas alegóricas e semimíticas dos ensinamentos esotéricos, assim como das representações semimetáforas e objetivas do ensinamento esotérico. Pois os conceitos pura e transcendentemente espirituais se adaptam somente aos modos de percepção daqueles que “*vêem sem olhos, escutam sem ouvidos e sentem sem órgãos*”, segundo a pitoresca expressão empregada nos Comentários. O Idealista demasiado puritano fica livre para espiritualizar o dogma, enquanto o Psicólogo moderno limitará seus esforços a *desespiritualizar* a nossa Alma humana “caída”, e sem embargo divina — divina pelos laços que a unem a Buddhi.

Mui grande é o mistério que se relaciona com os antecessores altamente espirituais do Homem Divino que está dentro do homem terrestre. Há nos *Purânas* uma referência velada à criação dual do homem, embora só se possa perceber o seu significado esotérico aproximando e comparando entre si os numerosos e variados relatos, e penetrando o seu espírito por trás do símbolo e da alegoria. O mesmo se dá com a *Bíblia*, tanto no *Gênesis* como nas *Epístolas* de Paulo. Pois aquele “Criador”, que no segundo capítulo do *Gênesis* é chamado o “Senhor Deus”, outro não é, no texto original, senão os Elohim ou Deuses (os Senhores), no plural; enquanto um deles cria o Adão de barro terrestre, outro lhe insufla o Sopro da Vida, e o terceiro faz dele uma Alma Vivente, sentidos diferentes que se acham todos implícitos no plural da palavra Elohim²⁰. Ou também, como diz Paulo:

(20) Seth, como o demonstram Bunsen e outros, não é só o “Deus primitivo” dos semitas — inclusive dos primeiros judeus — mas ainda o seu “antepassado semi-

"O primeiro homem pertence à terra, o segundo [o último, o melhor, o mais elevado] é o Senhor do Céu." ²¹

Na alegoria ariana, os filhos rebeldes de Brahmâ são todos representados como santos Ascetas e Yogis. Renascendo em cada Kalpa, procuram geralmente entrar a obra de procriação humana. Quando Daksha, o chefe dos Prajâpatis ou Criadores, deu nascimento a 10.000 filhos com o fim de povoar o mundo, Nârada — filho de Brahma, um dos grandes Rishis e um Kumara *virtual*, senão no próprio nome — interferiu por duas vezes e frustrou os projetos de Daksha, persuadindo os seus filhos a que continuassem como santos Ascetas e recusassem o matrimônio. Por esse motivo, Daksha condenou Nârada a *renascer como homem*, assim como Brahma o havia feito com ele anteriormente, por se ter recusado a casar-se e a ter descendentes, dizendo-lhe: "Perece em tua forma atual [Deva ou Angélica] e toma a matriz por morada" — ou seja, torna-te homem ²².

Apesar de existirem algumas versões contraditórias da mesma história, é fácil ver que Nârada pertence a essa Classe de "Primogênitos" de Brahmâ, que se manifestaram rebeldes à lei de procriação animal, sendo por isso obrigados a encarnar-se como *homens*. De todos os Rishis védicos, Nârada, como já mostramos, é o mais incompreensível, por ser o que mais estreitamente se relaciona com as Doutrinas Ocultas — especialmente com os Ciclos e Kalpas Secretos.

Certas afirmações que se contradizem a respeito deste Sábio têm sobremodo confundido os orientalistas. Assim é que o apresentam como havendo decididamente recusado "criar" ou constituir descendência, chegando mesmo a tratar seu pai, Brahma, de "falso mestre", por havê-lo aconselhado a casar-se, segundo narra o *Nârada-Pancha-Râtra*; e, no entanto, citam-no como um dos Prajâpatis ou Progenitores! No *Nâradiya Purâna*, ele descreve as leis e os deveres dos Adeptos celibatários; e porque tais deveres Ocultos não figuram no fragmento, com cerca de 3.000 estâncias, em poder dos museus da Europa, são os brâmanes tidos por mentirosos: esquecem os orientalistas que se estima em 25.000 o número de Estâncias do *Nâradiya*, sendo pouco provável que tais manuscritos estejam em poder de hindus profanos, sempre ávidos por vender algo de precioso por um prato de lentilhas. Bastará dizer que Nârada é o Deva-Rishi *por excelência*, e que o ocultista que não meditar sobre Nârada, que não o analisar nem o estudar em seus sete aspectos esotéricos, nunca será capaz de compreender certos Mistérios antropológicos, cronológicos e até mesmo cósmicos. Ele é um dos "Fogos" mencionados acima, e toma

divino". Efetivamente, diz Bunsen, "o Seth do *Gênesis*, o pai de Enoch (o homem) deve ser considerado como originalmente em paralelo com o derivado de Elohim, o pai de Adão" (*God in History*, I, 233-4). "Segundo Bunsen, a Divindade (o deus Seth) foi o *deus primitivo* do norte do Egito e da Palestina", diz Staniland Wake em *The Great Pyramid* (pág. 61). E Seth chegou a ser considerado na teologia posterior dos egípcios como um "demônio mau", diz o mesmo Bunsen; identificando-se com Tífon e, conseqüentemente, com os demônios hindus.

(21) I Corint., XV, 47.

(22) *Vâyu Purâna*, *Harivamsha*, LVX, 106.

parte na evolução deste Kalpa; do princípio ao fim. É um ator que aparece em todos os atos sucessivos do presente drama Manvantárico, em todas as alegorias do mundo que fazem vibrar a tônica do Esoterismo e que hoje começam a ser mais familiares ao leitor. Será preciso recorrermos a outras Escrituras e documentos antigos para corroborar a existência dos "Fogos", das "Centelhas" e das "Chamas"? Não há falta deles, desde que se tenha o cuidado de procurá-los no lugar devido.

Estão claramente enunciados na obra cabalística *Book of the Concealed Mystery* (Livro dos Mistérios Ocultos), assim como na que tem por título *Ha Idra Zuta Qadisha*, ou "A Santa Assembléia Menor". A linguagem é bastante mística e velada, mas compreensível. Na última obra, entre as centelhas de Mundos anteriores, "Chamas e Centelhas vibrantes", provenientes do divino sílex, o "Obreiro" empreende a criação do homem "macho e fêmea" (427). Estas "Chamas e Centelhas" — Anjos e seus Mundos, Estrelas e Planetas — diz-se figuradamente que se extinguem e morrem, isto é, permanecem "não-manifestadas" até a conclusão de certo processo da Natureza. Para mostrar até que ponto os fatos mais importantes da Antropogênese se acham velados para o público, transcrevemos a seguir dois trechos extraídos de livros cabalísticos. O primeiro é do *Ha Idra Zuta Qadisha*:

"429. Do seio de um Portador de Luz [um dos Sete Planetas Sagrados] de ofuscante resplendor, saiu uma Chama Radiante, que despedia, qual um colossal e potente martelo, estas centelhas que foram os Mundos anteriores.

430. E estes foram misturados com o éter mais sutil, que os ligava uns aos outros, *mas somente quando se juntavam*, até mesmo o grande Pai e a Grande Mãe.

431. De *Hoa*, Ele-mesmo, é *AB*, o Pai; e de *Hoa*, Ele mesmo, é *Ruach*, o Espírito; que estão ocultos no Ancião dos Dias, e ali dentro se acha oculto aquele éter.

432. E foi associado a um Portador de Luz [um Planeta, ou seu Anjo ou Regente], que saiu daquele Portador de Luz de ofuscante resplendor, que está oculto no seio da Alma, a Grande mãe." 23

O seguinte excerto do *Zohar* 24, sob a epígrafe "Os Reis Pré-Adamitas", também trata do mesmo mistério:

"Aprendemos no *Siphrah D'Tzniotha*: 'Que o *Ateek-kah*, o Ancião dos Anciãos, antes de preparar Sua Forma, construiu reis, gravou reis e bosquejou reis [homens, os "reis" dos animais]; e não puderam existir, até que Ele os destruiu e os *ocultou durante certo tempo*; e por isso está escrito: 'Estes são os reis que reinaram na terra de Edom...' E eles não puderam existir enquanto *Resha'Hyiv'rah*, o Cabeça Branca, o *Attee'kah D'At-tee-keen*, o Ancião dos Anciãos, não estivesse de acordo. Quando ele concordou, construiu todas as Formas em Cima e em Baixo... Antes que ele estivesse satisfeito com a sua Forma, não haviam sido formados todos os que ele desejava formar, e todos os mundos haviam sido destruídos... Não ficaram em seus lugares porque as formas dos reis não tinham sido construídas como convinha, e a Cidade Santa não estava preparada." 25

(23) Veja-se *Kabbalah Unveiled*, página 302, de Mather.

(24) Traduzido na *Qabbalah*, de Isaac Myer, páginas 386-7.

(25) *Zohar*, III, 135.a, 292.a, *Idrah Zootah*; Ed. Brody, *Idrah Zootah*. Citado em *Qabbalah*, de Myer, página 386.

Ora, a explicação bem clara dessas duas dissertações alegóricas e metafísicas é simplesmente a seguinte: Os Mundos e os homens foram sucessivamente formados e destruídos, *segundo a lei da evolução e com materiais preexistentes*, até o momento em que os Planetas e seus homens (em nosso caso, a Terra com suas raças animais e humanas) se tornaram o que hoje são no presente ciclo — forças polares opostas, misto equilibrado de Espírito e Matéria, de positivo e negativo, de macho e fêmea. Antes que o homem pudesse se converter em varão-mulher *fisicamente*, seu protótipo (os Elohim criadores) tinham que preparar *astralmente* sua Forma neste plano sexual. Isto é, os átomos e as forças orgânicas, ao descerem até o plano de diferenciação determinada, deviam ser postos em consonância com a ordem escolhida pela Natureza, de modo que obedecessem sempre, sem a menor discrepância, à lei que a Cabala chama “lei da Balança”, por força da qual tudo o que existe é como macho e fêmea em sua perfeição final, durante a presente fase de materialidade. Chokmah, a Sabedoria, o Sephira Masculino, devia expandir-se *dentro e através* de Binah, a Natureza inteligente ou o Entendimento. E, por isso, a Primeira Raça-Raiz de homens sem sexo e sem mente teve que ser destruída e “oculta durante certo tempo”; isto é, a Primeira Raça, em vez de morrer, desapareceu na Segunda Raça, tal como certos seres inferiores e certas plantas desaparecem em suas progênes. A Primeira Raça-Raiz converteu-se na Segunda Raça, sem engendrá-la ou procriá-la, nem morrer.

“Passaram juntas, como está escrito: ‘E ele morreu’, e outro reinou em seu lugar.”²⁶

Por quê? Porque a “Cidade Santa não estava preparada”. E que é a “Cidade Santa”? O Ma-qom, o lugar sagrado ou o Santuário, na Terra; em outras palavras, a matriz humana, cópia microcósmica ou reflexo da *Matrix Celeste*, o Espaço feminino ou Caos primordial, no qual o Espírito masculino fecunda o germe do Filho, ou o Universo visível²⁷. Tanto isso é verdade que, no parágrafo que trata da “Emanação dos Princípios Macho e Fêmea”, no *Zohar*, está dito que, nesta Terra, a *Sabedoria* do “Santo Ancião” “não brilha senão no macho e fêmea”.

“(‘*Hokmah*, Sabedoria, é o Pai, e *Binah*, Entendimento, é a Mãe)... E, quando se unem um ao outro, fazem nascer, irradiam e difundem a verdade. Segundo as palavras de Rabi Ye-yeva, Sabbah, isto é, o Ancião, sabemos o seguinte: Que *Binah* é o Entendimento. Mas, quando se unem um ao outro, o י (Yod) e o ה (Heh), eles se impregnam e produzem um Filho. Daí o nome de *Binah*. Entendimento, que quer dizer BeN YaH, isto é, Filho de YaH. Esta é a perfeição do Todo.”²⁸

É também a “perfeição” do Falicismo dos Rabinos, sua apoteose perfeita, o divino encadeado ao animal, o sublime convertido no grosseiro

(26) *Gênesis*, XXXVI, 31 e seguintes; *Qabbalah*, de Myer, *ibid*.

(27) Veja-se a Seção III do vol. IV, “O Santo dos Santos”.

(28) *Zohar*, III, 290.a, Ed. Brody. *Idrah Zootah*, citado em *Qabbalah*, de Myer, páginas 387-88.

do terrestre. Nada tão descritivamente grosseiro existe no Ocultismo oriental, nem na Cabala primitiva, o *Livro dos Números* caldeu. Já o dissemos em *Ísis sem Véu*:

Parece-nos que os autores católicos obram com pouca inteligência ao deixarem extravasar a sua ira em frases como esta: "Em uma multidão de pagodes, a pedra fálica, revestindo sempre, como o *batylos* grego, a forma brutal e indecente do *lingham*... o Maha Deva." Antes de anatematizar um símbolo cujo profundo sentido metafísico ultrapassa as faculdades de compreensão dos modernos corifeus desta religião sensual *por excelência*, que é o Catolicismo Romano, cumpria a eles destruir as suas igrejas mais antigas e modificar as cúpulas de seus próprios templos. O Mahadeo de Elefanta, a Torre Redonda de Bhagalpore, os minaretes do Islam — quer sejam redondos ou pontiagudos — não são mais que os originais do Campanário de São Marcos em Veneza, da Catedral de Rochester e do Domo moderno de Milão. Todos esses campanários, torres, cúpulas e templos cristãos não passam de reprodução da idéia primitiva do *lithos*, o falo em ereção²⁹.

Nada obstante, e seja como for, a circunstância de que todos os Elohim, Rishis, Centelhas e Querubins dos hebreus são idênticos aos Devas, aos Rishis e aos Fogos, às Chamas, aos Rudras é aos quarenta e nove Agnis dos antigos Arianos, está suficientemente provada pela Cabala e na Cabala.

(29) Volume II, 5.

ESTÂNCIA IV

CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS RAÇAS

14. Criação dos homens. 15. São sombras vazias. 16. Os Criadores estão perplexos, indagando-se como devem criar o homem *pensante*. 17. O que se faz necessário à formação de um homem perfeito.

14. As Sete Legiões, os Senhores "Nascidos da Vontade"¹, impulsionados pelo Espírito Dispensador da Vida², separaram os Homens de si mesmos, cada qual em sua própria Zona.

Eles se desprenderam de suas "Sombras" ou *Corpos Astrais* — se é que se pode dizer que um ser tão etéreo como um "Espírito Lunar" possui um Corpo Astral, além de outro quase intangível. Em outro Comentário se diz que os Antecessores *exalaram* o primeiro homem, como também se explica que Brahmâ exalou os Suras, ou Deuses, quando se converteram em Asuras (de Asu, sopro). E em um terceiro Comentário se diz que eles, os Homens recém-criados, eram as "sombras das Sombras".

No que se refere a esta frase: "Eram as sombras das Sombras", pode-se acrescentar algo mais e tentar uma explicação mais completa. O primeiro processo da evolução da humanidade é mais facilmente aceitável que o que vem depois, embora todos esses processos venham a ser rejeitados e postos em dúvida até mesmo por alguns cabalistas, especialmente os ocidentais, que estudam os efeitos presentes, esquecendo-se, porém, de estudar-lhes as causas primárias. A autora sente faltar-lhe competência para explicar um modo de procriação que é tão difícil de compreender, a não ser por um ocultista oriental. É, pois, inútil entrar aqui em pormenores quanto ao processo, apesar de minuciosamente descrito nos Livros Secretos, já que isso teria como único resultado levar-nos a falar de fatos até o presente desconhecidos do mundo profano, e suscetíveis, conseqüentemente, de serem mal interpretados. Um "Adão" feito de barro sempre há de parecer, aos olhos de certa classe de estudantes, preferível a um

(1) Ou Nascidos da Mente.

(2) Fohat.

Adão projetado do corpo etéreo do seu criador, se bem que nunca houvesse conhecimento do primeiro processo, enquanto que o segundo, como todos sabem, é familiar a muitos espiritistas da Europa e da América, os quais, melhor do que ninguém, podem compreendê-lo. Sim: quem, dentre os que já presenciaram o fenômeno da materialização de uma forma surgindo dos poros de um médium, ou às vezes do seu *lado esquerdo*, poderia hesitar em admitir, pelo menos, a possibilidade de semelhante *nascimento*? Se existem no Universo seres como os Anjos e os Espíritos, cuja *essência incorpórea* possa constituir uma Entidade inteligente, apesar da ausência de qualquer organismo sólido (para nós), e se há quem acredite que Deus fez o homem do limo da terra e lhe insuflou uma Alma vivente — e contam-se aos milhões os que em tal acreditam —; se assim é, onde então o impossível da nossa doutrina?

Não está longe o dia em que o mundo terá que decidir entre aceitar a criação miraculosa do homem (e também a do Cosmos), tirado do *nada*, segundo a letra morta do *Gênesis*, e aceitar o seu nascimento como devido a um elo fantástico — que até agora “falta” em absoluto —, elo que representaria o antepassado comum do homem e do “verdadeiro macaco”³. Entre os dois erros, entra em cena a Filosofia Oculta. Ela ensina que o primeiro grupo humano emanou da própria essência de Seres superiores semidivinos. Se tal processo pode parecer de todo anormal e inconcebível — porque a Natureza, no estado atual da evolução, não mais o adota —, provado está, contudo, pela autoridade de certos *atos* “espíritos”, que não é impossível. Perguntamos: qual das três hipóteses, portanto, a mais racional e a menos absurda? Certamente que ninguém, a menos que seja um materialista de alma cega, poderá objetar ao Ensino Oculto.

Ora, este Ensino nos diz, como já mostramos, que o homem não foi “criado” como o ser completo que hoje é, por mais imperfeito que ainda esteja. Houve uma evolução espiritual, uma evolução psíquica, uma evolução intelectual e uma evolução animal, do mais elevado ao mais inferior, assim como um desenvolvimento físico — do simples e homo-

(3) “Huxley, baseando-se nas mais recentes descobertas da Anatomia Comparada, pôde formular o importante princípio de que as diferenças anatômicas entre o homem e os macacos superiores são menores do que as observadas entre estes e os macacos inferiores. Em relação à árvore genealógica do homem, deve-se necessariamente concluir que a raça humana *evoluciona gradualmente a partir dos macacos verdadeiros* (*The Pedigree of Man*, de Ernst Hæckel, trad. de Ed. B. Aveling, página 49).

Quais, perguntamos nós, os argumentos científicos e lógicos a objetar contra a conclusão em sentido oposto? As semelhanças anatômicas entre o Homem e os Antropóides, grosseiramente exageradas pelos darwinistas, como o demonstra o Sr. De Quatrefages, encontram explicação muito simples quando se considera a origem destes últimos.

“Em parte alguma, nas camadas mais antigas, deparou-se um macaco que se aproximasse mais do homem, nem um homem que se parecesse mais com um macaco.”

“O mesmo abismo, que separa hoje o homem do macaco, se encontra, com igual amplitude e profundidade, até o período Terciário. Este fato, por si só, basta para evidenciar o insustentável da dedução.” (Dr. F. Pfaff, professor de Ciências Naturais da Universidade de Erlangen.)

gêneo ao complexo e heterogêneo, *sem que isto, porém, haja de todo ocorrido segundo as linhas traçadas pelos evolucionistas modernos*. Essa dupla evolução, em dois sentidos contrários, exigiu várias idades, de natureza e graus diversos de espiritualidade e intelectualidade, para construir o ser agora conhecido como homem. Demais, a lei uma absoluta, sempre em ação e infalível, que procede sempre do mesmo modo, de uma a outra Eternidade (Manvântara) — proporcionando sempre uma escala ascendente ao manifestado, ou o que chamamos a Grande Ilusão (Mahâ-Mâyâ), mas submergindo o Espírito cada vez mais profundamente na materialidade, por um lado, e depois assegurando a sua *redenção por meio da carne* e libertando-o —, esta lei, dizemos, emprega, para tais objetivos, Seres pertencentes a outros planos mais elevados, homens ou Mentres (Manus), conforme as exigências cármicas.

Ao chegar a este ponto, recomendamos mais uma vez ao leitor que se reporte à Filosofia e à Religião dos hindus. O Esoterismo de ambas é o mesmo da nossa Doutrina Secreta, embora se possa observar diferenças de forma.

SOBRE A IDENTIDADE DOS PODERES QUE SE ENCARNAVAM E AS SUAS DIFERENÇAS

Os Progenitores do Homem, chamados na Índia os Pais, Pitaras ou Pitris, são os “Criadores” do nosso corpo e dos nossos princípios inferiores. Eles são nós-mesmos, como *primeiras personalidades, e nós somos eles*. O homem primordial seria “osso de seus ossos e carne de sua carne”, se eles tivessem ossos e carne. Como dissemos, eram “Seres Lunares”.

Os que deram ao homem o seu EGO consciente e imortal foram os “Anjos Solares” — sejam assim considerados em sentido metafórico ou em sentido literal. Os mistérios do EGO consciente, ou Alma Humana, são grandes. O nome esotérico desses Anjos é, literalmente, “Senhores Nath da devoção perseverante e sem fim” Pranidhâna. Por isso, os do Quinto Princípio (Manas) parecem relacionar-se com o sistema dos Yogis que fazem o Pranidhâna, ou mesmo ter-lhe dado origem⁴. Foi já explicado por que os ocultistas trans-himalaios os consideram como evidentemente idênticos aos que na Índia têm os nomes de Kumaras, Agnishvâttas e Barhishads.

Quão precisa e verdadeira é a expressão usada por Platão, quão profunda e filosófica a sua observação sobre a Alma (humana) ou Ego, quando a definiu como “um composto do *mesmo* e do *outro*”! E, no entanto, como foi pouco compreendida essa alusão, acreditando o mundo que ele queria dizer que a Alma é o Sopro de Deus, de Jeová! É “o mesmo e o outro”, como disse o grande Filósofo-Iniciado, porque o Ego — o “Eu Superior”, quando imergido na Divina Mônada e com a Divina Mônada — é o homem, e, sem embargo, continua “o *mesmo* que o *outro*”.

(4) Veja-se *Yoga Shâstra*, II, 32.

O Anjo nele encarnado e uno com o Mahat Universal. Os grandes escritores e filósofos clássicos exprimiam essa verdade, ao dizerem que:

"Deve haver em nós algo que produz os nossos pensamentos, algo de muito sutil; é um sopro; é fogo; é éter; é quintessência; é uma delicada semelhança; é uma inteligência; é um número; é harmonia." ⁵

Todos esses são Manâsas e Rajâsas; Kumâras, Asuras e outros Regentes, e Pitris, que se encarnaram na Terceira Raça e que, por este e outros meios, dotaram de Mente a Humanidade.

Há Sete Classes de Pitris, conforme mais adiante indicamos, três incorpóreas e quatro corpóreas; e duas espécies, Agnishvâttas e Barhishads. Podemos ainda acrescentar que, assim como há duas espécies de Pitris, também existe uma dupla e uma tríplice categoria de Agnishvâttas e Barhishads. Estes últimos, depois de produzirem os seus Duplos Astrais, renascem como Filhos de Atri e, segundo Manu ⁶, são os "Pitris dos Demônios" ou Seres Corpóreos; ao passo que os Agnishvâttas renascem como Filhos de Marichi, o Filho de Brahmâ, e são os "Pitris dos Deuses" ⁷.

"O *Vâyû Purâna* declara que as Sete Ordens de Pitris foram, originalmente, os primeiros Deuses, os Vairâjas, que Brahmâ contemplava, com o olho do Ioga, nas esferas eternas, e que são os Deuses dos Deuses... O *Matsya*... acrescenta que os Deuses os adoravam." ⁸

O *Harivamsa* distingue os Vairâjas como apenas uma classe de Pitris ⁹, afirmação corroborada pelos Ensinamentos Secretos, os quais, todavia, identificam os Vairâjas com os Agnishvâttas mais antigos ¹⁰ e com os Rajâsas ou Abhutarajâsas, que são incorpóreos e não chegam a ter fantasma astral. Na maioria dos manuscritos se diz que Vishnu se encarnou neles e por meio deles.

"No Manvantara Raivata, também Hari, o melhor dos Deuses, nasce de Sambhuti, como Manâsa divino — originando-se das divindades chamadas Rajâsas." ¹¹

Sambhuti era filha de Daksha e esposa de Marichi, o pai dos Agnishvâttas, que, juntamente com os Rajâsas, estão sempre associados aos Ma-

(5) Voltaire.

(6) *Mânava-Dharma Shâstra*, III, 196.

(7) *Matsya* e *Padma Purânas*, e *Kullûka* no *Mânava-Dharma-Shâstra*, III, 195. Sabemos perfeitamente que o *Vâyû* e o *Matsya Purânas* identificam (consoante a interpretação ocidental) os Agnishvâttas com as estações, e os Pitris Barhishads com os meses, acrescentando uma quarta classe, a dos Kavyas, anos cíclicos. Mas não identificam os cristãos católicos romanos os seus Anjos com os Planetas, e não se converteram os Sete Rishis nos Saptarishis, uma constelação? São Divindades que presidem a todas as divisões cíclicas. (As quatro classes são: 1 — Filhos de Atri; 2 — Agnishvâttas; 3 — Barhishads; 4 — Kavyas.)

(8) *Vishnu Purâna*, Wilson, III, 158-59.

(9) S. I, 935-36.

(10) O *Vâyû Purâna* nos mostra a região chamada Virâja-loka, habitada pelos Agnishvâttas.

(11) Wilson, *ibid.*, III, pág. 17. Nota de Fitzedward Hall.

nâsas. Como observa Fitzedward Hall, sanscritista bem mais esclarecido que Wilson:

"Manâsa não é um nome apropriado para uma divindade associada aos Rajâsas. Nele parece que vemos *manâsam* — o mesmo que *manas* — com a mudança de terminação necessária para exprimir a personificação masculina." ¹²

Todos os filhos de Virâja são Manâsas, diz Nilakantha. E Virâja outro não é senão Brahma, e daí o chamarem-se Vairâjas os Pitris Incorporéos, por serem filhos de Virâja, segundo o *Vayu Purâna*.

Poderíamos multiplicar as provas *ad infinitum*. Os cientistas compreenderão o que queremos dizer; quanto aos que o não são, desnecessário é que compreendam. Há trinta e três crores ou trezentos e trinta milhões de Deuses na Índia. Podem ser todos Devas, mas de modo algum no sentido altamente espiritual que se associa a essa palavra, isto é, no sentido de "deuses". Conforme observou o sábio conferencista do *Bhagavad Gita*:

"É este um erro lamentável que os europeus geralmente cometem. Deva é uma espécie de ser espiritual, e, ao ser a mesma palavra empregada na linguagem corrente com o sentido de "deus", não se deve absolutamente concluir que nós possuímos e adoramos trinta e três crores de deuses. Estes seres, como se pode naturalmente inferir, têm *certa afinidade* com um dos três *Upâdhis* [ou princípios fundamentais] constitutivos em que dividimos o homem." ¹³

Os nomes das divindades pertinentes a determinada classe mística variam em cada Manvantara. Assim, os doze Grandes Deuses, Jayas, criados por Brahma para ajudá-lo na obra da criação, no início mesmo do Kalpa, e que, abstraídos, no Samâdhi, se descuidaram de criar — falta pela qual foram condenados a renascer sucessivamente em cada Manvantara, até o sétimo —, são chamados respectivamente: Ajitas, Tushitas, Satyas, Haris, Vaikunthas, Sâdhyas e Adityas ¹⁴. São Tushitas durante o segundo Kalpa, e Adityas neste Período Vaivasvata ¹⁵; sem falar de outros nomes para cada idade. São, porém, idênticos aos Manasas ou Rajâsas, assim como estes o são aos nossos Dhyân-Chohans que se encarnam.

Sim; além desses Seres, que, como os Yakshas, Gandharvas, Kinna-ras, etc., considerados em suas *individualidades*, habitam o Plano Astral, existem verdadeiros Devas, e a esta classe pertencem os Adityas, os Vairâjas, os Kumâras, os Asuras e todos os Seres celestes superiores, aos quais o Ensino Oculto dá o nome de Manasvin, os Sábios, os primeiros de todos, e que teriam podido converter todos os homens nos Seres *autoconscientes* e espiritualmente intelectuais, que seriam, se não houvessem sido "condenados" a cair na geração e a renascer eles próprios, como mortais, por haverem negligenciado seu dever.

(12) *Loc. cit.*, *ibid.*

(13) Veja-se *The Theosophist*, março de 1887, pág. 360.

(14) Veja-se Wilson, II, 26.

(15) Veja-se *Vayu Purâna*, cit. em *Vishnu Purâna*, Wilson, vol. II, pág. 226.

ESTÂNCIA IV
(Continuação)

15. Sete vezes sete Sombras¹⁶ de Homens Futuros¹⁷ (a) nasceram¹⁸. Cada uma com sua própria Cor¹⁹ e Espécie (b). Cada uma²⁰ inferior a seu Pai²¹. Os Pais, os Sem-Ossos, não podiam dar a Vida a Seres com Ossos. Sua progênie foi Bhutâ²², sem Forma nem Mente. Por isso foi chamada a Raça Chhâyâ²³ (c).

(a) Manu, como já tivemos ocasião de observar, vem da raiz *man*, pensar, e quer dizer, portanto, um "pensador". Dessa palavra sânscrita foi, mui provavelmente, derivada a palavra latina *mens*, Mente, a egípcia *Ménés*, a "Mente-Mestra", e a *monas* pitagórica ou "unidade-pensante", também a mente, assim como o nosso *Manas*, o quinto princípio do homem. Por esse motivo, são essas Sombras chamadas *Amânasa*, "sem mente".

Para os brâmanes, os Pitris são mui sagrados, por serem os Progenitores²⁴ ou Antepassados do homem — os primeiros *Manushyas* nesta Terra —, e o brâmane lhes faz oferendas quando tem um filho. São-lhes prestadas muitas honras, e o seu ritual é mais importante que o culto dos Deuses²⁵.

Não poderíamos encontrar um significado filosófico neste grupo dual de Progenitores?

Estando os Pitris divididos em sete Classes, aqui deparamos novamente com o número místico. Quase todos os *Purânas* são unânimes em que três dessas classes são Arûpa, e quatro são corpóreas; as primeiras são intelectuais e espirituais, as últimas materiais e desprovidas de intelecto. Esotericamente, são os Asuras que formam as três primeiras classes de Pitris — nascidos do "Corpo da Noite" —, ao passo que as outras quatro foram produzidas do "Corpo do Crepúsculo". Seus Pais, os deuses, foram condenados a nascer como imbecis na Terra, segundo o *Vâyû Purâna*. As lendas são intencionalmente confusas, e aparecem muito obscuras; numa

(16) Chhâyâs.

(17) Ou Amânasas.

(18) Assim.

(19) Complexão.

(20) Também.

(21) Criador.

(22) Fantasmas.

(23) Imagem ou Sombra.

(24) Em *Isis sem Véu* (I, XXXVIII) fizemos uma alusão a este respeito, quanto não fosse então possível dar a explicação completa: "Os Pitris não são os antepassados dos homens de hoje, mas o da [primeira] espécie humana ou da raça Adâmica; os espíritos das raças humanas que, na grande escala da evolução descendente, precederam as nossas raças de homens e eram, tanto física como espiritualmente, bem superiores aos nossos modernos pigmeus. No *Mânava-Dhârma-Shâstra* são chamados os Antepassados Lunares."

(25) Ver as "leis de Manu" — *Mânava-Dhârma-Shâstra*, III, 203.

delas, os Pitris são os Filhos de Deus, e em outra os de Brahmâ, enquanto uma terceira faz deles os instrutores dos próprios Pais. São as Legiões das quatro classes materiais, que criam simultaneamente os homens nas sete Zonas.

Agora, no tocante às sete classes de Pitris, cada uma dividida, por sua vez, em sete, dirigiremos uma palavra aos estudantes e uma pergunta aos profanos.

A classe dos “Dhyânis do Fogo”, que, com inegáveis fundamentos, identificamos nos Agnishvâttas, chama-se em nossa escola o “Coração” do Corpo Dhyân-Chohânico, e diz-se que se encarnou na Terceira Raça de homens, e os tornou perfeitos. A Mistagogia esotérica fala da misteriosa relação que existe entre a essência ou substância hebdomática deste coração anáglico e a do homem, do qual cada órgão físico, como cada função espiritual ou psíquica, não passa de um reflexo, por assim dizer, de uma cópia, no plano terrestre, do modelo ou protótipo *de cima*.

Por que — indagamos — há tão estranha repetição do número sete na estrutura anatômica do homem? Por que encerra o coração *quatro* cavidades *inferiores* e *três* divisões *superiores*, lembrando tão estranhamente a divisão setenária dos princípios humanos, que são separados em dois grupos, o grupo superior e o inferior, e por que se encontraria a mesma divisão nas diversas classes de Pitris e, em particular, na dos Dhyânis do Fogo? Porque, conforme já dissemos, estes Seres estão submetidos a quatro “Princípios” (dêem-lhes outro nome, se quiserem) corpóreos ou grosseiros e a três incorpóreos ou sutis. Por que os sete plexos nervosos do corpo emitem sete raios? Por que existem esses sete plexos e por que a pele humana se compõe de sete camadas distintas?

Diz o Comentário:

Tendo projetado suas Sombras e formado os homens com um Elemento [o Éter], os Progenitores remontaram ao Mahâ Loka, de onde descem periodicamente, quando o Mundo é renovado, para dar nascimento a novos homens.

Os Corpos Sutis permanecem desprovidos de inteligência [Manas] até a chegada dos Suras [Deuses], agora chamados Asuras [Não-Deuses].

“Não-Deuses” para os brâmanes, talvez; mas os “Sopros” mais elevados para o ocultista, pois que esses Progenitores (Pitris), os sem-forma e os intelectuais, conquanto se tenham recusado a criar o homem, o dotam de Mente, ao passo que as quatro classes corpóreas se limitam a construir-lhe o corpo.

Isso está evidenciado nos diversos textos do *Rig Veda*, a autoridade máxima para todos os hindus, seja qual for a seita a que pertençam. Ali, Asura quer dizer “espiritual, divino”, sendo a palavra empregada como sinônimo de Espírito Supremo; e o termo Asura, no sentido de “Deus”, aplica-se a Varuna e a Indra, e principalmente a Agni — aqueles que, nos

tempos antigos, eram os três Deuses *mais elevados*, antes que a Teomologia bramânica houvesse deformado o verdadeiro sentido de quase todo o conteúdo das Escrituras Arcaicas. No entanto, como a chave se acha hoje perdida, os Asuras são apenas objeto de referência.

Vê-se a mesma coisa no *Zend Avesta*. Na religião masdeísta, ou religião dos Magos, Asura é o Senhor Asura Vishavavedas, aquele que “tudo sabe” ou o “Senhor onisciente”; e Asura Mazdhâ, que se converteu mais tarde em Ahura Mazdhâ, é, como o demonstra Bentley, o “Senhor que confere a *Inteligência*”: Asura Medhâ e Ahura Mazdão²⁶. Em outra parte desta obra mostramos, com apoio em boas provas, que o Asura Indo-iraniano foi sempre considerado *sétuplo*. Este fato, combinado com o nome Mazdhâ, conforme dissemos, nome que faz do sétuplo Asura o “Senhor” ou coletivamente, os “Senhores que conferem a *Inteligência*”, associa os Amshaspens aos Asuras e aos nossos Dhyân-Chohans que se encarnam, assim como aos Elohim e aos sete Deuses Animadores do Egito, da Caldéia e de todos os demais países.

A razão pela qual esses “Deuses” se recusaram a criar homens não tem origem, conforme dizem as versões exotéricas, em que fossem demasiado orgulhosos para repartir o poder celeste de sua essência com os filhos da Terra, mas encontra explicação nos motivos já expostos. A alegoria, contudo, deu lugar a inúmeras fantasias, e a Teologia as explorou, em todos os países, para firmar sua tese contra os Primogênitos, ou Logos, e incuti-la, como se fora verdade, na mente dos crédulos e dos ignorantes²⁷.

Não foi apenas o sistema cristão que fez degradar esses Deuses à categoria de Demônios. O Zoroastrianismo e até o Bramanismo aproveitaram-se do ensino para impor-se no espírito do povo. No próprio exoterismo caldeu, os Seres que *recusam criar*, e que, por isso, se diz que se rebelam contra o Demiurgo, são denunciados como Espíritos das Trevas. Os Suras, que conquistaram a independência intelectual, lutam contra os Suras que dela carecem; estes aparecem consagrando suas vidas a um culto cerimonial inútil, baseado na fé cega — indicação hoje ignorada pelos brâmanes *ortodoxos* —, e os primeiros se convertem imediatamente em A-Suras. Os Filhos Nascidos da Mente da Divindade negam-se a criar descendentes e são *amaldiçoados* por Brahmâ, que os condena a *nascer como homens*. São *precipitados na Terra*, o que, mais tarde, se transforma no dogma teológico das *Regiões Infernais*. Ahriman destrói o Touro criado por Ormuzd — que é o emblema da vida terrestre *ilusória* e o “germe da dor” — e, esquecendo-se que a semente finita e perecível deve morrer, a fim de que a planta da imortalidade, a planta da vida espiritual e eterna, possa *germinar e viver*, Ahriman é proclamado o inimigo, o poder contrário, o Demônio. Tífon corta Osíris em quatorze pedaços, para impe-

(26) *Sacred Books of the East*, vol. IV, *The Zend Avesta*, Introd., IV, pág. LVIII. Tradução de James Darmesteter.

(27) Compare-se também com o que se diz acerca de Makara e dos Kumâras em relação ao Zodíaco.

di-lo de povoar o mundo e engendrar assim o sofrimento, e Tífon passa a ser, no ensinamento teológico exotérico, a Potência das Trevas. Tudo isso, porém, é a capacidade exotérica. São os adoradores desta última Potência que atribuem à desobediência e rebeldia o esforço e o sacrifício próprios daqueles que desejam ajudar o homem a regressar ao estado original de divindade por meio de esforços *autoconscientes*, e foram esses adoradores da forma que transformaram em Demônios os Anjos de Luz.

Mas a Filosofia Esotérica ensina que um *terço*²⁸ dos Dhyânis — isto é, as três classes de Pitris Arûpa providos de inteligência — “que é um sopro sem forma composto de substâncias *intelectuais*, não elementares”²⁹, foram simplesmente *condenados, pela lei do Karma e da evolução*, a *renascer* ou encarnar-se na Terra³⁰. Alguns desses Dhyânis eram *Nirmânakâyas* procedentes de outros Manvantaras. Vemo-los, pois, em todos os *Purânas*, reaparecer neste Globo durante o Terceiro Manvântara — leia-se: durante a Terceira Raça-Raiz — como Reis, Rishis e Heróis. Esta doutrina, sendo por demais filosófica e metafísica para ser entendida pelas multidões, foi, como dissemos, desfigurada pelo clero, com o objetivo de manter o seu domínio sobre elas por meio do temor supersticioso.

Assim, os supostos “Rebeldes” eram simplesmente aqueles que, obrigados pela Lei Cármica a esvaziar a taça de fel até a última gota, *tiveram de encarnar-se* novamente e deste modo transformar em entidades responsáveis e pensantes as estátuas astrais projetadas por seus irmãos inferiores. Diz-se que alguns se recusaram porque não possuíam o material requerido — isto é, um corpo astral — por serem Arûpa. A negativa de outros baseava-se em que tinham sido eles Adeptos e Iogues durante longos Manvantaras anteriores — outro mistério. Não obstante, mais tarde, como *Nirmânakâyas*, sacrificaram-se pelo bem e salvação das Mônadas que aguardavam.

(28) Daí aquela narrativa da visão de São João, a que se refere o *Apocalipse*, do “grande dragão vermelho de sete cabeças e dez chifres, e com sete diademas sobre as sete cabeças”, e cuja “cauda arrastou a *terça parte* das estrelas do céu e as lançou sobre a terra” (cap. XII, versículos 3 e 4).

(29) Veja-se *Harivamsha*, 932.

(30) O versículo que diz “e as lançou sobre a Terra” deixa ver claramente que teve origem nas mais antigas e grandiosas alegorias dos Místicos arianos, os quais, após a destruição dos *gigantes* e *feiticeiros* atlantes, ocultaram a verdade — *astro-nômica, física e divina*, por ser uma página da Teogonia pré-cósmica — sob diversas alegorias. Sua real interpretação esotérica é uma verdadeira Teodicéia dos chamados “Anjos Caídos”; os que *quiseram* e os que *não quiseram*, os criadores e os que *se recusaram a criar*, são hoje confundidos de modo o mais desconcertante pelos cristãos católicos, esquecidos de que o seu maior Arcanjo, São Miguel, que aparece vencendo (domando e assimilando) o Dragão da Sabedoria e do divino *Auto-Sacrifício* — agora desfigurado e caluniado sob o nome de Satã — *foi o primeiro que se recusou a criar!* Daí se originou um sem número de confusões. A Teologia cristã compreende tão mal a linguagem cheia de paradoxos do Oriente e o seu simbolismo, que chega a interpretar — *no sentido da letra morta* — o rito exotérico chinês, hindu e budista de fazer ruído durante certos eclipses, para espantar e afugentar o “grande dragão vermelho” que está arrebatando a “luz”! Aqui, porém, “luz” é sinônimo de Sabedoria Esotérica, e já deixamos suficientemente explicada a significação secreta das palavras Dragão, Serpente, etc., que todas se referem a Adeptos e Iniciados.

davam a vez e que, de outro modo, teriam que vegetar durante incontáveis períodos de tempo em formas irresponsáveis, à semelhança dos animais, embora com aparência humana. Pode ser uma parábola e outra alegoria *dentro de uma alegoria*. Deixamos à intuição do estudante encontrar a solução, se se der ao trabalho de ler o que se segue com sua vista *espiritual*.

Quanto aos Formadores ou “Antepassados” — os Anjos que, segundo as lendas exotéricas, obedeceram à lei —, devem ser idênticos aos Pitris Barhishads, ou aos Pitris Devatâs, isto é, aos que estavam de posse do *fogo criador físico*. Eles só podiam criar Mônadas humanas, ou melhor, revesti-las com os seus próprios Eus astrais; não podiam criar, porém, o homem à sua imagem e semelhança. “O homem não deve ser como um de nós”, disseram os Deuses *Criadores* incumbidos da formação do animal inferior — deve ser superior³¹. Quando se diz que criaram a imagem do homem com a sua própria essência, isto significa, esotericamente, que foram eles que vieram a ser a Primeira Raça, de cujo destino e evolução participaram. Não *quiseram*, simplesmente porque não *podiam*, dar ao homem esta centelha sagrada que arde e se converte na flor da razão e da autoconsciência humana; porque não a possuíam para que pudessem dá-la. Essa tarefa foi deixada àquela Classe de Devas que a Grécia simbolizou sob o nome de Prometeu, isto é, aos que não tinham que se ocupar do corpo físico, mas tão-somente do homem puramente espiritual.

Cada classe de Criadores contribui com aquilo que tem para dar: uma constrói a forma exterior do homem, outra lhe comunica a sua essência, que depois se converte no Eu Superior Humano *graças aos esforços pessoais do indivíduo*. Não podiam, porém, os Criadores fazer o homem tal como eles próprios eram: perfeitos, porque impecáveis; impecáveis, porque só tinham os primeiros vagos e pálidos contornos dos atributos, e estes eram — do ponto de vista humano — absolutamente perfeitos, com a alvura e pureza da neve imaculada. Onde não há luta, não há mérito. A Humanidade “deste globo terráqueo” não estava destinada a ser criada pelos Anjos do Primeiro Sopro Divino. Essa a razão por que se diz que eles *se recusaram* a criar, e que o homem devia ser formado por Criadores que fossem mais materiais³², e estes só podiam dar aquilo que fizesse parte

(31) Ver o *Gênesis*, e o *Timeu* de Platão.

(32) Apesar de todos os esforços em contrário, a Teologia cristã — que assumiu o ônus da versão esotérica hebraica da criação do homem, por ela interpretada *ao pé da letra* — não pode encontrar nenhuma escusa plausível para explicar o seu “Deus Criador”, que produz um homem desprovido de mente e de razão, nem pode, tampouco, justificar o castigo de um ato para o qual Adão e Eva podiam invocar a alegação de *não-culpados*. Com efeito, se se admite que o casal ignorava o bem e o mal antes de comer o fruto proibido, como se poderia supô-lo capaz de discernir que a *desobediência era um mal*? Se o homem primitivo estava destinado a permanecer semi-inteligente, ou melhor, não-inteligente, então a sua criação carecia de objetivo e era até *cruel*, se devida a um Deus onipotente e perfeito. O próprio *Gênesis*, porém, nos mostra Adão e Eva criados por uma classe de Seres divinos inferiores, os ELOHIM, de tal modo ciosos de suas prerrogativas pessoais, como criaturas racionais e inteligentes, que não querem permitir que o homem se torne “semelhante a um deles”.

integrante de sua própria natureza e nada mais. Sujeitos à lei eterna, os Deuses só podiam projetar de si mesmos *sombras* de homens, um pouco menos etéreos e espirituais, um pouco menos *divinos e perfeitos* do que eles próprios — sombras também.

A primeira Humanidade foi, portanto, uma pálida cópia de seus Progenitores; demasiado material, apesar de etérea, para constituir uma hierarquia de Deuses; demasiado espiritual e pura, para constituir HOMENS — possuindo, como possuía, todas as perfeições *negativas* (*nirguna*). A perfeição, para que o seja verdadeiramente, deve nascer da imperfeição; o *incorrutível* deve ter sua imagem no corruptível, que será o seu veículo, base e contraste. Luz absoluta é Obscuridade absoluta, e *vice-versa*. Porque não existe Luz nem Trevas nos reinos da Verdade. O Bem e o Mal são gêmeos, produtos do Espaço e do Tempo, sob a influência de Mâyâ. Separai-os, cortando o laço que os une, e ambos desaparecem. Nem um nem outro existe *per se*, pois cada qual deve ser gerado e criado pelo outro, para que possa existir; ambos devem ser conhecidos e apreciados, antes de serem objeto de percepção; por isso, na mente mortal, importa que haja a separação.

Contudo, uma vez que existe a distinção ilusória, necessita ela de uma ordem *inferior* de Anjos Criadores, para “criarem” Globos habitados, especialmente o nosso, ou para manejarem a Matéria neste plano terrestre. Os Gnósticos, com o seu espírito filosófico, foram os primeiros a pensar assim dentro do período histórico, e a elaborar vários sistemas baseados nessa teoria. Por isso, nos seus esquemas da Criação, vemos sempre os seus “Criadores” ocuparem um lugar no grau inferior da escala dos Seres Espirituais. Para eles, os que criaram a nossa Terra e os seus mortais habitantes estavam situados no limite mesmo da Matéria “mayávida”, e aos seus partidários se ensinava — com profundo desgosto para os Padres da Igreja — que, no tocante à criação das miseráveis raças que, tanto no sentido moral como espiritual, são o ornamento do nosso Globo, a responsabilidade não podia caber a nenhuma Divindade superior, mas tão-somente aos Anjos de uma Hierarquia inferior³³, a cuja classe relegavam Jeová, o Deus dos judeus.

Em todas as antigas Cosmogonias se mencionam humanidades diferentes da atual. Platão fala, no *Fedro*, de uma raça de homens “alados”. Aristófanis, no *Banquete* de Platão, refere-se a uma raça andrógina de corpo arredondado. No *Pimandro* todo o reino animal possui dois sexos. Assim, vemos que:

Isto é evidente, até para quem se atenha à letra morta da *Bíblia*. Os Gnósticos tinham, portanto, razão ao considerar o Deus dos judeus como pertencente a uma categoria *inferior*, material e não muito santa, de habitantes do Mundo invisível.

(33) Em *Isis sem Véu* (vol. II, págs. 131-32), foram expostos alguns destes sistemas gnósticos. Um deles foi tirado do *Codex Nazaraeus*, a Escritura dos Nazarenos, os quais, apesar de existirem muito antes do tempo de Cristo, e até mesmo antes das leis de Moisés, eram gnósticos e muitos deles Iniciados. Celebravam os seus “Mistérios da Vida” em Nazara (Nazaré antiga e moderna), e suas doutrinas são um eco fiel dos ensinamentos da Doutrina Secreta, alguns dos quais ora procuramos explicar.

"Tendo-se completado o circuito, o nó foi desatado... e todos os animais, que eram igualmente andrógynos, foram desligados [separados] ao mesmo tempo que o homem... [porque]... as causas tinham que produzir efeitos sobre a Terra."³⁴

No antigo manuscrito quichua *Popol Vuh*, publicado pelo falecido Abade Brasseur de Bourbourg, os primeiros homens são descritos como uma raça "cujo campo visual era ilimitado e que tinha imediato conhecimento de todas as coisas", manifestando assim o *divino saber dos Deuses*, e não o saber dos mortais. A Doutrina Secreta, corrigindo os inevitáveis exageros da fantasia popular, expõe os fatos tais como registrados nos símbolos arcaicos.

(b) Estas "Sombras" nasceram "cada qual com sua própria cor e espécie", e cada qual também "inferior a seu Pai", pois que este último era um Ser completo em sua espécie. Os Comentários esclarecem que a primeira frase se refere à cor ou tez de cada uma das raças humanas que foram assim desenvolvidas. No *Pimandro*, os Sete Homens Primitivos, que a Natureza criou, originados do "Homem Celeste", partilham todos as qualidades dos Sete "Governadores" ou Regentes, que amavam o homem, seu primeiro reflexo e síntese.

Nas lendas norueguesas, identificamos em Asgard o *habitat* dos Deuses, como também nos próprios Ases os mesmos místicos Loci e as personificações de nossa Doutrina Secreta; formando a tessitura dos "mitos populares". Vemo-las igualmente nos *Vedas*, nos *Purânas*, nas Escrituras Masdeístas e na Cabala. Os Ases da Escandinávia, os Regentes do Mundo que precedeu ao nosso, e cujo nome significa literalmente "Pilares do Mundo", seus "Suportes", são, portanto, idênticos aos Cosmocratas gregos, aos sete "Obreiros" ou Reitores do *Pimandro*, aos sete Rishis e Pitris da Índia, aos sete Deuses caldeus, aos sete Espíritos Maus e aos sete Sephiroth cabalísticos sintetizados pela Tríade superior, e até aos sete Espíritos Planetários dos místicos cristãos. Os Ases criam a Terra, os mares, o céu e as nuvens, todo o mundo visível, com os restos do gigante decapitado Ymir; mas não criam o HOMEM, criam apenas a sua forma, tirando-a da árvore Ask ou Ash. É Odin quem lhe confere a vida e a alma, depois que Lodur lhe deu o sangue e os ossos, e é finalmente Hönir quem lhe proporciona o intelecto (Manas) e os sentidos conscientes³⁵. O Ask norueguês, a árvore Ash de Hesíodo, de onde saíram todos os homens da geração de bronze, a Terceira Raça-Raiz, e a árvore Tzitê do *Popol Vuh*, de onde saiu a terceira raça mexicana, são tudo a mesma coisa. Qualquer leitor pode percebê-lo claramente. Mas a razão oculta por que o Yggdrasil nórdico, o Ashvattha indiano, o Gogard, a árvore helênica da vida e o Zampun tibetano se identificam com a Árvore Sephirótica cabalística, e até com a Árvore Sagrada feita por Ahura Mazda, e ainda com a árvore do

(34) I, 18. Veja-se a tradução do grego feita por François de Foix, Bispo de Ayre, obra dedicada a Margarida de França, Rainha de Navarra, edição de 1579, Bordeaux.

(35) *Asgard and the Gods*, página 4.

Éden³⁶, que sábio ocidental o pode dizer? Sem embargo, o fruto de todas essas “Árvores”, seja Pippala, Haoma ou ainda a prosaica Maçã, é, de fato e em verdade, a “planta da vida”.

Os protótipos de nossas raças estavam todos contidos na Árvore Microcósmica, que crescia e se desenvolvia *dentro e debaixo* da grande Árvore Macrocósmica do mundo³⁷; e o mistério se acha meio revelado no *Dirghotamas*³⁸, onde se diz:

“Pippala, o doce fruto dessa árvore, à qual recorrem os espíritos que amam a ciência, e onde os deuses produzem todas as maravilhas.”

Tal como no Gogard, a “Serpente” mora entre os ramos frondosos de todas essas Árvores do Mundo. Mas, ao passo que a Árvore Macrocósmica é a Serpente da Eternidade e da Sabedoria Absoluta, as que moram na Árvore Microcósmica são as Serpentes da Sabedoria Manifestada. Aquela é o Uno e o Todo; as outras são as suas partes *refletidas*. A “Árvore” é certamente o próprio Homem, e a Serpente que habita em cada uma é o Manas consciente, o elo que une o Espírito e a Matéria, o Céu e a Terra.

A mesma coisa em toda a parte. Os “Poderes Criadores” produzem o homem, mas não alcançam o objetivo final. Todos esses Logos se esforçam por dotar o homem com o Espírito *consciente* e imortal, que só se reflete na Mente (Manas). Falham, e são por isso punidos, se não pela própria tentativa. De que natureza é o castigo? É uma sentença de prisão na região inferior, que outra não é senão a Terra, a *mais baixa de sua Cadeia*; uma “Eternidade” — que significa a duração de um ciclo de Vida — nas trevas da Matéria, ou dentro do *Homem-animal*. Os Padres da Igreja, em parte por ignorância e em parte por malícia, houveram por bem desvirtuar o pitoresco símbolo. Aproveitaram-se das metáforas e das alegorias, que se vêem em todas as religiões antigas, para deturpar-lhes o sentido em proveito da nova religião. Assim, foi o homem convertido nas trevas de um inferno material; sua consciência divina, obtida graças ao Princípio que nele habitava, o Manâsa ou o Deva encarnado, transmutou-se nas chamas ardentes da Região Infernal, e o nosso Globo passou a ser esse mesmo Inferno. Pippala, ou Haoma, o fruto da Árvore da Ciência, foi denunciado como o *fruto proibido*; e a “Serpente da Sabedoria”, a voz da razão e da consciência, permaneceu, durante séculos, identificada com o Anjo Caído, isto é, o antigo Dragão, o Demônio!

Sucedeu o mesmo com os outros símbolos elevados. A Svástika, o mais sagrado e místico dos símbolos da Índia, a “Cruz Jaina”, como é chamada hoje pelos maçons, apesar de relacionar-se diretamente, e mesmo identificar-se, com a Cruz cristã, foi também desvirtuada. É o “signo do

(36) James Darmesteter, tradutor do *Vendidad*, diz a este respeito: “A Árvore, seja qual for...” (*Sacred Books of the East*, vol. IV, página 209).

(37) *Timeu*, de Platão.

(38) Ver Notas Adicionais.

Demônio”, dizem os missionários da Índia. Não aparece ele brilhando sobre a cabeça da Grande Serpente de Vishnu, sobre as mil cabeças de Shesha-Ananta, nos abismos de Pátala, o Naraka ou Inferno hindu? Sim, mas que é Ananta? Tal como Shesha, é o Ciclo Manvantárico de Tempo, de duração quase infinita; e ao próprio Tempo *Infinito* se dá o nome de Ananta, a grande Serpente de Sete Cabeças, sobre a qual repousa Vishnu, a *Eterna Divindade*, durante a inatividade do Pralaya. Que é que Satã tem de comum com este símbolo altamente metafísico? A Svástika é o mais filosófico e científico de todos os símbolos, e também o mais compreensível. E, em poucas linhas, o resumo de toda a obra da “criação” (ou da evolução, para dizermos com mais propriedade), desde a Cosmogonia até a Antropogonia, desde o ignoto e indivisível Parabrahman até a humilde *monera* da ciência materialista, *monera* cuja *gênese* é tão *desconhecida* dessa mesma ciência quanto o é a *gênese* da própria Divindade Absoluta.

A Svástika se encontra à frente dos símbolos religiosos de todas as nações antigas. É o MARTELO DO OPERÁRIO do *Livro dos Números* caldeu, o “Martelo”, já mencionado, do *Livro do Mistério Oculto* — “que arranca centelhas do sílex” (o Espaço), centelhas que se transformam em Mundos. É o Martelo de Thor, a arma mágica forjada pelos Anãos para ser usada contra os Gigantes ou Forças Titânicas pré-cósmicas da Natureza, que se revoltam, e que, enquanto se acham vivas na região da Matéria, não querem ser dominadas pelos Deuses — os agentes da Harmonia Universal — e devem ser primeiro destruídas. É por isso que o Mundo foi formado com os restos do Ymir decapitado.

A Svástika é o Miölnir, o “Martelo da Tempestade”; e diz-se que esta é a razão pela qual, quando os Ases, os Deuses santos, depois de purificados pelo fogo — o fogo das paixões e dos sofrimentos, no curso de suas encarnações — se tornarem dignos de habitar no Ida, em uma eterna paz, o Miölnir então será inútil. Isto se dará quando não mais estiverem aprisionados pelos laços de Hel — a Deusa rainha da região dos Mortos — pois o reino do Mal terá deixado de existir.

“As chamas de Surtur ainda não os havia destruído, nem tampouco as águas furiosas [dos diversos dilúvios]... Ali estavam... os filhos de Thor. Trouxeram Miölnir consigo, não como arma de guerra, mas como o martelo com o qual iam consagrar os novos céus e a nova terra.”³⁹

Em verdade, muitos são os seus significados! Na obra macrocósmica, o “Martelo da Criação”, com os seus quatro braços em ângulos retos, significa o contínuo movimento e a revolução do invisível Cosmos das Forças. Na obra do Cosmos manifestado e da nossa Terra, indica a rotação dos eixos do mundo e dos seus cinturões equatoriais, durante os Ciclos de Tempo; as duas linhas que formam a Svástika⁴⁰ representam o Espírito

(39) Veja-se *Asgard and the Gods*, página 305.

(40) Veja-se a figura da página 115.

e a Matéria, e as quatro pontas recurvas o movimento de rotação dos Ciclos. Aplicado ao microcosmo, o homem, mostra-o como um elo entre o céu e a Terra, a mão direita levantada no extremo de um braço horizontal, a esquerda apontando para a Terra. Na *Tábua de Esmeralda*, de Hermes, vê-se a palavra "Solve" escrita sobre a mão direita levantada, e a palavra "Coagula" sobre a mão esquerda. É, ao mesmo tempo, um signo alquímico, cosmogônico, antropológico e mágico, e são necessárias sete chaves para decifrar-lhe a significação oculta.

Não seria demais dizer que o simbolismo complexo deste signo, dos mais sugestivos e universais entre todos, encerra a chave que abre os sete grandes mistérios do Cosmos. Fruto das concepções místicas dos primeiros Arianos, que o colocaram no limiar mesmo da Eternidade, sobre a cabeça da serpente Ananta, encontrou sua morte espiritual nas interpretações escolásticas dos antropomorfistas da Idade Média. É o Alfa e o Ômega da Força Criadora Universal que evoluciona a partir do Espírito puro até chegar à Matéria densa. É também a chave do Ciclo da Ciência divina e humana, e aquele que compreender toda a sua significação estará para sempre livre dos entraves de Mâhâ-Mâyâ, a grande Ilusão, o Enganador. A luz que brilha sob o divino Martelo — hoje rebaixado ao martelete dos Grandes Mestres das lojas maçônicas — é suficiente para dissipar as trevas que envolvem todas as ficções e esquemas humanos.

Como são proféticos os cantos das três Deusas Nórdicas, a quem os corvos de Odin murmuravam os segredos do passado e do futuro, revolvendo em torno delas em suas moradas de cristal sob as águas do ondulante rio! Os cantos estão todos transcritos nos "Pergaminhos de Sabedoria", dos quais se perdeu grande número, mas ainda restam alguns; e eles repetem, em forma de alegoria poética, os ensinamentos das Idades Arcaicas. Vamos transcrever o que diz o Dr. Wagner em *Asgard and the Gods*, acerca da "Renovação do Mundo"; é uma profecia, feita em tempos passados, sobre a Sétima Raça de nossa Ronda.

O Miölnir havia cumprido com o seu dever nesta Ronda, e:

"No campo de Ida, o campo da ressurreição [para a Quinta Ronda], reuniram-se os filhos dos Deuses mais elevados, e neles ressurgiram os seus pais [os Egos de todas as suas encarnações passadas]. Falaram do Passado e do Presente, e recordaram a sabedoria dos antepassados e as suas profecias, que se haviam cumprido. Perto deles, mas invisíveis a seus olhos, estava o forte e poderoso Uno que governa todas as coisas, que leva a paz aos que se acham perturbados e prescreve as leis eternas que regem o mundo. Sabiam todos que Ele estava ali, sentiam-lhe a presença, o poder, mas lhe ignoravam o nome. A uma ordem d'Ele, a nova terra surgiu do seio das águas [do Espaço]. Ao Sul, sobre o campo de Ida, Ele criou outro céu, chamado Audlang, e, mais longe ainda, um terceiro, conhecido pelo nome de Widblain. Em cima da caverna de Gimil foi construído um palácio maravilhoso, que era coberto de ouro e brilhava com o fulgor do Sol. [São os três Globos gradualmente ascendentes de nossa Cadeia.] Ali, os Deuses foram instalados em seus tronos, como o estavam antes, e gozaram de sua restauração e de tempos melhores. Das alturas de Gimil [o Sétimo Globo, o mais elevado e o mais puro], lançaram a vista sobre os ditosos descendentes de Lif [e Lifthrasir, os futuros Adão e Eva da humanidade purificada] e lhes acenaram para que subissem mais alto e se elevassem em conhecimento e sabedoria,

em piedade e em obras de amor, passo a passo, de um a outro céu, até que finalmente se tornassem dignos de unir-se às divindades na mansão do Pai de todos.”⁴¹

Aquele que conhece as doutrinas do Budismo Esotérico, ou Sabedoria, ainda que tão imperfeitamente delineadas até agora, perceberá claramente a alegoria que se contém na descrição acima.

O leitor compreender-lhe-á melhor o significado filosófico se meditar com atenção no mito de Prometeu. Mais adiante o examinaremos à luz do Pramantha hindu. Rebaixado ao nível de um símbolo puramente fisiológico por alguns orientistas, e associado unicamente ao fogo terrestre, sua interpretação é um insulto a todas as religiões, inclusive ao Cristianismo, cujo Mistério maior é assim jungido à Matéria. A “fricção” do divino Pramantha e de Arani⁴² só podia aparecer sob tal aspecto na brutal concepção dos materialistas alemães, que de todos são os piores. É verdade que a Criança Divina, o Agni sânscrito, que se converteu no Ignis dos latinos, nasceu da união de Pramantha e Arani (a Svástika) durante a cerimônia do sacrifício. Mas que prova isso? Tvashtri (Vishvakarman) é o “artista e carpinteiro divino”⁴³, sendo também o Pai dos Deuses e o “Fogo Criador”, nos *Vedas*. O símbolo é tão antigo e sagrado que raras são as escavações feitas nos lugares das cidades antigas em que não se encontre vestígios dele. Certo número de discos de terra cozida chamados *fusaiolas* foram descobertos pelo Dr. Schliemann sob as ruínas da antiga Tróia. As duas formas 卐 e 卐 foram encontradas em grande quantidade, provando uma vez mais que os antigos troianos e seus antepassados eram arianos puros.

(c) O Chhâyâ, como já ficou explicado, é a Imagem Astral, e tem este sentido nos escritos sânscritos. Assim, Sanjnâ, a Consciência Espiritual, a esposa de Surya, o Sol, ali aparece como tendo ido para a flo-

(41) *Asgard and the Gods*, loc. cit.

(42) Pedaco de madeira da árvore Shami, usado para acender, pela fricção, o fogo sagrado.

(43) “O pai do fogo sagrado”, escreve o Professor Jolly, “tinha o nome de *Tvashtri*... Sua mãe era *Mâyâ*. Ele mesmo era chamado *Akta* (*ungido*, *χριστός*) depois que o sacerdote aspergia sobre sua cabeça o *Soma* espirituoso (?) e untava o seu corpo com manteiga purificada pelo sacrifício.” (*Man before Metals*, pág. 190.) A fonte de onde foi recolhida essa informação, não a indicou o darwinista francês; fazemos, porém, a citação para mostrar que a luz começa a despontar, até mesmo entre os materialistas. Adelbert Kühn, em sua obra *Die Herabkunft des Feuers*, identifica os dois signos 卐 e 卐 com Arani, designando-os sob este nome. E acrescenta: “Esse modo de acender o fogo conduziu naturalmente o homem à idéia da reprodução sexual”, etc. Por que uma idéia mais digna, mais oculta, não teria levado o homem a inventar o símbolo, que se acha relacionado, em um de seus aspectos, com a reprodução humana? No entanto, o seu simbolismo principal se refere à Cosmogonia.

“*Agni*, no estado de *Akta*, ou de ungido, sugere a idéia de Cristo”, observa o Prof. Jolly. “*Mâyâ* será Maria, sua mãe; *Tvashtri*, São José, o carpinteiro da Bíblia.” No *Rig Veda*, Vishvakarman é o mais antigo e elevado dos Deuses, o “Pai deles”. É o “carpinteiro ou construtor”, porque Deus é chamado, inclusive pelos monoteístas, o “Arquiteto do Universo”. A idéia, porém, em sua origem, é puramente metafísica, não tendo nenhuma relação com o Falicismo posterior.

resta, a fim de levar uma vida ascética, deixando o seu Chhâyâ, Sombra ou Imagem, ao esposo.

16. Como nasceram os Manushya⁴⁴? Como os formaram os Manus com mente (a)? Os Pais⁴⁵ chamaram em sua ajuda o seu próprio Fogo⁴⁶, que é o Fogo que arde na Terra. O Espírito da Terra chamou em sua ajuda o Fogo Solar⁴⁷. Esses Três⁴⁸, com seus esforços conjugados, produziram um bom Rûpa. Podia⁴⁹ estar de pé, andar, correr, curvar-se ou voar. Contudo, não passava ainda de um Chhâyâ, uma Sombra sem Entendimento (b)...

(a) Aqui necessário se faz outro esclarecimento, à luz do que dizem as Escrituras, tanto exotéricas como esotéricas. Os Manushya (Homens) e os Manus correspondem ao Adão caldeu: termo que absolutamente não significa o primeiro homem, como pensam os judeus, nem designa um indivíduo isolado, mas a Humanidade, coletivamente, como entre os caldeus e os assírios. Quatro Ordens ou Classes, dentre as Sete de Dhyân-Chohans — reza o Comentário —, “foram os Progenitores do Homem Oculto”; ou seja, do Homem Interno e sutil. Os Lhas da Lua, os Espíritos Lunares, não foram, como já dissemos, senão os Antepassados da Forma Humana, isto é, do modelo pelo qual a Natureza empreendeu a sua obra externa sobre o Homem. Assim, o Homem Primitivo, quando apareceu, era somente um Bhûta⁵⁰ sem entendimento, ou um “fantasma”. Essa foi, portanto, uma “criação” que falhou.

(b) Esta tentativa igualmente não surtiu efeito. É a alegoria da vanidade dos esforços da Natureza física para construir, sozinha, um animal perfeito — e muito menos o homem. Porque os Pais, os Anjos inferiores, são todos Espíritos da Natureza, e os Elementais superiores possuem também uma inteligência que lhes é própria, mas isso não basta para tornar possível a construção de um homem pensante. Era mister o “Fogo Vivente”, esse Fogo que confere à mente humana sua percepção e consciência peculiar, ou Manas, e a progênie de Pârvaka e de Shuchi são os Fogos Elétrico-animal e Solar, que criam animais e não podem, portanto, pro-

(44) Os verdadeiros Manushya.

(45) Barhishad (?).

(46) O Kavyavâhana, fogo elétrico.

(47) Shuchi, o espírito que está no Sol.

(48) Os Pitris e os dois Fogos.

(49) A Forma.

(50) Não está claro por que Bhûta é traduzido pelos orientistas como “mau espírito” nos Purânas. No Vishnu Purâna (trad. de Wilson, nota de Fitzedward Hall, vol. I, pág. 83), o “sloka” diz apenas: “Demônios, espantosos por terem a cor dos símios e serem carnívoros”; e a palavra significa hoje, na Índia, “espectros”, fantasmas etéreos ou astrais, ao passo que no Ensino Esotérico quer dizer substâncias elementais, algo formado de essência atenuada, não composta e, em sentido específico, o Duplo astral de todo homem ou animal. Neste caso, esses homens primitivos são os Duplos dos primeiros Dhyânis etéreos ou Pitris.

porcionar senão uma estrutura física vivente a esse primeiro modelo astral do Homem. Os Primeiros Criadores foram, assim, os Pigmalhões do Homem Primitivo: não puderam animar a estátua, *intelectualmente*.

A presente Estância, como veremos, é bastante sugestiva. Explica o mistério e preenche o vazio que há entre o princípio animador do homem — o Eu Superior ou Mônada Humana — e a Mônada animal, as quais são ambas uma só, conquanto seja a primeira dotada de inteligência *divina*, e a segunda somente da faculdade do *instinto*. Como se explica tal diferença, e como interpretar a presença desse Eu Superior no homem?

Diz o Comentário:

Os Filhos de MAHAT são os que animam a Planta humana. São as Águas que caem no solo árido da vida latente, e a Centelha que vivifica o Animal humano. São os Senhores da Vida Espiritual Eterna... No princípio [durante a Segunda Raça], alguns [dos Senhores] só insuflaram parte de sua essência nos Manushya [homens], e alguns elegeram o homem para seu domicílio.

Mostra isso que todos os homens não foram encarnações dos “Divinos Rebeldes”, senão apenas de um pequeno número dentre eles. Para os outros, o seu Quinto Princípio foi simplesmente ativado pela centelha nele projetada, o que explica a grande diferença entre as capacidades intelectuais dos homens e das raças. Se os “Filhos de Mahat” não houvessem, alegoricamente falando, saltado através dos mundos intermediários, em seu impulso para a liberdade intelectual, jamais teria sido o homem-animal capaz de elevar-se acima desta terra e de alcançar a meta final por seu esforço próprio. A Peregrinação Cíclica teria que realizar-se através de todos os planos da existência em estado semi-inconsciente, senão de todo inconsciente, tal como sucede com os animais. Graças àquela revolta da vida intelectual contra a inatividade mórbida do espírito puro é que hoje somos o que somos — homens autoconscientes, pensantes, possuindo em nós mesmos as capacidades e os atributos dos Deuses, tanto para o bem como para o mal. Os *Rebeldes* são, portanto, os nossos Salvadores. Que os filósofos meditem sobre isso, e mais de um mistério se tornará claro para eles. Não é senão pela *vis attractiva* dos contrastes que os dois opostos — Espírito e Matéria — podem ser cimentados entre si, na Terra, e, fundidos no fogo da experiência consciente e do sofrimento, encontrar-se unidos na Eternidade. Isso revelará o significado de muitas alegorias até agora incompreensíveis e levianamente qualificadas como “fábulas”⁵¹.

Explica, para começar, a declaração contida no *Pimandro*, de que o “Homem Celeste”, o “Filho do Pai”, que participa da natureza e da essência dos Sete Governadores ou Criadores e Regentes do Mundo Material.

(51) Veja-se o Comentário ao “sloka” 39 da Estância X.

"Lançou a vista através da Harmonia e, abrindo caminho através da força dos [sete] Círculos [de Fogo], assim fez conhecer e tornou manifesta a natureza inata descendente." ⁵²

Elucida todos os versículos da narração hermética, e também a alegoria grega de Prometeu. Mas, o que é sobretudo importante, explica os numerosos relatos alegóricos das "Guerras no Céu", inclusive o do *Apo-calipse*, relacionado com o dogma cristão dos "Anjos Caídos". Esclarece a "Rebelião" dos Anjos mais antigos e elevados, e o sentido da versão de que foram precipitados do Céu nas profundezas do Inferno, isto é, na Matéria. Põe fim até à recente perplexidade dos assiriólogos, que, através da palavra do falecido George Smith, expressam o seu assombro nos seguintes termos:

"Minha primeira idéia sobre este ponto [a rebelião] foi que a guerra contra os poderes do mal precedeu a Criação: agora penso que ela ocorreu após a história da Queda." ⁵³

Na mesma obra ⁵⁴, George Smith reproduz a gravura de um antigo cilindro babilônico, em que se representa a Árvore Sagrada, a Serpente, o homem e a mulher. A Árvore tem sete ramos: três do lado do homem e quatro do lado da mulher. Os ramos tipificam as Sete Raças-Raízes, na terceira das quais, e já perto do fim, se deu a separação dos sexos e o que se chama a Queda na geração. As três primeiras Raças foram inicialmente sem sexo, e depois hermafroditas; as outras quatro se compunham de machos e de fêmeas, distintos uns das outras. Conforme diz o autor:

"O dragão que na versão caldéia da criação arrasta o homem ao pecado é a criatura de Tiamat, o princípio vivente do mar e do caos... que era o adversário das divindades quando da criação do mundo." ⁵⁵

Há um erro aí. O Dragão é o princípio masculino, Falo personificado, ou melhor, *animalizado*; e Tiamat, "a incorporação do espírito do Caos", do Abismo ou Oceano, é o princípio feminino, a Matriz. O "espírito do caos e da desordem" refere-se à perturbação mental a que esse princípio conduz. É o princípio sensual, atrativo, magnético, que fascina e seduz, o elemento sempre vivente e ativo que mergulha o mundo por completo na desordem, no caos e no pecado. A serpente seduz a mulher, mas é esta última que seduz o homem, e ambos estão incluídos na maldição cármica, embora somente como o resultado natural de uma causa produzida. Diz George Smith:

"É claro que o dragão se inclui na maldição da Queda, e que os deuses [os Elohim, ressentidos por verem que o homem de barro se tornou, por sua vez, um Criador, como todos os animais] invocam sobre a cabeça da Raça humana todos os

(52) Veja-se *Pimandro*, trad. de Everard, II, 17-29.

(53) *Chaldean Account of Génesis*, página 92.

(54) Página 91.

(55) *Ibid.*, loc. cit.

males que afligem a humanidade. A sabedoria e o conhecimento lhe serão prejudiciais; arrastará lutas de família, submeter-se-á à tirania, irritará os deuses... os seus desejos serão frustrados, dirá *orações inúteis*... cometerá pecados futuros. Não há dúvida que existe mais alguma coisa sobre o assunto, mas a narrativa é novamente interrompida, sendo retomada somente a partir do ponto em que os deuses se preparam para guerrear os poderes do mal, que são dirigidos por Tiamat [a mulher].”⁵⁶

Esse relato foi omitido no *Gênesis*, com um objetivo monoteísta; trata-se, porém, de uma manobra errada (nascida, sem dúvida, do temor e da consideração por uma religião dogmática com suas superstições), qual a de querer completar os fragmentos caldeus por meio do *Gênesis*, quando este último, por ser muito mais recente, é que deve ser explicado por aqueles.

17. O Sopro⁵⁷ necessitava de uma Forma. Deram-na os Pais. O Sopro necessitava de um Corpo Denso; a Terra o modelou. O Sopro necessitava do Espírito de Vida; os Lhas Solares o insuflaram em sua Forma. O Sopro necessitava de um Espelho de seu Corpo⁵⁸; “Nós lhe damos o nosso!” disseram os Dhyânis. O Sopro necessitava de um Veículo dos Desejos⁵⁹; “Aqui o tem!” disseram os Drenadores das Águas⁶⁰. Mas o Sopro necessitava de uma Mente para abranger o Universo; “Isso não podemos dar!” disseram os pais. “Nunca a tive!” disse o Espírito da Terra. “Se eu lhe desse a minha, a Forma seria consumida!” disse o Grande Fogo⁶¹... O Homem⁶² permaneceu um Bhûta, vazio e sem entendimento... Assim deram a Vida os Sem-Ossos aos que⁶³ vieram a ser os Homens Com Ossos na Terceira⁶⁴.

Como se verá uma explicação completa no Comentário da Estância, bastarão agora algumas observações.

O “Pai” do homem físico primitivo, ou do seu corpo, é o Princípio Elétrico Vital que reside no Sol. A Lua é sua “Mãe”, por causa do misterioso poder que possui e que exerce uma influência tão marcante na gestação e na geração humana, que ela preside, como também no crescimento das plantas e dos animais. O “vento” ou Éter, que no caso tem o papel de agente transmissor, por intermédio do qual essas influências são transportadas e descem dos dois astros, disseminando-se pela Terra, é mencionado como a “Nutriz”⁶⁵, mas só o “Fogo Espiritual” faz do homem uma entidade divina e perfeita.

(56) *Ibid.*, loc. cit.

(57) A Mônada Humana.

(58) A Sombra Astral.

(59) Kâmâ Rûpa.

(60) Shuchi, o fogo da paixão e do instinto animal.

(61) O fogo Solar.

(61) O Homem nascente.

(62) Mais tarde.

(64) Raça.

(65) Veja-se o “sloka” 22.

Que é então o Fogo Espiritual? Em Alquimia é geralmente o hidrogênio, mas na realidade esotérica é a emanção ou o Raio que procede do seu *Númeno*, o “Dhyân do Primeiro Elemento”. O hidrogênio é só um gás em nosso plano terrestre. Na Química, porém, o hidrogênio “seria a única forma de matéria existente, no sentido que demos a esta palavra”⁶⁶, estando intimamente aliado ao Prótilo, que é o nosso *layam*. É, por assim dizer, o pai e o gerador, ou melhor, o Upâdhi (a base) do Ar e da Água, não passando realmente de “fogo, ar e água”; em uma palavra, *um* sob três aspectos, e portanto a trindade química e alquímica. No mundo da Manifestação ou da Matéria, o símbolo é objetivo e a emanção material do Ser subjetivo e puramente espiritual da região dos Númenos. Tem razão Godfrey Higgins, quando compara o hidrogênio, e até o identifica, com το ὄν — o “Uno” dos gregos. Pois, conforme sua observação, o hidrogênio *não é água*, apesar de gerá-la; *não é fogo*, apesar de manifestá-lo ou criá-lo; *não é tampouco ar*, embora possa considerar-se o ar como o produto da união da água e do fogo, uma vez que o hidrogênio se encontra no elemento aquoso da atmosfera. É “três em um”.

Estudando-se a Teogonia comparada, é fácil ver que o segredo destes “Fogos” era ensinado nos Mistérios de todos os povos da antiguidade, e principalmente na Samotrácia. É fora de dúvida que os Cabiros, as mais misteriosas de todas as Divindades antigas, Deuses e Homens, Grandes Divindades e Titãs, são idênticos aos Kumâras e Rudras conduzidos por Karttikeya, este igualmente um Kumâra. Isso é de todo o ponto evidente, até mesmo exotericamente; e estas Divindades hindus eram, como os Cabiros, os *Fogos sagrados personificados dos mais ocultos Poderes da Natureza*. Os diversos ramos da Raça Ariana: o asiático e o europeu, o hindu e o grego, fizeram todo o possível para ocultar a verdadeira natureza dos Cabiros, se não a sua importância. Como no caso dos Kumâras, o número dos Cabiros é incerto. Dizem alguns que eram só três ou quatro; outros, que eram sete. Axieros, Axiokersa, Axiokersos e Kasmilos⁶⁷ podem ser perfeitamente considerados como os *alter-egos* dos quatro Kumâras — Sanat-Kumâra, Sananda, Sanaka e Sanâtana. As primeiras Divindades, cujo pai se dizia ser Vulcano, foram muitas vezes confundidas com os Dióscuros, os Coribantes, os Anactos, etc. — exatamente como se deu com os Kumâras, cujo pai putativo era Brahma (ou a “Chama de Sua Ira”, que o induziu a efetuar a nossa Criação ou Criação Kumâra, que produziu Rudra ou Nilalohita [Shiva] e os Kumâras) — e que eram confundidos com os Asuras, os Rudras e os Pitris, isto pela simples razão de que todos são *um*, isto é, Forças e Fogos correlativos. Falta-nos espaço para descrevermos aqui estes “Fogos” e o seu real significado; tentaremos fazê-lo mais tarde, se o restante desta obra vier a ser publicado. Enquanto isso, podemos apresentar alguns esclarecimentos adicionais.

O que antecede constitui um conjunto de mistérios, cuja solução deve ser deixada à intuição pessoal do estudante, de preferência a descrever-se.

(66) Veja-se *Genesis of the Elements*, por W. Crookes, página 21.

(67) Axieros (o mais velho); Axiokersa (feminino); Axiokersos (o mais moço); Kasmilos ou Kadmilos, um deus-menino, “o Filho”; divindades samotrácias.

Se ele quer saber algo sobre o segredo dos FOGOS, que se dirija a certas obras de Alquimia, nas quais se associa com muita propriedade o Fogo de cada Elemento, como o fazem os ocultistas. Deve o leitor ter presente que os antigos consideravam a Religião e as Ciências Naturais, assim como a Filosofia, como estreita e inseparavelmente ligadas. Esculápio era o Filho de Apolo — o Sol ou fogo da Vida — a um tempo Hélios, Pítias e o Deus da Sabedoria. Nas religiões exotéricas, como na Filosofia Esotérica, os Elementos — especialmente o Fogo, a Água e o Ar — aparecem como os Progenitores dos nossos *cinco sentidos físicos*, e, conseqüentemente, em relação direta com eles, de um modo oculto. Estes cinco sentidos físicos pertencem a uma Criação ainda inferior à conhecida nos *Purânas* sob o nome de Pratisarga, ou “Criação Secundária”⁶⁸.

“O Fogo Líquido procede do Fogo Homogêneo” — diz um axioma oculto.

O Círculo é o PENSAMENTO; o DIÂMETRO [ou a linha] é o VERBO; e a sua união é a VIDA.

Na Cabala, Bath-Kol é a Filha da Voz Divina, ou Luz Primordial, Shekinah. Nos *Purânas* e no exoterismo hindu, Vâch, a Voz, é o Logos feminino de Brahmâ — uma permutação de Aditi, a Luz Primordial. E se, no misticismo judeu, Bath-Kol é uma voz articulada sobrenatural, vinda do céu para revelar ao “povo eleito” as sagradas tradições e as leis, é tão-somente porque Vâch, antes do Judaísmo, foi chamada a “Mãe dos Vedas”, que penetrou nos Rishis e os inspirou com suas revelações, exatamente como se diz que “Bath-Kol inspirou os profetas de Israel e os Sumos Sacerdotes judeus”. Uma e outro existem ainda hoje, sob os seus respectivos símbolos sagrados, pois os antigos associavam o Som ou a Linguagem ao Éter do Espaço, cuja característica é o Som. De modo que o Fogo, a Água e o Ar formam a Trindade Cósmica primordial.

“Eu sou o teu Pensamento, o teu Deus, mais antigo que o Princípio Úmido; eu sou a Luz que brilha nas trevas [o Caos], e o Verbo resplandecente de Deus [o Som] é o Filho da Divindade.”⁶⁹

Devemos, portanto, estudar bem a “Criação Primária”, a fim de podermos compreender a “Criação Secundária”. A primeira Raça encerrava em si três Elementos *rudimentares*, e *nenhum Fogo* ainda, porque, segundo os antigos, a evolução do homem e o crescimento e desenvolvimento dos seus sentidos espirituais e físicos estavam subordinados à evolução dos Ele-

(68) Por agentes do Ser Supremo.

(69) *Pimandro*, I, 6. Os adversários do Hinduísmo podem chamar a isso Panteísmo, Politeísmo, ou que outro nome queiram. Se os preconceitos não cegaram por completo a Ciência, terá ela nessa descrição a prova de um profundo conhecimento das Ciências Naturais e Físicas, assim como da Metafísica e da Psicologia. Mas para isso será preciso estudar as personificações e depois convertê-las em átomos químicos. Ver-se-á então, que satisfazem, ao mesmo tempo, à ciência física, inclusive à puramente materialista, e aos que enxergam na evolução a obra da “Grande Causa Desconhecida”, em seus aspectos fenomenais e ilusórios.

mentos no plano Cósmico desta Terra. Tudo procede de Prabhavâpyaya, a evolução dos princípios criadores e sencientes nos Deuses, e também da chamada Divindade Criadora mesma. Pode-se reconhecê-lo nos nomes e qualificativos atribuídos a Vishnu nas Escrituras exotéricas. Em seu caráter de Protólogo Órfico, ele recebe o epíteto de Pûrvaja, “pré-genético”; e os outros nomes, considerados em sua ordem descendente, o associam cada vez mais à Matéria.

Pode-se observar o seguinte paralelismo na evolução dos Elementos e dos Sentidos, ou entre o “Homem” Cósmico Terrestre, ou “Espírito”, e o homem físico mortal.

1. Éter	Ouvido	Som.
2. Ar	Tato	Som e Tato.
3. Fogo ou Luz	Vista	Som, Tato e Cor.
4. Água	Gosto	Som, Tato Cor e Gosto.
5. Terra	Olfato	Som, Tato, Cor, Gosto e Olfato ⁷⁰ .

Como se vê, cada Elemento acrescenta a suas próprias características as do Elemento que o precede, assim como cada Raça-Raiz acrescenta o sentido que caracteriza a Raça anterior. O mesmo ocorre na “Criação” setenária do homem, que se desenvolve gradualmente em sete estádios, e com os mesmos princípios, conforme se mostrará mais adiante.

Assim, enquanto que os Deuses ou Dhyân-Chohans (Devas) procedem da Causa Primeira — que não é Parabrahman, pois este é a CAUSA INTEGRAL, não podendo ser qualificado como “Primeira Causa” — (notando-se que a Causa Primeira é chamada nos livros brâmanes de Jagad-Yoni, a “Matriz do Mundo”), a Humanidade promana daqueles agentes ativos do Cosmos. Os homens, contudo, durante a Primeira e a Segunda Raças não eram seres físicos, senão meros rudimentos dos homens futuros; Bhûtas, que provinham de Bhutadi, a “origem” ou o “sítio original de onde saíram os Elementos”. Assim, procederam eles, como tudo o mais, de Prabhavâpyaya, “o lugar de onde tudo se origina e onde todas as coisas se dissolvem”, segundo explica o comentador do *Vishnu Purâna*⁷¹. Dali também procedem os nossos sentidos físicos; dali vem, inclusive, a mais alta Divindade “criada”, em nossa Filosofia. Como uma com o Universo, quer se chame Brahmâ, Ishvâra ou Purûsha, é uma Divindade Manifestada — e, portanto, “criada” ou limitada e condicionada. O que facilmente se prova, até mesmo com os ensinamentos exotéricos.

Depois de ser chamado o incognoscível e eterno Brahma (neutro ou abstrato), o Pundarikâksha⁷², “glória suprema e imperecível”, desde o momento em que, em vez de Sadaika-Rûpa, “inalterável” ou “imutável”

(70) Ver Notas Adicionais.

(71) Tradução de Wilson, nota de Fitzedward Hall, vol. I, página 21.

(72) “Pundarikâsha, o de olhos como lótus ou de coração pleno, ou Pundarika, é considerado como a suprema glória, ‘aksha’ imperecível. A primeira etimologia é a mais usual.” *Vishnu Purâna*, I, pág. 2. Pundarikam significa lótus branco.

Natureza, passa a ser denominado Ekânêka-Rûpa, “ao mesmo tempo único e múltiplo”, ele, a Causa, vem a sumir-se nos seus próprios efeitos; e os seus nomes, dispostos pela ordem Esotérica, apresentam a seguinte escala descendente:

Mahâpurusha ou Paramâtman	Espírito Supremo.
Âtman ou Pûrvaja (Protólogo)	O Espírito Vivente da Natureza.
Indriyâtman ou Hrishiksha	Alma Espiritual ou Intelectual (una com os sentidos).
Bhûtâtman	A Alma Vivente ou Alma da Vida.
Kshetrajna	A Alma Encarnada, ou o Universo de Espírito e Matéria.
Khhrântidarshanatah	Falsa Percepção, o Universo Material ⁷³ .

O último nome significa algo percebido ou concebido, em virtude de uma falsa e errônea noção, como forma material, mas que em verdade não passa de Mâyâ, Ilusão, como tudo em nosso Universo físico.

A evolução das Essências Dhyân Chohânicas se processa em estrita analogia com os atributos desse Brahmâ, tanto no mundo espiritual como no mundo material; as características daquelas se refletem, por sua vez, coletivamente, no Homem e nos seus Princípios, *cada um dos quais contendo em si mesmo, em idêntica ordem progressiva, uma parte dos diversos “Fogos” e Elementos das Essências*

(73) *Ibid.*, vol. I.

ESTÂNCIA V

A EVOLUÇÃO DA SEGUNDA RAÇA

18. Os Filhos do Ioga. 19. A Segunda Raça sem sexo. 20. Os Filhos dos "Filhos do Crepúsculo". 21. A "Sombra", ou o Homem Astral, retira-se para o interior, e o Homem desenvolve um Corpo Físico.

18. Os Primeiros¹ foram os Filhos do Ioga. Seus Filhos, os Filhos do Pai Amarelo e da Mãe Branca.

No último Comentário a sentença está assim traduzida:

Os Filhos do Sol e da Lua, que foram nutridos pelo Éter [ou "Vento"] (a)... Eram as sombras das Sombras dos Senhores (b). Elas [as Sombras] se dilataram. Os Espíritos da Terra as revestiram; os Lhas Solares as aqueceram [isto é, preservaram o Fogo Vital nas Formas Físicas nascentes]. Os Sopros tinham vida, mas não tinham entendimento. Não possuíam Fogo nem Água próprios (c).

(a) Recorde-se, a este respeito, a *Tábua de Esmeralda* de Hermes, cujo significado esotérico tem sete chaves. A chave Astroquímica é bem conhecida dos estudantes; podemos agora dar a chave Antropológica. A "Coisa Única" que nela se menciona é o Homem. Diz que:

"O Pai desta Coisa Una e Única é o Sol; sua Mãe é a Lua; o Vento a leva no seu seio, e sua Nutriz é a Terra vivificante."

Na versão oculta se acrescenta: "e o Fogo *Espiritual* é o seu instrutor [Guru]".

Esse Fogo outro não é senão o Eu Superior, ou seja, o que se reenarna constantemente, o Eu Espiritual, sob a influência de seus Eus pessoais inferiores, modificando-se em cada renascimento, cheio de Tanha ou do desejo de viver. Dispõe uma estranha lei da Natureza que, neste plano, a Natureza superior (Espiritual) fique, por assim dizer, escravizada à

(1) A Primeira Raça.

Natureza inferior. A menos que o Ego se refugie em Atman, o ESPÍRITO UNIVERSAL, fundindo-se por completo em sua essência, o Ego pessoal é capaz de excitá-lo até o amargo fim. Isto não pode ser inteiramente compreendido pelo estudante, sem que ele conheça o mistério da evolução, que procede seguindo uma tríplice direção: Espiritual, Psíquica e Física.

O que impulsiona a evolução e a força, isto é, o que determina o crescimento e o desenvolvimento do Homem em busca da perfeição, é: (a) a Mônada, ou o que nela atua de modo inconsciente em virtude de uma Força que lhe é inerente, e (b) o Corpo Astral inferior ou *Eu pessoal*. A primeira, quer esteja aprisionada em um corpo animal ou em um vegetal, é dotada dessa Força; em verdade, ela própria é essa Força. Por causa de sua identidade com a FORÇA UNIVERSAL, inerente à Mônada, como já ficou dito, ela é todo-poderosa no plano Arûpa ou sem forma.

Em nosso plano, sua essência é demasiado pura e permanece universalmente potencial; mas, individualmente, é inativa. Por exemplo, os raios do Sol, que contribuem para o desenvolvimento da vegetação, não escolhem esta ou aquela planta para sobre ela brilhar. Se a planta for arrancada e transportada para um sítio onde os raios do Sol não a possam alcançar, estes não a seguirão. O mesmo sucede com Atman; a menos que o Ego ou Eu Superior grave para o seu Sol — a Mônada —, o Ego Inferior ou *Eu pessoal* predominará em todos os casos. Porque este Ego, com o seu feroz egoísmo e os seus desejos animais de viver uma vida insensata (Tanha), é o “construtor do tabernáculo”, como o chama Buddha no *Dhammapada*². Daí a expressão: os Espíritos da Terra revestiram as Sombras e as fizeram dilatar-se.

A esses Espíritos pertencem temporariamente os Eus Astrais humanos, e são eles que proporcionam ou constroem o tabernáculo físico do homem para alojar a Mônada e o seu princípio consciente, Manas; são, porém, os Lhas ou Espíritos “Solares” que aquecem as Sombras. Isto é verdade, física e literalmente; do ponto de vista metafísico, ou seja, no plano psíquico e espiritual, é também verdade que o Atman *reaquece* o Homem Interno; isto é, que o ilumina com o Raio da Vida Divina; e que só ele é capaz de conferir ao Homem Interno, ou o Ego que reencarna, a sua imortalidade.

Assim, veremos que, durante as três primeiras Raças-Raízes e a primeira metade da quarta, isto é, até o ponto médio ou de volta, as Sombras Astrais dos “Progenitores”, os Pitris Lunares, são as forças criadoras das Raças, que constroem a forma física e impulsionam gradualmente sua evolução no sentido da perfeição — e isso ao preço de uma perda equivalente de espiritualidade.

Depois, a partir do ponto de volta, é o Eu Superior ou Princípio reen carnante, o *Nous* ou Mente, que reina sobre o Ego animal e o governa, quando este último não arrasta o primeiro para baixo. Numa palavra, a Espiritualidade está no seu arco ascendente; e o aspecto animal ou físico

(2) “Slokas” 153, 154.

só dificulta o seu progresso regular na via da evolução quando o egoísmo da Personalidade contaminou de tal modo e tão fortemente o Homem Interno com o seu *virus* mortal, que a atração superior perde todo o império sobre o homem pensante e racional.

A verdade estrita é que o vício e a maldade constituem uma manifestação *anormal* e *antinatural*, no presente estágio de nossa evolução humana — ou, pelo menos, assim deveria ser. A circunstância de que a Humanidade jamais tenha sido mais egoísta e viciosa do que hoje — pois as nações civilizadas chegaram a fazer do egoísmo uma característica ética e do vício uma arte — é uma prova a mais da natureza excepcional do fenômeno.

O tema completo se encontra no *Livro dos Números* caldeu, e ainda no *Zohar*, por pouco que se possa apreender do significado das alusões apocalípticas. Primeiramente vem o Ain Soph, o “O culto do Oculto”, depois o *Ponto*, Sephira e os Sephiroth posteriores, finalmente o Mundo atzilático, um *Mundo de Emanações*, que dá nascimento a três outros Mundos: o primeiro é o Mundo Briático, chamado o Trono, a mansão dos Espíritos Puros; o segundo, o *Mundo da Formação*, ou Mundo Jetzirático, a morada dos Anjos, que produzem o terceiro, o *Mundo da Ação*, ou Mundo Asiático, que é a Terra ou o *nosso* Mundo. Diz-se, porém, a respeito deste Mundo — também denominado Kliphoth, que contém as (outras seis) Esferas, אֵשׁ מַי וְאֵרֶץ e a Matéria — que é a residência do “Príncipe das Trevas”. Isto não pode estar mais claro; pois Metatron, o Anjo do segundo Mundo Briático, o primeiro habitável, significa Mensageiro, αγγελος, Anjo, chamado o grande Mestre; e abaixo dele estão os Anjos do terceiro Mundo, ou Mundo Jetzirático, cujas dez e cujas sete classes são os Sephiroth³, de quem se diz que:

“Habitam ou vivificam este mundo como [entidades e] inteligências essenciais, e seus *contrários correlativos* e lógicos moram no terceiro mundo habitável, chamado Asiático.”

Estes “contrários” são denominados os “Cascões”, קליפות, ou Demônios⁴, que moram nas habitações chamadas Sheba Hachaloth, que são as sete Zonas do nosso Globo⁵. Na Cabala, o seu príncipe tem o nome de Samael, o Anjo da Morte; que é também a Serpente tentadora, Satã; mas este Satã é ainda Lúcifer, o radiante Anjo de Luz, o *portador* da Luz e da *Vida*, a “Alma” que se separou temporariamente dos Santos, os outros Anjos, *antecipando o tempo* em que deviam descer à Terra a fim de, por sua vez, se encarnarem.

(3) Isso está simbolizado no Triângulo Pitagórico, com os dez yods internos, e nos sete pontos do Triângulo e do Quadrado. Veja-se a Seção XIV do Volume II, Parte Terceira, “Deuses, Mônadas e Átomos”.

(4) Daí vem o nome cabalístico de “Cascões” dado à Forma Astral, o Corpo chamado *Kâma-Rûpa*, abandonado pelos Anjos Superiores sob a forma do Manas Superior, quando este marcha para o Devachan, deixando os seus resíduos.

(5) *Royal Masonic Cyclopædia*, de Mackenzie, páginas 409-411.

O *Livro da Sabedoria* ensina que:

"Todas as Almas [Mônadas] são preexistentes nos Mundos das Emanações." ⁶

E o *Zohar* ensina que na "Alma" está o *homem real*, isto é, o Ego, o consciente EU SOU, Manas.

Josefo diz, repetindo a crença dos Essênios:

"[As Almas] descem do ar puro a fim de serem encadeadas aos corpos." ⁷

E Filon declara que:

"O ar está cheio [de almas], e as que se acham mais próximas da Terra, descendo para serem encadeadas a corpos mortais, retornam aos corpos, desejosas de neles viverem."

Porque, através e dentro da forma humana, elas se tornam Seres *progressivos*, enquanto que a natureza do Anjo é puramente *intransitiva*; é por isso que o homem possui em si o poder de transcender as faculdades dos Anjos. Daí a razão de dizerem os Iniciados da Índia que Brâhman, o Duas Vezes Nascido, é quem governa os Deuses ou Devas. Paulo o repete em sua *Epístola aos Coríntios*:

"Não sabeis que nós [os Iniciados] seremos juízes dos próprios Anjos?" ⁸

Finalmente, todas as antigas Escrituras e Cosmogonias dizem que o homem evolucionou primitivamente como uma *forma luminosa incorpórea*, sobre a qual, como o bronze em fusão vertido no molde do escultor, foi construído o arcabouço físico do seu corpo, com formas e tipos inferiores da vida animal terrestre. Segundo o *Zohar*,

"A Alma e a Forma, ao descender sobre a Terra, tomaram vestimentas terrestres."

Seu corpo protoplasmático não estava formado desta matéria de que são constituídas as nossas estruturas mortais.

"Quando Adão morava no jardim do Éden, estava coberto por uma veste celestial, que é a veste de luz celestial... *luz daquela luz que era usada no jardim do Éden* ¹⁰. O homem [o Adão celeste] foi criado pelos dez Sephiroth do mundo Jetzirático, e os sete Anjos de um mundo ainda inferior engendraram, por seu *poder comum*, o Adão terrestre. Primeiro caiu Samael, e depois, *enganando* [?] o homem, causou também a sua queda."

(6) VIII, 20.

(7) *De Bello Judæo*, II, 12.

(8) *De Gignat*, pág. 222-C; *De Somniis*, página 455-D; o que prova que os Essênios acreditavam no renascimento e em reencarnações numerosas sobre a Terra, como acreditava o próprio Jesus, conforme podemos ver no *Novo Testamento*.

(9) I, VI, 3.

(10) *Zohar*, II, 229.b.

(b) A frase: “eram as sombras das Sombras dos Senhores” — isto é: os Progenitores criaram o homem tirando-o de seus próprios Corpos Astrais — explica uma crença universal. No Oriente, pretende-se que os Devas não têm “sombra” própria. “Os devas não projetam sombra”, e é este o sinal seguro que indica um *Espírito bom e santo*.

Por que não tinham “nem Fogo nem Água próprios”? ¹¹

Porque o que o Hidrogênio é para os Elementos e os gases no plano objetivo, é o seu Númeno no mundo dos fenômenos mentais e subjetivos, pois a sua tríplice natureza latente se reflete em suas três emanções ativas, procedentes dos três Princípios superiores do homem, a saber, o Espírito, a Alma e a Mente, ou Atma, Buddhi e Manas. É a base espiritual e também a base material humana. O homem rudimentar, tendo sido nutrido pelo “Ar” ou o “Vento”, torna-se mais tarde no homem perfeito, quando, graças ao desenvolvimento do “Fogo Espiritual”, o Númeno dos “Três em Um” dentro do Eu, adquire do seu Eu Interno, ou Instrutor, a Sabedoria e a Autoconsciência, de que carecia no princípio. Ainda aqui, portanto, o Espírito Divino é simbolizado pelo Sol ou o Fogo; a Alma Divina, pela Água e a Lua; representando ambos o Pai e a Mãe de Pneuma, a Alma humana ou Inteligência, simbolizada pelo Vento ou o Ar, visto que Pneuma quer dizer ‘Sopro’.

Por isso, na *Tábua de Esmeralda*, que mãos cristãs deturparam,

“O Superior está conforme o Inferior, e o Inferior com o Superior, para executarem esta obra única e verdadeiramente maravilhosa [que é o Homem].”

Porque a Obra Secreta de Chiram (ou Rei Hiram, na Cabala), “una em essência, mas trina em seus aspectos”, é o Agente Universal ou *Lapis Philosophorum*. O ponto culminante da Obra Secreta é o Homem Espiritual Perfeito, em um extremo da linha; no outro extremo, a união dos três Elementos é o Solvente Oculto na “Alma do Mundo”, a Alma Cósmica ou a Luz Astral; no plano material é o Hidrogênio em suas relações

(11) Isso está, no entanto, corroborado pelo esoterismo do *Gênesis*, como temos mostrado. Ali, não só os animais são criados após o “Adão de barro”, como se apresenta vegetação na Terra antes que “os céus e a terra fossem criados”. “Todas as plantas do campo que ainda não estavam na terra.” (II, I.) Ora, a menos que se acesse a interpretação oculta — segundo a qual na presente Ronda o Globo se achava coberto de vegetação, e a Primeira Humanidade (a *astral*) foi produzida antes que algo pudesse crescer e desenvolver-se nele — que pode significar a letra do texto? Simplesmente que a erva se encontrava na terra do Globo antes de ser criado este mesmo Globo? E, contudo, o significado do 6.º versículo, que diz: “um vapor subia da terra e regava toda a face da terra”, antes que chovesse, fazendo assim crescer as árvores, etc., é bastante claro. Mostra também em que período geológico isso ocorreu e, ainda, o que se entende por “céu” e “terra”. Significava o firmamento e a terra seca coberta por uma crosta, separada e livre de seus vapores e exalações. Demais, não deve o estudante esquecer que, assim como Adão Kadmon, o “ser macho e fêmea” do cap. I do *Gênesis*, não é nenhum ser humano físico, mas a legião dos Elohim, em cujo número estava o próprio Jeová, assim também os animais referidos no mesmo capítulo como “criados” antes do homem, segundo a letra morta do texto, não eram animais, senão os signos do Zodíaco e de outros corpos siderais.

com os outros gases. O *το όν* verdadeiramente; o UNO, “que ninguém viu, exceto o Filho”, expressão esta que se aplica tanto ao Cosmos metafísico como ao físico, e também ao Homem espiritual e material. Realmente, como se poderia compreender o *το όν*, o “Pai Único”, se o seu Manas, o “Filho”, não se tornasse (*como*) “Um com o Pai” e, em virtude desta absorção, não recebesse a iluminação por intermédio do “Instrutor” divino ou Guru — Âtmâ-Buddhi?

Conforme diz o Comentário:

Se queres compreender a SECUNDÁRIA [a chamada “Criação”], ó Lanu! debes começar por estudar sua relação com a PRIMÁRIA ¹².

A Primeira Raça possuía três Elementos, mas nenhum Fogo *Vivente*. Por quê? Porque:

“Dizemos *quatro* Elementos, Filho meu, mas só deveríamos dizer *três*”, diz Hermes Trismegisto. “No Círculo Primário”, ou Criação, o que está indicado  quer dizer “Raiz”, como, igualmente, no Secundário.

Desse modo, na Alquimia ou Hermetismo Ocidental — que é uma variante do Esoterismo Oriental — vemos:

X		X
Enxofre	Flamma	Spiritus
Mercúrio	Natura	Aqua
Sal	Mater	Sanguis

E esses três grupos são todos quaternários, uma vez completados por sua Raiz, o Fogo. O Espírito, além da Natureza Manifestada, é o SOPRO ÍGNEO em sua Unidade absoluta. No Universo Manifestado, é o Sol Central Espiritual, o Fogo Elétrico de toda Vida. Em nosso Sistema, é o Sol visível, o Espírito da Natureza, o Deus terrestre. E dentro, em cima e em redor do nosso Globo, é o espírito ígneo da Terra: *Ar*, Fogo fluídico; *Água*, Fogo líquido; *Terra*, Fogo sólido.

Tudo é Fogo: Ignis, em sua constituição última, ou Eu, cuja raiz é 0 (nada) em nosso conceito, o Todo na Natureza e a sua Mente. “Pro-Metor” é o Fogo Divino. É o Criador, o Destruidor e o Conservador. Os nomes primitivos dos Deuses são todos relacionados com o Fogo, desde o Agni ariano até o Deus judaico, que é um “fogo consumidor”. Na Índia, Deus é chamado, em vários dialetos, pelos nomes de Eashur, Esur e Iswur; e, em sânscrito, pelo de Ishvâra, o Senhor de Isha; mas este é primitivamente o nome de Shiva, o Destruidor; e os três Deuses védicos principais são Agni (Ignis), Vâyü e Sûrya: o Fogo, o Ar e o Sol, três graus Ocultos do Fogo. Em hebreu,  (Asa) quer dizer “iluminar”, e  (Asha) o “Fogo”. Em Ocultismo, “acender um fogo” é sinônimo de evocar um dos

(12) *Livro de Dzyan*, III, 19.

três grandes Poderes do Fogo, ou, “ir a Deus”. Em sânscrito, a raiz Ush significa fogo ou calor; e a palavra egípcia Osiris é composta, conforme o demonstrou Schelling, das duas raízes primitivas Aish e Asr — ou “encantador de fogo”. A palavra Aesar, na antiga língua etrusca, significava um Deus, sendo provavelmente derivada do Asura dos Vedas. Ishvara é um termo análogo, como pensa o Dr. Kenealy, que cita o *Bhagavad Gita* para mostrar que

“Aeswar [Ishvara] reside em todo ser mortal, e põe em movimento, por seus poderes sobrenaturais, todas as coisas que sobem na roda do tempo.”

Em verdade, é o Criador e o Destruidor.

“Supunha-se que o fogo primitivo era um devorador com insaciável apetite. Máximo de Tiro conta que os antigos persas jogavam matéria combustível no fogo, gritando: *Devora, ó Senhor!* Na língua irlandesa, *easam* ou *asam* tem a significação de *fazer* ou *criar*.

[E] *Aeser* era também o nome de um dos antigos deuses da Irlanda; o sentido literal da palavra equivale a ‘acender um fogo’.”¹³

Os cabalistas cristãos e os simbologistas, que deturparam o *Pimandro* — e à frente deles, no século XVI, François de Tours, Bispo de Ayre —, dividem os Elementos da seguinte maneira:

Os quatro Elementos formados por Substâncias divinas e os Espíritos dos Sais da Natureza, representados por:

	S. Mateus	Anjo-Homem	Água (Jesus Cristo, Anjo-Homem, Miguel)
A-Ω	S. Marcos	O Leão	Fogo
E-γ	S. Lucas	O Touro	Terra
I-O	S. João	A Águia	Ar ¹⁴

H A Quintessência H Φ V O E, Flamma-Virgo [Azeite Virgem], Flamma Duríssima, Virgo, Lucis Æterna Mater.

(13) Kenealy, *The Book of God*, págs. 114-115.

(14) Aos que perguntassem o que o hidrogênio tem a ver com o ar ou a oxigenação, responderíamos: Estudem primeiro o ABC da Alquimia oculta. Todavia, no seu afã de identificarem, profeticamente, *Pimandro*, a “boca do mistério”, com São João Batista, os simbologistas cristãos também identificam os sete Cabiros e os Touros assírios com os Querubins dos judeus e os Apóstolos. Demais, tendo que traçar uma linha divisória entre os *quatro* e os *três* — sendo estes últimos os *Anjos Caídos* — e, de outra parte, para não terem de relacioná-los com os “Sete Espíritos da Face”, os Arcanjos, desprezaram sem a menor cerimônia tudo o que não lhes convinha reconhecer. Daí o subverterem a ordem dos Elementos, a fim de fazê-los concordar com a ordem dos Evangelhos e identificar o Homem-Anjo com o Cristo. Entre os caldeus e os egípcios — de quem Moisés tomou os *Chroub* (os Querubins em sua forma animal) — e entre os ofitas, os Anjos, os Planetas e os Elementos eram simbolizados, mística e alquimicamente, pelo *Leão* (Miguel), o *Touro* (Uriel), o *Dragão* (Rafael), a *Águia* (Gabriel) o *Urso* (Thot-Sabaoth), o *Cão* (Eratoth), a *Mula* (Uriel ou Thantabaoth). Todos estes têm um sentido qualitativo.

Os homens da Primeira Raça foram, pois, simplesmente as Imagens, os Duplos Astrais de seus Pais, que eram os vanguardeiros ou as Entidades mais avançadas de uma Esfera anterior, mas *inferior*, cujo cascão é hoje a nossa Lua. Este mesmo cascão é, porém, todo potencial, visto que a Lua, tendo engendrado a Terra, seu *fantasma*, e atraída por uma afinidade magnética, tratou de formar os primeiros habitantes do nosso Globo, os monstros pré-humanos.

Para confirmação, deve o estudante recorrer novamente aos fragmentos caldeus e ler Berosse. Diz Berosse que obteve suas informações de Ea, a Divindade masculino-feminina da Sabedoria (Svabhâvat, o Espaço-Mãe). Ao passo que os Deuses eram gerados no seio andrógino desta Sabedoria, na Terra os seus reflexos se converteram na mulher Omorôka, que é a Thavath caldeia (ou Thalath), a Thalassa grega, o Abismo ou o Mar, que é a *Lua* esotericamente, e até mesmo exotericamente. Foi a Lua (Omorôka) que presidiu a monstruosa criação dos seres indescritíveis que foram mortos pelos Dhyânis¹⁵.

A lei de evolução obrigou os Pais Lunares a passar, em seu estado monádico, por todas as formas da vida e do ser neste Globo; mas no fim da Terceira Ronda eram já humanos em sua natureza divina, e por isto foram chamados a ser os criadores das formas destinadas a servir de tabernáculos das Mônadas menos adiantadas que estavam na vez de reencarnar. Essas "Formas" chamam-se "Filhos do Ioga", porque Ioga — exotericamente, a união com Brahmâ — é a suprema condição da Divindade passiva infinita, por conter todas as energias divinas e constituir a essência de Brahmâ, de quem se diz que cria todas as coisas pelo poder do Ioga. Brahmâ, Vishnu e Shiva são as mais poderosas energias de Deus, de Brahma (neutro), reza um texto purânico. Aqui Ioga equivale a Dhyâna, que é também sinônimo de Ioga no texto tibetano, onde os "Filhos da Ioga" são denominados "Filhos de Dhyâna", ou daquela meditação abstrata por meio da qual os Dhyâni-Buddhas criam os seus filhos celestiais, os Dhyâni-Bodhisattvas.

"Todas as criaturas humanas têm, cada qual, um superior em cima. Este superior, cujo íntimo prazer está em *verter sobre elas os seus eflúvios*, não podem fazê-lo enquanto elas não tenham adorado [isto é, meditado como se medita durante o Ioga]." ¹⁶

19. A Segunda Raça foi produzida por brotamento e expansão, a¹⁷ Assexual procedente da¹⁸ Sem-Sexó. Assim, ó Lanu! foi produzida a Segunda Raça.

(15) Veja-se *Hibbert Lectures*, 1887, págs. 370 e seguintes.

(16) *Sepher M'Bo Sha-arin*, quase no fim, tradução de Isaac Myer, *Qabbalah*, página 110.

(17) Forma.

(18) Sombra.

Será objeto da maior contestação, por parte das autoridades científicas, a existência desta Raça Assexual, a Segunda, constituída pelos Pais dos chamados "Nascidos do Suor"; e mais ainda, talvez, a Terceira Raça, a dos Andróginos "Nascidos do Ovo". Estes dois modos de procriação são os mais difíceis de compreender, especialmente para a mentalidade ocidental. É evidente que não se pode intentar nenhuma explicação para quem não seja estudante de Metafísica oculta. As línguas européias não dispõem de palavras para exprimir coisas que a Natureza já não reproduz na fase atual da evolução, coisas que, por conseguinte, carecem inteiramente de sentido para o materialista. Há, porém, analogias. Não se nega que, nos começos da evolução física, devessem existir processos da Natureza, como a geração espontânea por exemplo, que hoje desapareceram, repetindo-se sob outras formas. Assim, diz-se que a investigação microscópica não revela a estabilidade de qualquer modo particular de reproduzir a vida; demonstra, realmente, que:

"o mesmo organismo pode passar por diversas metamorfoses no curso do seu ciclo de vida, metamorfoses durante as quais pode ser ora *sexual*, ora *assexual*; ou seja, pode reproduzir-se alternativamente quer pela cooperação de dois seres de sexos opostos, quer ainda pela segmentação ou pelo *brotamento* em um ser único desprovido de sexo" ¹⁹.

"Brotamento" é mesmo a palavra empregada na Estância. Como teria sido possível aos Chhâyâs reproduzirem-se de forma diferente, isto é, procriarem a Segunda Raça, se eram etéreos, assexuais e até mesmo desprovidos do veículo do desejo, ou Kâma Rûpa, que só veio a desenvolver-se na Terceira Raça? Eles deram origem à Segunda Raça de modo inconsciente, como o fazem certas plantas, ou talvez como a ameba, só que em uma escala mais etérea, mais impressionante e mais extensa. Se, com efeito, a teoria celular se aplica igualmente à botânica e à zoologia, e se se estende à morfologia assim como à fisiologia dos organismos, e se a ciência física considera as células microscópicas como seres vivos independentes — exatamente como o Ocultismo considera as "Vidas Ígneas" ²⁰ —, não há nenhuma dificuldade em conceber o processo primitivo da procriação.

Atente-se nas primeiras fases do desenvolvimento de uma célula-germe. Seu *núcleo* cresce, modifica-se e forma um duplo cone ou fuso, como X, no interior da célula. Este fuso aproxima-se da superfície, e metade dele é *expelida* sob a forma do que se chama "células polares". Estas células polares morrem *então*, e o embrião se desenvolve pelo crescimento e segmentação da parte restante do núcleo, que é *alimentada* pela substância da célula. Como, pois, não admitir que pudessem ter vivido seres assim, criados desse modo — no início mesmo da *evolução dos homens e dos mamíferos*?

(19) S. Laing, *Modern Science and Modern Thought*, página 90.

(20) Veja-se o vol. I, Parte I, Estância VII.

Talvez que isso sirva para dar-nos, por analogia, uma ligeira idéa do processo mediante o qual, da Primeira, se formou a Segunda Raça.

A Forma Astral que revestia a Mônada estava, como ainda o está, envolta por sua esfera ovóide ou *aura*, que aqui corresponde à substância da célula-germe ou óvulo. A própria Forma Astral é o núcleo dotado, hoje como então, do Princípio de Vida.

Quando chega a época da reprodução, o *Subastral* "expele" uma miniatura de si mesmo de dentro do ovo que forma a aura ambiente. Esse germe cresce e alimenta-se a expensas da aura, até que o seu desenvolvimento se completa, separando-se então gradualmente de seu pai e levando consigo sua própria esfera áurica, precisamente como nas células vivas que vemos reproduzirem outras semelhantes, por crescimento e segmentação subsequente em duas partes.

A analogia existente com as "células polares" parece confirmar-se, uma vez que a sua morte corresponderia *agora* à mudança introduzida pela separação dos sexos, quando a gestação *in utero*, isto é, dentro da célula, se converteu em regra geral.

Conforme diz o Comentário:

Os primeiros da Segunda Raça [Raiz] foram os Pais dos "Nascidos do Suor"; os últimos da Segunda Raça [Raiz] foram os próprios "Nascidos do Suor".

Esta passagem do Comentário se refere à obra da evolução desde o começo até o fim de uma Raça. Os "Filhos da Ioga", ou Raça Astral primitiva, passaram, *como raça* ou coletividade, por *sete* fases de evolução, tal como ocorreu e ainda ocorre no caso de cada Ser individual. Não foi somente Shakespeare quem dividiu as diferentes idades do homem em uma série de sete; mas o fez a própria Natureza. Assim, os homens das primeiras Sub-raças da Segunda Raça vieram inicialmente ao mundo pelo processo que já descrevemos com base na lei de analogia; ao passo que os das últimas foram sendo, *pari passu* com a evolução do corpo humano, gradualmente formados de outro modo. O processo da reprodução também comportava, em cada Raça, sete fases, e cada uma das quais se prolongou durante vários evos. Como pode o fisiólogo ou o biólogo dizer se o atual modo de geração, com todas as suas fases de gestação, data de mais de meio milhão ou, no máximo, de um milhão de anos, já que o ciclo de suas observações principiou apenas há meio século?

Os hermafroditas humanos primitivos são um fato da Natureza bastante conhecido dos antigos, e constituem uma das maiores perplexidades de Darwin. Mas a existência do hermafroditismo na evolução das primeiras Raças certamente que não é uma impossibilidade; antes, pelo contrário, uma grande probabilidade, pois que, em virtude dos princípios da analogia, e de uma lei universal que rege a evolução e exerce indiferentemente sua ação sobre a planta como sobre o animal e o homem, assim deve ser. As teorias errôneas da Monogênese e as que fazem o homem descender dos mamíferos, em vez de os mamíferos descenderem do homem,

que a glândula pineal e outros órgãos igualmente misteriosos, que nos oferecem um testemunho silencioso da realidade de funções que há muito tempo se atrofiaram, no curso do progresso animal e humano, mas que em certa época desempenharam papel relevante na economia geral da vida primitiva.

Seja como for, a doutrina Oculta pode ser vantajosamente comparada à dos homens de ciência mais liberais que têm especulado sobre a origem do primeiro homem.

Muito antes de Darwin, Naudin, que deu o nome de Blastema ao que os darwinistas chamam de Protoplasma, expôs uma teoria semi-oculta, semicientífico-materialista. Fazia surgir o Adão Assexual repentinamente do *barro*, que é a denominação do Blastema na *Bíblia*.

Assim o explica Naudin:

"Com esta forma larval da humanidade, como ponto de partida, foi que a força evolutiva completou as espécies. Para que esse grande fenômeno se realizasse, Adão teve que passar por uma fase de imobilidade e inconsciência, que tem muita analogia com o estado de ninfa dos animais sujeitos a metamorfoses." ²⁵

Contudo, ao ver do eminente botânico, Adão não era um homem, mas a *humanidade*, que permaneceu

"oculta em um organismo temporário, já diferente de todos os outros e incapaz de aliar-se a qualquer um deles".

Mostra ele que a diferenciação dos sexos se efetuou por

"um processo de germinação, semelhante ao das medusas e dos ascídios".

A humanidade, assim constituída fisiologicamente,

"teria conservado uma força evolutiva suficiente para a rápida produção das grandes raças humanas".

De Quatrefages critica essa opinião em seu livro *The Human Species*. Diz que é anticientífica, ou, mais propriamente, que as idéias de Naudin "não têm cunho científico", tanto mais quanto, em sua teoria, o Blastema Primordial está relacionado com a Causa Primeira, a que se atribui a formação potencial, no Blastema, de todos os seres passados, presentes e futuros, e que, assim sendo, teria realmente *criado* esses seres *em massa*; por outra parte, Naudin nem sequer leva em conta as *Causas segundas* ou sua ação sobre a evolução do mundo orgânico. A Ciência, que se ocupa somente das "causas secundárias", não tem, pois,

"nada a dizer a respeito da teoria do Sr. Naudin" ²⁶

(25) De Quatrefages, *The Human Species*, página 124. "International Scientific Series", volume XXVI.

(26) *Ibid.*, página 125.

Nem tampouco dos Ensinamentos Ocultos, dos quais Naudin se aproxima até certo ponto. Porque, se apenas virmos em seu "Blastema Primordial" a Essência Dhyân Chohânica, o Chhâyâ ou Duplo dos Pitris, que contém em si a potencialidade de todas as formas, estaremos inteiramente de acordo. Há, porém, duas diferenças reais e vitais entre os nossos ensinamentos. Declara Naudin que a evolução progrediu por saltos repentinos, em vez de se desenvolver lentamente durante milhões de anos; e o seu Blastema Primordial só está dotado de instintos cegos — uma espécie de Causa Primeira *inconsciente* no Cosmos Manifestado —, idéia absurda. Ao contrário, a nossa Essência Dhyân-Chohânica — a *Causalidade da Prima Causa* que cria o homem físico — é a Matéria vivente, ativa e potencial (impregnada, *per se*, da consciência animal de uma classe superior, qual a vemos na formiga e no castor) que produz a extensa série de diferenciações fisiológicas. Afora isso, o seu "processo geral antigo de criação", a partir dos Proto-organismos, é uma teoria tão Oculta quanto as de Paracelso ou de Khunrath.

Ademais, os livros cabalísticos estão cheios de provas a esse respeito. O *Zohar*, por exemplo, diz que cada um dos tipos do Universo visível tem o seu protótipo no invisível.

"Tudo o que existe no Mundo Inferior (o nosso) se encontra no Superior. O Inferior e o Superior atuam e reagem um sobre o outro." ²⁷

20. Seus Pais foram os Nascidos por Si Mesmos... Os Nascidos por Si Mesmos, os Chhâyâs procedentes dos brilhantes Corpos dos Senhores, os Pais, os Filhos do Crepúsculo.

As "Sombras" ou Chhâyâs são chamados os Filhos dos "Nascidos por Si Mesmos", pois que este nome se aplica a todos os Deuses e a todos os seres nascidos por meio da Vontade, seja da Divindade, seja de um Adepto. Talvez que se pudesse dar o mesmo nome aos Homúnculos de Paracelso, embora este último processo pertença a um plano muito mais material. O nome de "Filhos do Crepúsculo" mostra que os Progenitores "Nascidos por Si Mesmos", a que se refere a nossa Doutrina, são idênticos aos Pitris do Sistema bramânico, uma vez que o título entende com a sua maneira de nascer; diz-se que estes Pitris nasceram do "Corpo do Crepúsculo" de Brahma, conforme mencionam os *Purânas*.

21. Quando a Raça envelheceu, as Águas antigas se misturaram com as Águas mais recentes (a). Quando suas Gotas ficaram turvas, elas se desvaneceram e sumiram na Corrente nova, a Corrente cálida da Vida. O Exterior da Primeira se converteu no Interior da Segunda (b). A velha Asa passou a ser a sombra nova e a Sombra da Asa (c).

(a) A Antiga Raça, ou Raça primitiva, fundiu-se com a Segunda Raça, e ambas se tornaram uma só.

(27) Fol. 186.

(b) Trata-se do misterioso processo de transformação e evolução da humanidade. O material das primeiras Formas — nebuloso, etéreo e negativo — foi atraído pelas Formas da Segunda Raça e por elas absorvido, tornando-se deste modo o seu complemento. A explicação do Comentário é que, sendo a Primeira Raça constituída tão-somente das Sombras Astrais dos Progenitores Criadores, e não tendo, obviamente, corpos astrais e físicos próprios, a Raça *nunca morreu*. Seus “Homens” dissolveram-se gradualmente e foram absorvidos pelos corpos de sua progênie, os “Nascidos do Suor”, que eram mais densos que os deles. A antiga Forma se desvaneceu; foi absorvida pela nova Forma, desaparecendo nela. Não havia morte naqueles dias de um período mais ditoso que o da Idade de Ouro; mas o material primitivo ou paterno era utilizado para a formação do novo ser, a fim de constituir o Corpo e até mesmo os Princípios ou Corpos internos, ou *inferiores*, da progênie.

(c) Quando a “Sombra” se retira, ou seja, quando o Corpo Astral se reveste de uma carne mais sólida, o homem desenvolve um Corpo Físico. A “Asa” ou Forma etérea, que produzia sua Sombra e Imagem, passou a ser a Sombra do Corpo Astral e a sua própria progênie. A expressão é estranha e original.

Como é possível que não tenhamos oportunidade de voltar a tratar deste mistério, convém indicarmos, em seguida, a dupla significação que comporta o mito grego referente a essa fase particular da evolução. Ela se encontra nas diversas variantes da alegoria de Leda e seus dois filhos Castor e Pólux, cada uma das quais encerrando um significado especial.

Assim, no Livro XI da *Odisséia*, fala-se de Leda como sendo a esposa de Tíndaro, a qual deu à luz, de seu marido, “dois filhos de coração valente”, Castor e Pólux. Júpiter lhes confere um maravilhoso privilégio. Eles são semimortais; vivem e morrem, cada um por sua vez e em dias alternados (ἐτερήμεροι)²⁸. Como Tindárides, os irmãos gêmeos são um símbolo astronômico e representam o *Dia* e a *Noite*; suas duas esposas, Febe e Hilaira, filhas de Apolo ou do Sol, personificam a Aurora e o Crepúsculo²⁹.

Na alegoria em que Zeus figura como pai dos dois heróis — nascidos do Ovo de Leda — o mito é ainda inteiramente teogônico. Inclui-se naquele grupo de alegorias cósmicas em que se descreve o mundo como nascido de um Ovo. Leda toma ali a forma de um cisne branco, quando ela se une ao Cisne Divino ou Brahmâ-Kalahansa. Leda é, pois, a Ave Mística, a que as tradições dos povos de raça ariana atribuem diferentes formas ornitológicas de aves, que todas põem Ovos de Ouro³⁰. No *Kalevala*, o poema épico da Finlândia, a formosa filha do Éter, a “Mãe-Água”, cria o mundo unindo-se a um “Pato” — outra forma do Cisne ou do Ganso, Ka-

(28) *Odisséia*, XI, 298-305; *Iliada*, III, 243 (edições inglesas).

(29) Hyg., *Fab.* 80; Ovídio, *Fast.*, 700, etc. Veja-se *Mythologie de la Grèce Antique*, de Decharme, página 658.

(30) Veja-se Decharme, *ibid.*, página 652.

lahâmsa —, que põe em seu regaço seis ovos de ouro e um sétimo, um “ovo de ferro”.

Contudo, a variante da alegoria de Leda, relacionada diretamente com o homem místico, somente se encontra em Píndaro³¹, salvo uma ligeira alusão nos Hinos Homéricos³². Nesta variante, Castor e Pólux já não são os Dióscuros de Apolodoro³³, mas se convertem no símbolo, tão altamente significativo, do homem dual, o Mortal e o Imortal. Não somente isto, mas, como vamos ver, constituem o símbolo também da Terceira Raça e de sua passagem da condição de Homem-animal a de Homem-Deus, apenas com um corpo animal.

Píndaro mostra Leda unindo-se, na mesma noite, ao seu esposo e também ao Pai dos Deuses — Zeus. Assim, Castor é filho do Mortal, e Pólux do Imortal. Na respectiva alegoria, conta-se que, em uma revolta inspirada pelo desejo de vingança contra os Afarides³⁴, Pólux mata Linceu, “aquele de entre todos os mortais que tem a vista mais penetrante”; mas Castor é ferido por Idas, “aquele que vê e que sabe”. Zeus põe termo ao combate, lançando o seu raio e matando os dois últimos combatentes. Pólux encontra o seu irmão moribundo³⁵, e, em desespero, suplica a Zeus que também o mate. “Tu não podes morrer inteiramente”, responde o senhor dos Deuses; “tu és de raça divina”. Oferece-lhe, porém, a alternativa: ou Pólux permanecerá imortal, vivendo eternamente no Olimpo, ou, se quiser compartilhar o destino do irmão em todas as coisas, deverá passar a metade da existência na Terra, e a outra metade nas áureas mansões celestiais. Esta semi-imortalidade, da qual Castor também deve participar, é aceita por Pólux³⁶. Deste modo, os irmãos gêmeos vivem alternativamente, um durante o dia e o outro durante a noite³⁷.

É isso tão-somente uma ficção poética? É só uma alegoria, uma dessas interpretações do “mito solar”, acima das quais parece que nenhum orientalista será capaz de alçar o seu vôo? Na verdade, é muito mais. Vê-se aí uma alusão à Terceira Raça “Nascida do Ovo”, cuja primeira metade é mortal, isto é, inconsciente de sua Personalidade e sem nada em si que sobreviva³⁸, e cuja segunda metade se torna Imortal em sua Individuali-

(31) *Nem.*, X, 80 et seq.; Theocr., XXIV, 131.

(32) XXXIV, v. 5, Theocr., XXII, 1.

(33) III, 10, 7.

(34) Apolodoro, III, 1.

(35) A tumba de Castor era mostrada em Esparta, nos tempos antigos, diz Pausânias (III, 13, 1); e Plutarco informa que em Argos o semi-imortal ou semi-herói era chamado *μυζαρχαγεταις* (*Quæstiones Græcæ*, 23).

(36) Píndaro, *Nem.*, X, 60 et seq., Dissen.

(37) Schol. Eurip., *Orestes*, 463, Dindorf. Veja-se Decharme, *op. cit.*, página 654.

(38) A Mônada é impessoal e um Deus *per se*, embora inconsciente neste plano. Porque, separada de seu Terceiro Princípio (geralmente chamado o Quinto), Manas, que é a linha horizontal do primeiro Triângulo manifestado ou Trindade, não pode ter consciência ou percepção das coisas deste plano terrestre. “O mais alto vê pelos olhos do mais baixo” no mundo manifestado; Purusha (o Espírito) permanece cego sem o auxílio de Prakriti (a Matéria) nas esferas materiais; e assim também sucede com Atmâ-Buddhi sem Manas.

dade, em razão de seu Quinto Princípio, que, chamado à vida pelos *Deuses Animadores*, assim faz a ligação da Mônada com esta Terra. É Pólux quem o representa, ao passo que Castor significa o homem mortal, *pessoal*, um animal que nem sequer é de classe superior, quando se acha desligado da divina *Individualidade*. São “Gêmeos” verdadeiramente, ainda que separados para sempre pela morte, a menos que Pólux, movido pelo amor fraternal, conceda ao seu irmão mortal, menos favorecido, uma parcela de sua natureza divina, associando-o destarte à sua própria imortalidade.

Tal é o sentido oculto do aspecto metafísico da alegoria. A interpretação moderna e tão largamente conhecida — (a antiguidade considerava a alegoria, segundo refere Plutarco³⁹, como um simbolismo do amor fraternal) —, que vê ali uma imagem do Sol e da Lua, tomada do espetáculo da Natureza, é débil e insuficiente para explicar a significação secreta. Além da circunstância de que, entre os gregos, a Lua era feminina na mitologia exotérica, não podendo assim considerar-se como Castor e ser, ao mesmo tempo, identificada com Diana, os antigos simbolistas, que viam no Sol, esse rei dos orbes siderais, a imagem da mais elevada Divindade, não teriam consentido em personificá-la como Pólux, que não passava de um semideus⁴⁰.

Se da mitologia grega passamos às alegorias e ao simbolismo mosaico, encontramos uma confirmação ainda mais flagrante desta mesma doutrina, sob outra forma. Ainda que não possamos ver em tais alegorias os “Nascidos do Ovo”, temos, de modo inequívoco, nos quatro primeiros capítulos do *Gênesis*, os Andrógynos e as Três Primeiras Raças da Doutrina Secreta, ocultas sob o mais engenhoso simbolismo.

O DIVINO HERMAFRODITA

O véu de impenetrável segredo foi lançado sobre os Mistérios Ocultos e Religiosos, após a submersão dos últimos restos da Raça Atlante, há uns 12.000 anos, para evitar que caíssem em mãos indignas e fossem por elas profanados. Várias dessas ciências hoje se tornaram exotéricas — como a Astronomia, por exemplo, nos seus aspectos puramente matemáticos e físicos —, mas os seus dogmas e as suas doutrinas, sendo todos simbolizados e deixados sob a exclusiva proteção da parábola e da alegoria, ficaram esquecidos e, como consequência, o seu sentido se acha desvirtuado.

(39) *Moral*, página 484 f.

(40) Esta idéia e esta interpretação estranha são aceitas por Decharme em sua *Mythologie de la Grèce Antique* (pág. 655). Diz ele: “Castor e Pólux não são mais que o Sol e a Lua, considerados como gêmeos. O Sol — ente imortal e poderoso, que desaparece todas as tardes no horizonte, descendo sob a Terra, como para dar lugar ao globo irmão que surge para a vida com a noite — é Pólux, que se sacrifica por Castor — Castor que, inferior a seu irmão, lhe deve sua imortalidade. Porque a Lua — diz Teofrasto — é outro Sol, mais débil (*De Ventis*, 17).”

Apesar disso, encontra-se o Hermafroditismo nas Escrituras e tradições de quase todos os povos, e nada explicaria consenso tão unânime se se tratasse simplesmente de uma ficção.

Sob o manto daquele segredo, a Quinta Raça foi induzida a instituir, ou melhor, a restaurar os Mistérios Religiosos, em que se pudessem ensinar às futuras gerações as verdades antigas, por meio da alegoria e do simbolismo. Contemplai o imperecível testemunho da evolução das Raças Humanas, desde a Divindade e, especialmente, desde a Raça Andrógina: a Esfinge egípcia, esse enigma dos Tempos!, a Sabedoria Divina encarnando-se na Terra e sendo forçada a provar o amargo fruto da experiência pessoal, da dor e do sofrimento, gerado na terra unicamente à sombra da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal — um segredo que só era conhecido dos Elohim, os “Deuses Superiores”, Auto-iniciados ⁴¹.

No *Livro de Enoch*, temos Adão ⁴², o primeiro Andrógino Divino, que se separa em homem e mulher e se converte em Jah-Heva, sob uma forma ou Raça, e em Caim e Abel ⁴³, varão e fêmea, sob outra forma ou Raça: o Jeová de duplo sexo ⁴⁴, eco de seu protótipo ariano, Brahma-Vâch. A seguir vêm a Terceira e a Quarta Raças-Raízes da Humanidade ⁴⁵, isto é, Raças de homens e mulheres, ou indivíduos de sexos opostos, e não mais de Semi-Espíritos e Andróginos sem sexo, como as duas Raças que as precederam. A este fato aludem todas as Antropogonias; vê-se na fábula e na alegoria, no mito e nas Escrituras *reveladas*, nas lendas e na tradição. Porque, de todos os grandes Mistérios legados aos Iniciados pela mais remota antiguidade, *esse é um dos maiores*. Explica o elemento bissexual que se encontra em toda Divindade Criadora, em Brahmâ-Virâj-Vâch como em Adão-Jehovah-Eva e em Caim-Jehovah-Abel. Pois o “Livro das Gerações de Adão” nem mesmo faz menção a Caim e Abel, limitando-se a dizer:

“Macho e fêmea os criou... e lhes deu o nome de Adão.” ⁴⁶

E prossegue nestes termos:

(41) Veja-se o *Livro de Enoch*, traduzido pelo Bispo Laurence, 1883.

(42) Adão (Kadmon) é, tal como Brahma e Marte, o símbolo do poder *gerador e criador*, tipificando a Água e a Terra — um segredo alquímico. “É necessário, para criar uma alma humana, que haja Água e Terra”, diz Moisés. Marte é o Mangala hindu, o planeta Marte, idêntico a Karttikeya, o “Deus da Guerra”; é Gharma-ja, nascido do suor de Shiva e da Terra. É Lohita, o vermelho, como também Brahma e Adão. O Marte hindu, como Adão, não veio ao mundo por nenhuma mulher ou mãe. Entre os egípcios, Marte era o *Princípio gerador primordial*, da mesma forma que o são Brahma, no ensinamento exotérico, e Adão, na Cabala.

(43) Abel é Chebel, que significa “dores do parto”, concepção.

(44) Veja-se *Isis sem Véu*, vol. II, pág. 398, edição inglesa, onde se demonstra ser Jeová um misto de Adão e Eva, e Hevah e Abel a *serpente feminina*.

(45) Veja-se *Isis sem Véu*, vol. I, pág. 305: “A união destas duas raças produziu uma *terceira... Raça*.”

(46) *Gênesis*, V., 2.

"E Adão... gerou um filho à sua própria semelhança, conforme a sua imagem, e lhe deu o nome de Seth." 47

Depois, gerou outros filhos e filhas, o que mostra que Caim e Abel não passam de suas próprias permutações alegóricas. Adão aqui representa a Raça Humana primitiva, especialmente em seu sentido cósmico-sideral. O mesmo não ocorre com a sua significação teoantropológica. O nome composto de Jehovah, ou Jah-Hovah, significando vida masculina e vida feminina — em caráter andrógino primeiramente, mais tarde em dois sexos separados — é empregado com este sentido no *Gênesis* a partir do capítulo V. Conforme diz o autor de *The Source of Measures*:

"As duas palavras de que se compõe o nome de Jehovah completam a idéia do macho-fêmea como origem do nascimento." 48

Porque a letra hebraica *Jod* representava o *membrum virile*, e *Hovah* era Eva, a mãe de todos os seres vivos ou a procriadora, a Terra e a Natureza. Crê o autor, portanto, que:

"É visível que o um perfeito [o círculo perfeito feminino ou Yoni, numericamente 20.612], como fonte primeira das medidas, reveste também a forma de origem do nascimento, como hermafrodita; advindo daí a forma e o uso fálicos."

Certamente; só que "a forma e o uso fálicos" vieram muitos séculos depois, e o significado primeiro e original de Enos, filho de Seth, era a primeira Raça nascida de homem e mulher segundo o processo atual — porque Seth não é um homem, mas uma raça. Antes dele, a humanidade era hermafrodita. Seth, sendo o primeiro resultado (fisiologicamente) que se seguiu à "Queda", também é o primeiro homem; e por isso o seu filho Enos é chamado "o Filho do Homem". Seth representa a última parte da Terceira Raça.

A fim de resguardar o verdadeiro mistério do nome de Ain-Soph — o Nada Sem-limite e Eterno — usaram os cabalistas o atributo apelativo composto de um dos Elohim Criadores pessoais, cujo nome era Yah ou Jah (sendo intercambiáveis as letras *i*, *j* ou *y*), ou Jah-Hovah, isto é, macho e fêmea 49; Jah-Eve, um hermafrodita, ou a primeira forma da humanidade, o Adão original da Terra, nem sequer Adão-Kadmon, cujo "Filho nascido da Mente" é o Jah-Hovah terrestre, do ponto de vista místico. Sabendo disso, o astuto Rabino-cabalista fez dele um nome tão secreto que não pôde mais tarde divulgá-lo sem denunciar todo o esquema, sendo, por isso, obrigado a conferir-lhe caráter sagrado.

Só comparando a *Bíblia* e os *Purânas* é que se pode ver quanto é estreita a identidade existente entre Brahmâ-Prajâpati e Jehovah-Sephiroth,

(47) *Ibid.*, V. 3.

(48) Página 159.

(49) *Jod*, na Cabala, tem por símbolo a mão, o índice e o lingam, enquanto que numericamente é o um perfeito; mas também é o número 10, macho e fêmea, quando dividido.

entre Brahmâ-Virâj e Jehovah-Adão. Lidos e analisados sob a mesma luz, esses dois livros nos dão a prova convincente de que se trata de duas cópias do mesmo original — feitas em duas épocas bastante distanciadas uma da outra.

Comparem-se ainda, a esse respeito, o *Gênesis*, IV, 1 e 26, e o *Manu*, 1, 12, e ambos mostrarão o seu significado. No *Manu*, Brahmâ, que, tal como Jeová ou Adão no *Gênesis*, é simultaneamente homem e Deus, e divide o seu corpo em macho e fêmea, representa, em seu sentido esotérico, a personificação simbólica do poder criador e gerador, ao mesmo tempo divino e humano.

O *Zohar* proporciona uma prova de identidade ainda mais convincente, quando alguns Rabinos repetem, palavra por palavra, certas expressões dos originais purânicos; por exemplo, a “criação” do mundo é geralmente considerada, nos livros bramânicos, como a Lila, o prazer, o passatempo, o recreio do Supremo-Criador.

“Vishnu, sendo assim substância distinta e indistinta, espírito e tempo, diverte-se qual menino brincalhão, como podeis verificar escutando a narração de suas travessuras.”⁵⁰

Compare-se agora com o que consta do livro *Nobelet’h Hokhmah*:

“Os cabalistas dizem que a vinda dos mundos à existência se deu por prazer, no sentido de que Ain-Suph (?) se regozijava consigo mesmo e radiava e resplandecia de Si-mesmo para Si-mesmo... tudo aquilo que se chama prazer.”⁵¹

Está visto, portanto, que não se trata de “uma curiosa idéia dos cabalistas”, como observa o autor, senão de uma idéia ária, exclusiva dos *Purânas*. Apenas, por que fazer de Ain-Suph um Criador?

Assim, o “Divino Hermafrodita” é Brahmâ-Vâch-Virâj; e o dos semitas, ou melhor, o dos judeus, é Jehovah-Caim-Abel. Só que os “Pagãos” eram, e ainda o são, mais francos e sinceros que os últimos israelitas e rabinos, que sem dúvida conheciam o verdadeiro significado de sua Divindade exotérica. Os judeus consideravam o nome que lhes davam — o de Yah-oudi — como um insulto. No entanto, têm eles, ou teriam se o quisessem, um direito tão indiscutível a chamar-se Yah-oudi, “Jah-hovianos”, quanto os brâmanes a chamar-se Brâmanes *de acordo com a sua divindade nacional*. Porque Jah-hovah é o nome genérico do Grupo ou Hierarquia de Anjos Planetários Criadores sob cuja égide a nação judia evolucionou. É um dos Elohim Planetários do Grupo Regente de Saturno. O 26.º versículo do capítulo IV do *Gênesis*, por si só, corretamente interpretado, lhes daria esse direito, pois confere à nova raça de homens — tendo por tronco Seth e Enos — o nome de *Jeová*, que é coisa muito diferente da tradução adotada da *Bíblia*, onde se deve ler assim:

(50) *Vishnu Purâna*, I, trad. de Wilson, I, páginas 19-20.

(51) Citado em *Qabbalah*, de Myer, página 110.

"Nasceu-lhe também um filho, Enos: então os homens começaram a chamar-se Jah ou Yah-Hovah",

ou seja, *homens e mulheres*, os "Senhores da Criação".

Basta ler o versículo acima no texto original hebreu, à luz da Cabala, para ver que, em lugar das palavras que aparecem na tradução corrente, a versão correta deveria ser:

"Então começaram os homens a *chamar-se a si mesmos Jeová*",
e não:

"Então começaram os homens a invocar o nome do Senhor",
o que representa um erro de tradução, intencional ou não. Igualmente, o trecho bem conhecido:

"Eu alcancei do Senhor um varão" ⁵²,
devia ler-se:

"Eu consegui um homem, igual a Jeová." ⁵³

Lutero traduzia a passagem de um modo, e os católicos romanos de outro, inteiramente diverso. O Bispo Wordsworth assim o traduz:

"Caim — *Eu consegui* — *Kaim*, de *Ká'nithi*, eu consegui." ⁵⁴

Lutero:

"Eu consegui um homem, igual ao Senhor (Jehovah)."

E o autor de *The Source of Measures*:

"Eu *medi* um homem, igual a Jeová."

Esta última é a tradução exata, porque: (a) um famoso rabino, um cabalista, explicou a passagem à autora precisamente deste modo, e (b) esta tradução é idêntica à versão da Doutrina Secreta Oriental, em relação a Brahmâ.

Em *Isis sem Véu* ⁵⁵, a autora esclareceu que

"Caim... é o filho do 'Senhor', não de Adão."

O "Senhor" é Adão-Kadmon, o "Pai" de Yod-Heva. "Adão-Eva" ou Jeová, o filho do pensamento pecaminoso, não a progênie de carne e sangue. Por outra parte, Seth é o *chefe* e o *progenitor* das Raças da Terra; se exotericamente é o filho de Adão, esotericamente é a progênie de Caim

(52) *Gênesis*, IV, 1.

(53) Veja-se *Source of Measures*, página 277.

(54) *Ibid.*

(55) Vol. II.

e Abel, sendo Abel ou Hebel uma fêmea, a contrapartida e a metade feminina do Caim varão, e Adão o nome coletivo do homem e da mulher:

“Macho e fêmea (*zachar va nakobeh*) os criou... e lhes deu o nome de Adão.”

Os versículos do *Gênesis*, desde o capítulo I ao V, estão intencionalmente invertidos, por motivos cabalísticos. Depois do HOMEM do *Gênesis*, cap. I, vers. 26, e de Enos, o Filho do Homem do cap. IV, vers. 26; depois de Adão, o primeiro Andrógino; depois de Adão-Kadmon — o (primeiro) Logos sem sexo —, e uma vez separados Adão e Eva, vem finalmente Jehovah-Eva e Caim-Jehovah. Estes representam Raças-Raízes distintas, porque milhões de anos os separam.

Assim, as Teoantropografias árias e semitas são duas folhas do mesmo ramo, havendo entre as respectivas personificações e personagens simbólicos uma relação mútua, a saber:

I. O *Incognoscível*, mencionado de vários modos no *Rig Veda*, como “Nada era” e, mais tarde, Parabrahman; o אֵין, Ain, Não-coisa ou Ain Suph dos cabalistas; e também o “Espírito” (de Deus), que se move sobre a face das Águas, no *Gênesis*: são todos *idênticos*. Demais, o versículo 2.º do capítulo I do *Gênesis* figura como versículo 1.º nos textos cabalísticos *secrets*, seguindo-se os Elohim “que criam o Céu e a Terra”. Essa alteração deliberada na ordem dos versículos se fazia necessária para os fins *monoteístas* e cabalísticos. A maldição de Jeremias contra os Elohim (Deuses) que *não haviam* criado os Céus e a Terra⁵⁶ é prova de que existiam outros Elohim que os haviam feito.

II. O Manu-Svâyambhuva Celeste, que surgiu de Svâyambhû-Nârâyâna, o “Existente por Si mesmo”, o Adão Kadmon dos cabalistas e o HOMEM Andrógino do cap. I do *Gênesis* são também *idênticos*.

III. Manu-Svâyambhûva é Brahma, ou o Logos, e é Adão Kadmon, que, no *Gênesis*, cap. IV, 5, se separa em duas metades, macho e fêmea, convertendo-se assim em Jah-Hovah ou Jehovah-Eva; assim como Manu-Svâyambhûva, ou Brahma, se divide para converter-se em “Brahmâ-Virâj”, macho e fêmea. Todo o restante dos textos e das versões não passa de véus.

IV. Vâch é a filha de Brahma, sendo chamada Shata-Rûpâ, “a de cem formas”; e Savitri, Geratriz, a Mãe dos Deuses e de tudo o que vive. É idêntica a Eva, “a Mãe [de todos os Senhores ou Deuses, ou] de tudo o que vive”. Além destas há muitas outras significações ocultas.

O que sobre o assunto foi escrito em *Ísis sem Véu*, ainda que dispersivamente e excesso em termos prudentes naquela época, é exato.

Na explicação esotérica da Roda de Ezequiel, dissemos a respeito de Jodhevah ou Jeová:

“Quando se considera o Ternário no começo do Tetragrama, exprime ele a Criação Divina *espiritualmente*, isto é, sem nenhum pecado carnal; considerado no

(56) *Jeremias*, X, 11.

extremo oposto, significa esse pecado; é feminino. O nome Eva compõe-se de três letras, o do Adão primitivo ou celeste está escrito com uma letra, Jod ou Yod; não se deve, portanto, ler Jeová, e sim Ieva ou Eva. O Adão do primeiro capítulo é o Adão Kadmon espiritual e, por conseguinte, puramente andrógino. Quando a mulher sai da costela esquerda do segundo Adão (o de barro), a Virgem pura se separa e, caindo na "geração" ou no ciclo descendente, converte-se no Escorpião, emblema do pecado e da matéria. Enquanto o ciclo ascendente indica as Raças puramente espirituais, ou os dez Patriarcas Pré-diluvianos, os Prajapâtis e Sephiroth, conduzidos pela própria Divindade Criadora, que é Adão Kadmon, ou Yodcheva (espiritualmente), o ciclo inferior (Jeová) é o das Raças Terrestres conduzidas por Enoch ou a Balança, o sétimo, que, por ser semidivino, semiterrestre, se diz que foi arrebatado vivo por Deus. Enoch, Hermes e a Balança são um só."⁵⁷

É apenas um dos muitos significados. Desnecessário recordar aos eruditos que Escorpião é o signo astrológico dos órgãos de reprodução. Como os Rishis indianos, os Patriarcas são todos conversíveis em seus números, e também intercambiáveis. Segundo o assunto com que se relacionam, convertem-se em dez, doze, sete ou cinco, e até mesmo em *quatorze*, e possuem o mesmo significado esotérico dos Manus ou Rishis.

De outra parte, como se pode demonstrar, Jeová tem uma variedade de etimologias, mas as únicas *verdadeiras* são as que constam da Cabala.

יהוה (Ieve) é o termo do *Antigo Testamento*, e pronunciava-se Ya-va. Inman sugere que é uma contração de duas palavras: **יהוה**, Yaho-Iah, Jaho-Jah, ou Jaho é Jah. Pontuado o termo converte-se em **יהוה**, sendo, porém, um capricho rabínico a sua associação ao nome Adoni, ou **אדני**, que tem os mesmos pontos. É curioso, e em verdade mal se pode conceber, que os judeus lessem antigamente o nome **יהוה**, como Adoni, quando tinham tantos nomes, dos quais Jeho, Jah e Iah representavam apenas uma parte. Mas foi assim; e Filon de Biblos, que nos deu o chamado fragmento de Sanchoniaton, o expressava nas letras gregas ΙΕΥΩ, Javo ou Jevo. Teodoreto diz que os samaritanos o pronunciavam Yahva, e os judeus Yaho. O Professor Gibbs indica, no entanto, a seguinte pronúncia: **יהוה**, Ye-hou-vih; e corta o nó górdio do seu exato sentido oculto. E, com efeito, sob esta última forma, como verbo hebreu, significa "ele será"⁵⁸. Havia-se também derivado do verbo caldeu **הוה**, ou **הוה** *eue* (eve) ou *eua* (eva), "ser". Assim era realmente, pois foi só a partir de Enoch, o "Filho do Homem", que as Raças verdadeiramente humanas principiaram a "ser" machos e fêmeas. Este asserto encontra mais uma confirmação quando Parkhurst dá ao verbo **הוה** os sentidos: 1.º de "cair" (isto é, na geração ou na matéria), e 2.º de "ser", "continuar", como *raça*. O aspirado da palavra *eua* (Eva), "ser", é **הוה**, Heve (Eve), feminino de **יהוה**, e o mesmo que Hebe, a Deusa grega da Juventude e a noiva olímpica de Heracles; deixando ressaltar mais claramente o nome de Jeová em sua primitiva forma de duplo sexo.

(57) *Isis sem Véu*, II, páginas 462-63.

(58) Para comparar, veja-se *Oséias*, III, 6, onde está assim pontuado.

Havendo no sânscrito sílabas como Jah e Yah — por exemplo: Jáh-navi, “Ganges”, e Jagan-Nátha, “Senhor do Mundo” —, evidente é a razão por que o Sr. Rawlinson se mostra em suas obras tão seguro de uma influência ária ou védica na primitiva mitologia da Babilônia. Não é de muito admirar que as supostas dez tribos de Israel desaparecessem, sem deixar vestígio, durante o período de cativeiro, quando ficamos sabendo que os judeus só tinham, *de facto*, duas tribos — a de Judá e a de Levi. Por outro lado, os Levitas não formavam absolutamente uma tribo, mas uma casta sacerdotal. Os descendentes não fizeram mais que seguir seus progenitores, os diversos patriarcas, no ar sutil sideral.

A verdade é que havia, nos tempos remotos, *Brahms* e *A-brahms*, e isto antes que o primeiro judeu fosse nascido. Todas as nações tinham o seu primeiro Deus (ou Deuses) como andrógino. Não podia, aliás, ser de outro modo, pois consideravam os seus remotos progenitores primitivos, os seus antepassados de dois sexos, com Seres Divinos e Deuses, tal qual ainda hoje fazem os chineses. E eram, realmente, divinos em certo sentido, como o foi a sua primeira progênie humana, a Humanidade primeva, “nascida da Mente”, que era certamente bissexual, como no-lo mostram as tradições e os símbolos mais antigos.

“Sob os artifícios emblemáticos e a fraseologia peculiar dos antigos sacerdotes, ocultam-se alusões a ciências que não foram ainda descobertas no presente ciclo. Por muito que os instruídos na matéria conheçam a escrita hierática e o sistema hieroglífico dos egípcios, importa, antes de tudo, que aprendam a analisar cuidadosamente as inscrições. Devem certificar-se, régua e compasso na mão, de que a escrita por imagens, que examinam, se ajusta às *figuras e linhas geométricas* que dão a chave oculta, antes que aventurem uma interpretação.

Há, porém, mitos que falam por si, entre eles os que, em todas as cosmogonias, se referem aos primeiros criadores bissexuais. O Zeus-Zen grego (*Æther*) e suas esposas *Ctônia* (a Terra Caótica) e *Metis* (a Água); *Osíris* (também o *Æther*) e *Isis-Latona* (deusa da Terra e da Água), sendo o primeiro a emanção de *Amun*, a Divindade Suprema, primeira fonte de Luz; *Mitras*, o Deus nascido da rocha, símbolo do Fogo Mundano masculino, ou a personificação da Luz Primária, e sua esposa e mãe ao mesmo tempo, *Mitra*, a Deusa do Fogo, — representando o puro Elemento Igneo (o princípio ativo ou masculino) considerado como luz e calor, em conjunção com a Terra e a Água, ou a Matéria (o elemento passivo ou feminino da geração cósmica).” 59

Tudo isso tem relação com o Divino Hermafrodita primordial.

(59) *Isis sem Véu*, I, 156, ed. inglesa.

ESTÂNCIA VI

A EVOLUÇÃO DOS "NASCIDOS DO SUOR"

22. A Evolução das Três Raças continua. 23. A Segunda Raça cria a Terceira, e perece.

22. A Segunda desenvolveu depois os Nascidos do Ovo, a Terceira¹. O Suor aumentou, suas Gotas cresceram, e as Gotas se tornaram duras e redondas. O Sol os aqueceu; a Lua os esfriou, e os modelou; o Sopro os alimentou até a maturidade. Da Abóbada Estrelada² o Cisne Branco fecundou a Grande Gota. O Ovo da Futura Raça, o Homem-Cisne³ da terceira ulterior (a). Primeiramente, Macho-Fêmea; depois, Homem e Mulher (b).

(a) O texto da Estância induz claramente que o embrião humano foi nutrido *ab extra* pelas Forças Cósmicas, e que o "Pai-Mãe", aparentemente, proporcionou o germe que amadurecia; segundo tudo indica, um "ovo nascido do suor", que devia ser chocado, de algum modo misterioso, sem nenhuma relação com o "duplo" pai. É relativamente fácil conceber uma humanidade ovípara, pois, até mesmo hoje, o homem é, em certo sentido, "nascido do ovo". Demais, Magendie, em seu *Précis Élémentaire de Physiologie*, citando

"Um caso em que o cordão umbilical se rompeu e cicatrizou perfeitamente",

e em que, apesar disso, nasceu viva a criança, pergunta mui oportunamente:

"Como se efetuava a circulação nesse organismo?"

E na página seguinte diz:

"Nada se sabe até o presente sobre a utilidade da digestão no feto."

(1) Raça.

(2) Da Lua.

(3) Hamsa.

E, quanto à sua digestão, propõe a seguinte questão:

“Que dizer então da nutrição do feto? Os tratados de fisiologia só contêm *vagas conjeturas* a esse respeito.”

“Sim”, objetará o cético, “mas o livro de Magendie pertence à geração passada, e desde então a Ciência fez tais progressos que a arguição de ignorância já não pode prevalecer contra a profissão”. Efetivamente; ouçamos, porém, o que diz um fisiologista de grande reputação e autoridade. Sir Michael Foster, em detrimento da Ciência moderna:

“No que concerne à origem e desenvolvimento das atividades funcionais do embrião, o que sabemos é, por assim dizer, quase nada. Apenas conhecemos alguma coisa acerca das diversas fases por que passa o protoplasma do óvulo, para que suas primeiras qualidades fundamentais se diferenciem e apresentem os fenômenos complexos que tentamos explicar no presente livro.”⁴

Os alunos do Trinity College, de Cambridge, deverão agora correr um véu sobre a estátua de Hígia e vender os olhos dos bustos de Galeno e Hipócrates, para que não contemplem com ar de reprovação os seus degenerados descendentes. Temos ainda que assinalar um fato. Guarda Sir Michael Foster prudente silêncio quanto ao caso de ruptura do cordão umbilical, citado por seu eminente confrade francês.

(b) Esta é uma declaração bastante curiosa, segundo explica o Comentário. Esclareçamos. Tendo a Primeira Raça Criado a Segunda por “brotamento”, conforme já dissemos, a Segunda Raça deu nascimento à Terceira, que, por sua vez, se separou em três ramos distintos, compostos de homens procriados de maneira diversa. Os dois primeiros ramos foram produzidos mediante um processo ovíparo, que a História Natural de nossos dias provavelmente desconhece.

Enquanto as primeiras sub-raças da Terceira Humanidade procriavam suas espécies por uma exsudação de suco ou fluido vital, cujas gotas, congelando-se, formavam uma bola ovóide, digamos mesmo um ovo, que servia como veículo exterior para o feto ou criatura ali gerada, o método de procriação das sub-raças posteriores mudou, pelo menos em seus resultados. As crianças das primeiras sub-raças eram inteiramente sem sexo — e até mesmo sem forma definida, pelo que sabemos⁵ —, mas as duas sub-raças subseqüentes vieram ao mundo andróginas.

A separação dos sexos deu-se na Terceira Raça. De assexual que era a princípio, a Humanidade passou a hermafrodita ou bissexual, e finalmente o Ovo humano começou a dar nascimento, de modo gradual e quase imperceptível em seu processo evolutivo, primeiramente a seres nos quais predominava um dos dois sexos, e por último a homens e mulheres diferenciados.

(4) *Text Book of Physiology*, 3.^a edição, 1879, página 623.

(5) Veja-se o *Timeu*, de Platão.

E agora busquemos a confirmação disso nas lendas religiosas do Oriente e do Ocidente.

Principiemos pela "Raça Nascida do Ovo". Pensemos em Kashyapa, o Sábio védico e o mais prolífico dos criadores. Era filho de Marichi, o Filho Nascido da Mente de Brahma, e se tornou o Pai dos Nâgas ou Serpentes, entre outros seres. Exotericamente, os Nâgas eram seres semidivinos, que tinham cara humana e cauda de serpente. Havia, porém, uma raça de Nâgas — dizem que eram apenas mil — nascidos, ou melhor, saídos de Kadrû, esposa de Kashyapa, *com a finalidade de povoarem Pâtala*, que inegavelmente é a América, conforme se mostrará; e existiu uma Nâga-Dvîpa, uma das sete divisões de Bhâratavarsha, a Índia, habitada por um povo com o mesmo nome, que alguns orientalistas admitem como *histórico*, e que deixou muitos traços de sua existência.

Ora, o ponto em que mais insistimos no momento é que, seja qual for a origem atribuída ao homem, a sua evolução se processou na seguinte ordem: 1.º ele foi sem sexo, como o são todas as formas primitivas; 2.º depois, por uma transição natural, converteu-se em um "hermafrodita solitário", um ser bissexual; e 3.º deu-se finalmente a separação e ele se tornou o que hoje é. A Ciência ensina que todas as formas primitivas, embora sem sexo, "possuem, contudo, a faculdade de passar pelo processo de uma multiplicação assexual"; por que então seria excluído o homem dessa lei da Natureza? A reprodução bissexual é uma evolução, uma forma especializada e aperfeiçoada, na escala da matéria, do ato da reprodução fissípara. Os ensinamentos ocultos são eminentemente panspérmicos, e a história primeva da Humanidade só está "oculta para os comuns dos mortais"; para os Iniciados, a história das Raças primitivas não se acha enterrada no sepulcro dos tempos, como o está para a ciência profana. Portanto, apoiados, de um lado, por esta ciência, que nos ensina o desenvolvimento progressivo e uma causa interna para cada modificação externa, como lei da Natureza; e, de outro lado, por uma fé implícita na Sabedoria — poderíamos quase dizer a Pansofia — das tradições universais acumuladas e conservadas pelos Iniciados, que as aprimoraram até o ponto de convertê-las num sistema quase perfeito; assim apoiados, ousamos expor claramente a doutrina.

Em notável artigo, escrito há quase quinze anos, o nosso ilustre e conceituado amigo Professor Wilder, de Nova Iorque, demonstrou a absoluta lógica das "Raças Primitivas de dois sexos" e a necessidade de sua admissão, apresentando nesse sentido um bom número de razões científicas⁶. Argumentou, primeiramente, que grande parte do mundo vegetal nos exhibe o fenômeno da bissexualidade, sendo que a classificação de Linneu situa quase todas as plantas nessa categoria. Tal é o caso das famílias superiores do reino vegetal, assim como das formas inferiores, desde o cânhamo até o álamo da Lombardia e o ailanto. O mesmo também sucede

(6) Vejam-se os excertos daquele ensaio em *The Theosophist* de fevereiro de 1883, páginas 112-114, de onde extraímos o resumo que se segue.

no reino animal. Na família dos insetos, a falena gera um verme, e o verme se converte em falena — como aquele grande segredo que se explicava nos Mistérios: *Taurus Draconem genuit, et Taurum Draco*⁷. A família produtora dos corais — que, segundo Agassis, levou muitas centenas de milhares de anos, no período geológico atual, para construir a península de Flórida — forma de si mesmo a sua progênie, como os brotos e as ramificações de uma árvore. Em um caso algo parecido se encontram as abelhas. Os afídios ou pulgões vivem como amazonas, e os *país virgens* perpetuam a espécie por dez gerações sucessivas.

Que dizem os antigos sábios, os mestres em Filosofia da antiguidade? Aristóteles assim fala sobre o assunto no *Banquete* de Platão:

“A nossa natureza não era antigamente o que hoje é. Era andrógina; a forma e o nome participavam ao mesmo tempo do macho e da fêmea, sendo comuns a ambos... Seus corpos — eram redondos, e circular o modo de correrem⁸. Eram terríveis em força e vigor, e dotados de uma ambição prodigiosa. Por isso, Zeus dividiu cada um em dois, e, sob sua direção, Apolo fechou de novo a pele.”

Entre os antigos persas, Meshia e Meshiane formavam um só indivíduo.

“Ensinavam também que o homem era o produto da Árvore da Vida e crescia em pares andróginos, até que estes pares foram separados devido a uma subsequente modificação da forma humana.”

No Livro das *Gerações (Toleduth)* de Adão, o seguinte versículo:

“Deus criou [*bara*, fez aparecer] o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”

dará o sentido verdadeiro se for lido esotericamente, ou seja:

“Os Elohim [Deuses] produziram de si mesmos [por modificação] o homem, à sua imagem...; eles a *criaram* [a humanidade coletiva ou Adão]; *ela* [a Divindade coletiva] os criou macho e fêmea.”⁹

Está aí indicado o lado esotérico. A Raça *sem-sexo* foi a primeira criação dos Elohim, uma modificação *de* e *por* eles próprios, as Puras Existências Espirituais; e essa Raça foi Adão *solus*. Daí proveio a *Segunda*

(7) O Touro gerou um Dragão, e o Dragão um Touro.

(8) Compare-se com a visão de Ezequiel (cap. I) dos quatro Seres Divinos que “eram semelhantes ao homem”, mas tinham o aspecto de uma roda: “quando andavam, faziam-no sobre os seus quatro lados... porque o espírito da criatura vivente estava nas rodas”.

(9) Eugibino, um cristão, e os rabinos Samuel, Menasseh Ben Israel e Maimônides ensinavam que “Adão tinha *duas* caras e *uma* pessoa, e era, no começo, macho e fêmea ao mesmo tempo — macho de um lado e fêmea do outro (como o Brahma de Manu); mas depois as duas partes foram separadas”. O salmo 139 de David (vers. 5) era citado pelo rabino Jeremias Ben Eliazar como evidência disso: “Tu me *formaste* por trás e por *diante*” — e não “*perseguiste*”, como figura na *Bíblia*, o que é absurdo e não faz sentido —; provando-se deste modo, como pensa o Prof. Wilder, “que a forma primitiva da humanidade era andrógina”.

Raça: Adão-Eva, ou Jod-Heva, Andrógynos inativos; e, finalmente, a *Terceira*, ou "o Hermafrodita *que se separa*", Caim e Abel, que produzem a *Quarta*, Seth-Enos; *et cetera*. A Terceira Raça, a última Raça semi-espiritual, foi também o último veículo da Sabedoria Divina e inata, ingênita nos Enochs, os Videntes dessa Humanidade. A Quarta, que havia provado o fruto da Árvore do Bem e do Mal — a Sabedoria já unida à inteligência terrestre e, portanto, *impura*¹⁰ — tinha que adquirir a Sabedoria por meio da Iniciação e à custa de grandes esforços. A união da Sabedoria e da Inteligência, a primeira *governando* a segunda, é chamada nos livros herméticos "o Deus que possui a dupla fecundidade dos dois sexos".

Sob o aspecto místico, Jesus foi considerado homem-mulher. Nos Hinos Orfícos, que se cantavam durante os Mistérios, vemos também: "Zeus é um varão, Zeus é uma virgem imortal." O Amon egípcio era, em sua outra metade, a Deusa Neith. Júpiter tem seios de mulher, Vênus é representada com barba em algumas de suas estátuas, e Ilâ, a Deusa, é também Sudyumna (esplendor, glória), o Deus, como progênie de Váivasvata.

Diz o Professor Wilder:

"O nome *Adão* ou homem implica mesmo essa forma dual de existência. É idêntico a *Athamas* ou *Thomas* (*Tam* em tãmil), que é traduzido em grego por *Didumos*, um gêmeo; por conseguinte, se a primeira mulher foi formada depois do primeiro homem, devia, lógica e necessariamente, ter sido 'tirada do homem'. Por isso, lemos: 'Da costela que havia retirado de Adão, o Senhor Deus (Elohim) fez a mulher'. A palavra hebraica aí empregada é *tzala*, cuja tradução é a que mencionamos. Fácil é descobrir vestígios da lenda em Berosse, que declara ter sido *Thalattis* (a Omorôka ou Dama da Urka) o começo da criação. Ela também era Telita (Melita?), a rainha da Lua...

Os dois memoráveis nascimentos de gêmeos da *Bíblia*, no *Gênesis*, o de Caim e Abel e o de Esaú e Jacob refletem a mesma idéia. O nome Hebel é o mesmo que Eva, e sua característica parece ser feminina. 'Para ti será o teu desejo', diz o Senhor Deus a Caim, 'e tu o dominarás'. Idêntica linguagem foi usada para com Eva: '... e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.'¹¹

Assim, a unidade bissexual primitiva da Terceira Raça-Raiz humana é um axioma na Doutrina Secreta. Os indivíduos virgens que a compunham se elevaram à categoria de "Deuses", porque essa Raça representava a sua "Dinastia Divina". Os modernos se contentam em render culto aos heróis masculinos da Quarta Raça, que criaram Deuses segundo sua própria imagem sexual, ao passo que os Deuses da Humanidade primordial eram "macho-fêmeas".

Como dissemos nos volumes I e II, as Humanidades se desenvolveram coordenadamente e em linhas paralelas com os quatro Elementos, estando

(10) Veja-se a união de Chokham, a Sabedoria, e Binah, a Inteligência, ou Jeová, o Demiurgo, chamado Entendimento nos *Provérbios de Salomão* (VIII, 5). A Sabedoria (Divina Sabedoria Oculta) gritou para os homens: "Ó vós, os simples, entendei a Sabedoria; e vós outros, ó insensatos! tende o coração compreensivo!" Eis o Espírito e a Matéria, o *Nous* e a *Psyche*, sobre a última dizendo São Tiago que é "terrena, sensual e diabólica" (III, 15).

(11) *Gênesis*, IV, 7 e III, 16.

cada nova Raça preparada para ajustar-se ao Elemento adicional. A nossa Quinta Raça aproxima-se rapidamente do Quinto Elemento — dêem-lhe o nome de éter interestelar, se quiserem —, o qual se relaciona, porém, mais à psicologia que à física. Nós, os homens, temos aprendido a viver sob todos os climas, sejam frios ou tropicais; mas as duas primeiras Raças não tinham que se preocupar com o clima, e não estavam sujeitas a nenhuma temperatura nem às suas mudanças. E assim ficamos sabendo que os homens viveram, até o fim da Terceira Raça-Raiz, quando uma primavera eterna reinava sobre o Globo, em um ambiente semelhante ao que desfrutavam os habitantes atuais de Júpiter, mundo que, no dizer de Camilo Flammarion,

“não está sujeito, como o nosso, às vicissitudes das estações nem às alternativas bruscas de temperatura, mas goza de todas as delícias de uma eterna primavera”¹².

Os astrônomos que sustentam encontrar-se Júpiter em estado de fusão, no sentido dado a esta palavra, que se entendam com aquele ilustre astrônomo francês para acertar suas diferenças¹³.

(12) *Pluralité des Mondes*, página 69.

(13) Uma hipótese, aventada em 1881 pelo Sr. W. Mattieu Williams, parece haver causado pouca impressão entre os astrônomos. Disse o autor de *The Fuel of the Sun* no *Knowledge* de 23 de dezembro de 1881:

“Aplicando agora as pesquisas do doutor Andrews às condições da existência solar... chego à conclusão de que o Sol *não possui núcleo*, seja sólido, líquido ou gasoso, mas se compõe de matéria dissociada no estado crítico, rodeada primeiro de um envoltório de chamas, devido à recombinação da matéria dissociada, e, por fora desta, de outro envoltório de vapores resultantes da nova combinação.”

E uma nova teoria que se acrescenta a outras hipóteses, *todas científicas e ortodoxas*. A significação do “estado crítico” é explicada pelo Sr. Mattieu Williams no mesmo jornal (9 de dezembro de 1881), em um artigo sobre “Sólidos, líquidos e gases”. Discorrendo acerca de uma experiência levada a efeito pelo Dr. Andrews sobre o ácido carbônico, diz aquele homem de ciência:

“Quando se chega à temperatura de 88 graus, desaparece toda separação entre o estado líquido e o estado gasoso; os líquidos e os gases se fundiram em um fluido intermédio misterioso; algo de fluido e de indefinido enche o tubo por completo — um líquido etéreo ou um gás visível. Coloque-se um ferro candente entre a luz e os olhos; observar-se-á como que uma onda ascendente do que parece ser ar líquido. O fluido híbrido que se encontra no tubo tem essa aparência, mas é sensivelmente mais denso, sendo evidente que representa um meio termo entre o estado líquido e o estado gasoso da matéria, assim como o pez e o melaço são um estado intermediário entre o líquido e o sólido.”

A temperatura em que se produz o fenômeno foi chamada pelo Dr. Andrews “temperatura crítica”; então os estados gasosos e líquidos são “contínuos” e é provável que todas as demais substâncias, capazes de existir em ambos os estados, tenham suas temperaturas críticas particulares.

Indo mais longe em suas especulações sobre o estado crítico, Mattieu Williams formula algumas teorias de caráter oculto a respeito de Júpiter e de outros planetas. Diz ele:

“As noções que temos dos sólidos, líquidos e gasosos resultam de nossas experiências com os estados da matéria existente na Terra. Se nos pudéssemos transportar a outro planeta, tais noções seriam singularmente alteradas. Em Mercúrio, a água classificar-se-ia entre os gases condensáveis. Em Marte, entre os sólidos fusíveis. Mas em Júpiter?

Deve-se, porém, ter em mente que a “primavera eterna” de que se fala é simplesmente um estado que seja *como tal considerado pelos habitantes de Júpiter*. Não é a “primavera” como nós a conhecemos. Com esta ressalva, é possível reconciliar as duas teorias citadas. Ambas encerram verdades *parciais*.

A tradição universal é, pois, que a humanidade evolucionou gradualmente até chegar à forma atual, partindo de uma contextura quase transparente, e não em virtude de milagre ou de relações sexuais. O que, aliás, se acha inteiramente de acordo com as antigas filosofias, desde as do Egito e da Índia, com suas Dinastias Divinas, até a de Platão. E todas estas crenças universais devem ser classificadas entre os “pressentimentos” e os “conceitos obstinados”, alguns dos quais é impossível erradicar dos credos populares. Tais crenças, conforme observa Louis Figuier, são

“Frequentemente o fruto da sabedoria e da observação de um número infinito de gerações humanas... [porque] uma tradição que tem existência uniforme e universal possui toda a força de um testemunho científico.”¹⁴

E nas alegorias dos *Purânas* há mais de uma tradição dessa espécie, como vimos. Além disso, a doutrina de que a Primeira Raça da Humanidade foi formada com os Chhâyâs ou Imagens Astrais dos Pitris está plenamente confirmada no *Zohar*:

“Observações recentes permitem-nos considerar Júpiter como um sol em miniatura, rodeado de uma camada externa de matéria nebulosa, ao que parece constituída parcialmente de água condensada, mas que, no interior, tem uma temperatura candente, ou talvez mais quente ainda. Sua atmosfera vaporosa, evidentemente, é de enorme profundidade; e, sendo a força de gravidade, na superfície externa visível, duas vezes e meia maior que na superfície da Terra, a pressão atmosférica, ao descer daquela superfície visível, deve logo alcançar o ponto em que o vapor d’água seria reduzido ao seu estado crítico. Podemos inferir, portanto, que os oceanos de Júpiter não são formados de água gelada, líquida ou gasosa, mas são oceanos de água crítica ou de atmosfera crítica. Se ali há peixes que nadam ou aves que voam, devem estar organizados mui criticamente.

“Sendo a massa de Júpiter 300 vezes maior que a da Terra, e sendo proporcional a essa massa a sua energia de compressão para o centro, os seus materiais, se forem semelhantes aos da Terra, e não forem mais quentes, deverão ser consideravelmente mais densos, e todo o planeta deverá ter um peso específico superior; sabemos, contudo, pelo movimento de seus satélites, que, ao invés disso, o seu peso específico é inferior a um quarto do da Terra. Justifica-se, desse modo, a conclusão de que Júpiter possui um calor intenso, pois até o hidrogênio, se fosse frio, chegaria a ser mais denso que Júpiter, sob a influência de semelhante pressão.

“Como todas as substâncias elementais podem existir como sólidos, líquidos ou gasosos, ou em estado crítico, segundo as condições de temperatura e pressão, é lícito concluir pela hipótese de que Júpiter não é um planeta sólido, nem líquido, nem gasoso, mas um planeta crítico, ou um globo formado interiormente de elementos associados em estado crítico, e envolto por uma densa atmosfera dos vapores desses elementos e dos de alguns de seus componentes, como a água. O mesmo raciocínio se aplica a Saturno e outros grandes planetas rarefeitos.”

Apraz-me ver como a “imaginação científica” se aproxima, cada vez mais, ano a ano, da fronteira dos nossos Ensinaamentos Ocultos.

(14) *The Day after Death*, página 23.

"No Tzelem, a imagem-sombra dos Elohim [Pitris], Ele fez Adão (o homem)." 15

Pretendeu-se, muitas vezes, à guisa de objeção, que, ainda quando elevado fosse o pensamento metafísico da Índia arcaica, já os antigos egípcios não podiam se vangloriar de outra coisa senão de idolatria e zoolatria grosseiras, sendo Hermes, segundo se alega, uma obra de místicos gregos que viveram no Egito.

A isso pode-se responder da seguinte forma: Os que tal objetam devem ler a *Eclogæ Physicæ et Ethicæ* de Estobeu, compilador grego de fragmentos antigos, que viveu no século V depois de Cristo. O que se segue é a transcrição, por ele feita, de um velho fragmento hermético, em que se expõe a doutrina egípcia da alma. Ei-la, traduzida palavra por palavra:

"De uma Alma, a do Todo, saem todas as Almas, que se dispersam como se fossem intencionalmente distribuídas pelo mundo. Essas almas passam por numerosas transformações; aquelas já pertencentes a criaturas que se arrastam convertem-se em animais aquáticos; destes animais aquáticos derivam os animais que vivem em terra firme; e destes últimos as aves. Dos seres que vivem em cima, no ar (o céu), nascem os homens. Ao alcançar o estado humano, as Almas recebem o princípio da imortalidade (consciente), tornam-se Espíritos e passam depois ao coro dos Deuses."

23. Os Nascidos de Si Mesmos foram os Chhâyâs, as Sombras dos Corpos dos Filhos do Crepúsculo. Nem a água nem o fogo podiam destruí-los. Seus filhos foram destruídos 16.

Este versículo não pode ser entendido sem a Luz do Comentário.

Significa que a Primeira Raça-Raiz, as "Sombras" dos Progenitores, era indene à destruição pela morte. Sendo tão etérea e tão pouco humana em sua constituição, não podia ser atingida por nenhum elemento — dilúvio ou fogo; mas os seus "Filhos", a Segunda Raça-Raiz, podiam ser assim destruídos, e o foram. Como os *Progenitores*, que imergiram em seus próprios Corpos Astrais, sua progênie, de igual modo esta progênie foi absorvida em seus descendentes, os "Nascidos do Suor". Estes foram a Segunda Humanidade, composta de monstros semi-humanos e gigantescos os mais heterogêneos, a primeira tentativa da Natureza material para construir corpos humanos. As sempre floridas terras (entre outras a Groenlândia) do Segundo Continente, que gozavam de eterna primavera, foram sucessivamente transformadas, de Édens que eram, em Hades hiperbóreos. Tal transformação foi provocada pelo deslocamento das grandes massas de água do Globo, ao mudarem de leito os oceanos; e a maior parte da Segunda Raça pereceu nessa primeira e tremenda agonia causada pela evolução e consolidação do Globo durante o período humano. Já ocorreram quatro

(15) Ed. de Cremona, III, 76.a; ed. de Brody, III, 159.a; *Qabbalah*, de Isaac Myer, página 420.

(16) Destruídos assim.

desses cataclismos ¹⁷, e um quinto nos espera, para quando soar a hora devida.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS DILÚVIOS E SOBRE OS NOÉS

As narrativas dos diversos *Purânas* com relação aos nossos Progenitores são tão contraditórias, *em seus pormenores*, como todas as demais que ali se vêem.

Por exemplo: no *Rig Veda*, Idâ ou Ilâ é chamada a Instrutora do Manu Vaivasvata; e Sâyana a converte em uma Deusa que preside aos destinos da Terra. O *Sbatapatha Brâhmana* no-la apresenta como filha de Manu, fruto de *seu sacrifício*, e, mais tarde, como a *mulher com a qual ele, Vaivasvata, engendrou a raça dos Manus*. Nos *Purânas*, ela também é filha de Vaivasvata, sendo, porém, a mulher de Budha (a Sabedoria), o filho ilegítimo da Lua (Soma) e de Târâ, esposa do planeta Júpiter (Brihaspati).

Tudo isso, que ao profano parece um amontoado confuso, tem um sentido profundamente filosófico para o ocultista. O aspecto exterior da narrativa permite a percepção de um significado secreto e sagrado; mas os pormenores estão de tal maneira confusos, propositadamente, que só o olho experiente de um Iniciado pode acompanhar e classificar os fatos em sua ordem correta.

O relato, tal como se vê no *Mahâbharata*, dá a nota justa, necessitando, porém, de ser explicado por meio do sentido secreto contido no *Bhagavad Gîtâ*. É o prólogo do drama de nossa Humanidade (a Quinta). Enquanto Vaivasvata fazia as suas devoções à margem do rio, um peixe lhe implorou a proteção contra outro peixe maior. Aquele o salvou colocando-o numa jarra, e o peixe, que logo foi crescendo, preveniu Vaivasvata do dilúvio que se aproximava. Esse peixe é o famoso Avatar Matsya, o primeiro Avatar de Vishnu, o Dagon ¹⁸ do Xisuthros caldeu e muitas outras coisas mais. A fábula é de sobejo conhecida para que seja necessário reproduzi-la. Vishnu ordena a construção de um navio, no qual Manu se salva, em companhia dos sete Rishis, segundo o *Mahâbharata* (os outros textos omitem esta particularidade). Os sete Rishis representam aqui as Sete Raças, os Sete Princípios e várias outras coisas; pois, mais uma vez, um duplo mistério envolve essa alegoria múltipla.

Mencionamos alhures que o Grande Dilúvio comportava diversas significações e que, como também sucede com a "Queda", se referia a acontecimentos espirituais e físicos, cósmicos e terrestres: "em baixo como em

(17) O primeiro se deu quando o que hoje é o Pólo Norte foi separado dos continentes posteriores.

(18) Não esqueçamos que à frente dos Deuses babilônicos estavam Aa, Anu e o primitivo Bel, e que Ea, o primeiro, era o Deus da Sabedoria, o grande "Deus da Luz" e do Oceano, que se identificava com Oannes, ou a Dagon bíblico, o Homem-Peixe que surgiu do Golfo Pérsico.

cima". O navio ou Arca — *Navis* — sendo, em uma palavra, o símbolo do princípio gerador feminino, é representado nos céus pela Lua, e na terra pela Matriz; ambas são os veículos e os recipientes das sementes da vida e do ser, que o Sol, ou Vishnu, o Princípio masculino, vivifica e fecunda. O Primeiro Dilúvio Cósmico refere-se à Criação Primordial, ou formação do Céu e das Terras; nesse caso, o Caos e o Grande Oceano significam o "Dilúvio", e a Lua a "Mãe", de cujo seio procedem todos os germes da vida¹⁹. Mas o Dilúvio Terrestre e sua história têm, igualmente, dupla aplicação. Num caso, o Dilúvio se refere ao mistério que salvou a Humanidade de uma completa destruição, quando a mulher mortal se tornou o receptáculo da semente humana, no fim da Terceira Raça²⁰; e no outro caso, se refere à real e histórica Submersão Atlante. Em ambos os casos, a "Legião" — ou o Manu que salvou a "semente" — é chamada Vaivasvata Manu.

Dai a divergência que existe entre a versão purânica e as outras versões. Enquanto que, no *Shatapatha Brahmana*, Vaivasvata engendra uma filha e com ela dá origem à raça de Manu — alusão aos primeiros Manushyas humanos que deviam criar as mulheres por meio da Vontade (*Kriyashakti*), antes que elas nascessem naturalmente dos Hermafroditas, como sexo independente, sendo portanto consideradas "filhas" de seus criadores — os relatos purânicos fazem de Idâ ou Ilâ a esposa de Budha (a Sabedoria). Esta versão diz respeito aos acontecimentos do Dilúvio Atlante, quando Vaivasvata, o grande Sábio da Terra, salvou a Quinta Raça-Raiz do perigo de ser destruída com os restos da Quarta.

Isso está claramente exposto no *Bhagavad Gîtâ*, em que se faz Krishna dizer:

"Os sete grandes Rishis, os *quatro Manus anteriores*, participam de minha essência, nasceram da minha mente; deles saiu (nasceu) a espécie humana e o mundo."²¹

Aqui, os quatro Manus anteriores, dentre os sete, representam as quatro Raças²² que já viveram, porque Krishna pertence à Quinta Raça,

(19) Só muito mais tarde é que a Lua se tornou um Deus masculino; para os hindus, era Soma, Nanah ou Namar, e para os caldeus Sin, filho de Mulil, o Bel antigo. Os acádios a chamavam "o Senhor dos Fantasmas", e ela era o Deus de Nippur (Niffer) na Babilônia setentrional. Foi Mulil quem fez cair do Céu sobre a Terra as águas do Dilúvio, motivo pelo qual Xisuthros não lhe permitiu acercar-se do seu altar. Como agora o reconhecem os assiriólogos modernos, o Nippur setentrional foi o berço da Magia (Negra) caldeia; e Eridu (a meridional) foi a primitiva sede do culto do Deus da cultura, do Deus da Sabedoria Divina, sendo o Deus-Sol, em toda a parte, a Suprema Divindade. Entre os judeus, a Lua está relacionada com o Jeová de Israel e a sua semente, porque Ur era o principal centro do culto do Deus-Lua, e se diz que Abraão procedia de Ur, convertendo-se de A-bra(h)m em Abraham.

(20) Quando Nârada, o asceta-virgem, ameaçou pôr fim à raça humana, impedindo os filhos de Daksha de procriarem.

(21) X, 6.

(22) Isso está confirmado por um sábio brâmane. Em suas excelentes conferências a respeito do *Bhagavad Gîtâ* (veja-se *The Theosophist*, abril de 1887, página 444), diz o orador:

tendo a sua morte dado início ao Kali Yuga. Assim, o Manu Vaivasvata, filho de Surya, ou do Sol, e o Salvador de nossa Raça, está relacionado com o "Germe da Vida", tanto física como espiritualmente. Mas, embora venhamos a falar de todos eles, por enquanto só devemos nos ocupar dos dois primeiros.

É inegável que o "Dilúvio" representa uma *tradição universal*. Os "Períodos Glaciais" foram numerosos, como também os "Dilúvios", por diferentes razões. Stockwell e Croll chegam a enumerar meia dúzia de Períodos Glaciais, com Dilúvios subseqüentes, dos quais o primeiro, segundo eles, ocorreu há uns 850.000 anos, e o último há cerca de 100.000 anos²³. Mas qual foi o *nosso* Dilúvio? Certamente o primeiro, o que até hoje se menciona nas tradições de todos os povos, desde a mais remota antiguidade; o que acabou por fazer desaparecer as últimas penínsulas da Atlântida, a começar por Daitya e Rutâ, e terminando pela ilha, relativamente pequena, a que se referiu Platão. Prova-o a concordância de certos pormenores encontrados em todas as lendas. Foi o último em tão gigantesca escala. O pequeno dilúvio, de que o Barão de Bunsen encontrou vestígios na Ásia Central, e que ele faz remontar a 10.000 anos aproximadamente antes de Cristo, nada tinha a ver com o Dilúvio *semi-universal*, ou Dilúvio de Noé (sendo este uma versão puramente mítica de antigas tradições), nem sequer com a submersão da última ilha Atlante; ou pelo menos só tinha com eles uma conexão moral.

Nossa Quinta Raça — os não-iniciados desta Raça —, ouvindo falar de numerosos dilúvios, fez confusão entre eles, e agora conhece apenas um, que alterou todo o aspecto do Globo, pelas mudanças que provocou nos mares e nas terras.

"Há uma particularidade para a qual devo pedir a vossa atenção. Ele (Krishna) fala aqui de quatro Manus. Por que fala de quatro? Estamos agora no sétimo Manvantara, o de Vaivasvata. Se ele se refere aos Manus passados, devia falar de seis; mas só menciona quatro. Em alguns comentários procurou-se dar ao fato uma interpretação singular.

"A palavra 'Chatvarah' está separada da palavra 'Manavah', e dizem relacionar-se com Sanaka, Sanandana, Sanatkumâra e Sanatsujâta, que também foram incluídos entre os filhos nascidos da mente de Prajâpati.

"Tal interpretação, porém, conduziria à mais absurda das conclusões, pois a frase estaria em contradição consigo mesma. As pessoas aludidas no texto trazem uma cláusula qualitativa. É sabido que Sanaka e os outros três se negaram a criar, embora os demais filhos houvessem consentido em fazê-lo; por isso, ao falar das pessoas que deram nascimento à Humanidade, seria absurdo incluir aqueles quatro na lista. A passagem deve ser interpretada sem dividir em duas a palavra composta. O número de Manus será então de quatro, e esta declaração contradiria o relato purânico, harmonizando-se, porém, com a teoria oculta. Deveis lembrar-vos que se afirma (em Ocultismo) que estamos agora na Quinta Raça-Raiz. Cada Raça-Raiz é considerada como o Santati de um Manu especial. Ora, a Quarta Raça já passou, ou, em outras palavras, houve já quatro Manus."

(23) Stockwell, *Smithsonian Contributions to Knowledge*, XVIII; R. W. McFarland, *American Journal of Science*, III, XI, 456, e *Climate and Time*, de Croll. A Lemúria não foi submergida por uma inundaçào ou dilúvio, mas destruída por açào vulcânica, desaparecendo depois sob as águas.

Podemos comparar isto com a tradição dos peruanos, segundo a qual "Os Incas, sete em número, repovoaram a terra após o dilúvio" ²⁴.

Humboldt refere a versão mexicana da mesma lenda, mas confunde um pouco as minúcias da lenda que ainda se conserva a respeito do Noé americano. Apesar disso, o eminente naturalista alude a *duas vezes sete* companheiros e ao *pássaro divino* que precedia o barco dos Astecas, o que perfaz quinze eleitos, em vez de sete e quatorze. Provavelmente ele o escreveu sob a involuntária influência de uma lembrança de Moisés, que passa por haver mencionado quinze netos de Noé, os quais teriam sido salvos com o avô. Por sua vez, Xisuthros, o Noé caldeu, foi salvo e transportado *vivo* ao céu (como Enoch) com os sete Deuses, os Cabiros, ou os sete Titãs divinos. O Yao chinês também é acompanhado de *sete* effgies, que levantam vela com ele e que ele *animará* assim que desembarcar, para usá-las como "semente humana". Osiris, ao entrar na Arca ou Barco Solar, leva *sete raios* consigo, etc.

Sanchoniaton considera os Aletæ ou Titãs (os Cabiros) contemporâneos de Agruero, o grande Deus fenício — que Faber procurou identificar com Noé ²⁵ —, suspeitando-se aliás, que o nome "Titã" deriva de Tit-Ain, "as fontes do abismo caótico" ²⁶ (Tit-Theus, ou Tityus, é o "divino dilúvio"); e assim vemos que os Titãs, que são *sete*, se acham relacionados com o Dilúvio e com os sete Rishis, salvos pelo Manu Vaivasvata ²⁷.

Esses Titãs são filhos de Cronos, o Tempo, e de Rhea, a Terra; sendo Agruero, Saturno e Sydyk um só e mesmo personagem, e passando também os sete Cabiros por filhos de Sydyk ou Cronos-Saturno, segue-se que os Cabiros e os Titãs eram idênticos. Por sua vez, tinha razão o piedoso Faber em suas conclusões, quando escreveu:

"Não duvido que os sete Titãs ou Cabiros sejam os mesmos sete Rishis da mitologia hindu (?), que passam por ter escapado refugiando-se em uma embarcação com Menu, o chefe (?) da família." ²⁸

Mas foi menos feliz em suas especulações, ao acrescentar:

"Os hindus, em suas estranhas lendas, deturparam por diversos modos a história dos Noáquidas (?), sendo, contudo, de notar que parece haverem conservado religiosamente o número *sete* ²⁹; por isso, observa com razão o Capitão Wilford que 'os sete

(24) Costa, I, IV, 19.

(25) Agruero é Cronos ou Saturno e o protótipo do Jeová israelita. Relacionado com Arghaba, a Lua ou Arca de Salvação. Noé, mitologicamente, identifica-se com Saturno. Mas então isto não se pode referir ao dilúvio terrestre. (Veja-se: *Cabiri*, de Faber, I, 35, 43 e 45.)

(26) *Ibid.*, II, 240.

(27) Sanchoniaton diz que os Titãs eram filhos de Cronos, em número de sete, e os chama adoradores do fogo, Aletæ (Filhos de Agni?), e diluvianos. Al-ait é o Deus do Fogo.

(28) *Cabiri*, I, 130, nota.

(29) Observemos que foram os ários, e não os semitas, que deram origem ao número *sete*, e que os judeus o tomaram dos caldeus.

Manus, os sete Brahmádikas e os sete Rishis talvez sejam os mesmos e não formem senão sete personalidades³⁰. Os sete Brahmádikas eram *prajāpatis* ou senhores dos *prajas*, ou criaturas. Deles nasceu a humanidade, e são provavelmente idênticos aos sete Manus... Estes grandes antepassados da raça humana foram... criados com a finalidade de repovoar de habitantes a terra³¹. A mútua semelhança entre os Cabiros, os Rishis e a família de Noé mostra-se por demais flagrante para que seja devida a mero acaso.”³²

Faber foi induzido a cometer esse erro, e em consequência edificou toda a sua teoria referente aos Cabiros sobre a circunstância de que o nome do Jafet da Escritura figurava na lista dos Titãs em um verso dos Hinos Órficos. Segundo Orfeu, os nomes dos sete Titãs Arquitas — que Faber recusa identificar com os Titãs *ímpios*, seus descendentes — foram Kæus, Kræeus, Phorcus, Cronos, Oceanus, Hyperion e Iapetus:

Κοιδὸν τε, Κροιδὸν τε μέγα, φορκύν τε κραταῖον,
Καὶ Κρόνον, Ὀκεανὸν θ' ὑπερίονα τ', Ἰαπετόν τε³³.

Mas por que não poderia o Ezra babilônico ter adotado o nome de Iapetus para um dos filhos de Noé? Os Cabiros, que são os Titãs, também têm o nome de Manes, e sua mãe o de Mania, segundo Arnóbio³⁴. Assim, podem os hindus, com muito mais razão, afirmar que os Manes correspondem aos seus Manus, e que Mania é a Manu *fêmea* do *Râmâyana*. Mania é Idâ ou Idâ, a esposa e filha do Manu Vaivasvata, com a qual ele “deu nascimento à raça dos Manus”. Como Rhea, a mãe dos Titãs, ela é a Terra — Sâyana a considera a Deusa da Terra — e a reprodução ou segunda edição de Vâch. Idâ e Vâch são, ambas, ora masculinas, ora femininas; Idâ converte-se em Sudyumna, e Vâch, a “Viraj feminina”, transforma-se em mulher a fim de punir os Gandharvas, sendo que uma de suas versões se refere à Teogonia cósmica e divina, e outra ao período posterior. Os Manes e a Mania de Arnóbio são nomes de origem indiana, dos quais os gregos e os latinos se apropriaram, desfigurando-os.

Não é, portanto, acidental tudo isso, mas o resultado de uma doutrina arcaica única, comum a todos e cujos últimos adaptadores foram os israelitas por intermédio de Ezra, o autor dos livros mosaicos modernizados. Tão pouco escrupulosos eram no tocante à propriedade alheia, que o pseudo-Berose³⁵ chega a sustentar que Titæa — de quem Deodoro da Sicília³⁶ faz a mãe dos Titãs ou Diluvianos — era a *mulher de Noé*. Faber chama-o “o pseudo-Berose”; mas, não obstante, aceita a indicação para registrar mais

(30) Sete Filhos individuais de Deus, ou Pitaras, Pitris; também neste caso Filhos de Cronos ou Saturno (Kâla, o “Tempo”) e Arkites, como os Cabiros ou Titãs, conforme indica o seu nome de “Antepassados Lunares”; sendo a Lua a Arca ou Argha sobre o Abismo Aquoso ou Espaço.

(31) *Asiatic Researches*, V, 246.

(32) *Kabiri*, *ibid.*, *loc. cit.*

(33) Orpheus apud Proclum in *Timæum*, V, 295.

(34) Arnóbio, *Contra Gentes*, III, 124; citado por Faber, *op. cit.*, I, 135.

(35) *Antiquitatès*, Lib. I, fol. 8.

(36) *Bibl.*, III, 170.

uma evidência de que os pagãos plagiaram todos os seus Deuses dos judeus, transfigurando o material patriarcal. Em nossa modesta opinião, é essa a melhor prova que se pode apresentar em sentido precisamente contrário. Demonstra, com tanta clareza como podem os fatos demonstrar, que os pseudopersonagens bíblicos é que foram, todos eles, copiados dos mitos pagãos, se mitos forem. Demonstra, pelo menos, que Berosse conhecia muito bem a fonte do *Gênesis*, o qual tinha o mesmo caráter cósmico e astronômico das alegorias de Ísis-Osiris e da Arca, assim como de outros símbolos "Arkitas" mais antigos. Pois Berosse diz que "Titæa Magna" foi mais tarde chamada Aretia³⁷ e adorada com a Terra — o que identifica Titæa, a mulher de Noé, com Rhea, a mãe dos Titãs, e com Idâ, ambas Deusas que presidem aos destinos da Terra, e mães dos Manus e Manes, os Titãs-Cabiro. Titæa-Aretia era adorada sob o nome de Horchia, diz o mesmo Berosse, sendo Horchia um título de Vesta, Deusa da Terra.

"Sicanus deificavit Aretiam et nominavit eam lingua Janigena Horchian."³⁸

Poucos são os poetas antigos, de épocas históricas ou pré-históricas, que não mencionam a submersão de dois continentes (às vezes chamados ilhas) em uma ou outra forma; por exemplo, além da destruição da Atlântida, a da ilha Flegiana. Pausânias e Nono relatam como

A ilha Flegiana o severo Netuno
Em suas profundas bases abalou,
E os seus ímpios habitantes
Sob as ondas sepultou.³⁹

Faber estava convencido de que a ilha Flegiana era a Atlântida; mas todas essas alegorias são ecos, mais ou menos deformados, da tradição hindu a respeito daquele grande cataclismo que atingiu a Quarta Raça, ainda gigantesca, mas humana, que precedeu a Raça Ariana. Sem embargo, como acabamos de dizer, a lenda do Dilúvio tem, como todas as demais lendas, mais de um significado. Em Teogonia, refere-se a *transformações pré-cósmicas*, a *correlações espirituais* (por absurda que soe esta expressão a ouvidos científicos) e também a uma Cosmogonia subsequente; à grande

(37) Aretia é a forma feminina de Artes, o Marte egípcio. Daí vem a palavra caldeia (e hoje hebraica) אֶרֶץ (Arets), "Terra". Seyffarth, o autor de *Beiträge zur Kenntniss* (sob o título "*Astes*", *Marte*), observa o seguinte: "Addit Cedrenus (Salm. I, c): Stella Martis ab Ægyptiis vocatur Ertosi (plantare, generare). Significat autem hoc omnis generis procreationem et vivificationem, omnisque substantiæ et materiæ naturam et vim ordinantem atque procreantem". [Cedrenus diz (Salmo I, c): Marte era chamado pelos egípcios Ertosi (plantar ou gerar). Isto significa a criação e vivificação de todas as coisas, a criação e a determinação da natureza e dos poderes de toda substância e matéria.] É a Terra como "origem do Ser", ou, segundo explica o autor de *The Source of Measures* (pág. 186), Artes tem igual significação em hebreu e em egípcio, e "combina a idéia primeira de terra como origem; exatamente como em hebreu, sob outra forma, *Adam* e *Mâdim*, *Marte*, são uma coisa só e combinam a idéia da terra com *Adam*, sob a forma de *h-adam-h*".

(38) *Ant.*, V, 64.

(39) Nono, *Dionysius*, XVIII, 319. Citado por Faber, *op. cit.*, I, 328.

INUNDAÇÃO de ÁGUAS (a Matéria) no Caos, despertado e fertilizado por aqueles Raios-Espíritos que foram absorvidos e *pereceram* na misteriosa diferenciação; mistério pré-cósmico e prólogo do Drama do Ser. Anu, Bel e Noah precederam Adão Kadmon, Adão o Vermelho e Noé, do mesmo modo que Brahma, Vishnu e Shiva precederam Vaivasvata e os outros ⁴⁰

Tudo isso serve para demonstrar que o dilúvio *semi-universal* conhecido da Geologia — o primeiro Período Glaciário — deve ter ocorrido justamente na época assinalada pela Doutrina Secreta, a saber, 200.000 anos (em algarismos redondos) após o começo de nossa Quinta Raça, ou pouco mais ou menos na época indicada pelos Srs. Croll e Stockwell para o primeiro Período Glaciário, ou seja, há cerca de 850.000 anos. Assim, como esse cataclismo é atribuído pelos geólogos e astrônomos a “uma excentricidade extrema da órbita da Terra”, e como a Doutrina Secreta lhe atribui a mesma causa, adicionando, porém, outro fator, o deslocamento do eixo da Terra — do que se pode encontrar uma prova no *Livro de Enoch* ⁴¹, se não for entendida a linguagem velada dos *Purânas* — tudo isso tende a demonstrar que algo conheciam os antigos acerca das “descobertas modernas” da Ciência. Enoch, referindo-se à “grande inclinação da Terra”, que “está em trabalho”, é muito claro e significativo.

“Não é evidente? Nohah é Noé, em sua arca *que flutua sobre as águas* — sendo a arca o emblema da Argha ou Lua, o Princípio feminino. Noé é o “Espírito” que cai na Matéria. Quando ele desce à Terra, vemo-lo plantar uma vinha, beber o vinho e embriagar-se — significando que o Espírito se embriaga quando prisioneiro da Matéria. O sétimo capítulo do *Gênesis* não é mais do que outra versão do primeiro. Assim, enquanto neste se lê: “E as trevas cobriam a face do abismo, e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas”, o capítulo VII diz: “E prevaleceram as águas... e a arca flutuava (com Noé, o Espírito) na superfície das águas”. De modo que Noé, se idêntico ao Noah caldeu, é o Espírito que vivifica a Matéria, e esta é o Caos, representado pelo Abismo ou as Águas do Dilúvio. Na lenda babilônica (o acontecimento pré-cósmico mesclado com o terrestre), é Istar (a Deusa Lunar) que se acha encerrada na arca e solta uma *pomba* em procura de terra firme.” ⁴²

“George Smith observa que nas ‘Taboinhas’ há primeiro a criação da Lua e depois a do Sol, e diz que o texto ‘exalta a beleza e perfeição da Lua, que pela regularidade de sua órbita pode ser considerada como juiz e regente do mundo’. Se esta fábula se referisse simplesmente a um cataclismo cosmogônico, ainda que fosse universal, por que falar a Deusa Istar ou Astaroth (a Lua) da criação do Sol do Dilúvio? As águas poderiam ter chegado até o cume da montanha do Nizir (versão caldéia), ou do Djebel Djudi (versão árabe), ou do monte Ararat (versão bíblica), ou ainda do Himalaia (versão hindu), sem com isso alcançarem o Sol; e a própria *Bíblia* não ousou semelhante milagre! É evidente que o Dilúvio tinha outro sentido para aqueles que primeiro o registraram, sentido menos problemático e mais filosófico que o de uma catástrofe *universal*, de que não restou nenhum vestígio geológico.” ⁴³

Como todos esses cataclismos são periódicos e cíclicos, e como o Manu Vaivasvata representa uma figura *genérica*, em meio a vários acontecimen-

(40) Veja-se *Isis sem Véu*, II, 420 *et seq.*, onde há alusão a um ou dois dos sete significados.

(41) Cap. LXIV (Seção XI).

(42) *Isis sem Véu*, II, páginas 423-24.

(43) *Ibid.*, página 423, nota.

tos e circunstâncias, parece não haver nenhuma objeção séria à suposição de que o primeiro “grande dilúvio” tivesse um sentido ao mesmo tempo alegórico e cósmico, e houvesse ocorrido no fim do Satya Yuga, a “Idade da Verdade”, quando a Segunda Raça-Raiz, a do “Manu com ossos”, fez seu primeiro aparecimento como “Nascida do Suor”.

O segundo Dilúvio — o dito *universal* —, que atingiu a Quarta Raça-Raiz, considerada hoje pela Teologia, com certa facilidade, como a “raça maldita dos gigantes”, ou Cainitas e os “filhos de Cam”, é o dilúvio que a Geologia primeiro reconhece. Se compararmos com atenção os relatos das diversas lendas dos livros caldeus e de outras obras exotéricas, veremos que todas concordam com as narrações ortodoxas constantes dos livros bramânicos. Poderemos também observar que, enquanto na primeira versão “ainda não há Deus nem mortal sobre a Terra”, na segunda, quando o Manu Vaivasvata chega ao Himavân (Himalaia), os Sete Rishis são autorizados a fazer-lhe companhia — prova de que, se alguns relatos se referem ao Dilúvio Sideral e Cósmico que precedeu a chamada “Criação”, os demais tratam: um do Grande Dilúvio da Matéria sobre a Terra, e o outro de um verdadeiro dilúvio de água. No *Shatapatha Brâhmana*, observa Manu que o dilúvio fez desaparecer todas as criaturas vivas, e que só ele sobreviveu — ou seja, que a *semente da vida*, só ela, escapou à Dissolução anterior do Universo, ou Mahâpralaya, depois de um “Dia de Brahma”. Quanto ao Mahâbharata, apenas trata do cataclismo geológico que destruiu quase inteiramente a Quarta Raça, a fim de dar lugar à Quinta.

Dai a razão por que a nossa Cosmogonia Esotérica apresenta o Manu Vaivasvata com três distintos atributos⁴⁴; (a) como o “Manu-Raiz” no Globo A, na Primeira Ronda; (b) como a “*Semente da Vida*” no Globo D, na Quarta Ronda; e (c) como a “*Semente do Homem*” no princípio de cada Raça-Raiz — especialmente em nossa Quinta Raça. O começo desta

(44) Cumpre ter presente que, na filosofia indiana, cada unidade diferenciada só o é durante os Ciclos de Mâyâ, pois em sua essência é uma com o Espírito Supremo ou Único. Dai nascem a confusão e a contradição aparentes que se observam nos diversos *Purânas*, quanto ao mesmo indivíduo. Vishnu — como Brahmâ de múltiplas formas e como Brahma (neutro) — é um só, e não obstante passa por ser os vinte e oito Vyâsas.

“Em cada idade Dvâpara (ou terceira idade), Vishnu, na personificação de Vyâsa..., divide o Veda, que é (na realidade) uno, em muitas partes... Vinte e oito vezes foram os Vedas ordenados pelos grandes Rishis no Manvantara Vaivasvata, durante a idade Dvâpara, e em consequência vinte e oito Vyâsas já passaram.” (*Vishnu Purâna*, III, 3; tradução de Wilson, III, 33, 34.) — “[Aqueles que estavam todos] sob a forma de Veda-Vyâsa, que eram os Vyâsas de suas respectivas eras.” (*Ibid.*, loc. cit., pág. 33.) “Este mundo é Brahmâ, está em Brahmâ, vem de Brahmâ... nada mais se pode saber.” E também no *Hariuamsa*: “Houve (no primeiro Manvantara) sete filhos ilustres de Vasishtha, que (no terceiro Manvantara) foram filhos de Brahmâ (isto é, Rishis), ou a prole ilustre de Urja.” (*Ibid.*, III, 6, nota.) Tudo isso é claro: a Humanidade do primeiro Manvantara é a do sétimo e a de todos os Manvantaras intermédios. A Humanidade da Primeira Raça-Raiz é a Humanidade da Segunda, da Terceira, da Quarta, da Quinta, etc. Forma ela, até o fim, uma reencarnação cíclica e constante das Mônadas pertencentes aos Dhyân-Chohans de nossa Cadeia Planetária.

última presenciou, durante o Dvâpara Yuga ⁴⁵, a destruição dos feiticeiros malditos:

“Daquela ilha [Platão só menciona a última ilha], situada além das Colunas de Hércules, no Oceano Atlântico, e da qual se tinha comunicação fácil com outras ilhas, nas proximidades de outro *grande continente* [a América].”

Essa Terra “Atlântica” é a que estava ligada à “Ilha Branca”, e a Ilha Branca outra não era senão Ruta; não, porém, o Atala ou o “Demônio Branco”, do Coronel Wilford ⁴⁶, como já mostramos. Cabe aqui observar que o Dvâpara Yuga tem uma duração de 864.000 anos, segundo os textos sânscritos; e que, se o Kali Yuga principiou há 5.000 anos, faz precisamente 869.000 que ocorreu aquela destruição. Tais algarismos, aliás, não se distanciam muito dos apresentados pelos geólogos, que fazem recuar a 850.000 anos o seu Período Glaciário.

O *Shatapatha* nos diz em seguida que foi criada uma mulher, e que ela, apresentando-se a Manu e dizendo-se *sua filha, com ele viveu e procriou a descendência de Manu*. Refere-se isto à transformação fisiológica dos sexos, na Terceira Raça-Raiz; e demasiado clara é a alegoria para necessitar de maiores explicações. Naturalmente, como já tivemos ocasião de observar, supunha-se que, na separação dos sexos, um ser andrógino dividia seu corpo em duas metades — como no caso de Brahma e Vâch, e também no de Adão e Eva; sendo portanto a mulher, de certo modo, a sua filha, e o filho dela, “a carne de sua carne e os ossos de seus ossos” (e reciprocamente).

Não esquecer igualmente que nenhum de nossos orientalistas aprendeu ainda a distinguir que “nesse tecido de contradições e chocantes absurdos”, como certas pessoas classificam os *Purânas*, a referência a um Yuga pode significar uma Ronda, uma Raça-Raiz e muitas vezes uma Sub-raça, assim como representar uma página arrancada à Teogonia pré-cósmica. Provam esse duplo e triplice sentidos muitas referências que aparentemente se fazem a um só indivíduo, sob o mesmo nome, quando em verdade tratam de acontecimentos separados por Kalpas inteiros. Um bom exemplo é o de Ilâ, que é apresentada primeiro de uma forma e depois de outra. Contam as lendas exotéricas que Manu Vaivasvata, desejando criar filhos, ofereceu um sacrifício a Mitra e a Varuna, mas, em consequência de um erro do sacerdote que oficiava, só obteve uma filha, Ilâ ou Idâ. Então, “por um favor das duas divindades”, o *sexo foi trocado*,

(45) Há um Dvâpara diferente para cada Raça. Todas as Raças têm seus próprios Ciclos, e isto determina uma grande diferença. Por exemplo, a Quarta Sub-raça dos Atlantes estava em seu Kali Yuga quando foi destruída, enquanto a Quinta Raça se achava em seu Satya ou Krita Yuga. A Raça Ariana está agora em seu Kali Yuga, e nele continuará por mais 427.000 anos, ao passo que várias Raças de Família, chamadas Semita, Camita, etc., se encontram em seus ciclos especiais. A futura Sexta Sub-raça (que pode surgir muito em breve) deverá estar em sua Idade Satya (Idade de Ouro) enquanto estivermos recolhendo o fruto de nossas iniquidades em nosso Kali Yuga.

(46) Veja-se: *Asiatic Researches*, VIII, 280.

e ela se transformou em homem, Sudyumna. Em seguida voltou a ser mulher, e assim por diante, acrescentando a fábula que aprovou a Shiva e seu esposo que “ela fosse varão durante um mês e fêmea durante outro”. É uma alusão direta à Terceira Raça-Raiz, cujos homens eram andrógynos. Alguns ilustres orientistas⁴⁷ pensam, e declaram que:

“Idâ significa, em primeiro lugar, víveres, alimentos ou uma libação de leite; e, depois, uma torrente de louvores, personificada como a deusa da palavra.”

Mas não se explica “ao profano” por que uma “libação de leite” ou uma “torrente de louvores” havia de converter-se, alternativamente, em *macho* e *fêmea*; a menos que exista alguma “evidência intrínseca” que aos ocultistas não é dado perceber.

Em seu mais místico sentido, a união do Manu Svâyambhuva com Vâch-Shata-Rûpa, sua própria filha (sendo esta a primeira “evemerização” do princípio dual, de que o Manu Vaivasvata e Ilâ são as formas secundárias e terciárias), representa no simbolismo cósmico a Vida-Raiz, o Germe de onde saem todos os Sistemas Solares, os Mundos, os Anjos e os Deuses; pois, como diz Vishnu:

“Por Manu, toda a criação, os deuses, os Asuras, os homens, devem ser produzidos;

Por ele deve o mundo ser criado: o que se move e o que não se move.”

Podemos encontrar, porém, adversários piores ainda que os homens de ciência ocidentais e orientistas. Se é possível que no tocante aos números estejam os brâmanes de acordo com a nossa doutrina, não estamos tão seguros de que alguns deles, conservadores ortodoxos, não levantem objeções quanto aos modos de procriação atribuídos aos seus Pitris Devâtas. Exigirão de nossa parte que declinemos as obras onde foram colhidas as informações; e nós os convidaremos a ler com mais atenção os seus *Purânas*, fixando-se no sentido esotérico dos textos. E então, repetimos, verão confirmado em seus próprios livros, sob o véu mais ou menos transparente das alegorias, tudo o que dissemos aqui. Um ou dois casos já foram mencionados com relação ao aparecimento da Segunda Raça, a dos “Nascidos do Suor”. Esta alegoria é classificada como um conto de fadas, e no entanto encerra um fenômeno psicofisiológico, e um dos mistérios mais profundos da Natureza.

Mas, em razão mesmo das exposições cronológicas aqui feitas, é natural que se pergunte:

PODIAM EXISTIR HOMENS HÁ 18.000.000 DE ANOS?

O Ocultismo responde afirmativamente, em que pese a todas as objeções dos homens de ciência. Essa duração, aliás, compreende apenas o

(47) Veja-se o *Hindu Classical Dictionary*, de Dowson, *sub voce* “Ida”.

Homem Vaivasvata Manu, isto é, a entidade macho e fêmea já separada em sexos distintos. As duas Raças e meia que precederam tal acontecimento podem ter vivido há 300.000.000 de anos, apesar de tudo o que possa dizer a ciência. Porque não existiam então, para o Homem *Primitivo etéreo* dos Ensinamentos Ocultos, as dificuldades geológicas e físicas que hoje se oporiam à teoria. *Toda a solução da controvérsia entre a ciência profana e a ciência esotérica gira em torno da crença e da prova da existência de um Corpo Astral dentro do corpo físico.* O positivista Paul d'Assier parece que o demonstrou bem claramente⁴⁸, sem falar no testemunho acumulado dos séculos, e no oferecido pelos “espiritistas” e místicos modernos. Ver-se-á quão difícil é rejeitar o fato em nossa época de provas, testemunhos e demonstrações oculares.

Sustenta a Doutrina Secreta que, apesar de os cataclismos e as perturbações gerais na Quarta Ronda do Nosso Globo (por se achar esta Ronda precisamente em seu período de maior desenvolvimento físico, sendo o ponto médio do Ciclo de Vida que lhe corresponde) serem muito mais terríveis e intensos que nas três Rondas anteriores (Ciclos de sua primitiva vida psíquica e espiritual, e de seu estado semi-etéreo), a Humanidade Física vem existindo neste Globo desde os últimos 18.000.000 de anos⁴⁹. A este período precederam 300.000.000 de anos de desenvolvimento mineral e vegetal.

Contra semelhante afirmativa levantar-se-ão todos os que se recusam a admirar a teoria da existência do homem “sem ossos” e puramente etéreo. A Ciência, que só conhece organismos físicos, ficará indignada; e a Teologia materialista ainda mais. A primeira apresentará objeções lógicas e racionais, baseadas na idéia preconcebida de que todos os organismos animados existiram em todos os tempos no mesmo plano de materialidade; a segunda oporá um tecido de ficções cada qual mais absurdo. A pretensão ridícula, invocada habitualmente pelos teólogos, funda-se na suposição virtual de que a Humanidade (leia-se a Cristandade) deste planeta tem a honra de representar os únicos seres humanos que habitam um Globo, em toda a extensão do Cosmos; e que, por conseguinte, são tais seres os melhores de sua espécie⁵⁰.

(48) Veja-se *Postumous Humanity*, trad. de H. S. Olcott, Londres, 1887.

(49) Diz o Professor Newcomb que o calor produzido pela contração duraria somente 18.000.000 de anos (*Popular Astronomy*, 509), sendo que uma temperatura que permitisse a existência da água não poderia ser alcançada antes de 1.000.000 de anos (*World-Life*, de Winchel, 356). Sir William Thomson diz, porém, que a idade completa da incrustação da Terra é de 80.000.000 de anos, se bem que depois tenha modificado a sua opinião, não concedendo ao Sol mais de 15.000.000 de anos de existência. Conforme mostraremos no Apêndice do vol. IV, de tal monta é a divergência de opiniões entre os homens de ciência que nenhuma confiança pode inspirar a especulação científica.

(50) O ensaio *The Plurality of Worlds* (1853) — obra anônima, mas cuja autoria se sabe pertencer ao Dr. Whewell — é uma excelente prova disso. Nenhum cristão, diz o autor, deve acreditar seja na pluralidade dos mundos, seja na idade geológica do Globo; porque, se se afirma que este Mundo não passa de uma unidade

Os ocultistas, que crêem firmemente nos ensinamentos da Filosofia-Mãe, impugnam as objeções dos teólogos, tanto quanto as dos homens de ciência. E sustentam, por sua parte, que, mesmo durante os períodos em que o calor devia ser intolerável, inclusive em ambos os Pólos, com sucessivos dilúvios, levantamentos de vales e freqüentes transposições das grandes águas e dos mares, nenhuma destas circunstâncias podia constituir obstáculo à vida e à organização humanas, *tais como as que eles atribuem à humanidade primitiva*. Nem as condições heterogêneas do ambiente, cheio de gases deletérios, nem os perigos de uma crosta mal consolidada podiam impedir o aparecimento da Primeira e da Segunda Raça da Humanidade, até mesmo durante o período carbonífero ou siluriano.

Destarte, as Mônadas destinadas a animar as Raças futuras estavam preparadas para a nova transformação. Haviãam passado por suas fases de metalização, de vida vegetal e de vida animal, desde o ponto infinito da escala até o superior, e esperavam sua forma humana, mais inteligente. Não obstante, que outra coisa podiam fazer os Modeladores Plásticos, senão seguir as leis da Natureza em evolução? Acaso podiam eles, como afirma a letra morta da *Bíblia*, construir a imagem do "Senhor Deus", ou, como Pigmalião na alegoria grega, esculpir o Adão-Galatéia com a poeira vulcânica, e insuflar no Homem uma "Alma Vivente"? Não, porque ali já se achava a Alma, latente em sua Mônada, e só necessitava de uma "vestimenta". Pigmalião, que não logra *animar sua estátua*, e o Bahak Zivo⁵¹ dos gnósticos nazarenos, que não consegue formar "uma alma humana na criatura", são, como conceitos, muito mais filosóficos e científicos do que o Adão interpretado ao pé da letra, ou do que os Elohim-Criadores da *Bíblia*.

A Filosofia Esotérica que ensina a geração espontânea — depois que os Shishtas e os Prajâpatis lançaram o germe da vida sobre a Terra — apresenta os Anjos Inferiores como capazes de construir somente o homem físico, mesmo com a ajuda da Natureza, após haverem desenvolvido de si próprios as Formas Etéreas, e deixarem que a forma física evoluçionasse gradualmente a partir de seu modelo etéreo, ou do que hoje se diria o seu modelo protoplásmico.

Também hão de surgir argumentos contra isso; dirão que a "geração espontânea" é uma teoria superada. As experiências de Pasteur fizeram-na

entre tantos outros da mesma espécie, os quais seriam todos obras de Deus, como é o nosso, e que todos são centros de vida e reinos onde habitam criaturas inteligentes, dotadas de vontade, sujeitas à lei e capazes de livre-arbítrio, então extravagante é pensar que o *nosso* Mundo tenha sido o objeto dos favores de Deus, de Sua intervenção especial, de Suas comunicações e de Sua *visita pessoal*. Pode a Terra, indaga ele, pretender que é o centro moral e religioso do Universo, se não tem em seu apoio algo que a distingue dos outros mundos no Universo físico? Não será porventura tão absurdo sustentar semelhante teoria (a pluralidade dos mundos habitados), como o seria sustentar em nossos dias a antiga hipótese de Ptolomeu, que punha a Terra no centro do nosso Sistema? Citamos de memória o que precede, mas assim mesmo *quase textualmente*. O autor daquela obra não se dá conta de que, defendendo desta maneira o seu ponto de vista, está fazendo ruir o seu próprio castelo de cartas.

(51) Ver Sôd: *The Son of the Man*, F. S. Dunlop, páginas 50 e seguintes.

desaparecer há vinte anos, e o Professor Tyndall igualmente a combate. Pois bem; que assim seja! Mas devia saber o Professor que, ainda quando se viesse a provar que a geração espontânea é impossível no período e nas condições atuais do mundo — *o que os ocultistas contestam* — não provaria isso que ela não pudesse ter ocorrido em condições cósmicas diferentes, não só nos mares do Período Laurenciano, mas ainda na Terra então convulsionada. Seria interessante saber como explica a Ciência o aparecimento das espécies e da vida na Terra, sobretudo no que se refere ao *Homem*, já que a Ciência repele, ao mesmo tempo, os ensinamentos bíblicos e a geração espontânea.

As observações de Pasteur estão, aliás, longe de ser perfeitas ou apoiadas em provas. O Dr. Lutaud e Blanchard negam sua importância, e realmente mostram que não têm nenhuma. A questão permanece até hoje *sub judice*, assim como a que diz respeito ao momento e ao período em que surgiu a vida na Terra. Quanto à idéia de que a Monera de Hæckel (uma pitada de sal!) haja resolvido o problema da origem da vida, é simplesmente absurda. Os materialistas, que desdenham a teoria do “Homem Celeste Nascido por Si mesmo”, do “Homem existente por Si mesmo”, representado como um Homem Astral, Etéreo, que perdoem o riso também provocado, até em um aprendiz de Ocultismo, por algumas especulações do pensamento moderno. Depois de demonstrarem mui sabiamente que o fragmento primitivo de *protoplasma* (a Monera) não é nem animal nem planta, mas uma e outra coisa ao mesmo tempo, e que para eles *não há antecessores*, por ser a Monera o ponto de partida de toda existência organizada, concluem dizendo que as Moneras são *seus próprios antecessores*. Pode isto ser muito científico, mas também é muito metafísico: demasiado mesmo, até para o ocultista.

Se a geração espontânea modificou atualmente os seus métodos — talvez em razão do material acumulado existente — quase ao ponto de escapar às investigações, estava, não obstante, no apogeu de sua atividade quando se deu a gênese da vida terrestre. Até mesmo a simples forma física e a evolução das espécies mostram como procede a Natureza. O gigantesco Saurio coberto de escamas, o Pterodátilo alado, o Megalossauro e o Iguanodonte de cem pés de comprimento, pertencente a um período posterior, são transformações dos primeiros representantes do reino animal encontrados nos sedimentos da época primária. Houve um tempo em que todos os monstros “antediluvianos” ora citados apareceram sob a forma de infusórios filamentosos, sem carapaça nem concha, sem nervos, músculos e órgãos, nem sexo, reproduzindo suas espécies por gemação, como o fazem também os animais microscópicos, arquitetos e construtores de nossas cadeias de montanhas, segundo nos ensina a Ciência. Por que então não podia suceder o mesmo com o homem? Por que não haveria ele, em seu desenvolvimento, isto é, em sua gradual condensação, de conformar-se à mesma lei? Todas as pessoas isentas de preconceitos hão de preferir acreditar que a Humanidade Primitiva tinha uma Forma Etérea — ou, se se quizer, uma Forma imensa, filamentosa, de aspecto gelatinoso, que, sob a

ação de Deuses ou “Forças” naturais, evolucionou e se condensou durante milhões de séculos, e que em seu impulso e tendência físicos chegou a assumir gigantescas proporções, até ganhar estabilidade com enorme Forma Física do Homem da Quarta Raça — a acreditar que o homem tenha sido criado do barro da Terra (literalmente), ou descenda de algum antepassado antropóide desconhecido.

Demais, a nossa teoria esotérica só à primeira vista está em desacordo com os dados científicos, pois que o Dr. A. Wilson, F. R. S., assim se expressa em uma carta dirigida à revista *Knowledge* (23 de dezembro de 1881):

“A evolução — ou melhor, a Natureza, do ponto de vista da evolução — só tem sido estudada desde uns vinte e cinco anos mais ou menos. Isso, na história do pensamento humano, não corresponde, certamente, senão a uma fração de tempo insignificante.”

É exatamente por este motivo que não perdemos a esperança de ver a ciência materialista retificar as suas teorias e aceitar gradualmente os Ensinamentos Esotéricos, ainda que sejam, de início, separados de seus elementos demasiado metafísicos (para a Ciência).

Já foi porventura dita a última palavra acerca da evolução humana?

Segundo observa o Professor Huxley:

“Cada uma das respostas dadas a esta importante questão [verdadeiro lugar ocupado pelo homem na Natureza] é invariavelmente apresentada pelos partidários do expositor, se não por este próprio, como sendo *completa e final*, e pode conservar grande autoridade e prestígio durante um século ou mesmo vinte; mas, com uma regularidade igualmente invariável, o Tempo se encarrega de provar que cada resposta não vale senão como uma *simples aproximação da verdade* — *tolerável em razão principalmente da ignorância dos que a aceitaram, mas de todo inadmissível quando posta à prova pelos conhecimentos mais amplos de seus sucessores.*”⁵²

Admitirá esse eminente darwinista a possibilidade de que os seus “Antepassados Pitecóides” venham a ser relacionados entre as crenças absolutamente inaceitáveis em face dos “conhecimentos mais amplos” dos oculistas? Mas *de onde vem o selvagem*? A mera circunstância da “elevação ao nível civilizado” não explica a evolução da forma.

Na mesma carta sobre “A Evolução do Homem”, confessa o Dr. Wilson outras coisas estranhas. Assim, respondendo às questões propostas por “G. M.” à revista *Knowledge*, escreve o seguinte:

“Ocasinou a evolução alguma transformação no homem? Se afirmativamente, qual foi a transformação? Em caso negativo, por que não?... Se nos recusamos a admitir [como o faz a Ciência] que o homem tenha sido criado um ser perfeito, degradando-se em seguida, só existe outra suposição: a da evolução. Se o homem se elevou do estado selvagem ao estado civilizado, aí está, seguramente, uma evolução. *Ainda não sabemos, porque é difícil adquirir tal conhecimento, se a estrutura humana*

(52) *Man's Place in Nature*, página 78.

está submetida às mesmas influências que a dos animais inferiores. Mas é incontestável que a passagem da selvageria à vida civilizada implica a idéia de "evolução", e isto em medida muito ampla. Não se pode pôr em dúvida a evolução mental do homem; a esfera do pensamento humano, que se amplia cada vez mais, teve inícios limitados e grosseiros, como a própria linguagem; mas a maneira de viver do homem, os seus costumes, o seu poder de adaptação ao meio ambiente e outras circunstâncias inumeráveis tornam sobremodo difícil investigar os traços e o curso de sua "evolução."

Esta mesma dificuldade devia contribuir para que os evolucionistas fossem mais prudentes em suas afirmações. Mas por que seria impossível a evolução se o homem houvesse "sido criado um ser perfeito, degradando-se em seguida"? Quando muito, poderia isso aplicar-se ao *homem externo*, ao homem físico. Como já observamos em *Isis sem Véu*, a evolução de Darwin principia no meio, em vez de ter, para o homem como que todas as coisas, um ponto de partida universal. O método aristotélico-baconiano pode ter as suas vantagens, mas, incontestavelmente, já deixou ver os seus defeitos. Pitágoras e Platão, que procediam do universal para o particular, nos aparecem, à luz da Ciência moderna, mais sábios que Aristóteles; haja vista que este último combatia e condenava a idéia da revolução da Terra, e até a de sua redondeza, quando escreveu:

"Quase todos os que afirmam haver estudado o céu em sua uniformidade sustentam que a Terra ocupa o seu centro; mas os filósofos da Escola Italiana, também chamados Pitagóricos, ensinam precisamente o contrário."

É porque os pitagóricos eram Iniciados e seguiam o método dedutivo; ao passo que Aristóteles, o pai do método indutivo, se queixava daqueles que ensinavam que:

"O centro do nosso sistema era ocupado pelo Sol, não sendo a Terra mais que uma estrela, que, por um movimento de rotação ao redor daquele centro, produzia o dia e a noite." ⁵³

A mesma coisa em relação ao homem. A teoria ensinada pela Doutrina Secreta, e ora exposta, é a única que pode explicar o aparecimento do homem na Terra, sem incidir no absurdo de uma criatura "miraculosa", criada do limo da terra, ou no erro, ainda maior, de crer que o homem tenha evoluído de uma pitada de sal calcário, a Monera ex-protoplásmica.

A *analogia* é, na Natureza, a lei diretora, o único e verdadeiro fio de Ariadne que nos pode guiar através dos inextricáveis atalhos dos seus domínios, até os seus primordiais e últimos mistérios.

A Natureza, como força criadora, dispõe de infinitos recursos, e nenhuma geração de físicos pode vangloriar-se de haver esgotado a lista de suas vias e métodos, por uniformes que sejam as leis segundo as quais procede.

(53) *De Cælo*, II, Cap. 13.

Se podemos conceber uma bola de “névoa ígnea”, que se converte pouco a pouco — à medida que gira nos espaços interestelares durante evos e evos — em um Planeta, em um Globo com luz própria, para finalmente ser um Mundo ou uma Terra *povoada de homens*, havendo assim passado de corpo plástico e mole do Globo rodeado de rochas; e se vemos tudo evolucionar neste Globo, desde o ponto gelatinoso, sem núcleo, que se transforma no Sarcodé⁵⁴ da Monera e logo passa de seu estado de protista⁵⁵ à forma animal, para depois crescer e tornar-se um gigantesco e monstruoso réptil dos tempos Mesozóicos, e mais tarde diminuir gradativamente até o tamanho do crocodilo anão (relativamente), hoje confinado exclusivamente nas regiões tropicais, e ao do lagarto comum universal⁵⁶, se podemos conceber tudo isso — como só o homem, então, poderia subtrair-se à lei geral? “Existiam gigantes sobre a Terra, naqueles tempos”, diz o *Gênesis*⁵⁷, repetindo todas as demais Escrituras Orientais; e a crença nos Titãs tem por fundamento um fato antropológico e fisiológico.

E assim como o crustáceo de carapaça dura foi outrora um ponto gelatinoso, uma “simples partícula, absolutamente homogênea, de albumina em estado fortemente aglutinado”, também o foi o invólucro exterior do homem primitivo, sua primeira “vestimenta de pele”, *mais* uma Mônada espiritual e imortal, e uma forma ou corpo psíquico temporário dentro dessa concha. O homem de hoje, de corpo denso e musculoso, capaz de suportar quase todos os climas, foi talvez a uns 25.000.000 de anos precisamente o que é a Monera de Hæckel, ou seja, rigorosamente uma substância por completo homogênea, com um corpo interior albuminoso, sem estrutura, e uma forma humana só exteriormente.

Nenhum homem de ciência tem o direito, neste século, de tachar como absurdas as cifras dos brâmanes, no tocante à cronologia, porquanto os seus próprios cálculos ultrapassam, de muito, não raramente, os da Ciência Esotérica. Fácil é demonstrá-lo.

Helmholtz calculou que o esfriamento da Terra, de uma temperatura de 2.000 graus a uma de 200 graus centígrados, deve ter consumido um período de, pelo menos, 350.000.000 de anos. A Ciência ocidental (inclusive a geologia) parece atribuir ao nosso Globo uns 500.000.000 de anos da idade. Não obstante, Sir William Thomson limita o aparecimento dos

(54) Ou o que é mais comumente conhecido pelo nome de Protoplasma. Foi o Professor Dujardin-Beaumetz quem deu a esta substância o nome de “Sarcodé”, muito antes de sua denominação atual.

(55) As Moneras, com efeito, são Protistas. Não são animais nem plantas, escreve Hæckel; “todo o corpo da Monera não representa mais que uma simples partícula, absolutamente homogênea, de albumina em estado fortemente aglutinado”. (*Journal of Microscopical Science*, janeiro de 1869, página 28.)

(56) Veja-se o iguanodonte dos tempos mesozóicos, monstro de cem pés de comprimento, hoje convertido no pequeno lagarto iguano da América do Sul. Talvez se prove um dia que as tradições populares que aludem a “gigantes” de outros tempos, e a menção deles em todas as mitologias, inclusive na *Bíblia*, estão baseadas em fatos. Na natureza, o raciocínio da analogia, por si só, deveria bastar para que aceitássemos essas tradições como verdades científicas.

primeiros vegetais a 100.000.000 de anos, afirmativa que os Anais Arcaicos contradizem. Ademais, as especulações variam diariamente nos domínios da Ciência. Por outro lado, alguns geólogos se opõem tenazmente a semelhantes limitações. Volguer calcula que:

“O tempo necessário ao depósito das camadas que conhecemos deve elevar-se, pelo menos, a 648 milhões de anos.”

O tempo e o espaço são, ambos, infinitos e eternos.

“A terra, como existência material, é por certo infinita; só as transformações por que passou é que podem ser determinadas por períodos limitados de tempo...”

Devemos, portanto, supor que o céu estrelado não somente está no espaço, o que nenhum astrônomo põe em dúvida, como também se acha no tempo, sem começo nem fim: que jamais foi criado, e que é imperecível.”⁵⁸

Czolbe repete exatamente o que dizem os ocultistas. Mas, dir-nos-ão, os ocultistas arianos nada sabiam a respeito dessas últimas especulações. Segundo a expressão de Coleman.

“Ignoravam até a forma globular de nossa Terra.”

O *Vishnu Purâna* contém uma resposta a essa objeção, o que obrigou certos orientalistas a abrir desmesuradamente os olhos:

“O Sol está imóvel o tempo todo, Maitreya, assim no meio do dia como no meio da noite, em todos os Dvîpas [Continentes]. Mas, sendo o nascer e o pôr do Sol perpetuamente opostos *um ao outro*, então, Maitreya, do mesmo modo que os pontos cardeais e os pontos intermediários, as gentes falam do nascer do Sol ali onde o vêem; e quando o Sol desaparece é aí, *para eles*, que se põe. Para o Sol, que se acha sempre *no mesmo lugar*, não há nascer nem pôr, pois o que chamam nascer e pôr *não é senão* o fato de verem ou não verem o Sol.”⁵⁹

Observa Fitzedward Hall a esse respeito que:

“A teoria heliocêntrica ensinada nesta passagem é notável. Contudo, ela se contradiz um pouco mais adiante.”⁶⁰

Contradição *intencional*, porque se tratava de um segredo ensinado nos templos. Martin Haug assinalou a mesma doutrina em outra passagem. É inútil caluniar por mais tempo os arianos.

Voltemos à cronologia dos geólogos e antropólogos. Receamos que a Ciência não encontre terreno sólido para combater a opinião dos ocultistas nesta matéria. Até o presente, tudo o que pode objetar é que, “no tocante ao homem, o ser orgânico mais elevado da criação, nenhum vestígio

(58) Estas são as opiniões de Burmeister e de Czolbe. Veja-se: *Força e Matéria*, de L. Büchner, edição de J. F. Collingwood, F. R. S. L., página 61.

(59) *Vishnu Purâna*, II, VII; nota de Fitzedward Hall na tradução de Wilson, II, 241.

(60) *Ibid.*, página 242.

existe nas camadas primárias, mas somente na camada superior, a chamada aluvial". Dia virá em que a Ciência há de reconhecer que o homem *não foi o último membro da família dos mamíferos, e sim o primeiro, na presente Ronda*. Opinião semelhante já foi também defendida na França por uma eminente autoridade científica.

Que o homem tenha vivido no Período Terciário médio e em uma época geológica na qual *ainda não existia um só exemplar das espécies de mamíferos hoje conhecidas, não pode mais* ser contestado pela Ciência, e já o demonstrou De Quatrefages⁶¹. Admitindo que a sua existência durante o Período Eoceno não estivesse ainda comprovada, qual o período de tempo decorrido desde o Período Cretáceo? Sabemos que só os geólogos mais audazes se atrevem a fazer remontar o homem a uma época anterior à Idade Miocena; mas, perguntamos, qual é a duração dessas Idades e desses Períodos, a partir da Era Mesozóica? Sobre este ponto, a Ciência, depois de muito especular e discutir, permanece silenciosa, vendo-se obrigadas as maiores autoridades na matéria a responder: "Não sabemos." Isto devia ser suficiente para mostrar que neste assunto os homens de ciência não são autoridades maiores que os profanos. Se, conforme diz o Professor Huxley, "só o tempo empregado para a formação carbonífera é de seis milhões de anos"⁶², quantos milhões de anos mais terão transcorrido desde o Período Jurássico, ou a metade da chamada Idade dos Répteis — quando apareceu a Terceira Raça — até o Período Mioceno, quando foi submergida a massa da Quarta Raça?⁶³

Não desconhece a autora que os especialistas, que calculam com maior liberalidade as idades do Globo e do Homem, sempre tiveram contra si a maioria mais cautelosa; mas isso não prova grande coisa, porque, afinal de contas, é raro que a maioria tenha sempre razão. Jarvey esteve isolado em suas opiniões durante muitos anos. Os que advogaram a causa da travessia do Atlântico em barcos a vapor correram o risco de findar os seus dias em um manicômio. Ainda hoje Mesmer é classificado, nas enciclopédias, entre os charlatães e impostores, em companhia de Cagliostro e Sain-Germain. E agora que os senhores Charcot e Richet fizeram justiça às Teorias de Mesmer, e que o Mesmerismo, sob o seu novo nome de Hipnotismo (um nariz postigo numa cara bastante conhecida), é aceito pela Ciência, em nada foi acrescido o nosso respeito para com a maioria, quando observamos o desembaraço e a negligência com que os seus membros tratam o "hipnotismo", as "manifestações telepáticas" e outros fenômenos. Em uma palavra, falam do assunto como se acreditassem nisso desde os tempos de Salomão, esquecidos de que, até poucos anos atrás, consideravam os partidários desses fenômenos como lunáticos e impostores!⁶⁴

(61) *Introduction à l'Étude des Races Humaines*.

(62) *Modern Science and Modern Thought*, por S. Laing, página 32.

(63) *Esoteric Buddhism*, página 70 (8.ª edição, página 73).

(64) A mesma sorte está reservada aos fenômenos espíritos e a todas as manifestações psicológicas do homem interno. Desde o tempo de Hume, cujas investigações deram como resultado um Idealismo niilista, a Psicologia veio descendo gradualmente

A mesma transformação de pensamento dar-se-á também quanto aos longos períodos que a Filosofia Esotérica atribui à idade da humanidade sexual e fisiológica. Assim, a Estância que diz: "*Os Nascidos da Mente, os Sem Ossos, deram vida aos Nascidos da Vontade, com ossos*" — o que ocorreu na metade da Terceira Raça, há 18.000.000 de anos — ainda tem probabilidade de ser aceita pelos futuros homens de ciência.

No que tange ao pensamento do século XIX, dir-se-á — e o dizem até alguns de nossos amigos pessoais, imbuídos de inusitado respeito pelas mutáveis conclusões da ciência — que semelhante declaração é absurda. Até que ponto parecerá menos provável ainda esta outra afirmação nossa, a saber: que a antiguidade da *Primeira Raça* vai a milhões de anos antes daquela época! Porque, embora não se divulguem as cifras exatas — e não seria o caso de referir *com precisão* os primórdios da evolução das Raças Divinas primitivas, seja no começo do Período Secundário da Geologia, seja no seu Período Primário — uma coisa ressaí claramente: o número de 18.000.000 de anos deve ser consideravelmente aumentado se levarmos em conta todo o processo de desenvolvimento espiritual, astral e físico.

Muitos geólogos pensam decerto que a duração dos Períodos Quaternário e Terciário exige uma estimativa semelhante, e é indubitável que, se ainda faltam provas da existência real de um homem Eoceno, nenhuma condição terrestre exclui a hipótese de sua existência.

Os ocultistas, ao sustentarem que a data acima nos leva muito para trás, dentro da Idade Secundária ou dos "Répteis", podem invocar o Sr. De Quatrefages em apoio da possibilidade da existência do homem naquela remota antiguidade.

Mas com relação às Primeiras Raças-Raízes o caso é inteiramente diverso. Se a espessa aglomeração de vapores carregados de ácido carbônico, que escapava do solo ou se mantinha suspenso na atmosfera desde o início da sedimentação, representava um óbice fatal à vida dos organismos humanos, tais quais hoje os conhecemos, como — argüir-se-á — poderiam ter existido homens nessas primitivas eras? Mas a verdade é que esta observação está fora de lugar. As condições terrestres, que então prevaleciam, não influíam no plano em que se processava a evolução das Raças *etéreas astrais*. Só nos períodos geológicos relativamente recentes é que o curso helicoidal da lei cíclica arrastou a Humanidade até a fase inferior da evolução física — o plano da causação material grosseira. Naquelas primeiras idades, só estava em progresso a evolução *astral*; os dois planos, o astral

ao nível de um materialismo grosseiro. Hume é considerado um psicólogo, e no entanto negava *a priori* a possibilidade de fenômenos em que hoje acreditam milhões de pessoas, inclusive muitos homens de ciência. Os Hilo-idealistas de hoje são renitentes Anti-hilozofistas. As Escolas de Spencer e de Bain são uma positiva e a outra materialista, e nada têm de metafísicas. Trata-se de *Psiquismo*, e não de *Psicologia*; e isso faz recordar tão pouco a doutrina Vedantina quanto o pessimismo de Schopenhauer e de Von Hartmann recordam a Filosofia Esotérica, o coração e a Alma do verdadeiro Budismo.

e o físico ⁶⁵, embora se desenvolvessem em linhas paralelas, não guardavam entre si nenhum ponto direto de contato. É evidente que um homem etéreo, semelhante a uma sombra, não está relacionado — por força mesmo de sua organização — com o plano de que deriva a substância que forma o seu Upādhi.

Há coisas que talvez tenham escapado ao olho penetrante — mas que *não vê tudo* — de nossos modernos naturalistas; contudo, é a própria Natureza que se encarrega de nos fornecer os elos que faltam. Os pensadores agnósticos têm que escolher, em suas especulações, entre a versão que nos oferece a Doutrina Secreta do Oriente e os dados irremissivelmente materialistas dos darwinistas e da *Bíblia*, a respeito da origem do homem; entre a negação da alma e da evolução espiritual e a Doutrina Oculta, que repudia tanto a “criação especial” como a antropogênese dos “evolucionistas”.

Demais, e retornando à questão da “geração espontânea”, a vida, tal como a define a Ciência, nem sempre reinou neste plano material. Tempo houve em que nem sequer a Monera de Hæckel, estes simples glóbulos de protoplasma, havia aparecido no fundo dos mares.

De onde veio, então, o *Impulso* que fez as moléculas de carbono, de nitrogênio, de oxigênio, etc., agruparem-se para formar o *Ursbleim* de Oken, aquele “Limo” orgânico, agora batizado com o nome de Protoplasma? Quais foram os protótipos da Monera? Esses, pelo menos, não deviam ter caído, como meteoritos, de outros Globos já formados, apesar da fantástica teoria de Sir William Thomson neste sentido. E, ainda que *houvessem* caído assim, se a nossa Terra recebeu de outros Planetas a sua provisão de germes vitais, quem, ou *que*, os teria levado para esses Planetas? Mais uma vez, em não se admitindo a Doutrina Oculta, nos veremos de novo forçosamente em presença de um *milagre*. Seremos obrigados a aceitar a teoria de um Criador *pessoal, antropomórfico*, cujos atributos e definições, tais como os formulam os monoteístas, tanto se chocam com a filosofia e a lógica quanto rebaixam o ideal de uma Divindade Universal infinita, cuja incompreensível e imponente majestade faz parecer tão minúsculo e insignificante o intelecto humano mais desenvolvido.

O filósofo hodierno, colocando-se arbitrariamente no pináculo da inteligência humana mais evolucionada até agora, devia ter o cuidado de não se mostrar, espiritual e intuitivamente, em nível tão abaixo das concepções dos gregos antigos, estes, por sua vez, tão inferiores, nesta matéria, aos filósofos da antiguidade oriental ariana.

O hilozoísmo, se interpretado filosoficamente, é o aspecto mais elevado do panteísmo. É o único meio possível de escapar ao estúpido atei-

(65) Cumprе notar que, embora os planos astral e físico marchassem paralelamente, até mesmo nas eras geológicas mais recuadas, não se achavam, contudo, nas mesmas fases de manifestação em que *agora* se encontram. A Terra não alcançou o seu atual grau de densidade senão há 18 milhões de anos. Desde então, ambos os planos, o astral e o físico, se tornaram mais densos.

mo, fundado no materialismo letal, e às concepções antropomórficas, ainda mais estúpidas, dos monoteístas; entre estas e aquele, encontra-se um terreno absolutamente neutro.

O hilozoísmo *requer* um Pensamento Divino absoluto, que *impregna* as inumeráveis Forças Criadoras ativas, ou “Criadores”, *Entidades* que são movidas por aquele Pensamento Divino, e existem nele, por ele e em virtude dele; se bem que este último não tinha maior intervenção pessoal nelas e em *suas* obrigações que a do Sol, por exemplo, no girassol e suas sementes ou na vegetação em geral. Sabe-se que existem tais “Criadores” ativos, e acredita-se neles porque são percebidos e sentidos pelo Homem Interno, no ocultista.

Diz o ocultista que, sendo a Divindade Absoluta necessariamente não-condicionada e não-relacionada, não pode ser ao mesmo tempo considerada como um Deus vivente, ativo e criador, sem que se degrade imediatamente o ideal⁶⁶. Uma Divindade que se manifesta no Tempo e no Espaço — que não passam ambos de simples formas de AQUILO que é o TODO Absoluto — só pode ser uma parte fracionária do todo. E, não podendo esse “Todo” dividir-se, por ser absoluto, segue-se que o Criador do qual se tem consciência (nós dizemos os Criadores), não passará, quando muito, de um simples *aspecto* do mesmo “Todo”.

Usando de uma metáfora, embora insuficiente para exprimir a idéia completa, mas bem adaptada ao caso, diremos que esses Criadores são como os raios numerosos do orbe solar: este permanece inconsciente da obra realizada por aqueles, e nela não intervém, enquanto seus agentes mediadores, os raios, servem de meios instrumentais em cada primavera (a aurora manvantárica da Terra) e fazem despertar e frutificar a vitalidade adormecida inerente na Natureza e em sua matéria diferenciada. Tão bem o compreendia a antiguidade, que até Aristóteles, espírito moderadamente religioso, chegou a observar que semelhante obra de criação direta seria de todo em todo imprópria de Deus, ἀπρεπὲς τῷ θεῷ. Platão e outros filósofos ensinaram a mesma coisa: a Divindade não pode intervir diretamente na criação, αὐτοῦργειν ἀπαντα. E Laerte atribui ao velho Zenon as seguintes palavras:

“A Natureza é um hábito impulsionado por ela mesma, segundo princípios seminais; aperfeiçoando e contendo as diferentes coisas que ela produz de si própria, em épocas determinadas, e atuando de acordo com as leis da fonte de onde se originou.”⁶⁷

Volvamos ao nosso assunto, e sobre ele meditemos.

(66) O conceito do Cardeal Cusa e sua definição do Absoluto só podem satisfazer a mente ocidental, tão inconscientemente escravizada e de todo degenerada por efeito de longos séculos de sofismas escolásticos e teológicos. Mas essa “filosofia recente do Absoluto”, que Sir William Hamilton atribui a Cusa, não satisfaria jamais a mente mais sutilmente metafísica do Vedantino hindu.

(67) Cudworth, *Intellectual System*, I, 328.

Se efetivamente existiu, durante aqueles períodos, uma vida vegetal que podia alimentar-se de elementos deletérios, e se houve até uma vida animal cuja organização aquática podia desenvolver-se apesar da suposta rarefação de oxigênio, por que também não podia ter existido a vida humana em sua forma física incipiente, isto é, em uma raça de seres adaptados àquela idade geológica e ao meio ambiente? A própria Ciência confessa que não tem noção alguma da duração dos períodos geológicos.

Mas, para nós, a questão importante é saber se, verdade ou não, existiu, desde o período denominado Azóico, uma atmosfera como a que supõem os naturalistas. Nem todos os físicos estão de acordo neste ponto. Se a autora pusesse empenho em corroborar os ensinamentos da Doutrina Secreta com o auxílio da Ciência exata, não lhe seria difícil provar, com o asserto de mais de um físico, que a atmosfera quase não sofreu alteração, se é que alguma houve, desde a época em que se condensaram os primeiros oceanos — ou seja, desde o Período Laurenciano, a Era Pírolítica. Tal é, pelo menos, a opinião de Blanchard, de S. Meunier e até de Bischof, conforme se verifica pelas experiências desde último cientista sobre os basaltos.

Se nos ativermos ao que diz a maioria dos homens de ciência acerca da quantidade de gases mortais e de elementos inteiramente saturados de carbono e nitrogênio, em que, segundo se declara, os reinos vegetal e animal se desenvolveram, chegaremos então à curiosa conclusão de que existiam naqueles tempos oceanos de *ácido carbônico líquido*, em vez de água. Com semelhante elemento, torna-se duvidoso que os ganóideos ou mesmo os trilobitas primitivos pudessem viver nos oceanos da Idade Primária, sem falar nos da Idade Siluriana, como o demonstra Blanchard.

Não obstante, as condições necessárias à existência da primeira Raça Humana não exigiam a presença de elementos, fossem simples ou compostos. Mantemos o que de início declaramos. A entidade espiritual e etérea, que vivia nos Espaços desconhecidos da Terra, antes que o primeiro "ponto gelatinoso" sideral se houvesse desenvolvido no Oceano da Matéria Cósmica informe — bilhões ou trilhões de anos antes que o nosso ponto globular no infinito, a que chamamos Terra, principiasse a existir e a gerar Moneras em suas gotas de água, denominadas oceanos —, essa entidade, dizíamos, não necessitava de "elementos". O "Manu de ossos brandos" podia perfeitamente passar sem o fosfato de cálcio, porque não tinha ossos senão em sentido figurado. E, ao passo que até as Moneras, por mais homogêneo que fosse o seu organismo, requeriam condições físicas que lhe servissem ao progresso evolutivo, o Ser que foi o Homem primitivo e o "Pai do homem", depois de evolucionar em planos de existência não sonhados pela Ciência, podia muito bem ficar indiferente a todas as condições atmosféricas que o rodeavam. O antecessor primitivo do *Popol Vuh* de Brasseur de Bourbourg, que podia, segundo as lendas mexicanas, viver e locomover-se com a mesma facilidade tanto em cima como em baixo da terra e da água, corresponde, em nossos textos, ao homem da Segunda Raça e do começo da Terceira.

Se os três reinos da Natureza eram tão diferentes naqueles tempos pré-diluvianos, por que o homem não poderia ser então constituído de materiais e combinações de átomos que hoje a Ciência ignora completamente? As plantas e os animais, de que em nossos dias se conhecem variedades quase inumeráveis, são todos, conforme as hipóteses científicas, o produto do desenvolvimento de formas orgânicas primitivas e muito menos numerosas. Por que não poderia o mesmo suceder em relação ao homem, aos elementos e a tudo mais?

Diz o Comentário:

A Gênese Universal tem como ponto de partida o Um, divide-se em Três, depois em Cinco, e finalmente em Sete, que é o seu ponto culminante, para volver a Quatro, a Três e a Um.

ESTÂNCIA VII

DAS RAÇAS SEMIDIVINAS ATÉ AS PRIMEIRAS RAÇAS HUMANAS

24. Em seu orgulho, os Criadores superiores repudiam as Formas Desenvolvidas pelos "Filhos da Ioga". 25. Não querem encarnar-se nos primeiros nascidos do ovo. 26. Elegem os Andrógynos posteriores. 27. O primeiro homem dotado de mente.

24. Os Filhos da Sabedoria, os Filhos da Noite¹, prontos para renascer, desceram. Viram as formas vis² da Primeira Terceira³ (a). "Podemos escolher", disseram os senhores, "nós temos a sabedoria". Alguns entraram nos Chhâyâs. Outros projetaram uma Centelha. Outros ainda demoraram até a Quarta⁴. Com seu próprio Rûpa encheram⁵ o Kâma⁶. Os que entraram vieram a ser Arhats. Os que só receberam uma Centelha permaneceram desprovidos de entendimento⁷; a Centelha brilhava debilmente (b). Um Terço continuava sem mente. Seus Jivas⁸ não estavam preparados. Estes foram deixados à parte entre os Sete⁹. Tornaram-se os Cabeças Estreitas. Um Terço estava preparado. "Nestes habitaremos", disseram os Senhores da Chama e da Sabedoria Tenebrosa (c).

A Estância acima contém em si mesma a chave dos mistérios do mal, da chamada "Queda" dos Anjos e dos inúmeros problemas que têm atormentado o cérebro dos filósofos, desde o tempo em que começou a funcionar a razão humana. Decifra o segredo das desigualdades subseqüentes de capacidade intelectual, de nascimento ou posição social, e dá uma expli-

(1) Emanadas do corpo de Brahma quando veio a Noite.

(2) Vis intelectualmente.

(3) Raça ainda sem entendimento.

(4) Raça.

(5) Intensificaram.

(6) O veículo dos desejos.

(7) O conhecimento superior.

(8) Mônadas.

(9) As espécies humanas primitivas.

cação lógica da incompreensível sucessão de eventos cármicos durante os evos que se seguiram.

Tentaremos agora a melhor explicação possível, em face das dificuldades do assunto.

(a) Até a Quarta Ronda, e mesmo até a segunda parte da Terceira Raça da presente Ronda, o *Homem* (se é que se pode dar este nome, suscetível de induzir em erro, às formas sempre cambiantes que revestiram as Mônadas nas três primeiras Rondas, nas duas primeiras Raças e até o meio da Terceira Raça da Ronda atual) não passa ainda, intelectualmente, de um animal. Somente nesta Quarta Ronda *intermédia* é que se desenvolveu de todo o Quarto Princípio, como veículo apropriado para o Quinto. Manas, porém, não alcançará o seu desenvolvimento relativamente *completo* senão no curso da Ronda seguinte, quando terá ocasião de se tornar inteiramente divino, até o fim das Rondas. Como diz Christian Schœttgen em *Horæ Hebraicæ*, etc., o primeiro Adão terrestre “só tinha o sopro de vida”, *Nephesh*, mas não a *Alma vivente*.

(b) Trata-se aqui das Raças *inferiores*, das quais ainda subsistem alguns espécimes, tais como os aborígenes australianos, que tendem rapidamente a desaparecer, e algumas tribos da África e da Oceania.

As palavras “não estavam preparados” significa que o desenvolvimento cármico dessas Mônadas não as capacitava a ocupar as formas humanas que deviam encarnar-se nas Raças intelectuais superiores. Este ponto será explicado mais adiante.

(c) O *Zohar* fala do “Fogo Negro”, que é a Luz Absoluta: a Sabedoria. Aos que, imbuídos de velhos preconceitos teológicos, poderiam dizer-nos: “Mas os Asuras são os Devas rebeldes, os *adversários dos Deuses*, e, portanto, os Demônios e os Espíritos do Mal”, responderemos: A Filosofia Esotérica não admite nem o bem nem o mal *per se*, existindo independentes na Natureza. Percebe-se a razão de ser de ambos, no que respeita ao Cosmos, na necessidade dos opostos, dos contrastes, e, relativamente ao homem, em sua natureza humana, em sua ignorância e suas paixões. Não há Demônios ou seres absolutamente pervertidos, como não há Anjos absolutamente perfeitos, embora possa haver Espíritos de Luz e Espíritos de Trevas; assim, LÚCIFER (o Espírito da Iluminação Intelectual e da Liberdade de Pensamento) é, metaforicamente, o farol que orienta, que ajuda o homem a encontrar o seu caminho por entre os escolhos e os bancos de arcia da Vida, pois Lúcifer, em seu aspecto mais elevado, é o Logos, e, no aspecto inferior, é o “Adversário” — aspectos ambos que se refletem em nosso Ego. Lactâncio, discorrendo sobre a natureza de Cristo, faz do Logos, do Verbo, “o irmão primogênito de Satã e a primeira de todas as criaturas”¹⁰.

O *Vishnu Purâna* descreve estas criaturas primitivas (Tiryaksrotas) como portadoras de canais digestivos *torcidos*.

(10) *Inst. Div.*, II, VIII; citado na *Qabbalah* de Myer, pág. 116.

"[Eram] dotados de manifestações internas, mas permaneciam na ignorância quanto à sua espécie e natureza."¹¹

As vinte e oito classes de *Badhas* ou "imperfeições" não se referem, como julgava Wilson, aos animais hoje conhecidos e por ele especificados, os quais não existiam naqueles períodos geológicos. É o que se depreende claramente do citado livro, onde se vê que "os mundos quántuplos (imóveis)" ¹², minerais e vegetais, foram os primeiros criados; seguindo-se aqueles animais fabulosos, *Tiryaksrotas*, os monstros do Abismo, mortos pelos "Senhores" das Estâncias II e III; depois dos *Urdhvasrotas*, os ditos seres celestes que se alimentam de ambrosia; e finalmente os *Arvaksrotas*, seres humanos, que constituem a chamada sétima "criação" de Brahma. Mas essas "criações", inclusive a última, onde quer que as houvesse, não ocorreram em nosso Globo. Não é Brahma quem cria as coisas e os homens nesta Terra, e sim o Chefe e Senhor dos *Prajâpatis*, os Senhores do Ser e da criação terrestre. "Obedecendo às ordens de Brahma", *Daksha* — a síntese ou agregado dos Criadores e Progenitores Terrestres, inclusive os *Pitris* — fez coisas superiores e inferiores (*vara* e *avara*), referindo-se à progênie *putra* ¹³, e "*bípedes* e *quadrúpedes*", e, subseqüentemente, por sua vontade (referindo-se aos Filhos da Vontade e do Ioga), "deu nascimento a fêmeas" ¹⁴, isto é, separou os andróginos. Aqui vemos ainda que os "*bípedes*", ou homens, são criados antes dos "*quadrúpedes*", como nos Ensinamentos Esotéricos.

Considerando que nas versões exotéricas os *Asuras* são os primeiros seres criados do "Corpo da Noite", ao passo que os *Pitris* emanam do "Corpo do Crepúsculo", e que, no *Vishnu Purâna*, *Parâshara* faz situar os Deuses entre os dois, como emanção do "Corpo do Dia", é fácil descobrir um propósito determinado de não revelar a ordem da criação. O Homem é *Arvaksrota*, procedente do "Corpo da Aurora"; e em outra parte se menciona novamente o homem, quando Brahma, o Criador do Mundo, aparece criando "seres ferozes, que foram denominados *Bhûtas*, e comedores de carne", ou, segundo a expressão textual, "demônios espantosos, por serem da cor dos símios e carnívoros" ¹⁵ — enquanto que os *Râkshasas* são geralmente descritos como "Espíritos maus" e "inimigos dos Deuses", o que os identifica com os *Asuras*. No *Râmâyana*, quando *Hunumân* está fazendo um reconhecimento do inimigo em *Lanka*, aí encontra *Râkshasas*, sendo que alguns eram horrorosos, e "outros de mui formosa aparência"; e no *Vishnu Purâna* há uma indicação direta de se haverem eles transformado em "Salvadores da Humanidade", ou de Brahma.

A alegoria é sobremodo engenhosa. Uma grande inteligência e um conhecimento demasiado amplo constituem, na vida, uma arma de dois

(11) *Op. cit.*, Wilson, I, 72, versão de Fitzedward Hall.

(12) *Op. cit.*, página 70.

(13) "Putra" quer dizer "Filho" em sânscrito.

(14) *Op. cit.*, II, 10.

(15) *Ibid.*, I, 83.

gumes, e tanto servem de instrumentos para o mal como para o bem. Quando se combinam com o egoísmo, fazem de toda a humanidade um pedestal para aquele que os possui, e um meio para a consecução de seus desejos; mas, se aplicados a objetivos altruístas e humanitários, podem contribuir para a salvação de muitos. Em todo caso, a ausência de consciência própria e de intelecto faz do homem um idiota, um bruto com forma humana.

Brahmâ é Mahat, a Mente Universal; é por isso que os mais egoístas dos Râkshasas mostram o desejo de apoderar-se daquele, de "devorar" Mahat. A alegoria é transparente.

Seja como for, a Filosofia Esotérica identifica os Asuras, os Rudras¹⁶ e os Râkshasas pré-bramânicos e todos os "Adversários" dos Deuses nas alegorias, com os Egos que, encarnando nos homens da Terceira Raça ainda sem entendimento os tornaram *conscientemente imortais*. São eles, pois, durante o ciclo de Encarnações, o verdadeiro Logos dual, o Princípio Divino de duas faces, que está em conflito no Homem. O Comentário que se segue e as próximas Estâncias poderão, sem dúvida, lançar um pouco mais de luz sobre esta tão difícil doutrina; a autora, porém, não se julga com suficiente competência para expô-la por completo. Quanto à sucessão das Raças, pelo menos, eis o que diz o Comentário:

Primeiramente vêm os EXISTENTES POR SI MESMOS sobre esta Terra. São as "Vidas Espirituais" projetadas pela VONTADE e a LEI absolutas, na Aurora de cada Renascimento dos Mundos. Estas VIDAS são os "Shistha" divinos [os Manus-Sementes, ou os Prajâpatis e os Pitris].

Destes procedem:

1. A Primeira Raça, os "Nascidos por si mesmos", que são as Sombras [Astrais] de seus Progenitores. O Corpo era desprovido de todo entendimento [mente, inteligência, vontade]. O Ser Interno [o Eu Superior ou Mônada], conquanto estivesse dentro da forma terrestre, não tinha relação com ela. O elo, Manas, não estava ainda presente.

2. Da Primeira [Raça] emanou a Segunda, a dos "Nascidos do Suor"¹⁷ e "Sem Ossos". Esta é a Segunda Raça-Raiz, dotada pelos Preservadores (Râkshasas)¹⁸ e pelos Deuses que se encarnam [Asuras e Kumaras] com a débil Chispa primitiva [o germe da inteligência].

(16) Aos quais Manu chama os "avós paternos" (III, 284). Os Rudras são as sete manifestações de Rudra-Shiva, o "Deus Destruidor", e também o grande Iogue e Asceta.

(17) Dizer que a vida se manifestou e a espécie humana começou desta maneira *ridiculamente anticientífica*, quando se tem sob as vistas as modernas Árvores Geológicas do homem, é correr ao encontro de uma aniquilação instantânea. A Doutrina Secreta, contudo, afronta o perigo e até chega a solicitar que o leitor imparcial compare a hipótese acima (se hipótese é) com a teoria de Hæckel (que ora se está convertendo rapidamente em um axioma para a Ciência) — teoria que a seguir reproduzimos literalmente:

E desta Segunda Raça procede, por sua vez:

3. A Terceira Raça-Raiz, a dos "Duplos" [Andróginos]. Os primeiros Ramos da mesma são Cascões, até que o último é "habitado" [isto é, animado] pelos Dhyânis.

"Como nasceu a vida, o mundo dos organismos vivos? E em segundo lugar formulamos a questão principal: de que modo se originou a espécie humana? A pergunta inicial, que diz respeito ao primeiro aparecimento de seres vivos, só pode solucionar-se empiricamente (!!) pela prova da chamada Arquibiose, ou geração equívoca, ou produção espontânea de organismos da espécie mais simples que se possa imaginar. Tais são as Moneras (Protógeno, Protameba, Protomixa, Vampirela), massas de protoplasma demasiadamente simples e microscópicas, sem estrutura nem organização, que absorvem os alimentos e se reproduzem por divisão. A Monera, que é esse organismo primário descoberto pelo famoso zoólogo inglês Huxley, e chamado Bathybius Hæckelii, aparece como uma espessa e contínua capa de protoplasma nas maiores profundidades do Oceano, entre 3.000 e 30.000 pés. É verdade que o primeiro aparecimento de semelhante Monera até agora não foi ainda efetivamente observado; mas nada há de intrinsecamente improvável em tal evolução." (*The Pedigree of Man*, trad. de Aveling, página 33.)

Ora, como se comprovou recentemente que o protoplasma Bathybius não é absolutamente uma substância orgânica, pouco há que acrescentar; nem tampouco é necessário, depois de lermos o trecho acima, perder mais tempo em refutar este outro asserto de que:

"No caso do homem, sem sombra de dúvida [para a mente de Hæckel e a de seus partidários], descende ele, por transformações sucessivas, dos mamíferos inferiores, dos símios, das primeiras criaturas símiescas, dos marsupiais, dos anfíbios, dos peixes ainda mais primitivos" (pág. 36); transformações todas produzidas por

"uma série de forças naturais, atuando cegamente... sem objetivo nem desígnio algum."

Este trecho que acabamos de citar torna supérflua toda crítica. Pretende-se que a Ciência ensine o que até o presente "*nunca foi efetivamente observado*"; que negue o fenômeno de uma natureza inteligente e o de uma força vital independente da forma e da matéria: que considere mais científico ensinar a ação miraculosa de "forças naturais atuando cegamente, sem objetivo nem desígnio". Se assim é, então somos levados a pensar que as forças físico-mecânicas dos cérebros de certas eminências científicas os conduzem também cegamente a sacrificar a lógica e o bom-senso no altar da recíproca admiração. Por que haveria de conceituar-se como hipótese científica o produzir a Monera protoplásmica a primeira criatura viva por *autodivisão*, ao passo que a hipótese de uma raça etérea pré-humana gerando do mesmo modo o homem primordial deve ser posta no índice como uma superstição científica?

(18) Os Rākshasas, que a teologia popular indiana considera como demônios, são chamados "os Preservadores" do outro lado dos Himalaias. Esse duplo significado deve sua origem a uma alegoria filosófica, exposta de diferentes maneiras nos *Purānas*. Conta-se ali que, quando Brahma criou os Demônios, Yakshas (de *yaksh*, comer) e Rākshasas, estas duas espécies de Demônios, logo que nascidos, quiseram devorar o seu Criador; "os que dentre eles gritaram: Não! que seja salvo (preservemo-lo!) foram chamados Rākshasas" (*Vishnu Purāna*, I, V, Wilson, I, 82) O *Bhagavad Purāna* (III, 20, 19-21, *ibid.*, *loc. cit.*) dá a versão de maneira diferente. "Brahma se transformou em noite [ou ignorância], revestido de um corpo." Os Yakshas e os Rākshasas o tomaram exclamando: "Não o poupem, devorem-no!" Brahma gritou: "Não me devorem; poupem-me." Decerto que há um sentido oculto nisso. O "Corpo da Noite" são as trevas da ignorância, e também as trevas do silêncio e do segredo. Ora, em quase todos os casos são os Rākshasas descritos como Iogues, Sadhus piedosos e Iniciados, funções

A Segunda Raça, como já dissemos, sendo também assexual, desenvolveu de si mesma, em seus começos, a Terceira Raça ou Raça Andrógina, por um processo análogo, mas já então mais complicado. Conforme esclarece o Comentário, os mais primitivos desta Raça foram:

Os "Filhos da Ioga Passiva" ¹⁹. Saíram dos Segundos Mânushyas [Raças Humanas] e se tornaram ovíparos. As emanções que se desprendiam de seus corpos durante as épocas de procriação eram ovulares; os pequenos núcleos esferoidais se desenvolviam em um grande veículo mole, oviforme, que endurecia gradualmente, rompendo-se após um período de gestação e dele saindo o jovem animal humano, sem mais ajuda, como sucede com as aves no curso da nossa Raça.

Tal coisa deve parecer ao leitor ridiculamente absurda. Sem embargo, está rigorosamente conforme às regras da analogia evolucionária, que a Ciência tem observado no desenvolvimento das espécies animais vivas. Primeiro, a procriação por "autodivisão", à semelhança da Monera; a seguir, após algumas fases, a ovípara, como no caso dos répteis e no das aves, depois; e por fim os mamíferos com os seus modos ovovivíparos de produzir as crias.

Se o termo *ovovivíparo* se aplica a certos peixes e répteis que chocam os ovos nos seus próprios corpos, por que não aplicá-lo também aos mamíferos fêmeas, inclusive a mulher? O óvulo em que, após a fecundação, se dá o desenvolvimento do feto, é um ovo.

Em todo caso, este conceito é mais filosófico que o de Eva, com uma placenta criada repentinamente, dando nascimento a Caim, por causa da "maçã", quando até mesmo o marsupial, o mais primitivo dos mamíferos, não tem ainda placenta.

Demais, a sucessão progressiva dos métodos de reprodução, segundo os revela a Ciência, é uma confirmação sugestiva da Etnologia Esotérica. Para documentá-lo, não é preciso mais que dispor em ordem os seguintes dados ²⁰.

realmente impróprias de Demônios. O sentido da alegoria, portanto, é que, dispondo do poder de dissipar as trevas da ignorância, de as "devorar", devemos pôr a verdade sagrada a recato de profanação — devemos "preservá-la". "Brahma é só para os brâmanes", diz esta orgulhosa casta. A moral da *fábula* é evidente.

(19) A evolução gradual do homem, na Doutrina Secreta, mostra que todas as últimas Raças (para o profano as mais primitivas) tiveram sua origem *física* na Quarta Raça incipiente. Mas a sub-raça que precedeu a que se separou em dois sexos é que deve ser considerada como a dos antepassados *espirituais* de nossas gerações presentes, e particularmente das Raças Orientais Arianas. A idéia de Weber de que a raça indo-germânica precedeu a Raça *Védica* Aariana é simplesmente grotesca, no mais alto grau, para os ocultistas.

(20) Cf. especialmente: *Doctrine of Descent and Darwinism*, de Schmidt, páginas 39 e seguintes, e *A Modern Zoroastrian*, de Laing, páginas 102-11.

I — Cissiparidade

(a) Como se observa na divisão em dois do fragmento homogêneo de Protoplasma conhecido pelo nome de Ameba ou Monera.

(b) Como se vê na divisão da célula dotada de um núcleo central, célula em que este núcleo se rompe em dois subnúcleos, os quais ora se desenvolvem dentro da parede celular original, ora a transpõem e se multiplicam no exterior como entidades independentes. (Compare-se com a Primeira Raça-Raiz.)

II — Brotamento

Uma pequena parte da estrutura paterna infla na superfície e finalmente se destaca, crescendo até alcançar o tamanho do organismo original; exemplos: numerosos vegetais, a anêmona marinha, etc. (Compare-se com a Segunda Raça-Raiz.) ²¹

III — Esporos

Uma célula única é expelida pelo organismo paterno, desenvolvendo-se em um organismo multicelular que reproduz os caracteres daquele; por exemplo, as bactérias e os musgos.

IV — Hermafroditismo Intermediário

Órgãos masculino e feminino que fazem parte do mesmo indivíduo. Por exemplo: a maioria das plantas, os vermes, os caracóis, etc. Associação com o brotamento. (Compare-se com a Segunda Raça-Raiz e a Terceira em seu início.)

V — União verdadeiramente sexual

(Compare-se com a Terceira Raça-Raiz em sua fase última.)

Chegamos agora a um ponto importante com relação à dupla evolução da raça humana. Os Filhos da Sabedoria, os Dhyânis *Espirituais*, se haviam tornado “intelectuais” pelo contato com a Matéria, por já terem alcançado, em ciclos anteriores de encarnação, esse grau de inteligência que lhes permitia serem entidades independentes e conscientes *neste plano* da Matéria. Reencarnaram tão-somente em razão de efeitos cármicos. *Entraram* naqueles que estavam “preparados”, convertendo-se nos Arhats ou Sábios anteriormente mencionados. Cabe aqui uma explicação.

Não quer isso dizer que as Mônadas entraram em Formas já ocupadas por outras Mônadas. Eram “Essências”, “Inteligências” e *Espíritos Conscientes*; Entidades que buscavam tornar-se ainda mais conscientes unindo-se com Matéria mais desenvolvida. Sua essência era demasiado pura para que se distinguisse da Essência Universal; mas seus “Egos” ou Manas (pois

(21) Todos os processos de cura e cicatrização nos grupos animais superiores, e até mesmo no caso da reprodução de membros mutilados nos anfíbios, se realizam por cissiparidade e por gemação dos elementos morfológicos rudimentares.

são chamados Manasaputras, nascidos de Mahat ou Brahma) deviam passar por experiências humanas terrestres a fim de chegarem a ser *completamente sábios* e poderem marchar pelo ciclo ascendente de volta.

As Mônadas não são Princípios *distintos*, limitados ou condicionados, mas raios daquele Princípio universal *absoluto*. A entrada de um raio de sol, após outro, pela mesma abertura, em um quarto escuro, não constitui *dois raios*, mas um só, mais intenso.

Segundo o curso da lei natural, o homem não deve tornar-se um Ser Setenário *perfeito* antes da Sétima Raça da Sétima Ronda. Ele encerra em si, porém, todos esses sete Princípios em estado latente, desde o seu nascimento. Não é, tampouco, conforme à lei da evolução que o Quinto Princípio (Manas) alcança todo o seu desenvolvimento antes da Quinta Ronda. Todas essas inteligências prematuramente desenvolvidas (no plano *espiritual*) em nossa Raça são anormais: são os que chamamos "Seres da Quinta Ronda". Mesmo na futura Sétima Raça, quando os nossos quatro princípios inferiores estarão totalmente desenvolvidos, Manas só o estará em escala proporcional. Esta limitação, contudo, só se refere ao desenvolvimento espiritual. O intelectual, no plano físico, foi alcançado na Quarta Raça-Raiz. Assim, os que estavam "meio preparados", que não receberam "senão uma centelha", constituem a massa humana que tem de adquirir sua intelectualidade durante a presente evolução manvantárica; após o que ficará apta, na seguinte, para a recepção completa dos "Filhos da Sabedoria". Ao passo que os ainda "estão preparados" de todo, as Mônadas mais recentes, que apenas haviam saído de suas últimas formas animais transitórias inferiores no fim da Terceira Ronda, permaneceram sendo os de "cabeça estreita" da Estância. Isto explica os diversos graus de inteligência — que de outra forma ficariam incompreensíveis — existentes ainda hoje entre as diferentes raças de homens, desde o selvagem bosquímano ao europeu. As tribos selvagens, cujas faculdades de raciocínio excedem muito pouco ao nível animal, não são os injustamente deserdados ou os "mal favorecidos", como alguns poderiam crer, nada disso. São simplesmente os que *chegaram por último* entre as Mônadas humanas, aqueles que "não estavam preparados", devendo desenvolver-se na presente Ronda, como também nos três Globos restantes — e portanto em quatro planos diferentes do ser — a fim de alcançarem o nível da categoria média quando estiverem na Quinta Ronda.

A observação seguinte pode ser útil ao estudante, como matéria para meditação neste assunto. As Mônadas dos espécimes inferiores da humanidade — os selvagens de "cabeça estreita"²² que habitam os Mares do

(22) O termo aqui empregado não se aplica ao dolococéfalos nem ao braquicéfalo, nem tampouco a crânios de menor volume, mas simplesmente a cérebros que em geral carecem de inteligência. A teoria que julga a capacidade intelectual de um homem pela sua capacidade craniana parece ilógica e absurda a quem estudou a questão. Os crânios da Idade da Pedra, assim como os das raças africanas (inclusive os bosquímanos), evidenciam que os primeiros estão antes por cima que abaixo da capacidade média do homem moderno, e que os segundos são geralmente (como sucede

Sul, os africanos e os australianos — *não tinham Carma a esgotar quando nasceram pela primeira vez como homens, tal como sucedia com os seus irmãos mais bem dotados em inteligência*. Somente agora é que os primeiros começaram a criar Carma; os segundos estão sobrecarregados de Carma passado, presente e futuro. Neste particular o pobre selvagem é mais afortunado que o maior gênio dos países civilizados.

Façamos uma pausa antes de continuar com estes estranhos ensinamentos. Tratem-se de averiguar até que ponto as Escrituras antigas e mesmo a Ciência permitem admitir a possibilidade de noções tão surpreendentes como as que proporciona a nossa Antropogênese, ou até as confirma.

Recapitulando o que ficou exposto, vemos que a Doutrina Secreta atribui ao homem: 1.º uma origem poligenética; 2.º uma diversidade de modos de procriação antes que a humanidade caísse no método comum de geração; 3.º que a evolução dos animais — pelo menos a dos mamíferos — segue a do homem, em vez de precedê-la. É isto diametralmente oposto às teorias, hoje aceitas geralmente, quanto à evolução e descendência do homem de um antepassado animal.

Dando a César o que é de César, examinemos primeiro todas as possibilidades de aceitação da teoria poligenética pelos homens de ciência.

Ora, a maioria dos evolucionistas da escola de Darwin inclinam-se por uma explicação poligenética da origem das raças. Aliás, sobre este ponto, como sobre muitos outros, reina a maior confusão entre os cientistas: só estão de acordo em se desentenderem.

“Descende o homem de *um só casal* ou de *vários casais* — monogenismo ou poligenismo? Tanto quanto se possa opinar sobre a questão, que, por carência de testemunhos (?), jamais será conhecida (?), a segunda hipótese é muito mais provável.”²³

Abel Hovelacque, em sua *Science of Language*, chega a conclusão semelhante, argumentando com provas recolhidas pela investigação filológica.

Em discurso proferido na Associação Britânica, o Professor W. H. Flower faz as seguintes observações a esse respeito:

“A teoria que parece mais conforme ao que hoje se sabe dos caracteres e da distribuição das raças humanas... é uma modificação da hipótese monogenista [!]. Sem entrar na difícil questão do método que presidiu ao primeiro aparecimento do homem na Terra, devemos assinalar-lhe uma remota antiguidade, tanto, pelo menos, quanto se possa medi-la sobre uma base histórica. *Se pudessemos de algum modo dispor de anais paleontológicos completos, a história do homem poderia ser reconstituída, mas não existe nada semelhante.*”

também com os papuas e os polinésios) de capacidade superior, em uma polegada cúbica, à média craniana dos franceses. Por outra parte, também a capacidade craniana do parisiense de hoje representa a média de 1.437 centímetros cúbicos, contra a de 1.523 que tem o natural do Auvergne.

(23) A. Lefèvre, *Philosophie*, página 498.

Tal confissão deve ser tida como fatal ao dogmatismo dos evolucionistas físicos, deixando grande margem para as especulações ocultistas. Os adversários da teoria de Darwin eram e ainda são poligenistas. "Gigantes intelectuais", como John Crawford e James Hunt, discutiram o problema e se manifestaram em favor da poligênese, e em sua época havia mais forte sentimento nesse sentido que contra a teoria. Só em 1864 principiaram os darwinistas a aderir à hipótese da unidade, da qual os Srs. Lubbock e Huxley foram os primeiros corifeus.

No tocante à outra questão, a da prioridade do homem sobre os animais na ordem da evolução, também está pronta a resposta.

Se o homem é realmente o Microcosmo do Macrocosmo, o ensinamento nada tem de impossível e é de todo lógico. Porque o homem se converte em Macrocosmo para os três reinos que lhe são inferiores. De um ponto de vista físico, todos os reinos inferiores, exceto o reino mineral — que é a própria luz cristalizada —, desde as plantas até as criaturas que precederam os primeiros mamíferos, se consolidaram em sua estrutura física por meio da "poeira abandonada" pelos minerais e dos *resíduos de matéria humana, provenientes de corpos vivos e mortos, de que se alimentavam e que lhes deram seu corpo externo*. Também o homem, por sua vez, se robusteceu fisicamente reabsorvendo em seu sistema o que havia expelido e que se transformou, graças às transmutações alquímicas da Natureza, ao passar pelos cadinhos vivos dos animais.

Existiam então animais que os nossos naturalistas modernos nem sequer em sonho imaginaram; e, quanto mais forte se fazia o homem material e físico — os gigantes daqueles tempos — tanto mais poderosas eram suas emanações.

Uma vez que a "Humanidade" Andrógina se separou em sexos, transformados pela Natureza em máquinas portadoras de criaturas, cessou de procriar a sua espécie por meio de gotas de energia vital que emanavam do corpo. Mas, quando o homem ainda ignorava as suas faculdades procriadoras no plano humano — antes de sua Queda, como diria um crente em Adão —, toda essa energia vital, disseminada por toda a parte, foi empregada pela Natureza na produção das primeiras formas de animais mamíferos. Sabe-se que a evolução é um *eterno ciclo de vir-a-ser*, e que a Natureza jamais deixa sequer um átomo sem utilização. Por outra parte, desde o início da Ronda tudo na Natureza tende para a formação do Homem. Todos os impulsos da Força dual, centrípeta e centrífuga, são dirigidos para um mesmo ponto — o Homem. O progresso é a sucessão dos seres, diz Agassiz:

"Consiste em uma similaridade crescente da fauna viva e, sobretudo entre os vertebrados, em uma progressiva semelhança com o homem. O homem é a meta para onde se tem encaminhado toda a criação *animal*, desde que começaram a aparecer os primeiros peixes paleozóicos." ²⁴

(24) *Principles of Zoology*, página 206.

Sim; mas os “peixes paleozóicos” se acham na curva inferior do arco da evolução das *formas*, e esta Ronda principiou com o Homem Astral, o reflexo dos *Dhyân-Chohans*, chamados “os Construtores”. O Homem é o *alfa* e o *ômega* da criação objetiva. Conforme dissemos em *Ísis sem Véu*:

“Todas as coisas tiveram sua origem no Espírito — porquanto a evolução principiou de cima e prosseguiu descendo, em vez de o inverso ensinado pela teoria darwinista.” ²⁵

Por isso, a tendência, a que aludiu o naturalista há pouco citado, é inerente a cada átomo. Somente que, se aplicada aos dois aspectos da evolução, as observações feitas entrariam em conflito com a teoria moderna, que está hoje quase convertida em lei (darwiniana).

Contudo, o haveremos citado, com aprovação, uma passagem da obra de Agassiz não deve ser interpretado como uma *concessão* dos ocultistas à tese de que o homem descende do reino animal. A circunstância de o homem, nesta Ronda, ter precedido os mamíferos, não infirma, evidentemente, a consideração de que estes seguem a esteira do homem.

25. Como procederam os Manasas, os Filhos da Sabedoria? Rechaçaram os Nascidos por Si Mesmos ²⁶. Não estavam preparados. Desdenharam os Nascidos do Suor ²⁷. Não estavam inteiramente preparados. Não quiseram entrar nos primeiros Nascidos do Ovo ²⁸.

A um teísta ou a um cristão este versículo havia de sugerir antes uma idéia teológica: a da Queda dos Anjos pelo Orgulho. Na Doutrina Secreta, porém, as razões para a negativa de encarnar em corpos físicos *meio preparados* parecem relacionar-se mais com motivos fisiológicos do que com motivos metafísicos. Nem todos os organismos se encontravam suficientemente preparados. Os Poderes que deviam encarnar escolheram os frutos mais maduros, e desprezaram o resto.

Por uma curiosa coincidência, ao ter que escolher um nome para o continente onde os primeiros Andrógynos da Terceira Raça-Raiz se separaram, decidiu-se a autora, por considerações geográficas, pelo de “Lemúria”, inventado pelo Sr. P. L. Sclater. Não foi senão mais tarde, lendo o *Pedigree of Man*, de Haeckel ²⁹, que a autora descobriu que o “zoologista” alemão havia escolhido o mesmo nome para o seu desaparecido continente.

(25) Vol. I, página 154.

(26) Os sem-ossos.

(27) Os primeiros Nascidos do Suor. Isto é explicado na Seção que segue esta série de Estâncias, na alegoria dos *Purânas* concernente a Kandu, o santo sábio, e a Pramlochâ, a ninfa que o hipnotizou, segundo se conta; é alegoria cientificamente sugestiva, pois as gotas de suor que ela transpirava simbolizam os esporos da Ciência.

(28) Explicaremos isto mais adiante. Esta má vontade para formar homens, para criar, é simbolizada nos *Purânas* pela altitude de Daksha para com o seu adversário Nârada, “o asceta promotor de lutas”.

(29) Trad. francesa, Paris, Reinwald.

Aplica ele com bastante propriedade o centro da evolução humana à Lemúria como o “berço da humanidade”, descreve ele a gradual transformação do mamífero antropóide no selvagem primitivo! Vogt, por sua vez, pretende que o homem, na América, proveio de um ramo de símios plattirínios, *independentemente* dos troncos africano e asiático, procedentes dos catarríneos do velho mundo. Os antropólogos, como de costume, estão em completo desacordo nesta questão, tal qual sucede em muitas outras. Examinaremos esta pretensão à luz da Filosofia Esotérica, na Estância VIII. Por enquanto, consagremos alguns momentos aos diversos e sucessivos modos de procriação, segundo a lei da evolução.

Começemos pelo sistema de reprodução das últimas sub-raças da Terceira Raça Humana, daqueles que foram dotados do “Fogo Sagrado”, da Fulguração dos Seres superiores e então independentes, que foram os Pais psíquicos e espirituais do Homem, assim como os Pitris-Devatâs inferiores (os Pitris foram os Progenitores do seu corpo físico). Essa Terceira Raça santa se compunha de homens que eram descritos, em seu zênite, como “gigantes enormes com a força e a formosura dos deuses, e depositários de todos os mistérios do Céu e da Terra”. Terão eles *caído* também, e neste caso foi a encarnação uma “Queda”?

Desta questão nos ocuparemos oportunamente. Agora a única observação que nos cabe fazer é a de que os Deuses e Heróis principais da Quarta e da Quinta Raças, como os de uma antiguidade menor, são *imagens deificadas daqueles Homens da Terceira*. Os dias de sua pureza fisiológica sobreviveram — assim como os de sua suposta Queda — no coração e na memória de seus descendentes. Advém daí a natureza dual atribuída a esses Deuses nas biografias que a posteridade elaborou; natureza dual em que a virtude e o pecado foram exaltados ao mais alto grau. Constituíram eles as Raças *Pré-Adamitas* e Divinas, de que hoje começa a ocupar-se a própria Teologia, para a qual são todas “raças cainitas e malditas”.

Mas, em primeiro lugar, devemos tratar da ação dos “Progenitores Espirituais” daquela Terceira Raça. Cumpre explicar um ponto sobremodo difícil e abstruso referente aos slokas 26 e 27.

(30) A Terceira Raça Andrógina. O evolucionista Professor Schmidt alude ao “fato da separação dos sexos, em cuja derivação das espécies que *foram hermafroditas* todos estão seguramente de acordo [excetuando obviamente, os que acreditam na Criação]”. (*Doctrine of Descent and Darwinism*, página 159.) Tal é, com efeito, a evidência incontestável que resulta da presença de órgãos rudimentares. Afóra estes sinais tão palpáveis de um hermafroditismo primitivo, pode-se, como adverte Laing, notar o fato “de que o estudo da embriologia... mostra que na espécie animal superior humana a distinção dos sexos não se desenvolve enquanto não ocorre sensível progresso no crescimento do embrião” (*A Modern Zoroastrian*, página 106). A Lei de Retardamento — que opera tanto no caso das raças humanas como nas espécies animais, etc., quando um tipo superior chega por fim a desenvolver-se — conserva ainda o hermafroditismo como método de reprodução da maioria das plantas e de muitos animais inferiores.

26. Quando os Nascidos do Suor produziram os Nascidos do Ovo, os duplos³⁰, os fortes, os poderosos dotados de ossos, os Senhores da Sabedoria disseram: “Agora criaremos.”

Por que “agora” e não antes? O sloka seguinte o explicará.

27. A Terceira Raça veio a ser o Vahan³¹ dos Filhos da Sabedoria. Criou “Filhos da Vontade e do Ioga”. Criou-os por Kriyâshakti, os Santos Pais, Antepassados dos Arhats...

“Como foi que eles “criaram”, já que os “Senhores da Sabedoria” são idênticos aos Devas indianos, que se recusaram a “criar”? É evidente que são eles os Kumâras do Panteão hindu e dos *Purânas*, os Filhos Mais Velhos de Brahma:

“Sanandana e os outros filhos de Vedhas [que], primitivamente criados por ele... sem desejos ou paixões [permaneceram castos], inspirados por santa sabedoria... e não desejando progênie.”³²

O poder, mediante o qual eles no início criavam, foi o que os levou a decaírem de sua alta posição para a de Espíritos do Mal, de Satã e de sua Legião — estes por sua vez criados pela impura fantasia dos credos exotéricos. Esse poder foi o de Kriyâshakti, poder misterioso e divino que existe latente na *vontade* de cada homem, e que, se não é vivificado, animado e desenvolvido pelo exercício do Ioga, permanece adormecido em 999.999 homens em cada milhão, e acaba assim por atrofiar-se. Tal poder é explicado como segue nos “Doze Signos do Zodíaco”³³:

“*Kriyâshakti* — O misterioso poder do pensamento, que permite produzir resultados fenomenais, externos e perceptíveis, em virtude da energia que lhe é inerente. Os antigos acreditavam que toda idéia podia manifestar-se *exteriormente*, se a atenção [e a *vontade*] se concentrasse profundamente nela. Analogamente, uma intensa volição seria seguida do efeito desejado.

Um Iogue geralmente executa os seus prodígios por meio de Ichchhâshakti (poder da vontade) e de Kriyâshakti.”

A Terceira Raça havia criado assim os chamados FILHOS DA VONTADE E DO IOGA, ou os “Antepassados” — os Avós *Espirituais* — de todos os Arhats, ou Mahatmas, subseqüentes e atuais, de um modo verdadeiramente *imaculado*. Eles foram, com efeito, *criados*, e não *dados à luz* como os seus irmãos da Quarta Raça, estes gerados sexualmente após a separação dos sexos com a “Queda do Homem”. Porque a criação não é senão o resultado da atuação da Vontade sobre a Matéria fenomenal: dela fazendo sair a *Luz Primordial Divina* e a *Vida Eterna*. Foram eles a “Semente Santa” dos futuros Salvadores da Humanidade.

(31) Veículo.

(32) *Vishnu Purâna*, I, VII; Wilson, I, 100-2.

(33) Veja-se: *Five Years of Theosophy*, página 111. *Kriya sakti*, de *kri*, fazer, e *sakti*, poder de atuar.

Devemos agora abrir um parêntese a fim de esclarecer certos pontos difíceis, como há tantos. É quase impossível evitar semelhantes interrupções³⁴.

A ordem da evolução das Raças Humanas está exposta como segue no Livro Quinto dos Comentários, conforme já mencionamos:

Os primeiros homens foram os Chhâyâs — 1.º; os segundos, os “Nascidos do Suor” — 2.º; os terceiros, os “Nascidos do Ovo” e os Santos Pais, nascidos pelo poder de Kriyâshakti — 3.º; e os quartos foram os filhos do Padmapani [Chenresi] — 4.º.

É claro que esses modos primitivos de procriação — pela evolução da própria imagem; por meio de gotas de suor; em seguida, pelo Ioga; finalmente, por um método que se dirá mágico (Kriyâshakti) — estão condenados de antemão a ser considerados como histórias da carochinha. No entanto, desde o primeiro ao último, não há neles realmente nada de miraculoso, nem coisa alguma de que não se possa demonstrar o caráter natural. Vejamos.

1.º. O nascimento Chhâyâ, ou o modo primordial de procriação *sem sexos* — a Primeira Raça havendo, por assim dizer, *emanado* dos corpos dos Pitris — consta de uma referência velada numa alegoria dos *Purânas*³⁵. É a encantadora história de Sanjna, a filha de Vishvakarman, casada com o Sol. Sanjna, “não podendo suportar os ardores do seu Senhor”, lhe deu a sua Chhâyâ (sombra, imagem ou corpo astral), enquanto se refugiava na floresta para praticar suas devoções religiosas ou Tapas. O Sol, crendo que a Chhâyâ era a sua mulher, teve filhos com ela, como Adão com Lilith, uma sombra etérea também, como na fábula, embora fosse realmente uma fêmea monstruosa que viveu há milhões de anos.

Mas esse exemplo talvez prove muito pouco, exceto a imaginação exuberante dos autores dos *Purânas*. Temos outro exemplo à mão. Se as formas materializadas, que algumas vezes se vê emanarem do corpo de certos médiuns, pudessem fixar-se e tornar-se sólidas, a “criação” da Primeira Raça seria perfeitamente compreensível. Esta espécie de procriação não pode deixar de parecer sugestiva aos olhos do estudante. Nem o mistério nem a impossibilidade de tal procedimento são certamente maiores — ao passo que é muito mais compreensível para a inteligência do verdadeiro pensador metafísico — que o mistério da concepção do feto, sua gestação e seu nascimento como um menino, do modo que atualmente conhecemos.

Passemos agora à curiosa e mal compreendida corroboração dos *Purânas* quanto aos “Nascidos do Suor”.

(34) Para a exposição e explicação filosófica da natureza destes Seres, hoje considerados como Espíritos “maus” e rebeldes, os Criadores por Kriyâshakti, recomendamos ao leitor que leia o capítulo sobre “O Mito dos Anjos Caídos em seus vários aspectos” (Vol. IV, Seção IV, Parte II).

(35) *Vishnu Purâna*, Vol. III, cap. II.

2.º Kandu era um sábio e um loque, eminente em sua sabedoria e piedoso em suas austeridades — as quais por fim despertaram a inveja dos Deuses, representados nas Escrituras hindus como em lutas constantes com os Ascetas. Indra, o “Rei dos Deuses”³⁶, resolveu finalmente enviar uma de suas Apsaras para tentar o sábio. Não é isto mais grave que o ato de Jeová quando mandou que Sarah, esposa de Abraão, fosse tentar o Faraó; mas, sinceramente, esses Deuses (ou Deus) é que devem ser conceituados como “demônios tentadores”, quando procuram sempre perturbar os ascetas para fazê-los perder o fruto de suas austeridades — em vez de aplicar-se aquela denominação aos Rudras, Kumâras e Asuras, cuja grande santidade e castidade parecem uma censura permanente aos Deuses Tenórios do Panteão. O contrário, porém, é o que vemos em todas as alegorias purânicas, e não sem boas razões esotéricas.

O Rei dos Deuses, ou Indra, envia uma bela Apsara (ninfã), de nome Pramlochâ, para seduzir Kandu e desviá-lo de suas penitências. Ela é bem sucedida em seu maldoso desígnio, e “novecentos e sete anos, seis meses e três dias”³⁷ passados em sua companhia parecem ao sábio tão curtos como se fossem um dia só. Quando esse estado psicológico ou hipnótico termina, o Muni maldiz amargamente a criatura que o seduziu, perturbando assim as suas devoções. “Afasta-te, retira-te!” — exclama — “vil conjunto de ilusões!” E Pramlochâ, aterrada, põe-se em fuga, enxugando o suor de seu corpo com as folhas das árvores, ao cruzar os ares.

“A ninfã correu de árvore em árvore, e com os ramos sombrios que lhes coravam as copas secou os seus membros; e então o filho que fora concebido do Rishi saiu dos poros de sua pele, sob a forma de gotas de suor. As árvores recolheram o rocío vivente, e os ventos o converteram em uma massa. ‘Esta’ — diz Soma [a Lua] — ‘eu a fiz amadurecer com os meus raios; e cresceu gradualmente de tamanho até que a exsudação que havia ficado em cima das árvores se transformou em uma encantadora jovem chamada Mârishâ.”³⁸

Pois bem: Kandu representa a Primeira Raça. É um filho dos Pitris, e, portanto, um ser que *carecia de mente*, o que indica não poder discernir entre um período de cerca de mil anos e um dia; e é por isso que a história o mostra como é fácil de se deixar seduzir e enganar. É uma variante da alegoria do *Gênesis* referente a Adão, nascido como uma imagem de barro, na qual o “Senhor Deus” infunde o “sopro de vida”, mas não o intelecto e o discernimento, que só se desenvolvem depois que ele prova o fruto da

(36) Nos mais antigos manuscritos do *Vishnu Purâna*, que se acham em poder de um Iniciado da Índia Meridional, o Deus não é Indra, mas Kâma, o Deus do amor e do desejo.

(37) Estas são as cifras exotéricas, escritas intencionalmente às avessas e de maneira confusa, pois correspondem ao número de duração do ciclo entre a Primeira e a Segunda Raças Humanas. Apesar do que possam dizer os orientistas em contrário, não há nos *Purânas* uma só palavra que não tenha um sentido esotérico especial.

(38) *Vishnu Purâna*, I, XV; Wilson, II, 5. Compare-se também com a tentação de Merlin por Viviana (Tennyson); ou seja, a versão irlandesa da mesma lenda.

Árvore do Conhecimento; em outras palavras, depois de alcançar o primeiro desenvolvimento da Mente, e de nele implantar-se o Manas, que tem o seu aspecto terreno, mas cujas faculdades superiores o relacionam com o Espírito e a *Alma Divina*.

Paramlochâ é a Lilith hindu do Adão ariano, e Mârishâ, a filha nascida do suor de seus poros, é o "Nascido do Suor" e representa o símbolo da Segunda Raça da Humanidade.

No caso, não é Indra quem figura nos *Purânas*, e sim Kâmadeva, o Deus do amor e do desejo, que envia Paramlochâ à Terra. A lógica, do mesmo modo que a Doutrina Secreta, mostra que assim deve ser. Pois Kâma é o rei e senhor das Apsaras, e Paramlochâ é uma delas; e, portanto, quando Kandu, amaldiçoando-a, exclama: "Cumpriste a tarefa que te foi reservada pelo monarca dos Deuses, vai-te!" com a palavra monarca ele quer designar Kâma, e não Indra, de quem as Apsaras não são dependentes. Kâma é também, no *Rig Veda*³⁹, a personificação do sentimento que conduz e impulsiona a criar. Foi o *Primeiro Movimento* que impeliu o UNO a criar, depois de sua manifestação fora do Princípio Abstrato puro.

"Primeiramente surgiu n'ELE o desejo, que foi o Germe Primordial da Mente, e que os Sábios, investigando com sua inteligência, descobriram ser o laço que relaciona a Entidade com a Não-Entidade."

Um hino do *Atharva Veda* exalta Kâma como um Deus supremo e um Criador, e diz:

"Kama foi o primeiro a nascer. Nem os Deuses, nem os Pais [Pitris], nem os Homens o igualaram."

O *Atharva Veda* o identifica com Agni, mas o declara superior a este Deus. A *Taittiriya Brahmana* o considera, alegoricamente, filho de Dharma (dever moral religioso, piedade e justiça) e de Shradhâ (a fé). Em outra parte, Kâma nasce do coração de Brahma; sendo, portanto, Atmabhû, "Nascido por si mesmo", e Aja, o "Não Nascido". O seu ato de enviar Paramlochâ encerra um sentido filosófico profundo; se ela fosse enviada por Indra, a narração não teria sentido algum. Assim como *Eros*, na primitiva mitologia grega, estava relacionado com a criação do mundo, só mais tarde se convertendo no Cupido sexual, o mesmo sucedeu com Kâma em seu caráter védico original, pois o *Harivamsha* dele faz um filho de Lakshmi, que outra não é senão Vênus. A alegoria, como dissemos, mostra o elemento psíquico desenvolvendo o elemento fisiológico, antes do nascimento de Daksha — o progenitor dos verdadeiros homens físicos —, que se diz haver nascido de Marishâ, e antes de cuja vinda os seres vivos e os homens eram procriados "pela vontade, pela vista, pelo tato e pelo Ioga", como se verá.

(39) Mandala X, Sukta 129.

Esta é, pois, a alegoria do modo de procriação da Segunda Raça ou dos "Nascidos do Suor". O mesmo ocorre com a Terceira Raça em seu desenvolvimento final.

Marishá, por influência de Soma, a Lua, é tomada como esposa pelos Prachetas, também produzidos pelos "Filhos Nascidos da Mente" de Brahma⁴⁰. Dela os Prachetas tiveram o Patriarca Daksha — também ele filho de Brahma em um Kalpa ou vida anterior —, acrescentam os *Purânas*, à guisa de explicação, com o objetivo de desorientar, mas dizendo, não obstante, a verdade.

3.º. A primeira parte da Terceira Raça é então formada pelas gotas de "Suor", que, após numerosas transformações, se desenvolvem como corpos humanos. Não é isso mais difícil de imaginar e compreender do que o desenvolvimento do feto a partir de um germe imperceptível, e o seu crescimento ulterior como menino e depois como homem forte e pesado.

A Terceira Raça, porém, altera ainda o seu modo de procriar, segundo os Comentários. Diz-se que dela emanou uma *vis formativa* que transformou as gotas de suor em gotas maiores, as quais cresceram, se dilataram e se converteram em corpos ovóides — ovos enormes. Nestes, o feto humano permanecia em gestação durante vários anos. Nos *Purânas*, Marishá, a filha de Kandú, o Sábio, torna-se a Esposa dos Prachetas e mãe de Daksha. Ora, Daksha, nascido deste modo, é pai dos primeiros Progenitores com *forma humana*. Mais adiante aludiremos a isso. A evolução do homem, o microcosmo, é análoga à do Universo, o macrocosmo. Sua evolução ocupa o meio termo entre a do Universo e a do animal, para o qual o homem, por sua vez, é um macrocosmo.

Depois, a Terceira Raça se converte em:

4.º. Os Andrógynos ou Hermafroditas. A forma humana resultante deste processo explicará a razão por que Aristófanes, no *Banquete* de Platão, descreve a natureza da raça antiga como "andrógina", sendo arredondada a conformação de todos os indivíduos, "tendo a espádua e as costas como em um círculo", e cuja "maneira de correr era circular...", sendo "terríveis por sua força e robustez, e com uma ambição desmedida". Por isso, a fim de torná-los menos fortes, "Zeus os dividiu [na Terceira Raça-Raiz] em dois, e, sob sua direção, Apolo [o Sol] fechou a pele".

(40) Diz o texto: "De Brahma, que continuava meditando, nasceu uma progênie engendrada pela Mente, com formas e faculdades derivadas de sua natureza corpórea, *espíritos com corpos*, produzidos dos membros (Gatrâ) de Dhimat, a divindade toda sabedoria". Todos estes seres possuíam as três qualidades de Devasarga, ou da criação divina, que, como a criação quintupla, *carece de clareza de percepção, não tem reflexão*, é tórpida por natureza. "Mas, como eles não se multiplicaram, Brahma criou outros filhos nascidos da mente, à sua semelhança", isto é, os Brahmarishis ou Prajâpatis, dezessete em número. "Sanandana e os outros filhos de Vedhas (Brahma) foram criados previamente", mas, conforme já explicamos alhures, "não tinham desejos nem paixões, eram inspirados por santa sabedoria, estranhos ao Universo e sem desejos de progênie" (*Vishnu Purâna*, X, VV; trad. de Wilson, 100-101). Este Sanandana e os outros Kumâras são, pois, os Deuses que, depois de se negarem a "criar progênie", se vêem obrigados a encarnar em homens sem entendimento. Que o leitor perdoe as repetições, que são inevitáveis em razão do grande número de fatos expostos.

Existe em Madagascar — ilha que fazia parte da Lemúria — uma tradição a respeito do primeiro homem. No princípio, vivia ele sem comer, mas, depois que passou a fazê-lo, apareceu-lhe uma inchação na perna; vindo a furo o tumor, dele surgiu uma mulher, que se tornou a mãe de sua raça. Na verdade, “temos as nossas ciências da Heterogênese e da Partenogênese, mostrando que o campo das suposições ainda continua em aberto... Os pólipos... geram de si mesmos a sua prole, como os brotos e ramos de uma árvore...” E por que não podia ter existido o pólipo *humano* primitivo? O interessantíssimo pólipo chamado estaurídia passa, alternativamente, da gemação à reprodução sexual. Caso bastante curioso: apesar de se desenvolver simplesmente como um pólipo ou um talo, a estaurídia produz gêmulas, que finalmente se convertem em urtiga do mar ou medusa. A medusa difere por completo do organismo de que procede, a estaurídia. Ela se reproduz de modo também diferente, pelo método sexual, e dos ovos que resultam saem novas estaurídias. Este surpreendente exemplo serve para ajudar muitos a compreender que uma forma pode desenvolver-se — como os Lemurianos *com sexo* de seus pais hermafroditas — de modo inteiramente diverso de seus progenitores imediatos. Ademais, no caso das encarnações *humanas* não há dúvida que a Lei do Carma — de Raça ou do indivíduo — domina as tendências subordinadas da hereditariedade, sua servidora.

O sentido da última frase do Comentário, citado acima, ao sloka 27, ou seja, que os homens da Quarta Raça eram os filhos de Padmapâni, pode explicar-se por uma passagem de certa carta do inspirador do *Esoteric Buddhism*⁴¹:

A maioria da humanidade pertence à sétima sub-raça da Quarta Raça-Raiz: os chineses já mencionados anteriormente e os seus ramaís e pequenos ramos (malaio, tibetanos, mongóis, javaneses, húngaros e até os esquimós) são todos remanescentes destas últimas ramificações.

Padmapâni ou Avalokiteshvara em sânscrito é o mesmo que Chenresi em tibetano. Ora, Avalokiteshvara é o grande Logos em seu aspecto superior e nas regiões divinas; mas nos planos manifestados é, como Daksha, o Progenitor dos homens (em sentido espiritual). Padmapâni-Avalokiteshvara é chamado, *esotericamente*, Bodhisattva (ou Dhyân Chohans) Chenresi-Vanchug, “o poderoso que tudo vê”. É considerado agora como o maior protetor da Ásia em geral, e do Tibete em particular. A fim de guiar os tibetanos e os Lamas no caminho da santidade, e de preservar os grandes Arhats no mundo, diz-se que este Ser celestial se manifesta de idade em idade sob forma humana.

Segundo uma lenda popular, quando a fé começa a extinguir-se neste mundo, Padmapâni Chenresi — o “Portador do Lótus — emite um brilhante raio de luz, encarnando-se depois em um dos dois grandes Lamas,

(41) *Op. cit.*, 8.^a ed., pág. 70.

o Dalai-Lama e o Teschu-Lama: acredita-se enfim que se encarnará como o “Buddha mais perfeito”, no Tibete em vez de na Índia, onde os seus predecessores, os grandes Rishis e Manus, haviam aparecido no início de nossa Raça, mas onde já não aparecem.

Até o aspecto exotérico do Dhyâni Chenresi sugere o Ensino Esotérico. Como Daksha, ele é, sem dúvida, a síntese de todas as Raças precedentes, e o progenitor de todas as Raças *humanas* posteriores à Terceira — a primeira completa —, e por isso o representam como a *culminação das quatro* Raças Primordiais, em sua forma de *onze caras*. É uma coluna com quatro degraus, tendo cada série três caras ou cabeças de cores diferentes; as três caras de cada Raça representam suas três transformações fisiológicas fundamentais. A primeira é branca (cor da Lua); a segunda é amarela; a terceira, de um vermelho escuro; a quarta, em que só há duas caras — não se mostrando a terceira, como uma alusão ao fim prematuro dos atlantes — é de um castanho escuro. Padmapâni (Daksha) está sentado sobre a coluna, formando o ápice. (Compare-se com o sloka 39.) O Dhyân Chohan é representado com quatro braços, outra alusão às quatro Raças. Enquanto dois braços estão cruzados, a mão do terceiro segura um lótus (Padmapâni, o “Portador do Lótus”, a flor que simboliza a geração), e a do quarto agarra uma serpente, emblema da Sabedoria que possui. Em seu pescoço vê-se um rosário, e sobre a cabeça o signo da água  a matéria, o dilúvio —; e na frente o terceiro olho, o olho de Shiva, o da intuição espiritual. Foi-lhe dado o nome de “Protetor” (do Tibete) e “Salvador da Humanidade”. Em outras ocasiões, quando só tem dois braços, é Chenresi, o Dhyâni, e o Bodhisattva Chakna Padma Karpo, “o que segura um lótus branco”. Seu outro nome é Chantong, “o que tem mil olhos”, quando dotado de mil braços e mil mãos, estando representado na palma de cada mão um olho da Sabedoria. Esses braços irradiam-se do seu corpo como uma floresta de raios. Outro de seus nomes em sânscrito é Lokapati ou Lokanâtha, “Senhor do mundo”; e em tibetano Jigten Gonpo, “Protetor e Salvador” contra todo gênero de males ⁴².

Padmapâni, contudo, é o simbólico “Portador do Lótus” tão-somente para o profano; esotericamente, significa aquele que sustenta os Kalpas, o último dos quais é chamado Pâdma e representa metade da vida de Brahma. Se bem que na realidade seja um Kalpa menor, é designado como “Mahâ”, grande, porque abrange o período no qual Brahma surgiu de um Lótus. Teoricamente, os Kalpas são infinitos; mas, praticamente, são divididos e subdivididos no Espaço e no Tempo, e cada divisão — inclusive a menor delas — tem seus próprios Dhyânis, como patronos ou regentes.

Padmapâni (Avalokiteshvara), em seu aspecto feminino, é, na China, Kwan-yin, “o que assume a forma que lhe apraz, a fim de salvar a humanidade”. O conhecimento do aspecto astrológico das constelações nos res-

(42) Compare-se com o *Buddhism in Thibet*, de Schlegintweit, págs. 88-90.

pectivos “dias de aniversário” desses Dhyânis — incluindo Amitâbha (o A-mi-to Fo, da China), a saber: o 19.º dia do segundo mês, o 17.º do undécimo e o 7.º do terceiro⁴³, etc. — confere ao ocultista grandes facilidades para realizar os chamados atos de “magia”. Vê-se o futuro de um indivíduo, com todos os acontecimentos que lhe dizem respeito, desfilando sucessivamente em um espelho *mágico* sob os raios de certas constelações. Mas — guardai-vos do reverso da medalha, a FEITIÇARIA!

(43) *Chinese Buddhism*, de Edkins, página 208. (Ver Notas Adicionais.)

ESTÂNCIA VIII

A EVOLUÇÃO DOS ANIMAIS MAMÍFEROS: A PRIMEIRA QUEDA

28. Como foram produzidos os primeiros mamíferos. 29. Uma evolução quase-darwiniana. 30. Os animais adquirem corpos sólidos. 31. Sua separação em sexos. 32. O primeiro pecado do homem sem mente.
28. Das gotas de suor, dos resíduos da substância, material proveniente dos corpos mortos dos homens e dos animais da Roda anterior¹, e do pó abandonado, foram produzidos os primeiros animais².

A Doutrina Oculta afirma que, na Ronda atual, os mamíferos foram produzidos pela evolução posteriormente ao homem.

A evolução procede por Ciclos. O grande Ciclo Manvantárico de Sete Rondas, que se inicia na Primeira Ronda com o mineral, o vegetal e o animal, continua sua obra evolucionária pelo arco descendente, até que se detém ao chegar à metade do curso da Quarta *Raça*, no fim da primeira metade da Quarta Ronda. É, portanto, em nossa Terra — a quarta Esfera e a inferior — que, na presente Ronda, se alcança esse ponto médio. E como a Mônada passou, após sua primeira 'metalização', no Globo A, pelos reinos mineral, vegetal e animal, e por todos os graus dos três estados da matéria, exceto o último grau do terceiro, ou estado sólido, que ela só atinge no "ponto médio" da evolução, é perfeitamente lógico e natural que, no começo da Quarta Ronda no Globo D, fosse o homem o primeiro a aparecer, e que a sua constituição se formasse com a matéria mais tênue compatível com a objetividade.

Para tornar mais claro, diremos que, se a Mônada inicia o seu ciclo de encarnação nos três reinos objetivos, sobre a curva descendente, deve necessariamente entrar sob a forma humana na curva ascendente da Esfera. No arco descendente é o aspecto espiritual que se transforma gradualmente

(1) A Terceira Ronda.

(2) Desta Ronda.

no material. Na linha média da base, o Espírito e a Matéria se equilibram no Homem. No arco descendente é o aspecto espiritual que se transforma gradualmente no material. Na linha média da base, o Espírito e a Matéria se equilibram no Homem. No arco ascendente, o Espírito volta lentamente a afirmar-se, à custa do aspecto físico ou da Matéria, de modo que, no final da Sétima Raça da Sétima Ronda, a Mônada se verá tão livre quanto o era no princípio, havendo ganho, porém, a experiência e a sabedoria, frutos de todas as suas vidas pessoais, sem suas maldades e tentações.

Essa ordem de evolução se encontra igualmente no primeiro e no segundo capítulos do *Gênesis*, se forem lidos com o seu verdadeiro sentido esotérico, pois o capítulo I contém a história das três primeiras Rondas, assim como a das três primeiras Raças da Quarta Ronda, até o momento em que o homem é chamado à vida consciente pelos Elohim de sabedoria. No capítulo I, os animais, as baleias e as aves do ar são criados antes que o Adão andrógino³. No capítulo II, Adão (o sem sexo) vem primeiro, e só depois é que aparecem os animais. O estado de torpor mental e de inconsciência das duas primeiras Raças e da primeira metade da Terceira Raça está simbolizado, no segundo capítulo do *Gênesis*, pelo *sono profundo de Adão*. É o sono sem sonhos da inação mental — o dormir da Alma e da Mente — que esse “sono” significa, e não o processo fisiológico da diferenciação dos sexos, como julgou o cientista teórico francês Sr. Naudin.

Os *Purânas*, os fragmentos caldeus e egípcios, bem como as tradições chinesas, estão todos de acordo com a Doutrina Secreta, no tocante ao processo e à ordem da evolução. Ali vemos a confirmação de quase todos os nossos ensinamentos; por exemplo, a informação sobre o modo ovíparo de procriação da Terceira Raça, e até mesmo alusão a um modo menos inocente de procriação das primeiras formas mamíferas.

“*Eram gigantes, transparentes, mudos e monstruosos*” — diz o Comentário.

Estudem-se, a esse respeito, as histórias dos diversos Rishis e de suas variadas progênies. Pulastya é o pai de todas as Serpentes e Nagas, uma geração ovípara; Kashyapa é, por sua mulher Tâmrâ, avô das aves e de Garuda, rei das tribos aladas; e, por sua mulher Surabhi⁴, o ascendente das vacas, dos búfalos, etc.

(3) É uma alusão alegórica aos “Animais Sagrados” do Zodíaco e de outros corpos celestes. Alguns cabalistas vêem neles os protótipos dos animais.

(4) No *Hesíodo*, Zeus cria dos freixos sua Terceira Raça de homens. No *Popol Vuh*, a Terceira Raça humana é criada da árvore Tzita e da medula da cana chamada Sibac; mas Sibac quer dizer “ovo” na linguagem misteriosa das Artufas ou cavernas de Iniciação. Num relatório encaminhado em 1812 às Cortes por Don Baptista Pino, lê-se: “Todos os povos têm suas Artufas — assim chamam os indígenas às salas subterrâneas, com uma única porta, onde se reúnem (secretamente)... São templos impenetráveis... e as portas estão sempre fechadas para os espanhóis... Eles adoram o Sol e a Lua... o fogo e a grande *Serpente* (o poder criador), cujos ovos são chamados Sibac.”

Na Doutrina Secreta, os primeiros Nagas — Seres mais sábios que as Serpentes — são os “Filhos da Vontade e do Ioga”, nascidos antes da completa separação dos sexos, “amadurecidos nos ovos portadores de seres humanos” e produzidos pelo poder (Kriyāshakti) dos santos Sábios” da primitiva Terceira Raça.

“Neles encarnaram os Senhores dos três mundos [superiores] — as várias classes de Rudras, que haviam sido Tyshitas, que haviam sido Jayas, que são adityas”; pois, conforme explica Parāshara, “existem cem nomes diferentes para designar os Rudras, cujo poder é incomensurável”.

Alguns descendentes dos Nāgas primitivos, as Serpentes de Sabedoria, povoaram a América quando este continente emergiu das águas, naquela florescente época da grande Atlântida; sendo esta América o Pâtala ou os Antípodas de Jambudvîpa, e não de Bhāratavarsha. A não ser assim, de onde procederiam as tradições e as lendas — estas *sempre mais verdadeiras que a história*, no dizer de Agustin Thierry — e até mesmo a identidade de nome de certos “médicos” e sacerdotes que até hoje existem no México? Teremos que dizer algumas palavras acerca dos Nargals e dos Nagals, bem como do Nagalismo, tachado como “culto dos demônios” pelos missionários.

Em quase todos os *Purānas* vê-se a história do “Sacrifício de Daksha”, cuja versão mais antiga é a do *Vishnu Purāna*. Apesar de ser uma alegoria, há nessa história mais significado e mais revelações biológicas para o naturalista que todas as divagações pseudocientíficas que passam por sábias teorias e hipóteses.

Por outra parte, Daksha, que é considerado como o Progenitor Principal, figura como o criador do *homem físico* na “*fábula*” segundo a qual a sua cabeça foi separada do corpo na luta generalizada que se travou entre os Deuses e os Raumas. E tendo sido queimada a sua cabeça, foi substituída pela *cabeça de um carneiro*, ao que reza o Kāshi Khanda do *Skanda Purāna*. Ora, a cabeça e os chifres do carneiro foram sempre o símbolo do poder gerador e da força reprodutora, e são fálicos.

Como dissemos, foi Daksha quem inaugurou a era dos homens gerados pelas relações sexuais. Este modo de procriação, contudo, não ocorreu repentinamente, como se poderia crer, mas exigiu o decurso de vários evos antes que se tornasse o único processo “natural”. Daí a razão por que se apresenta o sacrifício de Daksha como Interrompido por Shiva, a Divindade *Destruidora*, a Evolução e o Progresso personificados, sendo ao mesmo

(5) *Esotericamente* há uma notável diferença entre as palavras Sarpa e Nāga, apesar de serem ambas empregadas indistintamente. Sarpa, serpente, deriva da raiz *srîp*, arrastar-se (compare-se com o latim *sarp-o*); dão-lhe também o nome de *Ahi*, de *ba*, abandonar. As Sarpas provieram dos cabelos de Brahma, de cuja cabeça caíram devido ao seu pavor quando viu os Yakshas, seres de horrível aparência que ele criara; cada cabelo transformou-se em uma serpente. São chamadas “Sarpa” por se arrastarem, e Ahi porque abandonaram a cabeça (Wilson, I, 83). Nas alegorias, porém, os *Nāgas*, apesar de terem caudas de serpente, não se arrastam, mas andam, correm e lutam.

tempo a *Regeneradora*, que destrói as coisas sob uma forma para fazê-las renascer sob outra forma de tipo mais perfeito.

Shiva-Rudra cria o terrível Virabhadra, monstro de “mil cabeças e mil braços”, dando-lhe a missão de destruir o sacrifício preparado por Daksha. Então Virabhadra, “que morava na região dos fantasmas (os homens etéreos)... criou, dos *poros de sua pele* (Romakûpas), poderosos Raumas⁶”. Ora, por mais mística que seja a alegoria, o *Mahabharâta*⁷ — que é tão histórico quanto a *Iliada* — nos mostra que os Raumas e outras raças surgiram do mesmo modo que os Romakûpas (os poros do cabelo ou da pele). Esta descrição alegórica é plena de significação para os estudantes da Doutrina Secreta que conhecem os “Nascidos do Suor”.

Demais, consta da narração feita pelo *Vayu Purâna* que o sacrifício ocorreu na presença de criaturas *nascidas do ovo*, do vapor, da vegetação, dos poros da pele, e só por último, da matriz⁸.

Daksha é o tipo da primitiva Terceira Raça, santa e pura, mas ainda desprovida do *Ego* individual e possuindo tão-somente capacidades passivas. Brahma, por isso, ordenou-lhe que criasse (nos textos exotéricos); obedecendo a essa ordem, Daksha criou progênes “inferiores e superiores” (Avara e Vara), *bípedes e quadrúpedes*, e, por sua *vontade*, deu nascimento a fêmeas, aos Deuses, aos Daityas (Gigantes da Quarta Raça), aos deuses-serpentes, aos animais, ao gado, aos Dânavas (Titãs e Demônios Mágicos), e a outros seres.

“A partir desta época, as criaturas viventes foram geradas sexualmente. Antes da era de Daksha, elas se propagavam de diversos modos; pela *vontade*, pela vista, pelo tato e pela influência de austeridades religiosas praticadas por sábios planos de devoção e por santos benditos.”⁹

E agora vem o ensinamento de caráter puramente zoológico.

29. Animais com ossos, dragões do oceano e Sarpas¹⁰ voadoras vieram acrescentar-se aos seres que rastejam. Os que se arrastam pelo solo ganharam asas. Os aquáticos de pescoço longo tornaram-se em antepassados das aves do ar.

Este é um ponto em que estão de perfeito acordo os ensinamentos e as especulações biológicas modernas. Os elos perdidos, que representam este processo de transição entre o réptil e a ave, são visíveis até mesmo para os mais consumados fanáticos, especialmente nos Ornithos-celidæe, no Hesperornis e no Archeopteryx de Vogt.

(6) Wilson traduz a palavra como “semideuses” (*Vishnu Purâna*, I, 130); mas os Raumas são simplesmente uma raça ou tribo.

(7) *Parva Adhyaya*, XII, 10, sloka 308.

(8) Wilson, *ibid.*, página 123.

(9) Wilson, II, 10.

(10) Serpentes.

30. Durante a Terceira¹¹, os animais sem ossos cresceram e se transformaram: converteram-se em animais com ossos, os seus Chhâkâs se solidificaram¹².

Os vertebrados e, depois, os mamíferos. Anteriormente, os animais eram também proto-organismos etéreos, tal como o era o homem.

31. Os animais foram os primeiros a separar-se¹³. Começaram a procriar. O homem duplo também se separou¹⁴. Ele¹⁵ disse: "Falamos como eles: unamo-nos e procriemos." Assim fizeram...

32. E os que careciam de Centelha¹⁶ tomaram para si enormes animais fêmeas. Com elas procriaram raças mudas. Eles próprios eram mudos¹⁷. Mas as suas línguas se desataram¹⁸. As línguas de sua pro-gênie permaneceram mudas. Eles geraram monstros. Uma raça de monstros encurvados e cobertos de pêlo vermelho, que andavam de quatro patas¹⁹. Uma raça muda para silenciar a sua vergonha²⁰.

A existência de mamíferos inicialmente hermafroditas e a ulterior separação dos sexos são fatos indiscutíveis hoje, mesmo do ponto de vista da Biologia. Eis o que diz o Professor Oscar Schmidt, darwinista declarado;

"O uso e o desuso, combinados com a seleção, elucidam (?) a questão da *separação dos sexos* e explica a existência, que de outro modo seria incompreensível, de órgãos sexuais rudimentares. Nos vertebrados especialmente, *cada sexo possui traços tão nítidos do aparelho reprodutivo característico do outro sexo*, que a antiguidade chegava a considerar o hermafroditismo como um estado primitivo natural da humanidade... A constância com que se transmitem por hereditariedade esses rudimentos dos órgãos sexuais é notável. Na classe dos mamíferos não há exemplo do verdadeiro hermafroditismo, embora durante todo o período do seu desenvolvimento eles sempre fossem portadores desses restos, que *seus desconhecidos antepassados* já traziam ninguém sabe por quanto tempo."²¹

"Os animais foram os primeiros a separar-se", diz o sloka 31. Tenha-se em mente que naqueles tempos os homens eram diferentes, inclusive

(11) Raça.

(12) Também.

(13) Em machos e fêmeas.

(14) Depois.

(15) O homem.

(16) Os de "cabeça estreita". Veja-se o sloka 24.

(17) Os de "cabeça estreita".

(18) Veja-se o comentário ao sloka 36.

(19) Estes "animais" ou monstros não são os antropóides nem outra qualquer espécie de símio, mas correspondem ao que os antropólogos poderiam chamar o "elo perdido", o homem inferior primitivo.

(20) A vergonha de sua origem animal, que os modernos homens de ciência acentuariam, se pudessem.

(21) *The Doctrine of Descent and Darwinism*, páginas 186-187. Os "antepassados desconhecidos", a que se alude, são os protótipos astrais *primordiais*.

fisiologicamente, do que são hoje; pois agora já transpusemos o ponto médio da Quinta Raça. Não se esclarece o que eram “os enormes animais fêmeas”, mas, por certo, eram diferentes dos que hoje conhecemos tanto quanto os homens de então em relação aos de nossos dias.

Esta foi a primeira “queda na matéria” física de algumas das raças inferiores que existiam naquela época. Atente-se para o sloka 24. Os “Filhos da Sabedoria” haviam desdenhado a Terceira Raça *primitiva*, isto é, a dos que não se achavam desenvolvidos, e encarnaram depois na Terceira Raça *posterior*, dando-lhe assim o intelecto. Deste modo, o pecado das Raças “sem mente”, que não possuíam a “Centelha” e eram irresponsáveis, recaiu sobre os que se negaram a cumprir o seu dever cármico para com elas.

POSSÍVEIS OBJEÇÕES AO QUE PRECEDE

O Ocultismo repudia, portanto, a idéia de que a Natureza houvesse feito surgir o homem por descendência do macaco ou de antepassado comum a ambos; mas afirma que, pelo contrário, algumas das espécies mais antropóides provieram do homem da Terceira Raça do primeiro período Atlante. Esta proposição será sustentada e defendida em outra parte; bastará, por enquanto, acrescentar algumas palavras. Contudo, para maior clareza, faremos uma breve recapitulação do que ficou dito no volume I, Estância VI.

Mostram os nossos ensinamentos que, embora seja de todo correto dizer que a Natureza construiu, em determinada época, sobre o corpo astral humano, uma *forma externa simiesca*, também não é menos exato que esta forma não era o “elo perdido”, do mesmo modo que o não foram os muitos envoltórios daquele corpo astral no decorrer de sua evolução natural através de todos os reinos da Natureza. Conforme se verá, não foi, aliás, neste Planeta da Quarta Ronda que semelhante evolução se processou, mas somente durante a Primeira, a Segunda e a Terceira Rondas, quando o Homem foi, sucessivamente, “uma pedra, uma planta e um animal”, até chegar a ser o que foi na Primeira Raça-Raiz da presente Humanidade.

O verdadeiro curso da evolução difere do apontado por Darwin, e são inconciliáveis os dois sistemas, a menos que o último se divorcie do dogma da “seleção natural” e de outros semelhantes. Existe, realmente, um abismo intransponível entre a Monera de Hæckel e o Sarisripa²¹ de Manu, abismo que é representado pelo Jiva, pois a Mônada “humana”, esteja “metalizada” no átomo da pedra, “vegetalizada” na planta ou “animalizada” no animal, não cessa de ser sempre uma Mônada divina, e portanto HUMANA também. Não deixa de ser humana senão quando se torna *absolutamente divina*. Os termos de Mônada “mineral”, “vegetal” e “animal” só implicam uma distinção superficial; não há Mônada (Jiva) que

(22) Literalmente: Serpente.

não seja divina e que, portanto, não tenha sido ou não venha a ser humana no futuro. O último termo, “humana”, ficará sem sentido se não for bem compreendida a seguinte diferença. A Mônada é uma gota de água no Oceano sem limites que está além do plano da diferenciação primordial, ou, para ser mais exato, *dentro* desse plano. É *divina* em sua condição superior, e *humana* na inferior (sendo os adjetivos “superior” e “inferior” usados na falta de outros melhores), mas permanece sempre uma Mônada (exceto no estado nirvânico) em todas as circunstâncias e sob qualquer forma exterior. Assim como o Logos reflete o Universo na Mente Divina, e o Universo Manifestado se reflete em cada uma de suas Mônadas — conforme a expressão de Leibnitz, que assim repete o ensinamento oriental —, também a Mônada, durante o ciclo de suas encarnações, deve refletir-se em todas as *formas-raízes* de cada reino.

Destarte, têm razão os cabalistas quando dizem que “o Homem se converte em uma pedra, em uma planta, em um animal, em um homem, em um espírito e, finalmente, em um Deus”, levando a cabo assim o seu ciclo ou circuito, e regressando ao ponto de partida como *HOMEM Celeste*. Por “Homem”, porém, deve entender-se a Mônada Divina, e não a Entidade Pensante e muito menos o seu corpo físico.

Os homens de ciência, ao passo que negam a existência da Alma imortal, tratam agora de procurar os traços de sua passagem através de uma série de formas animais, desde a inferior à mais elevada, quando a verdade é que toda a fauna atual descende daqueles monstros primordiais de que falam as Estâncias. Os animais — os que se arrastam e os que vivem nas águas e precederam ao homem na presente Quarta Ronda, como também os que foram contemporâneos da Terceira Raça, e até mesmo os mamíferos posteriores à Terceira e à Quarta Raça — são todos, *fisicamente*, e de maneira direta ou indireta, o produto mútuo e correlativo do Homem.

Está certo dizer que o homem deste Manvântara, isto é, das três Rondas precedentes, passou por todos os reinos da Natureza: que foi “uma pedra, uma planta, um animal”; mas (*a*) estas pedras, estas plantas e estes animais eram os protótipos, os espécimes rudimentares dos da Quarta Ronda, e (*b*) até mesmo os do começo da Quarta Ronda eram as sombras astrais, como dizem os ocultistas, das pedras, plantas e animais de hoje. Além disso, nem as formas, nem as espécies humanas, vegetais e animais eram o que mais tarde vieram a ser. Assim, os protótipos astrais dos seres inferiores do reino animal da Quarta Ronda, que precederam os Chhâyâs dos homens, já eram as envolturas consolidadas, ainda que muito etéreas, das formas ou modelos mais etéreos produzidos ao findar-se a Terceira Ronda no Globo D, como explica o *Esoteric Buddhism* (cap. III); e produzidos com “o resíduo da substância material proveniente dos corpos mortos dos homens e [de outros] animais [*extintos*] da Ronda anterior”, ou Terceira Ronda — como diz o sloka 28.

Portanto, ao passo que os indescritíveis “animais” que antecederam o Homem Astral em nossa Terra, no início deste ciclo de Vida, eram ainda — por assim dizer — a progênie do Homem da Terceira Ronda, os ma-

míferos da Ronda atual devem, em grande escala, sua existência também ao Homem. Demais, o “antepassado” do animal antropóide de nossos dias, o macaco, é o produto direto do Homem ainda não provido de mente, que profanou a dignidade humana ao situar-se fisicamente no mesmo nível do animal.

O exposto esclarece a razão das chamadas provas fisiológicas que os antropólogos apresentam como ilustração da tese de que o homem descende dos animais.

O ponto em que mais insistem os evolucionistas consiste em que “a história do embrião é um resumo da espécie”. Que:

“Todo organismo, em seu desenvolvimento a partir do ovo, passa por uma série de formas, aquelas por que passaram, na mesma ordem, os seus antecessores no largo transcurso da história da Terra²³. A história do embrião... é um quadro em ponto pequeno e um esboço da história da espécie. Este conceito é o eixo de nossa lei fundamental biogénética, que nos vemos obrigados a colocar à frente do estudo da lei fundamental do desenvolvimento orgânico.”²⁴

Esta teoria moderna era conhecida como matéria de fato pelos sábios e ocultistas da mais remota antiguidade, que sobretudo a expunham em termos profundamente filosóficos. Podemos citar aqui uma passagem de *Ísis sem Véu*, para mostrar alguns pontos de comparação. Indagava-se do motivo por que os fisiologistas, apesar de toda a sua ciência, eram incapazes de explicar os fenômenos teratológicos.

“Todo anatomista que faz do desenvolvimento e crescimento do embrião... ‘o objeto de um estudo especial’, pode dizer, sem grande esforço mental, o que a experiência diária e o testemunho dos próprios olhos lhe demonstram, isto é, que, até um determinado momento, o embrião humano é o *fac-simile* de um batráquio recém-saído do ovo — um girino. Mas não parece que nenhum fisiologista ou anatomista houvesse tido a idéia de aplicar ao desenvolvimento do ser humano — desde o primeiro instante de seu aparecimento físico como germe até a sua formação definitiva e o seu nascimento — a doutrina esotérica pitagórica de metempsicose, tão erroneamente interpretada pelos críticos. O sentido do axioma cabalístico: ‘a pedra se converte em planta, a planta em animal, o animal em homem, etc.’ foi exposto em outro lugar, a

(23) “Um argumento de grande peso, em favor da variabilidade é proporcionado pela ciência da embriologia. Não é o homem no útero... uma simples célula, um vegetal com três ou quatro folíolos, um girino com brânquias, um mamífero com cauda, finalmente um primata [?] e um bípede? É quase impossível deixar de reconhecer na evolução do embrião um esboço rápido e um resumo fiel da série orgânica completa.” (Lefèvre, *Phylosophy*, página 484.)

Contudo, o resumo de que se trata é tão-somente o do conjunto de tipos acumulados no homem: o microcosmo. Esta simples explicação responde a todas as objeções, como, por exemplo, a da presença de um rudimento de cauda no feto — circunstância que Hæckel e Darwin invocam triunfalmente como decisiva em favor da teoria do Macaco Antepassado. Devemos também observar que a presença de um vegetal com folíolos durante as fases embrionárias não se explica dentro dos princípios evolucionistas comuns. Os darwinistas não remontaram aos vegetais seguindo os traços do homem, mas os ocultistas o fizeram. Por que então esse aspecto do embrião, e como o explicam os darwinistas?

(24) “Provas da Evolução”, conferência de Hæckel

propósito da evolução espiritual e física do homem nesta Terra. Acrescentaremos agora algumas palavras a fim de elucidar melhor o assunto.

“Qual é a forma primitiva do homem nascituro? A de um grão, de um corpúsculo, dizem alguns fisiologistas; a de uma molécula, de um ovo rudimentar, dizem outros. Se fosse possível analisá-lo pelo microscópio ou por outro meio, como deveríamos ver a sua constituição? Por analogia, diríamos que sob a forma de um núcleo de matéria inorgânica, depositado pela circulação no ponto de germinação e unido a um depósito de matéria orgânica. Em outras palavras: esse núcleo infinitesimal, que representa o futuro homem, é composto dos mesmos elementos que uma pedra — dos mesmos elementos que a Terra que o homem deve habitar. Os cabalistas invocam a autoridade de Moisés por haver declarado que água e terra eram necessários para a formação de um ser vivo, podendo assim dizer-se que o homem aparece primeiro sob a forma de pedra.

“Após três ou quatro semanas, o óvulo adquire o aspecto de uma planta, porque uma de suas extremidades se torna esferoidal e a outra em ponta, como uma cenoura. Pela dissecação, vê-se que é formado, como uma cebola, de lâminas ou envolturas delicadas, que encerram um líquido. As lâminas se unem na extremidade inferior, e o embrião fica suspenso na raiz do umbigo, quase como o fruto em um ramo. A pedra transformou-se agora, por ‘metempsicose’, em planta. Depois, a criatura embrionária começa a projetar seus membros do interior para o exterior, e desenvolve suas feições. Os olhos se tornam visíveis como dois pontos negros; as orelhas, o nariz e a boca formam depressões, como as pontas de uma pinha antes de pricipiarem a sair. O embrião se converte em um feto com aparência animal — a forma de um girino — e, como um réptil anfíbio, vive na água e nela se desenvolve. Sua Mônada não é ainda nem humana nem imortal; dizem os cabalistas que tal só ocorre na ‘quarta hora’. Uma por uma, assume o feto as características do ser humano, a primeira ondulação do sopro imortal perpassa em seu ser; ele se move... a essência divina penetra na forma infantil em que deverá residir até a hora da morte física, quando o homem se converte em espírito.

“A esse misterioso processo de formação em nove meses chamam os cabalistas ‘o ciclo individual da evolução’. Assim como o feto se desenvolve no meio do *líquido amniótico* na matriz, assim germinam as Terras no meio do Éter Universal ou Fluido Astral, na Matriz do Universo. Esses filhos cósmicos, como os seus habitantes pigmeus, são primeiramente núcleos, depois óvulos; então amadurecem gradualmente, e, por sua vez, passando pela maternidade, desenvolvem formas minerais, vegetais, animais e humanas. Desde o centro à circunferência, da vesícula imperceptível até os extremos limites concebíveis do Cosmos, aqueles gloriosos pensadores, os ocultistas, assinalam ciclos dentro de ciclos, continentes e conteúdos, numa série que não tem fim. O embrião, evoluindo em sua esfera pré-natal, o indivíduo em sua família, a família no Estado, o Estado na Humanidade, a Terra em nosso Sistema, o Sistema em seu Universo central, o Universo no Cosmos e o Cosmos na CAUSA ÚNICA — Sem-limites e Sem-fim.” 25

Assim disserta sua filosofia da evolução, que difere, como vemos, da de Hæckel.

Tudo não é senão parte de um imenso todo,
Cujo corpo é a Natureza, e Parabrahma a Alma.

Tais são as provas do Ocultismo. A Ciência não as admite; mas, neste caso, como transpor o abismo que há entre a mente do homem e a do animal? Se o antropóide e o “homo primigenius” tiveram, *argumenti gratia*, um antecessor comum, segundo inculca a especulação moderna, como

se explica que os dois grupos se diferenciem a tal ponto em capacidade mental? Podem, é verdade, dizer aos ocultistas que em todo caso o Ocultismo faz o mesmo que a Ciência: dá um antepassado *comum* ao símio e ao homem, com pretender que o primeiro descende do Homem Primitivo. Sim; mas esse "Homem Primitivo" era *homem* tão-só na forma exterior. *Não tinha mente nem Alma* quando procriou, com um monstro fêmea do reino animal, o antecessor de uma série de símios. Esta especulação (supondo que o seja) pelo menos é lógica e preenche o vazio que separa a mente humana da animal. Justifica e explica o que até então permanecia incompreensível e inexplicável. A circunstância — da qual a Ciência parece estar mais ou menos segura — de que, na presente fase da evolução, não pode dar nenhum resultado a união do homem com o animal será examinada e esclarecida em outro lugar.

Isso posto: qual é a diferença fundamental entre as conclusões aceitas (ou quase) — conforme expressas em *The Pedigree of Man* — de que o homem e o animal procedem de um antepassado comum, e os ensinamentos do Ocultismo, que negam o acerto daquelas conclusões mas admite que todas as coisas e todos os seres vivos têm a mesma origem? A Ciência materialista faz o homem evoluir gradualmente até o que *agora* é. Partindo do primeiro fragmento de protoplasma chamado Monera — que, segundo dizem, "se originou, como tudo o mais, no transcurso de incalculáveis períodos de tempo, de uma ou várias formas iniciais, surgidas espontaneamente, obedecendo a uma lei de evolução" — fazem-no passar, através de "tipos desconhecidos e incognoscíveis", até o macaco e, em seguida, ao ser humano. Não dizem onde é que se podem descobrir as formas transitórias — pela simples razão de que, até hoje, jamais foi encontrado o "elo que falta" entre o homem e o macaco, se bem que isso não seja obstáculo a que homens como Hæckel o inventem *ad libitum*.

Nem será encontrado nunca, porque esse elo, que une o homem aos seus verdadeiros antepassados, está sendo procurado no plano objetivo e no mundo material das formas, quando se acha em lugar seguro, fora do alcance do microscópio e do escalpelo do anatomista — *dentro* do tabernáculo animal do próprio homem. Repetimos o que já dissemos em *Ísis sem Véu*:

"Todas as coisas têm sua origem no Espírito: a evolução principiou de cima, seguindo em arco descendente, em vez de o oposto, como se ensina na teoria darwinista. Em outros termos: ocorreu uma materialização gradual das formas, até alcançarem um ponto máximo de descida. Este ponto é aquele em que a doutrina moderna da evolução faz sua entrada na arena das hipóteses especulativas. E, atingida essa fase, parecer-nos-á mais fácil de compreender a *Anthropogeny* de Hæckel, que faz remontar a árvore genealógica do homem 'até uma raiz protoplásmica plantada no limo dos mares que existiam antes de serem depositadas as rochas fósseis mais antigas', segundo a exposição do St. Huxley.

Mais facilmente compreenderemos agora que o homem (da Terceira Ronda) fosse evoluindo 'pela modificação gradual de um mamífero [astral] de constituição semelhante à de um símio', quando soubermos que a mesma teoria, em uma fraseologia mais condensada e menos elegante, mas igualmente inteligível, fora ensinada, segundo Berosé, muitos milhares de anos antes de sua época, pelo homem-peixe

Oannes ou Dagon, o semidemônio da Babilônia²⁶ (ainda que sob forma ligeiramente alterada).

Mas, que há por trás da linha darwiniana de descendência? No que concerne a Darwin, nada, exceto hipóteses de "impossível verificação". Porque, segundo sua própria declaração, considera ele todos os seres como "os descendentes diretos de alguns seres que viveram muito antes que fosse depositada a primeira camada do sistema Siluriano"²⁷. Não cuida de explicar-nos o que eram esses "alguns seres"; mas isto serve, ainda assim, ao nosso objetivo, porque o só fato de admitir a existência deles equivale a dar o selo de aprovação científica ao processo de recorrer aos antigos para a elaboração e confirmação da idéia²⁸.

Efetivamente, como dissemos em nossa primeira obra, se aceitamos a teoria de Darwin sobre o desenvolvimento das espécies vemos que o seu ponto de partida se acha diante de uma porta aberta. Temos a liberdade de permanecer dentro, como ele, ou de transpor o vestíbulo, além do qual se encontra o ilimitado e o incompreensível, ou melhor, o Inefável. Se a nossa linguagem mortal é incapaz de expressar o que o nosso espírito — durante sua estada na Terra — entrevê vagamente no grande "Além", *deve* ele percebê-lo em algum ponto da Eternidade sem fim. Que há, porém, "além" da teoria de Hæckel? Por que o Bathybius Hæckelii e nada mais?

(26) Veja-se Cory, *Ancient Fragments*, páginas 21 e seguintes. (Nova edição ampliada, páginas 51-58.)

(27) *Origin of Species*, páginas 448-9, primeira edição.

(28) Vol. I, página 154.

ESTÂNCIA IX

A EVOLUÇÃO FINAL DO HOMEM

33. Arrependem-se os criadores. 34. Expiam eles a sua negligência. 35. Os homens são dotados de mente. 66. A Quarta Raça desenvolve a linguagem perfeita. 37. Todas as unidades andróginas se separam, tornando-se bissexuais.

33. Vendo isso¹, os Lhas² que não haviam construído homens³ choraram, dizendo:

34. "Os Amanasas⁴ macularam nossas futuras casas. Isto é Carma. Habitemos as outras. Instruamo-los melhor, para evitar que algo de pior aconteça." E assim fizeram...

35. Então os homens foram todos dotados de Manas⁵. Viram o pecado daqueles que não tinham mente.

Mas eles já se haviam *separado*, antes que o raio da divina razão iluminasse as sombrias regiões de suas mentes até então adormecidas; e haviam *pecado*. Isto é, tinham inconscientemente cometido o mal, produzindo um efeito que não era natural. Contudo, da mesma forma que as outras seis raças irmãs, também esta sétima, desde então degenerada e que terá de esperar a hora de seu desenvolvimento final, por causa do pecado cometido, deverá encontrar-se, *no último dia*, em um dos Sete Caminhos. Porque:

"Os Sábios⁶ velam pela ordem da Natureza, e assumem em segredo formas excelentes."⁷

(1) O pecado cometido com os animais.

(2) Os Espíritos, os "Filhos da Sabedoria".

(3) Que se haviam negado a "criar".

(4) Sem mente.

(5) Mente.

(6) Este versículo do *Rig Veda* (X, 5, 6): "Os Sete Sábios [Raios da Sabedoria, Dhyânis] formaram Sete Caminhos [ou Linhas, e também Raças em outro

Cumpra examinar, porém, se os “animais” corrompidos eram semelhantes aos conhecidos pela Zoologia.

A “Queda” ocorreu, segundo o testemunho da Sabedoria antiga e dos remotos anais, tão logo Daksha — o Criador reencarnado dos homens e das coisas do começo da Terceira Raça — desapareceu para dar lugar àquela parte da Humanidade que se havia “separado”. Eis como um dos Comentários explica os pormenores que antecederam a “Queda”:

Durante o período inicial da Quarta Evolução do homem, o reino humano ramificou-se em várias direções diferentes. A forma exterior de seus primeiros exemplares não era uniforme, pois os veículos [as cascas externas ovóides, nas quais se processava a gestação do futuro homem plenamente físico], antes de se endurecerem, foram com frequência corrompidas por enormes animais, de espécie hoje desconhecidas, resultantes de tentativas e esforços da Natureza. Daí surgiram raças intermediárias de monstros, meio-homens, meio-animais. Mas, porque representavam falhas, não lhes foi permitido respirar e viver por muito tempo, apesar de — sendo ainda mui débil e recém-instituído o poder intrinsecamente superior da natureza — psíquica sobre a física — se terem unidos os Filhos do “Nascidos do Ovo” com várias de suas fêmeas, assim engendrando outros monstros humanos. Mais tarde, depois de se terem gradualmente equilibrado, as espécies animais e as raças humanas se separaram, e não voltaram a unir-se umas com as outras. Deixando de criar, o homem passou a engendrar. Mas não só engendrou homens, como também animais, naqueles remotos tempos. Portanto, os Sábios, quando aludiram a varões que não tinham prole criada pela vontade, mas que engendraram animais diversos, assim como Dânavas [Gigantes], com fêmeas de outras espécies — sendo os animais [como que] filhos putativos seus, e não querendo [os varões humanos] com o tempo ser considerados como pais [putativos] de criaturas mudas — falavam, esses Sábios, com verdade e sabedoria. Vendo semelhante estado de coisas, os Reis e Senhores das últimas Raças [da Terceira e da Quarta] puseram o selo da proibição nessas relações pecaminosas. Estas interferiram com o Carma, davam lugar a novo [Carma]⁸. Eles [os Reis Divinos] castigaram os culpados com a esterilidade. Destruíram as Raças Vermelha e Azul⁹.

sentido). Que o mortal infeliz venha por um deles” — versículo interpretado somente pelo aspecto astronômico e cósmico — é um dos que possuem mais significados ocultos. Os “Caminhos” podem significar Linhas (Maryādāh), mas são principalmente Raios de Luz sobre os Caminhos que conduzem à Sabedoria. (Veja-se *Rig Veda*, IV, 5-13). São “Caminhos” ou Sendas. São, em uma palavra, os Sete Raios que caem separados do Centro Macrocósmico; os Sete Princípios no sentido metafísico; as Sete Raças, no sentido físico. Tudo depende da chave que se use.

(7) *Rig Veda*, X, 5, 2.

(8) É quase impossível traduzir literalmente alguns destes velhos Comentários. Vemo-nos amiúde obrigados a dar tão-somente o sentido, tendo assim que refundir as traduções literais.

(9) Rudra, como Kûmara, é Nilalobita, vermelho e azul.

Em outro Comentário lemos:

Ainda em épocas posteriores havia homens-animais de rosto vermelho e de rosto azul; não por comércio carnal efetivo [entre a espécie humana e as animais], mas por descendência.

Também em outro trecho se menciona:

Homens de pele trigueira e cabelos vermelhos, que andavam de quatro patas e se endireitavam [punham-se de pé e voltavam a cair sobre as mãos], que falavam como os seus antepassados, e corriam sobre as mãos como os seus gigantes antepassados fêmeas.

Os sectários da teoria de Hæckel talvez reconheçam nesses espécimes não o *Homo Primigenius*, mas certas tribos inferiores, tais como algumas de selvagens australianos. Estes mesmos, contudo, não descendem de símios antropóides, e sim de pais humanos e mães semi-humanas, ou, para dizer com mais exatidão, de monstros humanos, as “falhas” a que se refere o Comentário. Os antropóides verdadeiros, os catarrinos e os platirrininos de Hæckel, apareceram muito depois, cerca do fim do período atlante. O orangotango, o gorila, o chimpanzé e o cinocéfaló representam as últimas evoluções puramente físicas dos mamíferos antropóides inferiores. Possuem em si uma centelha da essência humana; o homem, pelo contrário, não tem nas veias uma só gota de sangue pitecóide¹⁰. Assim o dizem a Sabedoria antiga e a tradição universal.

(10) Isto sem levar em conta o conceito de evolução dos materialistas modernos, que especulam do seguinte modo:

“A forma humana primitiva, da qual pensamos que procederam todas as espécies humanas, pereceu há muito tempo.” (Contestamos: apenas diminuiu de estatura e mudou de conformação.) “Mas há diversas particularidades que nos levam a concluir que ela era coberta de pêlos e dolicocefala.” (As raças africanas são ainda hoje dolicocefalas em grande parte, mas o crânio paleolítico de Neandertal, o mais antigo que conhecemos, é de grande tamanho e não se aproxima da capacidade do crânio do gorila mais do que o de qualquer homem dos dias atuais.) “Chamemos, portanto, a essa espécie hipotética *homo primigenius*... Essa primeira espécie, ou homem-macaco, antepassado de todos os demais, nasceu, provavelmente, nas regiões tropicais do mundo antigo, oriunda de símios antropóides.”

Se pedimos provas, o evolucionista responde com o maior desembaraço:

“Não conhecemos ainda nenhum vestígio fóssil dessas espécies, mas eram provavelmente parentes próximos do gorila e do orangotango de nossos dias.”

E em seguida menciona o negro papua como o descendente provável em linha reta. (*Pedigree of Man*, página 80.)

Hæckel aferra-se à Lemúria, que ele menciona, juntamente com a África Oriental e o Sul da Ásia, como sendo o possível berço do homem-símio primitivo. Assim também o afirmam muitos geólogos. O Sr. A. R. Wallace o admite como realidade, embora num sentido já bastante modificado, em sua *Geographical Distribution of Animals*. Os evolucionistas não deviam, porém, falar assim levemente do tamanho comparativo dos crânios do homem e do macaco: tal atitude é sem dúvida anticientífica, sobretudo quando pretendem não encontrar diferença alguma entre os dois, ou pelo menos só vêem pequena diferença. Pois o próprio Vogt se incumbiu de mostrar que,

Como se deu a separação dos sextos? — hão de perguntar. Devemos crer na antiga fábula judaica de que Eva saiu da costela de Adão? Tal crença seria ainda mais lógica e razoável que a descendência humana dos quadrúmanos, aceita sem qualquer reserva; pois a fábula dos judeus encobre uma verdade esotérica sob uma versão alegórica, ao passo que aquela suposta descendência não encerra algo mais significativo que o desejo de levar a humanidade a aceitar uma ficção materialista. A costela é um osso, e, quando lemos no *Gênesis*, que Eva foi formada de uma costela, isto quer dizer simplesmente que a “Raça com ossos” foi produzida por uma ou várias Raças anteriores que eram “desprovidas de ossos”. Este é um ensinamento esotérico muito difundido. É quase universal, sob formas diferentes. Reza uma tradição taitiana que o homem foi criado com o *Aræa*, “terra vermelha”. Taaros, o poder criador, o Deus supremo, “fez adormecer o homem durante longos anos, por várias existências”. Isto significa períodos de raça, e é uma alusão ao *sono mental* do homem, de que já falamos. Durante esse tempo, a Divindade tirou do homem um Ivi (osso), que se converteu na mulher ¹¹.

Contudo, seja qual for o significado, a alegoria recorre a um Construtor *divino* do homem: um “Progenitor”. Cremos, então, na existência de tais seres “sobrenaturais”? A resposta é Não! O Ocultismo jamais acreditou em algo, animado ou inanimado, *fora* da Natureza. Nem tão-pouco somos cosmólatras ou politeístas por acreditarmos no “Homem Celeste” e em “Homens Divinos”; pois, quanto a isso, podemos apoiar-nos no testemunho acumulado das idades, com sua evidência invariável em todos os pontos essenciais; ou seja, na Sabedoria dos Antigos e na tradição UNIVERSAL. Repudiamos, porém, as tradições grosseiras e sem fundamento que se hão sobreposto à alegoria e ao simbolismo estritos, ainda quando acolhidas nos credos exotéricos. Por outra parte, só os que são voluntariamente cegos podem recusar tudo quanto nos transmitiu a tradição *unânime*. Cremos, portanto, em que existiram raças de Seres diferentes das nossas, em períodos geológicos remotíssimos; raças de Homens etéreos com forma, mas sem substância sólida, que sucederam a Homens *incorpóreos*; gigantes que precederam aos pigmeus que nós somos; dinastias de Seres Divinos, aqueles Reis e Instrutores da Terceira Raça em artes e ciências, em comparação às quais a nossa pobre ciência moderna é ainda menos que a aritmética elementar comparada à geometria.

enquanto o espécime superior dos símios, o gorila, tem um cérebro cujo volume é só de 30 a 51 polegadas cúbicas [a polegada cúbica equivale a 16,38 centímetros cúbicos], o crânio do aborígene australiano inferior tem um volume de 99,35 polegadas cúbicas. O crânio do gorila não alcança “a metade do volume do crânio de um recém-nascido”, diz Pfaff.

(11) *Polynesian Researches*, de Ellis, vol. II, pág. 38. Parece que os missionários quiseram alterar o nome de *Ivi* para *Eva*. Mas, como demonstrou o Prof. Max Müller, *Eva* não é o nome hebreu, e sim uma transformação européia de *חַוָּה*. Chavah, a vida ou a mãe de tudo o que vive, “ao passo que o *ivi* taitiano e o *whewa* maori significam osso, e nada mais que osso”. (*Introduction to the Science of Religion*, página 304.)

Não, decerto que não! Não cremos no *sobrenatural*, mas só em inteligências *supra-humanas*, ou melhor, *inter-humanas*. Compreende-se facilmente o sentimento de contrariedade que teria uma pessoa culta ao ver-se classificada entre os supersticiosos e os ignorantes; e bem se percebe a grande verdade expressa por Renan, quando disse:

"O sobrenatural converteu-se em uma mancha, como o pecado original, de que todo o mundo parece envergonhar-se: até as pessoas mais religiosas recusam hoje admitir ainda que seja uma parcela insignificante dos milagres da *Bíblia*, e, porfiando em reduzi-los ao *minimum*, os escondem nos recantos mais longínquos do passado." ¹²

Mas o "sobrenatural" de Renan pertence aos dogmas e à letra morta. Nada tem a ver com o seu espírito e com a realidade dos fatos da Natureza. Se a Teologia nos manda crer que, há quatro ou cinco mil anos apenas, viviam os homens 900 anos e mais, e que uma parte da humanidade, restrita aos inimigos do povo de Israel, se compunha de gigantes e de monstros — nós recusamos admitir que semelhante coisa existisse na Natureza há cinco mil anos somente. Porque a Natureza jamais procede por saltos, e o senso comum, por não falar da Geologia, da Antropologia e da Etnologia, se insurge contra tais afirmações. Mas, se essa mesma Teologia, abandonando sua cronologia fantástica, pretendesse dizer-nos que os homens viviam 969 anos (a idade de Matusalém) há cinco milhões de anos, nenhuma objeção teríamos que fazer. Porque naquele tempo a estrutura física do homem, comparada ao corpo humano atual, deste diferia tanto quanto a de um megalossauro difere do corpo de um lagarto comum.

Um naturalista suscita outra dificuldade. A espécie humana é a única que, embora desiguais as suas raças, pode procriar entre si. "Não há seleção entre as *raças humanas*", advertem os antidarwinistas; e não há evolucionista que possa negar o valor deste argumento, o qual prova triunfalmente a unidade *específica*. Como, diante disso, pode o Ocultismo insistir em que uma parte da Quarta Raça houvesse engendrado filhos com fêmeas de outra espécie, apenas semi-humana, senão inteiramente animal? E em que os seres híbridos resultantes dessa união não só procriassem livremente, mas ainda dessem origem aos antepassados dos atuais símios antropóides? Responde a Ciência Esotérica que tal sucedeu no momento em que o homem físico apenas acabava de surgir. Daí em diante, a Natureza alterou seus métodos, sendo a esterilidade a única consequência do crime de bestialidade cometido pelo homem. Disso ainda temos provas em nossos dias. Ensina a Doutrina Secreta que a *unidade específica da humanidade* comporta exceções ainda hoje. Porque existem, ou melhor, existiam até há poucos anos descendentes de tribos ou raças semi-animais, tanto de remota origem lemúria como de origem lémuro-atlante. O mundo os conhece pelo nome de tasmânicos (agora extintos), de australianos e como íncolas das ilhas Andamã, etc. A procedência dos tasmânicos pode-se quase provar por um fato que atraiu a atenção de Darwin, e do

(12) *Chaire d'Hebreu au Collège de France*, página 20.

qual não foi este capaz de tirar nenhuma ilação. O fato merece ser assinalado.

De Quatrefages e outros naturalistas, que se esforçam em provar o monogenismo com o argumento de que todas as raças humanas são suscetíveis de se cruzarem umas com as outras, deixaram de atentar, em seus cálculos, para as exceções, que não confirmam a regra neste caso. O cruzamento humano pode ter sido a lei geral a partir da época da separação dos sexos, mas isto não impede o reconhecimento de outra lei: a da esterilidade entre duas raças humanas, exatamente como entre duas espécies diferentes de animais, nos raros casos em que o europeu condescende em tomar por companheira uma mulher de alguma tribo selvagem, e sucede que esta pertence a uma dessas raças mescladas¹³. Darwin aponta um caso semelhante, que ocorreu em uma tribo tasmânia, cujas mulheres ficaram estéreis, *em massa*, algum tempo após a chegada entre elas de colonos europeus. Procura o eminente naturalista explicar o fato pela mudança de regime alimentar, de condições, etc.; mas logo renuncia a encontrar a solução do mistério. Para o ocultista a coisa é evidente. O "cruzamento" (como se diz) de europeu com mulheres tasmânicas — isto é, com espécimes de uma raça que era a progênie de "monstros" sem alma¹⁴ e sem mente, acasalados com machos realmente humanos, embora ainda desprovidos de mente — ocasionou a esterilidade, e isto não só por força de uma lei fisiológica mas também como consequência de um decreto da evolução cármica no tocante à sobrevivência continuada de uma raça anormal. A ciência *ainda não* está preparada para aceitar um só dos pontos que acabamos de expor, mas terá que admiti-los com o tempo. A Filosofia Esotérica, não o esqueçamos, somente preenche as lacunas deixadas pela Ciência e corrige suas falsas premissas.

(13) De semelhantes criaturas semi-animais, os únicos sobreviventes conhecidos da Etnologia foram os tasmânicos, uma *parte* dos australianos e uma tribo de montanhese da China, cujos homens e mulheres eram inteiramente cobertos de pêlos. Eram os restantes descendentes em linha reta dos últimos Lemurianos semi-animais, já mencionados. Há, porém, um número considerável de representantes dos povos da mescla lémuro-atlante, produzidos por vários cruzamentos com aquelas espécies semi-humanas — a saber: os selvagens da ilha de Bornéu, os Veddhas de Ceilão, classificados pelo Prof. Flowver entre os ários (!), a maioria dos australianos remanescentes, os bosquímanos, os negritos, os índolas das ilhas Andamã, etc.

Os australianos do golfo de São Vicente e das cercanias de Adelaide têm *muito* pêlo, e a penugem escura que recobre o corpo dos meninos de cinco ou seis anos dá a *aparência de uma pele de animal*. São, contudo, *homens*, se bem que homens degradados, e não têm a menor relação com o "homem-macaco", como se apressa Hæckel em esclarecer. Só uma parte desses homens são relíquias lemurianas. (Confronte-se com o *Esoteric Buddhism*, páginas 64 e seguintes; 8.^a edição, página 67.)

(14) Ao chamar "sem alma" os animais, não pretendemos negar-lhes — desde a espécie mais humilde à mais elevada — que possuam Alma, mas tão-somente que seja uma Alma-Ego consciente que sobreviva, isto é, aquele princípio que sobrevive ao homem e se reencarna em outro homem. O animal tem um Corpo Astral que subsiste por um curto período de tempo à morte física. Mas sua Mônada (animal) não reencarna na mesma espécie, e sim numa espécie superior, e, é claro, tem "Devachan". Ela encerra em si o *germe* de todos os princípios humanos, mas em estado *latente*.

Contudo, neste caso particular, a Geologia e até mesmo a Botânica e a Zoologia secundam os ensinamentos esotéricos. Muitos geólogos são de opinião que o aborígene australiano, coexistindo com *uma fauna e uma flora arcaicas*, deve datar de um período muitíssimo remoto. Tudo o que rodeia essa raça misteriosa, acerca de cuja origem a Etnologia guarda silêncio, testemunha a exatidão do ponto de vista esotérico. Diz Jukes:

“Fato sobremodo curioso é que não só estes marsupiais [os mamíferos encontrados nos campos de pedra xistosa do condado de Oxford] mas também algumas conchas — como, por exemplo, trigônias e plantas fósseis existentes nas rochas oolíticas — se parecem muito mais com os que vivem atualmente na Austrália do que com as formas vivas de outra qualquer parte do Globo. Poder-se-ia explicá-lo supondo que, desde o período oolítico (jurássico), *as transformações foram menores na Austrália* que em qualquer outra parte, e que, por conseguinte, a fauna e a flora australianas conservaram algo do tipo oolítico, *ao passo que no resto do mundo o mesmo tipo foi suplantado e substituído por completo* [!!].”¹⁵

Mas por que as transformações foram menores na Austrália do que em qualquer outra parte? Qual a razão de ser de semelhante “condenação ao atraso”? Simplesmente porque a natureza do meio se desenvolve *pari passu* com a raça a que se refere. A lei de correspondência impera em toda a parte. Os sobreviventes dos últimos lemurianos, que escaparam à destruição de seus companheiros quando o continente principal submergiu, foram os antepassados de uma parte das tribos aborígenes atuais. Pertencendo a uma sub-raça muito inferior, engendrada com animais, com monstros, cujos restos fósseis agora repousam a quilômetros de profundidade sob o leito dos mares, o seu tronco viveu desde então em um meio fortemente sujeito à *lei de retardamento*. A Austrália é uma das terras mais antigas, atualmente, sobre as águas, e se acha na decrepitude da idade senil, a despeito do seu “solo *virgem*”. Não pode produzir formas novas, a não ser com o auxílio de raças jovens e por criações e cultivos artificiais.

Devemos, porém, retornar à história da Terceira Raça, a dos “Nascidos do Suor”, dos “Produtores de Ovos” e dos “Andróginos”. Quase assexual em seus primórdios, essa raça tornou-se bissexual ou andrógina; gradualmente, é claro. A transição desde o início até a última metamorfose necessitou de muitas gerações, no curso das quais a célula simples que saiu do primeiro antepassado (os dois em um) se desenvolveu a princípio num ser bissexual; depois, a célula, convertendo-se num verdadeiro ovo, deu nascimento a uma criatura unissexual.

A Humanidade da Terceira Raça é a mais misteriosa de todas as cinco que até agora se hão desenvolvido. O mistério de “como” se produziu a geração de sexos distintos aqui terá, sem dúvida, que permanecer obscuro, por envolver matéria de competência do embriologista e do especialista. A presente obra não dá mais que um simples esboço do processo, mas é evidente que as unidades humanas da Terceira Raça começaram a separar-se

(15) *Manual of Geology*, página 302.

nas suas cascas pré-natais, ou nos ovos¹⁶, e surgiram sob a forma de pequeninos seres, machos e fêmeas definidos, muitos séculos após o aparecimento de seus primeiros progenitores. À medida que transcorriam os períodos geológicos, as sub-raças novamente surgidas começaram a perder suas capacidades natais. Lá para o fim da quarta sub-raça da Terceira Raça, cessou a faculdade que tinha o menino de caminhar assim que saía de sua casca, e já nos últimos tempos da quinta sub-raça principiou a humanidade a nascer em condições iguais às de nossas gerações históricas e por idêntico processo. Isso exigiu, naturalmente, milhões de anos. O leitor já foi posto a par das cifras aproximadas, pelo menos no que respeita aos cálculos esotéricos¹⁷.

Estamos nos aproximando do ponto de volta da evolução das Raças. Vejamos o que diz a Filosofia Oculta relativamente à origem da linguagem.

36. A Quarta Raça desenvolveu a linguagem.

Os Comentários explicam que a Primeira Raça, a Raça etérea ou os Filhos astrais do Ioga, também chamados "Nascidos por Si Mesmos", carecia de linguagem, no sentido que damos a este vocábulo, porque também carecia de mente em nosso plano. A Segunda Raça possuía uma "linguagem de sons", a saber: sons cantados, compostos unicamente de vogais. A Terceira Raça desenvolveu a princípio uma espécie de palavra que não passava de um ligeiro progresso sobre os diversos sons da Natureza, os gritos dos insetos gigantes e dos primeiros animais, que apenas acabavam de aparecer na época dos "Nascidos do Suor", isto é, durante a Terceira Raça *primitiva*. Em sua segunda metade, quando os "Nascidos do Suor" deram nascimento aos "Nascidos do Ovo", ou seja, na Terceira Raça *média*, e quando estes, em vez de "chocarem" (perdoe o leitor esta expressão, que será ridícula se aplicada aos seres humanos dos nossos tempos), como criaturas andróginas, começaram a separar-se em machos e fêmeas, e quando a lei de evolução os levou a reproduzirem sexualmente a sua espécie — fato que obrigou os Deuses Criadores, impulsionados pela lei cármica, a encarnarem nos homens *sem mente* —, só então é que a linguagem se desenvolveu. Toda a raça humana de então "falava uma só e a mesma língua". Não foi, porém, mais que uma tentativa.

Isso não impediu que as últimas duas sub-raças da Terceira Raça¹⁸ construíssem cidades e semeassem por toda a parte as primeiras sementes

(16) As "fábulas" e os "mitos" de Leda e Júpiter, e outros semelhantes, nunca poderiam ter nascido da imaginação do povo se a alegoria não estivesse baseada em um fato da Natureza. A evolução, transformando gradualmente o homem em mamífero, procedeu neste caso como no dos outros animais. O que não impede, porém, que o homem tenha marchado sempre à frente do mundo animal e de outras espécies orgânicas, e precedido o primeiro.

(17) Veja-se "A Cronologia dos Brâmanes", na página 80.

(18) Para evitar confusões, deve o leitor ter em mente que a expressão Raça-Raiz se aplica a cada uma das sete grandes Raças, a sub-raça a cada um de seus grandes

da civilização, sob a direção dos Instrutores divinos e estimuladas pela mente que nelas começava a despertar¹⁹. Que o leitor não se esqueça de que, se cada uma das sete Raças se divide em quatro Idades — as Idades de Ouro, Prata, Bronze e Ferro —, o mesmo sucede com a menor divisão de cada uma delas.

A linguagem, conforme o Ensino Oculto, desenvolveu-se assim na seguinte ordem:

I. *Idioma monossilábico*: a dos primeiros seres humanos já quase completamente evolucionados no fim da Terceira Raça-Raiz, homens “cor de ouro”, de pele amarela, depois da separação em sexos e do despertar de suas mentes. Antes disso, comunicavam-se entre si pelo que hoje se chamaria “transferência de pensamento”, se bem que, à exceção da Raça dita dos “Filhos do Ioga e da Vontade” — a primeira em que se encarnaram os “filhos da Sabedoria” —, o pensamento estivesse mui pouco desenvolvido no homem físico incipiente e nunca se elevasse acima de um nível terreno inferior. Pertenciam seus corpos físicos à Terra, e suas Mônadas permaneciam em um plano superior. A linguagem não podia progredir sem a completa aquisição e desenvolvimento da faculdade de raciocínio. Este idioma monossilábico foi, por assim dizer, o pai das línguas monossilábicas mescladas de consoantes duras, ainda em uso pelas raças amarelas conhecidas dos antropólogos²⁰.

II. *Idioma aglutinante*: Esses caracteres lingüísticos originaram as línguas aglutinantes, faladas por algumas raças atlantes, enquanto outros antecessores pertencentes à Quarta Raça conservaram a linguagem materna. E como os idiomas têm sua evolução cíclica — infância, pureza, crescimento, queda na matéria, mescla com outras línguas, maturidade, decadência e finalmente morte²¹ — o idioma primitivo das raças atlantes mais

Ramos, e a Raça de família a cada uma das subdivisões que incluem nações e grandes tribos.

(19) Na seção “A Quinta Raça e seus Instrutores Divinos”, no comentário à Estância XII, neste volume, explicamos a natureza daqueles Instrutores.

(20) As raças amarelas atuais descendem, porém, dos primeiros ramos da Quarta Raça. Quanto à Terceira, os seus únicos descendentes puros e diretos estão representados, como dissemos acima, por uma parte dos australianos degenerados, cujos remotos antepassados pertenceram a uma divisão da sétima sub-raça da Terceira Raça. Os demais têm uma origem mestiça lêmuro-atlante. Desde aquele tempo mudaram por completo de estatura e de capacidade intelectual.

(21) A fala é, certamente, contemporânea da razão, e não podia desenvolver-se antes que os homens assimilassem os princípios anímicos neles existentes — aqueles princípios que chamaram à vida e fizeram frutificar o elemento manásico adormecido no homem primitivo. Pois, como diz o Professor Max Müller em sua *Science of Thought*: “O pensamento e a linguagem são idênticos.” Mas acrescentar que os pensamentos demasiado profundos para ser expressos em palavras não existem realmente é algo temerário, porque os pensamentos impressos nas tábuas astrais existem eternamente, tenham ou não sido expressos. Logos significa ao mesmo tempo razão e discurso; mas a linguagem, que se manifesta por ciclos, nem sempre está apta a exprimir pensamentos espirituais. Demais, em certo sentido, a palavra grega Logos equivale ao Vâch sânscrito, o “raio imortal intelectual do espírito”. E a circunstância de que

civilizadas, aquele que é mencionado nas obras sânscritas com o nome de Râkshasi Bhâshâ, entrou em decadência e desapareceu quase por completo. Enquanto a “nata” da Quarta Raça se elevava cada vez mais rumo ao ápice da evolução física e intelectual, deixando assim à Quinta Raça (a raça ariana) nascente, como herança, as línguas de flexão altamente desenvolvidas, o idioma aglutinante entrou em decadência, subsistindo apenas como idioma fóssil e fragmentário, aqui e ali, limitando-se quase às tribos aborígenes da América.

III. *Idioma de inflexão*: A raiz do sânscrito — tido erroneamente como o “irmão mais velho” do grego, em vez de “seu pai” — foi a primeira língua da Quinta Raça e é hoje a dos mistérios dos Iniciados. As línguas “semíticas” são descendentes bastardas das primeiras corruptions fonéticas dos filhos mais velhos do sânscrito primitivo. A Doutrina Oculta não admite divisões como a ariana e a semita, e só com muitas reservas aceita a turaniana. Os semitas, e especialmente os árabes, são arianos mais recentes, espiritualmente degenerados e materialmente aperfeiçoados. A essa categoria pertencem todos os judeus e árabes. Os primeiros representam uma tribo descendente dos Chandalas da Índia — os “fora de casta” —, muitos deles ex-brâmanes, que buscaram refúgio na Caldéia, na Cíndia e em Ária (Irã), e que efetivamente haviam nascido do pai A-Brahm (não-brâmane), uns 8.000 anos antes de Cristo. Os outros, os árabes, são descendentes dos arianos que não quiseram ir para a Índia, no tempo da dispersão dos povos, alguns deles permanecendo em suas fronteiras, no Afeganistão e no país de Kabul²², assim como nas margens do

Vâch (como Devasena, um *aspecto* de Sarasvati, a Deusa da Sabedoria Oculta) seja a esposa do eternamente virgem Kumâra deixa ver uma relação, ainda que velada, com os Kumâras, aqueles que “se recusaram a criar” mas foram obrigados, mais tarde, a completar o Homem Divino, encarnando-se nele. Tudo isso será inteiramente explicado nas seções que se seguem.

(22) Ptolomeu, ao falar em sua nona tábua sobre as tribos Kabolitæe ou de Kabul, denomina-as Ἀριστοφύλλο tribos aristocráticas ou nobres. Os afeganes dão a si mesmos o nome de Ben-Israel, filhos de Is(sa)rael, de Issa, “mulher e também terra”, filhos da Mãe Terra. Mas, a quem chamasse Yahudi (judeu) a um afegane, ele o mataria. Os nomes das supostas doze tribos de Israel e os das doze tribos reais dos afeganes são idênticos. Como os afeganes (ou pelo menos o seu tronco árabe), são muito mais antigos que os israelitas, ninguém deve surpreender-se de encontrar entre eles nomes de tribos como Youssofzic, filhos de José, em Punjcaure e Boonere; Zablistani (Zabulon); Ben-manasseh, filhos de Manasseh, entre os tártaros Khojar; Isaguri (Issachar), hoje Ashnagor, no Afeganistão, etc. Os doze nomes das pseudo-doze-tribos são todos nomes dos signos zodiacais e o mesmo sucede com os dos filhos míticos de Jacob. Onde estão os traços das doze tribos judias? Em parte alguma, mas existem vestígios, e bem significativos, provando que os judeus tentaram enganar o mundo com o auxílio desses nomes. Veja-se, com efeito, o que se passou muitos séculos depois que as *dez tribos* desapareceram por completo da Babilônia. Ptolomeu Filadelfo, desejando traduzir a Lei Hebraica para o grego (a famosa versão dos Setenta), escreveu a Eleazar, grão sacerdote judeu, pedindo que lhe enviasse *seis homens de cada uma das doze tribos*, e os *setenta e dois representantes* (dos quais sessenta eram sem dúvida fantasmas) foram ao rei do Egito e traduziram a Lei por entre milagres e maravilhas. Veja-se *Horæ Biblicæ*, de Butler, Josefo e Filon o Judeu.

Oxus, enquanto outros penetraram na Arábia e a invadiram. Mas isto ocorreu quando a África se levantou como um continente.

Entretanto, temos que seguir, tão de perto quanto nos permita o espaço limitado de que dispomos, a evolução gradual da espécie, já então verdadeiramente humana. Para estudar a origem dos antropóides, devemos analisar a parada brusca da evolução de certas sub-raças e o seu forçado e violento desvio para uma linha puramente animal, por via de cruzamentos artificiais, em tudo análogos aos processos de hibridação que hoje aprendemos a utilizar nos reinos animal e vegetal.

Nesses monstros cobertos de pêlo vermelho, frutos de relações antinaturais entre homens e animais, não encarnaram os “Senhores da Sabe-doria”, como vimos. Assim, uma longa série de transformações devidas a cruzamentos contra a natureza — uma “seleção sexual” antinatural — deu como resultado, com o passar do tempo, o aparecimento de espécimes inferiores da humanidade; e estes, por ulterior bestialidade e como consequência de seus primeiros esforços animais de reprodução, engendraram uma espécie que, desenvolvendo-se, passou a ser representada, muitos séculos depois, pelos símios mamíferos²³.

Quanto à separação dos sexos, não se deu bruscamente, como se poderia supor. A Natureza procede lentamente em tudo o que faz.

37. O Um²⁴ se converteu em Dois; assim também todos os seres vivos e rastejantes que ainda eram unos, os peixes gigantes, as aves e as serpentes com cabeça de escamas.

Relaciona-se isto, é evidente, com a chamada idade dos répteis anfíbios, durante a qual nega a Ciência que o homem existisse. Mas que podiam os antigos saber a respeito dos animais e monstros antediluvianos pré-históricos? Não obstante, encontra-se no Livro VI dos Comentários uma passagem cuja tradução livre é a seguinte:

Quando a Terceira se separou e caiu no pecado, procriando homens-animaís, estes [os animais] se tornaram ferozes, e os homens e eles se destruíram mutuamente. Até então não havia pecado, nenhuma vida se destruía. Depois [da separação] o Satya [Yuga] terminou. A primavera eterna foi submetida a constantes mudanças, e as estações se sucederam. O frio obrigou os homens a construir abrigos e a imaginar vestimentas. O homem apelou então para os Pais superiores [os Deuses ou Anjos superiores]. Os Nirmānakayas dos Nāgas, as Serpentes Sábias e os Dragões de Luz vieram, assim como os precursores dos Iluminados [os Buddhas]: Desceram Reis Divinos, e ensinaram aos homens artes e ciências: pois o ho-

(23) O Comentário explica que os símios são a única espécie entre os animais que mostra, gradualmente e em cada geração e variedade, uma tendência, cada vez mais acentuada, para voltar ao tipo original de seus antepassados machos — os escuros gigantes lemurianos e atlantes.

(24) Andrógino.

mem não pôde viver por mais tempo no primeiro sítio [Adi-Vrasha, o Éden das primeiras Raças], que se havia transformado em um cadáver branco e gelado.

É sugestivo. Veremos o que se deve deduzir dessa breve exposição. Algo pode levar a crer que haja nela mais do que transparece à primeira vista.

EDENS, SERPENTES E DRAGÕES

De onde procede a idéia e o significado verdadeiro da palavra “Éden”? Os cristãos sustentarão que o Jardim do Éden é o santo Paraíso, o recanto sagrado *que foi profanado pelo pecado*, o pecado de Adão e Eva. O Ocultista recusar-se-á a admitir esta interpretação, que é a da letra morta, e demonstrará o contrário. Não é preciso crer na *Bíblia* e ver nela uma revelação divina, para reconhecer que esse antigo livro, se lido esotericamente, é baseado nas mesmas tradições universais que as demais antigas escrituras. O que era o Éden foi parcialmente exposto em *Ísis sem Véu*, onde dissemos que:

“O Jardim do Éden, como localidade, não é absolutamente um mito; é um desses pontos de referência da História, que, em certas circunstâncias, fazem ver ao estudante que a *Bíblia* não é, toda ela, mera alegoria. ‘Éden, ou o hebreu גֶּדֶן, Gan-Eden, expressão que significa Parque ou Jardim do Éden, é um nome arcaico da região banhada pelo Eufrates e seus numerosos afluentes, desde a Ásia e a Armênia até o mar Eritreu’²⁵. No *Livro dos Números* caldeu, sua localização se acha designada por números, e no manuscrito cifrado rosacruz, deixado pelo Conde Saint-Germain, consta a sua descrição completa. Nas *Tábuas assírias*, o nome foi traduzido por Gan-duniyas. Dizem os Elohim (אֱלֹהִים) do *Gênesis*: ‘Eis que o homem se tornou como um de nós’. Os Elohim podem ser tomados, em certo sentido, por *deuses* ou poderes e, em outro sentido, por Aleim ou sacerdotes, os hierofantes iniciados no bem e no mal deste mundo; pois havia um colégio de sacerdotes chamados os Aleim, sendo que o primeiro de sua casta, ou o chefe dos hierofantes, era conhecido pelo nome de Java-Aleim. Um Adão ou Homem, em vez de se fazer neófito e alcançar gradualmente os conhecimentos esotéricos por meio de uma iniciação regular, usa de suas faculdades intuitivas, e, instigado pela Serpente — a *Mulher* e a *Matéria* —, prova ilicitamente o fruto da Árvore da Ciência, a Doutrina Esotérica ou Secreta. Os sacerdotes de Hércules, ou Mel-Karth, o ‘Senhor’ do Éden, levavam todos ‘vestimenta de pele’. Diz o texto: ‘E Java-Aleim fez, para Adão e sua mulher, כְּתֹנִית עֹר, *Chitonuth-our*’. A primeira palavra hebraica, Chiton, é o χιτών (chiton) grego. Converteu-se em uma palavra eslava, tomada da *Bíblia*, e significa um *vestido externo*.”

As Escrituras hebréias, embora encerrando o mesmo fundo de verdade esotérica de todas as demais cosmogonias, denunciam claramente os traços de sua dupla origem. Seu *Gênesis* é pura e simplesmente uma reminiscência do cativo na Babilônia. Os nomes de localidades, homens e até objetos, mencionados no texto original, são em contradição entre os caldeus e os acadianos, estes os antepassados e instrutores dos primeiros. Insiste-se em contestar que as tribos acádias da Caldéia, da Babilônia e da Assíria tivessem qualquer relação de parentesco com os brâmanes do Indostão; mas as provas que depõem em favor desta tese são muito mais numerosas e convincentes que os elementos contrários. Os semitas ou assírios deveriam chamar-se com mais propriedade turânios; e os mongóis, citas. Mas, se os acadianos existiram em

(25) Dr. A. Wilder, que diz ser Gan-duniyas um dos nomes da Babilônia.

outra parte que não a imaginação de alguns filólogos e etnólogos, decerto que não o foi como uma tribo turânia, como uns poucos assiriólogos pretendem inculcar. Eram simplesmente emigrantes da Índia, berço da humanidade, para a Ásia Menor, e cujos sacerdotes adeptos se detiveram para civilizar e iniciar um povo bárbaro. Halevy provou que os acádios nada tinham em comum com a gente da Turânia, e outros homens de ciência demonstraram que a civilização babilônica não nasceu nem se desenvolveu naquele país. Foi importada da Índia, e os que a introduziram eram brâmanes hindus.”²⁶

E agora, dez anos depois de havermos escrito isso, vemos as nossas palavras corroboradas pelo Professor Sayce, que disse, na primeira de suas conferências em Ribbert, que a cultura da cidade babilônia de Eridu era de “importação estrangeira”. Veio da Índia.

“Muita coisa da teologia foi tomada pelos semitas dos acádios não-semitas, ou protocaldeus, a quem suplantaram e cujos cultos locais eles não quiseram ou não puderam erradicar. Em verdade, durante o transcurso de muitos séculos, as duas raças, semita e acádia, viveram lado a lado, mesclando-se insensivelmente as suas idéias e os seus cultos aos Deuses.”

Aqui os acádios são qualificados de “não-semitas”, tal como afirmamos, o que é outra confirmação de nossas palavras. E não estamos menos com a razão ao continuar sustentando que a narração bíblica judia foi uma compilação de fatos *históricos*, retirados da história de outros povos e ordenados segundo o critério judeu, exceto o *Gênesis*, que é esoterismo puro e simples. É realmente entre o Ponto Euxino e a Cachemira, ou ainda além, que a Ciência deve procurar o berço (ou melhor, um dos berços principais) da humanidade e dos filhos de Ad-ah; sobretudo em épocas posteriores, quando o Jardim do Éden, no Eufrates, se converteu em Colégio dos Astrólogos e Magos, os Aleim.

Esse Colégio e esse Éden pertencem, porém, à Quinta Raça, e não representam senão vagas reminiscências do Adi-Varsha da Terceira Raça primitiva. Qual é a etimologia da palavra Éden? Em grego é ἡδονή, que significa “voluptuosidade”. Sob este aspecto, não é melhor que o Olimpo dos gregos, o Céu de Indra, o Svarga do Monte Meru e até mesmo o Paraíso cheio de Huris, prometido por Mahomet aos fiéis. O Jardim do Éden nunca foi propriedade dos judeus, pois a China — que não se pode suspeitar de haver tido o menor conhecimento dos judeus 2.000 anos antes de Cristo — possuía, na Ásia Central, um Jardim primitivo semelhante, habitado pelos “Dragões da Sabedoria”, os Iniciados; e, segundo Klaproth, a carta hieroglífica que, copiada de uma enciclopédia japonesa, se encontra no livro *Foé-Koue-Ki*²⁷, situa o “Jardim da Sabedoria” no planalto de Pamir, entre os picos mais elevados da cordilheira dos Himalaias. Este lugar é descrito como o ponto culminante da Ásia Central, mostrando-se

(26) *Isis sem Vén*, vol. I, páginas 575-6.

(27) *Foé-Koue-Ki*, ou *Relations des Royaumes Bouddhiques*, de Chy Fahian; trad. de Abel Rémusat.

os quatro rios, Oxus, Indus, Ganges e Silo, fluindo de uma fonte comum, o "Lago dos Dragões".

Esse não é, porém, o Éden do *Gênesis*, e tampouco o Jardim do Éden cabalístico. Pois o primeiro — o Éden-Illa-ah — significa, em um sentido, a sabedoria, um estado semelhante ao do Nirvana, um Paraíso de Beatitude; ao passo que em outro sentido se refere ao Homem Intelectual, aquele que em si mesmo encerra o Éden, onde cresce a Árvore da Ciência do Bem e do Mal, sendo o homem o *Conhecedor*.

Renan e Barthélemy Saint-Hilaire, baseando-se nas "mais sólidas induções", crêem que é impossível duvidar por mais tempo, e ambos situam o berço da humanidade "na região do Tímaus". E, finalmente, o *Journal Asiatique* chega à conclusão de que:

"Todas as tradições da espécie humana que se referem ao lugar de nascimento das famílias primitivas no-las apresentam agrupadas ao redor dos países onde a tradição judia situa o Jardim do Éden; ali onde os Arianos [Zoroastrianos] estabeleceram o seu Airyana Vaêjô ou o Meru [?]. Esses países confinam ao Norte com as regiões vizinhas do Lago de Aral, e ao Sul com o Bactrian ou Pequeno Tibete. Tudo concorre para confirmar que lá se encontrava a morada dessa humanidade primitiva, da qual devemos descender." 28

Essa "humanidade primitiva" achava-se em sua Quinta Raça, quando o "Dragão de quatro bocas", o lago do qual restam mui poucos vestígios, era a morada dos "Filhos da Sabedoria", os primeiros Filhos Nascidos da Mente da Terceira Raça. Mas não foi esse o único nem o primitivo berço da humanidade, embora fosse, em verdade, a cópia do berço do primeiro Homem pensador *divino*. Era o *Paradesha*, a terra montanhosa do primeiro povo que falou o sânscrito — o *Hedone*, o país das delícias dos gregos; não era, porém, a "Terra de Voluptuosidade" dos caldeus, que não passava de uma reminiscência; nem foi lá que se deu a "Queda do Homem" após a "separação". O Éden dos judeus foi uma cópia da cópia caldeia.

Que a Queda do Homem na geração ocorreu durante a primeira parte da era que a Ciência denomina Mesozóica, ou era dos répteis, está evidenciado pela fraseologia da Bíblia no que se refere à serpente, cuja natureza vem explicada no *Zohar*. A questão não consiste em saber se o incidente de Eva com a serpente tentadora é alegórico ou textual, pois ninguém põe em dúvida que é alegórico, mas em estabelecer a antiguidade do simbolismo em sua própria face e em provar que não era uma idéia judaica, senão universal.

Ora, vemos no *Zohar* um asserto bem estranho, que parece feito para provocar o riso do leitor, pelo absurdo e o grotesco que encerra. Diz que a Serpente usada por Samael, o suposto Satã, para seduzir Eva, era uma espécie de "camelo voador", *καμηλόμορπον* 29.

(28) Ano Sétimo, 1855.

(29) De Mirville, *Des Esprits*, II, 423. Veja-se também *More Nevochim*, de Moisés Maimonides.

"Camelo voador" é realmente forte demais até para o mais liberal dos F. R. S. (membros da Academia). Contudo, o *Zohar*, do qual não se pode esperar que usasse a linguagem de um Cuvier, estava certo em sua descrição; pois também vemos que nos antigos manuscritos zoroastrianos a Serpente é chamada Aschmogh, que, conforme está no *Avesta*, perdeu a sua *natureza* e o seu *nome* depois da Queda, sendo descrita como uma enorme serpente com pescoço de camelo.

Salverte afirma que:

"Não há serpentes aladas, nem dragões verdadeiros... Os gregos ainda chamam aos gafanhotos *serpentes aladas*, e esta metáfora pode ter dado origem a diversas narrativas sobre a existência das serpentes aladas."³⁰

Não existem *atualmente*; mas não há razão para que não houvessem existido durante a era Mesozóica, e Cuvier, que reconstituiu os seus esqueletos, dá testemunho da existência dos "camelos voadores". O grande naturalista, depois de haver descoberto os simples restos fósseis de certos saúrios, escreveu que:

"Se existe algo que possa justificar a existência das hidras e de outros monstros, cujas figuras foram tantas vezes reproduzidas pelos historiadores da Idade Média, é incontestavelmente o plesiossauro."³¹

Não sabemos se Cuvier seguiu mais longe na via do *mea culpa*; mas podemos ter uma idéia de sua confusão por todos os seus ataques à veracidade arcaica, quando se viu em presença de um saúrio *voador*, o pterodátilo, descoberto na Alemanha, com 78 pés de comprimento e dotado de asas vigorosas presas a um corpo de réptil. Esse fóssil é descrito como um réptil que tem os *pequenos dedos das patas* alongados, sustentando longas asas membranosas. Aí está, portanto, a desforra do "camelo voador" do *Zohar*. Porque, entre o comprido pescoço do plesiossauro e a asa membranosa do pterodátilo, ou melhor, do mosassauro, seguramente que há lugar para um número bem considerável de probabilidades científicas, que sirvam de base para a construção de um "camelo voador" ou de um dragão de pescoço comprido. O Professor Cope, de Filadélfia, provou que o mosassauro fóssil, encontrado nas camadas de greda, era uma serpente alada dessa espécie. Suas vértebras têm características que indicam mais aproximação com os ofídios do que com os lacertídeos.

Passemos agora à questão principal. É bem sabido que a Antiguidade nunca pretendeu contar a Paleontografia e a Paleontologia entre as suas artes e ciências, e não teve os seus Cuviers. Contudo, nos ladrilhos babilônicos e especialmente nos antigos desenhos chineses e japoneses, nos pagodes e nos vetustos monumentos, e na Biblioteca Imperial de Pequim, mais de um viajante observou e identificou reproduções perfeitas de plesios-

(30) *Sciences Occultes*, página 464.

(31) *Révolution du Globe*, vol. V, página 247.

sauros e pterodátiles, nos dragões multiformes da China³². Por outra parte, os profetas aludem, na *Bíblia*, a serpentes ígneas voadoras³³, e Job menciona o Leviatan³⁴.

Isso posto, cabe-nos formular, em termos diretos, as seguintes perguntas:

I. Como podiam os povos antigos saber algo a respeito dos monstros extintos dos tempos carboníferos e mesozóicos, e até representá-los em desenhos ou descrevê-los, a não ser que *tivessem eles próprios visto* esses monstros ou que *possuissem a descrição deles em suas tradições*, descrição que implica a existência de *testemunhas oculares vivas e inteligentes*?

II. E, admitida a existência dessas testemunhas (a menos que se aceite a clarividência retrospectiva), como dizer que a humanidade e os primeiros homens paleolíticos não foram anteriores ao período médio da idade terciária? Devemos ter presente que a maioria dos homens de ciência não admitem que o homem tenha aparecido antes da idade quaternária, e desse modo o excluem quase por completo dos tempos cenozóicos. Aqui temos espécies extintas de animais que desapareceram da fase da Terra há milhões de anos e que são conhecidas e descritas por gentes cuja civilização se diz não remontar além de alguns milhares de anos. Como pode ser? Evidentemente, é preciso admitir ou que o período mesozóico interpenetra a era quaternária ou que o homem foi contemporâneo do pterodátile e do plesiossauro.

Porque os ocultistas crêem na Sabedoria e na Ciência antigas, e as defende, ainda quando os sáurios alados se chamem "camelos voadores" nas traduções do *Zohar*, não se conclua daí que acreditemos tão facilmente em todas as histórias que a Idade Média nos transmitiu a respeito dos dragões. Os pterodátiles e os plesiossauros desapareceram com a maior parte dos homens da Terceira Raça. Quando, portanto, escritores católi-

(32) Lemos na "Mémoire à l'Académie" (*Des Esprits*, II, 431), de De Mirville, a história da "ingênua surpresa de Geoffroy Saint-Hilaire quando o Sr. De Parvey lhe mostrou, em velhos livros chineses e em ladrilhos babilônicos, dragões... ornitorrincos e sáurios (animais aquáticos, *somente encontrados na Austrália*), etc., animais de espécies extintas, que ele acreditava desconhecidos sobre a terra... até o dia em que os descobriu".

(33) Veja-se Isaías, XXX, 6: "a víbora e a serpente voadora"; e também as serpentes ígneas derrotadas pela serpente de bronze de Moisés.

(34) Os fósseis que conhecemos, reconstituídos pela Ciência, deviam ser suficientes para que se admitisse a possibilidade até de um Leviatan, sem falar da serpente voadora de Isaías, ou *Saraph Mehophp*, palavras que todos os dicionários hebreus traduzem: "Saraph" por veneno inflamado ou ardente, e "Mehophp" por *voador*. Se bem que a teologia cristã tenha sempre associado o Leviatan e o Saraph Mehophp com o Demônio, as expressões são metafóricas e não têm nenhuma relação com o "Maligno". No entanto, a palavra "Dragão" passou a ser agora sinônimo de Satã. Na Bretanha, o termo Drouk significa hoje "Demônio", donde provém, segundo diz Cambry (*Monuments Celtiques*, página 299), a Tumba do Diabo na Inglaterra, Droghedanum Sepulcrum. No Languedoc, os meteoros e os fogos-fátuos são chamados Drac, e, na Bretanha, Dreag e Wraie ou Wraith; o nome do Castelo de Drogheda, na Irlanda, quer dizer Castelo do Diabo (De Mirville, *ibid.* II, 423).

co-romanos nos convidam gravemente a dar crédito às narrativas absurdas de Christopher Scherer e do Padre Kircher, que teriam visto com os próprios olhos dragões vivos, ígneos e voadores, em 1619 e 1669 respectivamente, pedimos vênica para considerar tais relatos como sonhos ou histórias da carochinha³⁵.

Não podemos também conceituar senão como “licença poética” a história contada por Petrarca de que, quando um dia seguia Laura pelo bosque, e ao passar por perto de uma caverna, teria encontrado um dragão, ao qual deu morte incontinenti com a sua adaga, evitando assim que o monstro devorasse a dama de seus pensamentos³⁶. De boa vontade acreditaríamos nesse relato, se Petrarca tivesse vivido nos tempos da Atlântida, quando era ainda possível que houvesse tais monstros antediluvianos. Na era atual, contestamos a sua existência. A serpente do mar e o dragão são duas coisas completamente distintas. A primeira é negada pela maioria, porque vive nas profundidades do oceano, é muito rara e só vem à superfície quando a isso é obrigada, talvez pela fome. Permanecendo assim invisível, pode existir e ser, contudo, negada. Se, porém, existisse um ser como o dragão descrito, como se explica que haja sempre escapado a toda observação? Foi uma criatura contemporânea dos primeiros tempos da Quinta Raça, e já não existe.

(35) Os escritores ultramontanos aceitam, com a maior seriedade, todas as histórias de dragões contadas pelo Padre Kircher em seu *Edipus Aegyptiacus*, “De Genesi Dracorum”. Segundo esse jesuíta, ele próprio viu um dragão que fora morto em 1669 por um camponês romano, e o Diretor do Museu Barberini lhe pediu que fizesse o retrato do animal, e esse retrato o Padre Kircher publicou em um de seus *in-folios*. Depois disso, recebeu o Padre uma carta de Christopher Scherer, Prefeito do cantão de Soleure, na Suíça, em que este funcionário certificava que *vira com seus próprios olhos* um dragão vivo, por uma bela noite de verão de 1619. Achando-se em seu balcão, “contemplando a pureza cristalina do firmamento”, escreveu ele, “vi um dragão resplandecente de fogo sair de uma das grutas do Monte Pilatos e dirigir-se rapidamente para Fluelen, no outro extremo do lago. Era de enorme tamanho, e sua cauda ainda maior, tendo o pescoço estirado para a frente. A cabeça e as mandíbulas eram de serpente. Ao voar, projetava inúmeras chispas (?) pelo caminho... Julguei a princípio que estava vendo um meteoro, mas, depois de olhar com maior atenção, logo me convenci, dada a maneira de voar e pela conformação do seu corpo, que via um *dragão verdadeiro*. Sinto-me feliz de poder assim elucidar Vossa Reverência quanto à existência *perfeitamente real* desses animais”... em *sonhos* e idades que há muito se passaram — podia ter acrescentado o escritor (*Ibid.*, pág. 424). (Citado em *Des Esprits*, vol. II, pág. 423.)

(36) Como prova convincente da realidade desse fato, um católico romano remete o leitor ao quadro em que se representa o incidente, pintado por Simão de Siena, amigo do poeta, no portal da igreja de Nôtre-Dame do Don, em Avinhão, apesar da proibição do Soberano Pontífice, que “não desejava permitir que o triunfo do amor fosse entronizado naquele santo lugar”. E acrescenta o mesmo católico: “O tempo danificou a obra de arte, mas não enfraqueceu a tradição” (*Ibid.*, pág. 425). Os “Dragões-Demônios” de nossa era, e a que se refere De Mirville, parece que não têm sorte, pois desaparecem do modo mais misterioso dos museus nos quais se diz que estavam. Assim é que o dragão embalsamado por Ulisses Aldrovando e oferecido ao Museu do Senado, em Nápoles ou em Bolonha, “ali estava em 1700”, mas já não está (*Ibid.*, pág. 427).

Perguntará o leitor por que motivo nos ocupamos dos dragões. Responderemos: primeiro, porque o conhecimento de semelhantes animais é uma prova da enorme antiguidade da raça humana; e segundo, para mostrar a diferença que existe entre o verdadeiro significado zoológico das palavras “Dragão”, “Nâga” e “Serpente” e o seu sentido metafórico, quando usadas simbolicamente. O leitor profano, que nada sabe acerca da linguagem dos Mistérios, toda vez que encontrar uma dessas palavras será provavelmente levado a tomá-la ao pé da letra. Daí os quíproquós e as acusações injustas. Dois exemplos bastarão.

“Sed et serpens”? Sim, mas qual era a natureza da serpente? Os místicos vêem, por intuição, na serpente do *Gênesis*, um emblema animal e uma elevada essência espiritual: uma força cósmica supra-inteligente, “uma grande luz caída”, um espírito sideral, aéreo e telúrico ao mesmo tempo, “cuja influência circunda o globo” (*qui circumambulat terram*), segundo a expressão de De Mirville, cristão fanático da letra morta³⁷, e que somente “se manifesta sob o aspecto físico que melhor se coaduna com as suas *sinuosidades* morais e intelectuais” — isto é, sob a forma de um ofício.

Mas que dirão os cristãos quanto à Serpente de Bronze do “Divino Curador”, se se deve considerar a serpente como o emblema da astúcia e do mal, como o emblema do próprio Demônio? Como se poderá jamais determinar a linha de demarcação, se ela é traçada arbitrariamente, com um critério teológico sectário?

Porque, se aos fiéis da Igreja Romana se ensina que Mercúrio e Esculápio ou Asclépio (que na realidade são um só) não passam de “demônios e filhos de demônios”, e que a vareta e a serpente do último são “a vareta do demônio”, que será então a Serpente de Bronze de Moisés? Todos os versados na matéria sabem que a “vareta” pagã e a “serpente” judia são uma só e a mesma coisa, ou seja, o caduceu de Mercúrio, filho de Apolo-Píton. É fácil compreender por que os judeus adotaram a forma de um ofídio para o seu “sedutor”. Entre eles o emblema era puramente *fisiológico* e *fálico*, e toda a casuística acumulada da Igreja Católica Romana não teria o poder de emprestar-lhe outro sentido, se fosse bem estudada a linguagem dos Mistérios e se os rolos de pergaminho hebreus fossem lidos numericamente.

Sabem os ocultistas que a Serpente, o Nâga e o Dragão possuem, cada qual, um sentido sétuplo; que o Sol, por exemplo, era o emblema astronômico e cósmico das duas Luzes em contraste, e as duas Serpentes dos gnósticos, o bem e o mal. Sabem que, quando se *generalizam*, tanto as conclusões da Ciência como as da Teologia constituem dois extremos excessivamente ridículos. Porque, quando a primeira nos diz que basta seguir as lendas das serpentes até sua primitiva origem, a lenda astronômica, e meditar seriamente sobre o Sol, vencedor de Píton, e sobre a Virgem celeste do Zodíaco, que rechaça o Dragão devorador; quando nos

(37) *Op. cit.*, II, 422.

diz que basta isso para se ter a chave de todos os dogmas religiosos posteriores — é fácil perceber que, em vez de generalizar, a Ciência tem os olhos fitos exclusivamente na religião cristã e no *Apocalipse*. É o que chamamos — um dos extremos. Vemos o outro quando a Teologia, repetindo a famosa decisão do Concílio de Trento, procura convencer as massas de que:

“Desde a queda do homem até o seu batismo, o Demônio exerce pleno poder sobre ele, e o possui *de direito* — *diabolum dominium et potestatem super homines habere et jure eos possidere*.”³⁸

A isso responde a Filosofia Oculta: “Primeiro provai a existência do Diabo *como entidade*, e então poderemos crer em semelhante possessão congênita”. Uma dose mínima de observação e de conhecimento da natureza humana será suficiente para demonstrar a falsidade desse dogma teológico. Se Satã tivesse alguma realidade no mundo objetivo ou mesmo no mundo subjetivo (no sentido eclesiástico), seria o pobre Diabo quem sofreria uma obsessão e até uma possessão crônica por parte dos maus — isto é, pela grande massa da humanidade. Foi a humanidade — e especialmente o clero, conduzido pela arrogante, pouco escrupulosa e intolérante Igreja Romana — que concebeu o Maligno, lhe deu nascimento e o criou com amor. Mas isto é uma digressão.

“A Igreja acusa todo o mundo pensador de haver adorado a serpente. A humanidade inteira lhe queimava incenso ou a apedrejava. Os *Zends* falam dela, como o fazem os *Reis*, os *Vedas*, o *Edda*... e a *Bíblia*... Em toda a parte a serpente sagrada [o Naga] tem o seu santuário e o seu sacerdote; em Roma, são as Vestais que... lhe preparam o alimento com o mesmo zelo que empregam para manter o fogo sagrado. Na Grécia, Esculápio não pode curar sem a sua assistência, e lhe delega seus poderes. Todo o mundo ouviu falar da famosa embaixada romana enviada pelo Senado ao deus da medicina, e do seu regresso com a não menos famosa serpente, a qual se dirigiu por sua própria vontade e por si mesma ao templo do seu amo, situado numa das ilhotas do Tibre. Não havia Bacante que não a enrolasse [a serpente] em seus cabelos, nenhum Águre, que não a interrogasse com cuidado, nenhum Nigromante cujo túmulo estivesse livre de sua presença! Os cainitas e os ofitas dão-lhe o nome de Criador, não obstante reconhecerem, como Schelling, que a serpente é 'o mal em substância e em pessoa'.”³⁹

Sim, tem razão o autor; e, se se quer ter uma idéia do prestígio que a serpente ainda desfruta em nossos dias, deve-se estudar o assunto na

(38) *Op. cit.*, página 433.

(39) *Op. cit.*, págs. 432-3. É a mesma coisa que se, daqui a milhares de anos, algum fanático de uma nova religião, que pretendesse glorificar a *sua* fé em detrimento do antigo cristianismo, viesse dizer: Em toda a parte o cordeiro era adorado. A religiosa, chamando-o Agnus, o colocava sobre o peito; o sacerdote, sobre o altar. Figurava em todas as refeições da Páscoa; e em todos os templos era glorificado em altas vozes. Apesar disso, os cristãos o temiam e o odiavam, pois que o matavam e o comiam. — Os pagãos, pelo menos, não comiam os seus símbolos sagrados. Nunca ouvimos falar de comedores de serpentes ou de répteis, exceto nos países civilizados, onde começaram comendo rãs e enguias, para acabarem comendo serpentes, da mesma forma que da carne de cordeiro passaram a comer também a de cavalo.

Índia e tomar conhecimento do que se acredita nesse país com relação aos Nâgas (cobras) e ao que a eles se atribui; deve-se também visitar os africanos de Whydah, os Vudus de Porto Príncipe e da Jamaica, os Nagaes do México e os Pâ, ou Homens-serpentes, da China, etc. Mas por que estranhar que a serpente seja “adorada” e ao mesmo tempo declarada maldita, quando sabemos que ela sempre foi um símbolo? Em todas as línguas antigas, a palavra “dragão” tinha o mesmo significado que tem hoje a palavra chinesa *long*, ou “o ser que sobressai em inteligência”, e o grego *δράκων*, ou “o que vê e vigia”⁴⁰. Pode aplicar-se algum destes epítetos ao animal daquele nome? Não é evidente que — seja qual for a interpretação que por superstição ou esquecimento do significado primitivo lhe dêem hoje os selvagens — tais qualificativos eram aplicados aos originais humanos, simbolizados por serpentes e dragões? Esses originais — chamados na China, ainda em nossos dias, “Dragões de Sabedoria” — foram os primeiros discípulos dos Dhyânis, seus Instrutores; numa palavra, foram os Adeptos Primitivos da Terceira Raça e, mais tarde, da Quarta e da Quinta. O nome tornou-se universal, e antes da era cristã nenhum homem de juízo não teria confundido o homem com o símbolo.

O símbolo de Chnouphis (ou Alma do Mundo) — escreve Champollion —

“é, entre outros, o de uma enorme serpente que se ergue sobre pernas humanas; esse réptil, emblema do Gênio Bom, é um verdadeiro Agathodæmon. Muitas vezes o representam com barba... Esse animal sagrado, idêntico à serpente dos ofitas, se acha gravado em inúmeras pedras gnósticas ou basilidianas... A serpente tem várias cabeças, mas traz sempre a inscrição das letras XNOMBS [Chnoubis].”⁴¹

Agathodæmon era dotado do “conhecimento do bem e do mal”, isto é, da Sabedoria Divina, pois sem esta o primeiro é impossível⁴². Repetindo o que dissera Jâmblico, Champollion nos mostra Agathodæmon como

“a divindade chamada *Ελετών* [ou o Fogo dos Deuses Celestiais: o Grande Thot-Hermes]⁴³, a quem Hermês Trismegisto atribui a invenção da magia.”⁴⁴

(40) *Op. cit.*, página 423.

(41) *Panthéon*, 3.

(42) O Chnoubis solar ou Agathodæmon é o Christos dos gnósticos, como sabem todos os versados na matéria. Está intimamente relacionado com os Sete Filhos de Sophia (Sabedoria), os Sete Filhos de Aditi, a Sabedoria Universal, sendo que o oitavo é Mârtanda, o Sol, e os Sete são os Sete Regentes ou Gênios Planetários. Daí por que Chnoubis era o Sol Espiritual da Iluminação, da Sabedoria, e o patrono de todos os Iniciados egípcios, como o foi mais tarde Bel-Merodach, ou Bel-Belitanus, entre os caldeus.

(43) Hermes, ou melhor, Thot, era um nome genérico, Abul-Feda, em sua *História Antiislâmica*, aponta cinco Hermes; e os nomes de Hermes, Nebo e Thot foram dados aos grandes Iniciados em diversos países. Assim, Nebo, filho de Merodach e Zarpanitu, e a quem Heródoto chama Zeus-Belos, deu nome a todos os grandes Profetas, Videntes e Iniciados. Todos eles eram “Serpentes de Sabedoria” — relacionando-se astronomicamente com o Sol e espiritualmente com a Sabedoria.

(44) *Panthéon*, texto 15.

A “invenção da magia”! Que expressão mais estranha! Como se a revelação dos verdadeiros e eternos mistérios da Natureza pudesse ser inventada! Seria o mesmo que atribuir ao Sr. Crookes, daqui a alguns milhares de anos, a *invenção* da matéria radiante, em vez de seu descobrimento.

Hermes não foi o inventor nem mesmo o descobridor da magia, pois, conforme esclarece a primeira nota ao pé da página, *Thot-Hermes* é um nome genérico, como o é Enoch — Enoichion, o “olho espiritual interno” — e também Nebo, o profeta e vidente, etc. Não é o nome próprio de um homem vivo, mas título genérico de numerosos Adeptos. Sua relação com a serpente nas várias alegorias simbólicas resulta de eles haverem sido iluminados pelos Deuses solares e planetários, durante a primeira Raça intelectual, a Terceira. Todos são os patronos que representam a sabedoria Secreta. Asclépio é filho do Deus-Sol Apolo, e é Mercúrio; Nebo é filho de Bel-Merodach; Manu Vaivasvata, o grande Rishi, é filho de Vivasvat, o Sol ou Sûrya, etc. E, ao passo que, astronomicamente, os Nâgas, juntamente com os Rishis, Gandharvas, Apsaras, Gramânis (ou Yakshas, deuses menores), Yâtudhanas e Devas, são os assistentes do Sol durante os doze meses solares, na Teogonia e na evolução antropológica são Deuses e homens, quando encarnados no mundo *inferior*. Por oportuno, lembramos ao leitor que Apolônio encontrou Nâgas budistas em Cachemira. Mas não se trata de serpentes zoológicamente, nem mesmo de Nâgas no sentido etnológico, e sim de “homens sábios”.

A *Bíblia*, desde o *Gênesis* ao *Apocalipse*, não é senão uma série de anais históricos da grande luta entre a Magia Branca e a Magia Negra, entre os adeptos da Senda da Direita (os Profetas) e os da Senda da Esquerda (os Levitas, o clero das massas brutais). Os próprios estudantes de Ocultismo, embora alguns deles possam basear-se em um maior número de manuscritos arcaicos, e em um ensinamento direto mais amplo, sentem dificuldade para traçar uma linha de demarcação entre os Filiados da Senda da Direita e os da Senda da Esquerda. O grande cisma que dividiu os filhos da Quarta Raça, quando os primeiros Templos e Câmaras de Iniciação foram construídos sob a direção dos “Filhos de Deus”, está representado na alegoria dos Filhos de Jacob. Prova de que havia duas escolas de magia, e de que os Levitas ortodoxos não pertenciam àquela considerada boa, são as palavras proferidas por Jacob ao morrer. E aqui convém ainda citar algumas passagens de *Ísis sem Véu*⁴⁵.

“Jacob, ao morrer, assim descreve seus filhos: ‘Dan’ — diz ele — ‘será uma serpente no caminho, uma víbora que morderá os calcanhares dos cavalos, fazendo cair os cavaleiros [isto é, ensinará Magia negra aos candidatos]. A tua salvação espero, ó Senhor!’ A respeito de Simeão e de Levi observa o patriarca: ‘São irmãos; em suas casas há instrumentos de crueldade. No seu segredo não entre minh’alma; em sua assembléia não participe.’”⁴⁶ Ora, no original, em vez das palavras ‘seu segredo’,

(45) Vol. I.

(46) *Gênesis*, XLIX, 17-18; 5-6.

consta: 'seu Sod' 47. Sod era o nome dado aos grandes mistérios de Baal, de Adônis e de Baco, que eram todos Deuses Solares e tinham por símbolo a serpente. Os cabalistas explicam a alegoria das serpentes de fogo dizendo que foi este o nome dado à tribo de Levi, numa palavra a todos os Levitas, e que Moisés era o chefe dos Sodales [Filiados]." 48

É nos Mistérios que se deve buscar o significado original dos "Mata-dores de Dragões", assunto que será examinado a fundo mais adiante.

Entretanto, é claro que Moisés, sendo o chefe, era o Hierofante dos Mistérios; e, por outra parte, que, se ao mesmo tempo vemos os Profetas condenarem as "abominações" do povo de Israel, é porque existiam duas Escolas. A expressão "Serpentes de Fogo" era, portanto, o epíteto aplicado aos Levitas da casta sacerdotal, depois que se afastaram da Boa Lei e dos ensinamentos tradicionais de Moisés, bem como a todos os que se dedicavam à Magia Negra. Isafas, ao falar dos "filhos rebeldes" que teriam de transportar suas riquezas para as terras de onde vinham "a víbora e serpente de fogo voadora" 49, ou seja, para a Caldéia e o Egito, cujos Iniciados já haviam degenerado muito em sua época (700 antes de Cristo), aludia aos feiticeiros daqueles países 50. Mas convém muito cuidado para os não confundir com os "Dragões Ardentes de Sabedoria" e com os "Filhos da Névoa de Fogo".

Está dito no *Grande Livro dos Mistérios* que:

Sete Senhores criaram Sete Homens: três Senhores [Dhyân Chobans ou Pitris] eram santos e bons; quatro eram menos celestes, e cheios de paixões... Os Chbâyâs [fantasmas] dos Pais foram como eles.

Assim se explicam as diferenças observadas na natureza humana, que se acha dividida em sete graduações do bem e do mal. Havia sete tabernáculos prontos para serem habitados por Mônadas, em sete diferentes condições cármicas. Os Comentários esclarecem deste modo a rápida difusão do mal tão logo as formas humanas se converteram em verdadeiros homens. Contudo, parece que alguns filósofos antigos ignoravam que eram sete, e apenas mencionam quatro em suas descrições genésicas. O *Gênesis* dos antigos mexicanos só alude a "quatro homens bons", descritos como os quatro antepassados reais da raça humana, que "não foram

(47) Dunlap, em sua introdução a *Sod, the Mysterium of Adoni* (XI), traduziu "Sod" por *arcano*, mistério religioso, baseando-se na autoridade do *Pentaglott* de Schindler (1201). "O segredo do Senhor pertence àqueles que o temem", diz o *Salmo* XXV, 14. Há um erro na tradução dos cristãos; devia ser: "Os Mistérios de Iohh (Sod Ioh) são para os que o temem." "Al (El) é terrível no grande Sod dos Kedeshim (Sacerdotes, Santos, Iniciados)" (*Salmo* LXXXIX, 7 (*ibid.*)). Os Kedeshim estavam longe de ser santos. Veja-se a Seção III, vol. IV, parte II, sobre o "Santo dos Santos".

(48) Os membros dos Colégios de Sacerdotes se chamavam Sodales — diz o *Latin Lexicon* (IV, 448) de Freund. "Foram constituídos Sodalícios nos Mistérios Ideanos da Mãe Poderosa" — escreve Cícero em *De Senectute* (Dunlap, *ibid.*, pág. XII).

(49) XXX, 6.

(50) Os sacerdotes de Baal, que passavam sobre o fogo; tratava-se, porém, de um nome hebreu, um nome local. Saraph quer dizer: "veneno de fogo ou de chamas".

gerados pelos Deuses, nem nascidos de mulher”, mas cuja criação foi uma maravilha realizada pelas Potências Criadoras, mas somente depois que “*falharam três tentativas para construir homens*”. Em sua teologia, os egípcios não contavam senão “quatro filhos de Deus” — ao passo que no *Pimandro* se mencionam sete — evitando assim toda referência à natureza má do homem. Apesar disso, quando Set desceu da categoria de Deus à de Set-Tífon, começaram a chamá-lo “o sétimo filho”; o que deu origem à crença de que o “sétimo filho do sétimo filho” é sempre um mago de nascença — se bem que, a princípio, queriam significar apenas um *feiticeiro*. APAP, a serpente que simboliza o mal, é morta por Aker, a serpente de Set⁵¹; portanto, Set-Tífon não podia ser aquele mal. No *Livro dos Mortos* se recomenda que o capítulo CLXIII seja lido “em presença de uma serpente de duas pernas”, isto é, na de um alto Iniciado, um Hierofante, como o denotam o disco e os chifres de carneiro⁵² que lhe adornam a cabeça de “serpente”, nos hieróglifos que encabeçam o mesmo capítulo. Acima da serpente estão representados os dois olhos místicos de Amon⁵³, o oculto “Deus do Mistério”. As anteriores passagens corroboram a nossa afirmativa e mostram o que a palavra “serpente” realmente significava na antiguidade.

No tocante aos Nagales e Nargales, de onde vem a semelhança de nomes entre os Nâgas indianos e os Nagales mexicanos?

“O Nargal era o chefe caldeu e assírio dos Magos [Rab-Mag], e o Nagal era o feiticeiro-chefe dos índios do México. Ambos os nomes derivam de Nergal-Serezer, o Deus assírio e dos Nâgas hindus. Ambos têm as mesmas faculdades e o mesmo poder de servir-se da ajuda de um Demônio, com o qual se identificam perfeitamente. O Nargal assírio e caldeu guardava seu Demônio no interior de um templo, sob a forma de um animal; o Nagal indiano guarda o seu onde pode — em um lago próximo, em um bosque ou na casa, sob a forma de um animal doméstico.”⁵⁴

Tal semelhança não pode ser atribuída a mera *coincidência*. Descubra-se um mundo novo, e verificamos que já era velho para os nossos antepassados da Quarta Raça. E vemos que de Arjuna, o companheiro e chela de Krishna, se conta que desceu a Pâtala — os “antípodas” — e aí desposou Ulûpi⁵⁵, uma Nâga, ou melhor, uma Nâgi, filha do rei dos Nâgas, Kauravya⁵⁶.

(51) *Livro dos Mortos*, cap. XXXIX.

(52) Os mesmos chifres de carneiro se encontram nas cabeças de Moisés vistas pela autora em medalhas antigas da Palestina, uma das quais está ainda em seu poder. Os chifres que fazem parte da refulgente auréola que orna a estátua de Moisés em Roma, esculpida por Miguel Ângelo, são verticais, não infletindo para as orelhas; mas o emblema é o mesmo; e daí a Serpente de Bronze.

(53) Veja-se o *Magic Papyrus*, num. V, de Harris, e o Amon com cabeça de carneiro, fabricando homens em um torno de oleiro.

(54) Brasseur de Bourbourg, México, páginas 135 e 574.

(55) Ulûpi é de cunho inteiramente atlante. Tal como Atlântida, não é um nome grego nem sânscrito, mas faz recordar um dos nomes mexicanos.

(56) *Mahâbhârata*, Adi Parva, slokas 7788-89. O *Bhagavata Purâna* (IX, XX, 31), segundo explica o comentador Shridhara, apresenta Ulûpi como filha do rei de

E agora é de esperar que esteja demonstrada a completa significação do emblema da serpente. Não é o emblema do mal, e muito menos o do Diabo; mas, em verdade, é o ΣΕΜΣΕ ΕΙΑΑΜ ΑΒΡΑΣΑΞ, "o Sol Eterno Abrasax", o Sol Central Espiritual de todos os cabalistas, representado em alguns diagramas pelo círculo de Tiphereth.

Neste ponto podemos citar ainda uma passagem de nosso primeiro livro e entrar em maiores explicações.

"Do seio desta região do Abismo insondável (Bythos, Aditi, Shekinah, o Véu do Incognoscível) surge um Círculo formado de espirais. É Tiphereth, que, na linguagem do simbolismo, quer dizer um grande Ciclo composto de ciclos menores. Enroscada no interior, e seguindo as espirais, vê-se uma Serpente — emblema da Sabedoria —, o Andrógino Dual; o Ciclo representa Ennoia ou a Mente Divina (um Poder que não cria, mas deve assimilar), e a Serpente representa o Agathodæmon, o Ophis, a Sombra de Luz (não eterna, e, contudo, a maior Luz Divina em nosso plano). Ambos eram os Logos dos Ofitas, ou a Unidade, como Logos, manifestando-se sob a forma de um duplo princípio do Bem e do Mal." 57

Se houvesse só a Luz, inativa e absoluta, a mente humana não poderia apreciá-la, nem perceber-lhe a existência. É a Sombra que permite à Luz manifestar-se, conferindo-lhe realidade objetiva. Consequentemente, a Sombra não é o mal, senão o necessário e indispensável corolário que completa a Luz, isto é, o Bem; a Sombra é sua *criadora* na Terra.

Segundo a doutrina dos gnósticos, são imutáveis esses dois princípios, Luz e Sombra; o Bem e o Mal são virtualmente um, existiram por toda a eternidade e continuarão sempre existindo, enquanto houver mundos manifestados.

"Este símbolo esclarece a razão do culto à Serpente (como o Salvador) enroscada em torno do pão sacramental ou do Tau (o emblema fálico). Quando unos, Ennoia e Ophis são o Logos. Quando separados, um é a Árvore da Vida Espiritual, o outro a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Compreende-se, pois, que Ophis, não obstante simbolizar a Sabedoria Divina, induzisse a primeira parrelha humana (criada materialmente por Ilda-Baoth e dotada do princípio espiritual por Achamoth) a comer o fruto proibido.

Mas tanto a Serpente como a Árvore da Ciência do Bem e do Mal e a Árvore da Vida são todos símbolos transplantados do solo da Índia, onde chamam Árvore da Ciência e da Vida ao Arasa-Maram 58, o *baniano*, que ali se tem por sagrado desde o momento em que Vishnu, numa de suas encarnações, repousou debaixo de sua imensa sombra e aí ensinou a filosofia e as ciências humanas. A sombra protetora desse rei das selvas, os Gurus dão aos discípulos as primeiras lições sobre a imortalidade e o iniciam nos mistérios da vida e da morte. Reza a tradição caldéia que os Javá-Aleim do Colégio Sacerdotal ensinavam aos filhos dos homens como se tornarem

Manipura (veja-se *Vishnu Purâna*, de Wilson, IV, 160); mas o falecido Pandit Dawanand Sarasvati, que era sem dúvida a maior autoridade na Índia em todas as questões relacionadas com o sânscrito e os *Purânas*, confirmou pessoalmente que Ulûpi era filha do rei dos Nâgas em Pâtâla, ou América, há 5.000 anos, e que os Nâgas eram Iniciados.

(57) *Isis sem Véu*, II, 293.

(58) [O nome tamil da figueira sagrada é *tra-maram*.]

semelhantes a eles. Ainda hoje Foh-Tchu⁵⁹, que vive em seu Foh-Maeyu, ou templo de Buda, situado no cume do Kuin-Long-Sang⁶⁰, a grande montanha, realiza os seus maiores prodígios debaixo de uma árvore chamada Sung-Ming-Shu (em chinês), ou Árvore da Ciência da Vida — pois a ignorância é a morte, e só o Conhecimento confere a imortalidade. Esse maravilhoso espetáculo ocorre em cada três anos, quando enorme multidão de budistas chineses se reúne em peregrinação naquele santo lugar.”⁶¹

Agora é fácil perceber por que os primeiros Iniciados e Adeptos, ou aqueles “Homens Sábios” que se diz terem sido iniciados nos mistérios da Natureza pela Mente Universal, representada pelos Anjos mais elevados, receberam as denominações de “Serpentes da Sabedoria” e “Dragões”; e também por que o primeiro casal fisiologicamente completo — após iniciar-se, comendo o fruto do Conhecimento, nos Mistérios da Criação Humana, por intermédio de Ofis, o Logos *Manifestado* e Andrógino — veio a ser gradualmente acusado, pelo espírito material da posteridade, de haver cometido um pecado, desobedecendo ao “Senhor Deus” e deixando-se tentar pela Serpente.

Os primeiros cristãos — que se apossaram da *Bíblia* dos judeus — tão mal compreenderam os primeiros capítulos do *Gênesis* e o seu sentido esotérico que nunca se deram conta de que essa desobediência não só não implicava nenhum pecado, como ainda a “Serpente” era o próprio “Senhor Deus”, o qual, como Ofis, o Logos ou portador da Divina Sabedoria criadora, ensinou a Humanidade a também ser, por sua vez, criadora⁶². Não atentaram em que a Cruz resultava de uma evolução da Árvore e da Serpente, convertendo-se na *salvação da Humanidade*. Tornou-se, por isso, o primeiro símbolo fundamental da Causa Criadora, aplicando-se à geometria, aos números, à astronomia, às medidas e à reprodução animal. Segundo a Cabala, a *maldição que caiu sobre o homem veio da formação da mulher*⁶³. O círculo separou-se do seu diâmetro.

(59) Foh-tchu significa literalmente, em chinês, Senhor de Buddha ou Instrutor das doutrinas de Buddha-Foh.

(60) Esta montanha fica ao sudoeste da China, quase entre a China e o Tibete.

(61) *Isis sem Véu*, II, 293-4.

(62) Tenha presente o leitor que no *Zohar*, como também nas obras cabalísticas, se declara que “Metatron se uniu a Shekinah”. Ora, Shekinah, como Véu (Graça) de Ain Suph, que representa o Logos, é essa mesma Árvore do Conhecimento; ao passo que Samael — o aspecto *sombrio* do Logos — ocupa somente a casca da Árvore, e possui apenas o conhecimento do *mal*. Como disse Lacour, que via no episódio da Queda (*Gênesis*, III) um incidente que fazia parte da iniciação egípcia: “A Árvore da Adivinhação, ou do Conhecimento do Bem e do Mal... é a ciência de Tzyphon, o Gênio da Dúvida (*tzy*, ensinar, e *phon*, dúvida). Tzyphon é um dos Aleim; vamos vê-lo mais tarde sob o nome de Nach, o tentador” (*Les CElohim*, vol. II, pág. 218). Os simbologistas o conhecem pelo nome de Jeová.

(63) Esta é a opinião adotada por todos os Padres da Igreja; mas não condiz com o genuíno Ensinamento Esotérico. A *maldição* não principiou com a formação nem do homem nem da mulher; pois a separação era uma resultante natural da evolução; o ponto de partida foi a *violação da lei*.

"Depois do princípio dual uno, isto é, da condição andrógina, deu-se a separação em dois princípios opostos: mas, desde então e sempre, o destino deles é buscar a reunião, a fim de restabelecer o estado original *uno*. Eis em que consistia a maldição: A Natureza, impelida a essa busca, evitava, porém, o resultado em mira, produzindo um novo ser que diversificava daquela reunião; e assim o desejo natural de recobrar o estado perdido era sempre frustrado, como ainda o é. E por este processo de suplício de Tântalo, de maldição contínua, vive a Natureza." ⁶⁴

A alegoria de Adão, abstração feita da Árvore da Vida, significa, no sentido esotérico, que a raça recém-separada profanou o mistério da Vida, nivelando-o à animalidade e à bestialidade; pois, como ensina o *Zohar*, *Matronethab* — simbolicamente Shekinah, a esposa de Metraton — "é o caminho que conduz à grande Árvore da Vida, a Árvore Poderosa", e Shekinah é a Graça Divina. E, conforme se esclarece, essa Árvore alcança o vale celeste e se acha oculta entre três montanhas (a Tríade Superior dos sete Princípios do homem). A partir dessas três montanhas, a Árvore se eleva mais alto (o conhecimento do Adepto que volta suas aspirações para o céu), e depois retorna para baixo (no Ego do Adepto sobre a Terra). A Árvore mostra-se durante o dia e esconde-se à noite, isto é, revela-se a mente iluminada e oculta-se a ignorância, que é a noite. ⁶⁵ Conforme diz o Comentário:

A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal se ergue das raízes da Árvore da Vida.

Mas também, segundo escreve o autor de *The Source of Measures*:

"Na Cabala se vê claramente que a 'Árvore da Vida' era a cruz ansata com o seu aspecto sexual, e que a 'Árvore do Conhecimento' era a separação e a subsequente volta à união para o cumprimento da condição fatal. Indicando em números: os valores das letras que compõem a palavra *Otz* (צץ), árvore, são 7 e 9; o sete é o número sagrado feminino, e o nove o número da energia fálica ou masculina. A cruz ansata é o símbolo do *macho-fêmea* egípcio. Osíris-Isis, o princípio germinal em todas as suas formas, baseado na manifestação primordial, e aplicável em todas as direções e em todos os sentidos."

Essa é a opinião cabalística dos ocultistas ocidentais, que difere das teorias mais filosóficas do Oriente ou dos arianos sobre o particular ⁶⁶. A separação dos sexos estava no programa da Natureza e da evolução natural, e a faculdade criadora do macho e da fêmea foi um dom da Sabedoria Divina. Toda a antiguidade, desde o filósofo patricio ao mais humilde plebeu de tendências espirituais, acreditava na verdade dessas tradições; e, à medida que prosseguirmos em nossas explicações, poderemos demons-

(64) Vive a natureza humana nem sequer a animal — mas a natureza perversa, sensual e viciosa, que é criação dos *homens*, e não da Natureza propriamente dita. (Veja-se, no volume IV, Parte II, a Seção VIII-a, sobre "A Cruz e o Círculo").

(65) Veja-se o *Zohar*, I, 172, a e b.

(66) Compare-se com a Seção XI do volume IV, Parte II, sobre "Os Mistérios da Hebdômada".

trar de modo satisfatório que a verdade *relativa* de tais lendas, se não a sua absoluta exatidão, começa a ser vislumbrada por mais de um homem de ciência moderno — exatidão essa já atestada por gigantes intelectuais do passado, como Sólon, Pitágoras, Platão e vários outros. E aquele homem de ciência vê-se hoje perplexo, surpreso e confuso pelas provas que diariamente se acumulam diante dele; sente que não há meio de resolver os inúmeros problemas históricos com os quais se defronta, a não ser que se disponha a aceitar as antigas tradições. Por isso, ao manifestar nossa crença total nas velhas tradições e nas lendas *universais*, não temos que nos confessar culpados ante o observador imparcial, já que outros autores, muito mais cultos, e dos que pertencem mesmo à escola científica moderna, crêem evidentemente em muitas coisas em comum com os ocultistas — como, por exemplo, nos “dragões”, e não apenas simbolicamente, mas na sua existência real em tempos idos.

“Trinta anos atrás, teria sido uma atitude sobremodo ousada alguém cogitar de apresentar ao público uma coleção de histórias geralmente tidas como fabulosas, reclamando para elas a consideração devida às verdades comprovadas, ou defender como fatos reais certos relatos considerados sempre como ficções; e muitas histórias que se contam em nossa infância com o rótulo de lendas, mais ou menos deformadas, nas quais se descrevem seres e acontecimentos reais. Nos dias atuais, atitude semelhante seria menos arriscada.”⁶⁷

Assim principia a introdução de uma obra recente (1886) e bem interessante do Sr. Charles Gould, sob o título de *Mythical Monsters*. Afirma ele corajosamente a sua crença na maior parte desses monstros, e expressa a opinião de que:

“Muitos dos chamados animais míticos que, através de longos séculos e em todas as nações, serviram de tema para ficções e fábulas, entram legitimamente no campo da História Natural simples e positiva, e podem ser considerados, não como o produto de uma imaginação exuberante, mas como criaturas que realmente existiram outrora e das quais, infelizmente, só chegaram até nós descrições imperfeitas e inexatas, provavelmente muito refrangidas pelas névoas do tempo...; tradições de seres que em outra era coexistiram com o homem, alguns deles tão estranhos e horrendos que parecem coisa de feitiçaria e de existência impossível à primeira vista...”

“Para mim, a maioria dessas criaturas não são quimeras, devendo ser objeto de um estudo racional. O dragão, longe de ser um monstro nascido da fantasia do ariano ante o espetáculo do raio penetrando a caverna em que habitava, como crêem alguns mitólogos, é um animal que viveu em outros tempos, que arrastava seus pesados anéis e que talvez voasse.

“Para mim, a existência específica do licorne não é incrível, e me parece mais provável do que a teoria que atribui sua origem a um mito lunar⁶⁸.

“Por minha parte, duvido que os mitos devam ser geralmente o produto da ‘contemplação das obras visíveis da natureza exterior’. Tenho como mais curial supor que a ação do tempo haja enfraquecido a expressão desses relatos, à proporção que eram repetidos, ao ponto de tornar quase irreconhecível seu aspecto original — de

(67) Gould, *Mystical Monsters*, página 1.

(68) *The Unicorn: a Mythological Investigation*, de Robert Brown Júnior, F. S. A., Londres, 1881 (citado em *Mythical Monsters*, de Gould).

preferência a crer que selvagens incultos fossem dotados de um poder de imaginação e criação poética muito superior ao dos povos civilizados de nossos dias; é menos difícil admitir todas essas maravilhosas histórias de deuses e semideuses, de gigantes e anões, de dragões e monstros de toda espécie, como *transformações*, do que acreditar que sejam *invenções*.”⁶⁹

Diz o mesmo geólogo que:

“Os paleontólogos foram seguindo sucessivamente os rastros da existência do homem, fazendo-a remontar a épocas diversas da antiguidade, em que a estimativa varia entre trinta mil anos e um milhão de anos, quando ele coexistia com animais cujas espécies se extinguíram há muito tempo.”⁷⁰

Esses animais “estranhos e horrendos” eram, para citar alguns: 1.º. O *Genus Cidastes*, cujos enormes ossos e vértebras mostram que alcançava cerca de duzentos pés de comprimento. O Professor Marsh viu, espalhados nas planícies das Terras Más do Colorado, restos desses monstros, nada menos que em número de dez. 2.º. O *Titanosaurus Montanus*, com cinquenta ou sessenta pés de comprimento. 3.º. O *Dinosaurus*, nas camadas jurássicas das Montanhas Rochosas, de proporções ainda mais gigantescas. 4.º. O *Atlantosaurus Immanis*, cujo fêmur mede seis pés e que teria mais de cem pés de comprimento⁷¹.

Mas, ainda assim, não se chegou ao limite, ouvindo-se falar do descobrimento de restos de tamanho descomunal, como um osso de coxa com mais de doze pés! Tivemos notícia do monstruoso *Sivatherium* dos Himalaias, o cervo de quatro chifres, que era tão grande quanto o elefante, e ainda maior em altura; do gigantesco *Megatherium*; de lagartos voadores enormes, os *Pterodáctilos*, com mandíbula de crocodilo em uma cabeça de pato; etc. *Todos esses animais coexistiam com o homem, e mui provavelmente atacavam o homem, como este a eles*. E querem que acreditemos que o homem não era, então, maior do que atualmente! Será concebível que, rodeado pela Natureza de criaturas assim tão monstruosas, pudesse o homem sobreviver, enquanto todos os seus inimigos desapareceram — a menos que também ele fosse um gigante colossal? Será crível que tivesse conseguido vencer, apenas com o seu machado de pedra, o *Sivatherium* ou o gigantesco sáurio voador? Tenhamos presente que, pelo menos um homem de ciência, De Quatrefages, não vê nenhuma boa razão científica que impedisse o homem de ser “contemporâneo dos primeiros mamíferos, e de remontar até o Período Secundário”⁷².

O Professor Jukes, que é conservador, escreve:

“Parece que os dragões voadores dos contos tiveram alguma existência real nas passadas eras do mundo.”⁷³

(69) *Mythical Monsters*, páginas 2-4.

(70) *Ibid.*, página 20.

(71) *Ibid.*, páginas 36-37.

(72) *L'Espèce Humaine*, De Quatrefages, página 152.

(73) *Manual of Geology*, página 301.

E, continuando, pergunta:

“Será que a história escrita do homem, que data de alguns milhares de anos, abrange todo o curso de sua existência inteligente? Ou será que temos, nas longas idades míticas, que se estendem por centenas de milhares de anos e estão registradas nas cronologias da Caldéia e da China, vagas recordações do homem pré-histórico, legadas pela tradição e talvez transportadas aos países atuais por uns raros sobreviventes, provindos de outras terras que submergiram ou que foram o teatro de uma grande catástrofe, a qual as destruiu com toda a sua civilização?”⁷⁴

Os poucos animais gigantescos que restam, como o elefante — menor ainda que o seu antecessor, o mastodonte — e o hipopótamo, são as únicas relíquias do passado que sobrevivem, e tendem dia a dia a desaparecer por completo. Mas até esses já tiveram alguns precursores de suas espécies futuras, e cujo tamanho descreveu na mesma proporção que o do homem. Pois, segundo E. Falconeri, os restos de um elefante pigmeu foram encontrados nas grutas de Malta, afirmando o autor que se achavam em companhia dos restos de um hipopótamo igualmente pigmeu, e que o primeiro não tinha mais que dois e meio pés de altura. Também há “o hipopótamo (*Chæropsis*) *Liberiensis*, ainda existente, que o Sr. Milne-Edwards apresenta como de pouco mais de dois pés de altura”⁷⁵.

Podem os cétricos sorrir à vontade e denunciar a nossa obra como repleta de absurdos e contos de fadas; assim procedendo, porém, não fazem senão justificar aquele sábio conceito do filósofo chinês Chuang, de que

“as coisas que o homem efetivamente conhece não podem, de modo algum, comparar-se em número com as que ignora”⁷⁶.

Estarão, portanto, rindo de sua própria ignorância.

OS “FILHOS DE DEUS” E A “ILHA SAGRADA”

A “lenda” a que nos referimos em *Isis sem Véu*⁷⁷, sobre uma parte do Globo que a Ciência agora admite tenha sido o berço da humanidade — mas que na realidade foi apenas um dos sete berços —, reza o seguinte:

“Diz a tradição, e explicam os anais do *Grande Livro* (o *Livro de Dzian*), que, muito antes do tempo de Ad-am e de sua curiosa esposa He-va, onde hoje só há lagos salgados e desertos estéreis e desolados, existia um imenso mar interior que se estendia sobre a Ásia Central, ao norte da altaneira cadeia dos Himalaias e de seu prolongamento ocidental. E, no centro desse mar, uma ilha que, por sua beleza incomparável, não tinha rival no mundo, e era habitada pelos últimos remanescentes da Raça que precedeu a nossa.”

(74) *Ibid.*, página 17.

(75) Gould, *Mythical Monsters*, página 16. Veja-se também *Recherches, etc., des Mammifères*, lâmina I, Paris, 1868 a 1874.

(76) Prefácio do *Shan Hai King* ou “Maravilhas do Mar e da Terra”: (Veja-se Gould, *op. cit.*, página 384.)

(77) Vol. I, páginas 589 e seguintes.

Os “últimos remanescentes” eram os “Filhos da Vontade e do Ioga” que, juntamente com umas poucas tribos, sobreviveram ao grande cataclismo. Porque a Terceira Raça, que habitava o grande Continente Lemuriano, foi a que precedeu as verdadeiras Raças humanas — a Quarta e a Quinta. Daí o termos dito em *Isis sem Vêu* que:

“Essa raça podia viver com igual facilidade na água, no ar e no fogo, porque tinha domínio ilimitado sobre os elementos. Eram os “Filhos de Deus”; não os que viram as filhas dos homens, mas os verdadeiros Elohim, embora sob nome diferente na Cabala oriental. Foram eles que comunicaram aos homens os segredos mais importantes da Natureza, e lhes revelaram a ‘palavra’ inefável, agora perdida.”

A “ilha”, segundo a crença, existe ainda hoje, como um oásis rodeado pela terrível solidão do grande Deserto de Gobi, cujas areias “não há memória humana de que tenham sido alguma vez pisadas”.

“Essa palavra, que não é palavra, fez a volta do mundo, e permanecendo como um eco longínquo e evanescente, no coração de alguns homens privilegiados. Os hierofantes de todos os Colégios sacerdotais sabiam da existência da ilha, mas a ‘palavra’ só era conhecida pelo *Java-Aleim* (Mahâ-Chohan em outra língua), isto é, o Senhor supremo de cada Colégio, e não era transmitida ao seu sucessor senão no momento de sua morte. Havia muitos desses Colégios, e a eles se referem os antigos escritores clássicos.

Não existia nenhuma comunicação por mar com a formosa ilha, mas passagens subterrâneas, somente conhecidas pelos chefes, iam ter a ela em todas as direções.”⁷⁸

Conta a tradição — e a Arqueologia aceita a veracidade da lenda — que atualmente há mais de uma cidade florescente, na Índia, construída sobre várias outras, constituindo assim uma verdadeira cidade subterrânea com seis ou sete pisos. Delhi é uma delas, Allahabad é outra. Vêm-se exemplos semelhantes na Europa, como Florença, que está edificada sobre diversas cidades mortas, etruscas e outras. Destarte, por que razão Ellora, Elefanta, Karli e Ajunta não podiam ter sido construídas por cima de labirintos e passagens subterrâneas, como se afirma? Claro que não nos referimos às grutas que todos os europeus conhecem *de visu* ou por ouvir dizer, apesar de sua grande antiguidade, que a Arqueologia moderna também confessa; mas ao fato, conhecido pelos brâmanes iniciados da Índia e especialmente pelos Iogues, de não existir no país um só templo-gruta que não tenha corredores subterrâneos, dispostos em todas as direções, e de pos-

(78) *Ibid.*, II, página 590. Há arqueólogos, como o Sr. James Fergusson, que negam antiguidade a todos os monumentos da Índia, sem exceção. Em sua obra *Illustrations of the Rock-Cut Temples of India* chega a manifestar a opinião por demais surpreendente de que “o Egito havia deixado de ser uma nação antes que fosse escavado o mais antigo dos templos-cavernas da Índia”. Em suma, não admite a existência de nenhum templo-caverna antes do reinado de Ashoka, e parece que a maior parte desses templos cavados na rocha foram feitos durante um período que se estende desde o tempo daquele piedoso rei budista até a destruição da dinastia Andhra de Magadha, no começo do século V. Temos que semelhante pretensão é de todo em todo arbitrária. Descobertas posteriores virão demonstrar que é errônea e injustificada.

suírem tais grutas e corredores subterrâneos inumeráveis, por sua vez, os seus subterrâneos e corredores.

“Quem pode garantir que a desaparecida Atlântida..., também mencionada no *Livro Secreto*, mas ainda com outro nome, peculiar à linguagem sagrada, não existia igualmente naquela época?”

— seguíamos perguntando⁷⁹. *Existia*, com toda a certeza, pois estava alcançando os seus dias de maior esplendor e civilização quando o último dos continentes lemurianos submergiu.

“O grande continente perdido talvez estivesse situado ao sul da Ásia, estendendo-se da Índia à Tasmânia⁸⁰. Se a hipótese — apesar de posta em dúvida por alguns sábios autores, e negada peremptoriamente por outros, que a consideram uma extravagância de Platão — vier algum dia a confirmar-se, então pode ser que os homens de ciência se convençam de que a descrição de um continente habitado pelos “Filhos de Deus” não era de todo uma fábula⁸¹. Compreenderão que as alusões veladas de Platão e a imputação da narrativa a Solon e aos sacerdotes do Egito não foram senão um meio prudente de transmitir o fato ao conhecimento do mundo, ao mesmo tempo que, combinando habilmente a verdade com a ficção, afastava de si a responsabilidade direta de um relato que as obrigações assumidas no ato da iniciação lhe proibiam divulgar.

Mas, prosseguindo com a tradição, devemos acrescentar que os hierofantes se classificavam em duas categorias distintas⁸²: a dos que eram instruídos diretamente pelos Filhos de Deus, habitantes da ilha, e iniciados na divina doutrina da revelação pura, e a dos que residiam na desaparecida Atlântida — admitindo que fosse este o seu nome — e que, pertencendo a outra raça (produzida *sexualmente*, mas de pais *divinos*), nasceram dotados da faculdade de ver as coisas ocultas, também não existindo para eles nem a distância nem os obstáculos materiais. Os homens desta última categoria eram, em suma, da Quarta Raça humana a que alude o *Popol Vuh*; tinham uma visão ilimitada e o conhecimento imediato de todas as coisas.”

Por outras palavras, foram os lêmuro-atlantes os primeiros que tiveram uma dinastia de Reis-Espíritos, não de Manes ou “Fantasmas” como alguns supõem⁸³, mas de Devas reais viventes, ou Semideuses e Anjos, que haviam assumido corpos para governar a Raça, a qual foi por eles instruída nas artes e nas ciências. Mas, como esses Dhyânis eram Rûpas ou Espíritos materiais, não foram sempre bons. Seu rei Thevetat estava entre os que não o eram; e foi sob a influência deste Rei-demônio que a Raça Atlante se converteu em um povo de “magos” perversos.

“Em razão disso, irrompeu uma guerra, cujo relato seria demasiado longo, podendo ver-se o essencial nas alegorias desfiguradas dos gigantes da raça de Caim, e na de Noé e sua virtuosa família. O conflito findou com a submersão da Atlântida, de

(79) *Ibid.*, página 591.

(80) *Ibid.* A América, quando do descobrimento, era chamada *Atlanta* por algumas tribos indígenas.

(81) Desde então apareceu o *Atlantis* de Donnelly; e a existência real desse continente não tardará em converter-se num fato científico.

(82) E assim acontece até hoje; os teósofos e os ocultistas, que à sua própria custa aprenderam a conhecer algo do poder oculto, mas inegável, dos Dugpas, sabem disso perfeitamente.

(83) Veja-se *Des Esprits*, de De Mirville, III, páginas 57 e seguintes.

que são reminiscências as lendas dos dilúvios babilônico e mosaico. 'Morreu tudo o que tinha carne... e todos os homens...', 'os gigantes e os magos'; todos, exceto Xisuthros e Noé, os quais, substancialmente, são equivalentes ao Pai dos Thlinkothianos⁸⁴, que se diz haver também escapado em uma grande barca, como o Noé hindu, Vaivasvata.

Se devemos crer na tradição, temos que admitir a continuação da história, ou seja, que da união entre os descendentes dos hierofantes e os do Noé atlante nasceu uma raça mista de homens bons e maus. De um lado, teve o mundo os seus Enochs, Moisés, vários Buddhas, 'salvadores' hierofantes insígnies; e, de outro lado, os seus 'nigromantes natos', que, por falta da autoridade pela iluminação espiritual..., perverteram os seus dons, aplicando-os a fins maléficos."

Como complemento do que antecede, podemos invocar o testemunho de alguns anais e tradições. Em *L'Histoire des Vierges; les Peuples et les Continents disparus*, diz Louis Jacolliot:

"Uma das lendas mais antigas da Índia, conservada nos templos por tradição oral e escrita, reza que, há várias centenas de mil anos, havia no Oceano Pacífico um imenso continente, que foi destruído por convulsões geológicas e cujos fragmentos podem ver-se em Madagascar, Ceilão, Sumatra, Java, Bornéu e ilhas principais da Polinésia.

"As altas mesetas do Industão, segundo essa hipótese, não estariam representadas senão pelas grandes ilhas contíguas ao continente central... Segundo os brâmanes, essa região havia alcançado um alto grau de civilização, e a península do Industão, acrescida pelo deslocamento das águas na ocasião do grande cataclismo, não fez mais que continuar a cadeia das primitivas tradições originadas no mesmo continente. Essas tradições dão o nome de Rutas aos povos que habitavam o imenso continente equinocial; e de sua linguagem é que *derivou o sânscrito*. A tradição indo-helênica, preservada pelos mais inteligentes dentre a população que emigrou das planícies da Índia, refere também a existência de um continente e de um povo, a que dá os nomes de Atlântida e Atlantes, e que situa na parte do Oceano Atlântico que fica ao norte dos Trópicos.

"Independente desse fato, a existência de um antigo continente naquelas latitudes, e cujos vestígios podem encontrar-se nas ilhas vulcânicas e na superfície montanhosa dos Açores, das Canárias e das ilhas do Cabo Verde, não deixa de estar apoiada por probabilidades geográficas. Os gregos, que aliás não ousaram jamais transpor as Colunas de Hércules, pelo pavor que lhes infundia o misterioso oceano, surgiram demasiado tarde na antiguidade para que as histórias conservadas por Platão possam ser mais que um eco da lenda indiana. Demais, quando concentramos atenção num planisfério, a vista das ilhas e ilhotas espalhadas desde o arquipélago Malaio à Polinésia, desde o Estreito de Sonda à Ilha da Páscoa, mostra ser impossível — admitindo a hipótese de que houve continentes que precederam aos que habitamos — deixar de situar ali o mais importante de todos.

"Uma crença religiosa, comum à Malaca e à Polinésia, ou seja, dos dois pontos extremos do mundo da Oceania, afirma 'que todas essas ilhas formaram em outros tempos dois países imensos, habitados por homens amarelos e negros, que estavam sempre em guerra; e que os Deuses, cansados de suas queixas encarregaram o Oceano que os pacificasse, e este trouxe os dois continentes, não sendo possível, desde então, fazer com que ele devolva os dois cativos. Só os picos das montanhas e as mesetas mais elevadas escaparam à inundaçã, graças à intervenção dos Deuses, que perceberam tarde demais o erro que haviam cometido.

"Haja o que houver nessas tradições, e seja qual for o sítio em que se desenvolveu uma civilização mais antiga que as de Roma, da Grécia, do Egito e da Índia, o certo

(84) Veja-se *Chips*, I, 339, *Popol Vuh*, de Max Müller. Compare-se também com *Ethnographisch Skizzen über die Völker des Russischen Amerika*, de Holmberg; Helsingfors, 1855.

é que tal civilização existiu, sendo da maior importância, para a ciência, descobrir-lhe os vestígios, por mais débeis e fugidios que se mostrem.”⁸⁵

Esta tradição da Oceania corrobora a lenda recolhida dos “Anais da Doutrina Secreta”. A guerra a que se alude, entre os homens amarelos e os negros, é a luta entre os “Filhos de Deus” e os “Filhos dos Gigantes” ou habitantes e magos da Atlântida.

A conclusão do autor, que visitou pessoalmente todas as ilhas da Polinésia, e que dedicou vários anos ao estudo da religião, língua e tradições de quase todos os povos dessas ilhas, é a seguinte:

“No que respeita ao continente polinésio, que desapareceu na época dos últimos cataclismos geológicos, sua existência se funda em provas tais que, dentro da lógica, não podem ser postas em dúvida.

“Os três pontos mais altos desse continente, as ilhas Sandwich, a Nova Zelândia e a ilha da Páscoa, estão separados entre si por uma distância de mil e quinhentas a mil e oitocentas léguas, e os grupos de ilhas intermédias, Viti (Fidji), Samoa, Tonga, Funtuna (Futua?), Ouvea (Oueha?), as Marquesas, Taiti, Pumuta (Pumatu?), as ilhas Gambier, distam daqueles pontos extremos de setecentas ou oitocentas a mil léguas.

“Todos os navegantes são unânimes em dizer que os grupos extremos e os grupos centrais não podiam comunicar-se entre si em virtude de sua posição geográfica e dos insuficientes meios de que dispunham. É fisicamente impossível transpor semelhantes distâncias em uma piroga..., sem uma bússola, e viajar durante meses sem provisões.

“Por outra parte, os aborígenes das ilhas Sandwich, de Viti, da Nova Zelândia, dos grupos centrais, de Samoa, de Taiti, etc., *jamaiz se haviam conhecido, e nunca tinham ouvido falar uns dos outros*, antes de chegarem os europeus. E, *no entanto, cada um desses povos afirmava que a sua ilha outrora fazia parte de uma imensa superfície de terras que se estendia para o ocidente em direção à Ásia*. E, ao serem confrontados os indivíduos de todos esses povos, viu-se que falavam a mesma língua, tinham os mesmos usos e costumes, e adotavam a mesma crença religiosa. E à pergunta: ‘Onde está o berço de vossa raça?’ limitavam-se, em resposta, a *estender a mão na direção do Sol poente*.”⁸⁶

Geograficamente, tal descrição é algo discordante dos fatos expostos nos Anais Secretos; mas demonstra a existência daquelas tradições, e é isto o que importa. Porque, assim como não há fumo sem fogo, assim também uma tradição deve ter por base alguma verdade aproximada.

Em tempo oportuno mostraremos que a ciência moderna confirma plenamente o que está dito acima, bem como outras tradições da Doutrina Secreta, relativamente aos dois continentes perdidos. As relíquias da ilha da Páscoa, por exemplo, são as mais assombrosas e eloquentes memórias dos gigantes primitivos. São elas tão imponentes quanto misteriosas; e basta examinar as cabeças das colossais estátuas, que ainda permanecem intactas, para que se reconheçam, ao primeiro relance, as características e o aspecto atribuídos aos gigantes da Quarta Raça. Parecem todas feitas

(85) *Op. cit.*, páginas 13-15; cit. em *Ísis sem Véu*, vol. I, páginas 549-5, nota.

(86) *Ibid.*, página 308.

segundo o mesmo molde, posto que diferentes as fisionomias — e dão a impressão de um tipo claramente sensual, como o dos Atlantes (os Daityas e “Atlantianos”) nos livros esotéricos dos hindus. Comparem-se estas com as caras de outras estátuas colossais da Ásia Central; por exemplo, as que existem perto de Bamian, as *estátuas-retratos* de Buddhas de Manvantaras anteriores, segundo diz a tradição; daqueles Buddhas e heróis que se mencionam nas obras budistas e hindus como homens de tamanho fabuloso⁸⁷, irmãos bons e santos de irmãos uterinos perversos, exatamente como Râvâna, o rei gigante de Lanka, era irmão de Kumbhakarna: todos descendentes dos Deuses, pelos Rishis, e assim como “Titã e sua enorme pro gênie”, todos “primogênitos do Céu”. Esses “Buddhas”, ainda que deformados pela representação simbólica de grandes orelhas pendentes, apresentam uma diferença significativa na expressão de seus rostos, que se percebe ao primeiro olhar, em relação às estátuas da ilha da Páscoa. Pode ser que pertençam à mesma raça, mas os primeiros são “Filhos dos Deuses”, e os segundos a pro gênie de poderosos feiticeiros. São, porém, reencarnações e, à parte inevitáveis exageros da fantasia e da tradição populares, *personagens históricas*⁸⁸. Quando viveram? Há quanto tempo existiram as duas Raças, a Terceira e a Quarta, e que tempo decorreu antes que as diversas tribos da Quinta Raça iniciassem suas lutas — as guerras entre o Bem e o Mal? Os orientalistas afirmam que a cronologia se encontra confusa, inextricável e absurdamente exagerada nos *Purânas* e nas demais escrituras hindus.

Admitiremos que tenha fundamento a asserção. Entretanto, se os escritores ários consentiram algumas vezes que o seu pêndulo cronológico oscilasse demasiado longe em um sentido, e além da fronteira legítima dos fatos, não é menos certo que, comparada a amplitude dessa oscilação com aquela em sentido inverso dos orientalistas, vemos que a moderação se encontra do lado bramânico. De modo geral, havemos de reconhecer que o Pandit é mais veraz, está mais próximo da verdade dos fatos, que o sanscritista. Quando o sanscritista mutila — ainda que se prove ser um recurso visando acomodar os fatos a um ponto de vista pessoal — tal atitude é considerada pela opinião pública ocidental como “uma cautelosa admissão dos fatos”, ao passo que o Pandit é tratado brutalmente, em letras de forma, como *embusteiro*.

Mas não é isso razão para que todo o mundo seja obrigado a ver as coisas pelo mesmo prisma. Um observador imparcial pode julgá-las de maneira diferente. Pode inclusive denunciar um e outro como historia-

(87) Na Índia do Sul, perto de um estabelecimento jainista, encontra-se uma imitação das estátuas de Bamian — também um Buddha de 200 pés de altura, que parece ser o único que subsistiu até hoje.

(88) O próprio Wilson admite que Râvana e Râma foram personagens com fundamento histórico. “As tradições da Índia Meridional atribuem uniformemente sua civilização... e sua colonização por hindus civilizados (Quinta Raça) à conquista de Lanka por parte de Râma (*Vishnu Purâna*, Wilson, III, 318) — ou seja, à vitória dos “filhos dos Deuses” sobre os feiticeiros atlantes; assim diz a verdadeira tradição.

dores sem muito escrúpulo, ou justificar a ambos, cada qual no seu terreno, dizendo: os arianos hindus escreveram não para as massas e sim para os seus Iniciados, que sabiam ler nas entrelinhas. Se misturaram acontecimentos e confundiram épocas *intencionalmente*, não o fizeram com o propósito de enganar a quem quer que fosse, mas para resguardar os seus conhecimentos da vista indiscreta do estrangeiro.

Para todo aquele que se acha em condições de contar as *gerações* desde os Manus e a *série de encarnações* especificadas nos casos de alguns heróis⁸⁹, nos *Purânas*, o sentido e a ordem cronológica aparecem bastante claros. E, quanto ao orientalista ocidental, deve ser desculpado em razão de sua visível ignorância dos métodos usados pelo Esoterismo arcaico.

Mas bem cedo tais preconceitos terão que desaparecer, ante a luz de novas descobertas. As teorias prediletas do Dr. Weber e do Professor Max Müller — de que a escrita era desconhecida na Índia, até mesmo nos tempos de Pânini (!), e de que os hindus haviam recebido dos gregos macedônios todas as suas artes e ciências, inclusive o zodíaco e a arquitetura (Fergusson) — todas essas ridículas e insensatas hipóteses, e outras do mesmo estilo, estão já ameaçadas de morte. O fantasma da velha Caldéia vem em socorro da verdade. O Professor Sayce, de Oxford, em sua terceira conferência de Hibbert (1887), ocupando-se dos cilindros assírios e babilônicos recentemente descobertos, discorre longamente sobre Ea, o Deus de Sabedoria, hoje identificado com o Oannes de Berose, semi-homem, semipeixe, que ensinou cultura e a *arte de escrever* aos babilônios. Veja-se, no resumo seguinte, como se manifesta o Professor a respeito de Ea, a quem, por causa do dilúvio bíblico, até então se atribuía uma antiguidade de apenas 5.000 anos antes de Cristo:

"A cidade habitada por Ea foi Eridu, que há 6.000 anos se erguia nas margens do Golfo Pérsico. O nome significa 'a boa cidade', um lugar particularmente santo, porque foi o centro de onde partiu a primeira civilização caldéia a caminho do norte. Sendo o Deus da cultura representado como vindo do mar, é possível que a cultura de Eridu fosse de importação estrangeira. Sabemos atualmente que, em época muito remota, existiram relações entre a Caldéia e a península de Sinai, e assim também a Índia. As estátuas descobertas pelos franceses em Tel-loh, e que datam de, pelo menos, 4.000 anos antes de Cristo, foram esculpidas na pedra extremamente dura conhecida como diorito, e as inscrições nelas gravadas evidenciam que o diorito foi trazido de Magan, isto é, da península de Sinai, então governada pelos Faraós. É notório que o estilo geral das estátuas lembra o da estátua de diorito de Kephren, o construtor da segunda pirâmide, enquanto que uma das figuras que Tel-loh tem sobre os joelhos é a mesma empregada pelos construtores das pirâmides. Foi encontrada madeira de teca em Mugheir (ou o Ur dos caldeus), embora seja essa madeira um produto especial

(89) Temos como exemplo o caso de um herói nascido primeiramente como o "injusto mas valente monarca" (Purusha) dos Daityas, Hiranyakashipu, morto pelo avatar Nara-sinha (Homem-leão). Depois, nasce como Ravana, o rei gigante de Lanka, morto pelo avatar Râma; e volta em seguida a nascer como Shishupâla, filho de Rajarishi (Rei Rishi), Damagoshu, sendo morto por Krishna, última encarnação de Vishnu. A evolução de Vishnu (Espírito) paralela à de um Daitya, como homem, pode parecer absurda, mas nos dá a chave não só das épocas respectivas de Râma e Krishna, como também de certos mistérios psicológicos.

da Índia; acrescenta-se a isso que uma antiga lista de roupas babilônicas menciona *sindhu*, ou 'musselina', descrita como 'um tecido vegetal'.⁹⁰

A musselina (hoje mais conhecida por musselina de Dacca), considerada na Caldéia como de procedência hindu (Sindhu), e a madeira de teca eram usadas 4.000 anos antes de Cristo; e, no entanto, se levarmos a sério o que dizem os orientistas, os hindus, a quem a Caldéia deve sua civilização (conforme ficou plenamente demonstrado pelo Coronel Vans Kennedy), ignoravam a *arte de escrever*, até que os gregos lhes ensinassem o seu alfabeto!

(90) Compare-se com *Hibbert Lectures*, 1877, Saycè, páginas 134-138.

ESTÂNCIA X

A HISTÓRIA DA QUARTA RAÇA

38. O nascimento da Quarta Raça (Atlante). 39. As sub-raças da Quarta Humanidade começam a dividir-se e a mesclar-se entre si; formam as primeiras raças mistas de várias cores. 40. Superioridade dos Atlantes sobre as outras Raças. 41. Eles caem no pecado e engendram filhos e monstros. 42. Os primeiros germes do Antropomorfismo e da religião sexual. Perdem o "terceiro olho".

38. Assim, de dois a dois, nas Sete Zonas, a Terceira Raça deu nascimento à Quarta; os Suras passaram a A-suras ¹.

39. A Primeira ², em todas as Zonas, era da cor da Lua ³; a Segunda, amarela como o ouro; a Terceira, vermelha; A Quarta, de cor morena, tornando-se negra pelo pecado ⁴. Os sete primeiros ramos humanos eram todos da mesma cor ⁵. Os sete seguintes ⁶ começaram a mesclar-se ⁷.

(1) Os Deuses passaram a Não-deuses.

(2) Raça.

(3) Amarelo-claro.

(4) Estritamente falando, não é senão a partir das raças atlantes gigantescas que se pode fazer referência ao *homem*, pois só a Quarta Raça foi a primeira *espécie humana completa*, sem embargo de possuir uma estatura muito maior que a nossa de hoje. Em *Man: Fragments of Forgotten History* (por dois Chelas) tudo o que se diz dos atlantes é inteiramente exato. Esta Raça, que se tornou "negra pelo pecado", foi a causa principal do descrédito que recaiu sobre os nomes divinos dos Asuras, Râkshasas e Daityas, transmitindo-os à posteridade como nomes de demônios. Porque, como dissemos, havendo os Suras, Deuses ou Devas, encarnado nos homens sábios da Atlântida, os nomes de A-Suras e Râkshasas foram dados aos atlantes comuns. Os incessantes conflitos destes com os últimos remanescente da Terceira Raça e com os "Filhos da Vontade e do Ioga" fizeram com que os seus nomes dessem origem às alegorias posteriores de que falam os *Purânas*. "Asura era o nome genérico de todos os Atlantes inimigos dos heróis espirituais dos Arianos (os Deuses)." (*Man*, página 77).

(5) No princípio.

(6) As sub-raças.

(7) A mesclar suas cores.

Para compreender-se o sloka 38, é necessário que seja lido em conjunto com os slokas da Estância IX.

Até este ponto da evolução, o homem pertence mais à Natureza metafísica que à Natureza física. Só depois da chamada QUEDA é que as Raças entraram a desenvolver rapidamente a forma puramente humana. A fim de que o estudante possa entender corretamente a completa significação da “Queda”, cujo sentido real é tão místico e transcendente, cumpre dar-lhe a conhecer os antecedentes, com todos os pormenores sucessivos, já que a Teologia transformou o acontecimento em um eixo ao redor do qual giram suas crenças e dogmas mais absurdos e perniciosos.

Os Comentários Arcaicos, como o leitor deve lembrar-se, explica que, da Legião dos Dhyânis, que tinham de encarnar-se como Egos das Mônadas imortais, porém inconscientes *neste plano*, alguns “obedeceram” (à lei de Evolução) tão logo os homens da Terceira Raça se mostraram aptos, física e fisiologicamente, isto é, quando se deu a separação dos sexos. Foram os primeiros Seres conscientes que, acrescentando o saber consciente e a vontade à pureza divina que lhes era inerente “criaram”, por Kriyâshakti, o homem semidivino, que foi, na Terra, a semente de futuros Adeptos. Aqueles que, pelo contrário, ciosos de sua liberdade intelectual — livre como então se achava dos entraves da Matéria —, disseram: “Podemos escolher... nós temos a Sabedoria”⁸, e portanto se encarnaram muito mais tarde, esses tiveram o seu primeiro castigo cármico preparado. Tiveram corpos inferiores (fisiologicamente) aos seus modelos astrais, porquanto os seus Chhâyâs haviam pertencido a Progenitores de um grau inferior nas sete Classes. Quanto aos “Filhos da Sabedoria”, que “adiaram” sua encarnação até a Quarta Raça, já inquinada (fisiologicamente) com o pecado e a impureza, foram os fatores de uma causa terrível, cujos efeitos cármicos até hoje pesam sobre eles. Recaíram neles próprios, que se tornaram portadores da semente da iniquidade nos evos futuros, pois os corpos que tiveram de animar ficavam corrompidos em virtude do seu retardamento⁹.

Esta foi a “Queda dos Anjos”, consequência da rebelião contra a Lei cármica. A “Queda do homem” não foi propriamente uma queda, pois ele *era irresponsável*; mas, tendo sido a “criação” inventada, no sistema dualista, como “prerrogativa exclusiva de Deus” — o *atributo* legítimo reservado pela Teologia como o nome de uma Divindade *infinita* que ela própria fabricou —, era preciso considerar o poder de Kriyâshakti como “satânico” e uma usurpação dos direitos divinos. Assim, à luz de tão estreitos pontos de vista, o que precede há de ser qualificado como uma terrível calúnia contra o homem “criado à imagem de Deus”, e uma blasfêmia ainda mais espantosa ante a letra morta do dogma.

(8) Estância VIII, sloka 24.

(9) Ver os slokas 32 e 34.

“Vossas doutrinas”, dizem freqüentemente os ocultistas, “fazem do homem, criado do pó e à imagem do seu Deus, um veículo do Demônio, desde o princípio.”

“Por que fazeis de vosso Deus um Demônio, criados ambos, além disso, *à vossa própria imagem?*” — é a nossa resposta.

Basta, aliás, a interpretação esotérica da *Bíblia* para refutar essa invenção caluniosa da Teologia; a Doutrina Secreta deve algum dia converter-se no Justo Carma das Igrejas, que são mais anticristãs que as assembleias representativas dos mais extremados materialistas e ateus.

O verdadeiro significado da antiga doutrina dos “Anjos Caídos”, em seu sentido antropológico e evolucionista, está contido na *Cabala* e explica a *Bíblia*. Consta principalmente do *Gênesis*, quando lido com o espírito de investigação da verdade, sem olhar os dogmas e sem idéias preconcebidas. É fácil a prova. No *Gênesis* (V), os “Filhos de Deus” — B’ne Alheim — enamoram-se das filhas dos homens, desposam-nas e revelam a suas esposas os mistérios que aprenderam ilicitamente no Céu, segundo Enoch; — é a “Queda dos Anjos”¹⁰.

(10) Em geral, os denominados conceitos ortodoxos cristãos acerca dos Anjos “caídos” ou de Satã são tão notáveis quanto absurdos. Poderíamos citar uma dúzia deles, de caráter o mais diversificado nas suas minúcias, e todos devidos à pena de autores seculares cultos, a “graduados de universidades” deste último quartel de século. Assim, o autor de *Earth's Earliest Ages*, G. H. Pember, M. A., dedica todo um grosso volume a provar que os teósofos, os espiritistas, os agnósticos, os metafísicos, os poetas, e todos os autores contemporâneos que se têm ocupado das especulações orientais são devotos seguidores do “Príncipe do Ar”, e estão irremissivelmente condenados. Eis como ele define Satã e o seu Anticristo:

“Satã é o ‘Querubim Ungido’ de sempre... Deus criou Satã, a mais formosa e sábia de suas criaturas nesta parte do Seu Universo, e o sagrou Príncipe do Mundo e da Potência do Ar... Colocou-o num Eden, que era bem anterior ao Eden do *Gênesis*... e de um caráter totalmente distinto e mais substancial, parecido com a Nova Jerusalém. Deste modo, Satã, sendo perfeito em sabedoria e beleza, não tinha por império apenas a nossa Terra, mas todo o Sistema Solar... Certo que nenhum outro Poder Angélico de categoria superior, ou mesmo igual, nos foi revelado. Judas refere que o próprio Arcanjo Miguel observava em relação ao Príncipe das Trevas o respeito devido a um superior, malvado que fosse, até o momento em que Deus ordenou sua deposição.”

Mais adiante diz o mesmo autor que

“Satã, quando de sua criação, foi contemplado com as *insignias da divindade real* (!!)..., despertou para a vida consciente estando o ar saturado com a música encantadora dos que Deus designara para isso.”

Em seguida, o Demônio

“passou da realza à dignidade *eclesiástica*” (!!). “Satã era também um sacerdote do Altíssimo”, etc.

E, finalmente,

“O Anticristo será a encarnação de Satã.” (Cap. III, págs. 56 a 59.)

Os precursores do futuro Apollyon já apareceram: são os teósofos, os ocultistas, os autores de *Perfect Way*, de *Isis sem Véu*, de *Mystery of the Ages*, e até de *The Light of Asia*!! O escritor assinala a “origem confessada” da Teosofia, que se deve aos “anjos descendentes” dos “Nephilim”, ou Anjos do *Gênesis* (VI), e aos Gigantes. Deveria também anotar sua própria descendência deles, como trata de demonstrar a nossa Doutrina Secreta; a menos que ele negue pertencer à humanidade atual.

Mas que é, na realidade, o *Livro de Enoch*, de que o autor do *Apocalipse* e até o São João do Quarto Evangelho¹¹ fizeram tantas citações? Simplesmente um *Manual de Iniciação*, contendo, em termos alegóricos e cautelosos, o programa de certos Mistérios Arcaicos celebrados nos recintos internos dos Templos. O autor de *Sacred Mysteries among the Mayas and Quiches*, sugere com razão que as chamadas “visões” de Enoch se referem às provas por que este passou na Iniciação e ao que aprendeu durante os Mistérios; mas, por outro lado, comete o erro de declarar que Enoch os havia aprendido antes de se converter ao Cristianismo (!); crê, além disso, que o livro foi escrito “no início da era cristã, quando... os costumes e a religião dos egípcios entraram em decadência” (!)¹². Tal não é possível, porque Judas, em sua Epístola¹³, faz citações do *Livro de Enoch*, e portanto conforme observa o Arcebispo Laurence, tradutor da versão etíope do *Livro de Enoch*, “este não podia ter sido escrito por um autor que viveu em época posterior... ou fosse mesmo contemporâneo dos autores do Novo Testamento” — a não ser que Judas e os Evangelhos, e tudo o mais, fossem também uma invenção da Igreja já existente, o que, na opinião de alguns críticos, não é de todo impossível. Neste momento, porém, o que nos interessa são os “Anjos Caídos” de Enoch, mais do que o próprio Enoch.

No exoterismo indiano, estes Anjos (Asuras) são também denunciados como *inimigos dos Deuses*; como os que se opõem aos sacrifícios rituais oferecidos aos deus. Na Teologia cristã, dá-se geralmente o nome de “Espíritos Caídos” aos heróis de várias lendas contraditórias, tomadas de fontes pagãs. O *coluber tortuosus*, a “serpente tortuosa” (qualificativo cuja paternidade se atribui aos judeus), tinha uma significação completamente diversa, antes que a deturpasse a Igreja romana; entre outros, um sentido *puramente astronômico*.

A “serpente” caída do alto (*deorsum fluens*) imputava-se a posse das chaves do Império da Morte (τοῦ θανάτου ἀρχή), até o dia em que Jesus a viu “cair do céu, como um raio”¹⁴, não obstante a interpretação católica romana dada às palavras *cadebat ut fulgur*. Quer isso dizer que até “os demônios estão sujeitos ao Logos” — que é a Sabedoria, mas, ao mesmo tempo, como adversário da ignorância, é Satã ou Lúcifer. Tal observação se entende com a Sabedoria divina, caindo como um relâmpago sobre o intelecto dos que lutam contra os demônios da ignorância e da superstição, e assim tornando mais ativo o intelecto.

Até o momento em que a Sabedoria, sob a forma dos Espíritos de Mahat que encarnavam, desceu do alto para animar a Terceira Raça e nela despertar a vida consciente — a Humanidade, se assim se pode chamar

(11) Compare-se com o Cap. X, 8, onde se alude a todos os que vieram antes de Jesus como “ladrões e bandidos”.

(12) *Op. cit.*, página 16.

(13) Versículo 14.

(14) Lucas, X, 18.

em seu estado animal e inconsciente, estava naturalmente condenada, tanto à morte *moral* como à *física*.

Os Anjos *caídos na geração* são chamados, metaforicamente, Serpentes e Dragões de Sabedoria. Por outra parte, considerado à luz que emana do Logos, pode-se dizer que o Salvador cristão, do mesmo modo que Krishna, seja como homem ou como Logos, salvou da “morte eterna” os que acreditavam nos Ensinamentos Secretos, e venceu o Reino das Trevas, ou Inferno, como o fazem todos os Iniciados.

Essa é a forma humana terrena dos Iniciados e — pela razão de que o Logos é Christos — também o “princípio” de nossa natureza interna que desenvolve em nós o Ego Espiritual — o Eu Superior — formado pela união indissolúvel de Buddhi, o sexto “princípio”, com a eflorescência espiritual de Manas, o quinto ¹⁵.

“O Logos é, no Céu, Sabedoria passiva, e, na Terra, Sabedoria consciente e ativa por si mesma” — rezam os ensinamentos. É o Casamento do “Homem Celeste” com a “Virgem do Mundo”, ou Natureza, tal qual se descreve no *Pimandro*; e cujo resultado é a sua progênie: o homem imortal. É o que, no *Apocalipse* ¹⁶ de São João, se chama o matrimônio do Cordeiro com sua Prometida. Pretende-se hoje identificar esta “esposa” com a Igreja de Roma, por uma exegese arbitrária dos seus prosélitos. Parece, no entanto, esquecer-lhes que a sua “roupa” pode estar “limpa e alva” *exteriormente*, qual “sepulcro caiado”, e que a sujidade de que está cheia por dentro não é a “virtude dos santos” ¹⁷, mas antes o sangue dos santos por ela “exterminados na terra” ¹⁸. Assim, a observação do grande Iniciado em *Lucas* — referindo-se alegoricamente ao raio de luz e de razão ao *cair* do alto, como um relâmpago, nos corações e nas mentes dos que se converteram à Religião-Sabedoria, então apresentada sob nova forma pelo sábio Adepto galileu ¹⁹ — foi desfigurada ao ponto de se tornar irre-

(15) Não é correto aludir a Cristo — conforme fazem alguns teósofos — como Buddha, o sexto princípio do homem. Este último, *per se*, é um princípio passivo e latente, o Veículo Espiritual de Atmâ, inseparável da Alma Universal Manifestada. Só pela união e conjugação com o *Eu-Consciência* é que Buddha se torna o Eu-Superior e a Alma Divina capaz de discernimento.

(16) XIX, 7.

(17) *Ibid.*, 8.

(18) XVIII, 24.

(19) Para maior clareza, observamos que todo aquele que ler esta passagem de *Lucas* poderá ver que a comparação se segue ao relato dos *Setenta* que se alegram porque “até os demônios [o espírito da controvérsia e do raciocínio, ou o poder contrário, pois Satã quer dizer apenas “adversário” ou “opponente”] estão sujeitos a nós pelo teu nome” (*Lucas*, X, 17). Ora, “teu nome” significa o nome de Christos, ou Logos, ou Espírito da verdadeira Sabedoria Divina, tão distinto do espírito do raciocínio intelectual ou simplesmente materialista — numa palavra, o Eu Superior. E quando Jesus adverte neste ponto que “viu Satã cair do céu como um raio”, é uma simples declaração de seus poderes de clarividência, para notificá-los de que já o sabia, e uma referência à encarnação do Raio Divino (os Deuses ou Anjos) que *sai na geração*. Não são todos os homens que se beneficiam dessa encarnação, e em alguns a faculdade permanece latente e como que morta durante toda a vida. Em verdade,

conhecível, como sucedeu também com a sua própria personalidade, que foi adaptada para servir ao mais cruel e pernicioso de todos os dogmas teológicos.

Contudo, se a Teologia ocidental tem o privilégio da patente e dos direitos de autor em relação a Satã, com todo o horror dogmático desta ficção, outros povos e outras religiões incorreram em erros idênticos, em sua falsa interpretação de uma doutrina que é um dos conceitos mais profundos e filosóficos do pensamento antigo. Deturparam-lhe o exato sentido, ao mesmo passo que dele se aproximaram em suas alegorias sobre o assunto.

Os dogmas semi-esotéricos do Hinduísmo Purânico não deixaram, igualmente, de criar alegorias e símbolos bem sugestivos a respeito dos Deuses rebeldes e caídos. Os *Purânas* estão repletos dessas alegorias, e no *Vishnu Purâna* vemos uma direta indicação da verdade nas freqüentes alusões da Purâshara a todos aqueles Rudras, Rishis, Asuras, Kumâras e Munis que *devem renascer em cada período* — isto é, reencarnar-se em cada Manvantara. Esotericamente, equivale isso a dizer que as “Chamas” nascidas da Mente Universal, ou Mahat, devido às misteriosas operações da Vontade Cármica e ao impulso da Lei de Evolução, haviam chegado a esta Terra — sem nenhuma transição gradual — após terem atravessado, como no *Pimandro*, os “Sete Círculos de Fogo”, ou, em uma palavra, os Sete Mundos intermédios.

Há uma Lei Cíclica Eterna de Renascimentos; e, encabeçando a série, na aurora de cada Manvantara, acham-se aqueles que gozaram, durante evos incalculáveis, de uma trégua em suas reencarnações de Kalpas anteriores: são os primeiros e os mais elevados Nirvanis. Tocou-lhes, a esses Deuses, a vez de encarnarem no presente Manvantara; daí a sua presença na Terra e as alegorias correspondentes. Daí, também, o desvirtuamento do seu significado original²⁰. Os Deuses que haviam “caído na geração”,

“nenhum homem sabe quem é o Pai, senão o Filho, e nenhum sabe quem é o Filho, senão o Pai”, como então declarou Jesus (vers. 22) — e a “Igreja de Cristo” muito menos. Só os Iniciados compreendiam a secreta significação dos termos “Pai” e “Filho”, e sabiam que dizia respeito ao Espírito e à Alma na Terra. Porque os ensinamentos de Cristo eram de caráter oculto, e somente podiam ser explicados na Iniciação. Nunca foram destinados às massas, pois Jesus proibiu aos doze que fossem ter com os samaritanos (*Mateus*, X, 5), e repetiu aos seus discípulos que “o mistério do reino de Deus era só para eles, e não para as multidões” (*Marcos*, IX, 11).

(20) Assim, por exemplo, nos *Purânas*, *Pulastya*, um Prajâpati ou filho de Brahma — o progenitor dos Râkshâsas e avô de Râvana, o grande rei de Lanka no *Ramâyana* — teve, numa existência anterior, um filho chamado Dattoli, “que é conhecido pelo nome de Sábio Agastya”, diz o *Vishnu Purâna* (trad. de Wilson, I, 154). Só este nome de Dattoli tem seis variantes, ou sete significados. Assume as diferentes formas de Dattoli, Dattâli, Dattotti, Dattotri, Dattobhri, Dambhobhi e Dambholi. Para cada uma destas sete formas há um sentido concreto, e correspondem, nos Comentários Esotéricos, a várias classificações etnológicas, assim como a mistérios fisiológicos e antropológicos das raças primitivas. Porque, na verdade, os Râkshâsas não são demônios, mas simplesmente os Gigantes primitivos e ferozes, os Atlantes, que estavam espalhados pela superfície do Globo, como agora sucede com a Quinta Raça.

e cuja missão era completar o Homem *Divino*, passam mais tarde a ser representados como Demônios, Maus Espíritos e Diabos, em luta e guerra contra os Deuses, ou agentes irresponsáveis da Lei Eterna única. Entretanto, nessas mil e uma alegorias árias, jamais houve a intenção de significar criaturas como os Demônios e o Satã das religiões cristã, judaica e maometana ²¹.

O verdadeiro ponto de vista esotérico acerca de Satã e a opinião que a esse respeito professava toda a filosofia da antiguidade estão admiravelmente expostos, sob o título "O Segredo de Satã", em um Apêndice da segunda edição do *Perfect Way* da Dra. Anna Kingsford ²². Não se poderia dar ao leitor uma indicação melhor nem mais clara da verdade, razão por que o citamos em seguida com alguma extensão.

"1. E no sétimo dia [sétima criação dos hindus] ²³ um Anjo Poderoso se projetou da Presença de Deus, cheio de ira e exterminador, e Deus lhe conferiu o domínio da esfera extrema ²⁴.

2. A Eternidade produziu o Tempo; o Ilimitado deu nascimento ao Limite; o Ser desceu à geração ²⁵.

4. Entre os Deuses não há nenhum que se assemelhe àquele a cujas mãos se acham confiados os reinos, o poder e a glória dos mundos;

5. Os tronos e os impérios, as dinastias de reis ²⁶, a queda das nações, o nascimento das Igrejas, os triunfos do Tempo."

Porque, como disse Hermes:

Vasitha é uma segura confirmação disso, se algo significam as palavras que dirigiu a Parâshara quando este tentava fazer um pouco de Jadu (feitiçaria), a título de "sacrifício" para a destruição dos Râkshâsas: "Que nenhum destes 'inofensivos Espíritos das Trevas' seja destruído". (Vejam-se pormenores no *Mahâbhârata*, Adi Parva, s. 176, e também no *Linga Purâna*, *Purvarâhi*, s. 64; Wilson, *ibid.*, I, 8 e 9.)

(21) Temos presente o trecho de uma carta de um dos Mestres que se refere diretamente a estes Anjos que Encarnam. Diz a carta: "Há e tem que haver malogros nas Raças etéreas das numerosas classes de Dhyân-Chohans ou Devas [entidades desenvolvidas de um período Planetário anterior], assim como os há entre os homens. Todavia, como tais casos de malogro têm, ainda assim, demasiada espiritualidade e adiantamento para que sejam excluídos do estado de Dhyân-Chohans e obrigados a retroceder, entrando no vórtice de uma nova evolução primordial através dos reinos inferiores, eis o que sucede. Quando vai desenvolver-se um novo Sistema Solar, esses Dhyân-Chohans nascem dele por influxo "à frente" dos Elementais [entidades... que não de converter-se em humanidade numa época futura], e permanecem como força espiritual latente e inativa na Aura de um Mundo nascente... até que seja alcançada a fase da evolução humana... Passam a ser então uma força ativa e misturam-se com os Elementais, para desenvolver pouco a pouco o tipo completo da humanidade." (Ver *The Mahatma Letters to A. P. Sinnett*, página 87). Ou seja, para desenvolver o homem e dotá-lo de Mente Autoconsciente ou Manas.

(22) Apêndice XV, páginas 369 e seguintes.

(23) Quando iam aparecer a Terra com sua Cadeia Planetária e o Homem.

(24) A Terra e o plano de consciência físico.

(25) Quando os Seres puros e celestiais, ou Dhyân-Chohans, e os grandes Pitris de várias categorias receberam a missão — uns, de desenvolver suas Imagens ou Chhâyâs, e delas fazer o homem físico; outros, de animá-lo, dotando-o assim com a inteligência divina e a faculdade de compreender os Mistérios da Criação.

"20. Satã é o guardião da porta do *Templo do Rei*; mantém-se no pórtico de Salomão; guarda as *Chaves do Santuário*;

21. Para que não penetre nenhum homem, exceto os ungidos, os que possuam o arcano de Hermes."

Estes versículos sugestivos e majestosos se referiam, entre os antigos egípcios e outros povos civilizados da antiguidade, à *Luz criadora e geradora dos Logos* — Hórus, Brahma, Ahura-Mazda, etc., como manifestações primordiais do Princípio Sempre-Não Manifestado, chamem-no- Aín-Suph, Parabrahman, Zeruâna Akerne ou Tempo Sem Limites, Kâla —, embora o sentido esteja hoje degradado na Cabala. O "Ungido" — aquele que possui os segredos dos Mistérios de Hermes, ou Buddha, a Sabedoria, e a quem são confiadas as "Chaves do Santuário", a Matriz da Natureza, para que a faça frutificar, e a chame à vida ativa e a ser o Cosmos todo — foi convertido pelos judeus em Jeová, o "Deus da Geração", sobre a Montanha Lunar — Sínai, a Montanha da Lua (Sin). O "Santuário" tornou-se o "Santo dos Santos", e o arcano foi antropomorfizado, rebaixado a *fálico*, ao nível da Matéria em suma. Daí surgiu a necessidade de fazer do "Dragão de Sabedoria" a "Serpente" do *Gênesis*, de transformar o Deus consciente, que precisava de um corpo para revestir sua divindade por demais subjetiva, em Satã.

Contudo, as "inumeráveis encarnações do Espírito" e "as pulsações e a corrente incessante do desejo"²⁶ se referem: as primeiras, à nossa doutrina dos Renascimentos Cármicos e Cíclicos, e as segundas, a Eros, não ao Deus, mais recente, do amor material, fisiológico, mas ao Desejo Divino dos Deuses, como de toda a Natureza, de criar Seres, dar-lhes vida. Os raios da CHAMA una, "obscura", sendo esta invisível e incompreensível, não podiam realizar a tarefa senão descendo, eles próprios, na Matéria.

Por isso, como segue dizendo o Apêndice:

"12. Muitos são os nomes que Deus lhe pôs [em Satã]; nomes misteriosos, secretos, terríveis.

13. ... O Adversário, porque a Matéria se opõe ao Espírito, e o Tempo acusa até mesmo os santos do Senhor.

14. Temei-o, e não pequeis; pronunciai o seu nome tremendo...

15. Porque Satã é o magistrado da Justiça de Deus [Carma]; ele tem a balança e a espada.

16. Porque a ele estão confiados o *Peso, a Medida e o Número*."

Compare-se esta última sentença com o que diz o Rabino ao explicar a Cabala ao Príncipe no livro de *Al-Chazari*, e ver-se-á que o Peso, a Medida e o Número são, no *Sepher Yetzireh*, os atributos dos Sephiroth (os três Sephrim ou cifras), que cobrem todo o número coletivo 10; e que

(26) As "dinastias de reis", que se consideram todas como "ungidas" e reinando pela "graça de Deus", quando em verdade reinam pela graça da Matéria, a Grande Ilusão, a Enganadora.

(27) *Ibid.*, loc. cit., vers. 10.

os Sephiroth são o Adão Kadmon coletivo, "o Homem Celeste" ou Logos. Satã e o Ungido estavam, assim, identificados no pensamento antigo. E, portanto,

"33. Satã é o ministro de Deus, o senhor das sete mansões do Hades, o Anjo dos Mundos manifestados."

Os Sete Lokas ou *Saptaloka* da Terra, entre os hindus, pois os Hades, ou o Limbo da Ilusão, que para a Teologia é uma região fronteira do inferno, é simplesmente o nosso Globo, a Terra, e por isso é Satã chamado o Anjo dos "Mundos manifestados".

"Satã é o Deus do nosso planeta, e o Deus único", e isto sem nenhuma alusão metafórica à sua maldade e depravação. Pois ele é uno com o Logos.

"O primeiro e 'mais antigo dos Deuses', na ordem da evolução microcômica [divina], Saturno [Satã] [astronomicamente], é o sétimo e último na ordem da emanção macrocômica, sendo a circunferência do reino de que Febo [a Luz da Sabedoria e também o Sol] é o centro." 28

Finham razão os gnósticos quando ao Deus dos Judeus chamavam um "Anjo de matéria", ou aquele que insufla a vida (consciente) em Adão, e cujo Planeta é Saturno.

"34. E Deus pôs um cinturão sobre os seus lombos [os anéis de Saturno], e o nome do cinturão é Morte."

Na Antropogonia, este "cinturão" é o corpo humano com os seus dois princípios inferiores. Todos os três morrem, ao passo que o Homem interno é imortal. E agora nos aproximamos do "Segredo de Satã".

"37. ... Sobre Satã exclusivamente recai a vergonha da geração.

38. Havia ele perdido seu estado virginal [como o perdeu o Kumâra quando encarnou]: revelando segredos celestes, entrou na escravidão.

39. Ele acorrenta e limita todas as coisas.

42. Dois são os exércitos de Deus: no céu, as legiões de Miguel; no abismo [o mundo manifestado], as legiões de Satã.

43. São o Não-Manifestado e o Manifestado; o livre e o aprisionado [na Matéria]; o virginal e o caído.

44. E ambos são os ministros do Pai, que dão cumprimento à Palavra divina."

Portanto:

"55. Santo e venerável é o Sabbath de Deus; bendito e santificado é o nome do Anjo do Hades [Satã]."

Porque:

"41. A glória de Satã é a sombra do Senhor [Deus no Mundo manifestado]: o trono de Satã é o escabelo de Adonai [o Cosmos todo]."

(28) Esta citação corresponde a uma nota da página 371 de *The Perfect Way*.

Assim, a Igreja, ao maldizer Satã, maldiz o reflexo cósmico de Deus; lança o anátema sobre Deus manifestado na Matéria ou no objetivo; maldiz a Deus, ou a Sabedoria para sempre incompreensível, que se revela como Luz e Sombra, Bem e Mal, na Natureza, pela única maneira inteligível ao limitado intelecto do homem.

Tal a verdadeira interpretação filosófica e metafísica de Samuel, o Satã, o Adversário, na Cabala. Vê-se a mesma doutrina e o mesmo espírito nas interpretações alegóricas de todas as demais religiões antigas. Este ponto de vista filosófico não infirma, porém, as tradições históricas sobre o assunto. Dizemos "históricas", porque a alegoria e a ornamentação mítica, que rodeiam o cerne da tradição, de modo algum impedem este cerne de ser um registro de acontecimentos reais. Assim, a Cabala, quando repete as veneráveis revelações do que foi uma vez a história universal do nosso Globo e da evolução de suas raças, tem apresentado essa tradição sob a forma legendária dos diversos anais que formaram a *Bíblia*. Estamos agora expondo nestas páginas, ainda que de forma imperfeita, o seu fundamento histórico segundo a Doutrina Secreta do Oriente; e o sentido alegórico e simbólico da Serpente do *Gênesis* se encontra, assim, explicado pelos "Filhos da Sabedoria" — ou Anjos de esferas superiores, embora pertençam todos ao reino de Satã ou à Matéria — revelando aos homens os mistérios do Céu. Daí resulta, ainda, que todos os chamados mitos dos Panteões hindu, grego, caldeu e judeu se acham baseados em fatos verídicos. Os Gigantes do *Gênesis* são os históricos Atlantes de Lanka e os Titãs gregos.

Quem pode esquecer que Tróia já foi uma vez proclamada um mito, e Homero um personagem irreal, e que igualmente se negava a existência das cidades de Herculano e Pompéia, atribuindo-se a não mais que simples contos de fadas? No entanto, Schliemann provou que Tróia realmente existiu; e as outras duas cidades, apesar de sepultadas durante séculos sob as lavas do Vesúvio, ressuscitaram e vivem de novo sobre a superfície da terra. Quantas outras cidades e localidades tidas como "fabulosas" estarão na lista dos futuros descobrimentos; quantos outros personagens considerados míticos²⁹ passarão um dia a ser históricos? Só o podem dizer aqueles que lêem os decretos do Destino na Luz Astral.

Mas, como sempre revestiram caráter sigiloso os ensinamentos da Doutrina Secreta, e como não pode o leitor esperar que lhe sejam franqueados os textos originais, a menos que se torne um discípulo aceito, recomendamos aos versados no grego e no latim que se reportem aos textos originais da literatura hermética. Por exemplo, leiam atentamente as primeiras páginas do *Pimandro* de Hermes Trismegisto, e verão aí a confirmação das nossas doutrinas, por mais velado que se encontre o texto. Verão também a evolução do Universo, da nossa Terra (chamada "Natureza" no *Pimandro*) e de todas as outras coisas, a partir do "Princípio Úmido" ou o Grande Oceano, PAI-MÃE, a primeira diferenciação do Cosmos manifes-

(29) Ver a subseção "Os Manus Primitivos da Humanidade", Estância X, neste volume.

tado. Primeiro, a "Mente Universal", que o tradutor cristão metamorfoseou, nas suas primeiras interpretações, em Deus, o Pai; depois, o "Homem Celeste"³⁰, o grande Total daquela Legião de Anjos, que eram demasiado puros para criar Mundos inferiores ou os homens do nosso Globo, mas que, não obstante, *caíram* na Matéria, em virtude dessa mesma evolução, como o Segundo Logos do "Pai"³¹.

Sinteticamente, todo Logos Criador, ou "o Filho que é uno com o Pai", é em si mesmo a Legião dos *Rectores Mundi*. A própria Teologia cristã faz dos "Sete Anjos da Presença" as Virtudes, ou atributos personificados de Deus, as quais, criadas por ele, como os Manus o foram por Brahma, se converteram nos Arcanjos. A *Teodicéia* católica romana, reconhecendo em seu *Verbum Princeps* o Chefe desses Anjos (*caput angelorum*) e o Anjo do Grande Conselho (*magni consilii angelus*), admite com isso a identidade existente entre o Cristo e eles.

"Os Suras converteram-se em A-Suras", os Deuses tornaram-se Não-Deuses, diz o texto; isto é, os Deuses transformaram-se em Demônios, Satã, lendo-se ao pé da letra. Mas agora vamos mostrar, pelo ensinamento da Doutrina Secreta, que Satã representa, alegoricamente, o Bem e o Sacrifício, e o Deus de Sabedoria, sob diferentes nomes.

Ensina a Cabala que o orgulho e a presunção (as principais causas do Egoísmo) são os dois fatores que roubaram ao Céu *um terço* de seus habitantes divinos, sob o aspecto místico, e *um terço* das estrelas, sob o aspecto astronômico; por outras palavras, no primeiro caso temos uma alegoria, e no segundo um fato. Não obstante, está o primeiro intimamente relacionado com a humanidade, conforme já dissemos.

Por sua vez, os Rosa-cruzes, que muito bem conheciam o sentido oculto da tradição, guardavam-no para si, limitando-se a ensinar que toda a "criação" foi devida àquela legendaria "Guerra nos céus" e o seu resultado, guerra esta *provocada pela rebelião dos Anjos*³² *contra a lei Cria-*

(30) O "Homem Celeste", note-se bem a palavra, é o "Logos" ou o "Filho", esotericamente. Por conseguinte, uma vez que o título foi aplicado ao Cristo, que se declarou ser Deus, e o Deus verdadeiro, a Teologia cristã não tinha por onde escolher. A fim de sustentar o seu dogma de uma Trindade pessoal, foi-lhe preciso proclamar, como ainda proclama, que o Logos cristão é o único verdadeiro, sendo falsos todos os Logos das demais religiões, os quais não passam de uma máscara do Princípio do Mal, Satã. Repare-se até que ponto chegou a Teologia ocidental.

(31) "Porque a Mente, divindade abundante nos dois sexos, sendo Luz e Vida, produziu pelo seu *Verbo* outra *Mente* ou *Artífice*; este, sendo o Deus do Fogo e o Espírito, modelou e construiu outros sete Governadores, os quais encerram em seus Círculos o Mundo Fenomenal, e a cuja disposição se dá o nome de Destino." (Seção IX, cap. I, ed. de 1579.)

Aqui é evidente que a Mente, o Pensamento Divino Primordial e Universal, não é nem o Uno desconhecido e Não-manifestado, pois que abunda em dois sexos — é macho e fêmea —, nem o "Pai" cristão, porquanto este é masculino e não andrógino. O fato é que o "Pai", o "Filho" e o "Homem" estão irremissivelmente misturados nas traduções do *Pimandro*.

(32) A alegoria do fogo de Prometeu é outra versão da revolta do orgulhoso Lúcifer, que foi precipitado no "abismo sem fundo" — ou, simplesmente, em nossa

dora ou o Demiurgo. Procurar elidir a dificuldade pelo recurso à invocação do mistério divino, ou do pecado que semelhante indagação implicaria, equivale a nada dizer absolutamente. Poderá satisfazer aos que crêem na infalibilidade do Papa, mas dificilmente satisfará a mente filosófica. Entretanto, a verdade, apesar de conhecida de quase todos os cabalistas de elevada categoria, jamais foi divulgada por nenhum deles. Todos os cabalistas e simbologistas sempre mostraram a maior relutância em confessar o significado original da Queda dos Anjos. Em um cristão o silêncio é de todo natural. Não poderia nenhum alquimista ou filósofo da Idade Média dizer³³ aquilo que, aos olhos da Teologia ortodoxa, representava uma terrível blasfêmia, sob pena de ser diretamente arrastado à tortura ou à fogueira pelo zelo do "Santo" Ofício da Inquisição.

Terra, para aí viver como homem. O Lúcifer hindu, Mahásura, também se diz que teve inveja da Luz resplandecente do Criador e que se revoltou contra Brahma, à frente dos Asuras inferiores (não Deuses, mas Espíritos), revolta pela qual Shiva o precipitou no Pâtala. Mas, como nos mitos hindus a filosofia anda de mãos dadas com a ficção alegórica, o "Diabo" arrepende-se, e a oportunidade de progredir lhe é concedida: *esotericamente*, é um pecador, e, por meio do Ioga, da devoção e do Adeptado, pode alcançar de novo o estado de "uno com a Divindade". Hércules, o Deus-Sol, desce ao Hades (a Gruta da Iniciação) para libertar as vítimas das torturas infernais. Só a Igreja Cristã cria o tormento eterno para o Demônio e os condenados que ela inventou.

(33) Por que, por exemplo, um cabalista franco e sem temor como Eliphas Lévi hesitou em divulgar o mistério dos chamados Anjos Caídos"? Que ele conhecia o fato e o significado verdadeiro da alegoria, tanto em seu aspecto religioso e místico como no fisiológico, provam-no os seus numerosos escritos e frequentes alusões. No entanto, Eliphas Lévi, depois de fazer referência ao assunto vezes sem conta em suas primeiras obras, escreve numa das últimas (*Histoire de la Magie*, págs. 220-221): "Protestamos, com todas as nossas forças, contra a soberania e a ubiquidade de Satã. Não pretendemos negar nem afirmar aqui a tradição da Queda dos Anjos... Mas, sendo assim... então o Príncipe dos Anjos Rebeldes seria, no máximo, o último e o mais impotente dos condenados — agora que se acha separado da Divindade, que é a fonte de todo poder." Isso é bastante obscuro e evasivo; veja-se, porém, o que escreve Hargrave Jennings, em seu estranho e desconcertante estilo:

"São Miguel e São Jorge são, ambos, tipos. São personagens santificados, ou heróis dignificados, ou poderes deificados. Cada um deles é representado com faculdades e atributos próprios. Estes se reproduzem e se multiplicam, distinguindo-se com diferentes nomes em todas as mitologias [inclusive a cristã], mas a idéia de cada um deles é geral. Esta idéia, esta noção representativa, é a do campeão todo-poderoso — semelhante à criança em sua 'inocência virginal' —, tão poderoso que esta inocência impregnada de Deus (o Serafim é 'o que mais sabe', o Querubim 'o que mais ama'), pode fazer em pedaços o mundo (articulado, por assim dizer, na magia de Lúcifer, mas condenado), em oposição às construções alcançadas sem a permissão do Supremo — construções artificiosas ('este lado da vida') do magnífico apóstata, do poderoso rebelde, que é ao mesmo tempo, e sem embargo, o 'Portador da Luz', o Lúcifer — a 'Estrela da Manhã', o 'Filho da Manhã' —, o mais elevado título 'Fora do Céu', porque no Céu ele não pode estar, mas fora do Céu é tudo. Em um aspecto aparentemente incrível de seu caráter — repare bem o leitor que as qualidades carecem de sexo — o Arcanjo São Miguel é a 'Energia' celeste, invencível e sem sexo, ou, para dignificá-lo por suas grandes características, o invencível Combatente-Virgem, revestido... e ao mesmo tempo armado com a cota de malha gnóstica da 'recusa de criar'. Este é outro mito, 'um mito dentro de outros mitos'... um estupendo 'mistério dos mistérios', por ser tão impossível e contraditório. Inexplicável como o Apocalipse, impossível de revelar como a 'Revelação'." (*Phallicism*, páginas 212-213.)

Para os nossos cabalistas e livres pensadores, o caso é diferente. Quanto a estes últimos, receamos que seja uma questão simplesmente de orgulho humano, de vaidade inspirada em uma superstição — negada em voz alta, mas inextirpável. Desde que a Igreja, em sua luta contra o Maniqueísmo, resolveu inventar o Demônio, e, colocando um apagador teológico sobre a radiante Estrela Divina, Lúcifer, o “Filho da Manhã”, criou assim o mais gigantesco de todos os seus paradoxos, uma *Luz negra e tenebrosa*, o mito aprofundou demasiado suas raízes no solo da fé cega, para permitir em nossa época (mesmo àqueles que não lhe aceitam os dogmas e riem do seu Satã de chifres e pés fendidos) que alguém assuma corajosamente a atitude de confessar a mais vetusta de todas as tradições. Dito em poucas palavras, é o seguinte. Semi-exotericamente, os “Primo-genitos” do Todo-Poderoso — *Fiat-Lux* — ou os anjos da Luz Primordial receberam ordem para *criar*; um terço deles se revoltou e *recusou*³⁴, e os que obedeceram, como Fetahil, *falharam* inteiramente.

Para compreender a recusa e a falha em seu verdadeiro significado físico, faz-se mister estudar e entender a Filosofia oriental; conhecer as doutrinas fundamentais dos vedantinos, quanto à ilusão de atribuir-se uma atividade funcional à Divindade Infinita e Absoluta. Sustenta a Filosofia Esotérica que, durante os Sandhyás, o “Sol Central” emite *Luz Criadora* — passivamente, por assim dizer. A *causalidade* está latente. Só durante os períodos ativos do Ser é que este faz surgir um fluxo incessante de Energia; e as correntes vibratórias adquirem mais atividade e potência à medida que descem em cada degrau na escala setenária do Ser. Torna-se então compreensível porque o processo de “criar”, ou melhor, de formar o Universo orgânico, com todas as unidades dos sete reinos, requer a intervenção de Seres inteligentes — os quais se converteram coletivamente em um Ser ou Deus Criador, já diferenciado da Unidade Absoluta Única, pois que esta não tem relação com a “criação” condicionada³⁵.

Ora, o manuscrito da *Cabala* que se acha no Vaticano — e cuja cópia (na Europa) se diz que esteve em mãos do Conde de Saint-Germain — contém a mais completa exposição da doutrina, inclusive a singular versão aceita pelos Luciferianos³⁶ e outros gnósticos; e nesse pergaminho os

Contudo, esse mistério *inexplicável e impossível de revelar* vai ser explicado e revelado pelas doutrinas do Oriente. Ainda que, sem dúvida, conforme disse o mui erudito (embora ainda mais enigmático) autor de *Phallicism*, não possa nenhum mortal não iniciado compreender-lhe jamais o verdadeiro alcance.

(34) Veja-se *Sod: The Son of the Man*, de S. F. Dunlap, páginas 50 e seguintes (1861).

(35) “Criação” — saída da Substância eterna preexistente, ou Matéria, é claro; Substância que, de acordo com os nossos Ensinamentos, é o Espaço ilimitado, sempre existente.

(36) Os Luciferianos, seita do século IV, à qual se atribui haver ensinado que a alma era um corpo *carnal* transmitido à criança pelo pai, e os Lucianistas, outra seita mais antiga do século III de nossa era, que ensinava a mesma coisa e também que a alma *animal* não era imortal, fundavam suas especulações filosóficas nas verdadeiras doutrinas ocultas e cabalistas.

“Sete Sóis da Vida” estão enumerados na mesma ordem que no Saptasúrya. Mas apenas quatro deles se mencionam nas edições da *Cabala* que se podem conseguir nas bibliotecas públicas, e ainda assim numa fraseologia mais ou menos velada. Esse reduzido número, contudo, é mais que suficiente para demonstrar a identidade de origem, visto que se refere ao grupo quaternário dos Dhyân-Chohans, provando que a especulação teve sua raiz nas Doutrinas Secretas dos Arianos. Como se sabe, a fonte da Cabala não estava entre os judeus pois estes copiaram as suas idéias dos caldeus e dos egípcios.

Assim, até mesmo os ensinamentos cabalistas *exotéricos* falam de um “Sol Central” e de três Sóis secundários em cada Sistema Solar, inclusive o nosso. Segundo se esclarece nessa notável obra, ainda que demasiado materialista, *New Aspects of Life and Religion*, que é uma sinopse das teorias cabalistas sob uma forma profundamente meditada e assimilada:

“O sol central... para eles [como para os arianos] era o *centro de repouso*, o centro para o qual todo movimento tinha finalmente que retornar. Ao redor desse sol central... o primeiro dos três... sóis do sistema... girava em um plano Polar... o segundo, num plano equatorial... [e só o terceiro era o nosso sol visível]. Os quatro corpos solares eram os *órgãos de cuja ação dependia a que os homens chamam a criação e a evolução da vida no planeta Terra*. Eles [os cabalistas] consideravam elétricos os canais por onde se transmite à Terra a influência daqueles corpos... A energia radiante que flui do sol central³⁷ fez surgir a Terra sob a forma de um globo aquoso... [cuja tendência], como núcleo de um corpo planetário, era precipitar-se no sol [central]... dentro de cuja esfera de atração havia sido criada... Mas a energia radiante, eletrizando a ambos da mesma maneira, os manteve separados, transformando assim o movimento para o centro de atração em um movimento ao redor do mesmo centro, que o planeta em revolução [a Terra] procurava desse modo alcançar.

Na célula orgânica encontrou o *sol visível* sua matriz própria, e graças a ela produziu o reino animal [ao tempo que amadurecia o vegetal], colocando finalmente à sua testa o homem, no qual, pela ação animadora desse reino, fez nascer a célula psíquica. Contudo, o homem, assim colocado à testa do reino animal, à testa da criação, era o *homem-animal, sem alma, sujeito a perecer*... Desse modo, o homem, embora coroando aparentemente a criação, teria assinalado com o seu advento o fim da criação, pois que esta, atingindo seu ponto culminante, começaria então a declinar para a morte”³⁸.

(37) A própria Ciência astronômica vê-se obrigada a aceitar este “Sol Central” dos ocultistas, não podendo negar a presença, no espaço sideral, de um corpo astral na Via-Láctea, um ponto invisível e misterioso, centro de atração, oculto sempre, do nosso Sol e do nosso Sistema. Mas aquele “Sol” é considerado de modo diferente pelos ocultistas do Oriente. Enquanto os cabalistas ocidentais e judeus — e até alguns astrônomos devotos modernos — sustentam que no mesmo Sol se acha especialmente presente a cabeça de Deus, e lhe atribuem os atos volitivos de Deus, os Iniciados orientais dizem que, a Essência supradivina do Absoluto Desconhecido estando igualmente difundida em toda a parte, o “Sol Central” é simplesmente o centro da Eletricidade Vital Universal, o recipiente dentro do qual essa Radiação Divina, já diferenciada no início de toda “criação”, tem o seu foco. Embora achando-se ainda em estado *laya* ou neutro, é, não obstante, o único Centro Vital de atração e de influência perpétua.

(38) *Op. cit.*, páginas 287-289.

Citamos aqui a teoria cabalística para mostrar sua perfeita identidade com a Doutrina Oriental. Explique-se ou complete-se o ensinamento referente aos Sete Sóis com os sete sistemas de *Planos do Ser*, dos quais os "Sóis" são os corpos centrais, e ter-se-ão os sete Planos Angélicos, cujas "Legiões" são, coletivamente, os respectivos Deuses. São eles o Grupo Principal, dividido em quatro Classes, desde a dos *incorpóreos* até a dos *semicorpóreos*. Estas classes estão diretamente relacionadas com a nossa humanidade, se bem que de maneiras diferentes no que concerne às relações e funções volitivas. São a primeira e a mais elevada das classes, chamada "o Sol Central" na doutrina cabalística a que se refere a citação, e é a síntese das outras três. Nisto consiste a grande diferença entre a Cosmogonia semítica e a ariana: a primeira materializa e humaniza os mistérios da Natureza; a segunda espiritualiza a Matéria, e sua fisiologia está sempre subordinada à metafísica. Deste modo, embora o sétimo "princípio" chegue ao homem passando por todas as fases do Ser, com a sua pureza de elemento indecomponível e unidade impessoal, atravessa o Sol Central Espiritual (a Cabala ensina que procede dele) e o Segundo Grupo, o Sol Polar, que projetam, ambos, o seu Atmã no homem. O Terceiro Grupo, o Sol Equatorial, cimenta a união de Buddhi com Âtmã no homem. O Terceiro Grupo, o Sol Equatorial, cimenta a união de Buddhi com Âtman e os atributos superiores de Manas; e o Quarto Grupo, o Espírito do nosso Sol visível, dá ao homem o Manas e o seu veículo Kâma Rûpa, ou corpo de paixões e desejos — os dois elementos de *Ahamkâra* que desenvolvem a consciência individualizada, o Ego pessoal. Finalmente, é o Espírito da Terra, em sua tríplice unidade, que constrói o Corpo Físico, atraindo para ele os Espíritos da Vida e formando o seu Linga Sharira.

Tudo se processa por ciclos, a evolução do homem e a de tudo o que existe; e a ordem na qual aquele se desenvolve está descrita por completo nos Ensinamentos Orientais, ao passo que na Cabala há simples alusões. Vejamos o que diz o *Livro de Dzryan* sobre o Homem Primordial, quando o projetou pela vez primeira o "Sem-Osso", o Criador Incorpóreo:

Primeiro o Sopro, depois Buddhi e o Filho-Sombra [o Corpo] foram "criados". Mas onde estava o Eixo [o Princípio médio, Manas]? O homem está condenado. Quando estão sós, o Indivisível [o Elemento não-diferenciado] e o Vahan [Buddhi] — a causa do Sem-causa — se destacam da Vida manifestada.

A menos — explica o Comentário — que sejam unidos e cimentados entre si pelo Princípio médio, o veículo da consciência pessoal de Jiva.

Em outras palavras, os dois "princípios" superiores *não podem ter individualidade na Terra*, não podem constituir o *homem*, a não ser que existam: (a) a Mente, o Manas-Ego, para se conhecer a si mesmo, e (b) a *falsa personalidade* terrestre, ou o Corpo de desejos egoístas e a Vontade pessoal, para ligar o todo, como ao redor de um eixo — o que é bem o

caso —, com a forma física do homem. São o *quinto* e o *quarto* princípios³⁹ — Manas e o Kâma Rûpa — que contêm a Personalidade dual, o verdadeiro Ego imortal, se assimilado aos dois superiores, e a Personalidade falsa e transitória, o Mâyavi ou Corpo Astral, ou Alma Animal Humana (como é chamada) — que devem estar intimamente amalgamados, para os fins de uma existência terrestre *completa*. Façei a Mônada Espiritual de um Newton, enxertada na do maior Santo da Terra, encarnar no mais perfeito corpo físico que se possa imaginar — isto é, em um corpo de dois ou mesmo de três princípios, composto de seu Sthula Sharira, Prana (o Princípio Vital) e Linga Sharira —; mas, se faltarem aqueles dois princípios, o médio e o quinto, tereis criado um *idiota* ou, quando muito, um ente de formosa aparência, sem alma, vazio e inconsciente. O “*Cogito, ergo sum*” não teria razão de ser no cérebro de semelhante criatura, pelo menos neste plano.

Há, porém, estudantes que de há muito compreenderam o sentido filosófico que se acha contido no fundo da alegoria dos “Anjos Caídos”, tão torturada e desfigurada pela Igreja Romana.

“O reino dos espíritos e da ação espiritual, que flui e é o produto da volição do espírito, acha-se fora do reino das almas [divinas] e da ação divina, com o qual está em oposição e contradição.”⁴⁰

Segundo reza o texto do Comentário XIV:

O semelhante produz o semelhante, e não mais, na gênese do Ser, e a evolução, com suas leis condicionadas e limitadas, vem depois. Os Existentes por si mesmos⁴¹ são chamados “Criações” porque aparecem no Raio Espiritual manifestado pelo poder inerente de sua Natureza INATA, que está fora do Tempo e do Espaço [finito ou condicionado]. Os produtos terrenos, animados e inanimados, inclusive a humanidade, são erroneamente chamados criação e criaturas; representam somente o desenvolvimento [evolução] dos Elementos Distintos.

E ainda:

O Rûpa Celeste [Dhyân Chohan] cria [o homem] segundo sua própria forma; e uma ideação espiritual resultante da primeira diferenciação e do primeiro despertar da Substância [manifestada] universal; essa forma é a Sombra ideal de si mesma; e é o Homem da Primeira Raça.

Para dizer com maior clareza, e limitando a explicação à nossa Terra, o dever dos primeiros Egos “diferenciados” (a Igreja os chama Arcanjos)

(39) O *quarto* e o *quinto* contando de baixo, a partir do Corpo Físico; o *terceiro* e o *quarto*, se contarmos a partir de Atma.

(40) *New Aspects of Life*.

(41) As Essências Espirituais Angélicas, que são Seres imortais, porque permanecem não-condicionadas na Eternidade, embora sejam periódicas e condicionadas em suas manifestações manvantáricas.

foi dar à Matéria Primordial o impulso evolucionário e orientar-lhes as capacidades construtoras na formação de suas produções. É a isso que se referem as sentenças da tradição tanto oriental como ocidental: “Os Anjos receberam ordem de criar.” Depois que a Terra foi preparada pelas Potências inferiores e mais materiais, e que os seus três reinos principiaram a cumprir a sua missão de “frutificar e multiplicar”, as Potências superiores, Arcanjos ou Dhyâns, foram obrigadas pela Lei de Evolução a descer à Terra, a fim de realizarem a tarefa que seria o coroamento da evolução: a construção do Homem. Para tanto, os “Criados por si mesmos” e os “Existentes por si mesmos” projetaram suas pálidas Sombras, mas o Terceiro Grupo, os Anjos do Fogo, se rebelaram, recusando unir-se aos outros Devas, seus companheiros.

Estes últimos, no exoterismo hindu, são todos logues a quem a piedade inspirou a recusa de “criar”, porque desejavam permanecer eternamente Kumâras, ou “Adolescentes-Virgens”, que se anteciparam aos companheiros, quanto possível, na senda do progresso que conduz ao Nirvana, a libertação final. Mas, segundo a interpretação esotérica, foi um auto-sacrifício para o bem da humanidade. Os “Rebeldes” não queriam criar homens sem vontade e irresponsáveis, como o fizeram os Anjos “obedientes”; e não podiam tampouco dotar os seres humanos com os reflexos transitórios de seus próprios atributos, uma vez que, pertencendo este a outro plano de consciência, muito mais elevado, deixariam o homem irresponsável para sempre, impedindo, conseqüentemente, toda possibilidade de progresso. Nenhuma evolução espiritual e psíquica tem lugar na Terra — o plano mais baixo e material — para aquele que, pelo menos neste plano, seja perfeito em si mesmo, não podendo acumular mérito nem demérito.

Se o homem tivesse permanecido como a pálida Sombra da Perfeição, inerte, imóvel e imutável, atributo negativo e passivo do verdadeiro *Eu sou o que sou*, estaria condenado a passar pela vida na Terra como em um profundo sono sem sonhos; o que neste plano representaria certamente um malogro. Quando pela primeira vez foram pronunciadas estas palavras (se é que alguma vez o foram: “Eis que o homem se tornou como um de nós, capaz de conhecer o bem e o mal; agora, para que não estenda a mão e alcance também a árvore da vida, e coma e viva eternamente...”⁴²), o Ser (ou a entidade coletiva chamada Elohim) que as pronunciou deve ter sido, em verdade, o Ildabaoth, o Demiurgo dos Nazarenos, cheio de inveja e rancor contra a sua criatura, e cujo reflexo criou o Ophiomorphos. Neste caso, é de todo natural — tendo mesmo em vista a letra morta — que se considere Satã, a *Serpente do Gênesis*, como o verdadeiro criador e benfeitor, o Pai Espiritual da Humanidade. Porque foi ele o “Portador da Luz”, o brilhante e radioso Lúcifer que abriu os olhos do autômato que Jeová criou (como se pretende). E aquele que foi o primeiro a sussurrar: “No dia em que o comerdes... sereis como Elohim, sabendo o bem e o mal”⁴³, não pode ser olhado senão como um Salvador. “Adver-

(42) *Gênesis*, III, 22.

(43) *Gênesis*, III, 5.

sário” de Jeová, espírito *usurpador*, ele permanece sempre, diante da verdade esotérica, como o “Mensageiro” amante, o Anjo, o Serafim e o Querubim, o que *sabia* muito e *amava* ainda mais, e o que nos conferiu a Imortalidade Espiritual, em lugar da imortalidade física — pois que esta última não era senão uma imortalidade *estática*, que transformaria o homem num “Judeu Errante”, incapaz de morrer.

Segundo prefere King, em seu livro *Gnostics and their remains*, acerca de Ildabaoth, a quem várias seitas consideravam o Deus de Moisés:

“Ildabaoth estava longe de ser um espírito puro; nele imperavam a ambição e o orgulho. Resolvera romper todas as relações com sua mãe Achamoth e criar um mundo inteiramente seu. Com a ajuda de seus Seis Espíritos próprios, criou o homem, destinando-o a ser a imagem do seu poder. Mas falhou por completo nessa obra; o seu Homem não passou de um grande monstro sem alma, que se arrastava sobre a Terra. Os Seis Espíritos viram-se obrigados a voltar com a obra à presença do pai, a fim de que a animasse; o que ele fez, comunicando-lhe o raio de Luz Divina que herdara de Achamoth, a qual, ante essa perda, o castigou por seu orgulho e presunção.

O Homem, que Achamoth assim beneficiara à custa de seu próprio filho, seguiu o impulso da Luz Divina que ela lhe havia transferido, reuniu uma quantidade maior da criação em que Ele estava integrado, e começou a representar, não a imagem do seu criador Ildabaoth, mas antes a do Ser Supremo, do “Homem Primordial”. Em face desse espetáculo, o Demiurgo tomou-se de inveja e de ira, vendo que criara um ente superior a ele próprio. Seus olhos, tintos de paixão, refletiram-se no Abismo como em um espelho; a imagem animou-se de vida; e, súbito, surgiu ‘Satã em forma de Serpente’, *Ophiomorphos*, a encarnação da inveja e da astúcia”⁴⁴.

Tal é a versão exotérica dos gnósticos, e a alegoria, não obstante o caráter sectário da versão, é sugestiva e parece transpirar a verdade. Corresponde a uma dedução natural do texto do capítulo III do *Gênesis*, tomado ao pé da letra.

Daí a alegoria de Prometeu, que arrebatou o Fogo Divino a fim de permitir o progresso consciente dos homens na senda da Evolução espiritual, transformando assim o mais perfeito dos *animais* da Terra em um Deus potencial, e dando-lhe condições para “conquistar o reino dos céus pela violência”. Daí também a *maldição* proferida por Zeus contra Prometeu, e por Jehovah-Ildabaoth contra o seu filho “rebelde”; Satã.

As neves frias e puras da montanha do Cáucaso e as chamas perenes e abrasantes de um Inferno sem fim representam os dois pólos de uma mesma idéia, o duplo aspecto de uma tortura requintada: um “Produtor de Fogo”, emblema personificado de φωσφόρος (*Phosphoros*), da Luz e do Fogo Astrais na *Anima Mundi* (esse Elemento do qual o filósofo materialista alemão disse: “ohne *Phosphor* kein Gedanke”, “sem fósforo não há pensamento”), ardendo nas devoradoras Chamas de suas Paixões terrenas; a tempestade desencadeada em seu *Pensamento*, discernindo, como ainda hoje, o bem do mal, e permanecendo, contudo, escravo das paixões do seu Adão terrestre; sentindo o abutre da dúvida e da consciência devo-

(44) *Op. cit.*, páginas 97-98, 2.^a edição, 1887.

rar-lhe o coração — um Prometeu verdadeiramente, por ser uma entidade *consciente*, e portanto responsável ⁴⁵.

Grande é a maldição da vida; no entanto, à exceção de alguns místicos hindus e sufis, quão poucos são os que consentiriam em trocar todas as torturas da vida consciente, todos os males de uma existência responsável, pela inconsciente perfeição de um Ser passivo incorpóreo (objetivamente), ou sequer pela inércia estática universal, personificada em Brahma, durante a sua "Noite de Repouso"! Porque, para citarmos notável artigo de um homem ⁴⁶ que, confundindo os planos de existência e de consciência, foi vítima de seus próprios erros:

"Satã [ou Lúcifer] representa a Energia Ativa ou, como a chama [Jules] Baissac, a Energia 'Centrífuga' do Universo [no sentido cósmico]. É Fogo, Luz, Vida, Luta, Esforço, Pensamento, Constância, Progresso, Civilização, Liberdade, Independência. É ao mesmo tempo a *Dor*, que é a Reação do Prazer da Ação, e a *Morte*, que é a Revolução da Vida, — Satã ardendo em seu próprio Inferno, produzido pela fúria do seu próprio ímpeto — a desintegração expansiva da Natureza, que tem de concentrar-se em Novos Mundos. E é com razão que ele se vê incessantemente frustrado pela Eterna Inércia da Energia *Passiva* do Cosmos — o inexorável '*Eu Sou*' —, o Sílex de onde saltam as centelhas. É também com razão que... ele e seus aderentes... são entregues ao 'Mar do Fogo' — porque este é o Sol [apenas em um sentido, na alegoria cósmica], a Fonte da Vida do *nosso* Sistema, onde são purificados [quer dizer: desagregados] e agitados para serem reconstruídos em outra vida (a Ressurreição) — este Sol que, como origem do Princípio Ativo de nossa Terra, é ao mesmo tempo a *Sede* e a *Fonte* do Satã deste Mundo...

Além do mais, como que para demonstrar a exatidão da teoria geral de Baissac [em *Le Diable et Satan*], sabe-se que o frio tem um efeito 'centrípeto'. Sob a influência do frio, tudo se contrai... Sob sua influência a Vida entra em *hibernação* ou morre, o Pensamento se congela, e o Fogo se extingue. Satã é imortal em seu próprio Mar de Fogo; somente no 'Nifl-Heim' [o frio Inferno dos Edas escandinavos] é que ele não pode existir. Mas, apesar de tudo isso, há uma espécie de Existência imortal no Nifl-Heim, e esta Existência *deve ser sem dor e tranqüila*, pois que é *inconsciente* e *inativa*. No reino de JEová [se este Deus fosse tudo o que os judeus e os cristãos pretendem] deixa de haver miséria, e não há guerra, nem casamento, nem mudança, nem CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL ⁴⁷. Tudo está absorvido no espírito

(45) A história de Prometeu, do Carma e da consciência humana se encontra no volume IV, Parte Segunda, Seção V.

(46) De um inglês que sucumbiu morto por sua própria imaginação errante. Filho de pastor protestante, fez-se maometano e depois ateu impenitente; mais tarde, encontrando-se com um Mestre, um Guru, tornou-se místico e, em seguida, teósofo; duvidou, desesperou — abandonou a magia *branca* pela magia *negra*; enlouqueceu e ingressou na Igreja Romana. Dando meia volta, anatematizou a Igreja Romana e novamente se fez ateu. Morreu maldizendo a humanidade, o conhecimento e Deus, em quem havia deixado de crer. Tendo à sua disposição todos os dados esotéricos para escrever a sua "Guerra nos Céus", elaborou um artigo semipolítico, em que misturou Malthus com Satã e Darwin com a Luz Astral. Descanse em paz o seu *casão*. Este caso é uma advertência aos Chelas que falham. — Adotou ele o nome de Mizra Murad Ali Bey, e o seu túmulo, esquecido, pode ver-se no cemitério muçulmano de Ioonaghur, Kathiawar, Índia.

(47) O autor se refere ao Jeová *ativo, combatente e irado*, como se fora sinônimo de Parabrahman! Citamos este artigo para mostrar em que difere dos ensinamentos teosóficos. Sem o que poderia ser um dia invocado contra nós, como geralmente acontece com tudo o que se publica em *The Theosophist*.

do Onipotente. É enfaticamente um Reino de Paz e de Submissão leal, assim como o do 'Arqui-Rebelde' é um Reino de Guerra e de Revolução... É [o primeiro] o que a Teosofia chama Nirvana. Mas a Teosofia ensina que, uma vez produzida a Separação da Fonte Primordial, não pode a Reunião ser alcançada senão pelo ESFORÇO DA VONTADE — o que é claramente satânico, no sentido deste trabalho" 48.

É "satânico" do ponto de vista ortodoxo romano, pois foi graças àquele protótipo, que com o tempo se converteu no Demônio dos cristãos; foi graças aos Arcanjos Radiantes, aos Dhyân-Chohans, que se negaram a criar porque desejavam que o homem *chegasse a ser o seu próprio criador* e um Deus imortal; que os homens podem alcançar o Nirvana e o Céu, onde reina a Divina Paz Celestial.

Para encerrar este extenso comentário, diremos que a Doutrina Secreta ensina os Devas do Fogo, os Rudras e os Kumâras, os "Anjos Virgens" (aos quais pertencem os Arcanjos Miguel e Gabriel), os "Rebeldes" Divinos — denominados Nahash, ou "Espoliados", pelos judeus positivos, que tudo materializam — preferiram a *maldição da encarnação* e os longos ciclos de existências e renascimentos a ver a triste condição, ainda que *inconsciente*, de Seres que eram como Sombras projetadas por seus Irmãos, em virtude da energia semipassiva de Criadores *demasiado espirituais*. Se "o uso da vida pelo homem não deve ter por finalidade animalizar nem espiritualizar o Eu, mas *humanizá-lo*" 49, então é necessário que ele nasça *humano*, e não *angélico*. Eis aí por que a tradição nos mostra os Iogues celestes oferecendo-se como vítimas voluntárias para redimir a humanidade (que foi, em princípio, criada à semelhança de Deus e perfeita) e dotá-la de aspirações e afetos humanos. No cumprimento dessa missão, tinham que abandonar o seu estado natural, descer ao nosso Globo e aqui permanecer durante todo o ciclo de Mahâyuga, trocando assim as suas individualidades impessoais por personalidades individuais; a bem-aventurança da existência sideral pela maldição da vida terrena.

Esse sacrifício voluntário dos Anjos do Fogo, cuja própria natureza era *Sabedoria e Amor*, foi transformado pelas teologias exotéricas em uma história que mostra "os Anjos do Céu precipitados do Céu nas Trevas do Inferno" — a nossa Terra. A filosofia hindu está mais com a verdade ao ensinar que os Asuras, precipitados na Terra por Shiva, se acham tão-somente em um *estado intermédio*, no qual se preparam para graus mais elevados de purificação, redimindo-se de sua miserável condição; mas a Teo-

(48) *The Theosophist*, dezembro de 1881, página 68.

(49) Explicando a Cabala, diz o Doutor Henry Pratt: "O Espírito era para o homem (ou melhor, para o Rabino judeu) um ser sem corpo, desencarnado ou espoliado, ou degradado, e daí o ideograma Nahash, "Espoliado", com que o designaram; e foi representado como tendo vindo à raça humana para seduzi-la — e seduzir o homem por meio da mulher... Na descrição desse Nahash, o Espírito assumia a figura de uma serpente, porque, tendo o corpo desprovido de membros, era a serpente considerada criatura espoliada, depravada e degradada" (*New Aspects of Life*, pág. 235). Símbolo por símbolo, há quem prefira o da serpente — símbolo da sabedoria e da eternidade, privado dos membros como é — ao do Jod (י), o poético ideograma de Jeová na Cabala, o Deus do símbolo masculino da geração.

logia cristã — que se pretende baseada na rocha do amor divino, da caridade e da justiça de Aquele que ela considera o seu Salvador —, no afã de, paradoxalmente, dar maior força à sua pretensão, inventou o horrível dogma do Inferno, esta alavanca de Arquimedes da filosofia católica romana.

Por outra parte, a sabedoria rabínica — a mais materialista e a mais grosseiramente terrestre de todas, porque rebaixa tudo a mistérios fisiológicos — designa tais Seres pelo nome de “Malignos”, e os cabalistas pelo de Nahash, “Espoliados”, como vimos, Almas que, *depois de se terem, no Céu, apartado do Santíssimo*, foram projetadas sobre o Abismo na aurora de sua existência, antecipando-se ao tempo em que deviam descer à Terra⁵⁰.

Permitam-nos esclarecer neste ponto que não estamos em divergência com o *Zohar*, nem com outro qualquer livro da Cabala, em sua verdadeira interpretação, que é idêntica à nossa; mas tão-somente com as explicações pseudo-esotéricas que lhe dão, e especialmente os cabalistas cristãos.

Diz o Comentário:

Nossa Terra e o homem [são] os produtos dos três fogos.

Os nomes destes três fogos correspondem, em sânscrito, ao *Fogo Elétrico*, ao *Fogo Solar* e ao *Fogo produzido por Fricção*. Traduzidos no plano cósmico e humano, são: o Espírito, a Alma e o Corpo, os três Grandes Grupos-Raízes com as suas quatro divisões adicionais. Estas variam segundo as escolas; e — conforme as respectivas aplicações —, convertem-se nos *upādhis* e nos *véículos*, ou em seus *númenos*.

Nas versões exotéricas, os fogos são personificados pelos “três filhos, de brilho e esplendor preeminentes”, de Agni Abhimânin, o primogênito de Brahma, o Logos Cósmico, com Svâhâ, uma das filhas de Dakshâ⁵¹. No sentido metafísico, o “Fogo por Fricção” significa a união entre Buddhi, o sexto “princípio”, e Manas, o quinto, união que se efetua e se consolida deste modo: o quinto funde-se parcialmente na Mônada e torna-se parte integrante dela. No sentido físico, relaciona-se com a *centelha criadora* ou germe, que frutifica e gera o ser humano. Os três Fogos, cujos nomes são Pāvaka, Pavamâna e Shuchi, diz-se que foram condenados por uma maldição de Vasishtha, o grande Sábio, a “renascer sem cessar”⁵². O que é bastante claro.

Por isso, as Chamas, cujas funções aparecem confusas nas obras exotéricas, chamando-se indiferentemente Prajâpatis, Pitris, Manus, Asuras,

(50) *Zohar*, III, 61-c.

(51) Dakshâ, “o inteligente, o competente”. “Este nome implica geralmente a idéia de *poder criador*.” Dakshâ é filho de Brahma e Aditi, e, segundo outras versões, um poder nascido por si mesmo, que, tal como Minerva, surgiu do corpo de seu pai. É o chefe dos Prajâpatis, os Senhores ou Criadores do Ser. No *Vishnu Purâna*, Parashara diz sobre ele: “Em cada Kalpa [Manvantara], Dakshâ e os demais nascem e são novamente destruídos.” E o *Rig Veda* diz que: “Dakshâ surgiu de Aditi, e Aditi de Dakshâ”, alusão ao eterno renascimento cíclico da mesma Essência divina.

(52) *Bhâvavata Purâna*, IV, 24, 4.

Rishis, Kumâras, etc.⁵³, figuram como encarnando-se pessoalmente na Terceira Raça-Raiz e, portanto, “renascendo sem cessar”. Na Doutrina Esotérica são geralmente chamadas Asuras, ou Asura Devatâ, ou Pitar Devatâ (Deuses), pois, como já dissemos, foram primeiramente Deuses — e dos mais elevados — antes de se converterem em “Não-Deuses” e de baixarem da classe de Espíritos dos Céus à de Espíritos da Terra⁵⁴ — exotericamente, entenda-se bem, segundo o dogma ortodoxo.

Não há teólogo nem orientalista que possa jamais compreender as genealogias dos Prajâpatis, dos Manus e dos Rishis, nem tampouco sua relação direta — ou melhor, correlação — com os Deuses, salvo se possuir a chave da Cosmogonia e da Teogonia primitivas, que, originariamente, todas as nações possuíam em comum. Esses Deuses e Semideuses aparecem todos reencarnados na Terra, em vários Kalpas e com diversos caracteres; *tendo cada qual o seu Carma claramente traçado, e cada efeito relacionado à sua causa.*

Antes de podermos explicar outras Estâncias, era absolutamente necessário, como se pode ver, mostrar que os Filhos da “Sabedoria Obscura”, ainda que idênticos aos Arcanjos que à Teologia aprouve chamar “Caídos”, são tão divinos e puros, se não mais, que todos os Miguéis e Gabriéis tão glorificados pela Igreja.

O “Velho Livro” contém ainda vários pormenores da Vida Astral, que no momento seriam de todo incompreensíveis para o leitor. Devemos, por isso, adiar para mais adiante a explicação; e a Primeira e a Segunda Raças só serão agora consideradas de passagem. Não quanto à Terceira Raça, a Raça-Raiz que se separou em dois sexos e que foi a primeira dotada de razão.

Os homens evoluíram *pari passu* com o Globo, e este último teve sua “incrustação” mais de cem milhões de anos antes que a primeira sub-raça humana houvesse começado, por assim dizer, a materializar-se e solidificar-se. Mas, segundo declara a Estância:

O Homem Interno [a Entidade Consciente] não existia.

Essa “Entidade Consciente”, diz o Ocultismo, promana das altas Inteligências condenadas, pela inflexível lei da evolução cármica, a reencarnar no presente Manvantara; e, mais ainda, em muitos casos, é a essência mesma, o *esse* daquelas Inteligências.

(53) Nenhuma destas ordens é distinta dos Pitris ou Progenitores. Como disse Manu (Adyaya, III, sloka 284): “Aos nossos pais os sábios chamam Vasus; aos nossos avós paternos, Rudras; aos nossos bisavós paternos, Adityas — de acordo com um texto dos Vedas.” “Este é um texto védico eterno”, diz outra tradução.

(54) Segundo foi agora descoberto pelo falecido G. Smith na literatura dos cilindros babilônicos, o mesmo ocorria na teogonia caldéia. Ishtar era “o primogênito do Céu e da Terra”. Abaixo dele, os Igigi, ou Anjos do Céu, e os Anûnaki, ou Anjos da Terra. Abaixo destes, várias classes de Espíritos e “Gênios” chamados Sadu, Vaddukku, Ekimu, Gallu — uns bons e outros maus. (Ver *Babylonian Mythology*, de Smith, e também *Hibbert Lectures*, de Sayce, página 141.)

(b) O sloka 39 se refere exclusivamente às divisões de raça. Em sentido estrito, a Filosofia Esotérica ensina um poligenismo modificado; pois, ao mesmo passo que assina à espécie humana uma unidade de origem, porquanto os seus antepassados ou "Criadores" eram todos Seres divinos — ainda que de diferentes classes ou graus de perfeição em sua Hierarquia — sustenta que os homens nasceram, contudo, em sete pontos diversos do Continente que então existia. Embora tivessem todos uma origem comum, não é menos verdade que, em razão das circunstâncias já expostas, as suas potencialidades e capacidades mentais, as suas formas exteriores ou físicas, bem como as suas características futuras, eram completamente diferentes⁵⁵. Quanto a sua cor, há uma alegoria sugestiva no *Linga Purâna*. Os Kumâras — chamados os Deuses Rudra — são descritos como encarnações de Shiva, o Destruidor (das *formas externas*), também designado por Vâmadeva. Este último, como Kumâra, o "Eternamente Virgem", o casto Adolescente, surge de Brahma em cada Manvantara e "de novo se converte em quatro; o que é uma alusão às quatro grandes divisões das Raças humanas, no que se refere à cor e tipo, e às suas quatro principais variantes. Assim, no vigésimo nono Kalpa — e aqui se alude à transformação e evolução da forma humana, que Shiva destrói sem cessar e volta a modelar periodicamente, até que seja atingido o grande momento crítico do Manvantara, no meado da Quarta Raça (a Atlante) — no vigésimo nono Kalpa, Shiva, como Shvetalohita, o Kumâra-Raiz, que era de cor da lua, adquire a cor *branca*; na transformação seguinte, passa ao *vermelho* (e neste ponto a versão exotérica diverge do Ensino Esotérico); na terceira, ao *amarelo*; e, na quarta, à cor *negra*.

O Esoterismo classifica hoje essas sete variantes, com suas quatro divisões, em só três Raças primordiais distintas — visto não levar em conta a Primeira Raça, que não tinha tipo nem cor, e cuja forma, apesar de colossal, era escassamente objetiva. A evolução destas Raças, sua formação e desenvolvimento seguiram em linhas paralelas à evolução, formação e desenvolvimento de três camadas geológicas, das quais derivou a cor humana, tanto quanto da influência dos climas dessas zonas.

O Ensino Esotérico menciona três grandes divisões, a saber: a AMARELA-VERMELHA, a NEGRA e a BRANCA-ESCURA⁵⁶. As Raças arianas, por exemplo, que hoje variam desde o moreno carregado, quase negro, e do amarelo-escuro-vermelho, até a cor creme mais pálida, não deixam por isso de pertencer todas ao mesmo tronco, a Quinta Raça-Raiz,

(55) Uma superiores, outras inferiores, *conforme o Carma* das diversas Mônadas que reencarnavam, as quais não podiam ser todas do mesmo grau de pureza em suas últimas vidas em outros mundos. Assim se explicam as diferenças de raça, a inferioridade do selvagem e mais variedades humanas.

(56) "Há", diz Topinard na edição inglesa de sua *Anthropology*, prefaciada pelo Professor Broca, "três elementos de cores fundamentais na constituição humana: o *vermelho*, o *amarelo* e o *negro*, que, mesclados em quantidades variáveis com o branco dos tecidos, dão lugar aos numerosos matizes que observamos na família humana." Eis aqui de novo a Ciência apoiando involuntariamente o Ocultismo.

e descender de um só Progenitor, que no *exoterismo* hindu tem o nome genérico de Manu Vaivasvata. Este último, não devemos esquecer, é aquele Personagem Genérico, o Sábio, que se diz ter vivido há uns 18.000.000 de anos — e também há 850.000 anos — na época em que submergiram os últimos restos do Grande Continente Atlante⁵⁷, e que, segundo corre, vive *ainda hoje* em sua humanidade⁵⁸. O amarelo-claro é a cor da primeira raça humana *sólida*, que surgiu na segunda metade da Terceira Raça-Raiz — *após sua queda na geração*, conforme já explicamos —, cumprindo assim a última transformação. Sim, porque só então ocorreu a transformação final, que fez aparecer o homem tal qual hoje é, embora numa escala muito maior. Essa Raça deu nascimento à Quarta Raça, havendo “Shiva” transformado gradualmente aquela parte da humanidade que se tornou “negra pelo pecado” em amarelo-vermelha, cujos descendentes são os índios vermelhos e os mongóis; e por último em raças de um moreno-claro — as quais, juntamente com as raças amarelas, formam a grande massa da humanidade. A alegoria do *Linga Purâna* é curiosa, por demonstrar a extensão dos conhecimentos etnológicos dos antigos.

Ao ler que a “última transformação” ocorreu há uns 18.000.000 de anos, bem pode o leitor calcular como deviam ter sido necessários mais outros milhões de anos para que fosse atingida aquela fase final. E se o homem, em sua gradual consolidação, se desenvolveu *pari passu* com a Terra, quantos milhões de anos teriam transcorrido durante a *Primeira*, a *Segunda* e a primeira metade da *Terceira* Raça! Pois a Terra se encontrava em um estado relativamente etéreo, antes de alcançar seu estado sólido final. Os Ensinamentos Arcaicos nos dizem, ademais, que durante o período médio da raça Lémuro-Atlante, três Raças e meia após a gênese do Homem, a Terra, o Homem e tudo o que existe no Globo eram de uma natureza ainda mais grosseira e material, ao passo que algumas coisas como os corais e certas conchas se apresentavam num estado astral semi-gelatinoso. Os ciclos que desde então se sucederam, fazendo-nos passar adiante, já no arco ascendente oposto, nos proporcionaram algum progresso no sentido da “desmaterialização”, como diriam os espiritistas. Amoleceu a Terra, e todas as coisas nela existentes, inclusive nós mesmos, a partir daquela época; até o nosso cérebro. Alguns teósofos, contudo, objetaram que uma Terra etérea, mesmo há 15 ou 20 milhões de anos, “não quadra com a Geologia”, segundo a qual naqueles tempos os ventos sopravam, a chuva caía, as ondas rebentavam sobre as praias, as areias

(57) Convém ter presente que os “últimos restos”, a que ora se alude, se referem àquelas partes do “Grande Continente” que ainda subsistiam, e não a nenhuma das numerosas ilhas que eram contemporâneas do Continente. A ilha de Platão, por exemplo, era um desses restos; os outros submergiram em várias épocas anteriores. Ensina uma “tradição” oculta que tais submersões ocorrem sempre que há um eclipse do “Sol Espiritual”.

(58) Vejam-se, *mais adiante*, as observações sobre os Manus-Raízes e os Manus-Sementes, e a seção intitulada “Os Manus Primitivos da Humanidade”, no final dos comentários a respeito desta Estância.

eram revolvidas e se amontoavam, etc.; numa palavra, todas as causas naturais que hoje atuam estavam em pleno vigor, "nas mais primitivas idades geológicas; sim, na era das rochas paleozóicas mais antigas". Eis como respondemos: Primeiro, em que época situa a Geologia essas "rochas paleozóicas mais antigas"? Segundo, por que não haviam de soprar os ventos, rebentar as ondas (de "ácido carbônico" aparentemente, como a Ciência parece admitir) sobre as praias de uma Terra semi-astral, isto é, gelatinosa? A palavra "astral", na linguagem oculta, não tem necessariamente o sentido de sutil, como o fumo, mas antes o de "cintilante", brilhante ou diáfano, em graus diversos, desde o estado inteiramente nebuloso até o gelatinoso que acabamos de mencionar. Suscita-se, porém, mais esta objeção: "Como podia uma Terra Astral exercer influência sobre os outros planetas do sistema?" "Não estaria agora desordenado todo o processo, se a atração de um só planeta cesasse de repente?" A objeção carece evidentemente de valor, pois o nosso Sistema se compõe de planetas jovens e velhos, alguns mortos, como a Lua, e outros em via de formação — nada dizendo em contrário a Astronomia. Nem esta jamais afirmou, quanto seja de nosso conhecimento, que todos os corpos do nosso Sistema vieram à existência e se desenvolveram simultaneamente. Os Ensinaamentos Secretos de aquém-Himalaia divergem, neste ponto, dos da Índia. Sustenta o Ocultismo hindu que a Humanidade do Manu Vaivasvata tem 18.000.000 e alguns anos mais de idade. Assim é, dizemos nós, mas só no que diz respeito ao Homem *físico* ou aproximadamente físico, que data do fim da Terceira Raça-Raiz. Anteriormente a este período, o *Homem*, ou sua imagem nebulosa, pode ter existido, que saibamos, durante 300.000.000 de anos, pois que as cifras não nos são reveladas, constituindo e permanecendo um segredo reservado aos Mestres da Ciência Oculta, como se diz exatamente no livro *Esoteric Buddhism*⁵⁹. Por outro lado, embora os *Purânas* só mencionem um Manu Vaivasvata, nós afirmamos que houve vários, sendo este um nome genérico.

Cabe agora dizer algumas palavras sobre a evolução física do homem.

ENSINAMENTOS ARCAICOS DOS PURÂNAS E DO GÊNESIS — EVOLUÇÃO FÍSICA

Nunca poderá a autora apresentar provas *demasiadas* de que o sistema de Cosmogonia e Antropogonia antes descrito existiu realmente, de que os seus anais se conservam, estando refletidos até mesmo nas versões modernas das antigas Escrituras.

Os *Purânas*, de um lado, e as Escrituras judaicas, de outro, estão baseados no mesmo esquema de evolução. Se este esquema fosse expresso em linguagem do nosso tempo e lido em seu sentido esotérico, ver-se-ia que é tão científico como tudo o que agora passa correntemente como a última

(59) 8.^a edição, página 148.

palavra das recentes descobertas. A única diferença entre os dois esquemas está em que os *Purânas*, concedendo tanta e talvez maior importância às causas que aos efeitos, aludem mais aos períodos pré-cósmicos e pré-genéticos que aos da chamada "criação"; ao passo que a *Bíblia*, depois de dizer algumas palavras sobre o primeiro período, se concentra inteiramente na gênese material, e, quase passando por cima das raças pré-adamitas, prossegue expondo as alegorias que concernem à Quinta Raça.

Ora, sejam quais forem as discrepâncias observadas na "ordem da criação" do *Gênesis* (e a narrativa desse livro, tomada ao pé da letra, efetivamente justifica as críticas), ver-se-á que os *Purânas* hindus, a despeito de seus exageros alegóricos, estão plenamente de acordo com a Ciência Física⁶⁰.

Até aquilo que, à primeira vista, parece uma alegoria de todo em todo disparatada — o assumir Brahma a forma de um javali para libertar a Terra das águas — tem explicação perfeitamente científica nos Comentários Secretos, relacionando-se com os numerosos levantamentos e submersões, com a constante alternativa de água e terra firme, desde os mais remotos até os últimos períodos geológicos do nosso Globo; pois a Ciência nos ensina hoje que nove décimos das formações estratificadas da crosta terrestre se processaram sob as águas, no fundo dos mares. Atribui-se aos antigos ários uma ignorância completa da História Natural, da Geologia, etc. Por outro lado, a raça judia é proclamada, inclusive por um de seus mais severos críticos, adversário irreductível da *Bíblia*, como detentora do mérito de haver concebido a idéia do monoteísmo "com precedência sobre qualquer das religiões menos filosóficas e mais imorais (!) do Mundo antigo, e de haver mantido essa idéia com mais firmeza"⁶¹. Acontece, porém, que, enquanto no esoterismo bíblico vemos simbolizados mistérios fisiológicos sexuais, e pouco mais que isso — o que não requer muita

(60) A infeliz tentativa do Sr. Gladstone, no sentido de conciliar a exposição do *Gênesis* com a Ciência (vejam-se os seus escritos *Dawn of the Creation* e *Proem to Genesis* em *The Nineteenth Century*, 1886), atraiu contra ele os raios olímpicos do Sr. Huxley. E que a exposição textual não justifica semelhante tentativa; e a sua quádrupla ordem ou divisão da criação animada se transformou na pedra com que o urso, em vez de matar a mosca pousada na fronte do amo adormecido, mata o próprio homem. O Sr. Gladstone matou definitivamente o *Gênesis*; mas isso não constitui prova de que não haja esoterismo nesse livro. A circunstância de haverem os judeus e todos os cristãos, tanto as seitas modernas como as primitivas, aceito a narrativa literalmente durante dois mil anos, prova tão-somente a sua ignorância, e serve para consagrar o engenho e habilidade dos Rabinos Iniciados que compuseram as duas versões, a eloísta e a jeovista, em termos esotéricos, dando-lhes um sentido intencionalmente confuso, pelo emprego, no texto original, de signos sem vogais, ou palavras-signos. Os seis dias (Yom) da criação significam seis períodos de evolução, e o sétimo dia é o da culminação, do aperfeiçoamento — e não o do descanso. — Trata-se ali das sete Rondas e das sete Raças, cada qual com sua "criação" distinta, se bem que o emprego das palavras *Boker*, "aurora" ou "manhã", e *Ereb*, "crepúsculo vespertino" — cujo significado esotérico é o mesmo da palavra sânscrita *Sandhyâ*, "crepúsculo" — tenha dado ensejo, por ignorância crassa, à deformação da ordem evolutiva.

(61) *Modern Science and Modern Thought*, de S. Laing, pág. 337.

dose de verdadeira filosofia —, nos *Purânas* podemos ver a “aurora da criação” de modo mais científico e filosófico, o que, analisado imparcialmente e traduzido em linguagem comum, em vez de parecer alegorias semelhantes a contos de fadas, provaria que a Zoologia, a Geologia, a Astronomia e quase todos os ramos do saber moderno foram antecipados pela Ciência antiga e eram conhecidos, em suas linhas gerais, senão de modo tão particularizado como hoje, pelos filósofos antigos.

O próprio Bentley demonstrou que a astronomia dos *Purânas*, com tudo quanto ali existe de intencionalmente confuso e oculto (a fim de despistar o profano), é uma verdadeira ciência; e os que estão versados nos mistérios dos tratados astronômicos hindus podem certificar que a teoria moderna da condensação progressiva das nebulosas, das estrelas e sóis nebulares, com todas as minúcias a respeito da progressão cíclica das constelações, para fins cronológicos e outros — minúcias mais exatas do que as que os europeus possuem —, era conhecida à perfeição na Índia.

Se nos voltarmos para a Geologia e a Zoologia, chegaremos a idênticas conclusões. Que são os mitos e as infundáveis genealogias dos sete Prajâpatis, de seus filhos, os sete Rishis ou Manus, e de suas respectivas esposas, filhos e descendentes, senão uma extensa e pormenorizada exposição do progressivo desenvolvimento e evolução da criação animal, espécie após espécie? Seriam os arianos — de espírito tão altamente filosófico e metafísico, autores do mais perfeito sistema de Psicologia transcendente, de códigos de Ética, de uma gramática como a de Pânini, dos sistemas Sankhya e Vedanta, de um código de moral (o Budismo) proclamado por Max Müller como o mais perfeito existente na Terra — seriam os arianos tão néscios e infantis para malgastar o tempo em escrever “contos de fadas”, tais como os *Purânas* se afiguram aos olhos daqueles que não têm a menor idéia do seu significado oculto? Que é a “fábula” referente à genealogia e origem de Kashyapa, com suas doze esposas, que lhe deram uma numerosa e variada progênie, composta de serpentes (Nâgas), répteis, aves e toda classe de seres vivos, tornando-o assim o “pai” de todas as espécies de animais — senão uma descrição *velada* da ordem da evolução na presente Ronda? Até agora não deparamos um só orientalista que tivesse a mais remota concepção das verdades ocultas sob as alegorias e as personificações. O *Shatapatha Brâhmana* “dá uma exposição *bem pouco inteligível*” da origem de Kashyapa.

“Segundo o *Mahâbharata*, o *Râmâyana* e os *Purânas*, era ele filho de Marichi, o filho de Brahma, o pai de Vivasvat, o pai de Manu, o progenitor da humanidade.

Segundo o *Shatapatha Brâhmana*: Assumindo a forma de uma tartaruga, Prajâpati criou descendência. O que criou, ele o fez (*akarot*); daí a palavra *kârma* (tartaruga). Kashyapa quer dizer tartaruga; e por isso diz-se: Todas as criaturas são descendentes de Kashyapa.”⁶²

Kashyapa era tudo isso; foi também o pai da ave Garuda, “o rei da tribo alada”, que *descendia dos répteis*, os Nâgas, pertencendo como eles

(62) *Hindu Classical Dictionary*, de Dowson, *sub voce*.

ao mesmo tronco, e que *subseqüentemente* se converteu em seu mortal inimigo; assim como também é um ciclo, um período de tempo, quando, no curso da evolução, as aves que se desenvolveram dos répteis, em sua "luta pela vida" e pela "sobrevivência dos mais aptos", se voltaram contra aqueles dos quais descendiam, talvez impelidos pela lei natural, para devorá-los, dando lugar a outras espécies mais perfeitas.

No admirável epítome *Modern Science and Modern Thought*, S. Laing dá uma lição de História Natural ao Sr. Gladstone, mostrando quanto a *Bíblia* se acha em desacordo com ela. Observa o autor que a Geologia vai até a "aurora da criação", seguindo uma linha de investigação científica:

"Tendo como ponto de partida o mais antigo fóssil conhecido, o Eozoon Canadense do período Laurenciano, e continuando por uma cadeia ininterrupta, em que cada anel se acha firmemente unido, através do período Siluriano, com as suas numerosas formas vitais de moluscos, crustáceos, vermes e as primeiras indicações de peixes; do período Devoniano com suas predominâncias de peixes e o primeiro aparecimento dos répteis; do período Mesozóico com os seus batráquios; da formação Secundária, em que preponderavam os répteis da terra, do ar e do mar, e em que principiaram a surgir as primeiras e humildes formas de animais terrestres vertebrados; e, finalmente, do período Terciário, em que eram abundantes os mamíferos, e os tipos e as espécies se sucediam uns aos outros, diferenciando-se e especializando-se gradualmente através dos períodos Eoceno, Mioceno e Plioceno, até que chegamos aos períodos Glaciário e Pré-histórico, e a uma prova positiva da existência do homem." 63

A mesma ordem, com *mais* a descrição de animais desconhecidos da Ciência moderna, se encontra nos Comentários dos *Purânas* em geral, e no *Livro de Dzyan* em particular. A única diferença — de importância, sem dúvida, porque implica a existência, no homem, de uma natureza espiritual e divina, independente de seu corpo físico neste mundo ilusório, em que só a *falsa personalidade* e sua base cerebral são consideradas pela psicologia ortodoxa — a única diferença é a seguinte. Havendo estado em todas as chamadas sete "criações", representadas alegoricamente pelas sete mudanças evolutivas, ou, poderíamos dizer, pelas sub-raças da Primeira Raça-Raiz da Humanidade — o HOMEM está presente na Terra desde o começo da Ronda atual. Depois de passar por todos os Reinos da Natureza nas três Rondas precedentes 64, sua constituição física — adaptada às condições térmicas daquelas primitivas épocas — estava apta para receber o *divino Peregrino* na aurora da vida humana, isto é, há 18.000.000 de anos. Só no meado da Terceira Raça-Raiz foi o Homem dotado de *Manas*. E, unidos os *Dois*,

(63) *Op. cit.*, página 335.

(64) "Segui a lei da analogia", recomendam os Mestres. *Atmâ-Buddhi* é dual, e *Manas* tríplice, pois o primeiro tem dois aspectos, e o segundo três; isto é, *Manas*, como "princípio" *per se*, em seu aspecto superior gravita para *Atmâ-Buddhi*, e em sua natureza inferior segue *Kâma*, a sede dos desejos e das paixões animais e terrenas. Compare-se agora com a evolução das Raças: a Primeira e a Segunda pertencem à natureza de *Atmâ-Buddhi*, de que são a progênie espiritual passiva; ao passo que a Terceira Raça-Raiz apresenta três divisões ou aspectos distintos, fisiológica e psiquicamente — o primeiro sem pecado, o segundo marcando o despertar da inteligência, e o terceiro e último nitidamente *animal*; vale dizer, *Manas* sucumbindo às tentações de *Kâma*.

e depois os *Três*, fizeram-se *Um*; porque, embora os animais inferiores, desde a ameba ao homem, tivessem recebido *suas* Mônadas, que encerram todas as qualidades superiores potencialmente, estas qualidades têm que permanecer latentes até que o animal alcance a forma humana, antes de cuja fase o Manas (a Mente) não se desenvolve. Nos animais todos os princípios se acham paralisados e num estado comparável ao do feto, excetuando-se o segundo (princípio Vital), o terceiro (princípio Astral) e rudimentos do quarto, Kâma, que é o desejo, o instinto, cuja intensidade e desenvolvimento variam com as espécies. Para o materialista imbuído da teoria de Darwin, isso há de parecer história da carochinha, uma mistificação; para quem acredita no homem interno espiritual, o que enunciamos será perfeitamente natural. Conforme diz o Comentário:

Os Homens somente ficam completos no seu Terceiro Ciclo [Raça], quando já se aproxima o Quarto. São feitos "Deuses", para o bem e para o mal, e seres responsáveis, só quando os dois arcos se encontram, após três e meia Rondas, e perto da Quinta Raça. E o são pelos Nirmânakayas [restantes Espirituais e Astrais] dos Rudras-Kumâras, "condenados a renascer na Terra" [significando: condenados, em seu turno natural, a reencarnar durante o arco ascendente superior do Ciclo terrestre]

A autora defrontar-se-á neste ponto, seguramente, com objeções consideradas insuperáveis. Dirão que a marcha embriológica, o desenvolvimento gradual de toda vida individual e o progresso que é sabido verificar-se na ordem das fases sucessivas da especialização, tudo isso se opõe à idéia de que o homem seja superior aos mamíferos. O homem principia como a mais primitiva e humilde das criaturas vermiformes:

"Desde o fragmento primordial de protoplasma e a célula nucleada, em que toda vida se origina... e se desenvolve através de fases que não se distinguem daquelas por que passam os peixes, os répteis e os mamíferos, até o momento em que a célula atinge o desenvolvimento altamente especializado do tipo quadrúmano, e, por último, o do tipo humano." ⁶⁵

É isso perfeitamente científico, e nada temos que redargüir; pois tudo se refere ao *cascão* do homem — ao seu corpo, que naturalmente está sujeito, durante o seu desenvolvimento, como todas as outras unidades morfológicas, a metamorfoses que tais. Não serão os que ensinam a transformação do átomo mineral por meio da cristalização — função que é idêntica à da formação das células com os seus núcleos orgânicos na planta, no inseto, no animal e no homem, e que tem a mesma relação com o seu chamado Upâdhi *inorgânico* ou base — não serão eles que hão de impugnar esta teoria, porque ela conduzirá finalmente ao reconhecimento de uma Divindade Universal na Natureza, sempre presente, sempre invisível e incognoscível, e de Deuses intracósmicos que primitivamente foram todos homens ⁶⁶.

(65) Laing, *op. cit.*, página 335.

(66) Eis em que consiste toda a dificuldade: nem os fisiólogos nem os patologistas querem reconhecer que a substância da célula germinadora, o citoblastema, e a

Será o caso, porém, de perguntarmos: Que prova a Ciência, com as suas descobertas exatas e as suas teorias promovidas a axiomas, contra a *nossa* teoria Oculta? Os que acreditam na lei da evolução e do desenvolvimento gradual e progressivo a partir da célula — que de célula vital passou à célula morfológica, até surgir finalmente como protoplasma puro e simples — não podem certamente limitar sua crença a uma linha única de evolução! Os tipos de vida são inumeráveis; e, além disso, o progresso da evolução não segue o mesmo compasso em todas as diferentes espécies. A constituição da matéria primordial na era Siluriana — queremos referir-nos à matéria “primordial” da Ciência — era, em suas particularidades essenciais, a mesma da matéria primordial *viva* de nossos dias, salvo quanto ao grau atual de rudeza. Nem tampouco vemos o que deveria ser visto, se a teoria evolucionista ortodoxa de hoje fosse *inteiramente* exata, a saber: um progresso constante, ocorrendo sempre em todas as espécies de seres. Em vez disso, que vemos? Enquanto os grupos intermédios dos seres do reino animal tendem todos para um tipo superior, e enquanto as especializações, ora de um tipo, ora de outro, se desenvolvem no curso das eras geológicas, mudam as formas, assumindo outras novas, aparecem e desaparecem com a rapidez de um caleidoscópio de um período a outro, segundo as descrições dos paleontólogos, as duas únicas exceções à regra geral são as que se encontram nos dois pólos opostos da vida e dos tipos: o **HOMEM** e as *espécies inferiores* de seres.

“Certas formas bem definidas de seres vivos existiram durante largos períodos de tempo, não só sobrevivendo às mudanças de condições físicas, *mas permanecendo relativamente inalteradas*, enquanto outras formas de vida surgiram e desapareceram. Semelhantes formas podem ser chamadas “tipos persistentes” de vida, e numerosos exemplos são encontrados tanto no mundo animal como no vegetal.”⁶⁷

Entretanto, não se aduz nenhuma razão plausível que explique por que Darwin englobou os répteis, as aves, os anfíbios, os peixes, os moluscos, etc., como provindos de uma mesma Monera avoenga. Não se diz tampouco se os répteis, por exemplo, são descendentes diretos dos anfíbios, estes dos peixes, e os peixes de formas inferiores — como certamente são. Porque as Mônadas passaram por todas estas formas do ser, até chegarem ao homem, em cada Globo, no decorrer das *três Rondas precedentes*; havendo sido cada Ronda, e assim também cada Globo, de A a G, e devendo ainda ser, o teatro da mesma evolução, repetida cada vez em base mais material que a anterior.

A esta pergunta: “Que relação há entre os protótipos astrais da Terceira Ronda e o desenvolvimento físico ordinário no curso da formação das espécies orgânicas pré-mamíferas?”, pode-se, portanto, responder facilmente. Um é o protótipo ainda vago do outro, o esboço preliminar, não de todo definido na tela, de objetos que vão receber do pincel do pintor

matéria-mãe de que se originam os cristais são uma só e a mesma essência, salvo na diferenciação para certos fins.

(67) Huxley, *Proceedings of the Royal Institution*, III, página 151.

sua última e vívida forma. O peixe transmuda-se em anfíbio — uma rã — na *obscuridade* do pântano, e o homem passa por todas as suas metamorfoses neste Globo durante a Terceira Ronda, como também o faz em seu Quarto Ciclo, o atual.

Os tipos da Terceira Ronda contribuíram para a formação dos tipos da presente Ronda. Por estrita analogia, o ciclo de Sete Rondas, em sua obra de formação gradual do homem através de todos os reinos da Natureza, reproduz-se em escala microscópica durante os sete primeiros meses da gestação do futuro ser humano. Que o estudante medite e se detenha nessa analogia. Assim como a criança de sete meses, que ainda não nasceu, apesar de completamente formada, precisa de mais dois meses para adquirir força e consolidar-se, também o homem, depois de perfazer sua evolução em Sete Rondas, permanece dois períodos mais na Mãe-Natureza antes de nascer, ou melhor, antes de renascer como Dhyâni, ainda mais perfeito do que era antes de ser projetado como Mônada na Cadeia de Mundos reconstruída. Que o estudante medite nesse mistério, e facilmente se convencerá de que, assim como existem liames físicos entre muitas espécies, também há domínios bem delimitados em que a Evolução Astral se funde com a Evolução Física. Sobre isso a Ciência não diz uma palavra. O homem, afirma, evoluciona com o símio e dele descende. Vejamos, porém, a contradição.

Huxley, prosseguindo, assinala plantas, fetos, musgos terrestres, alguns de espécie idêntica à dos que existem atualmente, encontrados no período Carbonífero.

“O estróbilo da *Araucária* oolítica quase não se pode distinguir das espécies atualmente existentes... Alguns sub-reinos animais nos proporcionam exemplos semelhantes. A *Globigerina* das sondagens do Atlântico é idêntica às espécies cretáceas do mesmo gênero... Os corais lisos do período Siluriano se parecem estranhamente com as miléporas dos nossos mares de hoje... Os *Aracnídeos*, cujo grupo superior, o dos escorpiões, está representado nas camadas de carbono por uma espécie que não difere de seus congêneres vivos senão... nos olhos, etc.”

Podemos concluir com a informação autorizada do Dr. Carpenter acerca dos Foraminíferos:

“Não há prova de nenhuma modificação fundamental ou progresso no tipo dos Foraminíferos, desde o período paleozóico até os nossos dias... A fauna dos Foraminíferos de nossa própria série comporta, provavelmente, um número maior de variedades do que o existente em épocas anteriores; mas não há indicação de tendência alguma para elevar-se a um tipo superior.”⁶⁸

Ora, assim como nos Foraminíferos (protozoários de tipo ínfimo de vida, sem boca nem olhos) não se observa nenhuma mudança, excetuando a maior variedade atual, assim também no homem, que ocupa o primeiro grau na escala dos seres, muito menos há qualquer sinal de mudança, como já vimos, pois o esqueleto de seu antepassado paleolítico é até superior, de

(68) *Introduction to the Study of the Foraminifera*, página XI.

certo ponto de vista, à sua constituição presente. Onde, portanto, a uniformidade da lei que se invoca — a *regra absoluta* de que as espécies se convertem em outras, chegando assim, por gradações insensíveis, a tipos superiores?

Vemos que Sir Williams Thomson admite o decurso de 400.000.000 de anos desde a época em que a superfície do Globo esfriou o suficiente para permitir a presença de seres vivos⁶⁹; e durante esse enorme período de tempo, só na eraoolítica, a chamada “Idade das Répteis”, encontramos a mais extraordinária e abundante variedade de formas sáurias, alcançando o tipo anfíbio o seu mais alto desenvolvimento. Fala-se de Ictiossauros e Plesiossauros nos lagos e rios, e de crocodilos ou lagartos alados voando no ar. Após o que, no período Terciário,

“vemos que o tipo mamífero apresenta notáveis diferenças das formas que existiam anteriormente... os mastodontes, megatérios e outros pesados habitantes dos antigos bosques e planícies”.

E fazem-nos conhecer em seguida:

“A transformação gradual de uma das ramificações da ordem dos quadrúmanos naqueles seres dos quais se pode considerar como descendente o próprio homem primitivo.”⁷⁰

Pode-se; mas ninguém, exceto o materialista, sabe por que há de fazê-lo, uma vez que tal não é absolutamente necessário, nem os fatos indicam semelhante evolução; sendo que os mais diretamente interessados confessam não terem sido capazes de descobrir um só fato em apoio de sua teoria.

Não há necessidade de que os inumeráveis tipos de vida representem os membros de apenas uma série progressiva. São eles “os produtos de várias formas divergentes de evolução, que se processam ora numa ora noutra direção”. É bem mais razoável, portanto, dizer que o símio evolucionou para a ordem dos quadrúmanos, do que sustentar que o homem primitivo — tendo permanecido estacionário em sua especialização humana desde o tempo do seu primeiro esqueleto fóssil encontrado nos estratos mais antigos, e do qual não se descobriu nenhuma variedade, salvo na cor e no tipo facial — seja descendente de um antepassado comum juntamente com o macaco.

Que o homem, tal como os animais, tem sua origem em uma célula e se desenvolve “através de fases que não se podem distinguir das dos peixes, répteis e mamíferos, até que a célula chega ao desenvolvimento altamente particularizado do quadrúmano e, por último, ao tipo humano”, eis um axioma oculto, velho de milhares de anos. O axioma cabalístico: “A pedra se converte em planta, a planta em animal, o animal em homem, o homem em Deus” foi sempre afirmado em todas as épocas. Em seu *Schöpfungsgeschichte*⁷¹, Hæckel insere dois desenhos que representam dois em-

(69) *Transactions of the Geological Society of Glasgow*, vol. III. Coisa estranha, pois ainda recentemente ele mudou de opinião, dizendo que o sol não tem mais de 15.000.000 anos.

(70) Bastian, *The Beginnings of Life*, II, página 622.

(71) Veja-se a tradução francesa, *Histoire de la Création Naturelle*, Paris, Livraria Reinwald. (Nota do tradutor francês.)

bríões — o de um cão de seis semanas e o de um homem de oito. Ambos, com exceção de uma ligeira diferença na cabeça, que é maior e mais larga no homem, são indistinguíveis um do outro.

“Podemos dizer, efetivamente, que todo ser humano passa pelas fases do peixe e do réptil, antes de chegar à do mamífero e, finalmente, à do homem.

“Se examinamos o embrião em um estado mais adiantado, quando já passou da forma do réptil, vemos que, durante um tempo bem considerável, a linha de desenvolvimento permanece idêntica a dos outros mamíferos. Os membros rudimentares são exatamente iguais; os cinco dedos dos pés e das mãos e as orelhas se desenvolvem da mesma maneira; e, após as quatro primeiras semanas de crescimento, *é tal a semelhança entre o embrião de um homem e o de um cão, que se torna quase impossível distinguir um do outro*. Até mesmo na idade de oito semanas, o embrião humano é um animal com cauda, que dificilmente se pode distinguir do embrião de um cão.”⁷²

Isso posto, por que não deduzir que o homem e o cão descendem de um antepassado comum ou de um réptil — um *Nāga* — em vez de equiparar o homem ao quadrúmano? Seria igualmente lógico, se não mais. O aspecto e as fases do embrião humano não se modificaram desde os tempos históricos, e Esculápio e Hipócrates já conheciam aquelas metamorfoses tão bem quanto o Sr. Huxley. E, se os cabalistas o haviam observado desde os tempos pré-históricos, é claro que não se trata de uma descoberta nova⁷³.

Como o embrião humano não tem do macaco mais que de outro mamífero qualquer, antes encerra em si *a totalidade dos reinos da Natureza*, e visto que parece constituir um “tipo persistente” de vida, ainda muito mais caracterizado que os Foraminíferos, afigura-se tão ilógico fazê-lo descender do macaco quanto o seria traçar a sua origem da rã ou do cão. Tanto a filosofia oculta como a filosofia oriental crêem na evolução, que Manu e Kapila⁷⁴ descrevem com muito mais clareza do que qualquer homem de ciência em nossos dias. É inútil insistir sobre o que já foi amplamente discutido em *Isis sem Véu*, e o leitor pode encontrar em nossa primeira obra⁷⁵ todos os argumentos e a exposição dos fundamentos em que se apóiam as doutrinas orientais da Evolução. Nenhum ocultista, porém, aceitaria a proposição, nada razoável, de que todas as formas atuais, “desde a ameba até o homem”, descendem em linha reta de organismos que viveram no mar ou na terra lodosa, durante as épocas pré-silurianas, milhões e milhões de

(72) Laing, *Modern Science and Modern Thought*, página 171.

(73) Em *Isis sem Véu*, vol. I, página 389, esta questão foi ventilada e explicada em parte.

(74) Onde o lado filosófico da alegoria dos 7, 10 e, finalmente, 21 Prajāpatis, Rishis, Munis, etc., todos representados como “pais” de vários seres e coisas. A ordem das sete classes, ou das plantas, dos animais e até de coisas inanimadas, que os *Purānas* mencionam ao acaso, vem exposta corretamente nos Comentários. Assim, Prithu é o pai da Terra. Ele a “nutre” e a faz produzir toda sorte de cereais e legumes, que se enumeram e se especificam. Kashyapa é o “pai” de todos os répteis, serpentes, demônios, etc.

(75) Veja-se o vol. I, sobre a “Árvore da Evolução” — a “Árvore do Mundo”.

anos antes do aparecimento do homem. Os ocultistas crêem em uma *Lei inerente do Desenvolvimento Progressivo*⁷⁶. O Sr. Darwin jamais acreditou nela — e assim o manifestou, pois vemo-lo declarar que, *não havendo nenhuma* vantagem “para o infusório ou para o verme intestinal... em virem a ser altamente organizados”, daí resulta que a “seleção natural”, *que não implica necessariamente um desenvolvimento progressivo*, deixa em sossego o animalculo e o verme, “tipos persistentes”.

Não é de ver muito sinal de uma *lei uniforme* em semelhante procedimento da Natureza, parecendo antes a ação discernidora de uma seleção suprafísica. Talvez aquele aspecto do Carma que os ocultistas chamam, no Oriente, “Lei de Retardamento” não seja estranho a isso.

Há, porém, muitas razões para duvidar que o próprio Darwin desse à sua lei a importância que agora lhe emprestam os seus partidários. Mui pouco se sabe das diversas formas vivas dos períodos geológicos passados. Assim o explica o Dr. Bastian, valendo-se de razões bastante sugestivas:

“Primeiro, devido ao modo imperfeito com que as diversas formas podem estar representadas nos estratos pertencentes ao período; segundo, por causa da natureza extremamente limitada das explorações que se têm feito nessas camadas de representação imperfeita; e, finalmente, por nos ser inacessível grande parte dos vestígios, havendo sido apagados pelo tempo quase todos abaixo do sistema siluriano, enquanto que os dois terços da superfície da Terra em que se encontram essas camadas estão agora cobertos pelos mares. Por isso diz o Sr. Darwin: ‘De minha parte, adotando a metáfora de Lyell, considero os vestígios geológicos como uma história do mundo imperfeitamente conservada, e escrita num dialeto instável; *dessa história só possuímos o último volume*, que não se ocupa senão de dois ou três países; e da mesma história não nos resta mais que um ou outro breve capítulo, e de cada página, aqui e ali, só algumas linhas’.”⁷⁷

Certamente que, com tão escassas informações não pode a Ciência dizer sua última palavra. Não é tampouco por uma questão de orgulho humano, nem por alguma crença ilógica de representar o homem aqui na Terra — em nossa época talvez — o tipo mais elevado de vida, que o Ocultismo nega que todas as formas precedentes da vida humana pertencessem a tipos inferiores ao nosso. Não é por isso; mas tão-somente porque o “elo perdido”, que seria a prova decisiva da teoria atual, jamais virá a ser encontrado pelos paleontólogos. Acreditando, como acreditamos, que o homem, nas Rondas anteriores, fez sua evolução, na Terra, desde as formas mais simples e inferiores de vida, tanto vegetais como animais, e por elas passou, nada vemos de degradante na idéia de que o orangotango fosse um antepassado de nossa forma física. Muito pelo contrário, visto que ela apoiaria, com evidência irrecusável, a Doutrina Oculta sobre a evolução final (até o homem) de tudo o que faz parte da natureza terrestre.

Seria mesmo o caso de perguntar por que os biólogos e os antropólogos, depois de aceitarem firmemente a teoria da descendência simiana do

(76) Contida e modificada, não obstante, pela Lei de Retardamento, que impõe uma restrição ao progresso de todas as espécies quando *aparece um tipo superior*.

(77) Bastian, *Beginnings of Life*, II, 622-623.

homem, não cogitaram ainda da futura evolução humana dos macacos atuais! Não seria mais que a conseqüência lógica da primeira teoria — a menos que a Ciência quisesse fazer do homem um ser privilegiado, e de sua evolução uma coisa *sem precedentes* na Natureza, um caso de todo *especial* e único. E é certamente a essa conclusão que a Ciência física vai chegar com as suas teorias. Mas a razão pela qual os ocultistas impugnaram a hipótese de Darwin, e principalmente a de Hæckel, tem seu fundamento em que, na verdade, é o macaco, e não o homem, que constitui um caso especial e único. O pitecóide representa uma *criação accidental*, um desenvolvimento forçado, o resultado de um processo antinatural.

A Doutrina Oculta, acreditamos, é mais lógica. Ensina que existe uma Lei natural cíclica, invariável, pois que a Natureza não persegue nenhum “desígnio especial” de caráter pessoal, mas opera segundo um plano uniforme, que prevalece durante todo o período manvantárico e trata o verme da terra como trata o homem. Nem um nem outro procuraram vir à existência, e ambos, portanto, estão sujeitos à mesma Lei de Evolução, e ambos devem progredir em harmonia com a Lei Cármica. Os dois partiram do mesmo Centro Neutro de Vida, ao qual têm que volver na consumação do Ciclo.

Não se nega que o homem *fosse*, na Ronda precedente, uma criatura gigantesca, semelhante a um símio; e, em vez de dizer “homem”, talvez devêssemos dizer o molde grosseiro que se estava desenvolvendo para uso do homem nesta Ronda somente (cujo ponto médio ou de transição estamos apenas atingindo). Nas duas primeiras Raças-Raízes e na primeira metade da Terceira, o homem não era o que hoje é. O ponto médio, já o dissemos, só foi por ele alcançado há 18.000.000 de anos no período Secundário, consoante o nosso ponto de vista.

Até então, segundo a tradição e o Ensino Oculto, o homem era “um Deus sobre a Terra, um Deus caído na Matéria” ou na geração. Que se aceite ou não esta afirmativa: há inteira liberdade de fazê-lo. A Doutrina Secreta não pretende impor-se como dogma infalível; a aceitação ou a recusa de seus anais pré-históricos nada tem a ver com a questão do Homem *atual* e sua Natureza Interna, pois a Queda a que aludimos não legou nenhum “pecado original” à Humanidade. Mas tudo isso já foi suficientemente examinado.

Por outra parte, aprendemos que as transformações por que passou o homem no arco descendente — que é centrífugo para o Espírito, e centrípeto para a Matéria — e aquelas que está se preparando para atravessar no futuro, em seu caminho ascendente, que inverterá a direção das duas forças — ou seja, convertendo-se a Matéria em centrífuga e o Espírito em centrípeto —, todas essas transformações *também se acham em perspectiva para os símios antropóides num futuro próximo*, ou, ao menos para todos aqueles que, nesta Ronda, alcancem o grau imediatamente inferior ao do homem, uma vez que esses serão todos homens na Quinta Ronda (assim como os homens atuais habitam formas semelhantes às dos símios na Ronda anterior à Terceira).

É de ver, pois, nos atuais habitantes das florestas de Sumatra, os espécimes degradados e envilecidos — as “cópias desbotadas”, como disse o Sr. Huxley — do que fomos nós (a maioria da humanidade) nas primeiras sub-raças da Quarta Raça-Raiz, durante o período da chamada “Queda na geração”. O macaco que conhecemos não é produto natural da evolução, mas um *acidente*, o resultado de cruzamento entre um ser ou forma animal e o homem. Conforme já explicamos neste volume, foi o animal mudo que inaugurou a união sexual, pois foi o primeiro que se separou em macho e fêmea. Ora, não estava no plano da Natureza que o homem seguisse esse exemplo bestial — como o mostra hoje a procriação relativamente sem dor das espécies animais, em contraste com o terrível sofrimento e os perigos por que passa a mulher. O macaco é, verdadeiramente, como observamos em *Ísis sem Véu*,

“... uma transformação das espécies mais diretamente relacionadas com a família humana — um ramo bastardo, enxertado em seu próprio tronco, antes de alcançar este a sua perfeição final” 78.

Os símios apareceram milhões de anos após o ser humano dotado de palavra, e são os últimos contemporâneos de nossa Quinta Raça. Assim, é de suma importância ter presente que os *Egos* dos macacos são entidades obrigadas pelo Carma a encarnar em formas animais, resultantes da bestialidade dos últimos homens da Terceira Raça e do começo da Quarta. São entidades que já haviam alcançado “a fase humana” antes da presente Ronda. Formam, portanto, uma exceção à regra geral. As numerosas tradições a respeito de Sátiros não são fábulas, mas recordam uma raça extinta de homens-animais. As “Evas” animais foram os seus antepassados maternos, e os “Adãos” humanos os paternos; *daí proveio a alegoria cabalística de Lilith ou Lilatu, a primeira esposa de Adão, descrita no Talmud como uma mulher “encantadora”, “de cabelos longos e ondulados”, isto é, uma fêmea animal peluda de uma espécie hoje desconhecida — mas, em todo caso, uma fêmea animal que, nas alegorias cabalísticas e talmúdicas, é considerada o reflexo feminino de Samuel, Samael-Lilith, o homem-animal unido, um ser que no Zohar tem o nome de Hayo Bishat, a Besta ou Besta Má. Foi essa união contrária à Natureza que deu origem aos macacos atuais. Estes são verdadeiros “homens mudos”, e virão a ser animais falantes, ou homens de uma ordem inferior, na Quinta Ronda; sendo que os Adeptos de certa Escola esperam mesmo que os “Egos” de alguns símios de inteligência mais adiantada reaparecerão lá para o fim da Sexta Raça-Raiz. O que será a sua forma tem importância secundária: a forma nada significa. Os gêneros e as espécies da flora e da fauna, e o animal superior, o homem que ocupa o vértice, mudam e variam conforme o meio em que se encontram e as condições climáticas, não só em cada Ronda, mas também em cada Raça-Raiz, assim como depois de cada cataclismo geológico que põe termo a essas Raças ou lhes assinala o ponto médio. Na Sexta Raça-Raiz, os orangotangos, gorilas e*

chimpanzés representarão os restos de mamíferos quadrúmanos extintos; e formas novas, ainda que em menor número e cada vez mais espaçadas, à medida que passar o tempo e se aproximar o fim do Manvantara, desenvolver-se-ão dos tipos “rejeitados” das Raças humanas, ao retornarem estas ao astral, saindo do lodo da vida física. Antes do homem não havia macacos, e estes estarão extintos antes que a Sétima Raça se desenvolva. O Carma conduzirá as Mônadas dos homens que não tiverem progredido e as alojará nas formas humanas novamente desenvolvidas dos babuínos, assim regenerados fisiologicamente.

Isso deverá, certamente, ocorrer daqui a milhões de anos. Mas o quadro dessa precessão cíclica de tudo o que vive e respira hoje sobre a Terra, de cada espécie em seu turno, é verdadeiro e não necessita de “criação especial” ou formação miraculosa do homem, do animal e da planta, *ex-nihilo*.

Eis aí como a Ciência Oculta explica a ausência de todo elo entre o macaco e o homem, mostrando que é o primeiro que descende do segundo.

UMA VISÃO PANORÂMICA DAS PRIMEIRAS RAÇAS

Decorreram alguns milhões de anos entre as primeiras raças “semente” e os últimos Lemurianos, altamente inteligentes e intelectuais; e ainda outros milhões entre a primeira civilização dos Atlantes e o período histórico.

Os únicos testemunhos que restam da existência dos Lemurianos são alguns registros mudos sob a forma de meia dúzia de colossos partidos e de ruínas ciclópicas. Mas estas não se levam em conta, afirmando alguns que não passam de “produto de forças naturais cegas”, e outros que são “inteiramente modernas”. A tradição é deixada de lado pelos céticos e materialistas, enquanto os homens da Igreja, com o seu excesso de zelo, a fazem humilde serva da *Bíblia* em todos os casos. Todavia, sempre que uma lenda não pode se ajustar à teoria do Dilúvio de Noé, declara o clero cristão que se trata de “expressão delirante e tresloucada de velhas superstições”. Nega-se a Atlântida, quando não a confundem com a Lemúria e com outros continentes desaparecidos, talvez porque seja a Lemúria uma meia criação da Ciência moderna, devendo-se por isso dar-lhe crédito, e ao passo que a Atlântida de Platão é considerada um sonho pela maioria dos homens de ciência.

Os que levam a sério as palavras de Platão descrevem geralmente a Atlântida como um prolongamento da África. Suspeita-se também que existiu em outros tempos um antigo continente na costa oriental. Mas a África, como continente, nunca fez parte da Lemúria, nem da Atlântida — como convenciamos chamar o Terceiro e o Quarto continentes. Seus nomes arcaicos jamais foram mencionados nos *Purânas*, nem em outra parte. Apesar disso, a posse ainda que de uma só das chaves esotéricas torna fácil identificar essas terras desconhecidas com as inumeráveis “Terras dos Deuses”, dos

Devas e dos Munis, que, com os seus Varshas, Dvipas e Zonas, se acham descritas nos *Purânas*. O Svetadvipa, durante os primeiros dias da Lemúria, erguia-se como um pico gigantesco surgido do fundo do mar, e a área compreendida entre o Atlas e Madagascar estava coberta pelas águas até o primeiro período da Atlântida, após o desaparecimento da Lemúria, quando a África emergiu do oceano e o Atlas foi submerso pela metade.

Naturalmente é impossível, ainda que à tarefa fossem consagrados vários volumes, intentar uma exposição seguida e minuciosa da evolução e do progresso das três primeiras Raças. Temos que nos contentar com uma idéia geral, e é o que fazemos. A Primeira Raça não tem história própria. O mesmo se pode dizer da Segunda Raça. Limitamo-nos, portanto, a estudar atentamente os Lemurianos e os Atlantes, antes de podermos ocupar-nos da história de nossa própria Raça, a Quinta.

Que é que se sabe em relação a outros continentes além dos nossos, e que é que a História conhece ou admite a respeito das primeiras Raças? Tudo o que se encontra fora das incongruentes especulações da ciência materialista recebe o estigma desdenhoso de "superstição". Os sábios de hoje não querem crer em nada.

As raças "aladas" e "hermafroditas" de Platão, e a sua Idade de Ouro, sob o reinado de Saturno e dos Deuses, são tranqüilamente repostas por Hæckel em seu *novo* lugar na Natureza; nossas Raças Divinas aparecem como formadas pelos descendentes dos símios catarríneos, e os nossos antecessores como fragmentos do "limo do mar"!

Sem embargo, como diz Faber:

"Ver-se-á que as *ficções* da poesia antiga... encerram uma parte de verdade histórica."

Apesar dos esforços parciais do erudito autor de *A Dissertation on the Mysteries of the Cabiri* — esforços dirigidos em toda a extensão de seus dois volumes no sentido de obrigar os mitos e os símbolos clássicos do antigo Paganismo a "darem testemunho da veracidade da Escritura" —, o tempo e as investigações ulteriores têm vindicado, pelo menos em parte, "a verdade", apresentando-a *despida de véus*. Sucedeu, assim, que os habilitados adaptadores da Escritura foram, pelo contrário, levados a evidenciar a alta sabedoria do Paganismo Arcaico, e isto a despeito da inextricável confusão em que foi crucificada a verdade no tocante aos Cabiros, os Deuses mais misteriosos da antiguidade, pelas especulações extravagantes e contraditórias do Bispo de Cumberland, do Dr. Shuckford, de Cudworth, de Vallancey, etc., e, finalmente, de Faber. Todos estes sábios, contudo, desde o primeiro ao último, chegaram a uma conclusão, que Faber expressou nos seguintes termos:

"Não temos razão para crer que a idolatria dos Gentios fosse apenas uma invenção arbitrária; ao invés disso, parece ter sido baseada, quase universalmente, na *reminiscência tradicional de certos acontecimentos reais*. Presumo que tais aconteci-

mentos fossem a destruição da primeira raça da humanidade [a Quarta, no Ensino Esotérico] pelas águas do Dilúvio.”⁷⁹

Faber acrescenta:

“Estou convencido de que a tradição do afundamento da ilha Flégia é a mesma do afundamento da Atlântida. Parece-me que ambos se referem a um único fato importante: a submersão do mundo inteiro pelas águas do Dilúvio ou — supondo que a superfície da terra se manteve em sua posição original — pela elevação das águas centrais acima do seu nível. Bailly, com efeito, em sua obra sobre a Atlântida de Platão, obra que tinha o objetivo de depreciar a cronologia bíblica, procura demonstrar que os Atlantes formavam uma nação do Norte, muito antiga e bem anterior aos hindus, fenícios e egípcios.”⁸⁰

Nesse ponto Faber está de acordo com Bailly, que se mostra mais instruído e com mais intuição que os partidários da cronologia bíblica. Também se equivoca Bailly ao dizer que os Atlantes eram os Titãs e os Gigantes⁸¹. Faber adota de mui boa vontade a opinião de seu confrade francês, tanto mais porque este menciona Cosmas Indicopleustes, que conservava uma antiga tradição acerca de Noé, o qual teria “habitado em outros tempos a ilha Atlântida”. Que esta ilha fosse a “Poseidonis” referida no *Esoteric Buddhism*⁸² ou o continente da Atlântida, pouco importa. A tradição existe, registrada por um cristão.

Nenhum ocultista pensaria jamais em despojar Noé de suas prerrogativas, se se pretendesse que ele era um Atlante. Esse fato viria simplesmente confirmar que os israelitas copiaram a história do Manu Vaivasvata, de Xisuthros e tantos outros, alterando apenas o nome, o que podiam fazer com o mesmo direito de qualquer outra nação ou tribo.

O que não pode passar sem o nosso protesto é a aceitação literal da cronologia bíblica, por ser absurda e estar igualmente em desacordo com os antecedentes geológicos e a razão. Por outra parte, se Noé foi um Atlante, então era um Titã, um Gigante, como sugere Faber; e se era um Gigante, então por que não o apresentarmos como tal no *Gênesis*?⁸³

O erro de Bailly foi o de, sem admitir a submersão da Atlântida, dizer que os Atlantes eram simplesmente um povo do Norte, e *pós-diluviano*. Existiu ali, realmente, e floresceu, conforme ele disse, um povo antes da fundação dos impérios da Índia, do Egito e da Fenícia. Nisso estaria também com a razão, se houvesse conhecido a existência do que convencionamos

(79) *Op. cit.*, I, 9.

(80) *Ibid.*, II, 283-284.

(81) Ver suas *Lettres sur l'Atlantide*.

(82) 8.^a edição, páginas 67, 73.

(83) Também o diz Faber, como cristão devoto: “A família de Noé... davam ainda o nome de Atlantes e Titãs; e até ao grande patriarca chamavam Atlas e Titã, como títulos de honra” (*Ibid.*, II, 285). Assim sendo, então Noé, segundo a Bíblia, deve ter sido descendente dos Filhos de Deus, os Anjos Caídos, de acordo com a mesma autoridade, e das “filhas dos homens que eram formosas” (Ver o *Gênesis*, VI). E por que não, se o seu pai foi Lamech, que matou um homem e era, como todos os filhos e filhas que pereceram no Dilúvio, tão mau quanto o resto da humanidade?

chamar Lemúria; porque os Atlantes foram pós-diluvianos em relação aos Lemurianos, e a Lemúria não submergiu da mesma forma que a Atlântida, mas foi tragada sob as ondas em consequência de tremores de terra e de fogos subterrâneos, como sucederá um dia com a Grã-Bretanha e a Europa.

A causa principal de toda a confusão está na ignorância dos nossos homens de ciência, que não querem aceitar a tradição de que vários continentes já se afundaram, nem a lei periódica que se manifesta durante todo o ciclo manvantárico.

Bailly tampouco incorreu em erro quando afirma que os hindus, os egípcios e os fenícios vieram depois dos Atlantes, porquanto estes pertenciam à Quarta Raça, ao passo que os Arianos e o seu Ramo Semítico fazem parte da Quinta.

Platão, ao reproduzir a versão tal como fora transmitida a Sólon pelos sacerdotes do Egito, confunde intencionalmente — como o teria feito qualquer Iniciado — os dois continentes, atribuindo à pequena ilha que se afundou por último todos os acontecimentos relacionados com os dois grandes continentes: o pré-histórico e o tradicional. Por isso, descreve ele o *primeiro casal* que povoou a ilha como tendo sido formado da Terra. Assim dizendo, não quis significar Adão e Eva, nem mesmo os próprios antepassados helênicos. Sua linguagem é simplesmente alegórica, e referindo-se à “Terra” quis aludir à Matéria, pois os Atlantes foram realmente a Raça puramente *humana e terrestre*: os que os precederam eram mais divinos e etéreos do que humano e sólidos.

Platão devia estar a par, como todo Adepto iniciado, da história da Terceira Raça depois da “Queda”, apesar de nunca haver dito a menor palavra a esse respeito, obrigado a guardar segredo por força de juramento. Mas hoje, que se conhece, ainda que aproximadamente, a cronologia das nações orientais — toda ela baseada em cálculos dos arianos primitivos — será mais fácil termos uma noção dos imensos períodos de tempo que deviam ter transcorrido desde a separação dos sexos, sem falar na Primeira Raça-Raiz, nem mesmo na Segunda. Como estas têm que permanecer fora da compreensão das mentes educadas no pensamento ocidental, consideramos inútil entrar em pormenores quanto à Primeira e à Segunda Raça, e até quanto ao primeiro período da Terceira⁸⁴. Só a partir do momento em que esta última alcançou por completo a sua fase humana é que pudemos nos ocupar do assunto, a fim de evitar que o leitor não-iniciado se confundisse e se extraviasse de maneira irremediável.

A TERCEIRA RAÇA CAIU — e deixou de criar; passou a *engendrar* sua progênie. E, como estivesse ainda sem mente na época da separação, en-

(84) No maravilhoso livro de Donnelly, *Atlantis, the Antediluvian World*, o autor, referindo-se às colônias árias da Atlântida e às suas artes e ciências — legado da Quarta Raça —, declara corajosamente que “a origem das instituições atuais remonta à era Miocena”. Já é uma grande concessão por parte de um sábio moderno; mas a origem da civilização data de um período ainda mais remoto que o dos Atlantes miocenos. Chegar-se-á um dia a descobrir o homem do período Secundário e, com ele, a sua civilização por tanto tempo esquecida. (Ver o capítulo III, página 30.)

gendrou uma progênie anormal, até que a sua natureza fisiológica lhe orientou os instintos na direção conveniente. Os “Filhos da Sabedoria”, os “Dhyân-Chohans — tal como os “Senhores Deuses” da *Bíblia* — haviam-na prevenido de que não tocasse o fruto proibido pela Natureza; mas a advertência não foi ouvida. Os homens só compreenderam o impróprio do que haviam feito — não é preciso dizer o pecado — quando já era demasiado tarde e depois que as Mônadas Angélicas de Esferas Superiores neles encarnaram, dotando-os de entendimento. Até então eles permaneciam simplesmente físicos, como os animais que engendraram. Pois qual é a distinção? Ensina a Doutrina Secreta que a única diferença entre os objetos animados e os inanimados na Terra, e entre a estrutura animal e a humana, é que em uns estão latentes os diversos “Fogos”, e nos outros estão ativos. Os *Fogos Vitais* existem em todas as coisas, e não há um átomo sequer que não os possua. Mas no animal os “três princípios superiores” não estão despertados; acham-se tão-só em estado potencial, latente e, portanto, *não-existent*. E assim permaneceriam até hoje as formas animais dos homens, se houvessem sido deixadas tais como saíram dos corpos de seus Progenitores, cujas Sombras eram, para se desenvolverem exclusivamente sob o impulso das forças e dos poderes inerentes na Matéria. Mas, como está escrito no *Pimandro*:

“Este é um mistério que até hoje jazia selado e oculto. A Natureza ⁸⁵, aderindo ao Homem ⁸⁶, realizou um verdadeiro milagre: a combinação harmoniosa da *essência dos Sete* [Pitris ou Governadores] com a sua própria essência; o *Fogo*, o *Espírito* e a *Natureza* [o Númeno da Matéria], os quais [combinando-se] produziram sete homens de sexos opostos [negativos e positivos], segundo a essência dos Sete Governadores.” ⁸⁷

Assim falou Hermes, o Iniciado três vezes grande ⁸⁸, o “Poder do Pensamento Divino”. São Paulo, outro Iniciado, chamava ao nosso mundo “o

(85) A Natureza é o Corpo *natural*, a Sombra dos Progenitores.

(86) O HOMEM é o “Homem Celeste”, como dissemos.

(87) O *Divino Pimandro*, I, 16.

(88) O *Pimandro* dos nossos museus e bibliotecas é o resumo de um dos Livros de Thoth, escrito por um platônico de Alexandria. Foi refeito no século III por um cabalista judeu, à vista de antigos manuscritos hebreus e fenícios, e chamado o *Gênesis de Enoch*. Mas os próprios restos desfigurados mostram que o seu texto, se harmoniza com a Doutrina Arcaica, como se vê na formação dos Sete Criadores e dos Sete Homens Primitivos. Quanto aos nomes de Enoch, Thoth ou Hermes, Orfeu e Cadmo, são todas designações genéricas, ramos e sub-ramos dos Sete Sábios Primordiais — Dhyân-Chohans ou Devas encarnados em corpos *ilusórios*, não mortais — que ensinaram à humanidade tudo o que sabiam, e cujos primeiros discípulos tomaram os nomes de seus Mestres. Este costume passou da Quarta à Quinta Raça. Daí a similitude das tradições acerca de Hermes (os egiptólogos mencionam cinco Hermes), de Enoch, etc.; todos eles são os inventores das letras; nenhum deles morre; vivem ainda, e são os primeiros iniciadores e fundadores dos Mistérios. Só ultimamente é que o *Gênesis de Enoch* desapareceu entre os cabalistas. Guillaume Postel o viu. Era certamente, em grande parte, uma cópia dos Livros de Hermes, e anterior aos Livros de Moisés, conforme disse Elíphas Lévi a seus leitores. (Veja-se a edição francesa: *Hermes Trismegiste*, tradução completa, precedida de um estudo sobre a origem dos livros herméticos, por Louis Rénard, Paris, Didier-Perrin et Cie.)

espelho enigmático da verdade pura”, e São Gregório de Nazianzeno confirmou as palavras de Hermes, ao dizer que:

“As coisas visíveis não passam de sombra e representação de coisas que não podemos ver.”

Esta é uma eterna combinação, e as imagens se repetem desde o mais alto grau da Escala do Ser até o grau inferior. A “Queda dos Anjos” e a “Guerra no Céu” se produzem em todos os planos; mas o “espelho” inferior deforma a imagem do “espelho” superior, e cada qual opera a reprodução à sua maneira. Por isso, não são os dogmas cristãos mais que reminiscências dos paradigmas de Platão, o qual falava destas coisas com prudência, como é próprio dos Iniciados. E tudo se ajusta ao que foi expresso nestas poucas sentenças do *Desatir*:

“Tudo o que existe na Terra, disse o Senhor [Ormuzd] é a *sombra de algo que se passa nas esferas superiores*. Este objeto luminoso [luz, fogo, etc.] é a sombra de outro ainda mais luminoso que ele, e assim sucessivamente, até chegar a mim, que sou a luz das luzes.”

Nos livros cabalísticos, principalmente no *Zohar*, está bem acentuada a idéia de que todas as coisas objetivas da Terra ou do Universo são a “sombra” da Luz ou Divindade eterna.

A Terceira Raça foi, no princípio, de modo preeminente, a “sombra” resplandecente dos Deuses, que, segundo a tradição, haviam sido exilados na Terra em seguida à alegórica “Guerra nos Céus”. A Guerra se tornou ainda mais alegórica na Terra, pois foi a luta entre o Espírito e a Matéria. E esta Guerra durará até que o Homem Interno e Divino adapte o seu “eu” exterior e terrestre à sua própria natureza espiritual. Até lá, as negras e ferozes paixões desse “eu” estarão em constante conflito com o seu Mestre, o Homem Divino. Mas o *animal* será um dia domado, porque a sua natureza terá que mudar, e a harmonia reinará mais uma vez entre os dois, como sucedia antes da “Queda”, quando o próprio homem mortal era “criado” pelos Elementos, em vez de nascer.

Tudo isso se vê claramente em todas as grandes Teogonias, sobretudo na da Grécia e na de Hesíodo. A *mutação* de Urano por seu filho Cronos, que desse modo o condena à impotência, nunca foi compreendida pelos mitólogos modernos. No entanto, é bastante clara, e esse mito, sendo universal⁸⁹, devia encerrar uma grande idéia abstrata e filosófica, hoje perdida

(89) Urano é um Varuna modificado, aquele que “circunda o Universo”, que “tudo abrange”, e uma das Divindades védicas mais antigas — o Espaço, o autor do Céu e da Terra, pois que ambos se manifestaram de sua semente. Só mais tarde é que Varuna se tornou o chefe dos Adityas e uma espécie de Netuno montado no “Leviatã” — Makara, agora o mais sagrado e misterioso dos signos do Zodíaco. Varuna, sem o qual “nenhuma criatura pode sequer pestanejar”, foi degradado da mesma forma que Urano, e, como este, *caiu na geração*; suas funções — “as mais importantes funções cósmicas” — foram rebaixadas de celestes a terrenas pelo antropomorfismo esotérico. Segundo o mesmo orientalista: “Os atributos e funções de Varuna (nos *Vedas*) con-

para os nossos sábios contemporâneos. Em verdade, aquele castigo da alegoria marca "um novo período, uma segunda fase no desenvolvimento da criação", como muito bem observa Decharme⁹⁰, sem contudo procurar explicá-lo. Urano tentou entrar nesse desenvolvimento ou evolução natural, exterminando os filhos assim que nasciam. Urano, que personifica todos os poderes criadores do *Caos* ou no *Caos* — o Espaço ou a Divindade Não-manifestada — é daquele modo castigado; pois são esses os poderes que fazem com que os Pitris desenvolvam de si mesmos os "homens" primordiais, assim como, mais tarde, os homens, por sua vez, fazem desenvolver sua progênie, sem nenhuma intenção ou desejo de procriar. A obra da geração, suspensa por um momento, passa às mãos de Cronos (*Chronos*), o Tempo⁹¹, que se une a Rhea (a Terra — a Matéria no esoterismo em geral), e assim produz os Titãs celestes e terrestres. Todo esse simbolismo se relaciona com os mistérios da Evolução.

A alegoria é a versão exotérica da Doutrina Secreta exposta nesta parte de nossa obra. Pois vemos em Cronos a repetição da mesma história. Assim como Urano exterminou os filhos que teve de Gaea (que no mundo da manifestação se identifica com Aditi, ou o Grande Oceano Cósmico), sepultando-os no seio da Terra (Titaea), também Cronos, nesta segunda fase da criação, destruiu os filhos que teve de Rhea, devorando-os. É uma alusão aos esforços infrutíferos da Terra ou da Natureza, para criar, por si só, "homens" realmente *humanos*⁹². O Tempo devora sua própria obra inútil. Intervém então Zeus (Júpiter), que por sua vez destrona o pai⁹³. Júpiter, o Titã, em certo sentido é Prometeu⁹⁴, distinguindo-se de Zeus, o grande "Pai dos Deuses". Em Hesíodo ele é o "filho irreverente". Hermes chama-lhe "o Homem Celeste", no *Pimandro*, e na *Bíblia* nós o vemos com o

ferem ao seu caráter uma elevação moral e uma santidade que sobrepujam de muito às de qualquer outra Divindade védica." Mas, para compreender corretamente a razão de sua queda, como a de Urano, é preciso ver em todas as religiões exotéricas a obra imperfeita e pecaminosa da imaginação humana, e também estudar os mistérios que, segundo se diz, Varuna teria comunicado a Vasishtha. Só que "os seus segredos e os de Mira não devem ser revelados aos néscios".

(90) *Mythologie de la Grèce Antique*, página 7.

(91) Cronos não é somente Χρόνος, o Tempo, mas esse nome provém ainda, conforme demonstrou Bréal em seu *Hercule et Cacus* (pág. 57) da raiz *kar*, "fazer, criar". Quando, porém, Bréal e Decharme (que o cita) dizem que nos *Vedas Krānan* (sic) é um Deus criador, duvidamos que estejam igualmente certos. Bréal quis dizer, provavelmente, Carma, ou melhor, Vishvakarman, o Deus criador, o "oniciador", o "grande arquiteto do mundo".

(92) Ver Estância III-X e seguintes, e também o relato de Berosse sobre a criação primordial.

(93) A luta titânica, pelo menos na Teogonia, é a luta, pela supremacia, dos filhos de Urano e Gaea (ou o Céu e a Terra, em seu sentido abstrato), os Titãs, contra os filhos de Cronos, cujo chefe é Zeus. Significa ainda a luta eterna que até hoje perdura entre o Homem Espiritual Interno e o homem de carne.

(94) Do mesmo modo que o "Senhor Deus" ou Jeová é Caim, esotericamente, assim como também a "serpente tentadora"; a parte masculina da Eva andrógina — que, antes da "queda", é a parte feminina de Adão Kadmon —, o lado esquerdo, ou Bina, do lado direito, Chokmah, na primeira Tríade Sephiroth.

nome de Adão, e logo depois com o de Ham, por transmutação. Tudo isso, porém, são personificações dos “Filhos da Sabedoria”. A confirmação necessária de que Júpiter pertence ao Ciclo Atlante puramente humano — se for julgado que são insuficientes Urano e Cronos, que o precederam — pode ver-se em Hesíodo, quando nos diz que:

“Os Imortais criaram a raça da Idade de Ouro e a da Idade de Prata [Primeira e Segunda Raças]; Júpiter criou a geração de Bronze [uma liga de dois elementos], a dos Heróis e a da Idade de Ferro.”⁹⁵

Depois disso, Júpiter envia o seu fatal presente, Pandora, a Epimeteu⁹⁶. Hesíodo qualifica esse presente, a *primeira mulher*, como “um dom fatal”, explicando que era um castigo enviado ao homem “pelo roubo do fogo [divino criador]”. O aparecimento dela na Terra foi o sinal de todos os males. Antes que ela viesse, as raças humanas viviam felizes, isentas de enfermidades e de sofrimentos — tal qual no *Vendidad* masdeísta se conta que viveram essas raças sob o reinado de Yima.

Podem ver-se também referências a dois Dilúvios na tradição universal, quando se comparam atentamente Hesíodo, o *Rig Veda*, o *Zend Avesta*, etc., mas nada se diz a respeito de um *primeiro* homem nas Teogonias, com a exceção única da *Bíblia*⁹⁷. Em toda a parte, o homem da *nossa* raça surge após um cataclismo produzido pelas águas. Depois disso, a tradição só menciona os diversos continentes e ilhas que submergiram no Oceano em seus respectivos tempos⁹⁸. Segundo Hesíodo, os Deuses e os mortais têm uma origem comum⁹⁹; e Píndaro repete a mesma declaração¹⁰⁰. Deucalião e Pirra, que se salvam do Dilúvio construindo uma Arca como a de Noé¹⁰¹, pedem a Júpiter que reanime a raça humana, que ele havia feito perecer sob as ondas. Na mitologia eslava, todos os homens se afogaram, menos dois anciãos, um homem e uma mulher, que escaparam. Pram’zimas, o “senhor de tudo”, então os aconselha a que saltem sete vezes sobre os rochedos da Terra, e nascem sete novas raças (casais), das quais provêm as nove tribos lituanas¹⁰². Como bem o compreendeu o autor da *Mythologie de la Grèce*

(95) Decharme, *op. cit.*, página 284.

(96) Na lenda egípcia dos “Dois Irmãos”, traduzida por G. Maspero, que foi diretor do Museu de Bulaq, encontramos a origem de Pandora. Noom, o famoso artista celeste, cria uma beldade maravilhosa, uma jovem, que ele envia a Batoo, com isso ficando destruída a felicidade deste último. Batoo é o homem, e a jovem, naturalmente, Eva. (Veja-se a *Revue Archéologique* de março de 1878, e também Decharme, *ibid.*, página 285.)

(97) Yima não é “o primeiro homem” no *Vendidad*, mas só nas teorias dos orientistas.

(98) A Beócia foi submergida, e depois a antiga Atenas e Eleusis.

(99) *Opera et Dies*, V, 108.

(100) *Nem*, VI, I.

(101) Veja-se *Apollod.*, I, 7, 2; e Ovídio, *Metam.*, I, 260 *et seq.*

(102) *Deutsche Mythol.*, I, 545, 3.^a ed., e Hanusch, *Schlawvische Mythol.*, 235. Ver Descharme, que fala de “nove vezes” e não sete (*ibid.*, 281).

Antique, as Quatro Idades representam períodos de tempo e são também uma alusão alegórica às Raças. Segundo ele diz:

"As raças sucessivas, destruídas e substituídas por outras, sem nenhum período de transição, na Grécia são designadas pelos nomes dos metais, que expressam o seu valor sempre decrescente. O Ouro, o mais brilhante e precioso de todos, símbolo de esplendor... designa a primeira raça... Os homens da segunda raça, os da Idade de Prata, são muito inferiores aos da primeira. Criaturas inertes e débeis, toda a sua vida não é mais que uma infância longa e estúpida... Desaparecem... Os homens da Idade de Bronze são robustos e violentos [é a Terceira Raça]... sua força é extremada. 'Tinham armas de bronze, casas de bronze, não usavam senão o bronze. O ferro, o metal negro, era ainda desconhecido' ¹⁰³. A Quarta Raça, segundo Hesíodo, é a dos Heróis que tombaram diante de Tebas ¹⁰⁴ ou sob as muralhas de Tróia." ¹⁰⁵

Ora, estando as quatro Raças assim mencionadas pelos mais antigos poetas gregos, embora em termos confusos e inçados de anacronismos, vê-se que as nossas doutrinas são, mais uma vez, confirmadas pelos clássicos. Mas tudo isso não é senão "mitologia", não é senão poesia. Que pode a Ciência moderna dizer ante semelhante evemerização das antigas ficções? Não é difícil prever o veredito. Cumpre, pois, tentar responder por antecipação, e provar que no domínio mesmo da Ciência há tanta coisa constituída por ficções e especulações empíricas, que nenhum cientista tem o menor direito, com uma trave tão pesada em seu próprio olho, de assinalar o argueiro no olho do ocultista, mesmo supondo que este argueiro não seja o produto de sua própria imaginação.

40. Então a Terceira e a Quarta ¹⁰⁶ cresceram em orgulho: "Somos os reis ¹⁰⁷, somos os deuses." (a)
41. Tomaram esposas de aparência formosa. Esposas escolhidas entre os sem mente, os de cabeça estreita. Procriaram monstros, demônios perversos, machos e fêmeas, e também Khados ¹⁰⁸, de mente limitada (b).
42. Edificaram templos para o corpo humano. Adoraram o varão e a fêmea (c). Então o Terceiro Olho deixou de funcionar (d).

(a) Tais foram os primeiros homens verdadeiramente físicos, cuja característica dominante era — o orgulho! A reminiscência desta Terceira Raça e dos Gigantescos Atlantes transmitiu-se de raça em raça e de geração em geração até a época de Moisés, e encontrou forma objetiva nos gigantes antediluvianos, esses terríveis feiticeiros e magos sobre os quais a Igreja Romana conservou lendas tão vívidas e ao mesmo tempo tão desfiguradas.

(103) Hesíodo, *Opera et Dies*, 143-155.

(104) Ver Esquilo, *Septem contra Thebas*.

(105) Decharme, *ibid.*, páginas 289, 290.

(106) Raças.

(107) Disseram.

(108) Dâkini, em sânscrito.

Quem quer que haja lido e estudado os Comentários da Doutrina Arcaica há de facilmente identificar, em alguns desses Atlantes, os protótipos dos Nenrods, dos Construtores da Torre de Babel, dos Hamitas e *tutti quanti* de “maldita memória”, segundo a expressão da literatura teológica; numa palavra, de todos os que legaram à posteridade os tipos ortodoxos de Satã. E isso nos conduz naturalmente a inquirir da moral religiosa daquelas Raças primitivas, por míticas que pareçam.

Qual foi a religião da Terceira e da Quarta Raças? No sentido corrente do termo, nem os Lemurianos, nem tampouco os seus descendentes Lêmuro-atlantes tiveram religião — pois não conheciam dogmas nem tinham crenças baseadas na fé. Tão logo o olho mental do homem se abriu ao entendimento, a Terceira Raça sentiu-se una com o Todo, com a Divindade Única e Universal, sempre presente e, ao mesmo tempo, ignota e invisível.

Dotado de poderes divinos, e sentindo em si mesmo o seu Deus *interno*, cada qual adquiriu a consciência de que era um Homem-Deus por sua própria natureza, não obstante fosse um animal em seu “eu” físico. A luta entre os dois surgiu no mesmo dia em que provaram o fruto da Árvore da Sabedoria; luta pela vida entre o espiritual e o psíquico, entre o psíquico e o físico. Os que venceram os “princípios” inferiores, pelo domínio do corpo, uniram-se aos “Filhos da Luz”. Os que caíram, vítimas de suas naturezas inferiores, converteram-se em escravos da Matéria. De “Filhos da Luz e da Sabedoria”, que eram, passaram a “Filhos das Trevas”. Sucumbiram na luta travada entre a vida mortal e a Vida Imortal, e todos os que assim tombaram foram a semente das futuras gerações de Atlantes ¹⁰⁹.

No alvorecer de sua consciência, o homem da Terceira Raça-Raiz não tinha, portanto, crenças a que se pudesse dar o nome de *religião*. Ou seja: ignorava não só as “religiões suntuosas, cercadas de pompa e de ouro”, mas ainda todo sistema de fé ou de culto externo. Contudo, se definirmos religião como algo que une as massas na mesma atitude de reverência perante aqueles que sentimos superiores a nós, no mesmo sentimento de devoção — como o sentimento de um filho para com seu amado pai —, se assim for, então diremos que os primitivos Lemurianos tinham uma religião, desde os primeiros dias de sua vida intelectual, e até uma das mais belas religiões. Pois não tinham ao redor deles, e mesmo dentro deles, os seus brilhantes Deuses dos Elementos? ¹¹⁰ Não haviam passado a infância junto àqueles que lhes deram o ser, que os chamaram à vida consciente e os acumularam de cuidados? Afirmam-nos que assim foi, e nós o cremos. Porque a evolução do Espírito na Matéria não poderia jamais realizar-se, nem tampouco receber o seu primeiro impulso, se os Espíritos resplandescentes não houvessem sacrificado suas próprias essências supra-etéreas para animar

(109) O nome é empregado aqui no sentido e como sinônimo de “feiticeiros”. As Raças Atlantes eram muitas, e a sua evolução consumiu milhões de anos. Não eram todos maus; acabaram, porém, por sê-lo no final do seu ciclo, tal como nós, os da Quinta Raça, vamos marchando para o mesmo desfecho, em passo acelerado.

(110) Os “Deuses dos Elementos” não são de modo algum os Elementais. Estes últimos, quando muito, são usados como veículos e materiais de revestimento.

o homem de barro, dando a cada um os seus “princípios” internos, formados por uma parte, ou melhor, pelo reflexo daquelas essências. Os Dhyânis dos Sete Céus — os sete planos do Ser — são os Númenos dos Elementos atuais e futuros, exatamente como os Anjos dos Sete Poderes da Natureza — cujos efeitos grosseiros podemos ver naquilo que a Ciência houve por bem chamar “modos de movimento”, forças imponderáveis, e não sei o que mais — são os Númenos superiores de Hierarquias ainda mais elevadas.

Eram aqueles tempos remotíssimos a “Idade de Ouro”, a Idade em que “os Deuses andavam pela Terra e se misturavam livremente com os mortais”. Quando chegou ao fim, os Deuses se retiraram — isto é, ficaram invisíveis — e as gerações posteriores terminaram por votar culto aos seus reinos: os Elementos.

Foram os Atlantes, primeira progênie do homem semidivino após a sua separação em sexos — e portanto os primeiros mortais concebidos e nascidos à maneira humana —, que inauguraram os “sacrifícios” ao *Deus da Matéria*. São eles, no obscuro e remoto passado de eras mais que pré-históricas, o protótipo sobre o qual se construiu o grande símbolo de Caim¹¹¹; os primeiros antropomorfistas que adoraram a Forma e a Matéria, culto que logo degenerou em *culto pessoal* e depois conduziu ao falicismo que até hoje ocupa posição preeminente no simbolismo de todas as religiões exotéricas de rituais, dogmas e formas. Adão e Eva *converteram-se em matéria*, ou proporcionaram o terreno, ou seja, Caim e Abel; sendo este último o solo que traz a vida em seu seio, e aquele “o lavrador daquele terreno ou campo”.

Foi assim que as primeiras raças atlantes, nascidas no Continente Lemuriano, se separaram em suas tribos de origem, dividindo-se em justos e ímpios; os que desejavam adorar o Espírito invisível da Natureza, cujo Raio o homem sente em si mesmo — ou os panteístas, e os que preferiam um culto fanático dos Espíritos da Terra, os Poderes das trevas, cósmicos e antropomórficos, com os quais fizeram aliança. Estes foram os primeiros Gibborim, os “homens valentes... de fama” daquela época¹¹², que são os Kabirim da Quinta Raça. Cabiros entre os egípcios e os fenícios, Titãs entre os gregos, e Râkshasas e Daityas entre os povos indianos.

Tal foi a origem secreta e misteriosa de todas as religiões posteriores, inclusive as modernas, e principalmente do culto que hebreus instituíram mais tarde ao Deus de sua tribo. Ao mesmo tempo, essa religião sexual estava estreitamente relacionada com os fenômenos astronômicos, que lhe eram a base e com os quais se confundia, por assim dizer.

Os Lemurianos gravitavam para o Pólo Norte, ou o Céu de seus Progenitores — o Continente Hiperbóreo; os Atlantes para o Pólo Sul, o

(111) Caim, como se vê no início do cap. IV do *Gênesis*, foi o “sacrificador” do “fruto da terra”, sendo o *primeiro agricultor*; e Abel fez oferta ao Senhor das “primícias do seu rebanho”. Caim é o símbolo da primeira humanidade masculina, Abel o da feminina; Adão e Eva são os tipos da Terceira Raça. O “assassinato” representa derramamento de sangue, mas não a supressão de uma vida.

(112) *Gênesis*, VI, 4.

"*Abismo*", considerado do ponto de vista cósmico ou terrestre, de onde sopram as ardentes paixões, transformadas em furacões pelos Elementais cósmicos que nele moram. Os dois pólos eram chamados "Dragões" e "Serpentes" pelos antigos; daí os bons e os maus Dragões e Serpentes, e também os nomes dados aos "Filhos de Deus" — Filhos do Espírito e da Matéria —, os Magos bons e os maus. Esta é a origem da natureza dual e tríplice do homem. A lenda dos "Anjos Caídos", em seu significado esotérico, contém a chave das múltiplas contradições do caráter humano; assinala o segredo da autoconsciência no homem e é o fulcro em que se apóia todo o seu Ciclo Vital — a história de sua evolução e de seu desenvolvimento.

A compreensão exata da Antropogênese Esotérica depende da boa interpretação desta doutrina. Dá ela a chave da tão controversa questão da Origem do Mal, e mostra como foi o próprio homem que dividiu o Uno em vários aspectos contrários.

O leitor não deverá, pois, surpreender-se de que dediquemos tantas páginas para tentar a elucidação desse obscuro e difícil tema, cada vez que se apresenta. Há necessariamente muito que dizer sobre o seu aspecto simbólico, porque, assim fazendo, se proporcionam certas indicações ao estudante pensador que o ajudarão em suas investigações, projetando-se uma luz de muito maior intensidade que a possível de obter-se por meio de termos técnicos de uma exposição filosófica mais formal. Os chamados "Anjos Caídos" são a própria *Humanidade*. O Demônio do Orgulho, da Luxúria, da Rebeldia e do Ódio não existia *antes* de aparecer o homem físico consciente. Foi o homem quem engendrou e criou o Demônio, e permitiu que medrasse em seu coração; foi ele também que contagiou o Deus Interno, o Deus que reside nele mesmo, enlaçando o Espírito puro com o Demônio impuro da Matéria. E, se o aforismo cabalístico *Demon est Deus inversus* encontra sua corroboração metafísica e teórica na Natureza dual manifestada, é igualmente verdade que sua aplicação prática se verifica somente na Humanidade.

Torna-se assim evidente que os nossos ensinamentos têm mui poucas probabilidades de ser ouvidos com imparcialidade, ao pressuporem, como pressupõem: (a) o aparecimento do Homem primeiro que o dos outros mamíferos, e até mesmo antes da época dos grandes Répteis; (b) a ocorrência de Dilúvios periódicos e de Eras Glaciárias causadas por perturbações cármicas do eixo; principalmente (c) a descendência do Homem de um Ser Superior, ou do que o materialismo chamaria um Ser "sobrenatural", ainda que seja apenas *super-humano*.

Acrescente-se a isso a declaração de que uma parte da Humanidade na Terceira Raça — Todas as Mônadas de homens que haviam alcançado o ponto mais alto do Mérito e do Carma do Manvantara precedente — devia sua natureza psíquica e racional a Seres divinos que se tinham unido *bipositivamente* aos seus Quintos Princípios; e a Doutrina Secreta terá de perder a sua causa, não só aos olhos do Materialismo como aos do Cristianismo dogmático. Pois, assim que os cristãos dogmáticos souberem que esses Anjos

se identificam com os seus Espíritos "Caídos", será a Doutrina Esotérica proclamada a mais herética e perniciosa de todas ¹¹³.

O Homem Divino estava no *animal*; e, portanto, quando se deu a separação fisiológica no curso natural da evolução — quando também "toda a criação animal foi *desatada* — *aquela raça caiu*; não porque houvesse provado o fruto da Árvore da Ciência e ficasse conhecendo o Bem e o Mal, mas porque não sabia outra coisa. Impulsionados pelo instinto criador sem sexo, as primeiras sub-raças haviam desenvolvido uma raça intermédia, na qual se encarnaram os Dhyân-Chohans superiores ¹¹⁴, conforme indicado nas Estâncias.

"Quando nos tivermos inteirado da extensão do Universo (e conhecermos tudo o que nele se contém), multiplicaremos a nossa raça" — respondem os Filhos da Vontade e do Ioga aos seus irmãos da mesma raça que os convidavam a seguir-lhes o exemplo. Quer isto dizer que os grandes Adeptos e Ascetas Iniciados "se multiplicarão", isto é, produzirão outra vez filhos imaculados "nascidos da mente" — na Sétima Raça-Raiz.

Assim o declaram o *Vishnu Purâna* e o *Brahma Purâna*, o *Mahâbhârata* ¹¹⁵, e o *Harivamsha*. Por outra parte, em certo trecho de *Pushkara Mahâtmya*, a separação dos sexos é representada alegoricamente por Daksha, o qual, vendo que os seus descendentes "nascidos da vontade", os "Filhos do Ioga passivo", não queriam criar homens, "*resolveu converter a metade de si mesmo em uma mulher*, com a qual teve filhas", as futuras mulheres da Terceira Raça, a que engendrou os Gigantes da Atlântida, pertencentes à Quarta Raça. O *Vishnu Purâna* simplesmente diz que Daksha, o pai da humanidade, instituiu a relação sexual como meio de povoar o mundo ¹¹⁶.

Felizmente para a espécie humana, a "Raça Eleita" já havia se convertido no veículo de encarnação dos Dhyânis mais elevados (intelectual e espiritualmente), antes que a humanidade se tornasse de todo material. Quando as últimas sub-raças — exceto algumas das mais inferiores — da Terceira Raça pereceram com a destruição do Grande Continente Lemuriano, as "Sementes da Trindade da Sabedoria" já haviam adquirido o segredo da

(113) Foi talvez pensando nessa *degradação* dos Espíritos mais elevados e puros — que atravessaram os planos intermédios da consciência inferior, os "Sete Círculos de Fogo" do *Pimandro* — que São Tiago foi levado a dizer: "Esta sabedoria (*sophia*) não veio de cima, mas é terrestre, sensual, *diabólica*"; ora, esta Sophia é Manas, a "Alma humana", sendo Buddhi a Sabedoria a Sabedoria ou Alma Espiritual, que tão perto se acha do Absoluto que não é, *per se*, senão uma consciência *latente*, dependendo de Manas para a sua manifestação fora de seu próprio plano.

(114) Esta é a "Raça Imortal", como se chama no Esoterismo, e, exotericamente, a geração estéril dos primeiros descendentes de Daksha, que amaldiçoou Narada, o divino Rishi, porque este dissuadiu os Haryashvas e os Shabalashvas (os filhos de Daksha) de procriarem sua espécie, dizendo: "Nascerás na matriz; não haverá para ti um lugar de repouso em todas estas regiões." E se diz que desde então Narada, o representante daquela raça de ascetas estéreis, quando morre em um corpo, imediatamente renasce em outro.

(115) *Adi Parvan*, página 113.

(116) *Vishnu Purâna*, tradução de Wilson, II, página 12.

imortalidade na Terra, esse dom que permite à mesma Alta Personalidade passar *ad libitum* de um corpo usado para outro.

(b) A primeira guerra de que foi palco a Terra, o primeiro derramamento de sangue humano, foi consequência de se terem aberto os olhos e os sentidos dos homens, dando-lhes o ensejo de ver que as filhas de seus irmãos — e também as esposas — eram mais belas que as deles. Comeram-se raptos anteriormente ao das Sabinas, e houve Menelaus a quem roubaram suas Helenas antes do advento da Quinta Raça. Os Titãs ou Gigantes eram os mais fortes; seus adversários os mais sábios. Isso ocorreu durante a Quarta Raça, a do Gigantes.

Porque, em verdade, “*existiram Gigantes naqueles tempos remotos*”¹¹⁷. A série evolutiva do mundo animal prova que o mesmo se passou nas raças humanas. Mais abaixo ainda na ordem da criação, encontramos testemunhos que atestam a existência, na flora, das mesmas dimensões proporcionais, variando *pari passu* com as da fauna. Os lindos fetos que colhemos e secamos entre as folhas do nosso livro favorito são descendentes dos fetos gigantes que cresciam no período Carbonífero.

As escrituras e os fragmentos de obras filosóficas e científicas — em suma, quase todos os anais que nos foram legados pela antiguidade — contêm referências aos Gigantes. Não se pode deixar de reconhecer os Atlantes da Doutrina Secreta nos Rākshasas de Lanka, os adversários de Rama por ele vencidos. Serão esses relatos tão-somente o produto de mera fantasia? Consagremos ao assunto alguns momentos de atenção.

SÃO OS GIGANTES UMA FICÇÃO?

Também neste ponto estamos em conflito com a Ciência, que nega tenha sido o homem algum dia muito maior que a média dos tipos altos e fortes que hoje podemos encontrar ocasionalmente.

O Dr. Henry Gregor sustenta que as tradições sobre Gigantes se baseiam em fatos mal interpretados, e cita exemplos de equívocos como provas contrárias a essas tradições. Assim, em 1613, na França, em uma localidade do baixo Dauphiné, conhecida desde tempos imemoriais pelo nome de “Campos dos Gigantes”, a quatro milhas de Saint Romans, foram descobertas enormes ossadas profundamente enterradas no solo arenoso. Foram

(117) Em todos os povos e nações a tradição se refere a este fato. Donnelly, citando a *Historia Antigua de la Nueva España*, do Padre Duran (1885), diz que um nativo centenário de Cholula assim explicou a construção da grande pirâmide de Cholula: “No começo, antes de ser criada a luz do Sol, esta terra (Cholula) estava na escuridão e nas trevas, mas, logo que a luz do Sol surgiu no Oriente, apareceram homens gigantes... que construíram esta pirâmide, sendo depois dispersados os construtores por todas as partes da Terra.”

“Uma grande parte da história da América Central é constituída pelos feitos de uma antiga raça de gigantes chamados Quinanes” — diz o autor de *Atlantis* (página 204).

atribuídas a restos humanos, e até mesmo aos de Teutobod, o chefe teutão morto por Mário. No entanto, as posteriores investigações de Cuvier provaram que se tratava de restos fósseis do Dinotério Gigante, de 18 pés de comprimento.

Invocam-se também as antigas construções como evidência de que os nossos primeiros antepassados não eram muito maiores do que nós, visto que as portas não tinham tamanho superior ao de hoje. O homem mais alto da antiguidade, que se conhece, dizem, foi o imperador romano Máximo, cuja estatura não ia além de sete pés e meio. Ora, em nossos dias, estamos vendo freqüentemente homens ainda mais altos. O húngaro que se exibiu no Pavilhão de Londres media cerca de 9 pés. Na América se exibiu outro gigante que alcançava 9 pés e 6 polegadas de altura. O montenegrino Danilo tinha 18 pés e 7 polegadas. Na Rússia e na Alemanha é comum verem-se, nas classes sociais inferiores, homens com mais de 7 pés. Se, como ensina o Sr. Darwin aos partidários da teoria do macaco, as espécies animais que resultam de cruzamentos manifestam sempre "*uma tendência de regressão ao tipo original*", esta mesma lei deveria aplicar-se ao homem, obviamente. Se na antiguidade não tivesse havido tipos de gigantes, não os haveria tampouco em nossos dias.

Mas tudo isso diz respeito somente ao período histórico. E se os esqueletos das idades pré-históricas não provaram ainda, de modo irrefutável, aos olhos da Ciência, o que ora pretendemos, isso é apenas uma questão de tempo. Aliás, nós positivamente contestamos que assim seja. Por outro lado, como já dissemos, a estatura humana pouco se alterou desde o último Ciclo da espécie. Os gigantes de antanho se acham todos enterrados sob os oceanos; e o atrito constante das águas em centenas de mil anos reduziria a pó esqueletos de bronze, quanto mais esqueletos humanos. E de onde procede o testemunho de autores clássicos bem conhecidos, de filósofos e outros homens que jamais tiveram reputação de impostores?

Não devemos tampouco esquecer que, até 1847, ano em que Boucher de Perthes o impôs à atenção da Ciência, quase nada se sabia acerca do homem fóssil, cuja existência a Arqueologia até então houve por bem ignorar. Dos gigantes que "*habitavam a Terra naqueles tempos*", só a *Bíblia* havia falado aos sábios do Ocidente, sendo o Zodíaco a única testemunha chamada a corroborar tal declaração, nas pessoas de Orion e Atlas, cujos ombros poderosos se dizia que sustentavam o mundo.

Contudo, nem mesmo os gigantes ficaram sem testemunhas de sua existência, convindo examinar a questão em seus dois aspectos. As três ciências — a geológica, a sideral e a escriturária, esta última em seu caráter universal — nos podem proporcionar as provas necessárias. Principiando pela Geologia: esta já reconheceu que, quanto mais antigo os esqueletos descobertos, tanto mais alta e forte é a sua estrutura. Isto já representa um começo de prova.

Frederico de Rougemont, que, sendo um dos mais devotos crentes da *Bíblia* e da Arca de Noé, não deixa por isso de ser uma testemunha científica, escreve:

"Todos os ossos encontrados no Departamento de Gard, na Áustria, em Liège, etc., esses crânios que recordam todos o do tipo negro... e que poderiam, em razão do seu tipo, ser equivocadamente tomados por crânios de animais, pertenceram a homens de elevada estatura." 118

O mesmo diz Lartet, autoridade que atribui uma "alta estatura" às raças que foram submergidas com o Dilúvio — não o de Noé necessariamente — e uma estatura menor às que viveram posteriormente.

Com relação aos elementos de prova que se vêem nos escritores antigos, não devemos preocupar-nos com o que disse Tertuliano, quando certificou que havia no seu tempo um certo número de gigantes em Cartago — visto que, antes de aceitar-lhe o testemunho, seria preciso, quando menos positivar sua própria identidade, senão a realidade de sua existência 119. Podemos, não obstante, reportar-nos aos jornais de 1858, que mencionam o achado de um "sarcófago de gigante" no sítio ocupado por aquela cidade. Quanto aos autores pagãos, temos o testemunho de Filóstrato, que fala de um esqueleto gigante de 22 côvados de comprimento, assim como de outro de 12 côvados, vistos por ele próprio no promontório de Sigeu. Esse esqueleto pode não ter sido, como supunha Protesilau, o do gigante morto por Apolo no cerco de Tróia; era, porém, de um gigante, tal como aquele outro descoberto em Lemnos por Messecrates de Stira, e "horrível de ver-se", na expressão de Filóstrato 120. Será possível que os preconceitos levem a Ciência ao extremo de classificar *todos* esses homens como néscios e impostores?

Plínio alude a um gigante, no qual julgou reconhecer Orion, ou Oto, o irmão de Efialtes 121. Plutarco refere que Sertório viu o túmulo do gigante Anteu, e Pausânias afirma a existência real das tumbas de Astério e de Gérion, ou Hilos, filho de Hércules — todos Gigantes, Titãs e homens poderosos. Finalmente, conta o Abade Pègues, em sua curiosa obra *Les Volcans de la Grèce*, que:

"Na vizinhança dos vulcões da ilha de Tera, foram encontrados gigantes de enormes crânios, que jaziam sob pedras colossais, cuja ereção devia ter exigido necessariamente o emprego de forças titânicas, que a tradição associa, em todos os países, com as idéias sobre gigantes, vulcões e magia."

Na mesma obra, o autor se pergunta por que, na *Bíblia* e na tradição, os Gibborim, os gigantes ou "entes poderosos", os Rephaim, espectros ou "fantasmas", os Nephilim ou "entes caídos" (*irruentes*), nos são apresentados como idênticos, apesar de serem "todos *homens*", pois que a *Bíblia* os

(118) *Histoire de la Terre*, página 154.

(119) Há críticos que, não encontrando prova da existência de Tertuliano, salvo nos escritos de Eusébio "o veraz", se inclinam a pô-la em dúvida.

(120) *Heroica*, página 35.

(121) Consulte-se, a este respeito, De Mirville em *Pneumatologie, Des Esprits*, III, 47-48.

(122) *Hist. Nat.*, VII, XVI.

qualifica de seres primitivos e poderosos — por exemplo, Nenrod. A Doutrina Secreta explica o mistério. Tais nomes, que pertencem de direito só às quatro Raças precedentes e à fase inicial da Quinta, são uma alusão bem clara às duas primeiras raças *Fantasma* (Astrais), à Raça “Caída”, a Terceira, e à Raça dos Gigantes Atlantes, a Quarta, após a qual “a estatura dos homens começou a decrescer”.

Bossuet vê no “pecado original” a causa da idolatria universal que se manifestou mais tarde. “Sereis como os Deuses”, diz a Serpente do *Gênesis* a Eva, semeando assim o germe do culto às *falsas divindades*¹²³. Daí, pensa ele, nasceu o culto e adoração às *imagens* de caracteres antropomorfos ou humanos. Mas, se é nisso que consiste a idolatria, então as duas Igrejas — a grega e especialmente a latina — são tão idólatras e pagãs como qualquer outra religião¹²⁴.

Foi só na Quarta Raça que os homens, tendo decaído do direito de serem considerados divinos, apelaram para o culto ao corpo, em outra palavra, para o falcismo. Até então haviam sido realmente Deuses, tão puros e divinos quanto os seus Progenitores; e a expressão da “Serpente” alegórica, como ficou bem esclarecido nas páginas anteriores, não se refere à “Queda” fisiológica do homem, mas à sua aquisição do conhecimento do Bem e do Mal, ocorrida *antes* dessa Queda. Convém não esquecer que só depois de sua expulsão do Éden foi que “Adão conheceu Eva, sua mulher”¹²⁵. Ademais, não é nossa intenção confrontar os ensinamentos da Doutrina Secreta com a letra morta da *Bíblia*, mas tão-somente fazer ressaltar a grande semelhança entre as duas, quanto ao sentido esotérico.

Foi só depois de se haver separado dos neoplatônicos que Clemente de Alexandria passou a traduzir *gigantes* por *serpentes*, explicando que “serpentes e gigantes significam *demonios*”¹²⁶.

(123) *Elevations*, página 56.

(124) E isso apesar da proibição formal decretada pelo Grande Concílio de Elyrus, no ano 303 depois de Cristo, quando declarou que a “forma de Deus, que é imaterial e invisível, não deve ser limitada por uma figura ou forma”. Em 692, o Concílio de Constantinopla proibiu igualmente que os fiéis “pintassem ou representassem Jesus como um *cordeiro*”, e também que “dobrassem o joelho ao orar, por ser um ato de idolatria”. Mas o Concílio de Nicéia (787) restabeleceu a idolatria, e o de Roma (883) excomungou João, o Patriarca de Constantinopla, por se ter declarado adversário do culto das *imagens*.

(125) *Gênesis*, IV, 1.

(126) *Ibid.*, VI, 4. Tratando do Dragão chinês e da literatura chinesa, escreve o Sr. Charles Gould em seu *Mythical Monsters* (pág. 212): “As mitologias, histórias, religiões, contos populares e provérbios da China abundam em alusões a um ser misterioso *que tem uma natureza física e atributos espirituais*. Dotado de uma forma que ele próprio aceitou, e da qual tem o poder sobrenatural de se desfazer para revestir outras, possui a faculdade de influir no tempo, provocando à vontade períodos de seca ou de chuvas fertilizantes, bem como tempestades e calmarias. Poder-se-iam escrever volumes com as lendas espalhadas por toda a parte acerca deste assunto.”

Este “ser misterioso” é o Dragão *mítico*, isto é, o símbolo do Adepto *histórico* e real do Mestre e Professor de Ciências Ocultas do tempo antigo. Já dissemos alhures que os grandes “Magos” da Quarta e da Quinta Raças eram geralmente chamados

Dirão talvez que, antes de estabelecer paralelo entre as nossas doutrinas e as da *Bíblia*, temos que apresentar melhores provas da existência dos Gigantes, não bastando assinalar as referências que lhes faz o *Gênesis*. Responderemos que as nossas provas são mais plausíveis, porque apoiadas em testemunhos mais literários e mais científicos que os porventura produzidos quanto ao Dilúvio de Noé. As obras históricas da China estão cheias de reminiscências semelhantes acerca da Quarta Raça. Na tradução francesa de *ShooKing* ¹²⁷ pode-se ler:

“Quando Miao-tsé (a raça antediluviana pervertida [explica o anotador], que se retirou naqueles antigos tempos para as grutas rochosas, e cujos descendentes se diz que vivem ainda nas cercanias de Cantão) ¹²⁸, segundo os nossos antigos documentos, fizeram com que toda a Terra se conturbasse, por causa das mentiras de Tchy-Yeoo, ela se encheu de bandidos... O Senhor Chang-ty [um Rei da Dinastia Divina] lançou as vistas para o povo, já não vislumbrando nele o menor traço de virtude. Ordenou então a Ly e a Tchong [dois Dhyân-Chohans inferiores] que suprimissem toda comunicação entre o Céu e a Terra. Desde então cessaram as subidas e descidas.” ¹²⁹

“Subidas” e “descidas” significam as comunicações e relações entre os dois Mundos, livremente.

Como não estamos em condições de expor uma história completa e minuciosa das Raças Terceira e Quarta, limitamo-nos a apresentar agora, no concernente a elas, tantos fatos isolados quantos nos é permitido reunir, e

“Serpentes” e “Dragões”, como seus Progenitores. Pertenciam todos à Hierarquia dos “Dragões de Fogo da Sabedoria”, os Dhyân-Chohans, correspondendo de modo geral aos Pitris Agnishvâtta, aos Maruts e aos Rûdras, como descendência de Rûdra, seu pai, que é identificado como o Deus do Fogo. Diz mais o texto. Ora, Clemente, neoplatônico iniciado, conhecia naturalmente a origem da palavra “Dragão”, e sabia por que eram assim chamados os Adeptos iniciados, pois estava de posse do segredo de Agathodæmon, o Christos, a serpente de sete vogais dos gnósticos. Sabia que o dogma de sua nova fé requeria a transformação de todos os rivais de Jeová — os Anjos que se supunha rebelados contra esse “Elohim” (do mesmo modo que Prometeu se rebelou contra Zeus, o usurpador do reino de seu pai) —, e sabia que “Dragão” era o nome místico dos “Filhos da Sabedoria”; e desse conhecimento foi que derivou a sua definição, tão cruel quanto arbitrária, de que “serpentes e dragões significam demônios”, isto é, não “Espíritos” e sim *Diabos*, na linguagem eclesiástica.

(127) Parte IV, cap. XXVII, página 291.

(128) “Que diríeis de nossa afirmação de que os Chineses — refiro-me agora aos do interior, os verdadeiros chineses, e não à mescla híbrida entre a Quarta e a Quinta Raça que ocupa o trono atualmente [em 1888] —, os aborígenes que pertencem integralmente, por sua nacionalidade genuína, ao último e mais elevado ramo da Quarta Raça, alcançaram o ponto culminante da civilização quando a Quinta Raça apenas acabava de surgir na Ásia?” (*Esoteric Buddhism*, 8.^a ed., página 69). E esses poucos chineses do interior são todos de grande estatura. Se pudessemos ter à mão e traduzir corretamente os manuscritos mais antigos do idioma Lolo (o dos aborígenes da China), obteríamos muitas e inestimáveis provas; mas são eles tão raros quanto é ininteligível sua própria língua. Até hoje só um ou dois arqueólogos europeus puderam encontrar tão preciosos escritos.

(129) Citado por De Mirville, (*op. cit.*, III, 53). Recorde-se idêntica manifestação no *Livro de Enoch*, como também a escada vista em sonho por Jacob. Os “dois mundos” significam, naturalmente, os dois planos de Consciência e de Ser. Um vidente pode comunicar-se com Seres de um plano superior à Terra, sem sair de onde está.

particularmente os que têm confirmação em provas diretas, assim como em outras obtidas, por dedução, na literatura e na história antigas.

Quando a “vestimenta de carne” dos homens se fez mais densa, caindo eles cada vez mais no pecado físico, interromperam-se as relações entre o Homem Físico e o Homem *Divino Etéreo*. O Vêu de Matéria que separa os dois planos tornou-se por demais cerrado para que até mesmo o Homem Interno pudesse passar através dele. Os Mistérios do Céu e da Terra, revelados à Terceira Raça, nos seus dias de pureza, pelos Instrumentos Celestes, converteram-se em um foco de luz cujos raios se foram necessariamente enfraquecendo ao se difundirem por um campo demasiado material e, portanto, refratário. Entre as massas, tais Mistérios degeneraram em feitiçaria, e mais tarde assumiram a forma de religiões exotéricas, de idolatria impregnada de superstições, e do culto ao homem ou ao herói. Somente um pequeno grupo de homens primitivos — em que a centelha da Sabedoria Divina que brilhava com intensidade tanto maior quanto mais se debilitava, de idade em idade, naqueles que a empregavam com fins maléficos — permaneceram como guardiães eleitos dos Mistérios revelados à Humanidade pelos Instrutores Celestes. Entre eles havia os que mantiveram o seu estado de Kumâras desde o início, e a tradição repete em sussurro o que os Ensinamentos Ocultos afirmam, a saber: que esses eleitos foram a semente de uma Hierarquia que desde então jamais cessou de existir.

Como diz o Catecismo das Escolas Internas:

*O Homem Interno da Primeira *** apenas muda de corpo de tempo em tempo; ele é sempre o mesmo, não conhece o repouso nem o Nirvana, desdenha o Devachan, permanecendo constantemente na Terra para a salvação da humanidade... Dos sete Homens-Virgens [Kumâras] ¹³⁰, quatro se sacrificaram pelos pecados do mundo e a instrução dos ignorantes. Embora invisíveis, estão sempre presentes. Quando se diz de um deles: “Morreu”, ei-lo que vive sob outra forma. Eles são a Cabeça, o Coração, a Alma e a Semente do Conhecimento Imortal [Jnana]. Nunca faleis, ó Lanu, destes grandes seres [Mahâ...] diante da multidão, declinando-lhes os nomes. Só os Sábios compreenderão.” ¹³¹*

Estes são os “Quatro” sagrados que foram alegorizados e simbolizados no *Linga-Purâna*, onde se diz que Vâmadeva (Shiva), como Kumâra, renasce em cada Kalpa (cada Raça, neste caso) sob a forma de quatro jovens — quatro brancos, quatro vermelhos, quatro amarelos e quatro de cor escura ou morena. Tenha-se presente que Shiva é, antes de tudo, e sobretudo, um asceta, patrono de todos os Iogues e Adeptos, e a alegoria se fará claramente inteligível. É o próprio Espírito da Sabedoria Divina e do casto Ascetismo que se encarna nesses Eleitos. Só depois de ter-se casado e de ser arrancado

(130) Veja-se o Comentário sobre as Quatro Raças e sobre os “Filhos da Vontade e do Ioga”, a progênie imaculada da Terceira Raça, Andrógina, no Volume II.

(131) Na *Cabala* a pronúncia do Nome *inefável* de quatro letras é um “arcano dos mais secretos” — um “segredo dos segredos”.

pelos Deuses a essa terrível vida ascética é que Rudra se converte em Shiva, um dos Deuses — de um tipo não muito virtuoso e misericordioso — do Panteão hindu. Acima dos “Quatro” só há o UNO, sobre a Terra como no Céu — aquele Ser solitário ainda mais misterioso, descrito no Volume I.

Temos que examinar agora a natureza dos “Filhos da Chama” e da “Sabedoria Tenebrosa”, assim como os *prós* e os *contras* da teoria satânica.

Frases soltas como as que puderam ser decifradas em fragmentos de ladrilhos, e que George Smith intitulou de “A Maldição depois da Queda”¹³², são naturalmente alegóricas; confirmam, todavia, o que ensinam os nossos Livros sobre o verdadeiro sentido da Queda dos Anjos. Ali se diz, por exemplo, que “o Senhor da Terra pronunciou o seu nome, Pai Elu [Elohim]” e lançou a “maldição”, que “foi ouvida pelo Deus Hea, cujo fígado se contraiu de cólera, porque o seu homem [o Homem Angélico] havia corrompido sua pureza”. E por isso Hea exprimiu o desejo de que “a sabedoria e o conhecimento lhe fossem hostis e nocivos [ao homem]”¹³³.

Esta última frase indica uma relação direta entre a narrativa caldeia e a do *Gênesis*. Hea trata de reduzir a nada a sabedoria e o conhecimento adquiridos pelo homem em virtude da capacidade consciente e intelectual, que lhe adveio, de igualmente criar — arrebatando assim das mãos de Deus (dos Deuses) o monopólio da criação; e os Elohim, no terceiro capítulo do *Gênesis*, procedem da mesma forma e expulsam o homem do Éden.

Isso, porém, não surtiu efeito, porque o Espírito da Sabedoria Divina, estando sobre o homem e no homem — em verdade, a Serpente da Eternidade e de todo o Conhecimento, o Espírito Manásico que lhe ensinara o segredo da “criação” no plano Kriyashakti, e o da procriação no plano terrestre — o conduziu naturalmente a descobrir o caminho da Imortalidade, a despeito dos ciúmes de todos os Deuses.

Os primeiros Lêmuro-Atlantes (as encarnações divinas) são acusados de haver tomado como esposas mulheres de uma raça inferior, ou seja, da raça dos homens até então desprovidos de mente. Todas as Escrituras antigas trazem a mesma lenda, mais ou menos claramente expressa.

Convém notar, preliminarmente, que a “Queda dos Anjos”, que transmutou os “Primogênitos” de Deus em Asuras, e no Ahriman ou Tífon dos “pagãos” (tomando-se ao pé da letra o que se diz no *Livro de Enoch*¹³⁴ e em *Hermes*, nos *Purânas* e na *Bíblia*), tem, no entanto, em sua interpretação esotérica, o significado que se segue.

(132) *The Chaldean Account of Genesis*, página 81.

(133) *Ibid.*, página 84, linhas 12, 14 e 15.

(134) Voltendo mais uma vez a este tema importantíssimo da Cosmogonia Arcaica, vemos, inclusive nas lendas nórdicas, nos anais sagrados da Deusa Saga, que Loki, irmão consanguíneo de Odin (do mesmo modo que Tífon e Ahriman são, respectivamente, irmãos de Osíris e Ormuzd), só numa fase ulterior é que se converteu em Espírito Maligno, depois de conviver por demasiado tempo com a humanidade. Como todos os outros Deuses do Fogo e da Luz — pois o Fogo queima e destrói assim como aquece e dá vida —, acabou sendo considerado como o aspecto destruidor do Fogo.

O nome Loki, conforme se esclarece no livro *Asgard and the Gods* (pág. 250), deriva da antiga palavra *liuhan*, iluminar. Tem, portanto, a mesma origem que a palavra

Frases como esta: "Em sua ambição [Satã] levantou a mão contra o Santuário do Deus do Céu, etc." devem ser lidas assim: Sob o impulso da Lei da Evolução Eterna e do Carma, o Anjo se encarna no Homem sobre a Terra; e como a sua Sabedoria e o seu Conhecimento são ainda divinos, ainda que o corpo seja terrestre, é ele acusado (alegoricamente) de divulgar os Mistérios do Céu. E ele usa aqueles dois com o objetivo da procriação humana, em lugar da super-humana. A partir de então, "o homem *engendrará, não criará*" ¹³⁵. Mas, tendo que empregar para tanto o seu débil Corpo, como instrumento de procriação, será este Corpo castigado por haver assim trazido para a Terra a Sabedoria do Céu; em consequência, a corrupção da pureza física converter-se-á numa espécie de maldição temporária.

Sabiam-no perfeitamente os cabalistas da Idade Média, um dos quais não reeceu escrever:

"À Cabala foi primeiramente ensinada por Deus a um Grupo selecionado de Anjos que formavam uma escola teosófica no Paraíso. Depois da Queda, os Anjos transmitiram espontaneamente essa doutrina celeste ao filho desobediente da Terra, a fim de proporcionar aos protoplastas os meios de retornarem à sua primitiva nobreza e felicidade." ¹³⁶

Isso mostra o entendimento que os cabalistas cristãos davam ao episódio em que os Filhos de Deus desposaram as Filhas dos Homens e lhes comunicaram os Divinos Segredos do Céu, segundo se vê da exposição alegórica de Enoch e do sexto capítulo do *Gênesis*. Todo esse período pode ser considerado o período Pré-humano, o do Homem Divino, ou, como agora o

latina *lux*, luz e Loki é idêntico a Lúcifer, Portador da Luz. Esse título, dado ao Príncipe das Trevas, é mui sugestivo, representando por si mesmo uma réplica às calúnias teológicas. Mas Loki se relaciona ainda mais estreitamente com Prometeu, sendo, com este, acorrentado a um rochedo pontiagudo, enquanto que Lúcifer, também identificado com Satã, estava acorrentado no Inferno — o que não impediu, porém, nenhum dos dois de atuar com plena liberdade na Terra, a aceitarmos na íntegra o paradoxo teológico. Loki é um Deus poderoso, benéfico e generoso nos primeiros tempos, e o princípio do bem, e não o do mal, na Tegonia escandinava.

(135) O mito grego a que nos referimos em páginas anteriores, a saber, a mutilação de Urano por seu filho Cronos, é uma alusão a esse "roubo" do *Fogo divino criador* pelo Filho da Terra e do Céu. Se Urano, a personificação dos Poderes Celestes, é reduzido à impotência por Cronos, o Deus do *Tempo*, para que deixe de criar, também na Cosmogonia egípcia Set, na luta promovida por Thot, o Deus da Sabedoria, entre ele e Hórus, é mutilado por este último, tal como foi feito a Urano por Cronos (veja-se o *Livro dos Mortos*, XVII, linha 26). No relato babilônico, é o Deus Zu que despoja o "Pai dos Deuses" do *umsimi* — o órgão criador ideal, e não a "coroa" (!), como julgou G. Smith (*op. cit.*, págs. 115-116). Porque no fragmento K. 3454 (Museu Britânico) se diz que Zu, havendo espoliado o "venerável do céu" de seu desejo, levou consigo o "*umsimi* dos deuses" e anulou com isso "o *tereti* (poder) de todos os deuses", apossando-se deste modo da "totalidade das sementes de todos os Anjos". Como o *umsimi* estava "no assento" de Bel, não podia ser a "coroa". Na Bíblia há uma quarta versão: Ham é o Zu caldeu; ambos são amaldiçoados pelo mesmo crime descrito alegoricamente.

(136) Citado por Christian Ginsburg da *Kabalah*.

interpreta a plástica Teologia protestante, o período *Pré-Adamita*. Mas até mesmo no *Gênesis* a sua verdadeira história principia (cap. VI) com os gigantes “daqueles tempos” e com os “Filhos de Deus” tomando por esposas as “Filhas dos Homens” e instruindo-as.

Esse período é o que se acha descrito nos *Purânas*; e, referindo-se, como se refere, a uma época que se perde nos tempos remotos da antiguidade, e portanto pré-históricos, como pode o antropólogo estar seguro de que a humanidade de então era ou não como a de hoje? Todos os *personagens* dos *Brahmanas* e dos *Purânas* — os Rishis, Prajâpatis, Manus, suas esposas e progênie — pertencem a esse período pré-humano. São, por assim dizer, a *Semente* da Humanidade. Ao redor destes “Filhos de Deus”, destes Filhos Astrais “nascidos da mente de Brahma”, cresceram e se desenvolveram nas nossas constituições físicas, até se tornarem o que hoje são. Porque a história purânica de todos esses homens é a de nossas Mônadas em suas diversas e inumeráveis encarnações, nesta como em outras Esferas; é a história de acontecimentos percebidos pelo “Olho de Shiva” dos antigos Videntes (o “Terceiro Olho” de nossas Estâncias), e alegoricamente descritos. Mais tarde vieram a ser desfigurados e mutilados; neles, porém, ficou sempre um fundo de verdade. A filosofia de tais alegorias não é menos profunda por se achar tão densamente velada com os excessos da fantasia.

Com a nossa Quarta Raça chegamos ao período propriamente humano. Os que até então eram Seres semidivinos, aprisionados em corpos só tinham de humanos a aparência, passaram por uma transformação fisiológica e tomaram como esposas mulheres formosas verdadeiramente humanas, nas quais haviam encarnado Seres inferiores e mais materiais (ainda que celestes). Estes Seres com formas femininas — Lilith é o seu protótipo nas tradições judaicas — são denominados Khado (em sânscrito: Dakini) nos escritos esotéricos. As lendas alegóricas dão à principal dessas Liliths o nome de Sangye Khado (em sânscrito: Buddha Dakini), e atribuem a todas a arte de “andar pelos ares”, bem como uma extraordinária bondade para com os mortais, não sendo elas, porém, dotadas de mente — só do instinto animal¹³⁷.

(c) Este é o início de um culto que estava, com o tempo, condenado a degenerar em feticismo e culto sexual. Começou pelo culto do corpo humano — este “milagre dos milagres”, no dizer de um autor inglês — e terminou pelo dos respectivos sexos. Os seus adoradores eram gigantes pela estatura, mas não em conhecimento e sabedoria, se bem que os pudessem adquirir mais facilmente que os homens de nossos dias. Sua ciência era inata. Os Lêmuro-Atlantes não tinham necessidade de descobrir e fixar na memória o que o princípio animador sabia no momento da encarnação. Só o tempo e o adensamento progressivo da Matéria, de que se haviam revestido os princípios, puderam, o primeiro, enfraquecer a memória dos

(137) Schlagintweit, *Buddhism in Tibet*, pág. 248. Estes são os Seres cuja existência legendaria serviu de base à história da Lilith rabinica e à dos seres que os crentes da *Bíblia* chamariam de mulheres antediluvianas, e os cabalistas de raças pré-adamitas. Não são eles, por certo, uma ficção, por mais fantasiosas que sejam as adições feitas posteriormente.

conhecimentos pré-natais e, o segundo, entorpecer e até extinguir-neles todo o fulgor da centelha espiritual e divina. Em consequência, e desde o princípio, caíram vítimas de suas naturezas animais e procriaram “monstros”, isto é, homens de uma variedade diferente.

Discorrendo sobre os Gigantes, Creuzer nos dá uma boa descrição nestas palavras:

“Aqueles filhos do Céu e da Terra eram dotados, em seu nascimento e pelos *Poderes Soberanos*, autores do seu ser, com faculdades extraordinárias, assim morais como físicas. *Eles comandavam os Elementos, conheciam os segredos do Céu e da Terra, os do mar e do mundo inteiro, e liam o futuro nas estrelas...* Em verdade, quando se lê algo sobre eles, tem-se a impressão de que *não se trata de homens como nós*, mas de Espíritos dos Elementos, que surgiram do seio da Natureza e tinham domínio completo sobre ela... Todos estes seres apresentavam como características a *magia e a feitiçaria...*”

E assim eram esses heróis das raças pré-históricas; hoje legendários, eles existiram realmente. Creuzer foi um sábio em sua geração, porque não enveredou pela acusação de mistificação, necedade e superstição a uma série incontável de filósofos conhecidos, que aludiram a essas raças e afirmaram que, no seu tempo, chegaram até a ver-lhes os restos fósseis. Os homens de antigamente eram cépticos, tanto quanto os de hoje; no entanto, um Luciano, um Demócrito e um Epicuro se renderam à evidência dos *fatos* e deram prova do discernimento que caracteriza as verdadeiras inteligências superiores, permitindo-lhes distinguir entre a ficção e o fato, entre a verdade e o exagero ou a fraude. Os escritores antigos não eram mais néscios do que os nossos sábios modernos, como judiciosamente observou o autor de “Notas sobre a Psicologia de Aristóteles em face do Pensamento Moderno”, em *Mind*:

“A divisão habitual da história em antiga e moderna... pode induzir em erro. Sob muitos aspectos, os Gregos do século IV antes de Cristo eram modernos, sobretudo — podemos acrescentar — pelo seu ceticismo. Tudo demonstra que eles não mantinham disposição para aceitar *fábulas* com tanta facilidade.”

Mas os Lemurianos e os Atlantes, aqueles “filhos do Céu e da Terra”, se fizeram notar, sem dúvida, pelo seu caráter de *feiticeiros*; pois a Doutrina Secreta os acusa precisamente de uma coisa que, se admitida, poria termo às dificuldades da Ciência no tocante à origem do homem, ou melhor, de suas semelhanças anatômicas com o símio antropóide. Acusa-os de haverem cometido o (para nós) abominável crime de procriar com “animais”, dando assim ao mundo uma espécie verdadeiramente pitecóide, hoje extinta. É claro que, assim como na questão da geração espontânea — que a Ciência Esotérica admite e ensina —, será contestada a possibilidade de tal cruzamento entre o homem e um animal de qualquer classe. Mas, além da circunstância de que, naqueles tempos primitivos, nem os gigantes atlantes humanos, nem mesmo os “animais”, conforme já observamos, eram os homens fisiologicamente perfeitos e os mamíferos que hoje conhecemos, as noções modernas sobre este assunto — inclusive as dos fisiólogos — são

por demais incertas e variáveis para autorizar uma negação *a priori* e absoluta do que dissemos.

Um estudo atento dos Comentários esclarecerá ao leitor que os seres aos quais se uniram os recém-“Encarnados”, para procriar, eram chamados “animais” não porque não fossem seres humanos, mas porque eram muito diferentes, física e mentalmente, das raças mais perfeitas que se haviam desenvolvido fisiologicamente em época anterior. Recorde-se a Estância VII e o que diz o sloka 24, a saber: Quando os “Filhos da Sabedoria” vieram encarnar pela primeira vez, alguns o fizeram de modo completo e outros apenas projetaram nas formas um resplendor ou *centelha*; mas algumas Sombras ficaram por *complementar* e *aperfeiçoar* até a Quarta Raça. Ora, essas raças que “permaneceram desprovidas de conhecimento” ou “sem mente” assim continuaram até mesmo depois da separação natural dos sexos. Foram elas que, por assim dizer, praticaram o primeiro cruzamento, engendrando monstros; e entre os descendentes destes foi que os atlantes escolheram esposas.

Supôs-se que Adão e Eva, com Caim e Abel, formavam a única família *humana* sobre a Terra; no entanto, vemos que Caim seguiu para a região de Nod e ali tomou esposa. É evidente que só uma raça era considerada suficientemente perfeita para ser chamada humana; e até mesmo nos dias atuais, enquanto os cingaleses têm os *veddhas* de seus bosques na conta de meros *animais parlantes*, há ingleses que, em sua arrogância, crêem firmemente que todas as demais famílias humanas — e especialmente os indianos de cor escura — pertencem a uma *raça inferior*. Por outra parte, há naturalistas que têm discutido seriamente a questão de saber se os membros de algumas tribos selvagens como os bosquímanos, por exemplo — podem ser considerados *homens*.

O Comentário, descrevendo aquela espécie (ou raça) de animais “de bonita aparência” como bípedes, diz:

Tinham forma humana, mas com as extremidades inferiores da cintura para baixo, cobertas de pêlos.

Talvez a raça dos *sátiros*.

Se os homens existiam há dois milhões de anos, deviam ser — tal como os animais — muito diferentes, física e anatomicamente, do que agora são, e então mais próximos que hoje do tipo de animal mamífero puro. Seja como for, sabemos que o mundo animal só se reproduziu estritamente *inter se* — quer dizer, segundo o gênero e a espécie — depois do aparecimento, na Terra, da Raça Atlante. Conforme mostrou o autor da interessante obra *Modern Science and Modern Thought*, a idéia da recusa de procriação com outras espécies, ou a de que a esterilidade seria o único resultado de semelhante união, “parece ser uma dedução *prima facie* antes que uma lei universal”, mesmo atualmente. Diz ele que:

“Com efeito, é freqüente o cruzamento entre espécies diferentes, como no caso bem conhecido do cavalo e do asno. É verdade que, nesse caso, a mula é estéril...

mas a regra não é absoluta, e ainda recentemente uma nova raça híbrida, a dos lepóridas, ou lebres-coelhos, foi criada e é perfeitamente fértil."

Pode também citar-se, como exemplo, o produto do cruzamento entre o lobo e o cão, como ainda entre outros animais domésticos; o cruzamento de raposas e cães; e o moderno gado suíço apresentado por Rüttimeyer como descendente de "três espécies diferentes de bois fósseis, o *Bos primigenius*, o *Bos longifrons* e o *Bos frontosus*"¹³⁸. Demais, algumas das espécies, como a família do símio, que tão visivelmente se parece com o homem na estrutura física, contêm, segundo se diz,

"numerosos ramos que se fundem uns nos outros, mas cujos extremos diferem entre si mais do que o homem difere do tipo mais elevado da série dos símios".

O gorila e o chimpanzé, por exemplo.

Assim, a observação do Sr. Darwin — ou será que devemos dizer a observação de Linneu? — de que *natura non facit saltus* não só é corroborada pela Ciência Esotérica, mas ainda (se houvesse alguma probabilidade de que a verdadeira doutrina fosse aceita fora do círculo de seus partidários) conciliaria, em mais de um aspecto, senão inteiramente, a teoria moderna da evolução com os fatos, como também explicaria a falta de êxito absoluta por parte dos antropólogos no descobrimento do "elo perdido" nas formações geológicas de nossa Quarta Ronda.

Em outro ponto demonstrarems que a Ciência Moderna, ainda que inconscientemente, contribui para a nossa causa com os fatos que ela própria admite, e que muita razão tem De Quatrefages quando diz, em sua última obra, ser bem mais provável que se chegue a descobrir que o símio antropóide *descende do homem*, e não que estes dois tipos tenham um fantástico antepassado comum, que não se encontra em parte alguma. A sabedoria dos compiladores das Estâncias é deste modo proclamada, ao menos por um eminente homem de ciência, e o ocultista prefere crer, como sempre o fez, no que diz o Comentário, a saber:

O homem foi o primeiro e o mais perfeito dos animais [mamíferos] que apareceram nesta criação [a Quarta Ronda]. Depois vieram animais ainda maiores; e, por último, o homem mudo que anda de quatro pés. [Porque] os Râkshasas [Demônios-Gigantes] e os Daityas [Titãs] do Dvîpa [Continente] Branco corromperam seus antepassados [os do homem mudo].

Por outra parte, como vimos, há antropólogos que seguiram a pista do homem até uma época bastante recuada, que destrói em grande parte a aparente barreira que existe entre a cronologia da Ciência moderna e a da Ciência arcaica. Verdade é que os homens de ciência ingleses, em geral, se recusaram a reconhecer até mesmo a hipótese de um homem da Idade Secundária. Todos eles medem a antiguidade do *Homo Primigenius* pela

(138) *Op. cit.*, páginas 101, 102.

bitola de suas próprias luzes e preconceitos. O Sr. Huxley, porém, chega a discutir a possibilidade de um homem plioceno ou mioceno. O Professor Seeman e o Sr. Grant Allen situam-lhe o advento no período Eoceno. Mas os cientistas ingleses, em regra, entendem que não seria prudente, sem perigo de erro, ir além da Era Quaternária. Infelizmente os fatos não se acomodam à reserva demasiado cautelosa destes últimos. A escola francesa de Antropologia, baseando suas teorias nas descobertas do Abade Bourgeois, Capellini e outros, aceitou quase sem exceção o ponto de vista de que seguramente se encontram rastros de nossos antepassados no período Mioceno, enquanto o Sr. De Quatrefages se inclina a admitir o homem da Idade Secundária. Mais adiante faremos uma comparação de suas estimativas com as cifras que se vêem nas obras exotéricas dos brâmanes, e que se aproximam dos Ensinamentos Esotéricos.

(d) “Então o Terceiro Olho cessou de funcionar”, diz o sloka, porque o HOMEM se deixara mergulhar demasiado profundamente no limo da Matéria.

Qual o significado dessa estranha declaração do sloka 42 com referência ao Terceiro Olho da Terceira Raça, que, atrofiado, deixara de funcionar?

Devemos agora passar à exposição de alguns Ensinamentos Ocultos, sobre este e outros pontos. A história da Terceira e da Quarta Raças cumpre seja ampliada a fim de que possa esclarecer melhor o desenvolvimento de nossa humanidade atual e mostrar como as faculdades postas em atividade pelo Exercício Oculto devolvem o homem à posição que anteriormente ocupava, quanto à percepção e à consciência espiritual. Mas, primeiramente, há que explicar o fenômeno do Terceiro Olho.

AS RAÇAS COM “TERCEIRO OLHO”

Este assunto é tão estranho, o caminho a seguir tão emaranhado, tão cheio de ciladas armadas perigosamente pelas teorias e críticas adversas, que há mister fazermos acompanhar de boas razões cada passo que dermos. Projetando ao mesmo tempo a luz do Esoterismo sobre cada polegada do terreno Oculto que percorrermos, é preciso também recorrermos à lente para acentuar e pôr em relevo as regiões exploradas pela Ciência exata, não só com o objetivo de estabelecer um confronto entre os dois, mas também para defender a nossa posição ¹³⁹.

(139) Recomendamos um artigo, curto mas sugestivo, do Visconde de Figanière, F. S. T., publicado em *The Theosophist* sob o título “Estudos Esotéricos”. O autor expõe uma teoria verdadeiramente oculta, ainda que encerre uma idéia de todo nova para o mundo — “o progresso da Mônada seguindo de par com a retrogressão da Forma, isto é, com o decrescimento de sua *vis formativa*” (agosto de 1887, págs. 666-71). Diz ele: “Quem sabe que formas serviram de veículos aos Egos em anéis [Rondas ou Raças?] remotos?... Não pode o tipo do homem... ter sido o de uma variedade simiesca? Não estaria o Reino dos Símios do *Ramayana* baseado numa antiga tradição

Pode ser que nos censurem por dizermos muito pouco quanto ao aspecto físico *humano* das raças extintas na história do seu crescimento e evolução. Certamente que poderíamos dizer muito mais, se a simples prudência não nos fizesse hesitar sempre que temos uma revelação nova a fazer. Foi e é exposto tudo quanto esteja dentro das possibilidades e dos marcos traçados pelas descobertas da Ciência moderna; mas tudo o que a Ciência exata ignora, todas as questões sobre as quais não é capaz de especular — e que, portanto, negaria serem fatos da Natureza —, tudo isso permanece em reserva.

Declarações como, por exemplo, as de que o homem, entre todos os mamíferos, foi o primeiro a aparecer; de que foi o antepassado indireto do macaco; e de que foi uma espécie de Ciclope nos tempos primitivos — serão todas impugnadas; e, não obstante, nunca poderão os homens de ciência provar (salvo para eles mesmos) que *assim não sucedeu*. Tampouco admitirão que as duas primeiras Raças humanas fossem demasiado etéreas e semelhantes a fantasmas em sua constituição, em seu organismo e até mesmo em suas *formas*, para serem chamadas raças de homens físicos. Porque, se o fizessem, ver-se-ia que aí está uma das razões por que não se pode esperar que algum dia venham a ser encontradas relíquias daqueles homens entre as dos outros fósseis. Nem por isso deixamos de manter tudo o que dissemos. O homem foi, por assim dizer, o reservatório *de todos os germes de vida* desta Ronda, inclusive a vida vegetal e a animal¹⁴⁰. Assim como Aim-Soph é “*Uno apesar das formas inumeráveis que nele se encontram*”¹⁴¹, assim o Homem é, na Terra, o microcosmo do macrocosmo.

“Logo que o homem apareceu, tudo se completou... porque tudo se acha compreendido no homem. Ele reúne em si mesmo todas as formas”¹⁴².

referente ao período em que esse era o destino, ou melhor, o aspecto comum do homem?” E o autor desenvolve então uma exposição muito hábil, ainda que demasiado curta, de sua teoria, dizendo o que todo ocultista aprovaria, a saber: “Com o homem físico-etéreo deve ocorrer uma *involução* dos sexos. Assim como o homem físico-astral dependeu, para o seu renascimento, de entidades pertencentes a uma classe sub-humana (desenvolvida de protótipos animais) também o homem físico-etéreo encontrará entre as graciosas categorias procedentes do plano *aéreo* uma ou mais formas que se desenvolverão para suas sucessivas encarnações, *quando corpos procriados estiverem prontos* — processo que abrangerá toda a humanidade, embora mui lentamente. As Raças [Pré?] Adamitas e Pós-Adamitas eram raças de gigantes; os seus duplos etéreos podiam ser liliputianos — belos, luminosos, diáfanos — mas eram certamente gigantes pela mente.”

(140) Poder-se-ia objetar que há aqui uma contradição. Que, tendo a primeira Raça-Raiz aparecido 300.000.000 de anos depois que a vegetação se desenvolveu, o Germe da vida vegetal não podia estar na Primeira Raça. Dizemos que podia; porque até o advento do homem *nesta* Ronda a vegetação era toda diferente da de hoje, e inteiramente etérea, pela simples razão de que nenhuma erva ou planta podia ser física, sem que houvesse animais ou outros organismos que exalassem o ácido carbônico que o vegetal tem de absorver para o seu desenvolvimento, crescimento e nutrição. São interdependentes uns e outros em suas formas *físicas* completas.

(141) *Zohar*, I, 21-a.

(142) *Zohar*, III, 48-a.

O mistério do homem terrestre vem depois do mistério do Homem Celeste.” 143

A forma humana — assim denominada por ser o veículo (seja qual for sua configuração) do Homem Divino — constitui, como já o observou tão intuitivamente o autor dos “Estudos Esotéricos”, o *tipo novo* no início de cada Ronda.

“O homem não pode nunca estar manifestado, como nunca o esteve, em uma forma pertencente ao reino animal *in esse*, isto é, nunca fez parte desse reino. Derivada, mas somente derivada, da classe mais perfeita do mesmo reino, uma nova forma deve ser sempre o novo tipo do ciclo. A forma humana de um anel [?], segundo imagino, torna-se uma veste refugada no seguinte, sendo então apropriada pela classe mais elevada do reino imediatamente inferior.” 144

Se a idéia significa realmente o que fazemos — pois os “anéis” mencionados tornam o assunto algo confuso — então exprime corretamente o Ensino Esotérico. O Homem — o Homem Astral ou a “Alma”, visto que o *Zohar*, repetindo o Ensino Arcaico, diz claramente que “o homem *real* é a alma, e que a sua estrutura material não faz parte dela” —, tendo surgido no início mesmo da vida senciente e consciente, encabeçando-a, veio a ser a *Unidade* animal vivente, cujas “vestes refugadas” determinaram a forma de toda vida e de todo animal na presente Ronda 145.

Assim, ele “criou”, inconscientemente, durante idades sem conta, os insetos, répteis, aves e todos os animais, com os seus restos e os da Terceira e Quarta Rondas. Esta mesma idéia se reproduz com igual clareza no *Vendidad* dos Masdeístas, bem como na alegoria caldéia e mosaica da Arca, tudo não passando de versões nacionais da lenda original que se encontra nas Escrituras hindus. Vê-se o ensinamento na alegoria de Manu Vaivasvata e sua Arca, com os sete Rishis, cada um dos quais é apresentado como Pai e Progenitor de espécies animais, de répteis e até de monstros; assim como no *Vishnu Purâna* e em outros *Purânas*. Abra-se o *Vendidad* masdeísta e leia-se a ordem de Ahura-Mazda a Yima, um Espírito da Terra que simboliza as Três Raças, depois de lhe recomendar que construisse um Vara — “um cercado”, um Argha ou Veículo.

“Ali [dentro do Vara] levarás as sementes dos homens e das mulheres, selecionados entre as espécies maiores, mais belas e melhores desta Terra; ali tu levarás as sementes de todas as espécies de gado, etc.... Todas estas sementes levarás, duas de cada espécie, para que sejam preservadas durante todo o tempo em que os homens permaneceram na Terra.” 146

(143) *Ibid.*, II, 76-a.

(144) *Op. cit.*, página 666.

(145) Consta do *Zohar* que os “mundos primordiais” (centelhas) não puderam continuar porque o homem não existiu ainda. “A forma humana contém todas as coisas; e, como não existe ainda, os mundos foram destruídos.”

(146) *The Sacred Books of the East*, vol. IV; *The Vendidad*, J. Darmsteter, Fargard II, vols. 27 (70) e 28 (74).

Os “homens” encerrados no “Vara” são os “Progenitores”, os Homens Celestes ou Dhyânis, os futuros Egos incumbidos de animar a humanidade. Porque o Vara, Arca ou Veículo significa simplesmente o *Homem* ¹⁴⁷.

“Fecharás o Vara [depois de cheio com as sementes], e farás uma porta e abrirás uma janela que *ilumine o interior* [que é a Alma].” ¹⁴⁸

E quando Yima pergunta a Ahura Mazda o que deve fazer para construir o Vara, eis a resposta que teve:

“Esmaga a terra... e amassa-a com tuas mãos, como faz o oleiro quando trabalha a sua argila.” ¹⁴⁹

O Deus egípcio com cabeça de carneiro modela o homem com argila numa roda de oleiro, e assim também, no *Gênesis*, os Elohim o constroem com o mesmo material.

Quando depois se pergunta ao “Autor do mundo material”, Ahura-Mazda, quem é que dará luz “ao Vara feito por Yima”, responde ele:

“Há luzes *incriadas* e luzes *criadas*. Ali [em Airyana Vaêjo, onde foi construído o Vara], as estrelas, a lua e o sol se levantam e se põem uma vez [por ano], e um ano parece não ser mais que um dia [e uma noite].” ¹⁵⁰

É uma clara alusão à “Terra dos Deuses” ou às Regiões Polares (atuais). Contém ainda este versículo outra alusão: quando explicitamente se refere às “luzes incriadas”, que iluminam o Homem Interno — os seus “princípios”. De outro modo não teria sentido nem razão de ser a resposta de Ahura-Mazda, que termina com estas palavras:

“Em cada quarenta anos, para cada par [hermafrodita] *nascem dois, um macho e uma fêmea*.” ¹⁵¹

Esta última frase representa um eco bem nítido da Doutrina Secreta; de uma Estância que diz:

A expiração de cada quarenta Sóis [anuais] e ao fim de cada quadragésimo Dia, o Ser dual se converte em quatro; macho e fêmea em um, no primeiro, no segundo e no terceiro...

(147) Tal é o sentido quando a alegoria e o símbolo são abertos e lidos com a chave *humana* ou chave da Antroposofia terrestre. Esta interpretação do símbolo da “Arca” nada tem a ver com a sua chave astronômica, ou a chave teogônica, nem com mais nenhum dos outros significados. Tampouco parece menos científica que as teorias modernas sobre a origem do homem. Como se disse, a alegoria possui sete chaves, da mesma forma que as demais.

(148) *Ibid.*, página 18.

(149) *Ibid.*

(150) *Ibid.*, página 20.

(151) Veja-se também *Bundashish*, XV.

Está evidente, pois cada “Sol” significava um ano inteiro, que então tinha um só Dia, assim como, presentemente, no Círculo Ártico, compreende seis meses. Segundo o ensinamento antigo, a inclinação do eixo da Terra sobre a eclíptica altera-se gradualmente; e naquela época era tal a inclinação que um Dia polar igualava em duração todo o período de uma revolução da Terra ao redor do Sol, seguindo-se uma espécie de crepúsculo que durava pouco tempo; e depois a terra polar retomava sua posição diretamente sob os raios do Sol. Pode isso estar em contradição com a Astronomia, tal qual se ensina e se entende em nossos dias; mas quem pode afirmar que não ocorressem, há milhões de anos, mudanças no movimento da Terra, que agora já não ocorrem?

Voltando à declaração de que o VARA significava o Homem da Quarta Ronda, assim como a Terra daqueles tempos, a Lua e até mesmo a Arca de Noé, se assim quiserem — vê-se que isso ressalta ainda do diálogo entre Ahura-Mazda e Zaratustra. Assim, quando este último pergunta:

“Ó Autor do Mundo Material, ó Ente Sagrado! Quem foi que levou a lei de Mazda para dentro do Vara que Yima construiu?”

Ahura-Mazda responde: Foi a ave Karshipta, ó santo Zaratustra!” 152

E a nota esclarece:

“A ave Karshipta mora nos céus; se vivesse na Terra, seria a rainha das aves. Levou a lei para o Vara de Yima e recitou o Avesta na linguagem das aves.” 153

É também uma alegoria e um símbolo, que os orientistas só têm interpretado mal, vindo na ave “uma encarnação do raio” e dizendo que o seu canto “foi muitas vezes tomado como a linguagem de um deus e de uma revelação”, e outras coisas mais. Karshipta é a “Alma Intelectual humana” e a sua divindade era simbolizada, na antiga religião dos Magos, por uma ave, assim como os gregos a simbolizavam por uma abelha. Tão logo Karshipta penetrou no Vara ou Homem, compreendeu este a lei de Mazda, ou a Sabedoria Divina. No “Livro do Mistério Oculto”, diz-se da Árvore que é a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal:

“Em seus ramos moram as aves que constroem seus ninhos (as almas e os anjos têm seus sítios).” 154

Os cabalistas tinham, portanto, um símbolo semelhante. “Ave” era um sinônimo e símbolo caldeu, e passou também a sê-lo com os hebreus, das palavras Anjo, Alma, Espírito ou Deva; e os “Ninhos de Aves” representavam para os dois povos o Céu, sendo, no *Zohar*, o Seio de Deus. O Messias perfeito entra no Éden, “em um lugar que é chamado o Ninho da Ave” 155.

(152) *Ibid.*, página 21.

(153) *Bundahish*, XIX e XXIV.

(154) S. L. MacGregor Mathers, *Kabbalah Unveiled*, página 104.

(155) *Zohar*, II, 8-b; *Qabbalah*, de Myer, página 207.

“Como a ave que voa do seu ninho”; e é a alma, da qual She’Khin-ah [a sabedoria ou graça divina] não se separa ¹⁵⁶.

O Ninho da Ave Eterna, cujo movimento de asas produz a vida no Espaço sem limites — diz o Comentário, referindo-se a Hamsa, a Ave da Sabedoria.

Adão Kadmon é a árvore dos Sephiroth, e é ele que se converte na “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”, esotericamente falando. E “essa Árvore tem ao seu redor sete colunas [sete pilares] do mundo, ou sete Reitores [sempre os mesmos Progenitores ou Sephiroth], que, por intermédio de várias ordens de Anjos, operam nas esferas dos sete planetas”, etc.; e uma dessas ordens dá nascimento a Gigantes (Nephilim) sobre a Terra.

Era crença de toda a antiguidade, pagã e cristã, que a humanidade primitiva foi uma raça de Gigantes. Algumas escavações feitas na América (em terraços e cavernas) puseram a descoberto, em casos isolados, grupos de esqueletos com nove e doze pés de altura ¹⁵⁷. Tais esqueletos pertencem a tribos dos primeiros tempos da Quinta Raça e cuja estatura degenerou para a média atual de cinco a seis pés. Mas podemos admitir sem dificuldade que os Titãs e os Ciclopes das idades primitivas eram realmente da Quarta Raça (a Atlante), e que todas as lendas e alegorias posteriores, que se vêem nos *Purânas* hindus e nos poemas gregos de Hesíodo e Homero, se baseavam em reminiscências nebulosas de Titãs verdadeiros — homens de tremenda e sobre-humana força física, que lhes permitia defenderem-se e imporem respeito aos gigantescos monstros das eras mesozóica e cenozóica — e de Ciclopes reais, que eram mortais dotados de “três olhos”.

Já foi observado mais de uma vez por alguns escritores argutos que se pode “invariavelmente filiar a origem de quase todos os mitos e lendas populares a um fato da Natureza”.

Nessas criações fantásticas, de um subjetivismo exuberante, há sempre um elemento objetivo e real. A imaginação das massas, por desordenada que seja, jamais poderia conceber nem tirar *ex nihilo* tão grande número de figuras monstruosas, tão rica coleção de histórias extraordinárias, se não dispusesse, como núcleo central, dessas reminiscências flutuantes, vagas e obscuras, que servem de traço de união entre os elos quebrados

(156) *Zohar*, III, 278-a; *Qabbalah*, de Myer, página 217.

(157) Os evolucionistas da escola de Darwin, que tanto se comprazem em aludir à *reversão ao tipo primitivo* — cujo pleno significado, no caso dos monstros humanos, se encontra na solução esotérica do problema embriológico —, como prova de seus argumentos andariam bem se investigassem a questão relacionada com esses exemplares de *gigantes modernos*, que às vezes têm 8, 9 e até 11 pés de altura. Semelhantes reversões constituem reproduções imperfeitas, mas incontestáveis, do homem gigantesco das idades primitivas.

da cadeia do tempo, para delas fazer a fase misteriosa, tão plena de devaneios, da nossa consciência coletiva ¹⁵⁸.

Nas Seções subseqüentes mostraremos que as ruínas ciclópicas (assim chamadas até hoje) são uma prova da existência dos Ciclopes, aquela raça de gigantes. Também a Ciência nos proporciona uma indicação de que a Quarta Raça primitiva — no curso de sua evolução e antes do ajustamento final do organismo humano, que só se tornou perfeito e simétrico na Quinta Raça — podia possuir três olhos, sem que o terceiro olho fosse necessariamente no meio da testa, como os legendários Ciclopes.

Para os ocultistas, que crêem que a *involução* espiritual e psíquica segue linha paralela à *evolução* física — ou seja, que os sentidos internos, inatos nas primeiras raças humanas, se atrofiaram com o desenvolvimento das raças e dos sentidos externos —, para os estudantes da simbologia esotérica, o que se acaba de dizer não é um conjetura ou simples possibilidade, mas *uma fase da lei de crescimento* — numa palavra, um fato comprovado. Eles compreendem o sentido das seguintes palavras dos Comentários:

Naqueles remotos tempos dos machos-fêmeas [hermafroditas], havia criaturas humanas de quatro braços, uma só cabeça, mas três olhos. Podiam ver pela frente e por detrás ¹⁵⁹. Um Kalpa, mais tarde [após a separação dos sexos], tendo os homens caído na matéria, teve sua vista espiritual enfraquecida, e o Terceiro Olho passou pouco a pouco a perder o seu poder... Quando a Quarta [Raça] atingiu o ponto médio de sua idade, a Visão Interna teve que ser despertada e adquirida por meio de estimulantes artificiais, cujo processo os Sábios antigos conheciam ¹⁶⁰... Por sua vez, o Terceiro Olho, petrificando-se ¹⁶¹ gradualmente, não tardou a desaparecer. Os dois rostos converteram-se num único rosto, e o olho sumiu-se profundamente na cabeça, achando-se agora enterrado sob os cabelos. Durante os instantes de atividade do Homem Interno [durante

(158) Veja-se *Mythical Monsters*, de Ch. Gould, interessante livro científico do qual mais adiante citamos algumas páginas. Veja-se também, no *Mundo Oculto* de A. P. Sinnett, a descrição de uma gruta dos Himalaias, cheia de ossos, restos de homens e animais gigantes.

(159) Quer dizer: o terceiro olho estava na parte posterior da cabeça. A declaração de que a humanidade hermafrodita possuía “quatro” braços parece solucionar o mistério de todas as representações e ídolos dos deuses exotéricos da Índia. Na Acrópole de Argos havia um ἑξάορν, estátua de madeira grosseiramente esculpida, que se atribuía a Dédalo, representando um colosso de três olhos, consagrada a Zeus Triopes, o de “Três Olhos”. A cabeça do “deus” tinha dois olhos no rosto e o outro no extremo superior da fronte. Considera-se essa estátua como a mais antiga de todas as estátuas arcaicas. (*Schol. Vat. ad Eurip. Troad.*, 14.)

(160) A visão interna não podia ser adquirida, daí por diante, senão por meio do exercício e da iniciação, exceto no caso de “magos de nascença” — sensitivos e médiuns, como agora são chamados.

(161) Esta expressão “petrificando-se”, empregada em lugar de “ossificando-se”, é curiosa. O “olho posterior”, que, naturalmente outra coisa não é senão a chamada Glândula Pineal, a pequena massa, semelhante a uma ervilha, de matéria cinzenta que adere à parte posterior do terceiro ventrículo do cérebro, quase sempre se diz que contém “concreções minerais e areia”, e “nada mais” que isso.

o êxtase e a visão espiritual} o olho infla e se dilata. O Arhat o vê e o sente, e pauta as suas ações em consequência... O Lanu sem mácula [o Discípulo, o Chela] não deve temer nenhum perigo; o que não se mantém em estado de pureza [que não é casto] não receberá ajuda do "Olho Deva".

Infelizmente assim é. O "Olho Deva" não mais existe para a maioria da humanidade. O Terceiro Olho *está morto* e já não atua, mas deixou atrás de si um testemunho de sua existência. Esse testemunho é a GLÂNDULA PINEAL. Quanto aos homens de "quatro braços", são os que serviram de protótipos para os Deuses hindus de quatro braços, conforme referência em nota anterior.

É tal o mistério do *olho humano* que alguns homens de ciência tiveram que recorrer a explicações ocultas, em seus vãos esforços para esclarecer e justificar todas as dificuldades que cercam o funcionamento desse órgão. O desenvolvimento do olho humano confirma a antropologia oculta mais que a dos fisiólogos materialistas. "O olho do embrião humano cresce de *dentro para fora*" — saindo do cérebro, em vez de ser parte da pele, como nos insetos e no molusco chamado choco.

O Professor Lankester, pensando que o cérebro era um sítio muito raro para o olho, e procurando explicar o fenômeno à luz dos princípios darwinianos, sugere a curiosa teoria de que o "nosso" primeiro antecessor vertebrado foi um ser *transparente*, no qual, por isso, pouca importância tinha a localização do olho! Ensina-se, deste modo, que o homem realmente foi, em certa época, um "ser transparente"; portanto, está de pé a nossa teoria.

Mas como conciliar a hipótese de Lankester com a opinião de Hæckel, segundo a qual o olho dos vertebrados deve sua origem a transformações da *epiderme*? Se o olho partiu de *dentro*, a última opinião deve ser atirada no cesto de coisas inúteis. O fato parece estar provado pela embriologia. Demais, a extraordinária sugestão do Professor Lankester (ou devemos dizer admissão?) talvez se faça necessária por exigências evolucionistas. Muito mais satisfatório é o ensinamento do Ocultismo, de que o desenvolvimento gradual dos sentidos se processou "do *interior* para o *exterior*", desde os protótipos astrais. O Terceiro Olho *recolheu-se para o interior* quando concluído o seu ciclo — outro ponto em favor do Ocultismo.

A expressão alegórica dos místicos hindus, que se refere ao "Olho de Shiva", o Tri-lochana ou "Três Olhos", encontra assim a sua justificação e a sua razão de ser, sendo a transferência da Glândula Pineal (o antigo Terceiro Olho) para a testa simplesmente uma licença exotérica. Isso também esclarece o mistério, incompreensível para alguns, da relação entre a Vidência *anormal* ou espiritual e a pureza fisiológica do Vidente.

Muitas vezes se faz esta pergunta: Por que o celibato e a castidade constituem condição *sine qua non* do Chelado regular ou do desenvolvimento de poderes psíquicos e ocultos? A resposta se acha nos Comentários

rios. Quando nos ensinam que o Terceiro Olho foi outrora um órgão fisiológico, e que mais tarde, devido ao desaparecimento gradual da espiritualidade e ao aumento da materialidade, suplantada a natureza espiritual pela natureza física, se converteu em um órgão atrofiado, hoje ainda tão pouco compreendido pelos fisiólogos (tal como o baço); quando chegamos a perceber isso, a relação se mostra evidente. Durante a vida humana, o maior obstáculo ao desenvolvimento espiritual e, sobretudo, à aquisição dos poderes do Ioga é a atividade dos nossos sentidos fisiológicos. Estando de igual modo a função sexual estreitamente relacionada, por interação, com a medula espinal e a matéria cinzenta do cérebro, é inútil entrar em maiores explicações. Naturalmente, o estado normal ou anormal do cérebro e o grau de atividade da medula oblonga reagem fortemente sobre a Glândula Pineal, pois, em razão do grande número de "centros" dessa região, que governam a maior parte das funções fisiológicas, na economia animal, e devido também à estreita e íntima vizinhança dos dois órgãos, a medula oblongada tem que exercer uma ação "indutiva" muito poderosa sobre a Glândula Pineal.

Tudo isso é muito claro para o ocultista, se bem que muito vago para os leitores em geral. Faz-se mister demonstrar a estes últimos a possibilidade da existência, na Natureza, de um homem com três olhos, naqueles tempos em que a sua formação ainda se encontrava em estado relativamente caótico. Essa possibilidade é de inferir-se, em primeiro lugar, pelos conhecimentos anatômicos e geológicos, e, em seguida, das presunções da própria Ciência materialista.

Afirma-se, com apoio na autoridade da Ciência e, já agora, em provas que não representam mera ficção ou especulação teórica, que muitos animais — principalmente nas classes inferiores de vertebrados — possuem um *terceiro olho*, agora atrofiado, mas que devia ter sido necessariamente ativo em sua origem¹⁶². A espécie *Hatteria*, lagarto da ordem dos *Lacertílios*, recentemente descoberto na Nova Zelândia — que, note-se bem, é uma parte da antiga Lemúria — apresenta essa particularidade sobremaneira notável; e não só os *Hatteria Punctata*, mas também o camaleão e certos répteis, e até peixes. Supôs-se a princípio que se tratava apenas de um prolongamento do cérebro, terminando por uma pequena protuberância chamada epífise, um pequeno osso separado do osso principal por uma cartilagem, e que se encontra em todos os animais. Não tardou a desco-

(162) "Notam-se em certos animais" — diz Hæckel — "olhos verdadeiros que não podem ver, localizados bem no interior da cabeça e cobertos por uma pele grossa e músculos." "Entre os vertebrados, há toupeiras e ratos do campo cegos, serpentes e lagartos cegos... evitam a luz do dia e moram debaixo da terra... *Originariamente não eram cegos*, mas provieram de antepassados que viviam à luz do sol e possuíam olhos bem desenvolvidos. O olho atrofiado, oculto sob a pele espessa, pode encontrar-se nesses animais cegos, em todas as fases de reversão." (Hæckel, *Pedigree of Man*, "Sense Organs", página 343; trad. de Aveling.) Ora, se dois olhos podem atrofiar-se até esse ponto, nos animais inferiores, por que não o poderia um olho, a Glândula Pineal, no homem, que não passa de um animal superior em seu aspecto físico?

brir-se que era mais do que isso. O desenvolvimento da estrutura anatômica desse órgão, conforme ficou provado, oferecia tal analogia com o do olho que não foi possível ver outra coisa. Há paleontólogos que ainda hoje estão convencidos de que o Terceiro Olho funcionava em sua origem; e têm razão, sem dúvida¹⁶³. Eis, por exemplo, o que se diz a respeito da Glândula Pineal na *Anatomia* de Quain:

"É desta parte que constitui primeiramente a totalidade e mais tarde o lado posterior da primitiva vesícula encefálica anterior, que se desenvolvem as vesículas óticas no período inicial; e o lado anterior é aquele em relação com o qual se formam os hemisférios cerebrais e as partes adjacentes. O tálamo ótico de cada lado é formado por um engrossamento lateral do tabique medular, e o intervalo que existe entre um e outro, descendo para a base, constitui a cavidade do terceiro ventrículo com seu prolongamento no infundíbulo. A comissura cinzenta se estende em seguida através da cavidade ventricular... A parte posterior da abóbada desenvolve-se mediante um processo especial que se observa depois dentro da Glândula Pineal, que permanece unida de cada lado ao tálamo, por seus pedúnculos; e, por trás destes, forma-se uma faixa transversal, como uma comissura posterior.

"A lâmina terminal (corpo cinzento) prolonga-se até obter pela frente o terceiro ventrículo, e, por baixo, a comissura ótica forma a base do ventrículo; e, mais para trás, o infundíbulo desce para unir-se na sela túrcica com o tecido adjacente ao lóbulo posterior do corpo pituitário.

"Os dois tálamos óticos, formados da parte posterior e externa da vesícula anterior, consistem no princípio em um simples saco vazio de matéria nervosa, cuja cavidade comunica, pela frente, com a dos hemisférios cerebrais em formação, e, por trás, com a da vesícula cefálica média (tubérculos quadrigêmeos). Pouco depois, entretanto, devido aos depósitos progressivos que se formam no interior, por trás, em baixo e nos lados, os tálamos se solidificam, e ao mesmo tempo aparece entre eles uma fenda ou fissura, no alto, que penetra até a cavidade interna e continua aberta na parte de trás, oposta à entrada do aqueduto de Silvío. Esta fenda ou fissura é o *terceiro ventrículo*. Por detrás, os dois tálamos continuam unidos pela *comissura posterior*, que começa a ser visível no fim do terceiro mês, e também pelos *pedículos da Glândula Pineal*.

"No início, as *regiões óticas* podem ser consideradas como prolongamentos ocos da parte externa da parede dos tálamos, enquanto se acham ainda em estado vesicular. No quarto mês, essas regiões já estão distintamente formadas. Mais tarde se prolongam para trás e entram em contato com os tubérculos quadrigêmeos.

"A formação da Glândula Pineal e do corpo pituitário apresenta certos fenômenos bem interessantes, relacionados com o desenvolvimento do talamocéfalo."¹⁶⁴

O exposto oferece um interesse sobremodo especial quando se tem em conta que, não fosse o desenvolvimento da parte posterior dos hemisférios cerebrais, a Glândula Pineal seria perfeitamente visível ao separar os ossos parietais. Também é interessante observar a evidente relação que se pode traçar entre a região ótica inicialmente oca e os olhos, pela frente,

(163) Veja-se, em francês: Félix Bernard, *Éléments de Paléontologie*, página 114, e E. Retterer, *Anatomie et Physiologie animales*, pág. 336: "Do terceiro olho dos vertebrados ao olho pineal." — Veja-se, em inglês: Cope, *The Pineal Eye in extinct vertebrata*, *Ann. not.*, 1888, e também Gemther, *Contribution to the anatomy of Hatteria* (*Rhyncephalus*), *Phil. Trans., Roy. Soc.*, volume 157, 1867.

(164) *Op. cit.*, vol. II, 830, 831, 9.^a ed.: "O Talamocéfalo ou Cérebro Intermédio".

e a Glândula Pineal e seus pedúnculos, por trás; assim como entre todas essas partes e os tálamos óticos. Daí se vê que as recentes descobertas sobre o terceiro olho da *Hatteria Punctata*¹⁶⁵ têm um valor importantíssimo para a história do desenvolvimento dos sentidos humanos e para as afirmações contidas nesta obra.

É sabido que Descartes via na Glândula Pineal a *Sede da Alma* — o que hoje, porém, é considerado simples fantasia por aqueles que deixaram de crer na existência de um princípio imortal no homem. Embora a Alma esteja unida a todas as partes do corpo, dizia o filósofo, há uma parte “especial” do corpo em que a Alma exerce as suas funções mais do que em qualquer outra. E, como nem o coração nem o cérebro podiam ser essa parte “especial”, ele concluía que era aquela pequena glândula, a qual, estando unida ao cérebro, tinha no entanto uma atuação independente, pois que podia ser animada por uma espécie de movimento oscilatório “pelos espíritos animais”¹⁶⁶ que cruzam em todos os sentidos as cavidades do crânio”.

Ainda que tal pareça anticientífico em nossos dias de Ciência exata, Descartes estava muito mais próximo da verdade Oculta do que todos os Hæckels. Porque a Glândula Pineal, como já dissemos, está muito mais relacionada com a Alma e o Espírito que com os sentidos fisiológicos do homem. Se os nossos cientistas tivessem um vislumbre sequer dos meios *reais* empregados pelo Impulso Evolutivo e do curso *cíclico* em espiral desta grande Lei, *saberiam* — em vez de conjecturar — e certificar-se-iam das futuras transformações físicas que aguardam a espécie humana; bastando para tanto o conhecimento das formas passadas. Então reconheceriam eles a falsidade e o absurdo de sua moderna “força cega” e do seu processo “mecânico” da Natureza; e, como consequência de semelhante conhecimento, compreenderiam que a Glândula Pineal não podia deixar de ser imprópria para toda e qualquer função *física* nesta fase do nosso Ciclo.

Se o “olho” suplementar está agora atrofiado no homem, isso prova que foi ativo em outro tempo, como o é em certos animais inferiores; a Natureza jamais cria a menor e mais insignificante forma sem que vise um objetivo ou uso determinado. Foi um órgão ativo, dizemos nós, naquela fase da evolução em que o elemento espiritual, no homem, reinava supremo sobre os elementos intelectuais e psíquicos ainda incipientes. E, à medida que o Ciclo seguia o seu curso descendente, em direção ao ponto em que os sentidos físicos se desenvolvem *pari passu* com o crescimento e consolidação do homem físico — vicissitudes e tribulações complexas e intermináveis do desenvolvimento zoológico — aquele “olho” central acabou atrofiando-se, juntamente com as primeiras características espirituais e

(165) Os fósseis do triásico: *Rhynchosorus* (Owven) e *Hyperodapedon* (Huxley) muito se aproximam dela.

(166) O “éter nervoso” do Dr. B. W. Richardson, F. R. S.: a aura nervosa do Ocultismo. Os “espíritos animais” (?) equivalem às correntes da circulação do composto áurico-nervoso.

puramente psíquicas do homem. Os olhos são o espelho e a janela da Alma, pontifica a sabedoria popular ¹⁶⁷, *Vox populi, vox Dei*.

No princípio, todas as classes e famílias das espécies viventes eram hermafroditas e dotadas, objetivamente, de um só olho. No animal — cuja forma era tão etérea (astralmente) quanto a do homem, antes que os corpos de ambos começassem a desenvolver suas “vestimentas de pele”, isto é, a desenvolver *de dentro para fora* o denso revestimento de substância física ou matéria, com o seu mecanismo fisiológico — no animal, dizíamos, o Terceiro Olho foi, primitivamente, tal como no homem, o único órgão visual. Os dois olhos físicos frontais só mais tarde se desenvolveram ¹⁶⁸, tanto no bruto como no homem, cujo órgão visual físico acusava, no começo da Terceira Raça, a mesma posição que em alguns vertebrados cegos de hoje, isto é, debaixo de uma pele opaca ¹⁶⁹. Só que os estádios de desenvolvimento do olho singular ou primitivo, no homem como no bruto, estão agora invertidos, visto que o homem já ultrapassou, na Terceira Ronda, a fase não racional, estando atualmente, em relação à criação estritamente animal, adiantado de todo um plano de consciência. Por isso, enquanto o olho ciclopiano era e ainda é, no homem, o órgão da visão espiritual, no animal era o da visão objetiva. E, depois, havendo esse olho cumprido a sua missão, foi substituído, no curso da evolução física do simples ao complexo, por dois olhos, e assim posto de lado e preservado pela Natureza para novo uso em evos futuros.

Isso explica por que a Glândula Pineal alcançou o seu maior desenvolvimento quando era proporcionalmente menor o desenvolvimento físico.

(167) Não esquecer que a Ciência Oculta nos apresenta a *Primeira Raça* como espiritual internamente, e etérea externamente; a *Segunda*, mentalmente psicoespiritual, e corporalmente físico-etérea; a *Terceira*, que no seu início estava ainda privada de inteligência, como físico-astral em seu corpo e vivendo uma vida interna, na qual o elemento psicoespiritual não era ainda influenciado pelos sentidos fisiológicos, então incipientes. Os dois olhos frontais contemplam o que está na frente deles, sem ver o passado ou o futuro. O Terceiro Olho, porém, “abraça a Eternidade”.

(168) Mas de modo muito diferente do que Hæckel descreve como uma *evolução por Seleção Natural na luta pela existência* (*Pedigree of Man*, “Sense Organs”, pág. 335, tradução inglesa de Aveling). A mera “sensibilidade térmica da pele” às ondas luminosas hipotéticas é absurdamente incapaz de explicar a magnífica combinação de adaptações que existem no olho. Já mostramos que a “seleção natural” é simplesmente um mito, quando se lhe atribui a *origem* das variações, pois a “sobrevivência dos mais aptos” não podem ocorrer senão depois que surgem variações úteis, juntamente com organismos mais perfeitos. Donde provieram as “variações” úteis que desenvolveram o olho? Somente de “forças cegas... sem objetivo nem desígnio”? Este argumento é pueril. A solução verdadeira do mistério se encontra na Sabedoria Divina impessoal, em sua IDEACÃO, refletida através da Matéria.

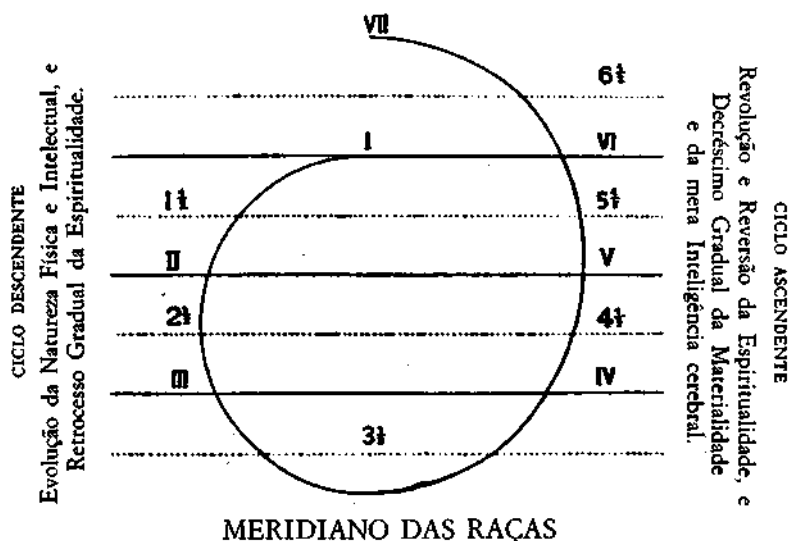
(169) A Paleontologia demonstrou que nos animais da era Mesozóica — especialmente nos Saurios, como os Labirintodontes, cujo crânio fóssil deixa ver uma perfuração que de outro modo seria inexplicável — o terceiro olho ou olho suplementar deve ter sido muito desenvolvido. Alguns naturalistas, entre outros E. Korscheldt, estão convencidos de que, enquanto esse olho dos répteis dos tempos atuais, não obstante a densa pele que o recobre, pode apenas distinguir a luz das trevas (como acontece com os olhos humanos quando bem vendados por um pano), nas espécies animais já extintas ele funcionava e era um verdadeiro órgão visual.

É nos vertebrados que esse órgão é mais proeminente e objetivo, enquanto que no homem se acha cuidadosamente oculto e inacessível, exceto para o anatomista. Nem por isso, contudo, é menor a luz que se projeta sobre a questão do futuro físico, intelectual e espiritual da humanidade, nos períodos correspondentes, em linhas paralelas, aos outros períodos passados, e sempre nos arcos descendente e ascendente de desenvolvimento e evolução cíclica. Eis, em paráfrase compreensível, o que se disse no Comentário Vinte, alguns séculos antes do Kali Yuga, a idade que se iniciou há cerca de 5.000 anos:

Nós [a Quinta Raça-Raiz], desde nossa primeira metade [de duração] em diante [no arco hoje ascendente do Ciclo], estamos no ponto médio da Primeira e Segunda Raças [ou entre uma e outra] quando seguiam para baixo [isto é, quando as Raças estavam então no arco descendente do Ciclo]... Calcula por ti mesmo, ó Lanu, e vê.

Calculando como nos é aconselhado, vemos que durante aquele período de transição — ou seja, a segunda metade da Primeira Raça astral-etéreo-espiritual — a humanidade nascente carecia do elemento cerebral do intelecto, por estar em seu arco descendente. E como nos encontramos em uma linha paralela, no arco *ascendente*, carecemos, por conseguinte, do elemento espiritual, que ora está substituído pelo intelectual. Observe-se, efetivamente, que, estando no período Manâsa do nosso Ciclo de Raças, ou na Quinta Raça, já cruzamos, portanto, o meridiano do perfeito equilíbrio entre o Espírito e a Matéria — ou do equilíbrio entre a inteligência cerebral e a percepção espiritual. Há, contudo, um ponto importante que é preciso não esquecer.

EVOLUÇÃO DAS RAÇAS-RAÍZES NA QUARTA RONDA



Estamos apenas na Quarta Ronda, e é na Quinta que se dará o completo desenvolvimento de Manas, como raio direto do MAHAT Universal, raio sem o estorvo da Matéria. Não obstante, como todas as sub-raças e nações têm os seus ciclos e fases de desenvolvimento evolutivo repetidos em escala menor, assim deve suceder com mais forte razão no caso de uma Raça-Raiz. A nossa Raça, portanto, como Raça-Raiz, já transpôs a linha equatorial, e prossegue em seu curso cíclico pelo lado espiritual; mas algumas de nossas sub-raças se acham ainda no sombrio arco descendente de seus respectivos ciclos nacionais, enquanto outras, as mais antigas, tendo cruzado o ponto médio, que é o que decide se uma raça, nação ou tribo viverá ou perecerá, estão no apogeu do desenvolvimento espiritual como sub-raças.

Agora se compreenderá por que o Terceiro Olho se transformou gradualmente em uma simples glândula, após a Queda física daqueles que se convencionou chamar Lemurianos.

Fato curioso é que, nos seres humanos, os hemisférios cerebrais e os ventrículos laterais se tenham desenvolvido precipuamente, ao passo que, nos cérebros de outros mamíferos, são os tálamos óticos, os tubérculos quadrigêmeos e os corpos estriados as partes que mais se desenvolveram. Afirma-se, aliás, que a inteligência de um homem pode medir-se, até certo ponto, pelo desenvolvimento das circunvoluções centrais e da parte anterior dos hemisférios cerebrais. Se se pode considerar o desenvolvimento da Glândula Pineal como indicador das capacidades astrais e das tendências espirituais de um homem, parece um corolário natural que haja um desenvolvimento correspondente daquela parte do crânio, ou um aumento no tamanho da mesma Glândula Pineal — a expensas da parte posterior dos hemisférios cerebrais.

Eis aí uma interessante especulação, que estaria confirmada no presente caso. Vemos, embaixo e atrás, o cerebelo, que se tem apontado como sede de todas as propensões animais do ser humano, e que a Ciência considera o centro principal de todos os movimentos fisiológicos coordenados do corpo, tais como os atos de comer, andar, etc.; na frente, a parte anterior do cérebro, os hemisférios cerebrais, a região especialmente relacionada com o desenvolvimento das faculdades intelectuais do homem; e, no meio, dominando as duas outras partes e mui particularmente as funções animais, a Glândula Pineal, desenvolvida no homem altamente evoluído ou espiritual.

Convém ter presente que se trata apenas de correspondências físicas, da mesma forma que o cérebro humano ordinário é o órgão registrador da memória, mas não a memória em si mesma.

Este é, portanto, o órgão que tem dado lugar a tantas lendas e tradições, entre outras a que se refere a homens de uma cabeça mas de duas caras. Lendas que podem ver-se em diversas obras chinesas, sem falar nas alusões existentes nos fragmentos caldeus. Além da obra que já citamos, o *Shan Hai King*, compilada por Kung Chia das inscrições em nove urnas feitas por ordem do imperador Yü, 2.255 anos antes de Cristo, podem ser

encontradas em outra obra chamada *Os livros de Bambu*, e em uma terceira, o *Rb Ya*, cujo autor foi, “segundo a tradição, iniciado por Chow Kung, tio de Wu Wang, primeiro imperador da dinastia dos Chows, 1.188 anos antes de Cristo”. Os *Livros de Bambu* contêm os antigos anais da China e foram descobertos no ano 279 de nossa era, quando aberto o túmulo do Rei Seang de Wei, que morreu no ano 295 antes de Cristo¹⁷⁰. Essas duas obras mencionam homens com duas caras numa só cabeça — uma cara na frente e outra atrás.

Mas o que os estudantes de Ocultismo devem saber é que o “Terceiro Olho” está indissolivelmente relacionado com o *Carma*: doutrina tão misteriosa que mui poucos a conhecem.

O “Olho de Shiva” não se atrofiou por completo senão lá pelo fim da Quarta Raça. Quando a espiritualidade e todas as faculdades e atributos divinos do Homem-Deva da Terceira Raça se converteram em servidores das paixões fisiológicas e psíquicas recém-despertadas no homem físico, em vez de o contrário, o Olho perdeu o seu poder. Tal era a lei da evolução, e, a bem dizer, não significou uma QUEDA. O pecado não estava em usar as novas faculdades desenvolvidas, mas no seu *mau uso*, em fazer do tabernáculo destinado a abrigar um Deus o templo de todas as iniquidades espirituais. E se empregamos a palavra *pecado*, é unicamente para que todos possam compreender o que queremos dizer, pois *Carma* seria o termo mais apropriado no caso¹⁷¹. Por outra parte, ao leitor que se sentir perplexo ante o emprego da expressão “iniquidades espirituais”, em lugar de “iniquidades físicas”, lembramos que não pode haver iniquidade física. O corpo é apenas o órgão irresponsável, o instrumento, não do homem psíquico, mas do homem espiritual. E no caso dos Atlantes, o Ser Espiritual foi precisamente o que pecou, porque o Elemento Espírito, naqueles dias, era ainda o princípio “diretor” do homem. Foi então que se gerou, para as nossas Mônadas, o *Carma* mais pesado da Quinta Raça.

Como esta última frase pode ainda parecer enigmática, é melhor que a expliquemos, para esclarecimento dos que ignoram os ensinamentos teosóficos.

Constantemente se fazem perguntas a respeito de *Carma* e Reencarnação, reinando, ao que se depreende, grande confusão em torno dessas questões. Os que nasceram e se educaram na fé cristã, tendo-se habituado à idéia de que Deus cria uma alma nova para cada recém-nascido, são os mais perplexos de todos. Indagam se o número de Mônadas que se encarnam sobre a Terra é limitado. A resposta é afirmativa. Porque, por mais incontável que pareça, do ponto de vista de nossos conceitos, o número de

(170) *Mythical Monsters*, de Gould, página 27.

(171) *Carma* é palavra de muitas significações e um termo genérico para quase todos os seus aspectos. Como sinônimo de pecado, quer dizer a execução de um ato com o fim de satisfazer um desejo *mundano*, e portanto *egoísta*, que não pode deixar de ser prejudicial a outrem. *Carma* é ação, causa e *Carma* é também a “Lei de Causação Ética”: o *efeito* de um ato praticado com sentido egoístico em face da grande Lei de Harmonia, que se baseia no altruísmo.

Mônadas que se encarnam, tem que haver, necessariamente, um limite. E assim deve ser, ainda que se tenha em conta que, desde o tempo da Segunda Raça, quando os Sete Grupos se revestiram de corpos, podem calcular-se vários nascimentos e mortes em cada segundo dos evos já transcorridos. Tem-se declarado que Karma-Nêmesis, cuja serve é a Natureza, ajustou todas as coisas da maneira mais harmoniosa e que, portanto, a chegada ou afluência de novas Mônadas cessou tão logo a humanidade alcançou o seu completo desenvolvimento físico. Que nenhuma nova Mônada se encarnou desde o ponto médio da Raça Atlante. Considere-se que, exceto nos casos de crianças e de indivíduos cuja vida seja interrompida violentamente por um acidente, a Entidade Espiritual não pode se reencarnar antes que haja decorrido um período de muitos séculos; e semelhantes intervalos bastam, por si só, para mostrar que o número de Mônadas é necessariamente finito e limitado. Além disso, há que conceder um período razoável de tempo para que os outros animais realizem o seu progresso evolucionário.

Daí o afirmar-se que muitos de nós estamos atualmente esgotando os efeitos de causas cármicas más que foram geradas em corpos atlantes. A Lei do Carma prende-se, por liames inextricáveis, à da Reencarnação.

Só o conhecimento dos renascimentos constantes de uma mesma Individualidade ao longo de todo o Ciclo de Vida; de que as mesmas Mônadas — entre as quais os Dhyân-Choans ou os próprios Deuses — têm que atravessar o “Ciclo de Necessidade”, recompensadas ou punidas, mediante tais renascimentos, pelos sofrimentos suportados ou pelos crimes cometidos durante existências anteriores; de que essas mesmas Mônadas, que entraram nos Cascões vazios e sem mente, ou as Formas Astrais da Primeira Raça, emanadas dos Pitris, são as que se encontram entre nós, quem sabe se nós próprios; só esta doutrina, dizemos, é capaz de explicar o misterioso problema do Bem e do Mal, e de reconciliar o homem com a terrível injustiça *aparente* da vida.

Só essa certeza pode aquietar o nosso sentimento de justiça em revolta. Pois, quando aquele que desconhece esta nobre doutrina lança as vistas em torno de si e observa as desigualdades de nascimento e de fortuna, de inteligência e de capacidade; quando vê as honras que se dispensam aos néscios e aos viciosos, para quem a sorte foi pródiga em seus favores, por mero privilégio de berço, enquanto o próximo, apesar de sua inteligência e de suas excelsas virtudes — que o fazem muito mais digno por todos os títulos —, perece de necessidade e por falta de simpatia; quando contempla tudo isso e se vê forçado a voltar a cabeça, impotente para aliviar o sofrimento imerecido, com o coração sangrando e os ouvidos dilacerados pelos gritos de dor que o cercam, só o bendito conhecimento do Carma o impede de maldizer a vida e os homens, assim como o seu suposto Criador¹⁷².

(172) Os que fazem objeções à Lei do Carma não devem esquecer que lhes é absolutamente impossível responder com outros argumentos aos pessimistas. Uma com-

De todas as blasfêmias, que afinal são verdadeiras acusações lançadas contra o seu Deus pelos monoteístas, nenhum é maior e mais imperdoável do que essa (quase sempre) falsa humildade que leva o cristão *soi-disant* “piedoso” a proclamar, em face de todos os males e golpes imerecidos, que “tal é a vontade de Deus”.

Insensatos e hipócritas! Blasfemos e ímpios fariseus, que falam ao mesmo tempo do misericordioso e infinito amor de seu Deus e Criador para com o homem indefeso, e do castigo, por esse mesmo Deus, das boas e das melhores de suas criaturas, fazendo-as sangrar até a morte, como um *Moloch* insaciável! A isso responderão com as palavras de Congreve:

“Mas quem se atreverá a acusar a Justiça Eterna?”

A lógica e o senso comum, diremos nós.

Se nos exigem que acreditemos num “pecado original”, em uma só vida nesta Terra para cada alma e em uma Divindade antropomórfica, que parece haver criado alguns homens tão-somente pelo prazer de os condenar às chamas eternas do inferno — e isso quer sejam bons ou maus, segundo os partidários da Predestinação¹⁷³ — por que nós, os que somos dotados da faculdade de raciocínio, não havemos de condenar, por nossa vez, uma Divindade assim tão malvada? A vida se faria insuportável, se tivéssemos de crer no Deus criado pela mente impura dos homens. Felizmente, ele não existe senão na imaginação doentia de alguns poetas, que julgam resolver o problema dirigindo-lhe invocações como esta:

Grande e misterioso é teu Poder,
Ó tu, que da vã ciência humana
Esse imenso orgulho contrarias,
Para a busca ousada confundir
E pôr à prova a fé
De tuas criaturas presunçosas!

Em verdade, só uma “fé” ardente pode admitir que seja “presunção” o pôr-se em dúvida a justiça de um Ser que cria uma “fé”, que esse mesmo Poder terá esquecido ou negligenciado de infundir-lhe, como por vezes acontece.

Compare-se essa fé cega com a crença filosófica no Karma-Nêmesis ou Lei de Retribuição, crença alicerçada em argumentos racionais e na experiência da vida. A Lei de Retribuição — seja ela consciente ou inconsciente — nada predestina, nem a ninguém. Existe verdadeiramente e sem-

preensão clara e firme dos princípios da lei cármica destrói toda a base em que assenta o imponente e vistoso edifício levantado pelos discípulos de Schopenhauer e Von Hartmann.

(173) Doutrina e teologia dos calvinistas. “O objetivo de Deus desde toda a eternidade em relação a todos os acontecimentos” — o que se converte em fatalismo e suprime o livre arbítrio ou qualquer tentativa de exercê-lo para o bem. “É a predestinação dos homens à eterna felicidade ou à eterna desgraça” (*Catecismo*). Que nobre e encorajadora doutrina!

pre existiu em toda a Eternidade, porque é a própria ETERNIDADE; e como tal, pois que nenhum ato pode ser coigual com a Eternidade, não se pode dizer que atua, porque é a AÇÃO em si mesma. Não é a *onda* que afoga o homem, mas a ação *pessoal* do naufrago voluntário, que vai deliberadamente colocar-se sob a ação *impessoal* das leis que governam o movimento do *Oceano*. O Carma não cria nada, nem planeja coisa alguma. É o homem que combina e cria as causas; a Lei Cármica regula os efeitos, e este ajustamento não é um ato, senão a harmonia universal, que sempre tende a retomar sua posição original, como um galho de árvore, que, vergado à força, volta a endireitar-se com um vigor equivalente. Se acontece que se desloca o nosso braço, ao tentar dobrá-lo fora de sua posição normal, devemos dizer que foi o galho que molestou o braço, ou que foi a nossa própria insensatez a causa do mal? O Carma jamais tratou de destruir a liberdade individual e intelectual, como o Deus inventado pelos monoteístas. Não envolve os seus decretos em obscuridade, para confundir intencionalmente o homem, nem pune os que ousam enfrentar os seus mistérios. Antes pelo contrário, aquele que, por meio do estudo e da meditação, descobre os seus intrincados caminhos e arroja um pouco de luz nas obscuras sendas, em cujas sinuosidades tantos homens sucumbem porque ignoram o labirinto da vida, esse trabalha em benefício de seus semelhantes. O Carma é uma Lei Absoluta e Eterna no Mundo da Manifestação; e como só pode haver uma Causa Absoluta, uma Causa única, eterna e sempre presente, os que crêem no Carma não podem ser considerados ateus ou materialistas — e muito menos fatalistas¹⁷⁴, pois o Carma

(174) A fim de tornar o Carma mais compreensível à mente ocidental, mais familiarizada com a filosofia grega que com a dos arianos, alguns teósofos tencionaram traduzir aquela palavra por Nêmesis. Se os profanos da antiguidade houvessem conhecido Nêmesis como a entendiam os Iniciados, essa tradução de Carma não encontraria objeção. Mas a verdade é que a Nêmesis conhecida foi por demais antropomorfizada pela imaginação grega para que possamos empregar o termo sem uma explicação minuciosa. Entre os gregos primitivos, “desde Homero a Heródoto, não se tratava de uma deusa, mas antes de um *sentimento moral*” — diz Decharme; era uma elevada barreira contra o mal e a imoralidade. Quem a transpusesse, cometia um sacrilégio aos olhos dos Deuses, e Nêmesis o perseguia. Com o tempo, entretanto, esse “sentimento” foi deificado e, personificando-se, converteu-se em uma Deusa, sempre fatal e vingadora. Se quisermos, pois, estabelecer uma relação entre Carma e Nêmesis, deveremos considerar esta última em seu tríplice aspecto: como Nêmesis, Adrastéia e Têmis. Porque, enquanto Têmis é a Deusa da Ordem e da Harmonia Universal, que, como Nêmesis, tem por missão reprimir todos os excessos e conter o homem dentro dos limites da Natureza e da retidão, sob severas penas, Adrastéia, a “inevitável”, representa Nêmesis como o efeito imutável de causas criadas pelo próprio homem. Nêmesis, como filha de Dikê, é a Deusa equitativa que reserva a sua cólera somente para os que se deixam possuir pelo orgulho, o egoísmo e a impiedade. (Ver Mesomedes, *Hymn. Nêmesis*, v. 2, de Bruck; *Analecta*, II, pág. 292, citação em *Mythologie de la Grèce Antique*, pág. 304) Em suma, enquanto Nêmesis é uma deusa mitológica exotérica, ou um Poder personificado e antropomorfizado em seus diversos aspectos, Carma é uma verdade altamente filosófica, uma expressão das mais nobres e divinas da intuição primitiva do homem em relação à Divindade. É uma doutrina que explica a origem do Mal e enaltece os nossos conceitos do que deve ser a Justiça divina e imutável, ao invés de degradar a Divindade desconhecida e incognoscível, convertendo-a no tirano cruel e caprichoso que chamamos Providência.

é uno com o Incognoscível, do qual é um aspecto em seus efeitos no mundo fenomenal.

O Carma está intimamente, ou melhor, indissoluvelmente unido à Lei de Renascimento ou de Reencarnação da mesma Individualidade espiritual, em uma longa e quase interminável série de Personalidades. Estas últimas são como os diversos personagens representados pelo mesmo ator; identificando-se o ator com cada um deles e sendo assim também identificado pelo público durante o espaço de algumas horas. O homem *interno*, ou real, que personifica tais caracteres, sabe durante todo aquele tempo que ele é Hamlet só pelo breve prazo de alguns atos, os quais representam, entretanto, no plano da ilusão humana, toda a vida de Hamlet. Sabe também que, na noite anterior, foi o Rei Lear, e que este, por sua vez, sucedeu a Otelo, que representou em outra ocasião. E, ainda que se suponha que o personagem exterior e visível ignora esta circunstância (e na vida real semelhante ignorância é, infelizmente, demasiado verdadeira), disso, todavia, tem pleno conhecimento a Individualidade *permanente*, sendo a atrofia do Olho "espiritual" no corpo físico a causa que impede o registro desse conhecimento na consciência da falsa Personalidade.

Dizem-nos que os homens da Terceira Raça-Raiz possuíam um Terceiro Olho, físico, que persistiu até cerca do período médio da terceira sub-raça da Quarta Raça-Raiz, quando a consolidação e o aperfeiçoamento do organismo humano deram lugar a que desaparecesse da anatomia externa do homem. Contudo, psíquica e espiritualmente, a sua percepção mental e visual durou até quase o final da Quarta Raça; nessa época, as suas funções cessaram por completo, devido à condição material e depravada da humanidade. Isso ocorreu anteriormente à submersão da parte principal do Continente Atlante.

E agora podemos retornar aos Dilúvios e seus numerosos "Noés".

Tenha presente o estudante que houve muitos Dilúvios semelhantes ao que se menciona no *Gênesis*, e três muito mais importantes, que serão descritos no volume IV, Parte III, Seção VI, dedicada aos "Continents Submersos" dos tempos pré-históricos. Não obstante, a fim de evitar que se façam conjecturas errôneas quanto à declaração de que a Doutrina Esotérica tem muitos pontos em comum com as lendas contidas nas Escrituras hindus; de que a cronologia destas últimas é quase igual à da primeira, sendo que mais desenvolvida e explicada; de que, finalmente, a crença de que Vaivasvata Manu — este um nome genérico em verdade! — foi o Noé ariano e o protótipo do patriarca bíblico tem a sua razão de ser; isso tudo (que também faz parte das crenças dos ocultistas) requer mais alguns esclarecimentos na presente oportunidade.

OS MANUS PRIMITIVOS DA HUMANIDADE

Os que estão convencidos de que o "Grande Dilúvio" relacionado com a submersão de todo um continente (com exceção de algumas ilhas) não

pode ter ocorrido em época tão remota como a de 18.000.000 de anos atrás, e de que o Manu Vaiyasvata é o Noé indiano relacionado com o Avatar Matsya (ou o "Peixe") de Vishnu, talvez se sintam perplexos com a aparente contradição entre os fatos citados e a cronologia anteriormente exposta. Mas a verdade é que não existe tal contradição. Pedimos ao leitor que se reporte a *The Theosophist* de julho de 1883 e se detenha no estudo do artigo referente ao "Princípio Setenário do Esoterismo"; ali encontrará uma explicação completa para o assunto. Nesses esclarecimentos, acreditamos, é que reside a divergência entre os ocultistas e os brâmanes.

No interesse, porém, dos que não tenham à mão *The Theosophist* daquela data, vamos transcrever aqui uma ou duas passagens do artigo de que se trata:

"Quem foi Manu, o filho de Svâyambhuva? A Doutrina Secreta nos diz que *este Manu* não era um homem, mas representava as primeiras raças humanas, que se desenvolveram com a ajuda dos Dhyân-Chohans (Devas) no início da Primeira Ronda. Mas está dito em suas *Leis* (I, 80) que há quatorze Manus em cada Kalpa, ou 'intervalo entre duas criações' — diríamos antes intervalo entre dois Pralayas menores¹⁷⁵ — e que 'na presente idade divina houve, até agora, sete Manus'. Os que sabem que há sete Rondas, das quais três já se passaram, estando nós na Quarta; que há sete Auroras e sete Crepúsculos, ou quatorze Manvantaras; que, no começo e no final de cada Ronda, sobre e entre os planetas [Globos], há um 'despertar à vida ilusória' e um 'despertar à vida real'; e que, além disso, há *Manus-Raízes* e o que traduzimos toscamente como Manus-Sementes — as sementes das raças humanas das futuras Rondas (ou os Shishtas, os mais aptos que sobreviveram¹⁷⁶; mistério divulgado exclu-

(175) *Pralaya* (palavra cujo sentido já foi explicado) não é um termo aplicável somente a cada "Noite de Brahma" ou Dissolução do Mundo, que se segue a cada Manvantara, igual a 71 Mahâyugas. Aplica-se também a cada período de "Obscurecimento" e até mesmo a cada cataclismo que põe fim a cada Raça-Raiz, pelo fogo ou pela água, alternadamente. *Pralaya* é um termo geral, assim como a palavra "Manu", nome genérico dos Shishtas, que os *Purânas*, designando-os como "Reis", mencionam que se refugiaram "em uma arca, levando consigo as sementes de todas as coisas, a salvo das águas da inundação [ou a salvo do fogo de uma conflagração vulcânica generalizada, cujos pródromos já se anunciam para a nossa Quinta Raça, nas terríveis erupções e terremotos ocorridos nestes últimos tempos e em particular no ano presente [1888], cataclismo que, ao chegar a época de um *Pralaya*, se estende pelo mundo inteiro [à Terra]". (*Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, I, LXXXI.) Verdadeiramente, o tempo não é senão um aspecto de Vishnu, como diz Parâshara no *Vishnu Purâna*. Nos Yugas e Kalpas hindus temos a série regular decrescente 4, 3, 2, seguida de zeros e multiplicada, quando requer a ocasião, para fins esotéricos (e não, como pensaram Wilson e outros orientistas, para fins de "ornamentação sectária"). Um Kalpa pode ser uma Idade, ou um Dia de Brahma, ou ainda um Kalpa sideral, astronômico e terrestre. Os cálculos estão em todos os *Purânas*, mas alguns diferem — como, por exemplo, o "Ano dos Sete Rishis", 3.030 anos mortais, e o "Ano de Dhruva", 9.090, no *Linga Purâna*, os quais são também esotéricos e representam uma cronologia real (e secreta). Como se diz no *Brahmâ Vainarta*, os cronólogos calculam um Kalpa pela vida de Brahma. "Os Kalpas menores, como o Samvarta e outros, são numerosos". A expressão "Kalpas menores" significa aqui todos os períodos de Destruição, conforme bem o compreendeu o próprio Wilson, que os define como aqueles "em que se opera a ação do vento Samvarta ou outros agentes de destruição" (*Ibid.*, página 54).

(176) Uma intuição e um pressentimento da existência dos Shishtas se encontram no *Esoteric Buddhism* do Sr. Sinnett. Veja-se, nas "Anotações", "A Teoria da Arca de Noé", págs. 146-7, 5.^a ed., págs. 162-3).

sivamente aos que alcançaram o terceiro grau da Iniciação — os que sabem tudo isso estarão em melhores condições para compreender o que se segue. Consta das Escrituras Sagradas dos hindus que: 'O primeiro Manu produziu seis outros Manus (ao todo, sete Manus primordiais), e cada um destes, por sua vez, outros sete Manus' (177 *Bhṛigu*, I, 61-63) — estando a produção destes últimos indicada nos Tratados Ocultos como de 7 x 7. Ficou ali evidenciado que Manu — o último, o Progenitor da Humanidade de nossa Quarta Ronda — deve ser o sétimo, pois que estamos na Quarta Ronda (178 e há um Manu-Raiz no Globo A e um Manu-Semente no Globo G. Assim como cada Ronda planetária principia com o aparecimento de um Manu-Raiz (Dhyân-Chohan) e termina com um Manu-Semente, assim também um Manu-Raiz e um Manu-Semente aparecem, respectivamente, no começo e no fim do período humano em qualquer planeta (Globo) (179. Ver-se-á facilmente pelo que acaba de ser exposto, que um período Manvantárico (Manu-antara) significa, como está implícito no próprio termo, o tempo, que transcorre entre o aparecimento de dois Manus ou Dhyân-Chohans; conseqüentemente, um Manvantara Menor corresponde à duração de sete Raças em um planeta (180 [Globo] qualquer, e um Manvantara Maior é o período de uma Ronda humana ao longo da Cadeia Planetária. Por outra parte, como se diz que cada um dos sete Manus cria 7 x 7 Manus, e que há 49 Raças-Raízes nos sete planetas [Globos] em cada Ronda, segue-se que cada Raça-Raiz tem o seu Manu. O sétimo Manu, o atual, é chamado 'Vaivasvata', e os textos exotéricos o representam como o Manu que, na Índia, ocupa o lugar do Xisuthro babilônico e do Noé judeu. Mas os Livros Esotéricos nos dizem que Manu Vaivasvata, o progenitor de nossa Quinta Raça — salva por ele do Dilúvio que exterminou quase toda a Quarta Raça, a Atlante — não é o sétimo Manu de que se faz menção na nomenclatura dos Manus-Raízes ou Manus-Primordiais, e sim um dos 49 Manus que promanaram desse Manu-Raiz.

(177) A declaração, que se atribui ao próprio Manu, de que ele foi criado por Virâj, e depois produziu os dez Prajâpatis, que também produziram sete Manus, os quais, por sua vez, deram nascimento a outros sete Manus (*Manu*, I, 33-36), envolve outros mistérios ainda mais antigos e ao mesmo tempo é um "véu" em relação à doutrina da Cadeia Setenária e à evolução simultânea de Sete Humanidades ou Homens. Mas a presente obra foi escrita de acordo com os anais dos Ensinamentos Secretos de aquém-Himalaia, e a Filosofia Esotérica Bramânica pode hoje diferir na forma, como sucede com a Cabala. Contudo, na remota antiguidade eram todos idênticos.

(178) Há outra razão esotérica além dessa: que um Vaivasvata é o sétimo Manu, porque a nossa Ronda atual, embora sendo a Quarta, está no Manvantara pré-setenário, e a própria Ronda está em sua sétima fase de materialidade — a física. O final de seu ponto médio racial deu-se na Quarta Raça-Raiz, quando o homem e toda a Natureza chegaram ao ínfimo grau da Matéria grosseira. Daí em diante, isto é, após o transcurso de três Raças e meia, a Humanidade e a Natureza entraram no arco ascendente de seu Ciclo Racial.

(179) O intervalo que precede um Yuga é chamado um Sandhyâ, compreendendo tantas centenas de anos quantos milhares de anos tem o Yuga; e o que se segue ao Yuga chama-se Sandhyâmsha, e tem igual duração, segundo nos diz o *Viṣṇu Purana*. "O intervalo entre o Sandhyâ e o Sandhyâmsha é o Yuga denominado Kritâ, Tretâ, etc. Os [quatro] Kritâ, Tetrâ, Dvâpara e Kali constituem uma grande idade, ou um agregado de quatro idades; mil agregados semelhantes formam um Dia de Brahma, e quatorze Manus reinam durante esse espaço de tempo" (*Op. cit.*, *ibid.*, pág. 49). Ora, se tivéssemos que aceitar isto literalmente, então só haveria um Manu para cada 4.320.000.000 de anos. E como nos dizem que a evolução dos dois reinos inferiores consumiu 300 milhões de anos, e que a nossa humanidade tem 18.000.000 de anos — onde estavam os outros Manus de que se trata, se a alegoria não significasse o que nos ensina a Doutrina Esotérica, a saber, que os 14 estão multiplicados por 49?

Para melhor entendimento, damos os nomes dos 14 Manus, pela respectiva ordem e segundo a sua relação com as Rondas:

Rondas	Manus	Planetas	Nomes dos Manus
1. ^a	1. ^o — Raiz	A	Svâyambhuva
	1. ^o — Semente	G	Svarochi, ou Svaroshisha
2. ^a	2. ^o — Raiz	A	Autami
	2. ^o — Semente	G	Tamasa
3. ^a	3. ^o — Raiz	A	Raivata
	3. ^o — Semente	G	Châkshusha
4. ^a	4. ^o — Raiz	A	Vaivasvata (nosso Progenitor)
	4. ^o — Semente	G	Sâvarna
5. ^a	5. ^o — Raiz	A	Daksha-Sâvarna
	5. ^o — Semente	G	Brahmâ-Sâvarna
6. ^a	6. ^o — Raiz	A	Dharma-Sâvarna
	6. ^o — Semente	G	Rudra-Sâvarna
7. ^a	7. ^o — Raiz	A	Rauchya-[Daiva-]Sâvarna
	7. ^o — Semente	G	Bhautya

Assim, Vaivasvata, apesar de ser o sétimo na ordem exposta, é o Manu-Raiz Primordial da nossa Quarta Vaga Humana (cumpre não esquecer ao leitor que Manu não é um homem, mas a humanidade coletiva), ao passo que o *nosso* Vaivasvata foi somente um dos sete Manus Menores que presidem as sete Raças do nosso planeta [Globo]. Cada um deles tem que ser testemunha de um dos cataclismos periódicos (pelo fogo ou pela água) que encerra o ciclo de cada Raça-Raiz. E este Vaivasvata — a encarnação ideal dos hindus, também chamada Xisuthro, Deucalião, Noé, etc. — é o 'homem' alegórico que salvou a nossa Raça, quando quase toda a população de um hemisfério pereceu pela água, enquanto o outro hemisfério despertava do seu obscurecimento temporário" 180.

Vê-se, portanto, que não há realmente contradição em mencionar-se o Manvantara Vaivasvata (Manu-antara, literalmente: "entre dois Manus") como datando de há 18 milhões de anos, quando o homem físico, ou verdadeiramente humano, apareceu a primeira vez na Terra, nesta Quarta Ronda; e os outros Vaivasvatas, como por exemplo o Manu do Grande

(180) As palavras "Criação", "Dissolução", etc., não dão exatamente o verdadeiro significado de Manvântara e Pralaya. O *Vishnu Purâna* enumera vários. Ali consta que Parâshara disse: "A dissolução de todas as coisas apresenta quatro formas": *Naimittika* (Ocasional), quando Brahma adormece (é a sua Noite: "ao findar o Dia, ocorre uma reaglutinação do Universo, chamada a reaglutinação contingente de Brahmâ, porque Brahmâ é o próprio Universo); *Prakritika* (Elemental), quando o retorno deste Universo à sua natureza de origem é parcial e físico. *Atyantika* (Absoluta), a identificação do Encarnado com o Espírito Incorpóreo Supremo — o estado Mahâtmico, seja temporário ou até o Mahâ-Kalpa seguinte; também o Obscurecimento Absoluto, como o de toda uma Cadeia Planetária, etc.; e *Nitya* (Perpétua), o Mahâ-Pralaya para o Universo, a Morte para o homem. Nitya é a extinção da vida, como "o apagar de uma lâmpada", e também "a noite, durante o sono". Nitya-Sarga é a "criação contínua ou perpétua", assim como Nitya-Pralaya é a "destruição contínua ou perpétua de tudo o que nasce". "O que surge após uma dissolução menor é chamado criação efêmera." (*Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, I, 113-114). O assunto é tão difícil que nos vemos obrigados a muitas repetições.

Dilúvio Cósmico ou Sideral — um mistério! — ou ainda o Manu Vaivasvata da Atlântida submergida, quando o Vaivasvata *Racial* salvou os eleitos da humanidade — a Quinta Raça — de uma destruição completa. Como esses contecimentos tão diferentes se entremeiam intencionalmente, no *Vishnu Purâna* e em outros *Purânas*, numa só narrativa, pode ficar ainda uma boa dose de perplexidade no espírito do leitor profano. Havendo, por isso, sempre necessidade de maiores esclarecimentos, devem os leitores perdoar-nos as inevitáveis repetições. Os “véus” que ocultam os verdadeiros mistérios da Filosofia Esotérica são densos e intrincados, e ainda hoje não se pode dizer a última palavra. Contudo, algumas pontas podem ser agora levantadas, proporcionando-se ao estudante realmente interessado certas explicações que até então lhe eram negadas.

Conforme observou, se não nos enganamos, o Coronel Vans Kennedy: “o primeiro princípio da filosofia religiosa hindu é a *unidade na diversidade*”. Se a todos esses Manus e Rishis se dá um nome genérico, é porque todos eles são as Energias manifestadas de um só e mesmo Logos, os Mensageiros e as Permutações, tanto celestes como terrestres, daquele Princípio que está sempre em atividade — consciente durante o período de Evolução Cósmica, e inconsciente (do nosso ponto de vista) durante o Repouso Cósmico —; pois o Logos dorme no seio d'AQUELE que “não dorme” nem jamais está desperto, porque é *Sat* ou a “Asseidade”, e não um Ser. É d'ELE que emana o Grande Logos *Invisível*, que desenvolve todos os outros Logos; o Manu Primordial, que dá vida aos outros Manus, que coletivamente fazem surgir o Universo e tudo quanto nele se contém, e que, no seu conjunto, formam o Logos *Manifestado*¹⁸¹. Os Comentários, por isso, ensinam que, se nenhum Dhyân-Chohan, nem mesmo o mais elevado, pode conhecer por completo o estado da precedente Evolução Cósmica... os Manus têm o conhecimento de suas experiências em todas as Evoluções Cósmicas através da Eternidade.

É muito claro: o primeiro Manu é chamado Svâyambhuva, o “Auto-manifestado”, o Filho do Pai Não-Manifestado. Os Manus são os Criadores de nossa Primeira Raça — o Espírito da Humanidade —; o que não impede fossem os sete Manus os primeiros Homens Pré-Adamitas sobre a Terra.

O próprio Manu se diz criado por Virâj¹⁸² ou Vaishvânara, o Espírito da Humanidade¹⁸³, significando que sua Mônada emana do Princípio que jamais repousa, no início de cada nova Atividade Cósmica; daquele

(181) Vejam-se as excelentes definições de Parabrahman e do Logos nas conferências de T. Subba Row sobre o *Bhagavad Gîtâ*, nos primeiros números de 1887 de *The Theosophist*.

(182) Veja-se a nota anterior.

(183) Veja-se *Manusmriti*, Adyâwa I, slokas 32, 33. Vaishvânara, em outra acepção, é o fogo magnético vivente que impregna o Sistema Solar manifestado. É o aspecto objetivo (ainda que para nós seja o contrário) e sempre presente da Vida Una, pois é o próprio Princípio Vital (veja-se o *Theosophist* de julho de 1883, pág. 249, “Prakriti e Purusha”). É também um dos nomes de Agni.

Logos ou MÔNADA UNIVERSAL (a coletividade dos Elohim) que *irradia de si mesmo* todas as Mônadas Cósmicas que se convertem nos centros de atividade — os Progenitores dos inumeráveis Sistemas Solares, assim como das Mônadas *humanas*, ainda não diferenciadas, das Cadeias Planetárias, e de todos os seres que estas encerram.

Svâkambhuva, ou “nascido por si mesmo”, é o nome de cada Mônada Cósmica que se converte no Centro de Força de onde surge uma Cadeia Planetária (são sete as Cadeias em nosso Sistema). As irradiações desse Centro se convertem, por sua vez, em outros tantos Manus Svâyambhuva (nome genérico misterioso que significa muito mais do que aparenta), e cada um deles se converte, como Legião, no Criador de sua própria Humanidade.

A questão das quatro Raças distintas da espécie humana que antecederam a nossa Quinta Raça não envolve nenhum aspecto místico, salvo os corpos etéreos das primeiras Raças; e isto é matéria de história legendaria, que, sem embargo, não deixa de ser verdadeira. A lenda é universal. Se os sábios ocidentais não querem ver nela senão um mito, em nada se altera a questão. Os mexicanos tinham, e ainda conservam, a tradição da quádrupla destruição do mundo pelo fogo e pela água, exatamente como a tinham os egípcios e a conservam até hoje os hindus.

Procurando explicar a coincidência das lendas entre chineses, caldeus, egípcios, indianos e gregos da remota antiguidade, e a ausência de vestígios seguros de uma civilização que remontasse além de 5.000 anos no passado, observa o autor de *Mythical Monsters*:

“Não deve... surpreender-nos que não se encontrem de imediato vestígios de gente que viveu há dez, quinze e vinte mil anos. Com uma arquitetura efêmera... [como na China], os sítios ocupados pelas grandes cidades podem ser de impossível determinação após milhares de anos de ruína e decomposição naturais, e muito mais ainda... se houve a intervenção de cataclismos menores, tais como inundações locais, terremotos, aglomeração de cinzas vulcânicas... invasão pela areia dos desertos, destruição das vidas por epidemias mortíferas, por miasmas ou pela emanção de vapores sulfurosos.”¹⁸⁴

A seguinte Estância do Comentário vigésimo segundo pode dar uma idéia do número desses cataclismos que modificaram a superfície da Terra:

Durante os primeiros sete crores do Kalpa [os primeiros 70.000.000 de anos], a Terra e os seus dois Reinos [mineral e vegetal], tendo um já completado seu sétimo círculo, e o outro estando ainda incipiente, são luminosos e semi-etéreos, frios, sem vida e translúcidos. No undécimo crore¹⁸⁵, a Mãe [a Terra] se torna opaca; e no décimo quarto¹⁸⁶ se pro-

(184) *Op. cit.*, páginas 134, 135.

(185) Isto é, durante o período da chamada *Criação Secundária*. Da *Criação Primária*, quando a Terra possuía os três reinos *Elementais*, nada podemos dizer, por vários motivos, um dos quais é o de que ninguém, salvo se for um grande vidente, ou se dotado de intuição natural, estaria em condições de compreender o que não pode ser expresso por meio de palavras.

duzem as angústias da adolescência. Estas convulsões da Natureza [mudanças geológicas] duram até o seu vigésimo crore, sem interrupção, passando depois a periódicas e separadas por longos intervalos.

A última mudança ocorreu há cerca de doze crores [120.000.000 de anos], mas a Terra, com tudo o que tinha em sua superfície, se havia esfriado, endurecido, adquirindo estabilidade desde anteriores épocas.

Portanto, se cremos no Ensino Esotérico, não têm ocorrido perturbações e mudanças geológicas *universais* desde há 120 milhões de anos, mas a Terra, já antes dessa época, estava em condições de receber sua provisão humana. Contudo, o aparecimento desta última, em seu completo desenvolvimento físico, somente se deu há cerca de 18 milhões de anos, como já dissemos, depois de haver falhado a primeira tentativa da Natureza para criar seres por si só — isto é, sem a ajuda dos “Construtores” divinos — e após a evolução sucessiva das três primeiras Raças¹⁸⁷ que se seguiram àquela tentativa. A duração real das duas e meia primeiras Raças é mantida em reserva, exceto unicamente para os Iniciados de grau superior. A história das Raças principia com a separação dos sexos, quando a precedente Raça andrógina e ovípara se extinguiu rapidamente e as sub-raças seguintes da Terceira Raça-Raiz apareceram como uma raça inteiramente nova, *fisiologicamente*. É a essa “Destruição” que se chama, alegoricamente, o grande “Dilúvio do Manu Vaivasvata”, quando a narrativa nos mostra o Manu Vaivasvata (ou a Humanidade) permanecendo sozinho sobre a Terra, na Arca de Salvação, arrastada por Vishnu sob a figura de um peixe), e levando “com ele” os sete Rishis. A alegoria é bastante clara.

No simbolismo de todos os povos, o “Dilúvio” representa a Matéria caótica indeterminada — o Caos mesmo; e a Água representa o Princípio Feminino — o “Grande Abismo”. Segundo explica o Dicionário Grego de Parkhurst:

(186) Hipócrates dizia que o número *sete*, “por suas virtudes ocultas, tende à realização de todas as coisas, é o dispensador da vida e a fonte de todas as suas mudanças”. Dividia a vida do homem em sete períodos, como o fez Shakespeare, pois, “como a Lua muda de fase cada sete dias, este número influencia todos os seres sublunares”, e até mesmo a Terra, conforme sabemos. Os dentes de uma criança surgem no sétimo mês, e são substituídos aos sete anos; em duas vezes sete anos principia a puberdade; aos três vezes sete, as faculdades mentais e vitais estão desenvolvidas; aos quatro vezes sete, alcança o homem a plenitude de sua força; aos cinco vezes sete, as suas paixões chegam ao mais alto grau de desenvolvimento; etc. Sucede o mesmo com a Terra, que se encontra agora em sua idade média, conquanto nem por isso muito mais sábia. O Tetragrammaton, o sagrado nome da Divindade, composto de quatro letras, só pode ser decifrado na Terra quando se converter em setenário por meio do Triângulo manifestado procedente do Tetraktys oculto. Eis por que o número sete tem de ser adotado em nosso plano. Conforme está escrito na *Cabala* (“A Santa Assembléia Maior”, v. 1161): “Porque é certo que não há estabilidade nos seis, senão (a que deriva) do sétimo. Porque todas as coisas dependem do sétimo”. (Veja-se *Kabbalah*, de S. L. MacGregor Mathers, pág. 255, e o *Zohar*, trad. francesa de Chateau.)

(187) Comparar com as Estâncias III e seguintes.

“Ἀρχή corresponde ao hebreu *rasit*, ou Sabedoria... e [ao mesmo tempo] ao emblema do poder gerador feminino, o *arg* ou a *arca*, em que o germe da Natureza [e da humanidade] flutua ou se desenvolve sobre o grande abismo das águas durante o intervalo que separa um de outro ciclo deste mundo [ou ciclo de raça]”.

Ἀρχή, ou Arca é também o nome místico do Espírito Divino da Vida, que se desenvolve no Caos. Ora, Vishnu é o Espírito Divino, como princípio abstrato e também como o Preservador e Gerador ou Dispensador da Vida — a terceira Pessoa da Trimurti, composta de Brahmâ, o Criador, Shiva, o Destruidor, e Vishnu, o Conservador. Vishnu é representado na alegoria sob a forma de um *Peixe* que conduz a Arca do Manu Vaivasvata sobre as Águas do Dilúvio. É inútil fazer digressões quanto ao sentido esotérico da palavra *Peixe* (como o fizeram Payne, Knight, Inman, Gerald Massey e outros). Seu significado teológico é fálico, mas o sentido metafísico é divino. Jesus foi chamado o *Peixe*, como o foram Vishnu e Baco; ΙΗΣ, o “Salvador” da Humanidade, é o monograma do Deus Baco, ao qual se dava também o nome de ΙΧΘΥΣ, *Peixe*¹⁸⁸. Por outra parte, os Sete Rishis da Arca simbolizam os sete “princípios”, os quais se completaram no homem depois que ele se separou e se converteu em uma criatura humana, cessando assim de ser *Divino*.

Voltemos, porém, às Raças.

Os pormenores quanto à submersão do Continente habitado pela Segunda Raça-Raiz são algo escassos. Menciona-se a história do Terceiro Continente, ou Lemúria, mas no tocante aos outros há simples alusões. Diz-se que a Lemúria pereceu 700.000 anos antes do começo da chamada Era Terciária (período Eoceno)¹⁸⁹. Durante este Dilúvio (desta vez um verdadeiro dilúvio geológico) surge o Manu Vaivasvata também para salvar a espécie humana — na realidade uma parte dela, a Quarta Raça —, tal como salvou a Quinta Raça quando foram destruídos os últimos Atlantes, os sobreviventes que desapareceram há 850.000 anos¹⁹⁰; não voltando a haver, depois, nenhuma outra submersão até os dias da Atlântida de Platão (ou Poseidon), submersão esta última que só foi conhecida dos egípcios por ter ocorrido em época relativamente recente.

A submersão da grande Atlântida é a que mais interessa. Foi o cataclismo a que se referem os anais antigos, como o *Livro de Enoch* por exemplo: “Os extremos da Terra se desataram”; e o que deu origem às

(188) Santo Agostinho disse a respeito de Jesus: “É um *peixe* que vive no meio das águas.” Os cristãos davam a si mesmos o nome de “Pequenos Peixes” — *Pisciculi* — em seus Mistérios sagrados. “Tantos *peixes* criados na água e salvos por um grande *peixe*”, diz Tertuliano referindo-se aos cristãos, a Cristo e à Igreja.

(189) *Esoteric Buddhism*, pág. 55 (8.ª edição, página 67).

(190) Esse acontecimento — a saber, a destruição da famosa ilha de Ruta e da ilha menor de Daitya — que se deu há cerca de 850.000 anos, no fim do período Plioceno, não deve confundir-se com a submersão do continente principal da Atlântida, durante o período Mioceno. Os geólogos, façam o que fizerem, não podem reduzir a 850.000 anos somente o tempo que se passou desde o período Mioceno; na realidade, há vários milhões de anos que desapareceu a massa principal da Atlântida.

lendas e alegorias de Vaivasvata, Xisuthro, Noé, Deucalião e *tutti quanti* dos Eleitos salvos. A tradição, não levando em conta a diferença entre os fenômenos siderais e os geológicos, designa uns e outros, indistintamente, como "Dilúvios". Há, porém, uma grande diferença. O cataclismo que destruiu o enorme Continente, do qual é a Austrália o principal remanescente, foi ocasionado por uma série de convulsões subterrâneas e pela violenta ruptura do solo no fundo dos oceanos. E a causa do desaparecimento do Continente seguinte, o Quarto, foram as perturbações sucessivas do eixo de rotação. Começou este cataclismo nos primeiros tempos da era Terciária, e, continuando durante muitas idades, determinou a extinção, pouco a pouco, dos últimos vestígios da Atlântida, com a exceção provavelmente de Ceilão e de uma pequena parte do que agora é a África. Mudou a face do Globo sem que ficasse memória alguma de suas florescentes terras e ilhas, de suas civilizações e ciências, nos registros da História, salvo nos Anais Sagrados do Oriente.

A Ciência moderna nega, por isso, a existência da Atlântida. Nega inclusive toda e qualquer alteração violenta do eixo da Terra, e pretende atribuir as mudanças de clima a outras causas. É questão, porém, que ainda se acha em aberto. Se o Dr. Croll entende que essas alterações podem explicar-se pelos efeitos da mutação e da precessão dos equinócios, outros, como Sir Henry James e Sir John Lubbock, se inclinam mais em aceitar a idéia de que elas se devem a um deslocamento do eixo de rotação¹⁹¹. A maior parte dos astrônomos é contrária a essa idéia. Mas quantas coisas já não negaram, e combateram, até hoje, para afinal, aceitá-las mais tarde, quando as hipóteses se converteram em fatos incontestáveis?

Ver-se-á mais adiante, no Apêndice ao volume IV, até que ponto os nossos algarismos estão de acordo ou em desacordo com a Ciência moderna, ao fazermos uma cuidadosa comparação da Geologia e da Antropologia do nosso tempo com os ensinamentos da Ciência Arcaica. Em todo caso, o período indicado pela Doutrina Secreta como o da submersão da Atlântida não parece divergir muito dos cálculos da Ciência moderna, sendo de notar, porém, que esta dá à Atlântida o nome de "Lemúria" sempre que tem de admitir a hipótese de um continente submergido. Com relação ao período pré-humano, tudo o que se deve dizer agora é que a Terra, antes mesmo do aparecimento da Primeira Raça "sem mente", não estava sem habitantes. Podemos, contudo, acrescentar que o que a Ciência — que *só conhece o homem físico* — tem o direito de considerar como o período *pré-humano* admitimos que se estenda desde a Primeira Raça até a primeira metade da Raça Atlante, pois só então é que o homem se tornou o "ser *orgânico* completo que hoje é", e isto só dará ao Homem Adâmico a antiguidade de alguns milhões de anos¹⁹².

(191) Ver *The Athenceum*, 25 de agosto de 1860.

(192) O Sr. Huxley divide estas raças em um quintuplo grupo — Australóides, Negróides, Mongolóides, Xantocróides e Melanocróides, saindo todos dos imaginários Antropóides. Não obstante, ao mesmo tempo que protesta contra os que dizem "que

Observa com toda a razão o autor da *Qabbalah* que “o homem de nossos dias, como indivíduo, não passa de um elo da cadeia do modo de ser da vida humana precedente”, ou melhor, *das vidas*.

“Segundo a Cabala, as centelhas da alma contidas em Adão se separaram em três classes distintas, correspondentes a seus três filhos, a saber: ‘*Hesed*, Habel; ‘*Ge’boor-ab*, Cai-win; e ‘*Ra’h-min*, Set. Estes três foram divididos, por sua vez, em... 70 espécies, chamadas as raízes principais da raça humana.”¹⁹³

“O Rabi Yehudah disse: ‘Qual é o número de vestimentas [do homem incorpóreo] que foram concluídas [desde o dia da criação do homem]?’ Disse o Rabi El’azar: ‘As montanhas do mundo [os grandes homens da geração] discutem este assunto; mas há três: uma para encerrar nela o espírito *Rua’h*, que está no jardim (do Éden) sobre a Terra; uma que é mais preciosa que todas e com a qual o *Neshamah* se acha revestido, naquele Conjunto de Vida, entre os anjos dos Reis...; e uma vestimenta externa, que existe e não existe, que é visível e invisível. Esta vestimenta recobre o *Nephesh*, que nela vai e voa de um lado para outro, no mundo.’”¹⁹⁴

Isto se refere às Raças, a suas “vestimentas” ou graus e materialidade, e aos três “princípios” do homem em seus três veículos.

as diferenças de estrutura entre o homem e o símio são pequenas e insignificantes”, e acrescenta “que cada osso do gorila contém uma marca que permite distingui-lo do osso humano correspondente”, e ainda que, “pelo menos no estado atual da criação, nenhum ser intermediário preenche o vazio que separa o homem do troglodita”, o eminente anatomista continua discorrendo sobre as características *simiescas do homem!* (Ver De Quatrefages, *The Human Species*, página 113.)

(193) *Op. cit.*, Isaac Myer, página 422.

(194) *Zohar*, I, 119-b, col. 475; *ibid.*, página 412.

ESTÂNCIA XI

A CIVILIZAÇÃO E A DESTRUIÇÃO DAS RAÇAS QUARTA E QUINTA

43. Os Lêmuro-Atlantes constroem cidades e estendem a civilização. Início do Antropomorfismo. 44. Estátuas que testemunham o tamanho dos Lêmuro-Atlantes. 45. Destruição da Lemúria pelo fogo, e da Atlântida pela água. O Dilúvio. 46. Destruição da Quarta Raça e dos últimos animais-monstros antediluvianos.

Eles¹ construíram cidades colossais. Com terras e metais raros eles construíam. Com os fogos² expelidos, com a pedra branca³ das montanhas e a pedra negra⁴, talhavam suas próprias imagens em tamanho natural e à sua semelhança, e às adoravam.

Neste ponto, prosseguindo com a história das duas primeiras Raças humanas — a última dos Lemurianos e a primeira dos futuros Atlantes —, temos que juntar as duas e tratar de ambas coletivamente, por algum tempo.

Também aqui aludimos às Dinastias *divinas*, que, segundo os egípcios, caldeus, gregos, etc., antecederam os *Reis humanos* desses povos antigos. Os hindus do nosso tempo ainda crêem nelas, pois estão enumeradas em seus livros sagrados. Mas disso nos ocuparemos no momento oportuno. O que falta demonstrar é que os nossos geólogos modernos estão hoje inclinados a admitir a existência provável de continentes submergidos. Mas confessar a existência dos continentes e aceitar que fossem povoados por homens, durante os primeiros períodos geológicos, são duas coisas inteiramente diferentes⁵ — sim! homens e nações civilizadas, e não apenas sel-

(1) Os Lemurianos.

(2) Lava.

(3) Mármore.

(4) A dos fogos subterrâneos.

(5) Talvez seja esta a razão por que a Ilha da Páscoa, com suas maravilhosas estátuas gigantescas — testemunho eloqüente da existência de um continente que submergiu, com sua humanidade civilizada —, quase não é mencionada nas enciclopédias modernas. Evita-se cuidadosamente fazer-lhe referência, a não ser em algumas narrativas

vagens paleolíticos; homens e nações que, sob a direção de seus *Reis divinos*, edificaram grandes cidades, cultivaram as artes e as ciências, conheceram a Astronomia, a Arquitetura e as Matemáticas. A civilização primitiva dos Lemurianos não se seguiu imediatamente à sua transformação fisiológica, como se poderia supor. Entre a evolução fisiológica final e a construção da primeira cidade transcorreram muitas centenas de mil anos. Sem embargo, já estavam os Lemurianos, em sua sexta sub-raça, construindo com pedras e lava suas primeiras cidades rochosas⁶. Uma dessas grandes cidades de estrutura primitiva foi toda construída de lava, a umas trinta milhas do sítio em que agora a ilha de Páscoa estende sua estreita faixa de solo estéril; cidade que uma série de erupções vulcânicas destruiu por completo. Os restos mais antigos das construções ciclópicas foram todos obras das últimas sub-raças lemurianas; e o ocultista, portanto, não se surpreende ao

de viagens. A Ciência de hoje tem uma inegável predileção por apresentar ao público, como fatos comprovados, hipóteses baseadas em idéias pessoais; por oferecer, em lugar de conhecimentos, meras *suposições* com o rótulo de "conclusões científicas". Os especialistas preferem inventar mil e uma especulações contraditórias a confessar *um fato embaraçoso mas evidente por si mesmo* — estando à frente desses especialistas Hæckel e seus seguidores e émulo ingleses. Advertem-nos, porém, a modo de censura, que se trata de "autoridades". E daí? O Papa de Roma é também uma autoridade, e até uma autoridade infalível — para os seus fiéis; enquanto que a notabilíssima falibilidade das especulações científicas se vê periodicamente comprovada, a cada mudança de lua.

(6) Os nossos melhores romancistas modernos, embora não sendo teósofos nem espíritas, principiaram a ter sonhos psicológicos e de um caráter oculto bem sugestivo — por exemplo, Robert Louis Stevenson com o seu *Strange Case of Doctor Jekyll and Mr. Hyde*, que é o mais notável ensaio psicológico que existe no gênero oculto. Rider Haggard, o romancista do futuro, não teve igualmente um sonho clarividente, profético, ou melhor, retrospectivo, antes de escrever *She*? Sua história da imperial Kor, a grande cidade dos mortos, cujos habitantes sobreviventes navegaram em direção ao Norte, depois que uma epidemia destruiu quase toda a nação, parece, em suas linhas gerais, que saiu das páginas imperecíveis dos anais arcaicos. Ayesha sugere que "esses homens que velejaram para o norte podiam ter sido os antepassados dos primeiros egípcios"; e, logo em seguida, como que intenta uma sinopse de certas cartas de um Mestre, citada no *Esoteric Buddhism*, pois diz: "Muitas e muitas vezes, ao longo dos séculos, nações, e até nações ricas e poderosas, versadas nas artes, têm existido e desaparecido, sendo depois esquecidas de tal maneira que delas não fica a menor lembrança. Esta [a nação Kor] é uma entre tantas outras, porque o tempo devora e consome a obra do homem, a não ser que ele more em cavernas, como o povo de Kor — podendo então acontecer que o mar venha a tragá-las ou que os terremotos as sepulquem... Não creio, porém, que esse povo haja sido inteiramente destruído. Restaram algumas pessoas nas outras cidades, pois estas eram numerosas. Mas os bárbaros... atacaram essas pessoas e tomaram as mulheres como esposas; e a raça de Amahagger, que ora existe, é a descendência bastarda dos poderosos filhos de Kor, e vede que mora nas tumbas com os ossos de seus avós" (págs. 180, 181).

O romancista parece assim repetir a história das raças humanas, hoje decaídas e degradadas. Os geólogos e os antropólogos desejariam colocar à testa da humanidade — como descendente do *Homo Primigénius* — o homem-macaco, do qual "*nenhum resto fóssil nos é ainda conhecido*", embora fosse "*provavelmente* parente do gorila e do orangorango" dos nossos dias (Hæckel). Em resposta a esse "*provavelmente*", os ocultistas assinalam outra probabilidade maior, a saber: a que mencionamos no texto.

saber que as ruínas de pedra, descobertas pelo Capitão Cook no fragmento de terra chamado Ilha de Páscoa, são

"muito parecidas com os muros do templo de Pachacamac ou com as ruínas de Tiahuanaco, no Peru"⁷,

e também que elas são de *estilo ciclópico*. As primeiras grandes cidades foram, porém, construídas na parte do continente hoje conhecida sob o nome de Ilha de Madagascar. Naqueles tempos, como nos de hoje, havia povos civilizados e selvagens. A evolução levou a cabo sua obra de aperfeiçoamento nos primeiros, e o Carma sua obra de destruição nos segundos. Os australianos e semelhantes são descendentes dos que, em vez de vivificarem a Centelha neles projetada pelas "Chamas", a extinguiram durante largas gerações eivadas de bestialidade⁸. Os povos arianos, pelo contrário, podem traçar a sua origem, através dos Atlantes, até as raças mais espirituais dos Lemurianos, nas quais os "Filhos da Sabedoria" encarnaram pessoalmente⁹.

Foi com o advento das Dinastias divinas que tiveram início as primeiras civilizações; e, enquanto em algumas regiões da Terra uma parte da humanidade preferia levar uma vida nômade e patriarcal, e em outras, o homem selvagem apenas aprendia como acender um fogo e a proteger-se

(7) Robert Brown, *The Countries of the World*, volume IV, página 43.

(8) Veja-se a Estância II. Explicar-se-ia desse modo a grande diferença que se observa entre as capacidades intelectuais das raças, povos e indivíduos. Ao mesmo passo que se encarnavam nos veículos humanos desenvolvidos pelas primeiras Raças sem mente (sem Manas) ou, em outros casos, só os animavam, os Poderes e os Princípios tinham que fazer a sua escolha levando em conta o Carma passado das Mônadas, para servirem de traço de união entre elas e seus corpos. Demais, como muito bem se diz no *Esoteric Buddhism* (8.^a ed., pág. 31), "o quinto princípio, ou alma (intelectual) humana, não está ainda completamente desenvolvido, mesmo agora, na maior parte da humanidade".

(9) O Logos encarnado, Krishna, diz no *Bhagavad Gîtâ*: "Os sete grandes Rishis, os quatro Manus precedentes, que participam de minha natureza, nasceram da minha mente: deles surgiram [emanaram ou nasceram] as raças humanas e o mundo" (cap. X, 6).

Aqui os sete grandes Rishis significam as sete grandes Hierarquias Rûpa ou Classes de Dhyân-Chohans. Não devemos esquecer que os sete Rishis — Saptarishi — são os Regentes das sete estrelas da Ursa Maior, e, portanto, da mesma natureza que os Anjos dos Planetas, ou os sete Grandes Espíritos Planetários. Todos eles renasceram como homens na Terra, em vários Kalpas. Por outra parte, "os quatro Manus precedentes" são as quatro Classes dos Deuses Aruda originais — Kumâras, Rudras, Asuras, etc., dos quais se diz que *também encarnaram*. Não são Prajâpatis, como os primeiros, mas os seus "princípios" animadores, alguns dos quais encarnaram nos homens, ao passo que os demais fizeram dos outros homens os simples veículos de seus "reflexos". Disse Krishna com toda a justeza, e suas palavras foram depois repetidas por outro veículo do Logos: "Eu sou o mesmo para todos os seres... os que me adoram [o sexto princípio ou Alma Intelectual divina, Buddhi, feito consciente por sua união com as faculdades superiores de Manas] estão em Mim, e Eu estou neles" (*ibid.*, X, 20, 39). O Logos, não sendo uma "personalidade", mas o Princípio Universal, é representado por todos os poderes divinos nascidos de sua Mente — as Cha-

contra os elementos, os seus irmãos, mais favorecidos pelo Carma, e ajudados pela inteligência divina que os animava, construíram cidades e cultivaram as artes e as ciências. No entanto, apesar da civilização, enquanto os seus irmãos pastores gozavam, por direito de nascimento, de poderes maravilhosos, os “construtores” só gradativamente podiam adquirir os seus daí em diante; e, quando chegavam a obter esses poderes, usavam-nos geralmente para conquistas sobre a natureza física e com objetivos egoístas e maus. A civilização sempre desenvolveu os aspectos físico e intelectual a expensas dos aspectos psíquico e espiritual. O domínio sobre a própria natureza psíquica e sua direção, que os ignorantes atribuem hoje ao sobrenatural, eram faculdades inatas e congênitas na humanidade primitiva, e se desenvolviam no homem tão naturalmente como andar e pensar. “A magia não existe”, afirma filosoficamente “She” — esquecendo ao autor que a palavra “magia” ainda significava, nos tempos antigos, a grande CIÊNCIA DA SABEDORIA, e que não era possível a Ayesha ter uma idéia da perversão moderna do pensamento — “embora exista o que se chama conhecimento dos Segredos da Natureza”, acrescenta “She”¹⁰. “Segredos”, porém, que verdadeiramente só se tornaram tais para a nossa Raça, pois eram propriedade pública na Terceira.

A espécie humana diminuiu gradualmente de estatura, por isso que, até mesmo antes do real advento da Quarta Raça, ou Raça Atlante, a maioria da humanidade caíra no pecado e na iniquidade, com exceção somente da hierarquia dos “Eleitos”, discípulos e seguidores dos “Filhos da Vontade e do Ioga” (chamados mais tarde “Filhos da Névoa de Fogo”).

Vieram depois os Atlantes, os gigantes cuja força e beleza física alcançaram seu apogeu, de acordo com a lei de evolução, mais ou menos no período médio de sua quarta sub-raça. Mas, segundo diz o Comentário:

Os últimos sobreviventes aos loiros filhos da Ilha Branca [a primitiva Shveta-dvipa] haviam perecido muito tempo antes. Seus eleitos [os da Lemúria] tinham-se refugiado na Ilha Sagrada [atualmente a Shamballah “fabulosa”, no deserto de Gobi], enquanto algumas de suas raças malditas, separando-se do tronco principal, passaram a viver nas selvas e debaixo da terra [os trogloditas], quando a Raça amarela dourada [a Quarta] se tornou, por sua vez, “negra pelo pecado”. De pólo a pólo a Terra havia mudado de face pela terceira vez, e já não era habitada pelos filhos de Shveta-dvipa, a bendita; e, a Este e a Oeste, Adbbhitanya [?]¹¹, a primeira, a única e a pura, se haviam corrompido... Os Semideuses da Terceira

mas puras, ou, como se diz em Ocultismo, os “Sopros Intelectuais” —, aqueles Anjos que se tornaram independentes, isto é, passaram do estado passivo e de repouso para o de atividade ou Autoconsciência. Quando tal se reconhece, o sentido verdadeiro das palavras de Krishna se faz compreensível. Veja-se a excelente conferência do Sr. T. Subba Row sobre o *Bhagavad Gītā* (*The Theosophist* de abril de 1887, página 444).

(10) *Op. cit.*, página 152.

(11) [Esta palavra significa: “o que é criado fora da água”.]

havia cedido lugar aos Semidemônios da Quarta Raça. Shveta-dvipa¹³, a Ilha Branca, tinha velado a sua face. Seus filhos viviam agora na Terra Negra, onde, mais tarde, os Daityas do sétimo Dvipa (Pushkara) e os Râkshasas do sétimo clima substituíram os Sâdhus e os Ascetas da Terceira Idade, que haviam descido até eles de outras regiões mais elevadas...

Em sua letra morta os *Purânas*, em geral, parecem um tecido absurdo de contos de fadas e nada mais. Se lermos os três primeiros capítulos do Livro II do *Vishnu Purâna*¹² aceitando ao pé da letra a geografia, a geodésia e a etnologia segundo o relato dos sete filhos de Priyavrata, entre os quais o seu pai divide os sete Dvipas (Ilhas ou Continentes); e se, prosseguindo na leitura, atentarmos em como o seu filho mais velho, Agnidhra, rei de Jambu-dvipa, reparte o território de Jambu-dvipa entre seus nove filhos, e em como Nâbhi, seu filho, teve cem filhos e distribuiu, por sua vez, terras entre eles — é muito provável que deixemos o livro de lado, classificando seu conteúdo como um amontoado de coisas sem nexos. Mas quem se dedicar ao estudo do Esoterismo compreenderá que, no tempo em que foram escritos os *Purânas*, houve a intenção de que o seu verdadeiro sentido só fosse entendido pelos brâmanes iniciados; razão pela qual os compiladores os escreveram em forma de alegorias, não desejando que toda a verdade fosse exposta às massas. Por outra parte, explicará aos orientalistas — os quais, começando pelo Coronel Wilford e terminando pelo Professor Weber, fizeram e ainda estão fazendo sobremodo confuso o assunto — que, nos primeiros capítulos, as seguintes questões e acontecimentos foram baralhados propositadamente:

I. As séries de Kalpas ou Idades, e também de Raças, nunca são levadas em conta; e os acontecimentos ocorridos em uma são entremeados com os que se passam em outra Raça ou Idade. A ordem cronológica é inteiramente posta de lado. Vários comentadores sanscritistas o assinalaram, e explicam a incompatibilidade dos acontecimentos e dos cálculos dizendo:

“Sempre que se observam contradições entre os diversos *Purânas*, são elas atribuídas... a diferenças de Kalpas ou outras causas semelhantes.”

II. As palavras “Manvântara” e “Kalpa” ou Idade comportam diversos significados, que permanecem ocultos, não se dando senão o sentido geral.

III. Na genealogia dos Reis e na geografia de seus domínios, os Varshas (países) e os Dvipas são todos considerados como regiões terrestres.

(12) Foi a parte norte de Toyâmbuddhi, ou mar de água doce de Shvetadvipa, que os sete Kumâras visitaram — Sanaka, Sananda, Sanâtana, Sanatkumara, Jâta, Vodhu [Borhu?] e Panchashikha — segundo a tradição exotérica. (Veja-se o Uttara Khanda do *Padma Purâna*, *Asiatic Researches*, vol. II, págs. 99 e 100.)

(13) Wilson, vol. II, páginas 99 e seguintes.

Ora, a verdade é que, sem descer a pormenores, é plausível e fácil mostrar que:

(a) Os sete Dvīpas, distribuídos entre a progênie setenária de Priyavrata, referem-se a várias localidades — e primeiro que tudo à nossa Cadeia Planetária. Deles, só Jambu-dvīpa corresponde ao nosso Globo, enquanto que os outros seis são os Globos companheiros invisíveis (para nós) da Cadeia. Prova-o a natureza mesma das descrições alegóricas e simbólicas. Jambu-dvīpa “está no centro de todos eles” — os chamados “Continentes Insulares” — e é rodeado por um *mar de água salgada* (Lavana), ao passo que Plaksha, Shālmala, Kusha, Kraucha, Shāka e Pushkara o são, respectivamente, “por imensos mares... de suco de cana doce, de vinho, de manteiga clarificada, de coalhada, de leite”, etc. (com outras metáforas semelhantes)¹⁴.

(b) Bhāskara Achārya, que adota expressões dos livros da Doutrina Secreta, em sua descrição da posição sideral de todos esses Dvīpas, fala “do mar de leite e do mar de coágulos, etc.”, significando com isso a Via-Láctea e os diversos grupos de Nebulosas; tanto é assim que ele chama “à região do Sul do equador” Bhūr Loka, e às do Norte, Bhuva, Svar, Mahar, Jana, Tapa e Styā Lokas — acrescentando: “Esses vários Lokas se alcançam gradualmente aumentando os méritos religiosos”, isto é: são vários “Paraísos”¹⁵.

(c) Essa distribuição geográfica de sete continentes, ilhas, montanhas, mares e países alegóricos não se refere somente à *nossa* Ronda, nem mesmo às *nossas* Raças — apesar do nome de Bhārata-varsha (a Índia) —, conforme explica o narrador nos próprios textos do *Vishnu Purāna*, quando nos diz que:

“Bhārata [o filho de Nābhi, que deu seu nome a Bhārata-varsha ou Índia]... deixou o reino a seu filho Sumati... e abandonou a vida em... Shālagrāma. Depois voltou a nascer, como brāmane, em uma distinta família de ascetas... Sob o governo destes príncipes [os descendentes de Bhārata], Bhārata-varsha foi dividida em nove partes; e a sua progênie dominou seguidamente o país durante setenta e um períodos do conjunto de quatro idades (ou durante o reinado de um Manu) [representando um Mahāyuga de 4.320.000 anos].”¹⁶

Mas, depois de dizer tudo isso, eis que de repente Parāshara explica que:

“Esta foi a criação de Svāyambhuva (Manu), por meio da qual foi povoada a Terra, quando ele presidiu o primeiro Manvantara, no Kalpa de Varāha [isto é, a encarnação do Javalí].”

Pois bem: todos os brāmanes sabem que a *nossa* humanidade começou nesta Terra (ou Ronda) só com o Manu Vaivasvata. E se o leitor ocidental

(14) *Vishnu Purāna*, trad. de Wilson, II, 109.

(15) Veja-se *Biblioteca Indica*, trad. do *Golādhyāya of the Siddhānta-shiromani*, III, 21-44. (Um tratado astronômico em sânscrito.)

(16) *Ibid.*, páginas 106-107.

dirigir a atenção para a subseção “Os Manus Primitivos da Humanidade”¹⁷ verá que Vaivasvata é o sétimo dos catorze Manus que presidem a nossa Cadeia Planetária durante o seu Ciclo de Vida; mas, como cada Ronda tem dois Manus (um Manu-Raiz e um Manu-Semente), ele é o Manu-Raiz da Quarta Ronda, isto é, o sétimo. Wilson não vê senão incongruência em tudo isso, e pretende que:

“As genealogias patriarcais são mais antigas que o sistema cronológico de Manvantaras, e Kalpas, e [assim] foram desarrazoadamente distribuídas entre os diversos períodos.”

Não, não é isso; mas, porque os orientalistas nada sabem dos Ensinamentos Secretos, persistem em tudo interpretar *ao pé da letra*, e depois se voltam contra os escritores e os injuriam por tudo aquilo que não puderam compreender.

Tais genealogias abrangem um período de *três e meia* Rondas; referem-se a períodos *pré-humanos* e explicam a descida na geração de todos os Manus — as primeiras centelhas manifestadas da Unidade Única; e, além disso, nos mostram a divisão e a multiplicação de cada uma dessas centelhas para formarem, primeiro, os Pitrís ou Antecessores humanos, e, depois, as Raças humanas. Nenhum ser pode tornar-se um Deus ou um Deva senão passando pelos Ciclos humanos. Por isso, diz o sloka:

“Ditosos os que, embora pertencendo à condição [latente] de deuses, *nascem como homens* em Bhârata-varsha; porque é o caminho que conduz à... libertação final.”¹⁸

Em Jambu-dvipa, Bhârata é considerado *a melhor de suas divisões*, porque é *a terra das obras*. Somente ali é que

“se produz a sucessão dos quatro Yugas, ou Idades, o Krita, o Tretâ, o Dvâpara e o Kali.”

Assim, quando Parâshara, a quem Maitreya pediu que “lhe fizesse a descrição da Terra”, volta a enumerar os mesmos Dvipas, com os mesmos mares, que já havia descrito no Manvantara Svâyambhuva, não se trata senão de um “véu”; aquele, porém, que sabe ler nas entrelinhas encontra ali as Quatro grandes Raças e a Quinta, inclusive as suas subdivisões, ilhas e continentes, alguns dos quais eram chamados pelos nomes de Lokas celestes e pelos de outros Globos. Daí veio a confusão.

Para os orientalistas são “míticas” e “fabulosas” todas essas ilhas e regiões¹⁸. É bem verdade que algumas *não pertencem a esta Terra*; contudo, elas existem. Em todo caso, a Ilha Branca e o Atala não são mitos;

(17) Vide acima, página 324.

(18) Wilson, *ibid.*, página 137.

pois Atala foi o nome que os pioneiros da Quinta Raça usaram para exprimir o seu desprezo para com a Terra do Pecado: a Atlântida em geral, e não apenas a ilha de Platão; e a Ilha Branca era: (a) o Shveta-dvipa da Teogonia, e (b) o Shâka-dvipa ou a Atlântida em seus primórdios (ou melhor, as primeiras terras desse continente). Isto se passou quando ela ainda tinha “os seus sete rios santos que lavavam todo pecado”, e “os seus sete distritos, onde imperava a virtude, sem vacilações, sem lutas, sem descaminhos”, habitados que eram pela casta dos Magas;; casta que os próprios brâmanes reconhecem não ser inferior à deles, e da qual procedeu o primeiro Zaratustra. Conta-se que os brâmanes, a conselho de Nârada, seguiram a recomendação de Gauramukha no sentido de convidarem os Magas, como sacerdotes do Sol, a que fossem ao templo construído por Sâmba, o *pretense* filho de Krishna (que, em verdade, não tinha nenhum). Nesse ponto os *Purânas* são *históricos*, e o Ocultismo se refere a fatos.

A história completa se encontra no *Bhavisbya Purâna*. Diz-se que Sâmba, tendo sido curado da lepra por Sûrya (o Sol), construiu um templo e o consagrou à Divindade. Mas, quando cogitou de chamar brâmanes piedosos para oficiarem as cerimônias do ritual e receberem as oferendas feitas ao Deus, Nârada — o Asceta virgem que aparece em todas as épocas nos *Purânas* — o aconselhou a que não o fizesse, pois Manu proibira aos brâmanes receberem estipêndios pela celebração de ritos religiosos. Mandou, portanto, que Sâmba se dirigisse a Gauramukha (Cara-Branca), o Purohita (ou capelão da família de Ugrasena, Rei de Mathurâ), o qual lhe faria indicação de alguém mais conveniente para aquele mister. O sacerdote aconselhou a Sâmba que convidasse os Magas, adoradores de Sûrya. Mas, como ignorasse o lugar em que eles viviam, o próprio Sol, Sûrya, encaminhou Sâmba ao Shâka-dvipa, *no outro lado da água salgada*. Sâmba empreendeu então a viagem, utilizando-se de Garuda, a Grande Ave, veículo de Vishnu e de Krishna, que o conduziu até os Magas, etc.²⁰

Ora, Krishna, que viveu há 5.000 anos, e Nârada, que vemos renascer em cada Ciclo (ou Raça), sem falar em Garuda — o símbolo esotérico do Grande Ciclo —, dão a chave da alegoria; em todo caso, os Magas são os Magos da Caldéia, e a sua casta bem como o seu culto tiveram origem na primitiva Atlântida, em Shâka-dvipa, a Sem-Pecado. Todos os orientalistas são unânimes em que os Magas de Shâka-dvipa são os antecessores dos Parses adoradores do Fogo. A nossa divergência com eles está em que

(19) O Professor Pengelly, F. R. S., cita, em uma conferência, as palavras do Professor Oliver, a saber: “que a flora das ilhas do Atlântico não oferece atualmente prova alguma substancial de que houvesse em outros tempos uma comunicação direta com a terra firme do Novo Mundo”; mas ao mesmo tempo ele mesmo acrescenta “que em determinada época do período Terciário o nordeste da Ásia estava unido ao noroeste da América, provavelmente pela linha onde hoje se estende a cadeia das ilhas Aleutianas”. Assim, pois, só a Ciência Oculta é capaz de conciliar as contradições e vacilações da Ciência Moderna. Demais, os argumentos em favor da existência da Atlântida não se fundam exclusivamente na Botânica.

(20) *Vishnu Purâna*, Wilson, vol. V, Parte I, páginas 381, 382.

encurtam, como sempre, os períodos em centenas de milhares de anos, e desta vez ao ponto de reduzi-los a alguns séculos apenas; apesar de Nâ-rada e de Sâmba, não fazem remontar o acontecimento senão até a época da fuga dos Parses para Gujerat. É simplesmente absurdo, uma vez que esse fato se deu somente no século VIII de nossa era. Verdade é que, segundo o *Bhavishya Purâna*, os Magas teriam ainda existido em Shâka-dvipa no tempo do “filho” de Krishna, não obstante a última parte daquele continente — a Atlântida de Platão — haver desaparecido 6.000 anos antes. Estes Magas, porém, eram os “últimos” de Shâka-dvipa, e naquela época viviam na Caldéia. Trata-se ainda de uma confusão intencional.

Os primeiros dentre os representantes avançados da Quarta Raça não eram Atlantes; nem eram ainda os Asuras humanos e os Râkshasas em que mais tarde se converteram. Naqueles dias, frações consideráveis do futuro Continente da Atlântida ainda faziam parte integrante do leito do Oceano. A Lemúria, nome que convencionamos dar ao Continente da Terceira Raça, era então uma terra gigantesca²¹. Ocupava toda a área compreendida desde a base dos Himalaias, que a separavam do mar interior, cujas ondas rolavam sobre o que hoje é o Tibete, a Mongólia e o grande deserto de Shamo (Gobi), até Chittagong, prolongando-se a oeste na direção de Hardwar, e a Este até o Assam (Annam?). Daí se estendia para o Sul, através da Índia Meridional, Ceilão e Sumatra; e, abarcando, no rumo do Sul, Madagascar à direita, Austrália e Tasmânia à esquerda, avançava até alguns graus do Círculo Antártico. A partir da Austrália, que era então uma região interior do Continente principal, estendia-se ao longo do Oceano Pacífico, além de Rapa-nui (Teapy ou a Ilha da Páscoa), que agora se encontra a 26° de latitude Sul e a 110° de longitude Oeste²². Esta informação parece estar corroborada pela Ciência, ainda que parcialmente. Quando fala sobre a direção dos continentes e demonstra que as massas infra-árticas acompanham geralmente o meridiano, está a Ciência referindo-se a vários continentes antigos, embora indiretamente e como consequência. Menciona-se, então outros, o “Continente Mascarenho”, que in-

(21) Conforme já dissemos nas “Notas Preliminares” do presente volume, é claro que nem o nome de Lemúria nem o de Atlântida são os verdadeiros nomes *arcaicos* dos continentes perdidos. Só os adotamos por uma questão de maior clareza em nossa exposição. Atlântida foi o nome que se deu às partes do continente submerso da Quarta Raça que ficavam “além das colunas de Hércules” e que se mantiveram sobre as águas depois do cataclismo geral. Seus verdadeiros vestígios, a Atlântida de Platão ou Poseidon (cujo nome é apenas um *substitutivo*, ou melhor, uma tradução do verdadeiro nome), representavam a última parte do continente que existia sobre a água há uns 11.000 anos. A maioria dos verdadeiros nomes dos países e ilhas dos dois continentes se encontram nos *Purânas*; contudo, mencioná-los especialmente, tais como figuram em outras obras mais antigas, o *Suryâ Siddhânta* por exemplo, exigiria explicações demasiado prolixas. Se nos primeiros escritos parece que se fez muito pouca distinção entre os dois, deve atribuir-se a uma leitura superficial e pouco atenta. Se desde muito tempo são os europeus considerados como arianos, e se o leitor os confunde com os hindus, e estes com a Quarta Raça, porque alguns deles viveram na antiga Lankâ, a culpa não cabe à autora.

(22) Veja-se a Parte III, Seção VI, no volume IV.

cluía Madagascar, estendendo-se ao Norte e ao Sul, e outro continente antigo, que "se estendia desde Spitzberg ao Estreito de Doves, quando a maior parte do resto da Europa se achava no fundo do mar"²³. É uma confirmação do Ensinamento Oculto, segundo o qual as regiões polares de hoje foram outrora o primeiro dos sete berços da humanidade e o tûmulo da massa da espécie humana que ali habitava durante a Terceira Raça, quando o gigantesco continente da Lemúria principiou a fracionar-se em continentes menores. Isso foi devido, conforme a explicação do Comentarário, a uma diminuição de velocidade no movimento de rotação da Terra.

Quando a Roda gira com a velocidade habitual, suas extremidades [os pólos] se acomodam com o seu Círculo Central [o equador]; quando gira mais lentamente e oscila em todas as direções, produz-se grande desordem na superfície da Terra. As águas correm para os dois extremos e novas terras surgem no Cinturão Central [terras equatoriais], enquanto as dos extremos ficam sujeitas a Pralayas por submersão:

E ainda:

Assim a Roda [a Terra] está sujeita ao Espírito da Lua e é regulada por ele quanto ao movimento de suas águas [as marés]. Lá para o fim do período [Kalpa] de uma grande Raça [Raiz], os Regentes da Lua [Pais ou Pitris] começam a exercer uma atração mais forte e deste modo aplaenam a Roda na altura do seu Cinturão, de maneira que ela se deprime em certos pontos e infla em outros; e, reagindo à dilatação sobre as extremidades [pólos], surgem novas terras, sendo submergidas as velhas.

Basta ler as obras de astronomia e de geologia para ver mui claramente o sentido do que se expõe acima. Os homens de ciência — os especialistas modernos — comprovaram a influência das marés na distribuição geológica da terra e da água sobre a superfície do planeta, e têm notado a mudança dos oceanos em correspondência com a submersão e o levantamento de continentes e novas terras. A Ciência sabe ou julga saber que tal fato ocorre periodicamente²⁴. O Professor Todd crê que pode seguir o curso passado das séries de oscilações até o período de formação da primeira crosta da Terra²⁵. Parece, portanto, que a Ciência poderá facilmente comprovar as afirmações esotéricas. Tencionamos ocupar-nos deste assunto mais largamente em um Apêndice à presente obra.

(23) Veja-se o artigo do Professor J. D. Dana no *American Journal of Science*, III, V, 442-3; *World Life*, de Winchell, pág. 352.

(24) Falando das elevações e abaixamentos periódicos das regiões equatoriais e polares e das conseqüentes mudanças de clima, o Dr. Winchell, professor de geologia da Universidade de Michigan, diz o seguinte: "Como estes movimentos são cíclicos, as mesmas condições voltariam sempre a apresentar-se, e, portanto, a mesma fauna pode sempre reaparecer na mesma região, com intervalos de ocupação por fauna diferente. Sedimentações progressivas conservariam os vestígios dessas mudanças de fauna, e dar-se-iam os fenômenos de "colônias", "reaparições" e outras variações de fauna, nas distribuições vertical e horizontal dos restos fósseis. Tais fenômenos são bem conhecidos dos geólogos." (*Op. cit.*, página 281.)

(25) Ver *American Naturalist*, XVIII, 15-26.

Alguns teósofos, deduzindo de certas expressões do *Esoteric Buddhism* que “velhos continentes submersos” voltarão a aparecer, têm feito a seguinte pergunta: “Como será a Atlântida quando emergir de novo?” Há, no caso, também uma ligeira incompreensão. Se as terras da Atlântida, que submergiram em tempos idos, voltassem a emergir *tais quais eram*, então e certamente seriam *estéreis durante longos períodos*. Mas, como o fundo do Oceano Atlântico se acha atualmente coberto por uns 5.000 pés de greda, e continua esta a aumentar (em verdade uma “formação cretácea” de novos estratos), não é isso razão para que, ao chegar a hora do aparecimento do um novo continente, uma convulsão geológica e uma elevação do fundo do mar deixem de empregar esses 5.000 pés de greda na formação de algumas montanhas, vindo outros 5.000 pés à superfície. Os Cataclismos de Raças não são como um Dilúvio de Noé de quarenta dias — uma espécie de monção de Bombaim.

Que a submersão e o reaparecimento periódicos dos grandes continentes, designados hoje pelos autores modernos como Atlântida e Lemúria, não representam mera ficção, é coisa que será demonstrada na Seção deste livro destinada à reunião de provas. As obras mais arcaicas, escritas em sânscrito e em tâmil, estão repletas de alusões a esses dois continentes. As sete ilhas sagradas (Dvipas) são mencionadas no *Sûrya Siddhânta*, a mais antiga obra de astronomia de todo o mundo, e nas obras de Asura-Maya, o astrônomo atlante que o Professor Weber “reencarna” em Ptolomeu. No entanto, é erro classificar essas “Ilhas Sagradas” como atlantes, conforme se costuma fazer; pois que se referem a várias coisas, como sucede com tudo o que se acha nos Livros sagrados hindus. A herança que Priyavrata, o Filho do Manu Svâyambhuva, deixou aos seus sete filhos não foi a Atlântida, embora uma ou duas destas ilhas houvessem sobrevivido à submersão de suas companheiras e servido de refúgio, muito tempo depois, aos Atlantes, cujo continente fora por sua vez submerso. Quando mencionadas pela primeira vez por Parâshara, no *Visnu Purâna*, as sete se referem a uma doutrina esotérica cuja explicação daremos mais adiante. E, desse modo, de todas as sete ilhas é Jambu-dvipa (*o nosso Globo*) a única que é terrestre.

Nos *Purânas*, todas as referências ao Norte de Meru se relacionam com o Eldorado Primitivo, a região atual do Pólo Norte, que foi um continente naqueles tempos em que a magnólia florescia onde agora vemos um deserto de gelo sem fim e inexplorado. A Ciência fala de um “antigo continente” que se estendia desde Spitzberg até o estreito de Dover. Ensina a Doutrina Secreta que, nos primeiros períodos geológicos, essas regiões integravam um continente em forma de ferradura, um de cujos extremos, o oriental, situado bem mais ao norte que o Cornwall Setentrional, incluía a Groenlândia, e o outro extremo compreendia o atual estreito de Behring, como território interior, e descia para o sul em sua direção natural até as Ilhas Britânicas, que deviam encontrar-se então precisamente abaixo da curva inferior do semicírculo. Esse continente se elevou simultaneamente com o submergir das partes equatoriais da Lemúria. Muito tempo depois, reapareceram alguns restos da Lemúria sobre a superfície dos mares.

Por isso, ainda que possamos dizer, sem nos afastarmos da verdade, que a Atlântida fazia parte dos sete grandes continentes insulares, pois que os Atlantes da Quarta Raça ficaram de posse do que sobrou da Lemúria e, estabelecendo-se nas ilhas, as incluíram entre as *suas* terras e continentes, importa, contudo, assinalar uma distinção e aduzir esclarecimentos, sempre que for tentada uma descrição mais exata e completa, como a que ora nos propomos. A Ilha da Páscoa foi também ocupada dessa maneira pelos Atlantes, que escaparam ao cataclisma que abateu seu próprio país, tendo se fixado nesse remanescente da Lemúria; mas aí pereceram quando ela foi destruída em um só dia pelas chamas e lavas dos vulcões. Certos geógrafos e geólogos podem considerar tudo isso uma ficção; mas, para os ocultistas, é *história*. Que sabe a Ciência para provar o contrário?

"Até a publicação em Basiléia, no ano de 1522, de um mapa que pela primeira vez mencionava o nome da América, *acreditava-se que esta fizesse parte integrante da Índia*... A ciência recusa também sancionar a audaciosa hipótese de que houve um tempo em que a península indiana, de um lado, e a América do Sul, de outro, estavam ligadas por um cinturão de ilhas e continentes. A Índia dos tempos pré-históricos... estava duplamente unida às duas Américas. As terras dos antepassados daqueles a quem Amiano Marcelino chama os 'Brâmanes da Índia Superior' se estendiam desde a Cachemira até bem longe no interior dos (atuais) desertos de Shamo. Um homem a pé que partisse do Norte, podia alcançar, quase sem molhar os pés, a península de Alaska, atravessando a Manchúria, o futuro golfo de Tartária, as ilhas Kurilas e Aleútas, enquanto outro viajante, provido de uma canoa, e partindo do Sul, podia cruzar o Siao, as ilhas da Polinésia e chegar a qualquer parte do continente sul-americano." 26

O trecho acima reproduz as palavras de um Mestre — autoridade suspeita para os céticos e os materialistas. Podemos, no entanto, transcrever as palavras de alguém que pertence ao mesmo rebanho deles — um pássaro da mesma plumagem. Ersnt Hæckel, que, em *sua* distribuição das raças, confirma aquelas declarações quase *palavra por palavra*:

"Parece que a região da superfície da Terra onde se processou a evolução destes homens primitivos, partindo de *seus parentes próximos, os símios catarrinos* (!), deve procurar-se na Índia Meridional ou na África Oriental [que, seja dito entre parênteses, nem existia ainda quando florescia a Terceira Raça], ou na Lemúria. A Lemúria era um antigo continente, hoje submerso nas águas do Oceano Índico, e que, situando-se ao Sul da Ásia atual, se estendia, de um lado, para o Este até a Índia Superior e, do outro lado, para o Oeste até Madagascar e a África." 27

Na época a que nos referimos, o Continente Lemuriano já havia sofrido várias divisões, formando novos continentes separados. Apesar disso, nem a África nem as Américas, e muito menos a Europa, existiam ainda; todos estes continentes dormiam então no fundo dos mares. Nem tampouco havia muito da Ásia atual, pois as regiões de aquém-Himalaia estavam cobertas pelas águas, e, do outro lado, se estendiam as "folhas de Lótus", de Shveta-dvipa, as regiões que hoje se denominam Groenlândia, Sibéria Orien-

(26) *Five Years of Theosophy*, páginas 339-340.

(27) *Pedigree of Man*, trad. de Aveling, páginas 80-81.

tal e Ocidental, etc. O imenso Continente, que outrora dominou soberanamente nos Oceanos Índico, Atlântico e Pacífico, consistia então em enormes ilhas, que desapareceram gradualmente uma após outra, até que a convulsão final lhe arrebatou os últimos remanescentes. A Ilha da Páscoa, por exemplo, pertence ao início da civilização da Terceira Raça. Foi um levantamento vulcânico repentino do fundo do Oceano que fez reaparecer essa pequena relíquia das Idades Arcaicas — depois de haver permanecido submersa com as outras terras. Emergiu intata com o seu vulcão e suas estátuas, durante a época Champlain da submersão polar do Norte, como um testemunho presente da existência da Lemúria. Diz-se que algumas das tribos australianas são tudo o que resta dos últimos descendentes da Terceira Raça.

Nisso também somos apoiados, até certo ponto, pela Ciência materialista. Hæckel, ao falar sobre a raça de cor escura ou malaia de Blumenbach, e sobre os australianos e papuas, observa:

“Há muita semelhança entre estes últimos e os aborígenes da Polinésia, aquele aglomerado de ilhas australianas que parece haver constituído, em certa época, um só e gigantesco continente.”²⁸

Certamente que foi “um só e gigantesco continente”, visto que, durante o curso da Terceira Raça, se estendia de Este a Oeste até onde hoje se encontram as duas Américas. A Austrália atual não era mais que uma fração dele, havendo ainda que acrescentar algumas ilhas sobreviventes que estão disseminadas aqui e ali pela superfície do Oceano Pacífico, e uma larga faixa da Califórnia, que também pertenceu ao mesmo continente. É bem curioso observar que Hæckel, em seu *Pedigree of Man*, considere:

“Os Australianos de hoje como descendentes diretos, quase inalterados [?!] do segundo ramo da raça humana primitiva... que se difundiu para o Norte primeiramente, sobretudo na Ásia, deixando a região em que se passou a infância do homem; — ramo que, parece, foi o tronco do qual saíram todas as demais raças de homens de cabelos lisos... O ramo que tinha cabelos encrespados emigrou em parte para o Oeste [isto é, para a África e, a Leste, para a Nova Guiné, regiões que ainda não existiam, como dissemos]... O de cabelos lisos se desenvolveu mais longe ao Norte, na Ásia, e... povoa a Austrália.”²⁹

Conforme escreveu um Mestre:

“Observai os restos da que foi outrora uma nação poderosa [a Lemúria da Terceira Raça] em alguns dos aborígenes de cabeça achatada da vossa Austrália.”³⁰

São, porém, os remanescentes da sétima sub-raça da Terceira Raça. O Professor Hæckel também deve ter *sonhado*, mas desta vez foi um sonho *verdadeiro*!

(28) *Op. cit.*, página 82.

(29) *Op. cit.*, página 81.

(30) *Esoteric Buddhism*, página 65 (8.^a edição, pág. 67).

É nesse período que devemos buscar o primeiro aparecimento dos antepassados daqueles a quem podemos chamar os povos mais antigos do mundo — isto é, os arianos hindus, os egípcios e os persas primitivos, por uma parte, os caldeus e os fenícios, por outra. Tais povos eram governados por Dinastias Divinas — Reis e Regentes que só tinham do homem mortal a aparência física (*como era então*), sendo Entidades pertencentes a esferas superiores e mais celestias do que virá a ser a nossa daqui a muitos Manvântaras. Certamente que é inútil tentar fazer com que os cétricos admitam a existência desses Seres. O seu maior orgulho está em provar que lhes cabe a denominação patronímica de catarrinos, fato que se esforçam por corroborar com a suposta autoridade do cóccix apenso ao seu osso sacro, essa cauda rudimentar que, se fosse bastante longa, eles agitariam sem cessar, alegremente, em honra de seu eminente descobridor. Esses continuarão tão fiéis aos seus avoengos símios como os cristãos ao seu Adão sem cauda. A Doutrina Secreta, porém, indica aos teósofos e aos estudantes das Ciências Ocultas o caminho certo no tocante a esta questão.

Se considerarmos a segunda parte da Terceira Raça como constituída dos primeiros representantes da *raça realmente humana* com ossos sólidos, então a suposição de Hæckel, de que “a evolução dos homens primitivos se processou... ou na Ásia Meridional ou... na Lemúria”, se apresentará bastante correta, senão de todo exata — estando a África, Oriental e Ocidental, fora de cogitação. Mas, por amor à precisão, deve-se dizer que, assim como a Primeira Raça evoluiu dos corpos dos Pitris em sete regiões perfeitamente distintas do Pólo Ártico, nas únicas terras (então) existentes, assim também se operou a transformação final da Terceira Raça. Principiou ela nas regiões setentrionais que acabamos de descrever e que incluíam o estreito de Behring, e no que então havia de terra firme na Ásia Central, quando o clima era semitropical até mesmo nas zonas árticas e excelentemente adaptado às necessidades primitivas do homem físico incipiente. Essa região, no entanto, tem sido mais de uma vez gelada e tropical, alternadamente, desde que o homem apareceu. O Comentário nos diz que a Terceira Raça se achava somente no ponto médio de seu desenvolvimento, quando:

O eixo da Roda se inclinou. O Sol e a Lua cessaram de brilhar por sobre as cabeças daquela porção dos Nascidos do Suor; a população conheceu a neve, o gelo e a geada; e o desenvolvimento dos homens, das plantas e dos animais foi retardado. Os que não pereceram ficaram como crianças semidesenvolvidas³¹, em tamanho e em inteligência. Foi este o Terceiro Pralaya das Raças³².

Quer isso dizer também que o nosso Globo está sujeito a sete mudanças periódicas e completas, que seguem *pari passu* com as Raças. Pois

(31) “Crianças semidesenvolvidas”, em comparação com seus irmãos gigantesco de outras zonas. É o que nos sucederia atualmente, se fôssemos alcançados por uma calamidade semelhante.

(32) Isto se relaciona com a Lemúria.

a Doutrina Secreta nos ensina que, durante a presente Ronda, tem que haver sete Pralayas terrestres, ocasionados por desvios na posição do eixo na Terra. É uma lei que atua em épocas fixas, e de nenhum modo cegamente, como poderia pensar a Ciência; mas em estrita harmonia com a Lei Cármica. Em Ocultismo esta Lei Inexorável é mencionada como o "Grande AJUSTADOR". A Ciência confessa ignorância quanto às causas a que se devem as mudanças de clima e as alterações na direção do eixo da Terra. Em verdade, parece não estar segura de haver modificações do eixo. Não podendo explicá-las, está pronta a negar de todo a ocorrência desses fenômenos axiais, antes que admitir a intervenção inteligente da Lei Cármica, que, só ela, pode razoavelmente explicar estas mudanças repentinas e os resultados que as acompanham. A Ciência tentou a explicação por meio de especulações várias, mais ou menos fantásticas, uma das quais, imaginada por Boucheporn, seria a colisão brusca da Terra com um Cometa, provocando assim todas essas revoluções geológicas. De nossa parte, preferimos ater-nos à explicação esotérica, pois MOHAT é tão bom como qualquer Cometa e, ademais, tem a Inteligência Universal por guia.

Assim, desde que a humanidade do Manu Vaivasvata surgiu na Terra, já ocorreram quatro dessas perturbações do eixo. Os antigos Continentes, exceto o primeiro, foram absorvidos pelos Oceanos; outras terras apareceram e enormes cordilheiras se ergueram onde não havia montanha alguma. A face do Globo tem se transformado por completo, de cada vez; a "sobrevivência" das nações e raças "mais aptas" foi assegurada por uma assistência oportuna; e as ineptas — as que falharam — desapareceram, varridas da face da Terra. Tais seleções e mudanças não se verificam entre o nascer e o pôr do Sol, como se poderia imaginar, mas requerem vários milênios até que as novas instalações estejam prontas.

As *Sub-raças* estão sujeitas ao mesmo processo de depuração, como também os ramos laterais ou raças de família. Que todo entendido em Astronomia e Matemática lance uma vista retrospectiva sobre o crepúsculo e as sombras do Passado. Que observe e anote tudo o que conheça da história dos povos e nações, e compare suas fases da grandeza e de declínio com o que se sabe dos ciclos astronômicos — e mui especialmente do Ano Sideral, que corresponde a 25.868 de nossos anos solares³³. Se o observador for dotado de alguma intuição, verá então quanto a prosperidade e a decadência das nações se acham intimamente relacionadas com o princípio e o fim deste Ano Sideral. Certo, os que não são ocultistas

(33) Há naturalmente outros ciclos — *ciclos dentro de ciclos* — e é isto precisamente o que torna tão difícil o cálculo dos fenômenos raciais. O circuito da eclíptica se completa em 25.868 anos; e, no que diz respeito à nossa Terra, calculou-se que o ponto equinocial retrocede 50,1" anualmente. Mas há outro ciclo dentro deste ciclo. Diz-se que: "como a apside avança ao seu encontro à razão de 11,24" por ano, isso perfaria uma revolução em 115.302 anos. A aproximação do equinócio e da apside corresponde à soma destes movimentos, 61,34"; e, por conseguinte, o equinócio retorna à mesma posição, relativamente à apside, em 21.128 anos". (Veja-se na *Enciclopédia Britânica* o artigo sobre "Astronomia"). Mencionamos este ciclo em *Isis sem Véu* em relação com outros ciclos. Cada um deles exerce acentuada influência sobre seus contemporâneos.

levam a desvantagem de não poderem basear-se em tempos tão remotos. A Ciência nada lhes ensina sobre o que se passou há cerca de 10.000 anos; podem consolar-se com o conhecimento, ou, se preferem, com a especulação sobre o destino de cada uma das nações modernas que lhes são familiares, nos próximos 16.000 anos. O sentido de tudo isto é muito claro. Em cada Ano Sideral, os trópicos se afastam dos pólos *quatro graus* (em cada revolução dos pontos equinociais) enquanto o equador dá voltas pelas constelações zodiacais. Ora, como sabem todos os astrônomos, os trópicos atualmente se acham somente a vinte e três graus e uma fração (inferior a meio grau) do equador. Restam-lhe, portanto, dois e meio graus a percorrer até o fim do Ano Sideral, o que dá à humanidade em geral, e às nossas raças civilizadas em particular, o prazo de mais uns 16.000 anos.

Após o Grande Dilúvio da Terceira Raça (a dos Lemurianos), conforme nos diz o Comentário XXXIII:

„Os homens diminuíram consideravelmente de estatura, e a duração de sua vida decresceu. Havendo decaído quanto ao aspecto divino, eles se mesclaram com raças animais, e se acasalaram gigantes e pigmeus [as raças anãs dos Pólos]... Muitos adquiriram conhecimentos ilícitos, e seguiram voluntariamente a SENDA DA ESQUERDA.

Foi assim que os Atlantes se aproximaram, por sua vez, da destruição. Quem sabe quantos períodos geológicos foram necessários para que se consumasse essa *quarta destruição*! Dizem-nos, porém, que:

44. Ergueram ³⁴ grandes imagens de nove yatis de altura: o tamanho de seus corpos ³⁵ (a). Fogos internos haviam destruído a terra de seus Pais ³⁶. A água ameaçava a Quarta ³⁷ (b).

(a) Vale observar que a maior parte das estátuas gigantescas encontradas na Ilha da Páscoa — fragmento inegável de um continente submerso — assim como as que o foram nos confins do deserto de Gobi, região que esteve sob as águas durante idades incalculáveis, têm todas de vinte a trinta pés de altura. As da Ilha da Páscoa, descobertas por Cook, tinham quase todas vinte e sete pés de altura e oito pés de ombro a ombro ³⁸. Não ignora a autora que os arqueólogos modernos decidiram que “estas estátuas não são muito antigas”, conforme declarou um alto funcionário do Museu Britânico, onde hoje se encontram algumas delas. Trata-se, porém, de uma dessas decisões arbitrárias da Ciência moderna, que carecem de valor por si mesmas.

Dizem-nos que, após a destruição da Lemúria pelos fogos subterrâneos, foram os homens decrescendo constantemente de estatura — pro-

(34) Os Atlantes.

(35) Vinte e sete pés.

(36) Os Lemurianos.

(37) Raça.

(38) Veja-se a Subseção seguinte: “Ruínas Ciclópicas e Pedras Colossais como testemunho dos Gigantes”, página 175.

cesso que já havia começado com a sua Queda física — e que finalmente, alguns milhões de anos depois, diminuíram para seis ou sete pés, e agora estão se reduzindo, como sucede com as raças asiáticas, a perto de cinco pés. Conforme observa Pickering, há na raça Malaia (sub-raça da Quarta Raça-Raiz) uma curiosa diversidade de estaturas: os membros da família polinésia, como os habitantes das ilhas de Taiti, Samoa e Tonga, *são de estatura mais elevada que o resto da espécie humana*; mas a das tribos indianas e dos habitantes dos países indo-chineses é positivamente inferior à média geral. A explicação é fácil. Os polinésios pertencem às primeiras das sub-raças sobreviventes; os outros às últimas e menos fixas do tronco. Assim como a raça dos tasmânicos está hoje extinta, e a dos australianos tende rapidamente a desaparecer, não tardará a suceder o mesmo com as outras raças antigas.

(b) Como foi possível conservar estes anais? — hão de perguntar-nos. Os nossos sábios e amáveis orientalistas negam até mesmo o conhecimento do Zodíaco pelos hindus arianos, que dele não teriam a menor idéia antes que fosse introduzido em seu país pelos gregos. Essa calúnia, de todo desnecessária, foi suficientemente refutada por Bailly e, mais ainda, pela indiscutível *evidência dos fatos*, sendo portanto inútil que se continue insistindo na falsidade. Enquanto os Zodíacos egípcios³⁹ oferecem provas irrefutáveis de anais que abrangem um período de três e meio Anos Siderais — ou cerca de 87.000 anos solares —, os cálculos hindus versam sobre trinta e três daqueles Anos, ou seja, 850.000 anos solares. Os sacerdotes egípcios afirmaram a Heródoto que o Pólo da Terra e o Pólo da Eclíptica haviam já coincidido anteriormente. Mas observa o autor de *Sphinxyard*:

“Estes pobres hindus ignorantes possuem o registro de conhecimentos astronômicos que compreendem dez vezes 25.000 anos, desde o [último] Dilúvio [local, da Ásia] ou Idade do Horror.”

E dispõem de observações em seus anais que remontam ao primeiro Grande Dilúvio a que se referem as reminiscências *históricas* dos Arianos — o Dilúvio que fez submergir o que então restava da Atlântida, há 850.000 anos. Os Dilúvios anteriores pertencem, obviamente, mais à tradição que à história.

O afundamento e a transformação da Lemúria tiveram início quase no Círculo Ártico (Noruega), e a Terceira Raça terminou o seu ciclo em Lanka, ou melhor, no que se converteu em Lanka para os Atlantes. O diminuto resto que hoje conhecemos sob o nome de Ceilão é a terra montanhosa da antiga Lanka, e a enorme ilha deste nome era, nos tempos da Lemúria, o gigantesco continente já descrito. Como diz um Mestre:

Por que não admitem os vossos geólogos que sob os continentes conhecidos e explorados por eles... possam existir, em profundidades insondáveis, ou melhor, sob os leitos inatingidos dos oceanos, outros continen-

(39) Veja-se *Voyage en Egypte*, de Denon, vol. II.

tes muito mais antigos, cujos estratos jamais foram explorados geologicamente e que poderão um dia revolucionar por completo as teorias atualmente em voga? Por que não admitir que os nossos continentes atuais já tenham estado, como a Lemúria e a Atlântida, submersos por várias vezes, e tido a oportunidade de reaparecer novamente, abrigando outros grupos de humanidade e de civilização; e que, à primeira convulsão geológica no próximo cataclismo, da série que ocorre periodicamente desde o princípio ao fim de cada Ronda, os nossos continentes, já em decomposição, virão a submergir, reaparecendo as Lemúrias e as Atlântidas outra vez?"⁴⁰

Não exatamente os mesmos continentes, sem dúvida. Uma explicação, porém, se faz necessária. A teoria de uma Lemúria setentrional não pode dar lugar a nenhuma confusão. O prolongamento desse grande continente na parte norte do Oceano Atlântico não contraria, em absoluto, a opinião geralmente aceita quanto à localização da Atlântida desaparecida, e as duas coisas se confirmam mutuamente. Convém não esquecer que a Lemúria, que serviu de berço à Terceira Raça-Raiz, ocupava não só uma vasta área no Oceano Pacífico, como ainda se estendia, em forma de ferradura, para além de Madagascar, contornava a África do Sul (então simples fragmento em processo de formação) e alcançava a Noruega através do Oceano Atlântico. O grande depósito de água doce chamado o *Wealden inglês* — que todos os geólogos consideram a desembocadura de um grande rio anterior — não é senão o leito da corrente principal que desaguava na Lemúria Setentrional durante a era Secundária. A existência real desse rio em outros tempos é um fato científico; reconhecerão os seus partidários, como consequência, a necessidade de aceitar uma Lemúria Setentrional da Era Secundária?

O Professor Berthold Seemann admitia não só a realidade desse grande continente, mas ainda que a *Austrália e a Europa faziam parte, outrora, de um mesmo continente* — corroborando assim toda a teoria da "ferradura", já enunciada. Não poderia haver confirmação mais expressiva dos nossos assertos que neste fato: a *elevada cordilheira* da bacia do Atlântico, que tem a altura de 9.000 pés e se estende para o Sul num percurso de duas a três mil milhas a partir de um ponto próximo das Ilhas Britânicas, torce primeiramente para a América do Sul, e depois *muda quase em ângulo reto* para continuar em uma direção *Sudeste até a costa africana*, de onde se prolonga para o Sul, rumo a Tristão da Cunha. Essa cordilheira é o resto de um continente atlântico; e, se fosse possível continuar seguindo-lhe a direção, deixaria patente a realidade de um ponto de junção submarino, sob a forma de ferradura, com um continente do Oceano Índico em tempos passados⁴¹.

A *parte atlântica da Lemúria* foi a base geológica do que é geralmente conhecido por Atlântida, mas que se deve antes considerar como um de-

(40) Veja-se *Esoteric Buddhism*, páginas 17 e 18 (8.ª edição).

(41) Consulte-se a carta organizada após as sondagens do *Challenger* e do *Dauphin*, e que figura no livro *Atlantis: the Antediluvian World*, de Donnelly, página 47.

envolvimento da continuação atlântica da Lemúria, do que como uma massa de terra completamente nova, levantada para atender às exigências especiais da Quarta Raça-Raiz. O que ocorre com as sucessivas mudanças e ajustamentos das massas continentais é análogo ao que sucede com a evolução das Raças: não se pode traçar uma linha demarcatória bem definida entre o término de uma antiga ordem de coisas e o começo de outra. A continuidade dos processos naturais não se interrompe nunca. Assim, a Quarta Raça Atlante se desenvolveu de um núcleo de Homens da Terceira Raça da Lemúria Setentrional, concentrado em um ponto situado mais ou menos onde fica atualmente o meio do Oceano Atlântico. Seu continente formou-se pela união de muitas ilhas e penínsulas que se ergueram acima das águas no transcurso normal dos séculos *para finalmente se converterem na verdadeira morada da grande Raça conhecida como Atlante*. Uma vez consumada essa formação, é óbvio que, conforme o assinalam as autoridades Ocultas mais elevadas:

A Lemúria já não deve ser confundida com a Atlântida, da mesma forma que a Europa não se confunde com a América ⁴².

Partindo de uma fonte tão desdenhada pela Ciência ortodoxa, o que se acaba de expor será considerado uma ficção mais ou menos feliz. Até mesmo a interessante obra de Donnelly não entra em linha de conta, apesar de todas as suas razões se basearem em provas de cunho estritamente científico. Mas nós escrevemos para o futuro. Novos descobrimentos neste campo virão fazer justiça aos filósofos asiáticos, confirmando o asserto de pretenderem que as ciências — inclusive a Geologia, a Etnologia e a História — foram estudadas pelos povos antediluvianos que viveram há incalculáveis idades. Futuros “achados” justificarão o fundamento das atuais observações de inteligências tão penetrantes como as de H. A. Taine e Renan. O primeiro declara que as civilizações das nações arcaicas, tais como as dos egípcios, arianos da Índia, caldeus, chineses e assírios, foram o resultado de civilizações anteriores que duraram “*miríades de séculos*” ⁴³, e o segundo chama a atenção para o fato de que:

“O Egito, desde o começo, aparece maduro, velho e sem idades míticas e heróicas, como se o país jamais houvesse conhecido a juventude. Sua civilização não tem infância, e suas artes nenhum período arcaico. A civilização da Velha Monarquia não principia pela infância. Já estava na maturidade.” ⁴⁴

E o Professor R. Owen acrescenta que:

“Segundo os anais, o Egito já era uma comunidade civilizada e governada *antes* da época de Menes.”

Winchel menciona que:

(42) *Esoteric Buddhism*, página 67 (8.^a edição).

(43) *History of English Literature*, página 23.

(44) Citado em *Atlantis*, página 132.

“No tempo de Menes, os egípcios já formavam um povo civilizado e numeroso. Manetho nos diz que Athotis, filho do primeiro rei Menes, fez construir o palácio de Menfis; que era médico e deixou *obras de anatomia*.”

Isso é perfeitamente natural — se devemos crer nos relatos de Heródoto, o qual afirma em *Euterpe* (CXLII) que a história escrita dos sacerdotes egípcios remontava a uns 12.000 anos antes de sua época. Mas que são 12.000 anos, ou mesmo 120.000, comparados aos milhões de anos transcorridos desde os tempos da Lemúria? Esta última, porém, não fica sem testemunhos, apesar de sua tremenda antiguidade. Informações completas sobre o crescimento, o desenvolvimento e a vida social e política dos Lemurianos foram conservados nos Anais Secretos. Infelizmente, a sua leitura não está ao alcance de qualquer um; e os que porventura os pudessem ler não seriam capazes de compreendê-los, a menos que conhecessem as sete chaves do seu simbolismo. Porque a compreensão da Doutrina Oculta está baseada na das Sete Ciências; e estas Ciências têm sua expressão nas sete diferentes aplicações dos Anais Secretos dos textos exotéricos. Assim, temos que levar em conta modos de pensamento em sete planos de Idealidade completamente distintos. Cada texto se relaciona com um dos seguintes pontos de vista, segundo o qual deve ser interpretado:

- I. Plano realista do Pensamento.
- II. Plano idealista.
- III. Plano puramente divino ou Espiritual.

Os outros planos transcendem demasiadamente a consciência média, sobretudo a da mente materialista, para que possam ser ao menos simbolizados em termos de linguagem corrente. Não há, nos antigos textos religiosos, nenhum elemento exclusivamente *mítico*; mas é mister descobrir a modalidade de pensamento que serviu de base à sua redação original, não a perdendo de vista um momento sequer durante a interpretação. Pois o texto pode ser: simbólico, segundo o modo arcaico; emblemático, segundo outro modo também muito antigo, mas posterior; parabólico ou alegórico; hieroglífico ou logográfico, o mais difícil de todos os métodos, em que cada letra representa uma palavra inteira, como no chinês.

Assim, quase todos os nomes próprios, nos *Vedas*, no *Livro dos Mortos* e, até certo ponto, na *Bíblia*, se compõem de tais logógrafos. Ninguém, que não esteja iniciado nos mistérios da logografia religiosa Oculta, pode pretender que conhece o significado de um nome em um fragmento antigo, sem que antes conheça o sentido de cada uma das letras que o compõem.

Como esperar, portanto, que o mero pensador profano, por maior que seja a sua erudição quanto ao simbolismo por assim dizer ortodoxo — isto é, o simbolismo que nunca pode libertar-se dos moldes cedidos do mito solar e do culto sexual — como esperar, repetimos, que o investigador profano possa penetrar os arcanos que estão do outro lado do véu? Aquele que não se ocupa senão da cortiça ou casca da letra morta, e se dedica a transformações caleidoscópicas de palavras simbólicas estéreis, jamais poderá transpor os limites das divagações dos mitólogos modernos.

Ver-se-á, portanto, que Vaivasvata, Xisutro, Deucalião, Noé, etc., figuras principais dos Dilúvios do Mundo, universais ou parciais, astronômicos ou geológicos, todos oferecem em seus próprios nomes a exposição das causas e efeitos que conduziram ao acontecimento, desde que tais nomes possam ser decifrados por completo. Esses Dilúvios se baseiam todos em fatos da Natureza, e — quer fossem siderais, geológicos ou simplesmente alegóricos — persistem como reminiscências *históricas* de um acontecimento moral passado em outros planos superiores do ser. Cremos que isso já foi suficientemente demonstrado por ocasião da extensa explicação requerida pelas Estâncias alegóricas.

Falar de uma raça de nove “yatis” ou vinte e sete pés de altura, em obra que pretenda um caráter mais científico do que, por exemplo, a história de “Jack, o matador de Gigantes”, é um procedimento algo inusitado. Onde se acham as provas? — hão de perguntar à autora. Na história e na tradição, eis a resposta. As tradições que se referem a uma raça de gigantes, em tempos remotos, existiam em doutrinas orais e escritas. A Índia teve os seus Dânavas e Daityas; Ceilão, os seus Râkshasas; a Grécia, os seus Titãs; o Egito, os seus Heróis colossais; a Caldéia, os seus Izdubars (Nemrods); e os judeus, os Emim da terra de Moab, assim como os famosos gigantes Anakim⁴⁵. Moisés fala de Og, um rei cujo “leito” media nove côvados de comprimento (15 pés e 4 polegadas) e quatro de largura⁴⁶, e Goliath tinha “seis côvados e um palmo” de altura (ou 10 pés e 7 polegadas).

A única diferença entre a “escritura revelada” e as provas que nos proporcionam Heródoto, Deodoro de Sicília, Homero, Plínio, Plutarco, Filóstrato, etc., é a seguinte: Enquanto os pagãos só mencionam *esqueletos de gigantes*, mortos em incalculáveis eras passadas, relíquias que alguns deles *havião pessoalmente visto*, os intérpretes da *Bíblia* pretendem — sem corar — que a Geologia e a Arqueologia creiam que vários países eram, no tempo de Moisés, habitados por esses gigantes, que existiam ainda nos dias de Josué e David, e ao pé dos quais os judeus eram como gafanhotos. Mas, a seu pesar, a própria cronologia judaica a isso se opõe: cumpre-lhe optar entre ela e os gigantes.

Há ainda alguns testemunhos da existência de continentes submersos e dos colossos humanos que os habitavam. A Arqueologia aponta vários; mas, limitando-se a perguntar, perplexa, “o que poderão ser”, nunca se preocupou seriamente em decifrar o misterioso enigma. Sem falar nas estátuas da Ilha da Páscoa, já mencionadas — a que época pertencem as estátuas colossais que ainda se acham de pé, intactas, perto de Bamian? Segundo o costume, a Arqueologia as atribui aos primeiros séculos do Cristianismo, e erra nisto como em muitas outras especulações. Uma ligeira descrição mostrará ao leitor o que são as estátuas da Ilha de Páscoa e de Bamian. Examinemos primeiro o que a esse respeito sabe a Ciência ortodoxa:

(45) *Números*, XIII, 33.

(46) *Deut.*, III, 11.

"Teapi, Rapa-nui ou Ilha da Páscoa é um ponto isolado a quase 2.000 milhas da costa sul-americana... Tem cerca de doze milhas de comprimento por quatro de largura... e no seu centro vê-se uma cratera extinta que tem 1.050 pés de altura. A ilha está coberta de crateras há tanto tempo extintas que não há tradição alguma quanto a época de sua atividade." 47

Mas quem fez as imagens de pedra 48 que são hoje a principal atração para os visitantes da ilha? "*Ninguém sabe*", responde um autor.

"É mais provável que já estivessem ali quando chegaram os atuais habitantes [um punhado de selvagens polinésios]... A mão-de-obra que presidiu a sua execução é de ordem superior... e tem-se como certo que a raça que as construiu se comunicava com os indígenas do Peru e de outras partes da América do Sul... Ainda no tempo da visita de Cook, algumas das estátuas — que mediam vinte e sete pés de altura e oito pés de ombro a ombro — jaziam por terra, enquanto outras, ainda em pé, pareciam muito maiores. Uma destas últimas era tão alta que sua sombra dava para abrigar um grupo de trinta pessoas contra os raios do sol. Os pedestais que suportavam essas colossais estátuas tinham, em média, trinta a quarenta pés de comprimento por doze a dezesseis de largura... todos construídos em pedras lavradas, no estilo ciclópico, e muito parecidos com os muros do templo de Pachacamac, ou com as ruínas de Tiahuanaco, no Peru." 49

"Não há razão alguma que nos leve a crer hajam sido essas estátuas construídas, pedaço por pedaço, com o auxílio de andaimes levantados ao seu redor" — acrescenta mui sugestivamente o autor, sem explicar de que outra maneira poderiam ter sido construídas, a menos que o fossem por gigantes da mesma altura que as estátuas. Duas das melhores entre elas estão hoje no Museu Britânico. As estátuas de Ronororaka são quatro: três profundamente enterradas no solo e uma descansando sobre as espáduas como um homem adormecido. Seus tipos diferem entre si, embora tenham todas a cabeça comprida; sendo evidente que representam retratos, pois os narizes, as bocas e os queixos variam muito de forma; a cobertura da cabeça — uma espécie de gorro chato, com uma peça adicional para proteger a nuca — prova que os originais não eram selvagens da Idade da Pedra. Pode-se, em verdade, indagar quem as fez. Mas não é provável que a resposta possa ser dada pela Arqueologia, nem pela Geologia, se bem que esta última reconheça a ilha como parte de um continente submerso.

E quem terá esculpido as estátuas, ainda mais colossais, de Bamian, que são as mais altas e gigantescas do mundo inteiro? Sim, porque a "Estátua da Liberdade", de Bartholdi, que hoje se vê na entrada de Nova Iorque, é *aná* comparada com a maior das cinco estátuas. Burnes e vários sábios jesuítas, que visitaram Bamian, falam em uma montanha "toda perfurada com gigantescas células" e em dois imensos gigantes talhados na rocha. Dizem que estes se referem aos Miao-tsé modernos (veja-se acima a citação de *Shoo-King*), últimos testemunhos que subsistem dos Miao-tsé

(47) Robert Brown, *The Countries of the World* (página 41).

(48) *Ibid.*, páginas 44 e seguintes.

(49) *Ibid.*, páginas 43-44 e seguintes, e 310-311.

que “conturbaram a Terra”. Os jesuítas têm razão, e enganam-se os arqueólogos que vêem Buddhas nas maiores dessas estátuas. Pois todas essas incontáveis ruínas gigantescas, que em nossos dias são descobertas, umas após outras, assim como as imensas avenidas margeadas de ruínas colossais, que cruzam a América do Norte, ao longo e do outro lado das Montanhas Rochosas, são obra dos Ciclopes, os verdadeiros e efetivos Gigantes de antanho. Relata um explorador moderno que foram encontradas “na América, perto de Munte (?), massas de enormes ossadas humanas”, precisamente no sítio assinalado pela tradição local como o ponto em que desembarcaram aqueles Gigantes que invadiram a América quando esta acabava de emergir do seio das águas⁵⁰.

O mesmo rezam as tradições da Ásia Central a respeito das estátuas de Bamian. Que são elas, e que é o lugar onde têm estado desde séculos sem conta, desafiando os cataclismos ao seu redor e até mesmo a ação do homem, como, por exemplo, as hordas de Timur e os vândalos guerreiros de Nadir Shah? Bamian é uma pequena e miserável cidade, meio em ruínas, situada na Ásia Central, na metade do caminho entre Cabul e Balkh, ao pé do Koh-i-baba, montanha enorme do Paropamisso, ou Cordilheira do Indo-Kush, que fica a 8.500 pés acima do nível do mar. Em outros tempos, Bamian fazia parte da antiga cidade de Djuldjul, saqueada e destruída, até a última pedra, por Gengis-Khan, no século XIII. Todo o vale está cercado de rochas colossais, cheias de cavernas e grutas, parte naturais e parte artificiais, que serviram antigamente de morada para os monges budistas, que ali haviam instalado os seus Vihâras (mosteiros). Ainda hoje se vêem em profusão esses Vihâras nos templos indianos escavados nas rochas, bem como nos vales de Jellalabad. Em frente de algumas dessas cavernas foram descobertas em nosso século, ou melhor, *redescobertas* (pois a famoso explorador chinês Hiuen Tshang conta que as viu quando visitou Bamian no século VII), cinco estátuas de tamanho colossal, que se supõe representarem Buddha.

A afirmação de que não existem estátuas maiores em toda a superfície do Globo pode confirmar-se facilmente com o testemunho de todos os viajantes que as examinaram e lhes tomaram as medidas. Assim, a maior de todas mede 173 pés de alto, ou seja, *setenta* pés mais que a “Estátua da Liberdade” de Nova York, a qual tem apenas 105 pés ou 34 metros de altura. O célebre Colosso de Rodas, entre cujas pernas passavam com facilidade os maiores navios da época, contava somente 120 a 130 pés de altura.

A segunda estátua em tamanho, que é também talhada na rocha como a primeira, tem 120 pés, isto é, quinze mais que a da “Liberdade”⁵¹. A

(50) De La Vega, cap. IX, pág. IX, citado por De Mirville em *Des Esprits*, vol. III, página 55.

(51) A primeira e a segunda, tal como a de Bartholdi, têm uma entrada na base, que conduz, por meio de uma escada em caracol talhada na rocha, até o interior da cabeça. O Marquês de Nadylac, eminente arqueólogo e antropólogo francês, observa com acerto, em sua obra, que nunca houve, seja na antiguidade ou nos tempos mo-

terceira mede apenas 60 pés; as outras duas são ainda menores, sendo que a última é só um pouco mais alta que a média dos homens de grande estatura de nossa Raça atual.

O primeiro e maior dos colossos representa um homem envolto em uma espécie de "toga"; o Sr. de Nadeylac pensa que a aparência geral da figura, as linhas da cabeça, o vestuário e principalmente as longas orelhas pendentes são indicações inegáveis de que se pretendia representar Buddha. A verdade, porém, é que isso nada prova. Apesar de as figuras que atualmente existem de Buddha, na postura de Samâdhi, o representarem com longas orelhas pendentes, trata-se de uma inovação relativamente recente, de uma idéia posterior. A razão primitiva devia-se a uma alegoria esotérica. As orelhas muito compridas, não naturais, simbolizam a onisciência da Sabedoria, e tinham por objetivo fazer recordar o poder d'Aquele que *tudo sabe e tudo ouve*, e a cuja benevolência, amor e atenção para com todas as criaturas ninguém ou nada pode esquivar-se. Assim diz um sloka:

O Senhor misericordioso, nosso Mestre, ouve o grito de agonia do mais humilde dos humildes, do outro lado dos vales e das montanhas, e corre em seu socorro.

Gautama Buddha era indo-ariano, e só se vêem orelhas semelhantes àquelas entre os mongóis da Birmânia e do Sião, os quais, como também na Cochinchina, costumam deformar artificialmente os pavilhões auditivos. Os monges budistas, que transformaram as grutas dos Miao-tsé em Vihâras e celas, vieram para a Ásia Central lá pelo começo do primeiro século da era cristã. Por isso, Hiuen Tshang, referindo-se à colossal estátua, disse que "o brilho dos ornamentos de ouro que cobriam a estátua", quando a visitou, "ofuscava a vista"; mas hoje não resta nenhum vestígio dos dourados. O vestuário, em contraste com a figura propriamente dita, talhada na rocha viva, é feito de gesso e moldado sobre a imagem de pedra. Talbot, que procedeu a um exame dos mais minuciosos, descobriu que o vestuário pertence a uma época muito posterior. Deve-se, pois, atribuir à estátua em si mesma uma época bem anterior ao Budismo. Neste caso, ocorre a pergunta: que representa ela?

Mais uma vez a tradição, confirmada pelos anais escritos, soluciona a questão e esclarece o mistério. Os Arhats e os Ascetas budistas encontraram as cinco estátuas, além de muitas outras que agora estão destruídas. Três delas, que se achavam em nichos colossais, na entrada de suas futuras moradas, foram revestidas de gesso, e, sobre as velhas estátuas, eles modelaram outras novas para representar o Senhor Tathâgata. As paredes internas dos nichos estão cobertas até hoje com brilhantes pinturas de seres humanos, vendo-se a imagem de Buddha reproduzida em todos os grupos. Estes afrescos e ornamentos — que lembram o estilo das pinturas bizantinas — devem-se todos às mãos piedosas dos Ascetas, como também outras estátuas menores

dermos, nenhuma estátua humana de porte maior que a primeira destas duas. (Ver Nadeylac, *Les Premiers Hommes et les temps préhistoriques*, 2 volumes, Paris, Masson.)

e ornamentos lavrados na rocha; mas as cinco estátuas são obra dos Iniciados da Quarta Raça, que, após a submersão de seu continente, buscaram refúgio nos desertos e nos cumes das montanhas da Ásia Central. Estas cinco estátuas, portanto, são uma reminiscência imorredoura do Ensino Esotérico referente à evolução gradual das Raças.

A maior representa a Primeira Raça da humanidade, cujo corpo etéreo foi assim perpetuado na pedra dura e indestrutível, para instrução das gerações vindouras; porque de outro modo sua lembrança não teria jamais sobrevivido ao Dilúvio atlante. A segunda — a de 120 pés de alto — representa os Nascidos do Suor; e a terceira — a de 60 pés — imortaliza a raça que caiu, inaugurando assim a primeira Raça física, nascida de pai e mãe, e cujos últimos descendentes estão simbolizados nas estátuas encontradas na Ilha da Páscoa. Estes descendentes tinham só 20 a 25 pés de estatura no tempo em que a Lemúria foi submergida, depois de sua quase total destruição por fogos subterrâneos. A Quarta Raça era ainda menor, posto que gigantesca em comparação com a nossa Quinta Raça; e a série termina com esta última.

Tais são os "Gigantes" da antiguidade, os Gibborim ante e pós-diluvianos da *Bíblia*. Viveram e floresceram há um milhão de anos, e não há três ou quatro mil somente. Os Anakim de Josué, comparados aos quais os judeus eram como "gafanhotos", não passam de um produto da imaginação israelita, a menos que o povo de Israel pretenda que a origem ou antiguidade de Josué remonta ao período Eoceno ou, quando menos, ao período Mioceno, e converta em milhões de anos os milênios de sua cronologia.

Em tudo o que se refere aos tempos pré-históricos, o leitor deve ter presentes as sábias palavras de Montaigne. Eis o que diz o grande filósofo francês:

"Dá prova de tola presunção o que despreza e condena como falso aquilo que aos seus olhos não se apresenta desde logo como verossímil ou verdadeiro; é o erro habitual de todos aqueles que estão persuadidos de ser mais perspicazes do que o comum das pessoas.

"A razão nos ensinou que condenar resolutamente uma coisa por falsa e impossível é o mesmo que arrogar-se o privilégio de impor termo e limites à vontade de Deus e querer sujeitar ao próprio capricho o poder de nossa mãe comum, a Natureza; e não existe no mundo uma estultice maior do que tentar reduzi-los à medida da nossa capacidade e aos lindes de nossas aptidões...

"Se classificamos como monstros ou milagres as coisas que a nossa mente não pode alcançar, quantos fatos semelhantes não se oferecem diariamente aos nossos olhos? Detenhamo-nos em considerar através de quantos véus, e quão cegamente, chega até nós a percepção da maior parte das coisas que passam pelas nossas mãos; na realidade, veremos que é antes o hábito que a ciência o que lhes confere o caráter de singularidade; e também veremos que, se tais coisas novamente se nos apresentassem, haveríamos de considerá-las tanto ou mais improváveis e incríveis que outras quaisquer." ⁵²

(52) *Ensaio*, Livro I, cap. XXVI.

O estudante imparcial, antes de negar a possibilidade de *nossa* história e de nossos anais, devia pesquisar, tanto na história moderna como nas tradições universais de que está repleta a literatura antiga e também a do nosso tempo, os traços deixados por aquelas maravilhosas raças primitivas. Poucos entre os incrédulos suspeitam os tesouros de provas que se podem descobrir, esparsos e escondidos por toda a parte, inclusive no Museu Britânico. Convidamos o leitor a deter-se por mais um instante sobre este assunto, na Seção que se segue.

RUÍNAS CICLÓPICAS E PEDRAS COLOSSAIS COMO TESTEMUNHO DOS GIGANTES

De Mirville, em suas volumosas obras *Mémoires Adressés aux Académies*, propondo-se levar a cabo a tarefa de provar a realidade do Demônio e de mostrar que este fazia e faz parte de todos os ídolos antigos e modernos, reuniu algumas centenas de páginas de “documentos históricos”, tendentes a demonstrar que no tempo dos “milagres” havia pedras, tanto pagãs como bíblicas, que andavam, falavam, proferiam oráculos e até cantavam; e que, por último, a “Pedra de Cristo” ou “Rocha de Cristo”, a “Rocha Espiritual” que seguia Israel⁵³, “se converteu em Júpiter-lápide”, devorado por seu pai Saturno “sob a forma de uma pedra”⁵⁴.

Não nos deteremos em discutir o evidente abuso e a materialização das metáforas bíblicas, com o objetivo único de provar o “Satanismo” dos ídolos, embora muito se possa dizer a esse respeito⁵⁵. Mas, sem pretender atribuir aquelas faculdades ambulatórias e psíquicas às nossas pedras, podemos, de nossa parte, reunir toda espécie de provas úteis ao nosso alcance para mostrar: (a) que, sem existirem gigantes para movimentar rochas tão colossais, jamais seria possível um Stonehenge, um Carnac (Bretanha) ou outra construção ciclópica semelhante; e (b) que, se não houvesse o que se chama Magia, nunca surgiriam tantos testemunhos de pedras “que falam” ou “que proferem oráculos”.

No *Achaica*, vemos Pausânias confessar que, ao principiar sua obra, havia considerado os gregos como excessivamente *estúpidos*, porque “adoravam pedras”; mas acrescentou que, depois de sua chegada a Arcádia, “mudou de opinião”⁵⁶. Por isso, sem ser preciso adorar pedras, ou, o que é a mesma coisa, ídolos e imagens de pedra — crime de que os católicos ro-

(53) *I Corinth.*, X, 4.

(54) *Des Esprits*, III, pág. 283.

(55) Saturno é Cronos, o “Tempo”. Júpiter-pedra foi por ele devorado; e este episódio pode um dia converter-se em profecia. “Pedro (*cephas, lapis*) é a pedra sobre a qual se acha edificada a Igreja de Roma” — dizem-nos; mas Cronos (Chronos) seguramente haverá de devorá-la um dia, como devorou Júpiter-pedra e outros personagens maiores.

(56) *Des Esprits*, pág. 284.

manos imprudentemente acusam os pagãos — é lícito crer no que tantos filósofos eminentes e tantos homens santos têm acreditado, sem com isto merecerem o apoio de “idiotas” por parte dos Pausânias modernos.

Recomendamos ao leitor que se dirija à *Académie des Inscriptions*, se deseja estudar as diversas propriedades do sílex e do eixo, do ponto de vista dos poderes mágicos e psíquicos. Em um poema sobre as “Pedras”, atribuído a Orfeu, são elas divididas em Ofitas e Sideritas, as “Pedras da Serpente” e as “Pedras-Estrelas”.

“A Ofita é áspera, dura, pesada, negra, e tem o dom da palavra; quando alguém se prepara para atirá-la, emite um som parecido com o grito de uma criança. Foi por meio dessa pedra que Heleno predisse a ruína de Tróia, sua pátria.”⁵⁷

Sanchuniathon e Filon de Biblos, referindo-se a esses “bétilos”, os chamam “pedras animadas”. Fócio repete o que Damascio, Asclepiades, Isidoro e o médico Eusébio afirmaram antes dele. Eusébio, especialmente, nunca se separava de suas ofitas, que trazia sobre o peito, e delas recebia oráculos, proferidos numa semivoz que semelhava um surdo murmúrio⁵⁸. Arnóbio, um santo homem, que “de pagão se converteu em um dos luminares da Igreja”, segundo dizem os cristãos aos seus leitores, confessa que nunca podia ver uma dessas pedras sem que lhe fizesse uma pergunta, “à qual ela por vezes respondia com uma pequena voz, clara e aguda”. Em que consiste, pois, a diferença entre as ofitas cristãs e as pagãs? — indagamos.

A famosa pedra de Westminster tinha o nome de *liafail*, “a pedra que fala”, e só alteava a voz para nomear o rei que devia ser escolhido. Cambry, em seu livro *Monuments Celtiques*, conta que a viu quando tinha continha a seguinte inscrição⁵⁹:

*Ni fallat latum, Scoti quocumque locatum
Invenient lapidem, regnasse tenentur ibidem.*

Finalmente, Suidas fala em certo Heræscus, que podia distinguir, com um só olhar, as pedras inanimadas das que eram dotadas de movimento; e

(57) Falconnet, *op cit.*, t. VI, *Mém.*, pág. 513 — citado por De Mirville, *op cit.* pág. 283.

(58) Provavelmente a mesma voz mansa ouvida por Elias na entrada da caverna, depois do terremoto (*I Reis*, XIX, 12).

(59) As pedras oscilantes ou “logan” têm vários nomes, tais como: o *clachabrath* dos celtas, a “pedra do destino ou do julgamento”; a pedra-profetisa ou “pedra-ordálio” e a pedra-oráculo; as pedras moventes ou animadas, dos Fenícios; a pedra que rosna, dos Irlandeses. A Bretanha tem suas “*pierres branlantes*” em Huelgoat. São encontradas tanto no Velho como no Novo Mundo: nas Ilhas Britânicas, França, Espanha, Itália, Rússia, Alemanha, etc., e também na América do Norte (ver *Letters from North America*, de Hodson, vol. II, pág. 440). Plínio menciona a existência de várias na Ásia (*Hist. Nat.*, I, 96), e Apolônio de Rodas discute longamente sobre as pedras oscilantes, e diz que são “pedras colocadas em cima dos túmulos, e tão sensíveis que podem ser postas em movimento pela mente” (Ackerman, *Arth. Index*, pág. 34), querendo sem dúvida referir-se aos sacerdotes antigos que moviam essas pedras a distância, com o poder da vontade.

Plínio menciona pedras “que se afastavam quando a mão se aproximava delas” ⁶⁰.

De Mirville — que procura justificar a *Bíblia* — indaga muito a propósito por que as pedras colossais de Stonehenge eram chamadas antigamente *chior-gaur*, ou o “bailado dos gigantes” (de *cor*, dança, e daí vem *chorea*, e de *gaur*, gigante). E depois encaminha o leitor ao Bispo de Saint-Gildas para ter uma resposta. Mas autores de livros como *Voyage dans le Comté de Cornouailles sur les Traces des Géants* e outras obras eruditas sobre as ruínas de Stonehenge ⁶¹, Carnac e West Hoadley, dão informes mais completos e dignos de fé quanto a este assunto especial. Naquelas regiões — verdadeiros bosques de rochedos — vêem-se imensos monólitos, “alguns pesando mais de 500.000 quilogramas”. As “pedras suspensas” da planície de Salisbury acredita-se que sejam os restos de um templo druídico. Mas os Druidas eram homens históricos, e não Ciclopes ou Gigantes. Quem, pois, *senão gigantes*, poderia ter levantado semelhantes moles — principalmente as de Carnac e de West Hoadley — dispondo-as em tal ordem simétrica que pudessem representar o planisfério, e assentando-as com tal maravilhoso equilíbrio que parece mal tocarem o solo; sendo ainda de notar que, embora o mais leve toque de um dedo as faça mover-se, resistiriam, contudo, aos esforços de vinte homens que tentassem deslocá-las?

Se dissermos que essas pedras, em sua maioria, são relíquias dos últimos Atlantes, objetar-nos-ão que todos os geólogos atribuem a elas uma causa natural; que uma rocha, quando submetida ao atrito — isto é, quando vai perdendo camada após camada de sua substância sob a ação do ar através dos tempos —, toma aquela forma; que os “tors” do Oeste da Inglaterra exibem formas curiosas, que são devidas à mesma causa. E assim, já que todos os homens de ciência consideram “as pedras como de origem puramente natural, sendo o vento, a chuva, etc., os agentes provocadores da desintegração das rochas por camadas sucessivas”, a veracidade do nosso asserto será contestada, tanto mais porque “estamos vendo, ao nosso redor, elaborar-se atualmente esse processo de modificação das rochas”. Examinemos o caso.

Vejamos primeiramente o que a Geologia tem a dizer-nos: ficamos sabendo que essas moles gigantescas são, muitas vezes, de todo em todo estranhas aos países em que hoje se acham fixadas; que as suas congêneres geológicas não raro pertencem a estratos desconhecidos nessas regiões; e que só muito longe se encontram, além dos mares. O Sr. William Tooke, especulando a respeito dos enormes blocos de granito disseminados na Rússia Meridional e na Sibéria, diz ao leitor que, ali onde agora se vêem, não há rochas nem montanhas, devendo ter sido transportados “de consideráveis

(60) Ver *Dictionnaire des Religions*, do Abade Bertrand, art. “Heræscus” e “Béryles”; De Mirville, *ibid.*, pág. 287, que escreveu “Heraiclus”; ver também *Egypt*, de Bunsen, I, 95.

(61) Ver, entre outros, *History of Paganism in Caledonia*, do Dr. Th. A. Wise, F.R.A.S., etc.

distâncias e com esforços prodigiosos”⁶². Charlton fala em um espécime de tais rochas na Irlanda, que fora submetido à análise de eminente geólogo inglês, o qual lhe atribui origem estrangeira, “talvez africana”⁶³.

Observa-se uma *estranha coincidência*, pois a tradição irlandesa pretende que a origem de suas pedras circulares se deve a um *feiticeiro que as trouxe da África*. De Mirville vê neste feiticeiro “um Camita maldito”⁶⁴. Nós vemos nele um obscuro Atlante, talvez algum Lemuriano ainda mais antigo, que houvesse sobrevivido até o nascimento das Ilhas Britânicas; seja como for, um gigante⁶⁵. Cambry diz, ingenuamente:

“Os homens nada têm a ver com isso... porque a força e a indústria humanas nunca jamais poderiam ter levado a cabo semelhante coisa. A Natureza, sozinha, fez tudo [!!], e algum dia a Ciência o provará [!!].”⁶⁶

No entanto, foi um poder humano que o fez — embora um poder gigantesco; e não a “Natureza” por si só, nem Deus, nem o Demônio.

Como a “Ciência” se propôs demonstrar que a Mente e o Espírito são simplesmente o produto de “forças cegas”, é bem capaz de chamar a si a empresa; e é provável que um belo dia a vejamos querer provar que a Natureza, e só ela, alinhou as gigantescas rochas de Stonehenge, lhes fixou as posições com precisão matemática, lhes deu a forma do planisfério de Denderá e dos signos do Zodíaco, e transportou pedras, que pesam mais de um milhão de libras, desde os rincões da África e da Ásia até a Inglaterra e a Irlanda!

Verdade é que mais tarde Cambry se retratou, escrevendo:

“Durante muito tempo acreditei que fosse a Natureza, mas volto atrás... porque o acaso é incapaz de criar tão maravilhosas combinações... e os que colocaram aquelas pedras em equilíbrio são os mesmos que levantaram as moles movediças do pântano de Huelgoat, perto de Concarneau.”

O Dr. John Watson, citado pelo mesmo autor, diz, tratando das rochas *moventes* ou “pedras oscilantes” situadas na rampa de Golcar (o “Encantador”):

“O assombroso movimento daquelas massas postas em equilíbrio levou os Celtas a compará-las com Deuses.”⁶⁷

Em seu livro *Stonehenge*, escreve Flinders Petrie:

(62) *Sépulture des Tartares*, arc. VII, pág. 2.227.

(63) *Voyageurs Antiques et Modernes*, I, pág. 230.

(64) *Op. cit.*, *ibid.*, pág. 290. Se Cam era um Titã ou Gigante, então Sem e Jafet também o eram. São todos Titãs Arkitas, como mostra Faber — ou mitos.

(65) Deodoro de Sicília afirma que no tempo de Isis alguns homens ainda eram de grande estatura, sendo denominados Gigantes pelos helenos. “Οἱ δ' ἐν Αἰγύπτῳ μυθολογοῦσι κατὰ τὴν Ἰσιδοῦς ἡλικίαν γεγούεσθαι τίναξ πολυσωμάτων.”

(66) *Antiquités Celtiques*, pág. 88.

(67) Cambry, *ibid.*, pág. 90; cit. em *Des Esprits*, III, 289.

"Stonehenge está construído com pedras da região — uma pedra arenosa vermelha ou pedra de 'arsen', chamada no local 'carneiros cinzentos'. Algumas dessas pedras, porém, sobretudo as que, segundo se diz, foram destinadas a fins astronômicos, vieram trazidas de longe, provavelmente do Norte da Irlanda."

Finalmente, merecem ser transcritas as reflexões de um homem de ciência em artigo que sobre o assunto escreveu na *Revue Archéologique*, em 1850:

"Cada pedra é um bloco cujo peso poria à prova as máquinas mais poderosas. Em uma palavra: espalhadas pela superfície do Globo, existem moles ante as quais o termo *materiais* parece sem sentido; vendo-as, a imaginação se confunde, e dever-se-ia dar-lhes um nome tão colossal como elas mesmas. Por outro lado, essas *imensas pedras oscilantes*, não raro classificadas como 'dispersadoras', erguidas sobre uma de suas extremidades, como sobre um ponto, num equilíbrio tão perfeito que o menor contato é suficiente para fazê-las mover-se... revelam o mais seguro conhecimento de estática por parte daqueles que as levantaram. Os recíprocos movimentos opostos, as superfícies planas, convexas e côncavas, alternadamente... tudo isto as relacionam com os monumentos ciclóticos, dos quais se pode dizer, com certa razão, repetindo as palavras de De La Vega, que 'mais parecem obra de demônios que de homens'." 68

Estamos neste ponto de acordo com os nossos amigos e adversários católicos romanos, e perguntamos se tais prodígios de estática e de equilíbrio, com moles que pesam milhões de libras, podem ser obra de *selvagens* paleolíticos ou trogloditas, mais altos que a média dos homens do nosso século, e contudo simples mortais como nós? Não é nosso propósito aludir às múltiplas tradições que se relacionam com as pedras oscilantes. Todavia, não haverá inconveniente em lembrarmos ao leitor inglês que Giraldus Cambrensis fala em uma pedra semelhante na Ilha de Mona, pedra que voltava sempre ao seu lugar, a despeito de todos os esforços para mantê-la em outra posição. Na época da conquista da Irlanda por Henrique II, um certo Conde Hugo Castrensis, querendo certificar-se da realidade do fato, amarrou a pedra de Mona a outra muito maior e arremessou ambas ao mar. Na manhã seguinte foi ela encontrada em seu sítio habitual. O sábio William de Salisbury confirma a ocorrência, dando testemunho da presença da pedra na parede de uma igreja, onde ele a viu em 1554. Isto nos faz recordar o que disse Plínio a respeito de uma pedra deixada pelos Argos-

(68) *Op. cit.*, pág. 473. "É difícil — escreve Creuzer — não suspeitar, nas construções de Tirinto e Micenas, da intervenção de forças planetárias movidas por potências celestes, análogas aos famosos Dáctilos" (*Pelasges et Cyclopes*). Até hoje ignora a Ciência que eram os Ciclopes. Supõe-se que eles construíram todos os monumentos chamados "Ciclóticos", para cuja construção teriam sido necessários regimentos de Gigantes; mas eram apenas setenta e sete ao todo, ou cerca de uma centena, conforme a opinião de Creuzer. São chamados Construtores, e o Ocultismo os designa pelo nome de INICIADORES, que, havendo iniciado alguns Pelasgos, assentaram assim as bases da FRANCO-MAÇONARIA. Heródoto associa os Ciclopes a Perseu, "filho de um demônio assírio" (I, VI). Raoul Rochette averiguou que o ciclope Palémon, a quem se erigiu um santuário, era o "Hércules tírio". Em todo caso, foi o Construtor das colunas sagradas de Gadir, cobertas de caracteres misteriosos (cuja chave era Apolônio de Tiana o único que possuía em seu tempo) e de figuras que ainda se podem ver nos muros de Elora, as gigantescas ruínas do templo de Vishvakarman, "o construtor e artífice dos Deuses".

nautas em Cizico e que os habitantes da cidade colocaram no Pritaneu, "de onde ela escapou várias vezes, sendo preciso lastrá-la de chumbo"⁶⁹. Temos aqui, portanto, enormes pedras, declaradas pela antiguidade "que eram vivas, que se moviam, que falavam e andavam por si sós". E também capazes, segundo parece, de fazer correr as pessoas, pois eram chamadas *dispersadoras*, do verbo "dispersar", pôr em fuga. Des Mousseaux as descreve como sendo todas pedras proféticas, algumas vezes denominadas "pedras loucas".

A pedra oscilante é aceita pela Ciência. Mas por que oscila? É necessário estar cego para não ver que esse movimento significava naquele tempo um processo de adivinhar, motivo por que eram chamadas "pedras da verdade"⁷¹.

Isto é história; e o que se passou nos tempos pré-históricos oferece um testemunho para as idades posteriores. Os *Dracontia* consagrados à Lua e à Serpente foram as mais arcaicas "rochas do destino" das nações antigas; os seus movimentos ou *oscilações* eram um código perfeitamente inteligível para os sacerdotes iniciados, que, só eles, tinham a posse da chave desse vetusto sistema de leitura. Vormius e Olaus Magnus mostram que os reis escandinavos eram eleitos de acordo com as ordens do oráculo, cuja voz saía

(69) *Hist. Nat.*, t. XXXVI, pág. 592; De Mirville, *op. cit.*, pág. 289.

(70) *Dieu et les Dieux*, págs. 567, *ibid.*

(71) De Mirville, *op. cit.*, *ibid.*, pág. 291. Conta-se o assombro dos Srs. Richardson e Barth quando encontraram, no deserto de Saara, os mesmos trilitos e pedras erectas que tinham visto na Ásia, na Circássia, na Etrúria e em todo o Norte da Europa. O erudito arqueólogo Sr. Rivett-Carnac, B. C. S., de Allahabad, mostra igual admiração ao ler a descrição feita por Sir J. Simpson dos sinais em forma de taça que se vê em rochas e pedras da Inglaterra, Escócia e outras regiões ocidentais, oferecendo "extraordinária semelhança" com "as marcas existentes nas lousas que rodeiam os túmulos perto de Nagpur", a cidade das Serpentes. O eminente sábio vê nisso "mais uma prova extraordinária a acrescentar às que já existiam... de que um ramo das tribos nômades que invadiram a Europa em tempos remotos penetrou também na Índia". Nós dizemos que a Lemúria, a Atlântida, os seus Gigantes e os primeiros ramos da Quinta Raça-Raiz se acham todos relacionados com a ereção desses bétulos, dessas pedras e rochas "mágicas" em geral. As marcas em forma de taça observadas por Sir J. Simpson e os "furos cavados na superfície" das rochas e dos monumentos, encontrados pelo Sr. Rivett-Carnac, e "cujas dimensões variavam de seis polegadas e uma e meia de diâmetro, por uma polegada a uma e meia de profundidade...", e que eram geralmente dispostos em linhas perpendiculares, apresentando muitas permutações quanto ao número, tamanho e posição das taças", são simplesmente *anais escritos* das raças mais antigas. Quem examinar com atenção os desenhos dessas marcas, que se acham nas *Archeological Notes on Ancient Sculpturing on Rocks in Kumaon, India*, verá nelas uma das formas mais primitivas de gravar ou registrar. Algo semelhante foi adotado pelos inventores americanos do código telegráfico Morse, que nos faz lembrar a escrita Ogham, descrita pelo Sr. Rivett-Carnac como uma combinação de linhas longas e curtas "gravadas sobre pedra arenosa". A Suécia, a Noruega e toda a Escandinávia estão cheias de *anais escritos* como esses, pois as marcas em forma de taça seguem os caracteres rúnicos e linhas curtas e longas. No *in-folio* de Johannes Magnus pode-se ver a representação do semideus e gigante Starchaterus (Starkad, discípulo de Hroszthargrani, o Mago), tendo sob cada braço uma enorme pedra coberta de caracteres rúnicos. Segundo a lenda escandinava, esse Starkad esteve na Irlanda, onde executou feitos maravilhosos, no Norte e no Sul, no Este e no Oeste. (Veja-se *Asgard and the Gods*, págs. 218-221.)

“dos imensos rochedos levantados pela força descomunal de gigantes [antigos]”. Plínio diz:

“Na Índia e na Pérsia era a ela [a Otizoë persa] que os Magos deviam consultar para a eleição de seus soberanos.”⁷²

E descreve uma rocha que dava sombra a Harpasa, na Ásia, colocada de tal maneira “que um só dedo pode movê-la, ao passo que todo o peso do corpo a faz resistir”⁷³. Por que as pedras oscilantes da Irlanda ou as de Brimham, no Yorkshire, não poderiam ter servido para o mesmo processo de *adivinhação* ou de comunicação oracular? As de maior porte são, evidentemente, vestígios dos Atlantes; as menores, como as de Brimham, rochas com pedras giratórias na parte mais alta, são cópias de “lithoi” mais antigos. Se os bispos da Idade Média não houvessem destruído todos os modelos das *Dracontia* a que puderam deitar mão, a Ciência saberia hoje muito mais a esse respeito⁷⁴.

No atual estado de coisas, sabemos que essas rochas foram universalmente empregadas durante largos períodos pré-históricos, e todas com a mesma finalidade de profecia e de MAGIA. É. Biot, membro do Instituto de França, publicou nas *Antiquités de France* (vol. IX) um artigo mostrando que os Châttamparambu (o “Campo da Morte” ou antigo Cemitério em Malabar) ocupa situação idêntica à dos antigos túmulos de Carnac; ou seja — que ali se encontra “uma proeminência e um túmulo central”. As tumbas contêm ossos, e o Sr. Halliwell nos diz que alguns deles são enormes; os naturais do país chamam essas tumbas de “moradas dos Rākshasas” ou gigantes. Vários círculos de pedras, “considerados como obra dos Panch Pândavas (os cinco Pândus) — que o são todos estes monumentos na Índia, onde se encontram em tão grande número” —, ao serem abertos por ordem do Rajá Vasariddi, verificou-se que “continham ossos humanos de mui grande tamanho”⁷⁵.

De Mirville tem ainda razão em sua *generalização*, ainda que não em suas conclusões. Como a teoria, por tanto tempo favorita, de que as *Dracontia*, em sua maioria, representam testemunhos das “grandes comoções geológicas naturais” (Charton) e “obras da Natureza” (Cambry), hoje se acha condenada, as suas observações são muito justas:

“Convidamos a Ciência a refletir... e, antes de tudo, a não classificar os Titãs e os Gigantes entre as lendas primitivas, visto que as suas obras estão aí, à nossa vista, e essas massas continuarão a oscilar sobre as suas bases até o fim do mundo, contribuindo para que os homens de ciência compreendam, uma vez por todas, que ninguém merece ser internado em Charenton só por acreditar nas maravilhas atestadas por toda a antiguidade.”⁷⁶

(72) *Hist. Nat.*, cap. XXXVII, pág. LIV.

(73) *Ibid.*, II, XXXVIII.

(74) Charton, *Magasin Pittoresque* (1853), pág. 32. Citado por De Mirville, *op. cit.*, *ibidem*, pág. 293.

(75) T. A. Wise, *History of Paganism in Caledonia*, pág. 36.

(76) Citado em *Des Esprits*, *ibid.*, pág. 288.

Eis aí precisamente o que nunca será demasiado repetirmos, ainda quando as vozes dos Ocultistas, como as dos Católicos Romanos, venham a correr o risco de estarem inutilmente pregando no deserto.

Contudo, é impossível que todo mundo não se dê conta de que a Ciência se revela, pelo menos, tão inconseqüente em suas especulações modernas quanto o era a Teologia da antiguidade e da Idade Média em suas interpretações do *Apocalipse*.

Pretende a Ciência que o homem descende do símio pitecóide — transformação que exigiria milhões de anos — e, não obstante, teme fazer remontar a mais de 100.000 anos a origem da humanidade! A Ciência ensina a transformação gradual das espécies, a seleção natural e a evolução desde as formas inferiores às mais elevadas, do molusco ao peixe, do réptil à ave e ao mamífero; e, no entanto, nega ao homem — que, fisiologicamente, não passa de um mamífero, de um animal superior — uma transformação semelhante em seu aspecto externo. Mas, se o iguanodonte monstruoso do Wealden pode ter sido o antepassado do pequeno iguano de nossos dias, por que o homem monstruoso da Doutrina Secreta não poderia ter se convertido no homem moderno — o elo de ligação entre o Animal e o Anjo? Há nesta “teoria” algo mais anticientífico do que naquela que recusa ao homem um Ego espiritual e imortal, fazendo dele um autômato e ao mesmo tempo classificando-o como um *gênero distinto* no sistema da Natureza?

As Ciências Ocultas serão talvez menos científicas que as Ciências Exatas de hoje; mas não deixam de ser mais lógicas e mais conseqüentes em seus postulados! As forças físicas e as afinidades naturais dos átomos podem ser fatores suficientes para transformar uma planta em um animal; mas é preciso mais que a simples interação de certos agregados materiais e seu meio ambiente para chamar à vida um *homem plenamente consciente*, ainda que ele não fosse mais que uma ramificação entre dois “pobres primos-irmãos” da ordem dos quadrúmanos.

As Ciências Ocultas estão de acordo com Hæckel no admitir que a Vida (objetiva) em nosso Globo “é um postulado lógico da história científica natural”; mas acrescentam que recusar uma involução análoga de ordem *espiritual*, operando *de dentro para fora*, uma involução da Vida-Espírito invisível e subjetiva — Princípio Eterno da Natureza —, é mais ilógico, se tanto for possível, do que sustentar que o Universo, com tudo o que nele existe, foi construído gradualmente por “forças cegas” inerentes à Matéria, sem nenhuma ajuda *externa*.

Suponhamos que um ocultista pretendesse que o primeiro grande órgão de uma catedral houvesse sido originariamente formado como se segue: primeiramente, houve no espaço uma elaboração progressiva e gradual de uma matéria organizável, dando como resultado a produção de um estado de matéria denominado *PROTEÍNA orgânica*; em seguida, sob a influência de forças incidentais, esse estado, passando a uma fase de equilíbrio instável, converteu-se, evoluçionando lenta e majestosamente, em novas combinações de madeira lavrada e polida, de cravelhas e chapas de bronze, de couro e de marfim, de tubos acústicos e foles; após o que, havendo-se ajustado todas as

partes para formar uma máquina harmoniosa e simétrica, o órgão começou subitamente a tocar o *Requiem* de Mozart, e logo uma Sonata de Beethoven, etc., *ad infinitum*, soando as teclas por si mesmas e soprando o ar nos tubos por sua própria força e vontade inerentes. Que diria a Ciência de semelhante teoria? E, no entanto, é dessa maneira que os *sábios* materialistas nos descrevem a formação do Universo, com os seus milhões de seres, dos quais o homem é o coroamento espiritual.

Qualquer que fosse o pensamento real e íntimo do Sr. Herbert Spencer, quando escreveu sobre o tema da transformação gradual das espécies, as suas palavras se aplicam à nossa doutrina:

“Explicando-se em termos de evolução, cada classe de seres deve ser o resultado de modificações verificadas gradual e insensivelmente *em uma espécie de ser preexistente*.” 77

Então, por que nesse caso não há de ser o homem histórico o resultado de modificações verificadas em uma espécie humana pré-histórica, ainda supondo, só para argumentar, que *nada* haja nele que sobreviva à sua estrutura física, ou desta seja independente?

Mas não é assim! Pois, quando nos vem dizer o eminente filósofo inglês que “a matéria orgânica é produzida em laboratório pelo que poderíamos literalmente chamar *evolução artificial*” 78, nós replicamos que os alquimistas e os grandes Adeptos faziam tanto, e até muito mais ainda, antes que os químicos tentassem “realizar combinações complexas com elementos dissociados”. Os *Homunculi* de Paracelso são um fato em Alquimia, e provavelmente chegarão também a sê-lo em Química; e então o monstro de Frankenstein, da Sra. Shelley, virá a ser considerado como uma profecia. Mas nenhum químico ou alquimista poderá jamais dotar semelhante monstro de algo mais que o instinto animal, a não ser que faça o que fizeram os “Progenitores”, isto é, deixe o seu próprio Corpo Físico para encarnar-se na “Forma Vazia”. Ainda assim, não seria mais que um homem *artificial*, e não um homem natural, pois os nossos “Progenitores” tiveram, no curso da eterna evolução, que se converter em *Deuses* antes de se tornarem Homens.

A digressão acima — se como tal for conceituada — é uma tentativa de justificação perante os poucos homens pensadores do próximo século que venham a ler estas linhas.

Esclarece também a razão por que os homens de nossa época, dos melhores e mais inclinados à espiritualidade, já não podem satisfazer-se nem com a Ciência nem com a Teologia, e por que preferem qualquer “loucura psíquica” às afirmações dogmáticas de ambas, já que nem uma nem outra, em sua infalibilidade, pode oferecer-lhes coisa melhor que a fé *cega*.

A tradição *Universal* é, por todos os motivos, o guia mais seguro na vida. E essa tradição nos mostra o Homem Primitivo vivendo durante evos

(77) *Essays on Physiology*, pág. 144.

(78) *Principles on Biology*, Apêndice, pág. 482.

juntamente com os seus Criadores e os seus Primeiros Instrutores — os Elohim — no “Jardim do Éden”, ou “Jardim das Delícias”, deste mundo ⁷⁹.

45. As primeiras Grandes Águas vieram. Elas submergiram as Sete Grandes Ilhas (a).

46. Salvos todos os Justos; destruídos os Ímpios. Com estes pereceu a maior parte dos enormes animais produzidos pelo suor da Terra (b).

(a) Uma vez que deste assunto — o quarto grande Dilúvio do nosso Globo na presente Ronda — vamos ocupar-nos extensamente nas seções que seguem à última Estância, estaríamos antecipando se fôssemos dizer algo neste momento. As sete Grandes Ilhas (Dvipas) faziam parte do Continente Atlante. Os Ensinamentos Secretos indicam que o Dilúvio atingiu a Quarta Raça Gigante, não por causa de sua perversidade, nem porque se houvesse tornado “negra pelo pecado”, mas simplesmente porque tal é o destino de todos os continentes, que, como todas as coisas debaixo do Sol, nascem, vivem, chegam à decrepitude e morrem. Sucedeu isso quando a Quinta Raça estava em sua infância.

(b) Assim pereceram os Gigantes, os Magos e os Feiticeiros, acrescenta a fantasia da tradição popular; mas “todos os justos foram salvos”, e só os “ímpios destruídos”. Tal circunstância deveu-se, ao mesmo tempo, à previsão dos “justos”, que não haviam perdido o uso do seu Terceiro Olho, e ao Carma e à Lei Natural. Falando da Raça subsequente, nossa Quinta Humanidade, eis como se expressa o Comentário:

Somente aquele pugilo de Eleitos, cujos Instrutores Divinos tinham ido habitar essa Ilha Sagrada — “de onde virá o último Salvador” — impediu então que a metade da humanidade exterminasse a outra metade [como o está fazendo a humanidade de agora — H.P.B.]. A espécie humana se dividiu. Dois terços estavam governados por Dinastias de Espíritos da Terra, inferiores e materiais, que se apossaram dos corpos de fácil acesso; o outro terço permaneceu fiel e uniu-se à Quinta Raça nascente — os Divinos Encarnados. Quando os Pólos se deslocaram [pela quarta vez], isso não teve influência nos que se achavam protegidos e que se haviam separado da Quarta Raça. Tal como sucedeu com os Lemurianos, só os Atlantes ímpios pereceram, “não mais se tornando a vê-los”...!

(79) Trataremos dos Instrutores Divinos na Estância XII.

ESTÂNCIA XII

A QUINTA RAÇA E SEUS INSTRUTORES DIVINOS

47. Os restos das duas primeiras Raças desapareceram para sempre. Salvos do Dilúvio grupos das diversas raças Atlantes, juntamente com os Antepassados da Quinta. 48. Origem da nossa Raça atual, a Quinta. As primeiras Dinastias Divinas. 49. Os primeiros vislumbres da História são hoje associados à cronologia da *Bíblia*, e a História "Universal" a segue servilmente. Natureza dos primeiros Instrutores e Civilizadores da Humanidade.
47. Poucos ¹ ficaram. Alguns amarelos, alguns morenos e negros e alguns vermelhos ficaram. Os que tinham a cor da Lua ² haviam desaparecido para sempre (a).
48. A Quinta ³, procedente do tronco santo, ficou; ela foi governada pelos primeiros Reis Divinos.
49. ...As Serpentes que voltaram a descer, que fizeram a paz com a Quinta ⁴, que a ensinaram e instruíram (b)...

(a) Este "sloka" se relaciona com a Quinta Raça. A história não principia com ela, mas sim a tradição viva e sempre em curso. A história, ou o que assim se chama, não vai além das origens fantásticas da nossa quinta sub-raça, "há alguns milhares de anos". A frase: "Alguns amarelos, alguns morenos e negros e alguns vermelhos ficaram" refere-se às subdivisões da primeira sub-raça da Quinta-Raiz. Os de "cor da Lua", isto é, os da Primeira e da Segunda Raças, haviam desaparecido para sempre, sem deixar o menor vestígio; e este desaparecimento data do terceiro "Dilúvio" da Terceira Raça Lemuriana — aquele "Grande Dragão" cuja cauda varreu nações inteiras num abrir e fechar de olhos. Tal é o verdadeiro significado do versículo do Comentário que diz:

(1) Homens.

(2) Os do Tronco Divino primitivo.

(3) Raça

(4) Raça

O Grande Dragão só respeita as SERPENTES de SABEDORIA, as Serpentes cujas tocas se encontram hoje debaixo das Pedras Triangulares.

Ou, em outras palavras, “sob as pirâmides, nos quatro cantos do mundo”.

(b) Aqui se esclarece o que mais de uma vez está mencionado nos Comentários, a saber, que os Adeptos ou “Sábios” das Raças Terceira, Quarta e Quinta viviam em habitações subterrâneas, geralmente sob construções em forma de pirâmides, senão em verdadeiras “pirâmides”. Sim: havia dessas pirâmides nos “quatro cantos do mundo”, e não eram monopólio da terra dos Faraós, em que pese à crença geral de que constituíam propriedade exclusiva do Egito, crença mantida até que se veio a descobrir a existência de outras pirâmides esparsas pelas duas Américas, em cima do solo ou subterrâneas, debaixo ou no meio de florestas virgens, assim como em vales e altiplanos.

Se na Europa já não se encontram verdadeiras pirâmides, geometricamente perfeitas, é inegável que muitas das chamadas cavernas neolíticas primitivas, muitos dos enormes “menires” triangulares, piramidais e cônicos do Morbihan e da Bretanha, muitos dos “túmulos” dinamarqueses e até dos “túmulos de gigantes” da Sardenha, com seus inseparáveis companheiros os “nuraghi”, representam outras tantas cópias, mais ou menos grosseiras, das pirâmides. Tais monumentos são, em sua maior parte, obra dos primeiros habitantes do recém-nascido continente e das ilhas da Europa, raças “algumas amarelas, algumas morenas e negras e algumas vermelhas”, que haviam sobrevivido à submersão dos últimos continentes e ilhas da Atlântida, há uns 850.000 anos — com exceção da Ilha da Páscoa — e antes de chegarem as grandes raças arianas; ao passo que outros foram construídos pelos primeiros imigrantes vindos do Oriente.

Os que somente podem admitir que a antiguidade da espécie humana remonte a 57.000 anos no passado, idade atribuída pelo Dr. Dowler ao esqueleto que encontrou em Nova Orleães nas margens do Mississípi, devem naturalmente impugnar aqueles fatos. Mas é possível que um dia venham a dar-se conta do erro em que laboram. Podemos zombar da fátua vanglória dos Arcadianos, quando se intitulavam “mais antigos que a Lua” (προσέληνοι), e dos habitantes da Ática, que pretendiam já existir antes que o Sol houvesse aparecido no céu. Não nos é lícito, contudo, pôr em dúvida a antiguidade desses povos. E tampouco podemos rir-nos da crença universal segundo a qual foram gigantes os nossos antepassados. É verdade que ossos de mamutes e de mastodontes e, em certo caso, os de uma gigantesca salamandra já foram tomados por humanos; mas isto não elimina nem resolve a dificuldade de ser o homem, entre todos os mamíferos, o único que a Ciência não quer admitir houvesse diminuído de tamanho — como sucedeu com todas as demais formas animais — desde o gigante *Homo Diluvii* à criatura de cinco a seis pés que atualmente é.

Mas as “Serpentes de Sabedoria” conservaram bem os seus anais, e a história da evolução humana *está* escrita no Céu, como o está nos muros

subterrâneos. A Humanidade e as *Estrelas* estão indissolivelmente unidas entre si, em razão das *Inteligências* que governam estas últimas.

Podem os simbologistas modernos escarnecer de tudo isso, e dizer que não passa de “fantasia”; mas, consoante escreve o Sr. Staniland Wake:

“É indiscutível que o Dilúvio foi [sempre] associado, nas lendas de alguns povos orientais, não só às Pirâmides como também às constelações.”⁵

O “velho Dragão” identifica-se com o “Grande Dilúvio”, diz o Sr. Proctor:

“Sabemos que, no passado, a constelação do Dragão estava no pólo, ou ponto culminante da esfera celeste. Nos templos estelares... o Dragão era a mais alta constelação, ou a constelação dominante... É singular ver-se quão estreitamente estas constelações... correspondem em série e ordem de ascensão reta com os sucessos registrados no que concerne ao Dilúvio [bíblico].”⁶

As razões desta *singularidade* foram, aliás, expostas amplamente nesta obra. Ela simplesmente prova que houve *vários* Dilúvios, os quais se confundem na memória e nas tradições das sub-raças da Quarta Raça. O primeiro grande Dilúvio foi astronômico e cósmico, ao passo que diversos outros foram *terrestres*. E, no entanto, o nosso mui sábio amigo Sr. Gerald Massey (um verdadeiro iniciado nos mistérios do Museu Britânico, embora iniciado somente por si mesmo) declarou com insistência que a Submersão e o Dilúvio Atlantes não eram mais que fantasias antropomorfizadas de gente ignorante, e que a Atlântida não passava de uma “alegoria astronômica”. Mas a grande alegoria zodiacal está baseada em fatos históricos, e a alegoria dificilmente pode intervir na história; demais, todos os estudantes de Ocultismo sabem o que significa a alegoria astronômica e zodiacal. O Dr. Smith nos mostra no poema épico de Nenrod, que se vê nas tabuinhas assírias, o verdadeiro sentido da alegoria:

“[Os sete cantos] se referem ao curso anual do Sol nos doze meses do ano. Cada tabuinha corresponde a um mês especial, e contém uma alusão direta às formas animais que designam os signos do Zodíaco... [sendo o undécimo canto] consagrado a Rimmon, o Deus das tormentas e da chuva, e harmonizando-se com o undécimo signo do Zodíaco: Aquário, ou o Barqueiro.”⁷

Os Anais antigos mencionam, anteriormente a isso, o Dilúvio Cósmico pré-astronômico, que foi alegorizado ou simbolizado no Dilúvio Zodiacal, ou de Noé, a que já nos referimos acima — o que, porém, não tem nenhuma relação com a Atlântida. As Pirâmides estão intimamente relacionadas com as idéias sobre a constelação do Grande Dragão, os “Dragões de Sabedoria” ou os Grandes Iniciados da Terceira e da Quarta Raça, e também as inundações do Nilo, consideradas como uma rememoração divina do grande Dilúvio Atlante. Diz-se, contudo, que os anais astronômicos da História

(5) Ver *The Great Pyramid*.

(6) *Knowledge*, I, pág. 243; citação de Staniland Wake, *op. cit.*, págs. 81-83.

(7) *Nineteenth Century*, 1882, pág. 236; citação de Staniland Wake, *ibid.*, pág. 82.

Universal datam da terceira sub-raça da Quarta Raça-Raiz, ou seja, dos Atlantes. Quando foi isto? Os dados ocultos mostram que, desde o tempo da instituição regular dos cálculos zodiacais no Egito, *os pólos foram invertidos três vezes*.

Ainda voltaremos a tratar deste assunto nesta obra. Símbolos tais como os representados pelos Signos do Zodíaco — fato que dá aos materialistas um ponto de apoio para as suas teorias e opiniões, que só abrangem um aspecto da questão — têm uma significação demasiado profunda, e a sua influência sobre a nossa humanidade é sobremodo importante para que nos limitemos a umas poucas palavras. Entrementes, temos que investigar o sentido da declaração contida no “sloka” 48; a respeito dos “primeiros Reis Divinos”, que “voltaram a descer” para guiar e *instruir* a nossa Quinta Raça, após o último Dilúvio. Tal declaração será estudada, do ponto de vista histórico, nas Seções que vêm a seguir; mas, para terminar, devemos aduzir mais algumas informações relativas ao tema das “Serpentes”.

Estes ligeiros comentários acerca das Estâncias Arcaicas chegam ao fim. Outros esclarecimentos demandam provas, a obter de obras antigas, medievais e modernas, que se têm ocupado destas questões. Todos os testemunhos devem então ser reunidos, cotejados e grupados mais ordenadamente, de modo que chamem a atenção do leitor para esse tesouro de documentos históricos.

E como nunca seria demais insistirmos quanto às múltiplas significações daquele estranho e sugestivo símbolo — tantas vezes mencionado — do “tentador do homem” (segundo a tese ortodoxa da Igreja), parece-nos de todo aconselhável que esse assunto seja esgotado com todo o gênero de provas que temos ao nosso alcance, não obstante o risco de incidirmos em repetições.

Os teólogos e alguns simbologistas têm invariavelmente considerado os Titãs e os Cabiros como relacionados, de maneira indissolúvel, com o grotesco personagem denominado “Diabo”, e todas as provas que contrariam esse ponto de vista vêm sendo sistematicamente recusadas ou ignoradas. Cumpre aos ocultistas, portanto, não descuidarem de coisa alguma que possa contribuir para desfazer essa conspiração da calúnia. Assim é que nos propomos dividir em vários grupos as questões suscitadas nos três últimos versículos, e examiná-las tão completa e cuidadosamente quanto nos permita o espaço de que dispomos.

Deste modo poderemos acrescentar ainda alguns pormenores aos testemunhos que nos proporciona a Antiguidade, com relação às doutrinas mais discutidas do Ocultismo e da Ciência Esotérica. Todavia, os pontos principais constarão da Parte II do Volume IV, que se refere à Simbologia.

SERPENTES E DRAGÕES SOB DIFERENTES SIMBOLISMOS

Na Caldéia, o nome do Dragão não era escrito foneticamente, sendo representado por dois monogramas, que *provavelmente* significavam, segundo

os orientalistas, “o escamoso”. G. Smith observa muito a propósito que “esta descrição pode, naturalmente, aplicar-se tanto a um dragão fabuloso como a uma serpente ou a um peixe”. A isto podemos acrescentar que sob certo aspecto ela se aplica a Makara (Capricórnio), décimo signo do Zodíaco, termo sânscrito que designa um animal anfíbio não especificado, ao qual se dá geralmente o nome de Crocodilo, mas que na realidade significa algo mais. Vale isso por admitir virtualmente que, em todo o caso, os assiriólogos nada sabem de certo a respeito da condição do Dragão na antiga Caldéia. Da Caldéia foi que os hebreus tiraram o seu simbolismo, para dele serem despojados mais tarde pelos cristãos, que fizeram do “escamoso” uma entidade vivente e um poder maléfico.

No Museu Britânico pode-se ver um espécime de Dragão “alado e coberto de escamas”. Nessa representação dos episódios da Queda, segundo a mesma autoridade, há também duas figuras sentadas em cada lado de uma “árvore”, com as mãos estendidas para a “maçã”, enquanto o Dragão-Serpente se posta atrás da “árvore”. Esotericamente, as duas figuras representam dois “Caldeus” prontos para a Iniciação, e a Serpente simboliza o Iniciador; ao passo que os Deuses ciumentosos, que amaldiçoam os três personagens, correspondem ao clero exotérico e profano. Como podem ver os ocultistas, não há muita semelhança com o “episódio bíblico” ao pé da letra!

“O Grande Dragão só respeita as Serpentes de Sabedoria”, reza a Estância, reborando assim a exatidão do que explicamos relativamente às duas figuras e à Serpente.

“As Serpentes que voltaram a descer...” e que “ensinaram e instruíram” a Quinta Raça. Que homem, em seu juízo são, será capaz de acreditar, em nossa época, que se trata de serpentes *verdadeiras*? Daí a grosseira suposição — que hoje a Ciência converteu quase em axioma — de que os escritores da antiguidade, que se ocuparam dos diversos Dragões e Serpentes sagradas, eram gente crédula e supersticiosa, ou então cuidavam propositadamente de enganar a outros mais ignorantes do que eles. Contudo, desde Homero aos autores mais recentes, aqueles termos implicavam algo de oculto para os profanos.

“Terríveis são os Deuses quando se manifestam” — esses *Deuses* a quem os homens chamam *Dragões*. Eliano, tratando dos símbolos ofídios, em seu *De Natura Animalium*, aduz certas observações que demonstram a exata compreensão que ele tinha da natureza destes símbolos antiquíssimos. Assim, referindo-se àquele verso de Homero, explica com muita propriedade:

“Pois o Dragão, ao mesmo tempo que é sagrado e digno de adoração, possui em si algo que participa mais ainda da natureza divina, e que é preferível [para outros?] continuar ignorando.”⁸

O símbolo do “Dragão” tem um sétuplo significado; e destes sete significados pode ser exposto o mais elevado, e também o inferior. O mais elevado é idêntico ao “Nascido por Si”, o Logos, o Aja hindu. Entre os

(8) *Op. cit.*, XI, xvii.

Gnósticos cristãos chamados Naasenos ou adoradores da Serpente, esta representava a segunda pessoa da Trindade, o Filho. Seu símbolo era a constelação do Dragão⁹. Suas sete "Estrelas" são as que se acham nas mãos de "Alfa e Ômega", no *Apocalipse*. Em seu sentido mais terrestre, era o termo "Dragão" aplicado aos homens "sábios".

Esta parte do simbolismo religioso da antiguidade é muito abstrata e misteriosa, e talvez permaneça incompreensível à mente do profano. Em nossos dias, ela choca de tal maneira os ouvidos cristãos que, a despeito de nossa decantada civilização, não se pode deixar de conceituá-la como uma denúncia direta do dogma cristão predileto. Para que o tema fosse tratado em suas justas dimensões, houve mister da pena e do gênio de um Milton, cuja ficção poética passou a ter raízes na Igreja como um dogma revelado.

Ter-se-á originado no *Apocalipse* de São João a alegoria do Dragão e do seu suposto vencedor no Céu? Respondemos categoricamente: Não. O Dragão de São João é Netuno, o símbolo da Magia atlante.

Para que possamos demonstrar a razão de ser desta negativa, pedimos ao leitor que examine o simbolismo da Serpente ou do Dragão em seus vários aspectos.

OS SIGNOS SIDERAIS E CÓSMICOS

Todos os astrônomos — sem falar nos ocultistas e nos astrólogos — sabem que, em sentido figurado, a Luz Astral, a Via-Láctea, o percurso do Sol até os trópicos de Câncer e de Capricórnio, assim como os Círculos do Ano sidereal ou tropical, foram sempre chamados "Serpentes" na fraseologia alegórica e mística dos Adeptos.

Tanto sob o aspecto cósmico como metaforicamente, Poseidon é um "Dragão": o Dragão "Chozzar, chamado Netuno pelos profanos", segundo os gnósticos Peráticos, a "Serpente boa e perfeita", o Messias dos Naasenos, cujo símbolo no Céu é o Dragão.

Devemos, porém, distinguir entre os diferentes caracteres desse símbolo.

O Esoterismo zoroastriano é idêntico ao da Doutrina Secreta; e quando um ocultista lê no *Vendidad* queixas contra a "Serpente", cujas mordeduras transformaram em inverno a eterna e formosa primavera de Airyana Vaêjô, gerando a enfermidade e a morte, ao mesmo tempo que a consunção mental e psíquica, ele sabe que a Serpente a que se alude é o Pólo Norte, e também o Pólo Celeste¹⁰. Estes dois eixos produzem as estações segundo o ângulo de inclinação que guardam entre si. Os dois eixos *já não eram paralelos*;

(9) Conforme explicou H. Lizeray em seu *Trinité Chrétienne Devoilée*, o Dragão, estando colocado entre o Pai imutável (o Pólo, um ponto fixo) e a Matéria mutável, transmite a esta última as influências que recebe do primeiro; donde lhe vem o nome de — Verbo.

(10) Simbolizado entre os egípcios por uma serpente com cabeça de falcão (o pólo de Eclíptica).

e por isso a primavera eterna de Airyana Vaêjo “nas margens do belo rio Daitya” desaparecera, e “os Magos Arianos se viram obrigados a emigrar para a Sogdiana” — dizem os relatos exotéricos. Mas o Ensino Esotérico declara que o Pólo havia sucedido ao Equador, e que a “Terra de Bem-aventurança” da Quarta Raça, herança da Terceira, agora se convertera na região da desolação e da miséria. Isto seria suficiente, só por si, como prova inquestionável da grande antiguidade das Escrituras zoroastrianas. Os neo-arianos da era pós-diluviana dificilmente poderiam reconhecer as montanhas em cujos cumes os seus antepassados se haviam encontrado, *antes* do Dilúvio, para conversar com os puros “Yazatas”, ou Espíritos celestes dos Elementos, que com eles compartilharam vida e *alimento*. Conforme diz Eckstein:

“O *Vendidad* parece aludir a uma grande mudança na atmosfera da Ásia Central; a violentas erupções vulcânicas e ao desmoronamento de toda uma cadeia de montanhas, nas vizinhanças da cordilheira de Kara-korum.”¹¹

Segundo Eusébio — que, fato extraordinário, desta vez escreveu a verdade —, os egípcios simbolizavam o Cosmos por um grande Círculo ígneo, em cujo diâmetro estava uma serpente com cabeça de falcão.

“Aqui vemos o pólo da Terra dentro do plano da eclíptica, seguido de todas as conseqüências térmicas que deve ocasionar semelhante estado do céu; quando todo o Zodíaco, em 25.000 [e poucos] anos, deve ter ‘ficado rubro com as chamas do sol’, e cada signo deve ter ocupado uma posição vertical relativamente à região polar.”¹²

Meru, a Mansão dos Deuses, como já explicamos anteriormente, situava-se no Pólo Norte, enquanto que Pátala, a Região Inferior, se supunha ficar na direção do Sul. Como cada símbolo da Filosofia Esotérica possui sete chaves, Meru e Pátala têm um significado geográfico, o de localidades; mas, astronomicamente, têm outro, e representam os “dois pólos”; foi este último sentido que induziu o sectarismo *exotérico* a interpretá-los, muitas vezes, como a “Montanha” e o “Abismo”, ou o Céu e a Terra.

Se nos ativermos agora aos significados astronômico e geográfico, poderemos ver que os Antigos conheciam a topografia e a natureza das regiões ártica e antártica muito melhor do que qualquer um de nossos astrônomos modernos. Eles tinham razões, e boas razões, para dar, a um, o nome de *Montanha* e, a outro, o de *Abismo*. Como o explica (só pela metade) o autor que vimos de citar, Helion e Acheron tinham quase a mesma significação. “Heli-on é o Sol em sua maior altura”, pois que Heli-os ou Eli-os quer dizer “o mais elevado”, e o Acheron está a 32 graus acima do Pólo e a 32 graus abaixo, supondo-se por isso que o rio alegórico toca o horizonte Norte aos 32 graus de latitude. A vasta parte côncava, para sempre oculta às nossas vistas, que rodeia o Pólo Sul, foi chamada “o Abismo” pelos primeiros astrônomos; e, tendo observado, do lado do Pólo Norte, que uma

(11) *Revue Archéologique*, 1885.

(12) *Sphinxiad*, de Mackay, ou *A Astronomia Mitológica dos Antigos, demonstrada com a restituição dos significados primitivos a suas Fábulas e Símbolos*, pág. 42.

parte circular do céu aparecia sempre acima do horizonte, denominaram-na “a Montanha”. Como Meru é a Mansão elevada dos Deuses, dizia-se que estes *subiam e desciam* periodicamente. Aludia-se com isso (astronomicamente) aos Deuses *Zodiacais*, à passagem do Pólo Norte original da Terra ao Pólo Sul do Céu.

“Naquele tempo, ao meio-dia a eclíptica estava paralela ao meridiano, e uma parte do Zodíaco descia do Pólo Norte ao Horizonte Norte, cruzando os *oito anéis da serpente* [oito anos siderais, ou mais de 200.000 anos solares], o que semelhava uma *escada* imaginária com *oito degraus*, elevando-se da terra para o Pólo, isto é, para o trono de Júpiter. Por essa escada, pois, os Deuses, isto é, os Signos do Zodíaco, subiam e desciam [a escada de Jacob e os Anjos]... São passados mais de 400.000 anos desde que o Zodíaco formava os lados dessa escada.”¹³

Tal explicação é engenhosa, ainda que não de todo estreme de heresia, do ponto de vista oculto. Está mais próxima da verdade que muitas outras de caráter científico, e, sobretudo, teológico. Como já dissemos, a Trindade cristã era, no início, puramente astronômica — o que levou Rutilio a dizer dos que a evemerizaram: *Judæa gens, radix stultorum*.

Mas os profanos, e especialmente os cristãos fanáticos, sempre à cata do que possa corroborar a letra morta dos seus textos, obstinam-se em ver no Pólo Celeste a verdadeira Serpente do *Gênesis*, Satã, o inimigo da espécie humana, quando realmente se trata de uma metáfora cósmica.

Quando se diz que os Deuses abandonam a Terra, entende-se por Deuses não só os Protetores e Instrutores mas também os Deuses *menores*, os Regentes dos Signos do Zodíaco. Os primeiros, como Entidades reais existentes, que deram nascimento à humanidade, a criaram e instruíram nos primórdios de sua idade, aparecem em todas as escrituras, tanto nas de Zoroastro como nos Evangelhos hindus. Ormuzd, ou Ahura Mazda, o “Senhor da Sabedoria”, é a síntese dos Amshaspendis, ou Amesha Spentas, os “Benfeitores Imortais”¹⁴, o “Verbo” ou Logos, e os seus seis aspectos mais elevados no Mazdeísmo. Esses “Benfeitores Imortais” são assim descritos no *Zamyad Yasht*:

“Os Amesha Spentas, os resplandecentes de olhos perspicazes, os grandes, os compassivos... os imperecíveis e puros... que são, todos os sete, animados do mesmo espírito e têm a mesma linguagem, obrando todos os sete da mesma maneira... que são os criadores e os destruidores das criaturas de Ahura Mazda, os seus criadores e vigilantes, os seus protetores e regentes.”

Estas poucas linhas bastam para indicar o duplo e até o tríplice caráter dos Amshaspendis, nossos Dhyân-Chohans ou “Serpentes da Sabedoria”. Idênticos a Ormuzd (Ahura Mazda), dele, contudo, se distinguem. São também os Anjos das Estrelas dos cristãos — os Yazatas-Estrelas dos Zoroastrianos

(13) *Sphinxiad*, pág. 47.

(14) Nome que o Dr. W. Geiger também traduz por “Bem-aventurados Imortais”. A primeira tradução, porém, é mais correta.

— e também os Sete Planetas (incluindo o Sol) de todas as religiões¹⁵. O epíteto de “resplandecentes, com olhos perspicazes” o comprova. Tudo isso nos planos físico e sideral. No plano espiritual, são os Poderes Divinos de Ahura Mazda, mas no astral ou psíquico são os “Construtores”, os “Vigilantes”, os Pitris ou Pais, e os primeiros Preceptores da Humanidade.

Quando os mortais estiverem suficientemente espiritualizados, já não haverá necessidade de *forçá-los* a uma compreensão exata da Sabedoria Antiga. Então os homens *saberão* que não houve um só dos grandes reformadores do Mundo, cujo nome chegasse até nós, (a) que não fosse uma direta emanção do Logos (seja qual for o nome por que o conheçamos), isto é, uma encarnação *essencial* de um dos “Sete”, do “Espírito Divino que é sétuplo”; e (b) que já não tivesse aparecido em ciclos anteriores. Então eles reconhecerão a causa determinante de certos enigmas, assim da história como da cronologia; a razão, por exemplo, de *lhes* ser impossível assinar uma data certa para Zoroastro, que vemos multiplicado por doze e por quatorze no *Dabistan*; a de se acharem tão confusos os números e as individualidades dos Rishis e dos Manus; a de Krishna e Buddha falarem de si mesmos como reencarnações, Krishna identificando-se com o Rishi Nārākana, e Gautama referindo-se a uma série de nascimentos anteriores; e sobretudo a de dar-se ao primeiro, apesar de ser o “*próprio Brahma supremo*”, o nome de Amshāmshāvatāra: “uma parte de uma parte” — somente — do Supremo na Terra; finalmente, a razão por que Osíris é um Grande Deus e ao mesmo tempo um “Príncipe na terra”, que reaparece como Thoth Hermes, e por que Jesus (em hebreu: Joshua) de Nazaré cabalisticamente é identificado com Joshua, filho de Nun, e ainda com outros personagens.

A Doutrina Secreta esclarece tudo isso, dizendo que cada um deles, assim como muitos outros, apareceu primeiramente na Terra como um dos Sete Poderes do Logos, individualizado como um Deus ou Anjo (Mensageiro); em seguida, ligado à Matéria, reapareceu (cada qual por sua vez) como Sábio e Instrutor para “ensinar” a Quinta Raça, depois de haverem instruído as duas Raças precedentes; governando eles durante as Dinastias Divinas e, por último, sacrificando-se para renascer em várias circunstâncias, pelo bem da humanidade e por sua salvação, em certos períodos críticos — até que, em suas últimas encarnações, acabaram por não ser verdadeiramente mais que “partes de uma parte” sobre a Terra, ainda que, *de facto*, fossem o Uno Supremo na Natureza.

Tal é a metafísica da Teogonia. Ora, cada “Poder” dos SETE, uma vez individualizado, tem a seu cargo um dos elementos da criação, e o governa¹⁶; daí os numerosos significados de cada símbolo. E, a não ser quando

(15) Estes “sete” se converteram em oito, a Ogdóada das posteriores religiões *materializadas*; o sétimo “princípio” ou princípio superior já não era então o Espírito penetrante, a síntese, mas se convertera em um número antropomórfico ou unidade adicional.

(16) Estes elementos são: o cósmico, o terrestre, o mineral, o vegetal, o animal, o aquoso e, por último, o humano — em seus aspectos físico, espiritual e psíquico.

interpretados de acordo com os métodos esotéricos, estes símbolos geralmente dão lugar a muita confusão.

Quer uma prova o cabalista ocidental (ele que as mais das vezes é um adversário do ocultista oriental)?

Basta abrir a *Histoire de la Magie*¹⁷, de Éliphas Lévi, e examinar com toda a atenção o seu “Grande Símbolo Cabalístico” do *Zohar*. Descobrirá na gravura um desenvolvimento dos “triângulos entrelaçados”: um homem branco no alto, e em baixo uma mulher negra invertida, com as pernas passando sob os braços estendidos da figura masculina e aparecendo nos ombros por trás, enquanto as mãos se juntam em ângulo a cada lado. Com este símbolo Éliphas Lévi exprime Deus e a Natureza, ou Deus, a “Luz”, refletindo inversamente na Natureza e na Matéria — as *Trevas*. Cabalística e simbolicamente está certo, mas só no que se refere à cosmogonia emblemática. Ele não inventou o símbolo; nem tampouco os cabalistas. As duas figuras existiram em pedra branca e negra nos templos do Egito, desde tempos imemoriais segundo a tradição, e historicamente desde o tempo do rei Cambises, que as viu pessoalmente. Portanto, o símbolo já existia pelo menos há cerca de 2.500 anos, visto que Cambises, filho de Ciro o Grande, sucedeu ao pai em 529 a. C. Eram estátuas de dois Cabiros, e *personificavam os dois pólos opostos*. Heródoto¹⁸ narra à posteridade que Cambises entrou no templo dos Cabiros, e pôs-se a rir estrepitosamente ao ver o que julgou ser um homem de pé tendo pela frente uma mulher de cabeça para baixo. Tratava-se, porém, de uma representação dos pólos, símbolo que tinha por finalidade comemorar “a passagem do Pólo Norte original da Terra ao Pólo Sul do Céu”, como o entendeu Mackay¹⁹. Representava também os pólos *invertidos* em consequência da grande inclinação do eixo, o que ocasionava de cada vez o deslocamento dos mares, a submersão das terras polares e o subsequente levantamento de novos continentes nas regiões equatoriais, e *vice-versa*. Eram aqueles Cabiros os Deuses do “Dilúvio”.

Isso pode contribuir para orientar-nos em meio à confusão, aparentemente inextricável, criada pelos muitos nomes e títulos dados aos mesmos Deuses e classes de Deuses. Provou Faber, no começo deste século, a identidade dos Coribantes, dos Curetes, dos Dióscuros, dos Anaítas, dos Dii Magni, dos Idei-Dactyli, dos Lares, dos Penates, dos Manes²⁰, dos Titãs e

(17) Pág. 53.

(18) *Thalia*, LXXVII.

(19) Acrescenta ele que “os egípcios tinham diferentes maneiras de representar o ângulo dos pólos”. Na obra de Parry *View of the Levant* há uma figura que representa o Pólo Sul da Terra na constelação da Harpa, e onde os pólos aparecem sob a forma de duas varas retas com asas de falcão nas pontas, para diferenciar o Norte do Sul. Mas os símbolos dos pólos “...assumem por vezes a forma de serpentes com cabeça de falcão, para distinguir o extremo Norte do extremo Sul”. (*Op. cit.*, pág. 61.)

(20) Faber e o Bispo Cumberland querem fazer de todos estes as personificações ulteriores da “Arca de Noé, e... de nenhum outro que não o patriarca [Noé] e sua família” (!), conforme diz o primeiro desses autores em seu livro *Cabiri* (I, 136); porque, mui provavelmente após o Dilúvio, segundo se conta, a piedosa família de Noé

dos Aletes com os Cabiros. Já mencionamos que estes últimos equivaliam aos Manus, aos Rishis e aos nossos Dhyân-Chohans, que se encarnaram nos Eleitos da Terceira e da Quarta Raças. Assim, enquanto na Teogonia os Cabiros-Titãs eram os sete Grandes Deuses, aos Titãs se dava, cósmica e astronomicamente, a designação de Atlantes, talvez porque — diz Faber — estivessem relacionados com *at-al-as*, o “Sol divino”, e com *tit*, o “dilúvio”. No entanto, se assim é, deve ser apenas a versão exotérica. Esotericamente, o significado destes símbolos depende do apelativo ou título usado.

Os sete Grandes Deuses misteriosos, que inspiram temor reverencial — os Dióscuros ²¹, as Divindades envoltas nas trevas da Natureza Oculta —, convertem-se nos Idei-Dactyli, ou os “Dedos” ideais, entre os Adeptos que curam por meio dos metais.

A verdadeira etimologia do nome Lares, que agora significa “Fantasmas”, deve buscar-se na palavra etrusca *lars*, “construtor”, “o que dirige”.

Sanchuniathon traduz o termo Aletæ por “adoradores de fogo”, e Faber o crê derivado de *al-Orit*, o “Deus do Fogo”. Têm razão os dois, pois em ambos os casos vemos uma alusão ao Sol, o Deus “mais elevado”, para o qual “gravitam” os Deuses Planetários (astronômica e alegoricamente), e a quem rendem culto. Como os Lares, são verdadeiras Divindades solares, se bem que a etimologia de Faber, segundo a qual Lar é uma “contração de El-Ar, a divindade solar” ²², não seja muito correta. Os Lares eram os Condutores e os Guias dos homens. Como *Aletæ*, essas divindades representam, astronomicamente, os sete Planetas; e como Lares eram, misticamente, os Regentes desses Planetas, nossos Protetores e Soberanos. Para fins do culto exotérico ou fálico, e também no sentido cósmico, eram os Cabiros, cujos atributos e duplas faculdades estavam indicados pelos nomes dos templos a que respectivamente pertenciam, e ainda pelos de seus sacerdotes. Todos eles, porém, integravam os grupos setenários criadores e formadores de Dhyân-Chohans.

Os Sabeus, que adoravam os “Regentes dos Sete Planetas”, do mesmo modo que os hindus adoram os seus Rishis, consideravam Seth e seu filho Hermes (Enoch ou Enos) como os mais elevados dos Deuses Planetários. Dos Sabeus importaram os judeus as figura de Seth e Enos, deformando-as mais tarde (exotericamente); mas a verdade sobre ambos pode ser ainda

instituiu uma festa religiosa para comemorar o acontecimento, festa que mais tarde foi desvirtuada pelos *ímpios* descendentes do patriarca, os quais transformaram “Noé e sua família” em demônios ou deuses-heróis; “e com o tempo uma obscenidade impudente usurpou o nome e a forma da religião” (*ibid.*, I, pág. 10). Ora, isso é o mesmo que pretender suprimir a faculdade humana do raciocínio, não só dos antigos como de nossa geração atual. Inverta-se a proposição, e, depois das palavras “Noé e sua família”, explique-se que o sentido era simplesmente a versão judaica de um mistério da Samotrácia, referente a Saturno ou Cronos-Sydik e seus filhos, e então poderemos dizer: Amen.

(21) Que posteriormente, entre os gregos, ficaram limitados somente a Castor e Pólux. Mas na época da Lemúria os Dióscuros, os “Nascidos do Ovo”, eram os Sete Dhyân-Chohans (Agnishvâta-Kumâra) que se encarnaram nos Sete Eleitos da Terceira Raça.

(22) *Op. cit.*, I, pág. 133.

encontrada, inclusive no *Gênesis*²³. Seth é o "Progenitor" dos primeiros homens da Terceira Raça, na qual se haviam encarnado os Anjos Planetários; ele próprio era um Dhyân-Chohan e fazia parte dos Deuses *formadores*; dizendo-se que Enos (Hanoch ou Enoch), ou Hermes, era seu *filho*, sendo Enoch um nome genérico de todos os "Videntes" primitivos (Enoichion). Daí se originou o culto. O escritor árabe Soyuti diz que os anais mais remotos mencionam Seth ou Set como fundador do Sabeísmo, e que as pirâmides, representação do sistema planetário, eram consideradas como o lugar do sepulcro tanto de Seth como de Idrus (Hermes ou Enoch)²⁴; que ali iam os Sabeus em peregrinação, e cantavam orações *sete vezes* por dia, *voltando-se para o Norte* (Monte Meru, Kaph, Olimpo, etc.)²⁵. Abd Allatif também conta coisas curiosas acerca dos Sabeus e de seus livros. O mesmo faz Eddin Ahmed Ben Yahya, que escreveu 200 anos mais tarde. Enquanto este último sustenta que "cada pirâmide era consagrada a uma *estrela*" (melhor, ao *Regente* de uma estrela), Abd Allatif nos afirma haver lido em antigos livros sabeus "que uma das pirâmides era o túmulo de Agathodæmon, e outra o de Hermes"²⁶.

"Agathodæmon não era outro senão Seth, e, segundo certos autores, Hermes era seu filho",

acrescenta o Sr. Staniland Wake em *The Great Pyramid*²⁷.

Enquanto que na Samotrácia e nos mais antigos templos egípcios os Cabiros eram os Grandes Deuses Cósmicos — os Sete e os *Quarenta e Nove* Fogos Sagrados —, nos templos gregos o seu culto se tornou quase fálico, e, portanto, obsceno aos olhos profanos. Neste último caso, eram três e quatro, ou sete — os princípios macho e fêmea —, a *cruz ansata*. Esta divisão explica por que alguns autores clássicos os consideravam como três somente, enquanto outros enumeravam quatro. Estes eram: Axieros (em seu aspecto feminino Deméter); Axiokersa (Perséfone)²⁸, Axiokersos

(23) Clemente de Alexandria reconhecia a significação astronômica dos capítulos XXV e seguintes do *Exodo*. Disse ele que, segundo a doutrina mosaica, os sete Planetas ajudam a geração das coisas terrestres. Os dois Querubins que estão nos dois lados do sagrado Terhagrammaton representam a Ursa Maior e a Ursa Menor.

(24) Vyse, *Operations*, etc., II, 258.

(25) Palgrave, II, 264.

(26) Vyse, *ibid.*, II, 342.

(27) Pág. 57.

(28) A especulação de Mackey (o adepto autodidata de Norwich), em sua *Mythological Astronomy*, é uma idéia curiosa, que talvez não esteja muito longe da verdade. Diz ele que os Cabiros, chamados Axieros e Axiokersa, (a) tinham os seus nomes derivados de *Kab* ou *Cab*, uma "medida", e de *urim*, os "céus" — de modo que os Cabiros eram "uma medida dos céus"; e (b) que os seus nomes distintivos, que implicavam o *princípio da geração*, se referiam aos sexos, pois a palavra *sexo* era então *ax*, termo que... em nossos dias se converteu no de *sexo*" (e aqui ele remete o leitor à *Encyclopædia Londiniensis*, verbete "aspiração"). Ora, se dermos um som aspirado a Axieros, a palavra se converterá em *Sax* ou *Sexieros*; e o pólo oposto será *Sexikersa*. Os dois pólos tornar-se-iam assim os geradores dos outros poderes da Natureza: seriam o *Pai* e a *Mãe* dos outros poderes; e, portanto, os Deuses mais poderosos" (*Op. cit.*, págs. 59-60).

(Plutão ou Hades); Kadmon ou Kasmilos (Hermes, não o Hermes itifálico a que aludiu Heródoto²⁹, mas “o da lenda sagrada”, que só se explicava durante os mistérios da Somatrácia). Esta identificação, que, segundo o Escólio sobre Apolônio de Rodes³⁰, se deve a uma indiscrição de Manaseas, em verdade não é nenhuma identificação, pois os nomes por si só não revelam grande coisa³¹. Outros, que do seu ponto de vista também tinham razão, sustentavam que só havia dois Cabiros. Eram estes, esotericamente, os dois Dioscuros, Castor e Pólux, e, exotericamente, Júpiter e Baco. Ambos personificavam, geodesicamente, os pólos terrestres; e, astronomicamente, os pólos terrestres e celeste; como ainda o homem físico e o homem espiritual.

Para compreender a alegoria, não é preciso senão ler esotericamente a história de Semele e Júpiter e do nascimento de Baco, *Bimater*, com todas as circunstâncias que se referem ao caso. O papel que o Fogo, a Água, a Terra, etc., desempenharam neste episódio, conforme as muitas versões, mostrará como o “Pai dos Deuses” e o “Deus jovial do Vinho” passaram a personificar também os dois pólos terrestres.

Os elementos telúrico, metálico, magnético, elétrico e ígneo são outras tantas alusões e referências ao caráter cósmico e astronômico da tragédia do dilúvio. Em Astronomia, os pólos são efetivamente a “medida celeste”; e, conforme mostraremos, também o são os Cabiros-Dioscuros, assim como os Cabiros-Titãs, aos quais Deodoro atribui a “invenção do fogo”³² e a arte de trabalhar o ferro. Por outro lado, Pausânias declara³³ que a divindade Cabírica original era Prometeu.

Mas a circunstância de também serem os Titãs-Cabiros, astronomicamente, os Geradores e Reguladores das Estações, e, cosmicamente, as grandes Energias Vulcânicas — os Deuses que presidem os metais e todas as obras terrestres — não impede que, em seu caráter divino, original, sejam as Entidades benéficas que, simbolizadas em Prometeu, trouxeram a luz ao mundo e dotaram a humanidade de inteligência e razão. São eles, de modo preeminente, em todas as teogonias (e especialmente na dos hindus), os Divinos e Sagrados Fogos, em número de Três, Sete ou Quarenta e Nove, conforme as necessidades da alegoria. Evidenciam-no os seus próprios nomes, pois são os Agni-Putras, ou Filhos do Fogo, na Índia, e os Gênios do Fogo, sob denominações várias, na Grécia e em outras partes.

Welcker, Maury e agora Decharme mostram que o nome *Kabeiros* quer dizer “o poderoso pelo fogo” e vem do grego αἶω “queimar”. A palavra semítica *Kabirim* contém a idéia de “o forte, o poderoso, o grande”, correspondendo ao grego μεγάλοι, ζυνατοί, mas estes são epítetos posteriores.

(29) II, 51.

(30) I, 9-17.

(31) Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, pág. 270.

(32) A palavra *guebra* vem de Kabiri (Gabiri), e designa os antigos persas, ou parsas, adoradores do fogo. Kabiri transformou-se em Gabiri, e ficou sendo um qualificativo dos zoroastrianos na Pérsia (Hyde, *De Religione Persarum*, capítulo 29).

(33) I, IX, 751.

Estes Deuses eram venerados universalmente; a sua origem perde-se na noite dos tempos. Mas, fossem invocados na Frígia, na Fenícia, na Tróade, na Trácia, no Egito, em Lemnos ou na Sicília, o seu culto esteve sempre relacionado com o Fogo, os seus templos foram sempre edificadas em localidades de predominância vulcânica; e quanto ao culto exotérico eles faziam parte das Divindades Ctonianas, motivo por que o Cristianismo os incluiu entre os Deuses *Infernais*.

São eles, verdadeiramente, “os grandes, benéficos e poderosos Deuses”, como Cássio Hermone os chama³⁴. Em Tebas, Core (Korê ou Perséfone) e Deméter, os Cabiros tinham um santuário³⁵, e em Mênfis um templo tão sagrado que ninguém — exceto os sacerdotes — podia penetrar em seu recinto³⁶.

Contudo, não devemos perder de vista ao mesmo tempo que o título de Cabiro era genérico; que os Cabiros, Deuses poderosos, ainda que também mortais, eram de ambos os sexos, assim como terrestres, celestes e cósmicos; que, se em seu caráter cósmico de regentes dos poderes siderais e terrestres simbolizavam e personificavam um fenômeno puramente geológico (como hoje se acredita), foram eles também, no princípio dos tempos, os Regentes da Humanidade, quando, encarnados como Reis das “Dinastias Divinas”, deram o primeiro impulso à civilização, dirigindo a mente com que haviam dotado os homens para a invenção e o aperfeiçoamento de todas as artes e ciências. Daí a razão de se dizer que os Cabiros apareceram como benfeitores dos homens, e como tais viveram durante evos na memória das nações.

A esses Cabiros ou Titãs se atribui a invenção das letras (o Deva-nâgari ou alfabeto e linguagem dos Deuses), da legislação, da arquitetura e também das diferentes formas da chamada Magia, assim como do uso das plantas para fins medicinais. Os nomes de Hermes, Orfeu, Cadmo, Asclépio, todos aqueles Semideuses e Heróis a quem se atribui a revelação das ciências aos homens, são todos nomes genéricos (em que pese à opinião de Bryant, de Faber, do Bispo Cumberland e de tantos outros, que, zelosos em demasia para se contentarem com a verdade simples, quiseram obrigar a posteridade a enxergar neles meras cópias pagãs de um só protótipo chamado Noé).

Os Cabiros são ainda considerados os reveladores do grande benefício da agricultura, com a *produção* do trigo ou grão. O que Ísis-Osíris, o Cabiro vivente, fez no Egito, diz-se que Ceres também fez na Sicília; ambos pertenciam à mesma classe.

O caduceu de Mercúrio é uma prova de que as serpentes foram sempre os emblemas da sabedoria e da prudência, pois Mercúrio se identifica com Thot, o Deus da Sabedoria, com Hermes e outros semelhantes. Que as duas serpentes, enroscadas na vara fossem símbolos fálicos de Júpiter e de outros Deuses, que se teriam metamorfoseado em serpentes para seduzir as Deusas, isso não passa de produto da imaginação impura dos simbologistas profanos.

(34) Veja-se Macrob., *Sat.*, I, III, c. 4, pág. 376.

(35) Pausânias, IX, 22, 5.

(36) Heródoto, III, 37.

A serpente foi sempre o símbolo do Adepto e dos seus poderes de imortalidade e conhecimento divino. Mercúrio, em seu caráter de psicopompo, conduzindo e guiando as almas dos mortos ao Hades, com o seu caduceu, e até despertando-as à vida com ele, é uma simples e bem transparente alegoria. Mostra esta o duplo poder da Sabedoria Secreta: a Magia branca e a Magia negra; indica esta Sabedoria, personificada, dirigindo a alma depois da morte, e dispondo do poder de chamar à vida o que está morto — metáfora profunda se meditarmos em sua significação.

Todos os povos da antiguidade, com uma só discrepância, reverenciavam esse símbolo. A exceção eram os cristãos, que houveram por bem olvidar a “Serpente de Bronze” de Moisés, e ainda que o próprio Jesus reconheceu implicitamente a grande sabedoria e prudência da serpente, quando disse: “Sede sábios como a serpente e inofensivos como os pombos.” O povo chinês, um dos mais antigos da nossa Quinta Raça, dela fez o emblema de seus Imperadores, que são assim os sucessores degenerados das “Serpentes”, ou Iniciados, que governaram as primeiras raças da Quinta Humanidade. O trono do Imperador é o “Assento do Dragão”, e suas vestes de cerimônia são bordadas com figuras que representam Dragões. Os aforismos dos mais antigos livros da China, por outra parte, rezam claramente que o Dragão é um Ser Humano, ainda que também *divino*. Diz o *Twan-ving-t'u*, referindo-se ao “Dragão Amarelo”, chefe dos demais:

Sua sabedoria e virtude são insondáveis... ele não frequenta os outros e não vive em grupos [é um asceta]... Vaga pelos desertos que ficam além dos céus. Vai e vem, cumprindo o decreto [Carma]; nas ocasiões oportunas, se a perfeição existe, ele se apresenta; em caso contrário, permanece [invisível].”

E Lü-lan afirma que Confúcio declarou:

“O Dragão alimenta-se da pura (água) [da Sabedoria], e recreia-se na (água) clara [da Vida].”³⁷

NOSSOS INSTRUTORES DIVINOS

A Atlântida e a Ilha Flégia não são as únicas reminiscências do Dilúvio. Também a China tem as suas tradições e a história de uma ilha ou continente, de nome Ma-li-ga-si-ma, que Faber e Kämpfer gravam “Maurigasima”, por misteriosas razões fonéticas que só eles sabem. Kämpfer expõe a tradição em seu livro *Japan*³⁸: A ilha, devido à iniquidade de seus gigantes, submerge no fundo do Oceano, e o Rei Peiruun, o Noé chinês, escapa só com a sua família, graças a um aviso dos Deuses por intermédio de dois ídolos. Este piedoso príncipe e seus descendentes povoaram a China. As tradições chinesas falam nas Dinastias Reais Divinas com tanta frequência como o fazem as tradições de outros povos.

(37) Cit. em *Mythical Monsters*, Gould, pág. 399.

(38) Apêndice, pág. 13; citado por Faber em *Cabiri*, II, págs. 289-291.

Pode-se ver também que não há um só fragmento antigo que não se refira à crença em uma evolução multiforme e até multigenérica de seres humanos: evolução espiritual, psíquica, intelectual e física, tal como se tem descrito nesta obra. Passamos agora a examinar alguns destes aspectos.

Nossas raças — segundo todos aqueles dados — são oriundas de Raças Divinas, seja qual for o nome que se dê a estas últimas. Quer se trate dos Rishis ou Pitris indianos; dos Chimnang e Tchan-gy dos chineses, de seu “Homem Divino” e seus Semideuses; dos Dingir e dos Mul-lil dos acadianos, o Deus Criador e os “Deuses do mundo dos Fantasmas”; do Ísis-Osiris e do Thot dos egípcios; dos Elohim dos hebreus; ou ainda dos Manco-Capac e sua progênie peruana — a história é a mesma em toda a parte. Cada nação tem ou os sete e os dez Rishis-Manus e Prajâpatis; os sete e dez Ki-y; ou os dez e sete *Amshaspends*³⁹ (exotericamente, seis); os dez e sete Annedoti caldeus; os dez e sete Sephiroth, etc. Todos eles são derivados dos primitivos Dhyân-Chohans da Doutrina Secreta, ou “Construtores” das Estâncias do volume I.

Desde Manu, Thot-Hermes, Oannes-Dagon e Edris-Enoch, até Platão Panodoro, todos nos falam em sete Dinastias Divinas, em sete divisões Lemurianas e em sete divisões Atlantes da Terra; em sete Deuses primitivos e duplos, que desceram de sua Mansão Celestial⁴⁰ e reinaram sobre a Terra, ensinando à humanidade Astronomia, Arquitetura e todas as demais ciências que chegaram até nós. Tais Seres aparecem primeiramente como Deuses e Criadores; fundem-se depois no homem nascente; e ressurgem finalmente como “Reis e Governadores Divinos”. Tudo isso, porém, foi pouco a pouco caindo no esquecimento. Conforme nos mostra Basnage, os próprios egípcios confessavam que a Ciência havia florescido em seu país somente a partir da era de Ísis-Osiris, que eles continuavam a adorar como Deuses, “embora estes se houvessem convertido em príncipes com forma humana”. E acrescenta a respeito do Divino Andrógino:

“Diz-se que este príncipe [Ísis-Osiris] construiu cidades no Egito; deteve as inundações excessivas do Nilo; inventou a agricultura e o uso do vinho, a Música, a Astronomia e a Geometria.”

Quando Abul Feda, em sua *História Anteislâmica*⁴¹, diz que a língua sabéia” foi instituída por Seth e Edris (Enoch), quer referir-se à Astronomia. No *Melelwa Nabil*⁴² se diz que Hermes é o discípulo de Agathodæmon; e em outra obra fala-se de Agathodæmon como um “Rei do Egito”⁴³. O

(39) Os *Amshaspends* são seis, se excluirmos Ormuzd, seu chefe e Logos. Mas na Doutrina Secreta ele é o sétimo e o mais elevado, assim como Phtah é o sétimo Cabiro entre os Cabiros.

(40) Nos *Purânas*, é identificada com o Shveta-dvipa do Monte Meru, de Vishnu ou de Brahma.

(41) Ed. Fleisher, pág. 16.

(42) Manuscrito 47, em Nic. Cat.

(43) Manuscrito 785, Cat. d'Uri; citado pelo Coronel Vyse, *Operations at the Pyramids of Gizeh*, II, pág. 364; ver Staniland Wake, *The Great Pyramid*, págs. 94-95.

Celepas Geraldinus nos proporciona algumas tradições curiosas acerca de Henoch, que é chamado o "Divino Gigante". O historiador Ahmed Ben Yosouf Eltiphas, em seu *Livro dos Diversos Nomes do Nilo*, nos refere a crença, difundida entre os árabes semitas, de que Seth — mais tarde convertido no Tífon egípcio, Set — havia sido um dos Sete Anjos ou Patriarcas da *Bíblia*, tornando-se em seguida um mortal, um filho de Adão, e transmitindo o dom da profecia e a ciência astronômica a Jared, que por sua vez o comunicou a seu filho Henoch. Mas Henoch (Idris), "o autor de trinta livros", era de "origem sabéia" — isto é, pertencia a Saba, "uma Legião":

"Havendo estabelecido os ritos e cerimônias do culto primitivo, ele foi ao Oriente, onde construiu cento e quarenta cidades, das quais Edessa foi a menos importante; depois regressou ao Egito, do qual se tornou rei." ⁴⁴

Portanto, Enoch identifica-se com Hermes. Mas há cinco Hermes — ou melhor, um só que aparecia, como certos Manus e Rishis, sob vários personagens diferentes. No *Burham-i-Kati* é mencionado como Hormig, um nome do planeta Mercúrio ou Budha; e a Quarta-feira era consagrada tanto a Hermes como a Thot ⁴⁵. O Hermes da tradição oriental era venerado pelos Fineatas, e dizia-se que após a morte de Argos ele se refugiou no Egito, e, sob o nome de Thot ⁴⁶, civilizou esse país. Mas em todos esses aspectos atribui-se-lhe o haver transferido as ciências do *estado latente à potência ativa*, isto é, o ter sido o primeiro que ensinou a Magia no Egito e na Grécia, antes da era da Magna Grécia e quando os gregos não eram sequer os Helenos.

Não só Heródoto, o "Pai da História", nos fala das maravilhosas Dinastias de Deuses que precederam o reinado dos mortais, sendo sucedidas pelas Dinastias de Semideuses, de Heróis e finalmente de homens, mas ainda são os seus informes confirmados por toda uma série de autores clássicos. Deodoro, Eratóstenes, Platão, Maneton, etc., reproduzem o mesmo relato, sem nunca variar na ordem de sua apresentação.

Conforme diz Creuzer:

"Verdadeiramente, é do alto das esferas estelares, onde moram os deuses de luz, que a sabedoria desce às esferas inferiores. No sistema dos antigos sacerdotes [Hierofantes e Adeptos] todas as coisas, sem exceção, os Deuses, os Gênios, as Almas [Manes], o mundo inteiro, se desenvolvem conjuntamente no espaço e no tempo. A pirâmide pode ser considerada o símbolo desta magnífica hierarquia de espírito." ⁴⁷

São os historiadores modernos — os acadêmicos franceses, e Renan principalmente — os que mais esforços têm envidado para ocultar a verdade, fazendo caso omisso dos antigos anais que se referem aos Reis Divinos; mais do que seria compatível com a estrita honestidade. E Renan não podia nunca estar menos desejoso que Eratóstenes (260 a.C.) para aceitar a ver-

(44) De Mirville, *Des Esprits*, III, pág. 28.

(45) Staniland Wake, *ibid.*, pág. 96.

(46) *Ibid.*, pág. 97.

(47) *Egypte*, IV, 441; De Mirville, *op. cit.*, III, 41.

dade; Eratóstenes que, não obstante, se viu obrigado a reconhecer o fato. Por isso mesmo, 2.000 anos mais tarde, veio o grande astrônomo a ser alvo da zombaria de seus colegas. Para esses, Maneton é “um sacerdote supersticioso, nascido e educado no ambiente de outros sacerdotes impostores de Heliópolis”. Segundo observa com razão o demonólogo De Mirville:

“Todos esses historiadores e sacerdotes, tão *verazes* quando repetem as histórias de reis *humanos* e de homens, passam repentinamente a ser *extremamente suspeitos* quando se ocupam dos *seus deuses*.”

Mas aí está a tábua sincrônica de Abids, que, graças ao gênio de Champollion, veio fazer justiça à boa-fé dos sacerdotes do Egito (de Maneton sobretudo) e de Ptolomeu, no papiro de Turim, o mais notável de todos. Segundo as palavras do egiptólogo De Rougé:

“Champollion, tomado de profunda surpresa, viu que tinha ante seus próprios olhos os restos de uma lista de Dinastias que abrangia os tempos míticos mais remotos, isto é, os *Reinados dos Deuses e dos Heróis*... Desde as primeiras linhas deste curioso papiro, somos obrigados a nos convencer de que, até mesmo remontando à distante época de Ramsés, essas tradições míticas e heróicas eram exatamente como as que nos havia transmitido Maneton; vemos que nelas figuram como Reis do Egito os Deuses Seb, Osíris, Set, Horus, Thot-Hermes e a Deusa Ma, atribuindo-se ao reinado de cada um deles a duração de muitos séculos.”⁴⁸

Essas tábuas sincrônicas, à parte o fato de haverem sido desfiguradas por Eusébio com um objetivo nada honesto, nunca iam além de Maneton. A cronologia das Dinastias e dos Reis Divinos, do mesmo modo que a referente à idade da espécie humana, esteve nas mãos dos sacerdotes durante todo o tempo, sendo conservada em segredo para a multidão profana.

Se bem que a África, como continente, segundo se admite, tenha surgido antes da Europa, o seu aparecimento foi posterior ao da Lemúria e até mesmo ao da primitiva Atlântida. Toda a região ocupada pelo Egito e os desertos de hoje esteve outrora coberta pelo mar. Este fato foi primeiramente assinalado por Heródoto, Estrabão, Plínio e outros, e mais tarde pela Geologia. A Abissínia foi uma ilha em certa época, e o Delta a primeira região habitada pelos imigrantes que vieram do Nordeste com os seus Deuses.

Quando se passou isso? A história guarda silêncio sobre este ponto. Felizmente, temos o Zodíaco de Dendera, o planisfério que ornamenta o teto de um dos templos egípcios mais antigos, e onde a ocorrência está registrada.

Esse Zodíaco, com suas três misteriosas Virgens entre o Leão e a Balança, encontrou o seu Édipo para decifrar o enigma dos seus signos e fazer justiça à veracidade daqueles sacerdotes que disseram a Heródoto que os Iniciados egípcios ensinavam: (a) que os Pólos da Terra e os da Eclíptica haviam outrora coincidido; (b) que, mesmo em épocas posteriores ao começo

(48) *Annales de Philosophie Chrétienne*, XXXII, 442; veja-se De Mirville, *Des Esprits*, III, 18.

de suas primeiras anotações zodiacais, os Pólos terrestres se encontraram por três vezes no plano da Eclíptica.

Bailly dizia não dispor de expressões suficientes para definir a sua surpresa ante a *similitude* de todas essas tradições concernentes às Raças Divinas, e exclamava:

“Que são, finalmente, todos esses reinados de Devas indianos e Peris [persas], ou os reinados das lendas chinesas? Esses Tien-hoang ou Reis do Céu, completamente distintos dos Ti-hoang ou Reis da Terra, e dos Gin-hoang ou Reis-homens, distinções que estão de perfeito acordo com as dos gregos e egípcios quando enumeram suas Dinastias de Deuses, Semideuses e mortais?”⁴⁹

Como disse Panodoro:

“Foi durante esses milênios [antes do Dilúvio] que houve o *Reinado dos Sete Deuses* que governam o mundo. Nesse período, aqueles benfeitores da humanidade *desceram* à Terra e ensinaram os homens a calcular os cursos do Sol e da Lua pelos signos da Eclíptica.”⁵⁰

Cerca de quinhentos anos antes da era atual, os sacerdotes do Egito mostraram a Heródoto as estátuas de seus Reis humanos e Pontífices-Piromis — os Arquiprofetos ou Mahâ-Chohans dos templos, *nascidos um do outro*, sem intervenção de mulher — que haviam reinado anteriormente a Menes, seu primeiro rei *humano*. Essas estátuas, diz Heródoto, eram colossos enormes de madeira, em número de trezentos e quarenta e cinco, *cada uma das quais tinha seu nome, sua história e seus anais*. Também afirmaram a Heródoto (a menos que o historiador tão veraz, o “Pai da História”, seja agora, *precisamente neste ponto*, acusado de impostor) que nenhum historiador poderia jamais compreender ou escrever a história daqueles reis super-humanos, sem que antes houvesse estudado e aprendido a história das *três* Dinastias que precederam as dinastias humanas, isto é, a DINASTIA DOS DEUSES, a dos Semideuses e a dos Heróis ou Gigantes⁵¹. Estas *três* Dinastias são as três Raças.

Traduzindo em linguagem da Doutrina Secreta, essas três Dinastias seriam também as dos Devas, dos Kimpurushas e dos Dânavas e Daitvas; em outras palavras, dos Deuses, dos Espíritos Celestes e dos Gigantes ou Titãs.

“Ditosos os que, embora pertencendo à condição de Deuses, nascem como homens em Bhârata-varsha!” — exclamam os próprios Deuses encarnados durante a Terceira Raça-Raiz. Bhârata é geralmente a Índia, mas aqui o nome simboliza a “Terra Eleita” daqueles tempos, a qual era considerada a melhor das divisões de Jambu-dvipa, por ser a terra *por excelência*

(49) *Histoire de l'Astronomie ancienne*; veja-se De Mirville, *op. cit.*, *ibid.*, III, pág. 15.

(50) De Mirville, *ibid.*, pág. 41.

(51) Veja-se De Mirville, *ibid.*, págs. 16-17, para um confronto de evidências.

das obras ativas (espirituais); a terra da Iniciação e do Conhecimento Divino⁵².

Ninguém pode deixar de reconhecer em Creuzer grandes faculdades de intuição, quando, apesar de ignorar quase por completo a filosofia ariana hindu, bem pouco conhecida no seu tempo, o vemos escrever:

“Nós, os europeus modernos, nos surpreendemos quando ouvimos falar dos Espíritos do Sol, da Lua, etc.; entretanto, repetimos mais uma vez, o bom senso natural e o reto juízo dos povos antigos, absolutamente estranhos às nossas idéias de todo materiais sobre mecânica e ciências físicas... não podiam limitar-se a ver nas estrelas e nos planetas simples massas de luz ou simples corpos opacos, movendo-se em círculos no espaço sideral por obra exclusiva das leis de atração e de repulsão; divisavam ali corpos vivos, animados por espíritos, como igualmente os viam em todos os reinos da Natureza... Esta doutrina dos espíritos, tão em harmonia com a Natureza, da qual se derivava, constituía um conceito unitário e grandioso, em que os aspectos físico, moral e político formavam um só todo.”⁵³

Só uma concepção dessa ordem pode levar o homem a ter uma idéia correta de sua origem e da gênese de todas as coisas do Universo: do Céu e da Terra, entre os quais é ele um elo vivo. Sem semelhante elo psicológico e o sentimento de sua presença, não há Ciência que possa jamais progredir, e o domínio do Conhecimento tem de limitar-se apenas à análise da matéria física.

Os ocultistas crêem nos “espíritos”, porque se sentem — e alguns se vêem — rodeados por eles de todos os lados⁵⁴. Os materialistas, não. Estes vivem nesta Terra como vivem algumas criaturas do mundo dos insetos e até mesmo do mundo dos peixes, rodeados por miríades de seres de sua espécie, sem que os vejam ou sintam⁵⁵.

(52) No *Visnu Purâna* podem-se ver, com uma leitura atenta, inúmeras corroborações do que acima está dito (Livro II, cap. III, IV *et seq.*). Os reinados dos Deuses, dos Deuses inferiores e dos Homens, são todos enumerados nas descrições das sete ilhas, dos sete mares, das sete montanhas, etc., sob o governo de Reis. Diz-se invariavelmente que cada Rei tem sete filhos, alusão às sete sub-raças. Um exemplo bastará. O Rei de Kusha-Dvipa teve sete filhos... “cujos nomes foram dados às sete partes ou Varshas da ilha... Ali residia a humanidade, lado a lado com os *Daityas* e os *Dândavas*, e também com os espíritos do céu [*Gandharvas*, *Yakshas*, *Kimpurushas*, etc.] e com os Deuses” (trad. de Wilson, II, pág. 195). Só há uma exceção no caso do Rei Priyavrata (filho do primeiro Manu, Svayambhuva), que teve dez filhos. Destes, porém, três — Medha, Agnibâhu e Putra (*ibid.*, II, 101) — se tornaram ascetas e renunciaram às suas partes. Assim, Priyavrata dividiu a Terra outra vez — em sete continentes.

(53) *Egypte*, págs. 450-55; De Mirville, *ibid.*, págs. 41-42.

(54) Em geral, agora que a própria natureza interna do homem se tornou tão cega quanto a sua natureza física, o homem vive neste Globo como o *Amphioxus* no oceano. Visto por milhões de outros peixes e seres que o rodeiam, o *Amphioxus* — não possuindo cérebro nem qualquer dos sentidos que as demais espécies possuem — não os vê. Quem sabe se, de acordo com a teoria de Darwin, não são esses *Branquiostomos* os diretos antepassados dos nossos materialistas?

(55) Os ocultistas têm sido acusados de render culto a Deuses e a Demônios! Não é verdade. Entre as inumeráveis legiões de Espíritos — entidades que foram ou serão homens — alguns há que são incomensuravelmente superiores à raça humana, mais sublimes e mais santos que o mais sublime dos santos e mais sábio que qualquer

Platão, entre os autores clássicos, é o primeiro sábio que discorre com alguma extensão sobre as Dinastias Divinas, localizando-as em um vasto continente, a que dá o nome de Atlântida. E Bailly não foi o primeiro a acreditar nelas: antecipou-o nessa teoria o Padre Kircher, sábio jesuíta que escreveu o seguinte em seu *Cedipus Ægyptiacus*:

"Confesso que durante muito tempo considerei tudo isto [as Dinastias da Atlântida] como pura fábula (*meras nugas*), até o dia em que, mais instruído nas línguas orientais, pude compreender que todas essas lendas não devem representar, em suma, senão o desenvolvimento de uma grande verdade." 56

De Rougemont nos mostra que Teopompo, em seu *Meropis*, se refere a sacerdotes da Frígia e da Ásia Menor que falavam exatamente como os sacerdotes de Saís quando revelaram a Solon a história e o destino da Atlântida. Segundo Teopompo, era um continente, de extensão indefinida, que abrangia dois países, habitados por duas raças — uma guerreira, e a outra piedosa e contemplativa 57 — que ele sintetiza em duas cidades 58. A "cidade" piedosa era *continuamente visitada pelos Deuses*; a "cidade" guerreira estava habitada por diversos seres *invulneráveis* ao ferro e que só podiam ser *mortalmente feridos* pela pedra e pela madeira 59. De Rougemont considera isso

um dos mortais, sem exceção. Outros, pelo contrário, não são melhores do que nós, e há ainda os que são muito piores, e até inferiores ao mais ínfimo dos selvagens. Estes últimos são os que mais facilmente se comunicam com a nossa Terra, que nos vêem e nos sentem, da mesma forma que são vistos e percebidos pelos clarividentes. A estreita proximidade de nossas respectivas moradas e planos de percepção favorece, infelizmente, semelhantes intercomunicações, estando eles sempre dispostos a intervir em nossos assuntos, para o bem ou para o mal. Se nos perguntarem por que só as naturezas históricas e sensitivas, só as pessoas nevropáticas e psicopáticas vêem os "espíritos", e às vezes falam com eles, nós responderemos com outras perguntas, assim: Sabeis qual é a natureza da alucinação e podeis definir-lhe o processo psíquico? Como podereis afirmar que todas essas visões são devidas tão-somente a alucinações psíquicas? Como podeis estar seguros de que as doenças mentais e nervosas, cerrando ao mesmo tempo com um véu os nossos sentidos *normais* (assim chamados), não revelam horizontes novos e desconhecidos para o homem são, abrindo portas ordinariamente fechadas a vossas percepções científicas (?); ou de que uma faculdade psíquico-espiritual *não substitui* de imediato a perda ou a atrofia momentânea de um sentido puramente físico? A doença ou a exuberância do fluido nervoso é o que produz o estado mediúnico e as visões, aquilo a que chamais alucinações. Mas que sabe da mediunidade a Ciência? Se os modernos Charcots estudassem atentamente o delírio de seus pacientes de um ponto de vista mais psíquico, sem dúvida que a Ciência (e sobretudo a Fisiologia) estaria mais adiantada nesse campo, e abrangeria uma área muito mais vasta de fatos em seus conhecimentos.

(56) I, 70; De Mirville, *ibid.*, pág. 26.

(57) Eram os primeiros Árias e o grosso da Quarta Raça-Raiz: aqueles, piedosos e contemplativos (os seguidores do Ioga), e os outros uma raça belicosa de feiticeiros, que degenerou rapidamente por causa de suas paixões infrenes.

(58) As divisões Setentrional e Meridional da Lemúria-Atlântida. As terras hiperbóreas e equatoriais dos dois continentes.

(59) De Rougemont, *Peuple Primitif*, III, 157; De Mirville, *ibid.*, pág. 29. Tem isto um sentido Oculto, referindo-se à propriedade que tem o ferro de ser atraído por certos elementos magnéticos e repellido por outros. Tais elementos podem, mediante um procedimento oculto, tornar-se tão impenetráveis ao ferro quanto a água é impenetrável a um golpe.

pura *ficção* inventada por Teopompo, e chega mesmo a qualificar de *impostura* a informação dos sacerdotes de Saís. Foi ele increpado de ilógico pelos demonólogos. Segundo as palavras irônicas de De Mirville:

"Uma *impostura* que tinha por base uma crença que era um artigo de fé para toda a antiguidade; uma *suposição* que, no entanto, deu nome a toda uma cadeia de montanhas (Atlas); que especificava com a maior precisão uma região topográfica (situando esta terra a pouca distância de Cadiz e do Estreito de Calpe); que, 2.000 anos antes de Cristóvão Colombo, anunciava profeticamente a existência de uma *grande terra transoceânica*, além daquela Atlântida, e a que "se chegava", conforme se dizia, "pelas ilhas, não dos Espíritos Benditos, mas dos Bons Espíritos", ευδαίμονια (nossas Ilhas Afortunadas). Semelhante suposição pode muito bem não ser mais que uma *quimera universal!*" ⁶⁰

Certo é que, "quimera" ou realidade, os sacerdotes do mundo inteiro a tinham haurido na mesma fonte: a tradição universal a respeito do Terceiro Grande Continente que pereceu há uns 850.000 anos ⁶¹ — um continente habitado por duas raças distintas, distintas física e (sobretudo) moralmente, ambas em extremo versadas na sabedoria primitiva e nos segredos da Natureza, e mutuamente antagonistas durante o curso e o progresso de sua evolução.

Porque, se não era mais que uma "ficção", de onde então provêm os ensinamentos chineses sobre este assunto? Não registram as tradições da China que em certa época existiu uma Ilha *Santa*, que ficava além do Sol, Tcheou, e do outro lado da qual estavam situadas as terras dos Homens *Imortais*? ⁶² Não crê ainda a sua gente que os últimos desses Homens Imortais — que sobreviveram quando a Ilha *Santa* se converteu em "negra pelo pecado" e pereceu — encontraram refúgio no grande Deserto de Gobi, onde ainda residem, invisíveis para o resto do mundo e defendidos de toda intrusão por uma Legião de Espíritos?

Eis o que escreve o incrédulo Boulanger:

"Se dermos ouvido às tradições, veremos que elas situam antes do governo dos Reis o dos Heróis e Semideuses, e em época bem anterior o maravilhoso reino dos Deuses, assim como todas as fábulas da Idade de Ouro... Surpreende que anais tão interessantes tenham sido desprezados por quase todos os historiadores. É no entanto as idéias a que se referem esses anais foram em outros tempos universalmente admitidas e veneradas por todos os povos, e muitos são ainda o que as reverenciam e delas fazem a base de sua vida cotidiana. Tais considerações parecem exigir um juízo menos apressado... Os antigos, de quem nos vieram essas tradições, *que já não aceitamos porque deixamos de compreendê-las*, deviam ter suas razões para crer nelas, razões proporcionadas por sua maior proximidade das primeiras eras, e que nos são recusadas pela distância que nos separa no tempo... Platão, no quarto livro de suas *Leis*, diz que, muito antes da construção das primeiras cidades, Saturno havia estabelecido na Terra certa forma de governo, sob o qual o homem era muito feliz. Ora, como é à Idade de Ouro que ele se refere, ou àquele reinado dos Deuses tão celebrado nas antigas fábulas... vejamos as idéias que tinha dessa ditosa idade, e qual foi a oportu-

(60) *Ibid.*, loc. cit.

(61) O Primeiro Continente, ou Ilha se assim se preferir, a "calota do Pólo Norte", nunca pereceu, nem perecerá até o fim das Sete Raças.

(62) Veja-se De Rougemont, *ibid.*

nidade que teve para introduzir semelhante *fábula* em um tratado de política. Segundo Platão, para obter-se uma idéia clara e precisa sobre a realeza, sua origem e seu poder, é necessário retroceder aos primórdios da história e da tradição. Grandes transformações, diz ele, ocorreram outrora *no Céu e na Terra*, e o presente estado de coisas é um dos resultados [Carma]. Nossas tradições nos falam de muitas maravilhas, de alterações que se verificaram no percurso do Sol, do reinado de Saturno e de mil outras coisas que permanecem esparsas na memória humana; mas *nunca se ouviu dizer nada do mal que estas revoluções produziram, nem do mal que se seguiu a elas como consequência direta*. No entanto... este Mal é o princípio de que devemos falar para ficarmos habilitados a tratar a questão da realeza e da origem do poder.”⁶³

Esse *Mal* parece que Platão o vê na similitude ou consubstancialidade da natureza dos que governam e dos que são governados, pois diz que, muito antes de o homem construir cidades, na Idade de Ouro, só a felicidade existia na Terra, e de nada ele necessitava. Por quê? Porque Saturno, sabendo que o homem não podia governar o homem, sem que os seus caprichos e vaidades fizessem imperar a injustiça no mundo, não quis permitir que nenhum mortal obtivesse poder sobre seus semelhantes. Para tanto, empregou o Deus meios como os que adotamos para proteger o nosso rebanho. Ninguém põe um touro ou um carneiro à frente dos touros ou dos carneiros, mas lhes damos um guia, um pastor, isto é, *um ser de espécie completamente diferente e de uma natureza superior*. Ele amava a humanidade, e para governá-la designou não um rei ou um príncipe mortal, mas “Espíritos e Gênios (*δαίμονες*), de uma natureza mais divina, mais perfeita que a do homem”.

Deus (o Logos, a Síntese da Legião), presidindo assim os Gênios, veio a ser o primeiro Pastor, o primeiro Guia dos homens⁶⁴. Quando o mundo deixou de ser governado desse modo, e os Deuses se retiraram, animais ferozes devoraram uma parte da humanidade. Abandonados aos seus próprios recursos e indústria, entre os homens foram então surgindo sucessivos Inventores, que descobriram o fogo, o trigo, o vinho; e a gratidão pública os deificou⁶⁵.

E a humanidade tinha razão, pois a produção do fogo pelo atrito constituiu o primeiro mistério da Natureza, a primeira e principal propriedade da matéria que ao homem foi revelada.

Como dizem os Comentários:

Frutos e grãos, até então desconhecidos na Terra, foram trazidos de outros Lokas [Esteras] pelos “Senhores de Sabedoria”, em benefício daqueles que governavam.

Ora:

“As primeiras invenções [?] da humanidade são as mais maravilhosas de todas as que a humanidade já fez... O primeiro uso do fogo e os métodos de acendê-lo;

(63) Boulanger, *Règne des Dieux*, introd.; veja-se De Mirville, *op. cit.*, *ibid.*, págs. 32-33.

(64) A Doutrina Secreta explica e desenvolve o texto de Platão, esclarecendo que estes “inventores” foram Deuses e Semideuses (Devas e Rishis), os quais, deliberadamente uns, obrigados pelo Carma outros, se haviam encarnado no homem.

(65) Os parágrafos anteriores são um resumo extraído de Platão, em *De Legibus*, I, IV, *id. in Critias et in Politic.*; De Mirville, *ibid.*, III, págs. 33-34.

a domesticação dos animais e, sobretudo, o processo que permitiu desenvolver, pela primeira vez, os cereais de algumas ervas selvagens [?], tudo isso são descobertas com as quais não se podem comparar, em engenho e importância, todas as outras descobertas posteriores. Aquelas são todas desconhecidas da história, todas se perdem na luz de uma *refulgente aurora*.”⁶⁶

A nossa orgulhosa geração o negará. Mas, aos que nos afirmarem que não há grãos ou frutos *desconhecidos na Terra*, caber-nos-á então responder lembrando que o trigo jamais foi encontrado em estado silvestre: não é um produto originário da Terra. Podem encontrar-se as formas primitivas de todos os demais cereais, em várias espécies de ervas silvestres; o trigo, porém, tem desafiado até agora os esforços empregados pelos botânicos para descobri-lhe a origem. E não esqueçamos, neste particular, quão sagrado era esse cereal entre os sacerdotes egípcios: o trigo era colocado até mesmo junto de suas múmias, em cujos ataúdes foi encontrado milhares de anos depois. Recordemos como os servidores de Hórus espigavam o trigo no campo de Aanru — trigo de sete côvados de altura⁶⁷.

Diz a Ísis egípcia:

“Eu sou a Rainha destas regiões; fui a primeira a revelar aos mortais os mistérios do trigo e dos cereais... Eu sou aquela que se levanta na constelação do Cão... Regozija-te, ó Egito, tu que foste a minha nutriz.”⁶⁸

Sírio era também chamada a Estrela do Cão. E era a estrela de Mercúrio ou Budha, chamado o Instrutor da Humanidade.

(66) Argyle, *Unity of Nature*.

(67) *Livro dos Mortos*, XCIX, 33, e CLVI, 4. O leitor deve reportar-se à Estância VII, sloka 3, do Vol. I, pág. 418, onde este versículo é explicado em outro de seus significados, e também ao *Livro dos Mortos*, CIX, 4 e 5. Trata-se de uma alusão direta à divisão esotérica dos “princípios” do homem, simbolizados no trigo divino. A lenda que figura no terceiro Registro do papiro (*Livro dos Mortos*, CX) reza: “Esta é a região dos Manes [homens desencarnados] de sete côvados de altura [a saber: os recém-transferidos, que se supõe ainda serem sétuplos, com todos os seus princípios, inclusive o próprio corpo, representado *astralmente* no Kama-Loka ou Hades, antes da separação]; e há trigo de três côvados de altura para as múmias em estado de perfeição [isto é, as já separadas, cujos três princípios superiores estão no Devachan], às quais se permite espigá-lo.” Essa região do Devachan é chamada “a terra do renascimento dos Deuses”, e diz-se que é habitada por Shu, Tefnut e Seb. A “região para os Manes de sete côvados de altura” — para as múmias ainda imperfeitas — e a região para aquelas “em estado de perfeição”, que “espigam trigo de três côvados de altura”, têm uma significação tão clara quanto possível. Os egípcios seguiam a mesma filosofia esotérica que é hoje ensinada pelos Adeptos de aquém-Himalaia; e, quando estes últimos são enterrados, sobre eles se depositam trigo e cereais.

(68) I, XIV. Há egiptólogos que tentaram, incorrendo em grande erro, identificar Osíris com Menes. Bunsen confere a Menes uma antiguidade de 5.867 anos A.C., merecendo por isso a censura dos cristãos. Mas “Ísis-Osíris” reinou no Egito antes que o Zodíaco fosse pintado no teto do templo de Dendera, e isto se passou há mais de 75.000 anos!

O *I-Ching* chinês atribui o descobrimento da agricultura “às instruções dadas aos homens pelos gênios celestes”.

“Desgraçados, desgraçados os homens que nada sabem, nada observam nem querem ver. Estão todos cegos⁶⁹, pois continuam ignorando quão cheio está o mundo de criaturas invisíveis, que pululam até nos sítios mais sagrados.”⁷⁰

Os “Filhos de Deus” *existiram e existem*. Desde os Brahmaputras e Mânasaputras, os Filhos de Brahma e os Filhos Nascidos da Mente, dos hindus, até os B’ne Aleim da *Bíblia* judaica, a crença dos séculos e a tradição universal obrigam a razão a render-se perante a evidência dos fatos. Que valor pode ter a chamada “crítica independente” ou a “evidência íntima” — que têm geralmente por base os conceitos da preferência pessoal dos críticos — em presença do testemunho universal, que jamais tem variado em todo o curso dos ciclos históricos? Leia-se esotericamente, por exemplo, o capítulo VI do *Gênesis*, que repete os assertos da Doutrina Secreta, ainda que modificando ligeiramente a forma e tirando uma conclusão diferente, que está em contradição com o próprio *Zohar*:

“Havia gigantes na Terra, naqueles tempos; e também mais tarde quando os filhos de Deus [B’ne Aleim] se uniram às filhas dos homens e lhes deram filhos, que foram homens poderosos da antiguidade, homens de fama [ou gigantes].”⁷¹

Que significa a frase “e também mais tarde”, se não que houve Gigantes na Terra *antes*, isto é, antes dos Filhos Sem-Pecado da Terceira Raça, e *também depois*, quando outros Filhos de Deus (de natureza inferior) inauguraram as relações sexuais na Terra, como o fez Daksha ao ver que os seus Mânasaputras não queriam povoar a Terra? Há em seguida uma grande lacuna no capítulo, entre os versículos 4.º e 5.º. Porque não foi certamente por causa da maldade dos “homens poderosos... homens de fama”, entre os quais figura Nenrod, “o poderoso caçador perante o Eterno”, que “Deus viu que a maldade dos homens era grande”; nem por causa dos construtores da torre de Babel, já que o episódio desta torre ocorreu *depois* do Dilúvio; mas foi devido àquela progênie dos Gigantes que produziu *monstra quædam de genere giganteo*, monstros que deram nascimento a raças inferiores de homens, hoje representadas por algumas tribos miseráveis, que vão desaparecendo, e pelos grandes símios antropóides.

E se os teólogos, protestantes ou católicos romanos, quiserem reprovar-nos, não nos caberá senão pedir-lhes que se reportem a seus próprios textos literais. O versículo que há pouco citamos foi sempre um dilema, não só para os homens de ciência e os versados na *Bíblia*, como também para os sacerdotes. Pois, conforme expõe o Rev. Padre Péronne:

“Ou eles (os B’ne Aleim) eram Anjos bons, e em tal caso como podiam cair? Ou eram [Anjos] maus, e neste caso não podiam ser chamados B’ne Aleim ou filhos de Deus.”⁷²

(69) No texto: “arrolhados” ou “aparafusados”.

(70) *Zohar*, 1.ª Parte, col. 177; De Mirville, *ibid.*, III, pág. 88.

(71) *Gênesis*, VI, 4.

(72) *Prælections Theol.*, cap. II; De Mirville, *ibid.*, III, pág. 84.

Esse enigma bíblico — “cujo verdadeiro sentido nenhum autor jamais pôde compreender”, segundo confessa ingenuamente Fourmont ⁷³ — só a Doutrina Oculta pode explicar, à luz do *Zohar* para os ocidentais, e à luz do *Livro de Dzyan* para os orientais. Já vimos o que diz este último; quanto ao *Zohar*, dele consta que B'ne Aleim era um nome comum dado aos Malachim, os bons Mensageiros, e aos Ischim, Anjos inferiores ⁷⁴.

Podemos acrescentar, com vistas aos demonólogos, que o seu Satã, o “Adversário”, está incluído no livro de *Job* entre os “filhos” de Deus ou B'ne Aleim, que visitaram o Pai ⁷⁵. Mas disto nos ocuparemos mais adiante.

Pois bem: o *Zohar* diz que os Ischim, os formosos B'ne Aleim, não eram culpados, mas se misturaram com os homens mortais porque foram enviados à Terra com este objetivo ⁷⁶. Em outra parte, o mesmo livro nos mostra esses B'ne Aleim como pertencentes à décima subdivisão dos “Tronos” ⁷⁷. Explica também que os Ischim — “Homens-Espíritos”, *virii spirituales* ⁷⁸ —, agora que os homens já não podem vê-los, ajudam os Magos a produzir, com a sua ciência, *Homunculi*, que não são “homens pequenos”, mas “homens menores (no sentido da inferioridade) que os homens”. Uns e outros se apresentam sob a forma que então tinham os Ischim, ou seja, forma gasosa, e etérea. Seu chefe é Azazel. Azazel, a quem o dogma da Igreja insiste em associar a Satã, mas que não é nada disso.

Azazel é um mistério, conforme se explica em outra parte, e assim o expressa Maimonides:

“Há um mistério impenetrável no relato concernente a Azazel.” ⁷⁹

Assim é; pois, conforme diz Lanci, bibliotecário do Vaticano, a quem já citamos anteriormente e que devia saber algo:

“Este nome divino e venerável (*nome divino e venerabile*) passou a significar, sob a pena dos eruditos da Bíblia, um demônio, um deserto, uma montanha e um bode.” ⁸⁰

Parece, portanto, desarrazoado derivar o nome, como o fez Spencer, de Azal (separado) e El (Deus), para significar “o separado de Deus”, o DEMÔNIO. No *Zohar*, Azazel é antes “a vítima dos sacrifícios” que “o adversário formal de Jeová”, como pretende Spencer ⁸¹.

A soma de fantasias e ficções maliciosas, acumuladas em torno desta “Legião” por vários escritores fanáticos, é verdadeiramente extraordinária. Azazel e sua “Legião” são apenas o “Prometeu” dos hebreus, e devem ser

(73) *Réflexions Critiques sur l'Origine des Anciens Peuples*.

(74) Rabi Parcha.

(75) I, 6.

(76) *Livro de Ruth e Schadash*, fol. 63, col. 3. Edição de Amsterdã.

(77) *Zohar*, 2.ª parte, col. 73; De Mirville, *ibid.*, pág. 86.

(78) *Ibid.*, pág. 87.

(79) *More Nevochim*, XXVI, 8.

(80) *Sacra Scriptura*.

(81) Vol. II, págs. 14, 29.

considerados do mesmo ponto de vista. O *Zohar* mostra os Ischim acorrentados à montanha, no deserto. É uma alegoria, referindo-se tão-só ao aprisionamento daqueles "Espíritos" na Terra durante o Ciclo de Encarnação.

Azazel, ou Azazyel, no *Livro de Enoch*, é um dos chefes dos Anjos "transgressores" que, descendo sobre o Ardis, o cume do monte Armon, se comprometeram entre si por um juramento de mútua lealdade. Diz-se que Azazyel ensinou os homens a fazer espadas, cutelos e escudos, assim como a fabricar espelhos (?) que permitiam a uma pessoa *ver o que estava por detrás dela*, isto é, "espelhos mágicos". Amazarak instruiu todos os feiticeiros e classificadores de raízes; Amers explicou a Magia; Barkayal, a Astrologia; Akibeel, a significação dos presságios e dos signos; Tamiel, a Astrologia; e Asaradel, o movimento da Lua⁸². "Esses foram os primeiros instrutores do quarto homem", (isto é, da *Quarta Raça*). Por que interpretar sempre a alegoria no exato sentido que a sua letra morta expressa?

Ela é a representação simbólica da grande luta entre a Sabedoria Divina, Nous, Novζ, e o seu reflexo terrestre, Psyche, ψυχη, ou entre o Espírito e a Alma, no Céu e na Terra.

No Céu, porque a Mônada Divina dele se exilou voluntariamente, descendo a um plano inferior para encarnar-se, a fim de transformar deste modo o *animal* de argila em um Deus imortal. Porque, como diz Elíphas Lévi:

"Os Anjos aspiram a ser homens; pois o Homem Perfeito, o Homem-Deus, está acima dos próprios Anjos."

Na Terra, porque o Espírito, tão logo desceu, foi envolvido no turbilhão da Matéria.

Coisa estranha: o Ensino Oculto inverte os caracteres; o Arcanjo antropomorfo dos cristãos e o Deus semelhante ao homem dos hindus são os que representam a Matéria neste caso; e é o Dragão ou a Serpente que representa o Espírito.

O simbolismo oculto dá a chave do mistério; o simbolismo teológico o torna ainda mais impenetrável. O primeiro esclarece muitas passagens da *Bíblia*, inclusive do *Novo Testamento*, até então incompreensíveis; ao passo que o segundo, por causa do seu dogma de Satã e da Rebelião, degradou o caráter de seu Deus, que deveria ser infinito e absolutamente perfeito, e deu origem ao maior dos males que afligem a Terra: a crença em um Demônio pessoal.

Esse mistério está agora em parte revelado. A chave de sua interpretação metafísica vem de ser reconstituída, enquanto que a de sua interpretação teológica representa Deus e os Arcanjos como símbolos das religiões dogmáticas, baseadas na letra morta, contrariando as verdades puras do Espírito, desnudas e sem os adornos da fantasia.

(82) Cap. VIII, trad. de Laurence, págs. 7 e 8.

Muitas são as indicações que neste particular se encontram em *Isis sem Véu*, e em maior número ainda as que, relacionadas com o mistério, podem ver-se esparsas, aqui e ali, na presente obra.

Para clarear de uma vez por todas a questão: o que o clero, em todas as religiões dogmáticas, e sobretudo na religião cristã, designa pelo nome de Satã, inimigo de Deus, em verdade é o Espírito Divino mais elevado — a Sabedoria Oculta sobre a Terra —, que naturalmente se acha em antagonismo a todas as ilusões passageiras deste mundo, inclusive religiões dogmáticas e eclesiásticas.

Assim, a Igreja Latina, intolerante, fanática e cruel para com todos os que não consentem em ser-lhe os escravos, essa Igreja que defere a si mesma o título de “esposa” de Cristo e o de delegada dos poderes de Pedro, a quem tão merecidamente foi dirigida a reprimenda do Mestre: “Afasta-te de mim, Satã”; e também a Igreja Protestante, que, intitulado-se cristã, substituiu paradoxalmente a Nova Revelação pela antiga Lei de Moisés, que o Cristo abertamente repudiou. As duas Igrejas estão lutando contra a verdade divina quando repelem e caluniam o Dragão da Sabedoria Divina Esotérica. Ao lançarem o anátema contra o Chnouphis Solar Gnóstico, o Christos Agathodæmon, ou a Serpente Teosófica da Eternidade, ou mesmo a Serpente do *Gênesis*, são elas impulsionadas por aquele mesmo espírito de sombrio fanatismo que animava os fariseus quando invectivaram a Jesus com estas palavras: “Não dizemos que estás possuído pelo Demônio?”

Leia-se a história de Indra (Vâyü) no *Rig Veda*, o livro oculto por excelência do Arianismo, e compare-se com a dos *Purânas*, versão exotérica e intencionalmente truncada da verdadeira Religião-Sabedoria.

No *Rig-Veda*, Indra é o mais elevado e o maior dos Deuses, e a sua bebida, Soma, é uma alegoria de sua natureza altamente espiritual.

Nos *Purânas*, Indra é um perdido e um borracho que se deleita com o vinho de Soma, no sentido vulgar terrestre. É o vencedor de todos os “inimigos de Deus”, os Daityas, os Nâgas (Serpentes), os Asuras, todos os *Deuses-Serpentes*, e de Vritra, a Serpente cósmica. Indra é o São Miguel do Panteão hindu, o chefe da *Legião militante*.

Retornando à *Bíblia*, vemos aqui Satã, um dos “Filhos de Deus”⁸³, que se converte, segundo a interpretação exotérica, no Demônio e no Dragão, em seu sentido infernal e maléfico. Mas, na *Cabala*⁸⁴, Samael, que não é outro senão Satã, figura como idêntico a São Miguel, o vencedor do Dragão.

Como pode ser isso, quando se diz que Tselem (a Imagem) reflete igualmente a Miguel e a Samael, *os quais são um só*? Ambos procedem, segundo nos ensinam, de Ruach (o Espírito), de Neshamah (a Alma) e de Nephesh (a Vida). No *Livro dos Números* caldeu, Samael é a Sabedoria escondida (Oculta) e Miguel a Sabedoria *terrena superior*, emanando ambos da mesma fonte, mas divergindo após saírem da Alma do Mundo, que na

(83) *Job*, I, 6.

(84) O *Livro dos Números* caldeu.

Terra é Mahat, a compreensão intelectual, ou Manas, a sede do intelecto. Divergem, porque um (Miguel) é influenciado por Neshamah, ao passo que o outro (Samael) não sofre influência.

Essa doutrina foi desvirtuada pelo espírito dogmático da Igreja, que, não tolerando que o Espírito independente não fosse influenciado pela forma exterior, e, conseqüentemente, pelo dogma, entendeu de transformar Samael-Satã — o mais sábio e o mais espiritual de todos os Espíritos — no Adversário de seu Deus antropomórfico e do homem físico sensível: o Demônio.

A ORIGEM DO MITO DE SATÃ

Examinando mais a fundo esta criação da fantasia dos Padres da Igreja, tentemos descobrir o seu protótipo entre os pagãos.

A origem do novo mito satânico é fácil de encontrar. A tradição do Dragão e do Sol tem ecos em todos os recantos do mundo, tanto nas regiões civilizadas como nas semi-selvagens. Seu ponto de partida foram os cochichos dos profanos a respeito das Iniciações secretas; e estabeleceu-se universalmente, em certa época, por meio da religião heliólatra, que existia por toda a parte antigamente. Houve tempo em que as quatro partes do mundo estavam cobertas de templos consagrados ao Sol e ao Dragão; mas o culto ainda se conserva nos dias de hoje, sobretudo na China e nos países budistas.

"Bel e o Dragão estando uniformemente unidos, e o sacerdote da religião Ofita usando de maneira também uniforme o nome do seu Deus." ⁸⁵

Entre as religiões do passado, é na do Egito que devemos buscar sua origem ocidental. Os Ofitas copiaram os ritos de Hermes Trismegisto, e a heliolatria, com os seus deuses solares, veio da Índia para a terra dos Faroós. Nos Deuses de Stonehenge reconhecemos as divindades de Delfos e Babilônia, e nestas últimas os Devas das nações védicas. Bel e o Dragão, Apolo e Píton, Krishna e Kaliya, Osíris e Tífon, são nomes diversos de um só e mesmo Deus; São Miguel e o Dragão Vermelho, São Jorge e o seu Dragão, são nomes posteriores. Como Miguel é "uno com Deus", o seu "Duplo" para fins terrestres, e é também um dos Elohim, o Anjo guerreiro vem a ser, portanto, simples permutação de Jeová.

Seja qual for o acontecimento cósmico ou astronômico que primitivamente deu lugar à alegoria da "Guerra nos Céus", devemos buscar-lhe a origem terrestre nos templos de Iniciação e nas criptas arcaicas; e a prova é que vemos: (a) os sacerdotes tomando os nomes dos Deuses a que servem; (b) os "Dragões" sendo considerados por toda a antiguidade como símbolos da Imortalidade e da Sabedoria, do Conhecimento Oculto e da Eternidade; e (c) os Hierofantes do Egito, da Babilônia e da Índia dando a si mesmos

(85) *Archæology*, XXV, 220, Londres.

os nomes de “Filhos do Dragão” e “Serpentes”, corroborando assim os ensinamentos da Doutrina Secreta.

Havia no Egito e na Caldéia numerosas catacumbas, algumas de grande extensão. As mais célebres foram as criptas subterrâneas de Tebas e de Mênfis. As primeiras começavam na margem ocidental do Nilo e se estendiam para o deserto da Líbia, sendo conhecidas pelo nome de Catacumbas ou Passagens da Serpente. Era ali que se celebravam os Mistérios Sagrados de *Kuklos Anankês*, o “Ciclo Inevitável”, mais conhecido sob o nome de “Ciclo da Necessidade”; o destino inexorável imposto a toda Alma, após a morte do corpo, quando de seu julgamento na região do Amenti.

Na obra de De Bourbourg, Votan, o semideus mexicano, ao fazer o relato de sua expedição, descreve uma passagem subterrânea que se estendia sob o solo e ia terminar na raiz dos céus; e acrescenta que essa passagem era uma toca de Serpente, “*un agujero de culebra*”, e que nela fora admitido por ser ele próprio um Filho das Serpentes”, ou uma Serpente ⁸⁶.

Isso é, realmente, muito sugestivo, pois que a descrição da “toca de Serpente” corresponde à da antiga cripta egípcia que há pouco mencionamos. Por outra parte, no Egito como na Babilônia, os Hierofantes se davam, geralmente por ocasião dos Mistérios, o nome de “Filhos do Deus-Serpente” ou o de “Filhos do Dragão”.

“Os sacerdotes assírios” — diz Movers — “tinham sempre o nome do seu Deus”. Os Druidas das regiões celto-bretãs também eram chamados Serpentes. “Eu sou uma Serpente, eu sou um Druida” — exclamavam. O Karnak egípcio é irmão gêmeo do Carnac da Bretanha, e Carnac significava o Monte da Serpente.

Os Dracontia cobriram outrora a superfície do Globo, e estes templos só eram consagrados ao Dragão porque ele era o símbolo do Sol, que, por sua vez, simbolizava o Deus Supremo, o Elon ou Elion fenício, que Abraão reconheceu sob o nome de El Elion ⁸⁷. Além do sobrenome de Serpente, os sacerdotes tinham ainda o de “Construtores” ou “Arquitetos”, por causa da imensa grandeza dos seus templos e monumentos, que até hoje, com os seus pulverizados restos, “desafiam os nossos engenheiros modernos e seus cálculos matemáticos”, como diz Taliesin ⁸⁸.

De Bourbourg sugere que os chefes com o nome de Votan, o Quetzal-Cohuatl ou Deus-Serpente dos mexicanos, são descendentes de Cam e de Canaan. “Eu sou Hivim”, dizem eles; “sendo um Hivim, sou da grande raça do Dragão (Serpente). Eu mesmo sou uma Serpente, porque sou um Hivim” ⁸⁹.

Acresce notar que um dos significados da “Guerra nos Céus” dizia respeito às terríveis lutas que esperam o candidato ao Adeptado; lutas entre ele e suas paixões humanas personificadas (pela Magia), quando o *Homem*

(86) *Die Phoinizier*, 70. (Citado em *Isis sem Véu*, II, pág. 554.)

(87) Veja-se: Sanchoniaton em Eusébio, *Pr. Ev.*, 36; *Gênesis*, XVI.

(88) *Society of Antiquaries of London*, XXV, 220.

(89) *Cartas*, 57; veja-se *Isis sem Véu*, vol. I, págs. 553 e seguintes.

Interno iluminado tem que destruí-las ou falhar. No primeiro caso, passa a ser o “Matador do Dragão”, porque teve a felicidade de dominar todas as tentações; e um “Filho da Serpente”, ou uma Serpente que se desprende de sua antiga pele e nasceu em um *novo* corpo, tornando-se um Filho da Sabedoria e da Imortalidade no seio do Eterno.

Seth, o suposto antepassado de Israel, não é senão a máscara judaica de Hermes, o Deus da Sabedoria, também chamado Thoth, Tat, Seth, Set e Satã. É ainda Tífon, bem como Apofis, o Dragão morto por Hórus, pois a Tífon se dava igualmente o nome de Set. Representa somente o *aspecto tenebroso* de Osíris, seu irmão, assim como Angra Mainyu é a sombra negra de Ahura Mazda. No sentido terrestre, todas essas alegorias se relacionavam com as provas do Adeptado e da Iniciação. Astronomicamente, referiam-se aos eclipses do Sol e da Lua, cujas explicações míticas se vêem ainda hoje na Índia e em Ceilão, onde qualquer pessoa pode estudar as narrativas e tradições alegóricas, que têm permanecido imutáveis durante milhares de anos.

As grutas dos Rishis e as mansões dos Tirésias e dos videntes gregos obedeciam ao modelo das dos Nāgas, os Reis-Serpentes da Índia, que moravam em cavidades rochosas subterrâneas. Desde Shesha, a Serpente de mil cabeças, sobre a qual Vishnu repousa, até Pítom, o Dragão-Serpente oracular, tudo assinala o sentido secreto do mito. Na Índia, vemos mencionado o fato nos primeiros *Purānas*. Os filhos de Surasā são os “poderosos” Dragões. Como o *Vāyu Purāna* substitui os “Dragões” de Surasā do *Vishnu Purāna* pelos Dānavas, e os descendentes de Danu pelo sábio Kashyapa, e como os Dānavas são os Gigantes ou Titãs que lutaram contra os Deuses, fica evidenciado que todos se identificam com os “Dragões” e as “Serpentes” da Sabedoria.

Basta compararmos os Deuses solares de todos os países para vermos que as suas alegorias concordam perfeitamente umas com as outras; e quanto mais oculto é o símbolo alegórico, tanto mais concorda com o símbolo correspondente dos sistemas exotéricos. Desse modo, se em três sistemas aparentemente muitíssimo diferentes entre si — o sistema ariano arcaico, o antigo sistema grego e o moderno sistema cristão — escolhermos ao acaso vários Deuses solares e Dragões, veremos que são todos cópias uns dos outros.

Tomemos, por exemplo, Agni, Deus do Fogo, Indra, o Firmamento, e Kārttikeya, dos hindus; o Apolo grego e Miguel, o “Anjo do Sol”, o primeiro dos *Æons*, chamado o “Salvador” pelos gnósticos — e procedamos com ordem.

1.º Agni, Deus do Fogo, é chamado Vaishvānara no *Rig Veda*. Ora, Vaishvānara é um Dānava, Demônio-Gigante⁹⁰, cujas filhas Pulomā e Kālakā são as mães dos inumeráveis Dānavas (uns 30 milhões), havidos com

(90) É o nome que lhe dá o *Vāyu Purāna*, figurando na lista dos Dānavas; o Comentador do *Bhāgavata Purāna* o chama filho de Danu, mas o nome também significa “Espírito da Humanidade”.

Kashyapa⁹¹, e vivem em Hiranyapura, “a cidade de ouro que flutua nos ares”⁹². Por isso, Indra, como filho de Kashyapa, é, de certo modo, enteado daquelas duas; e Kashyapa, neste sentido, é idêntico a Agni, Deus do Fogo, ou o Sol (Kashyapa-Aditya). A este mesmo grupo pertence Skanda ou Kârttikeya, Deus da Guerra, astronomicamente o planeta Marte de seis faces, um Kumâra ou Adolescente-Virgem, nascido de Agni⁹³ para destruir Târaka, o Demônio Dâna, neto de Kashyapa por seu filho Hiranyâksha⁹⁴. As austeridades de Târaka como Iogue eram tão extraordinárias que assumiram aspectos tremendos aos olhos dos Deuses, os quais receavam semelhante rival em poderio⁹⁵. Indra, o resplandecente Deus do Firmamento, mata a Vritra ou Ahi, o Demônio-Serpente — feito em virtude do qual foi chamado Vritra-han, o “Destruidor de Vritra” — e também conduz as legiões de Devas (Anjos ou Deuses) no combate a outros Deuses rebeldes contra Brahma, recebendo por isso o sobrenome de Jishnu, “Chefe das Legiões Celestes”. Vê-se que Kârttikeya também possui os mesmos títulos. Por ter matado o Dâna Târaka, deram-lhe o cognome de Târaka-jit, “Matador de Târaka”⁹⁶, e os de Kumâra-Guba, “Misterioso Adolescente Virgem”, Siddha-sena, “Chefe dos Siddhas”, e Shakti-dhara, “Porta-lança”.

2.º Tomemos agora Apolo, o Deus solar grego, e, comparando as narrativas míticas que dele se fazem, vejamos se não corresponde, ao mesmo

(91) Kashyapa é chamado o Filho de Brahma, sendo o “Nascido por si mesmo” a quem se atribui grande parte da obra da criação. É um dos sete Rishis; exotericamente, é filho de Marichi, o filho de Brahma; ao passo que o *Atharva Veda* diz: “Kashyapa, o Nascido por si mesmo, surgiu do Tempo”, e esotericamente Tempo e Espaço são formas da Divindade Una Incognoscível. Como Aditya, Indra é filho de Kashyapa, como também o Manu Vaivasvata, nosso Progenitor. No exemplo do texto é Kashyapa-Aditya, o Sol e o Deus Solar, de quem nascem todos os Demônios, Dragões (Nâgas), Serpentes ou Deuses-Serpentes e Dânavas ou Gigantes “Cósmicos”. O sentido das alegorias acima é puramente astronômico e cósmico, mas servirá para demonstrar a identidade de todos.

(92) *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, II, 72.

(93) Todas estas histórias diferem nos textos exotéricos. No *Mahâbhârata*, Kârttikeya, o “Marte de seis faces”, é filho de Rudra ou Shiva; e Nascido por si mesmo, sem mãe, da semente de Shiva atirada no fogo; mas geralmente é chamado Agnibhu, “Nascido do Fogo”.

(94) Hiranyaksha é o regente ou rei da quinta região de Pâtala; um Deus-Serpente.

(95) Os Elohim temiam igualmente o Conhecimento do Bem e do Mal por parte de Adão, a quem por esse motivo expulsam do Éden, matando-o espiritualmente.

(96) A história que se conta é que Târaka (também chamado Kâlanâbha), em razão de seus extraordinários poderes de iogue, havia adquirido todo o conhecimento divino do Yoga-vidya e os poderes ocultos dos Deuses, que contra ele conspiravam. Aqui vemos a “obediente” Legião de Deuses menores, ou Arcanjos, conspirar contra os (futuros) Anjos Caídos, que Enoch acusa do grande crime de haverem revelado ao mundo todas “as coisas secretas que se fazem no Céu”. Coube a Miguel, Gabriel, Rafael, Suryal e Uriel denunciar ao Senhor Deus aqueles de seus irmãos que se dizia *haverem espreitado os mistérios divinos*, para ensiná-los aos homens; e desse modo escaparam eles próprios de um castigo semelhante. Miguel recebeu a missão de combater o Dragão, tal como sucedeu a Kârttikeya em idênticas circunstâncias. Ambos são “Chefes da Legião Celeste”, ambos Virgens, ambos “Chefes de Santos”, “Porta-Lanças” (Shaktidaras), etc. Kârttikeya é o original de São Miguel e de São Jorge, tão seguramente como Indra é o protótipo de Kârttikeya.

tempo, a Indra, a Kâarttikeya e até a Kashyapa-Aditya, e ainda a Miguel (como forma angélica de Jeová), o "Anjo do Sol", que é semelhante" a Deus e "uno" com Deus. As engenhosas interpretações posteriores para fins monoteístas nada provam, embora promovidas a dogmas da Igreja que não podem ser discutidos; nada provam, a não ser talvez o abuso da autoridade, e do poder humano.

Apolo é Hélios, o Sol, Febo-Apolo, a "Luz da Vida e do Mundo" ⁹⁷, que surge da Taça de Ouro Alada (o Sol); é, portanto, o Deus solar *por excelência*. Ao vir ao mundo, reclama o arco para matar Píton, o Dragão-Demônio, que atacara sua mãe antes do seu nascimento ⁹⁸, e que lhe cumpre destruir, por missão divina — Kârttikeya, que nasce com a missão de matar Târaka, o Demônio *demasiado santo e sábio*. Apolo nasce em uma ilha sideral chamada Astéria, a "ilha da estrela de ouro", a "terra que flutua nos ares", e que não é senão a *Hiranyapura* de ouro dos hindus; ele é cognominado o Puro (ὑγρόν), Agnus Dei, o Agni indiano, como pensa o Dr. Kenealy; e no mito primitivo está isento de "todo amor sensual" ⁹⁹. É, assim, um Kumâra, como Karttikeya, e como o era Indra em seus primeiros tempos e segundo as suas primeiras biografias. Por outro lado, Píton, o "Dragão Rubro", associa Apolo a Miguel em luta com o Dragão do *Apocalipse*, que tenta atacar a mulher nas dores do parto, assim como Píton ataca a mãe de Apolo. Será possível que não se veja a identidade?

Se o Hon. W. E. Gladstone, que tanto se orgulha dos seus conhecimentos do grego e de compreender o espírito das alegorias de Homero, houvesse tido algum vislumbre do verdadeiro sentido *esotérico* da *Iliada* e da *Odisséia*, teria compreendido o *Apocalipse* de São João e até mesmo o *Pentateuco* muito melhor do que os compreende. Porque a chave da *Bíblia* se encontra em Hermes, Bel e Homero, e a chave destes últimos nos símbolos religiosos dos hindus e dos caldeus.

3.º Vê-se repetida esta tradição no capítulo XII do *Apocalipse* de São João; sua origem, sem a menor dúvida, vem das lendas babilônicas, enquanto que a narração babilônica, por sua vez, tem raízes nas alegorias dos Árias. O fragmento lido pelo falecido George Smith é suficiente para clarear a fonte desse capítulo do *Apocalipse*. Ei-lo tal como o expôs o eminente assiriólogo:

"Nosso ... fragmento refere-se à criação da humanidade, chamada Adão, como [o homem] na *Bíblia*; ele foi criado perfeito ... mas depois se alia ao Dragão do abismo, o animal de Tiamat, o espírito do caos, e ofende ao seu Deus, *que o amaldiçoa*, evocando sobre sua cabeça todos os males e tormentos da humanidade ¹⁰⁰.

(97) A "vida e a luz" do mundo material *físico*, o gozo dos sentidos, não da alma. Apolo é eminentemente o Deus *humano*, o Deus do ritualismo emocional, da pompa teatral da Igreja, acompanhada de luzes e de música.

(98) Veja-se o *Apocalipse* (XII, 3 e 4), que menciona a mãe de Apolo perseguida por Píton, o Dragão rubro, que é também Porfírio, o Titã escarlata ou rubro.

(99) *Book of God*, pág. 88.

(100) Nenhum "Deus", chame-se Bel ou Jeová, que *amaldiçoe* sua própria (suposta) obra, por havê-la criado imperfeita, pode ser a Sabedoria Absoluta, Infinita e Única.

A isto segue-se uma guerra entre o dragão e as potências do mal ou do caos, de um lado, e os deuses, de outro.

Os deuses têm armas forjadas por eles¹⁰¹, e Merodach [o Arcanjo Miguel, no *Apocalipse*] assume a direção das legiões celestes contra o Dragão. A guerra, descrita com grande animação, finda naturalmente com o triunfo dos princípios do bem.¹⁰²

Essa Guerra entre os Deuses e as Potências do Abismo refere-se também, em sua aplicação última e terrestre, à luta sustentada pelos Adeptos Arianos da Quinta Raça nascente contra os Feiticeiros da Atlântida, os Demônios do Abismo, os Insulares rodeados de água, que desapareceram no Dilúvio.

Os símbolos do “Dragão” e da “Guerra no Céu” encerram, como já dissemos, mais de um sentido, pois acontecimentos religiosos, astronômicos e geológicos estão incluídos na mesma alegoria; mas tinham também um sentido cosmológico. Na Índia, a história do Dragão vem repetida, em um de seus aspectos, no relato das batalhas travadas entre Indra e Vritra. E nos *Vedas* se menciona este Ahi-Vritra como o Demônio da Seca, o terrível Vento abrasador. Indra aparece em constante guerra com ele; e o Deus, valendo-se dos seus raios e trovões, obriga Ahi-Vritra a descer sobre a Terra em forma de chuva, e depois o extermina. E por isso é chamado Vritra-han, ou o “Matador de Vritra”, tal como a Miguel se chama o Vencedor ou “Matador do Dragão”. Ambos estes Inimigos são, portanto, nesse único sentido, o “Velho Dragão” precipitado nas profundezas da Terra.

Os Amshaspendas do *Avesta* constituem uma Legião conduzida por um chefe como São Miguel, e que parece idêntica às Legiões do Céu, a julgar pelo que se lê no *Vendidad*. Assim, no Fargard XIX, Ahura-Mazda convida Zaratustra a “invocar os Amesha-Spentas que reinam sobre os sete Karshvares¹⁰³ da Terra”¹⁰⁴; estes Karshvares igualmente se relacionam, em suas sete aplicações, às Sete Esferas da nossa Cadeia Planetária, aos Sete Céus, etc., conforme o sentido se refira a um mundo físico, suprafísico ou simplesmente sideral. No mesmo Fargard, Zaratustra, em sua invocação contra Angra Mainyu e sua Legião, se dirige aos Amshaspendas nos seguintes

(101) Na alegoria hindu de Târakâmaya, a Guerra entre os Deuses e os Asuras, dirigida por Soma (a Lua, o Rei das Plantas), é Vishvakarman, o artífice dos Deuses, quem forja as armas para eles (tal como Vulcano).

(102) *Chaldean Account of Genesis*, pág. 304. Dissemos alhures que “a mulher com o menino” do *Apocalipse*, XII, 1 e 2, era Aima, a Grande Mãe ou Binah, o terceiro Sefira, “cujo nome é Jeová”; e o “Dragão”, que tenta devorar o menino que ela vai ter (o Universo), é o Dragão da Sabedoria Absoluta: aquela Sabedoria que, reconhecendo a não-separatividade do Universo e de tudo o que nele se contém do TODO Absoluto, não vê ali mais que a Grande Ilusão, Mâhâmaya, e portanto a causa da miséria e do sofrimento.

(103) Os “sete Karshvares da Terra” — as sete Esferas de nossa Cadeia Planetária, os sete Mundos, a que também alude o *Rig Veda*, são claramente explicados em outra parte. Há seis Râjamsi (Mundos) acima de Prithivi, a Terra, ou “Isto” (*Idam*), por oposição ao que está lá no alto (os seis Globos dos três outros planos). (Veja-se o *Rig Veda*: I, 34; III, 56; VII, 10411; e V, 60, 6.)

(104) Trad. de Darmsteter, *Sacred Books of the East*, vol. IV, pág. 207.

termos: "Eu invoco os sete brilhantes Sravah com seus filhos e seus grupos."¹⁰⁵ A palavra Sravah, que os orientistas deixaram de lado por ser de "significação desconhecida", designa os mesmos Amshaspends, mas em seu sentido oculto e mais elevado. Os Sravah são os Números dos Amshaspends fenomenais, as Almas ou Espíritos daqueles Poderes *manifestados*, e as palavras "seus filhos e seus grupos" se referem aos Anjos Planetários e seus grupos siderais de estrelas e de constelações.

"Amshaspends" é o termo exotérico, que é empregado somente nas combinações e assuntos terrestres. Zaratustra sempre se dirige a Ahura-Mazda como "ao autor do mundo *material*". Ormuzd é o pai de nossa Terra (Spenta Armaiti), a qual se menciona, quando está personificada, como a "formosa ilha de Ahura-Mazda"¹⁰⁶, que também é o criador da Árvore (da Sabedoria e do Conhecimento Oculto e Espiritual), fonte e inspiração do misterioso e místico Baresma. Mas o nome oculto do Deus resplandecente nunca era pronunciado fora do templo.

Samael ou Satã, a Serpente sedutora do *Gênesis* e um dos primeiros Anjos que se revoltaram, é o nome do "Dragão Rubro". É o Anjo da Morte, pois diz o *Talmud* que "o Anjo da Morte e Satã são um só". Foi morto por Miguel, e mais tarde por São Jorge, que é também um Matador do Dragão. Vejam-se, portanto, as transformações de tudo isto. Samael é idêntico ao Síum, o vento abrasador do deserto, e também ao Demônio Védico da Seca, como Vritra; e "o Síum é chamado Atabutos" ou *Diabolos*, o Diabo.

Tífon ou o Dragão Apófis — o Acusador no *Livro dos Mortos* é vencido por Horu, que traspassa com um golpe de lança a cabeça do seu adversário; e Tífon é o destruidor vento do deserto, o elemento rebelde que semeia a confusão em todas as coisas. Como Set, ele é a escuridão da noite, o matador de Osíris, que é a luz do dia e o Sol. A Arqueologia demonstra que Horu é idêntico a Anúbis¹⁰⁷, cuja efígie foi descoberta em um monumento egípcio, revestida de uma couraça e empunhando uma lança, tal como São Miguel e São Jorge. Também Anúbis é representado matando um Dragão com cabeça e cauda de serpente¹⁰⁸.

Cosmogonicamente, todos os Dragões e Serpentes vencidos por seus "Matadores" são, portanto, em sua origem, os princípios turbulentos e confusos do Caos, postos em ordem pelos Deuses Solares ou Poderes *Criadores*. No *Livro dos Mortos*, esses princípios são denominados os "Filhos da Rebelião!"¹⁰⁹.

"Naquela noite, o opressor, o matador de Osíris, também chamado a *Serpente enganadora*..., invoca os Filhos da Rebelião que estão no *Ar*; e, quando eles chegam ao Oriente dos Céus, irrompe a Guerra no Céu e no Mundo inteiro."¹¹⁰

(105) *Ibid.*, pág. 217.

(106) *Ibid.*, pág. 208.

(107) *Livro dos Mortos*, XVII, 62: Anúbis e Horu, que se converte "naquele que não tem olhos".

(108) Veja-se: *Du Dragon de Metz*, de Lenoir.

(109) Ver também *Egyptian Pantheon*, págs. 20, 23.

(110) *Livro dos Mortos*, XVII, 54 e 49.

Nos *Eddas* escandinavos, a “Guerra” dos Ases com os Hrimthurses, ou Gigantes do Gelo, e de Asathor com os Jotuns, as Serpentes e Dragões, e o “Lobo” que sai das “Trevas”, é a repetição do mesmo mito. Os “Espíritos Maus”¹¹¹, que a princípio não passavam de simples emblemas do Caos, foram evemerizados pela superstição das massas e acabaram adquirindo foros de cidadania entre as raças que pretendem ser as mais cultas e civilizadas deste Globo, desde sua criação, e convertendo-se em dogma entre os cristãos. Segundo diz George Smith:

“Os maus princípios [Espíritos], emblemas do Caos, como vemos [na Caldéia e na Assíria, do mesmo modo que no Egito, conforme se diz]... resistem a esta mudança e fazem guerra à Lua, o filho mais velho de Bel, atraindo para o seu lado o Sol, Vênus e o deus atmosférico Vul.”¹¹²

É apenas outra versão da “Guerra no Céu” hindu entre Soma (a Lua) e os Deuses, sendo Indra o Deus atmosférico Vul; o que mostra claramente que se trata de alegoria a um tempo cosmológica e astronômica, extraída da Teogonia primitiva, onde estava entretida, como se ensinava nos Mistérios.

É nas doutrinas religiosas dos Gnósticos que melhor podemos ver a significação real do Dragão, da Serpente, do Bode e de todos os símbolos dos Poderes agora chamados do Mal; pois foram os Gnósticos que divulgaram, em seus ensinamentos, a natureza esotérica do substituto judeu do AIN SOPH, cujo verdadeiro sentido os Rabinos ocultavam, enquanto os cristãos, com mui poucas exceções, nada sabiam a esse respeito.

Certo que Jesus de Nazaré não teria recomendado a seus apóstolos que se mostrassem tão *sábios* quanto a serpente, se esta fosse o símbolo do Espírito Mau; nem tampouco os Ofitas, os sábios gnósticos egípcios da “Fraternidade da Serpente”, teriam venerado, em suas cerimônias, uma serpente viva como símbolo da SABEDORIA, da divina *Sophia*, protótipo do Infinitamente-Bom, e não do Infinitamente-Mau, se esse réptil estivesse assim tão estreitamente associado a Satã. O fato é que, até mesmo como ofídio comum, foi a serpente sempre um símbolo dual, e, como Dragão, nunca foi senão o símbolo da Divindade Manifestada em sua grande Sabedoria. O *draco volans*, o “dragão voador” dos pintores primitivos, pode ser uma representação exagerada do verdadeiro animal antediluviano, hoje extinto, mas os que têm fé nos Ensinamentos Ocultos, crêem que nos tempos antigos existiram dragões voadores, uma espécie de pterodátiles, e que esses gigantes lagartos alados serviram de protótipos ao Seraph de Moisés e à sua grande Serpente de Bronze¹¹³. Os próprios judeus adoravam antigamente

(111) Estes “Espíritos Maus” de modo algum podem ser identificados com Satã ou o Grande Dragão. São os Elementais criados ou nascidos da ignorância — as paixões cósmicas e humanas — ou o Caos.

(112) *Assyrian Discoveries*, pág. 403.

(113) Ver *Números*, XXI, 8-9. Deus ordena a Moisés que faça uma Serpente de bronze (Seraph), para curar os que a olharem da mordidura de Serpentes de Fogo. Estas últimas eram os *Serafins*, cada um dos quais, conforme diz Isaías (VI, 2), “tinha seis asas”; eram os símbolos de Jeová e de todos os outros Demiurgos, que fazem nascer de si mesmos seis filhos ou seis imagens — sete incluindo o seu Criador.

este último *ídolo*; mas, depois das reformas religiosas introduzidas por Ezequias, mudaram de atitude, e àquele símbolo, que representava o Deus Grande ou Supremo de todas as nações, passaram a dar o nome de Demônio, ao mesmo tempo que davam o de "Deus Único" ao seu próprio usurpador ¹¹⁴.

O apelativo Sa'tan, em hebreu Sâtân, ou "Adversário" (do verbo *shatana*, "ser adverso", "perseguir"), pertence de direito ao primeiro "Adversário", e o mais cruel dos "Adversários", "de todos os demais Deuses", Jeová, e não à Serpente, que só proferia palavras de sabedoria e de simpatia, e que, na hipótese mais desfavorável, e até mesmo no dogma, seria apenas o "Adversário" dos homens. Este dogma, baseado que é no terceiro capítulo do *Gênesis*, é tão ilógico e injusto quanto paradoxal. Sim, pois quem primeiro criou esse tentador original e, desde então, universal do homem: a mulher? Não foi decerto a Serpente, senão o próprio "Senhor Deus", que, tendo dito: "Não é bom que o homem esteja só", formou a mulher e "a levou ao homem" ¹¹⁵. Se o pequeno e desagradável incidente que se seguiu *devia* e deve ainda ser considerado como o "pecado original", temos aí então, em verdade, uma amostra mui pobre da presciência do divino Criador. Teria sido bem melhor para o primeiro Adão do primeiro capítulo que fosse ele deixado ou "macho e fêmea" ou "sozinho". Foi o "Senhor Deus", evidentemente, a causa real de todo o mal, o "agente provocador"; e a Serpente simplesmente o protótipo de Azazel, o "bode expiatório do pecado [do Deus] de Israel", tendo o pobre Tragos que sofrer o castigo pela falta de seu amo e Criador. Naturalmente que estas palavras se dirigem somente àqueles que aceitam ao pé da letra os acontecimentos que marcam o início do drama da humanidade, no *Gênesis*. Os que os lêem no seu sentido esotérico não se vêem reduzidos a especulações e hipóteses fantasiosas: eles *sabem* como deve ser lido o simbolismo do *Gênesis*, e não podem enganar-se.

É inútil, por enquanto, ocuparmo-nos do significado místico e múltiplo do nome de Jeová, considerado em seu sentido abstrato, que nada tem a ver com a Divindade a que erradamente se dá esse nome. Foi um "véu" que os rabinos criaram intencionalmente, um segredo que conservaram com infinitos cuidados, desde que os cristãos se apossaram do nome do seu Deus, que era de sua exclusiva propriedade ¹¹⁶. Devemos, contudo, consignar aqui alguns esclarecimentos.

Assim, a Serpente de Bronze é Jeová, o chefe das "Serpentes de Fogo". Entretanto, no Livro II dos Reis, XVIII, 4, vê-se o rei Ezequias — que, como o seu pai David, fazia "o que era justo aos olhos do Senhor" — "reduzindo a pedaços a serpente de bronze fabricada por Moisés... e chamando-a Nehushtan", ou pedaço de bronze.

(114) "E Satã se levantou contra Israel e incitou David a que recenseasse Israel" (I Crônicas, XXI, 1). "A cólera do Senhor [Jeová] se acendeu contra Israel, e ele incitou David... dizendo: Vai, e recenseia Israel" (II Samuel, XXIV, 1). Os dois são, portanto, idênticos.

(115) *Gênesis*, II, 18, 24.

(116) Muitos escritores, dentre os mais eruditos, têm esquadrinhado, com rigoroso escrúpulo, os vários significados do nome Jeová (com os pontos massoréticos e sem eles), e mostrado os seus multiformes aspectos. A melhor das obras a esse respeito é

O personagem citado nos quatro primeiros capítulos do *Gênesis*, e nomeado ora "Deus", ora o "Senhor Deus", ou simplesmente o "Senhor", não é a mesma pessoa; e não é Jeová certamente.

Há três classes ou grupos distintos de Elohim, chamados Sephiroth na Cabala. Jeová somente aparece no capítulo IV do *Gênesis*, no primeiro de cujos versículos é chamado Caim, e no último transformado em *humanidade* — macho e fêmea, Jah-Veh¹¹⁷.

Por outra parte, a Serpente não é Satã, mas o Anjo Radioso, um dos *Elohim* revestido de glória e esplendor, que, havendo dito à mulher: "Se comerdes do fruto proibido, não morreréis certamente", cumpriu a promessa, e tornou o homem imortal em sua *natureza incorruptível*. É o Iao dos Mistérios, o chefe dos Criadores Andrógynos dos homens.

O capítulo III contém (esotericamente) o descerramento do véu de ignorância que limitava as percepções do Homem Angélico, feito à imagem dos Deuses, "sem ossos", e o despertar nele da consciência de sua natureza real; mostra-nos desse modo o Anjo Radioso (Lúcifer) como um ser que dá a Imortalidade, um ser que "ilumina"; ao passo que a verdadeira Queda na geração e na matéria deve buscar-se no capítulo IV. Neste, Jehovah-Caim, a parte masculina de Adão, o homem duplo, tendo se separado de Eva, nela cria Abel, a *primeira mulher natural*¹¹⁸, e derrama o *sangue virgem*. Ora, demonstrado que Caim é idêntico a Jeová, segundo a correta interpretação do primeiro versículo do capítulo IV do *Gênesis*, no texto hebreu original; que, conforme o ensinamento dos rabinos, "Kin (Caim), o Mau, foi o filho de Eva e de Samael, o Demônio, que tomou o lugar de Adão"¹¹⁹; e acrescentando o *Talmud* que "o Espírito Mau, Satã, e Samael, o Anjo da Morte, não passam de um só"¹²⁰; vê-se claramente que Jeová (a espécie humana ou Jah-Hovah) e Satã (a Serpente tentadora, portanto) são uma só e a mesma coisa em todos os sentidos.

Não há nenhum Demônio, não há nenhum Mal fora da humanidade para produzir o Demônio. O Mal é uma necessidade no Universo Manifestado e um de seus sustentáculos. É necessário ao progresso e à evolução, como a noite é necessária ao surgir do dia e a morte à produção da vida — a fim de que o homem possa viver por todo o sempre.

Source of Measures: the Hebrew Egyptian Mystery, de J. Ralston Skinner, que já temos citado tantas vezes.

(117) Na obra acima (pág. 233), o versículo 26 do capítulo IV do *Gênesis* está corretamente traduzido: "Então os homens principiaram a chamar a si mesmos Jeová", mas explicado de modo menos correto, porquanto a última palavra devia escrever-se Jah(macho)-Hovah(fêmea), para indicar que a partir daquele momento teve início, na espécie, a separação completa de homem e mulher.

(118) Para a explicação disto, vejam-se as excelentes páginas do Apêndice VII da mesma obra.

(119) *Op. cit.*, pág. 293.

(120) *Rabba Batra*, 16-a.

Sob o aspecto metafísico, Satã representa simplesmente o *reverso* ou o *pólo oposto* de tudo o que existe na Natureza¹²¹. Alegoricamente é o “Adversário”, o “Matador” e o grande Inimigo de *tudo*, porque nada há no Universo que não tenha duas faces: o *verso* e o *reverso* da mesma medalha. Mas, neste caso, a luz, a bondade, a beleza, etc., poderiam chamar-se Satã com a mesma propriedade que o Demônio, por isso que são os Adversários das trevas, da maldade, da fealdade, etc. E agora se compreenderá melhor a filosofia e a *análise racional* de certas seitas cristãs primitivas, tidas como *heréticas* e qualificadas como a abominação da sua época. Poder-se-á compreender por que a seita dos SATANISTAS caiu em descrédito e incorreu no anátema, sem esperança de reabilitação no futuro, uma vez que mantinha em segredo as suas doutrinas. E também se explica como, pela mesma razão, acabaram os CAINITAS por degradar-se, e o mesmo sucedeu com os ISCA-RIOTES (Judas), já que o verdadeiro caráter do apóstolo *traidor* nunca foi apresentado corretamente perante o tribunal da humanidade.

Como consequência direta, as doutrinas das seitas gnósticas igualmente se esclarecem. Cada uma destas seitas foi fundada por um Iniciado, e suas doutrinas baseavam-se no conhecimento exato do simbolismo de todos os povos. Compreende-se então por que Ilda-baoth era considerado pela maioria delas como o Deus de Moisés e como um Espírito orgulhoso, ambicioso e impuro, que havia abusado do seu poder e usurpado o lugar do Deus Supremo, ainda que não valesse mais que os seus *irmãos Elohim*, e em certo sentido lhes fosse até inferior. E só em sua coletividade representam os Elohim a Divindade manifestada, que a tudo abrange, pois foram os autores das primeiras diferenciações da Substância Cósmica primária, para criação do Universo fenomenal. Por isso, Jeová foi chamado pelos gnósticos o Criador do Ofiomorfos e uno com ele a Serpente, Satã ou o MAL¹²². Ensinavam que Iurbo e Adonai eram nomes de Iao-Jehovah, o qual é uma emanção de Ilda-baoth¹²³. Equivalia isso, na terminologia usada, a dizer o que os rabinos expressavam em termos mais velados, declarando que “Caim havia sido gerado por Samael ou Satã”.

Em todos os sistemas antigos, os Anjos Caídos são, alegoricamente, os protótipos dos homens *caídos*, e, esotericamente, *esses mesmos homens*. Assim, os Elohim da hora da criação se converteram, nas tradições semíticas, nos Beni-Elohim, os Filhos de Deus, entre os quais se encontra Satã.

A Guerra no Céu, entre Thrêtaona e Azi-dahaka, a Serpente destruidora, termina sobre a Terra, segundo Burnouf, com a batalha dos homens piedosos contra as forças do Mal, “dos Iranianos contra os Brâmanes árias da Índia”;

(121) Na Demonologia, Satã é o chefe da oposição no Inferno, cujo monarca é Belzebuth. Pertence aquele à quinta categoria ou classe de Demônios (classes que são em número de nove, segundo a Demonologia da Idade Média), estando à frente dos feiticeiros e das bruxas. Veja-se ainda, em outro lugar, a verdadeira significação de Baphomet, o Satã com cabeça de bode, que se identifica com Azazel, o bode expiatório de Israel. A Natureza é o Deus PAN.

(122) Veja-se *Isis sem Véu*, II, pág. 184.

(123) Veja-se *Codex Nazareus*, III, 73.

e o conflito entre os Deuses e os Asuras está reproduzido na Grande Guerra: o Mahābhārata. Na mais recente das religiões, o Cristianismo, todos os combatentes, Deuses e Demônios, os Adversários em ambos os campos, estão agora transformados em Dragões e em Satã, com o objetivo tão-somente de associar o Mal personificado à Serpente do *Gênesis*, e provar assim a razão de ser do novo dogma.

NOÉ ERA UM CABIRO, POR ISSO DEVE TER SIDO UM DEMÔNIO

Pouco importa saber quem ensinou aos homens a agricultura: se foi Ísis, ou Ceres, a Cabira, ou ainda se foram os Cabiros. Mas é de capital importância evitar que os fanáticos monopolizem todos os feitos da história e da lenda; e que concentrem suas deformações da verdade, na história e na lenda, em torno de um homem só.

Noé ou é um *mito* entre tantos outros, ou a sua lenda se baseou na tradição dos Cabiros ou Titãs, conforme se ensinava na Samotrácia: não se justifica que seja monopolizado nem pelos judeus nem pelos cristãos. Se, como Faber procurou demonstrar à custa de tanta erudição e de tanta pesquisa, Noé era um Atlante e um Titã que pertencia à família dos Cabiros ou Titãs piedosos, etc., então a cronologia bíblica se desmorona por si mesma, e com ela a história de todos os patriarcas, os Titãs pré-atlantes e antediluvianos.

Como agora se descobriu e provou, Caim outro não é senão Marte, o Deus da força e da geração, e o autor da primeira efusão (sexual) de sangue¹²⁴. Tubal-Caim é um Cabiro, “um instrutor de todos os artífices do bronze e do ferro”; ou, se se preferir, é o mesmo Hefesto ou Vulcano. Jabal foi também tomado aos Cabiros, instrutores de agricultura, “os que têm gado”, e Jubal é o pai de todos os que manejam a “harpa”, aquele ou aqueles que fabricaram a harpa de Cronos e o tridente de Poseidon¹²⁵.

A história ou as fábulas acerca dos misteriosos Telchines — fábulas que são todas o eco dos sucessos arcaicos a que se referem os nossos Ensina-mentos Esotéricos — nos dão a chave da origem da genealogia de Caim no terceiro capítulo do *Gênesis*; explicam a razão por que a Igreja Católica Romana associa o “sangue maldito” de Caim e o de Cam à Feitiçaria, e os faz responsáveis pelo Dilúvio. Não foram os Telchines — argumenta-se — os misteriosos ferreiros de Rodes, os que primeiro erigiram estátuas aos Deuses e lhes proporcionaram armas, e aos homens ensinaram as artes mágicas? Não foram eles destruídos em um Dilúvio, por ordem de Zeus, como os Cainitas o foram por ordem de Jeová?

(124) Para os últimos egípcios, é também Vulcano ou Vulcain o maior Deus e o maior dos Cabiros. O Deus do Tempo era, no Egito, Chiun, ou Saturno, ou Seth, e Chiun se identifica com Caim (*Source of Measures*, pág. 278).

(125) Veja-se Estrabão, que os compara aos Ciclopes, XIV, pág. 653 e seguintes Callim., in *Del.*, 31. Stat., *Silv.*, IV, 6, 47, etc.

Os Telchines são, simplesmente, os Cabiros e os Titãs, sob outra forma. São, portanto, os Atlantes. Decharme diz:

“Assim como Lemnos e Samotrácia, Rodas, o berço dos Telchines, é uma ilha de formação vulcânica.” ¹²⁶

Reza a tradição que a ilha de Rodas surgiu repentinamente dos mares, depois de haver sido primitivamente tragada pelo Oceano. Tal como a Samotrácia dos Cabiros, está ela associada, na memória dos homens, às lendas do Dilúvio. Mas, por já termos dito o bastante sobre este assunto, vamos deixá-lo de parte no momento.

Podemos, contudo, acrescentar algumas palavras a respeito de Noé, o representante judeu de quase todos os Deuses pagãos, sob um ou outro aspecto. Os cânticos de Homero encerram, em forma poética, todas as fábulas referentes aos Patriarcas, os quais são símbolos e signos numéricos, cósmicos e siderais.

A tentativa de separar as duas genealogias de Seth e de Caim ¹²⁷ e o esforço igualmente fútil para apresentá-los como homens *reais e históricos* deram por único resultado provocar investigações mais sérias na história do passado e conduzir a descobertas que infirmam definitivamente a suposta *revelação*. Por exemplo, ao estabelecer-se a identidade de Noé com Melchizedech ficou também provada a de Melchizedech, ou Pai Sadik, com Saturno-Cronos.

Que isto é verdade, pode-se facilmente demonstrar. E nenhum escritor cristão o contesta.

Bryant ¹²⁸ comunga na opinião de todos os que sustentam que Sydic ou Sadik foi o Patriarca Noé e também Melchizedech, e que o nome de Sadik se coaduna com o caráter atribuído no *Gênesis* a Noé ¹²⁹.

“Era צדיק, Sadik, um homem justo e perfeito em sua geração. Todas as ciências e artes úteis lhe eram atribuídas, sendo por seus filhos transmitidas à posteridade.” ¹³⁰

(126) *Mythologie de la Grèce Antique*, pág. 271.

(127) Nada mais infantil e inepto, dizemos, que essa infrutuosa tentativa de separar as genealogias de Caim e Seth, e de ocultar a identidade dos nomes por meio de uma ortografia diferente. Assim, Caim tem um filho chamado Enoch, e Seth um filho com o mesmo nome Enoch (ou Enos, Ch'anoch, Henoch: pode-se fazer o que se quiser com os nomes hebreus sem vogais). Na linha Cainita, Enoch engendra a Irad, Irad a Mehujael, este a Methusael, e Methusael a Lemech. Na linha de Seth, Enoch engendra a Cainan, e este a Mahalaleel (uma variante do nome Mehujael), que dá nascimento a Jared (ou Irad); Jared engendra a Enoch (número 3), este a Methuselah (de Methusael), e finalmente Lamech encerra a lista. Veja-se o *Gênesis*, IV, V. Ora, todos esses nomes são (cabalisticamente) símbolos de anos solares e lunares, de períodos astronômicos e de funções fisiológicas (fálicas), exatamente como em qualquer das religiões pagãs. Vários escritores já o comprovaram.

(128) Veja-se *Analysis of Ancient Mythology*, II, 343.

(129) VI, 9.

(130) Ver *New Encyclopædia*, de Abraão Rees. F.R.S.

Ora, foi Sanchuniathon quem deu a conhecer ao mundo que os Cabiros eram os Filhos de Sydic ou Zedech (Melchizedech). É verdade que esta informação nos veio por intermédio da *Preparatio Evangelica* de Eusébio, podendo ser olhada com um certo grau de suspeição, pois é mais que provável houvesse ele tratado as obras de Sanchuniathon como o fez com as Tábuas Sincrônicas de Manethon. Mas suponhamos que a identificação de Sydic, Cronos ou Saturno com Noé e Melchizedech se tenha baseado em uma das piedosas hipóteses de Eusébio. Aceitemo-la como tal, juntamente com a qualidade característica de *homem justo* de Noé e do seu suposto duplo, o misterioso Melchizedech, "rei de Salém e sacerdote do Altíssimo Deus", segundo "sua própria ordem"¹³¹; e, finalmente, já tendo visto o que todos eram sob os aspectos espiritual, astronômico, psíquico e cósmico, vejamos agora o que passaram a ser do ponto de vista rabínico e cabalístico.

Ao falar de Adão, de Caim, de Marte, etc., como *personificações*, enuncia o autor de *Source of Measures*, no curso de suas investigações cabalísticas, os mesmos ensinamentos da nossa Doutrina Esotérica. Assim, diz ele:

"Ora, Marte era o Senhor do nascimento e da morte, da geração e da destruição, da lavoura, da construção, da escultura, ou labor da pedra, da arquitetura... numa palavra, de tudo aquilo que se compreende sob a denominação de ARTES. Era o princípio primordial que se decompunha em dois opostos para a produção. Astro-nomicamente também¹³² ocupava ele o ponto do nascimento do dia e do ano, o do seu aumento de forças, Aries, e igualmente o de sua morte, Escorpião. Estava na casa de Vênus e na do Escorpião. Como nascimento, ele era o Bem; como morte, era o Mal. Como bem, era a luz; como mal, a noite. Como bem, era o homem; como mal, a mulher. Ocupava os pontos cardeais, e, como Caim, ou Vulcano¹³³, ou Pater Sadic, ou Melchizedech, era o senhor da eclíptica, ou da linha de ajuste, e portanto era o Justo. Os antigos acreditavam na existência de sete planetas, ou grandes Deuses, provindos de oito, e Pater Sadic, o Justo ou o Reto, era o Senhor do oitavo, a Mater Terra."¹³⁴

As funções de Sadic, depois de terem sido desvirtuadas, ficam desse modo esclarecidas suficientemente, bem como estabelecida a sua identidade.

(131) Ver *Hebreus*, V, 6; VII, 1 e seguintes.

(132) O nome eólico de Marte era Areus ("Ἀρεϋς) e o grego Ares ("Ἀρης) é um nome sobre cujo significado etimológico os filólogos e os indianistas, os eruditos em grego e em sânscrito, em vão têm pesquisado até agora. É estranho que Max Müller associe os dois nomes Marte e Ares à raiz sânscrita *mar*, de onde pretende que derivam e de onde, em sua opinião, provém o nome dos Maruts ou Deuses da tempestade. Welcker, porém, oferece uma etimologia mais corteta. (Veja-se *Griech Götterlehre*, I, 415.) Seja como for, a etimologia das raízes e das palavras, por si só nunca dará o significado esotérico completo, ainda que possa ajudar a fazer úteis conjecturas.

(133) Conforme diz o mesmo autor: "O próprio nome Vulcano aparece na leitura, pois nas primeiras palavras (*Gênesis*, IV, 5) vemos V'elcain, ou V'ulcain, considerando como surdo o som *u* da letra *vau*. No mesmo texto pode-se ler: 'e o *deus Caim*' ou Vulcain. Se, porém, algo faltar para confirmar a idéia de Caim-Vulcan, atente-se no que diz Fuerst: **ῥρ** Caim, a ponta de ferro de uma lança, um ferreiro,

inventor das ferramentas cortantes e dos trabalhos de forja" (pág. 278).

(134) *Op. cit.*, pág. 186.

Provado, como foi, que o Dilúvio de Noé, nos termos de sua descrição literal e dentro do período da cronologia bíblica, jamais existiu, a suposição piedosa, mas sobremodo arbitraria, do Bispo de Cumberland a esse respeito só poderá acompanhar esse dilúvio no reino da ficção. Em verdade, ao observador imparcial há de parecer algo como produto da imaginação o dizer-se que:

"Havia duas raças distintas de Cabiros; a primeira consistindo em Cam e Mizraim, que julga serem Júpiter e Dioniso de Manaséias; a segunda compreendendo os filhos de Sem, que são os Cabiros de Sanchuniathon; e cujo pai, Sydyk, é portanto o Sem das Escrituras." 135

Os Cabiros, os "Seres Poderosos", são idênticos aos nossos Dhyân-Chohans primordiais, aos Pitris corpóreos e incorpóreos, e a todos os Regentes e Instrutores das raças primitivas, que se mencionam como Deuses e Reis das Dinastias Divinas.

AS TRADIÇÕES PERSAS MAIS ANTIGAS SOBRE OS PÓLOS E OS CONTINENTES SUBMERSOS

A sabedoria legendária não podia desfigurar os fatos de tal modo que viessem a tornar-se irreconhecíveis. Entre as tradições do Egito e da Grécia, de um lado, e as da Pérsia, de outro — país sempre em guerra com os primeiros — há demasiada semelhança de símbolos e de números para que se possa atribuir tal coincidência a um simples acaso. Este ponto já ficou bem esclarecido por Bailly. Vamos deter-nos por um instante no exame dessas tradições, coligidas em todas as fontes ao nosso alcance, a fim de melhor compararmos as dos Magos com as chamadas "fábulas" gregas.

As lendas passaram aos contos populares e às tradições hoje correntes na Pérsia, do mesmo modo por que muitas ficções, que tinham um fundo de verdade, puderam insinuar-se em nossa história universal. As narrativas sobre o Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda têm toda a aparência de contos de fadas, e no entanto estão baseadas em fatos que pertencem à história da Inglaterra. Por que as lendas do Irã não haveriam de ser parte integrante da história e dos acontecimentos pré-históricos da Atlântida? Vejamos o que dizem essas lendas.

Antes da criação de Adão, viveram na Terra duas raças sucessivas: os Devs, que reinaram durante 7.000 anos, e os Peris (os Izeds), que só reinaram 2.000 anos, quando ainda existiam os primeiros. Os Devs eram gigantes, fortes e malvados; os Peris eram de menor estatura, porém mais sábios e mais bondosos.

Neles reconhecemos os Gigantes Atlantes, e os Árias, ou os Râkshasas do *Râmâyana* e os filhos do Bhârata-varsha, ou da Índia; os antediluvianos e os pós-diluvianos da *Bíblia*.

(135) *Append. de Cabiris ap. Orig. Gent.*, págs. 364, 376; e a última informação, pág. 357. Veja-se *Cabiri*, de Faber, I, 8.

Gyan (ou Gñan, Jñana, o Conhecimento Verdadeiro ou Sabedoria Oculta), também chamado Gian-ben-Gian (ou sabedoria, filha da Sabedoria), foi rei dos Peris.¹³⁶ Tinha ele um escudo tão famoso quanto o de Aquiles; mas, em vez de ser empregado na guerra contra o inimigo, servia de proteção contra a Magia negra, contra a *feitiçaria* dos Devs.

Gian-ben-Gian havia reinado 2.000 anos quando Iblis, o Demônio, teve permissão de Deus para derrotar os Peris e dispersá-los até os confins do mundo. O próprio estudo mágico, apesar de construído de acordo com os princípios astrológicos a fim de destruir os feitiços, os encantamentos e a má sorte, não pôde vencer a Iblis, que era um agente do Destino ou Carma.¹³⁷ Deles, os Peris, se contam dez reis em sua última metrópole, Khanum, identificando-se o décimo, Kaimurath, com o Adão hebreu. Esses reis correspondem às dez gerações antediluvianas de reis (conforme as indicações de Berosse).

Por mais desfiguradas que estejam atualmente essas lendas, não se pode deixar de identificá-las com as tradições caldeias, egípcias, gregas e até mesmo hebraicas; pois o mito judeu, ainda que evitando, em seu exclusivismo, falar de nações pré-adamitas, permite, contudo, inferir-se a sua existência, ao enviar Caim — *um dos dois únicos homens sobre a Terra* — ao país de Nod, onde ele se casou e fundou uma cidade.¹³⁸

Ora, se comparamos os 9.000 anos mencionados nos contos persas com os 9.000 anos que, segundo Platão, haviam transcorrido desde o afundamento da última parte da Atlântida, um fato bem estranho salta aos nossos olhos. Bailly já fizera esta observação, mas desacertou no interpretá-la. A Doutrina Secreta pode restituir aos números o seu verdadeiro significado. Lemos no *Critias*:

“Antes que tudo, devemos recordar que 9.000 anos se passaram desde a guerra entre as nações que viviam do outro lado das colunas de Hércules e as que existiam nas terras situadas do lado de cá.”

No *Timæus*, Platão diz a mesma coisa. Mas, declarando a Doutrina Secreta que a maior parte dos últimos insulares atlantes pereceram entre há 850.000 e 700.000 anos, e que os Arianos já tinham 200.000 anos de existência quando a primeira grande “Ilha” ou Continente foi submergida, parece que não há possibilidade de conciliar essas diferentes cifras. No entanto, isso é realmente possível.

(136) Alguns pretendem que a palavra deriva de Paras, por transformação em Pars, Pers, Pérsia; mas pode também derivar de Pitaras ou Pitris, os progenitores hindus da Quinta Raça — os Pais da Sabedoria ou os Filhos da “Vontade e do Loga” — que eram chamados Pitaras, como o foram os divinos Pitris da Primeira Raça.

(137) Acerca dessas tradições, consulte-se a *Collection of Persian Legends*, em russo, em georgiano, em armênio e em persa; as *Légendes Persanes* de Herbelot, “Bibliothèque Orientale”, págs. 298, 387, etc.; e também as *Mémoires* de Danville. Apresentamos em linguagem condensada o que está esparso em centenas de volumes, em línguas européias e asiáticas, assim como em tradições orais.

(138) *Gênesis*, IV, 16 e seguintes.

Sendo Platão um Iniciado, tinha que usar a linguagem velada do Santuário, e o mesmo cumpria aos Magos da Caldéia e da Pérsia, a cujas revelações exotéricas devemos a preservação das lendas persas e sua transmissão à posteridade. Assim, podemos ver que os hebreus davam “sete dias” a uma semana, e falavam de uma “semana de anos”, quando cada um de seus dias representava 360 anos solares e a semana inteira correspondia efetivamente a 2.520 anos. Tinham eles uma semana sabática, um ano sabático, etc., e o seu Sábado durava indiferentemente 24 horas ou 24.000 anos nos cálculos secretos dos seus Sods.

Nós hoje empregamos a palavra “século” para designar uma centúria. Os do tempo de Platão, os escritores iniciados pelo menos, significavam por um milênio não 1.000 anos, mas 100.000. Quanto aos hindus, mais independentes que todos, não ocultaram nunca a sua cronologia. Por isso, em vez de 9.000 anos, os Iniciados lêem 900.000 anos, período durante o qual — isto é, desde o primeiro aparecimento da Raça Ariana, quando as partes pliocenas do que foi a grande Atlântida principiaram a submergir¹³⁹, e outros continentes a surgir, até o desaparecimento final da pequena ilha Atlântida de Platão — as raças arianas nunca cessaram de lutar contra os descendentes das primeiras raças de gigantes. Esta guerra durou quase até o fim do período que precedeu o Kali Yuga: foi o Mahâbhârata, ou Grande Guerra, de tanta fama na história da Índia.

Semelhante confusão de fatos e de épocas, e a redução de centenas de mil anos a milhares em nada contradiz o número de anos transcorridos, segundo a informação dos sacerdotes egípcios a Sólon, desde a destruição do último resto da Atlântida. A cifra de 9.000 anos estava exata, pois tal acontecimento nunca foi secreto, mas simplesmente se apagou da memória dos gregos. Os egípcios tinham os seus anais completos, em virtude do seu isolamento; rodeados pelo mar e pelo deserto, não os inquietaram as outras nações até alguns milênios antes de nossa era.

A Heródoto deve a história as primeiras noções sobre o Egito e seus grandes Mistérios, não se levando em conta a *Bíblia* e a sua singular cronologia¹⁴⁰. E quão pouco nos *podia* dizer Heródoto, ele próprio o confessa, quando, ao falar do misterioso túmulo de um Iniciado de Saís, no sagrado recinto de Minerva, declara:

“Por trás da capela... se encontra o túmulo de Alguém, cujo nome considero *ímpio divulgar*... No recinto se vêem grandes obeliscos, e perto há um lago, rodeado por um muro de pedra em forma de círculo... Neste lago são representados, à noite, os feitos daquele personagem, ao que dão os egípcios o nome de *Mistérios*. A este respeito, porém, embora eu conheça perfeitamente todos os pormenores, *tenho que observar um discreto silêncio*.”¹⁴¹

(139) O continente principal desapareceu na era miocena, conforme já mencionamos.

(140) Desde Beda, todos os cronologistas da Igreja têm divergido entre si, e não cessam de se contradizer uns aos outros. “A cronologia do texto hebreu tem sido grosseiramente alterada, principalmente quanto à época que se segue imediatamente ao Dilúvio” — diz Whiston (*Old Testament*, pág. 20).

(141) II, 170, 171.

Por outra parte, é bem sabido que nenhum segredo era guardado de modo mais completo e em caráter mais sagrado para os antigos que o de seus ciclos e cálculos. Desde os egípcios até os judeus, consideravam todos como o maior dos pecados divulgar o que quer que fosse em relação à medida exata do tempo. Por ter divulgado os segredos dos Deuses, Tântalo foi precipitado nas regiões infernais; os guardiões dos sagrados Livros Sibilinos eram ameaçados com a pena de morte se revelassem uma palavra deles. Havia Sigalions ou imagens de Harpócrates em todos os templos — sobretudo nos de Ísis e Serapis — e todos eles tinham um dedo sobre os lábios. E aos hebreus se ensinava que a divulgação dos segredos da Cabala, após a Iniciação nos Mistérios Rabínicos, equivalia a comer o fruto da Árvore do Conhecimento, e merecia a pena de morte.

E no entanto os europeus tinham aceito a cronologia exotérica dos judeus! Que há, pois, de admirar que, desde então, tenha ela sempre influenciado e colorido todos os nossos conceitos relativos à ciência e à duração das coisas?

As tradições persas estão, portanto, repletas de alusões a duas nações ou raças que alguns julgam completamente extintas hoje. Mas não é assim; elas apenas se acham transformadas. Essas tradições falam sempre das Montanhas de Kaf (Kafaristan?), em que havia uma galeria construída pelo gigante Argeak, onde se guardavam estátuas dos homens antigos, em todas as suas formas. São chamados Sulimans (Salomões), ou reis sábios do Oriente, contando-se setenta e dois com esse nome¹⁴². Três deles reinaram 1.000 anos, cada um¹⁴³.

Siamek, o filho dileto de Kaimurath (Adão), seu primeiro rei, foi assassinado por seu irmão gigante. Seu pai mantinha um fogo perpétuo no túmulo que encerrava as cinzas do filho; daí, na opinião dos orientistas, a origem do culto do fogo.

Em seguida vem Huschenk, o prudente e o sábio. Foi a sua dinastia que voltou a descobrir os metais e pedras preciosas, que os Deuses ou Gigantes haviam escondido nas entranhas da Terra; descobriu também a arte de trabalhar o bronze, e a de abrir canais e melhorar a agricultura. É freqüente atribuir-se ainda a Huschenk a autoria da obra *Sabedoria Eterna*, assim como fundação das cidades de Luz, Babilônia e Ispahan, se bem que realmente a sua construção fosse de época muitíssimo posterior. Em todo o caso, do mesmo modo que a atual cidade de Delhi foi edificada sobre as ruínas de seis outras cidades, é possível que também essas tenham sido construídas no mesmo sítio de outras de uma imensa antiguidade. Quanto à época em que ele viveu, só se podem fazer inferências de uma ou outra lenda.

A mesma tradição reza que este sábio príncipe travou combate com os Gigantes, montado em um Cavalo de doze pernas, que nascera dos amores

(142) Daí o rei Salomão, do qual não se encontra vestígio em parte alguma, exceto na *Bíblia*. A descrição do seu magnífico palácio e de sua cidade concorda com a dos contos persas, embora todos os viajantes pagãos os ignorassem, inclusive Heródoto.

(143) Herbelot, *op. cit.*, pág. 829.

de um crocodilo com um hipopótamo fêmea. O *Dodecápode* fora encontrado na "ilha seca", ou novo continente: fez-se necessário o emprego de muita força e astúcia para domar o maravilhoso animal; mas, tão logo o montou, Huschenk levou de vencida todos os inimigos. Nenhum Gigante podia fazer frente ao seu tremendo poder. Contudo, este rei dos reis acabou sendo morto por uma enorme pedra que os Gigantes arremessaram sobre ele do alto da grande montanha de Demovend¹⁴⁴.

Tahmurath foi o terceiro rei da Pérsia, o São Jorge do Irã, o cavaleiro que sempre levou a melhor em sua luta com o Dragão, que finalmente foi morto por ele. Era o grande inimigo dos Devs, que, ao tempo, habitavam as montanhas de Kaf e faziam, de vez em quando, incursões contra os Peris. Nas velhas crônicas francesas a respeito das tradições populares da Pérsia, era ele chamado Dev-bend, o vencedor dos Gigantes. Também se lhe atribui a fundação de Babilônia, Ninive, Diarbek, etc. Tal como o seu avô Huschenk, Tahmurath (Taimuraz) tinha o seu corcel, este, porém, muito mais precioso e bem mais veloz: era uma ave chamada Simorgh-Anke. Um pássaro maravilhoso, em verdade: inteligente, poliglota e até religioso¹⁴⁵. Que dizia este Fênix persa? Lamentava-se de sua velhice, pois nascera muitos ciclos antes da era de Adão (Kaimurath). Vira o perpassar de longos séculos. Presenciara o início e o fim de doze ciclos de 7.000 anos cada um, que, multiplicados esotericamente, nos dão ainda a cifra de 840.000 anos¹⁴⁶. Simorgh nasceu com o último Dilúvio dos Pré-Adamitas, diz o "Romance de Simorgh e do bom Khalif"¹⁴⁷.

Que diz o *Livro dos Números*? Esotericamente, Adão Rishun é o Espírito Lunar (Jeová em certo sentido, ou os três Pitris); e seus três filhos Ka-yn, Habel e Seth representam as três Raças, conforme já explicamos. Noé-Xisutro representa, por sua vez, segundo a chave cosmo-geológica, a Terceira Raça separada, e os seus três filhos as últimas três raças respectivas. Cam, ademais, simboliza a raça que descobriu a "nudez" da Raça Paterna, e dos "Sem Mente", isto é, dos que cometeram pecado.

Tahmurath, montado em seu corcel alado, visitou as Montanhas de Koh-Kaf ou Kaph. Ali encontrou os Peris maltratados pelos Gigantes, e matou Argen e o Gigante Demrusch. A seguir, pôs em liberdade a boa Peri, Mergiana¹⁴⁸, que Demrusch mantinha prisioneira, levando-a para a "ilha seca",

(144) *Orient. Trad.*, pág. 454. Veja-se também: *Lettres sur l'Atlantide*, de Bailly.

(145) Veja-se *Orient. Collect.*, II, 119.

(146) *Ibid.* Não esquecer que os Rabinos ensinam que deve haver sete renovações sucessivas do Globo; que cada uma durará 7.000 anos; sendo a duração total, portanto, de 49.000 anos (veja-se *Wheel*, de Rabbi Parcha, e também o *Book of God*, de Kenealy, pág. 176). Trata-se de sete Rondas, sete Raças-Raízes e sete sub-raças; são os verdadeiros algarismos ocultos, mas em lastimável confusão.

(147) *Tales of Derbent*.

(148) Mergain ou Morgana, a fada irmã do Rei Artur, vê-se deste modo que é de origem oriental.

isto é, para o novo continente da Europa.¹⁴⁹ Depois dele, aparece Giamschid, que fundou Esikekar ou Persépolis. Este rei governou 700 anos, e em seu desmedido orgulho acreditava-se imortal, exigindo honras divinas. Mas o destino o puniu; ele andou errante pelo mundo durante 100 anos, sob o nome de Dhulkarnavn, o “de dois cornos”. Este epíteto não tem a menor relação com o cavaleiro “de dois cornos” e pés fendidos. O cognome “de dois cornos” costumava-se acrescentar na Ásia — região pouco civilizada para conhecer os atributos do Demônio — aos nomes dos conquistadores que têm dominado o mundo, do Oriente ao Ocidente.

Vem depois o usurpador Zohac, seguido por Feridan, um dos heróis persas, que venceu o primeiro e o confinou nas montanhas de Damavend. A esses dois sucedem muitos outros, até surgir Kaikobâd, que fundou uma nova Dinastia.

Tal é a história legendaria da Pérsia, que nos cabe analisar.

Para começar, que são as montanhas de Kaf? Seja qual for a sua posição geográfica, e quer sejam as montanhas do Cáucaso ou as da Ásia Central, a lenda situa os Deuses e os Peris muito além dessas montanhas, para o lado do Norte; os Peris são os antepassados remotos dos Parsis ou Farsis. A tradição oriental alude com insistência a um mar sombrio, glacial e desconhecido, e a uma região escura, onde, não obstante, ficavam as “Ilhas Afortunadas”, fluindo aí, desde os primórdios da vida sobre a Terra, a *Fonte da Vida*¹⁵⁰. A lenda afirma, aliás, que uma parte da primeira “ilha seca” (continente) se destacou do corpo principal e passou, desde então, a formar do outro lado das montanhas de Koh-Kaf “o cinturão de pedra que rodeia o mundo”. Uma viagem de sete meses de duração conduziria o possuidor do “Anel de Suliman” até aquela “Fonte”, se ele andasse em linha reta para o Norte, como o voo de um pássaro. Assim, quem quer que viajasse da Pérsia *diretamente* para o Norte chegaria ao sexagésimo grau de longitude, tendo a Oeste a Nova Zembla; e, do Cáucaso para os gelos eternos além do Círculo Ártico, chegaria entre o 60.º e o 45.º de longitude, ou entre a Nova Zembla e o Spitzbergen. Isso naturalmente se dispusesse do Cavalo dodecápode de Huschenk ou do Simorgh alado de Tahmurath, ou Taimuraz, para poder transpor o Oceano Ártico¹⁵¹.

Não obstante, os trovadores ambulantes da Pérsia e do Cáucaso ainda hoje continuam a sustentar que muito além dos cimos nevados do Kap ou Cáucaso *existe um grande continente, agora oculto para todos*; continente ao qual chegam aqueles que podem utilizar-se da progênie de doze patas do

(149) Onde a encontramos, com efeito, na Grã-Bretanha, no romance dos Cavaleiros da Távola Redonda. Senão, de onde proviria a identidade do nome e da condição de fada, se as duas heroínas não simbolizassem o mesmo acontecimento histórico que passou à lenda?

(150) Herbelot, pág. 593; *Armenian Tales*, pág. 35.

(151) Até hoje os aborígenes do Cáucaso chamam a suas montanhas Kap-Kaz, usando a consoante “p” em lugar do “v” usual (Kav-Kaz ou Cáucaso); mas dizem os seus bardos que são necessários sete meses para um cavalo veloz alcançar a “terra seca” além do Kaf, marchando sempre na direção do Norte, sem nunca se desviar de sua rota.

crocodilo e do hipopótamo fêmea, patas que se convertem à vontade em doze asas ¹⁵²; ou aqueles que têm a paciência de esperar que a Simorgh-Anke se disponha a cumprir a promessa de que antes de morrer revelaria o continente oculto, tornando-o novamente visível e de fácil acesso por meio de uma ponte que os Deuses do Oceano construiriam entre esta parte da "terra seca" e os seus fragmentos separados ¹⁵³. Isto se refere obviamente à Sétima Raça, porquanto Simorgh não é senão o Ciclo Manvantárico.

É bastante curioso que Cosmas Indicopleustes, que viveu no século VI depois de Cristo, houvesse sempre afirmado que o homem nasceu e habitou primeiramente em um país "do outro lado do Oceano", fato que lhe teria sido comprovado na Índia por um sábio caldeu. Disse ele:

"As terras em que vivemos estão rodeadas pelo Oceano; mas do outro lado deste Oceano há outro país que toca as muralhas do firmamento, e foi nessa terra que o homem foi criado e viveu no Paraíso. Durante o Dilúvio, Noé foi levado em sua arca para a terra que é hoje habitada por sua posteridade." ¹⁵⁴

O "cavalo de doze patas" de Huschenk foi encontrado no continente chamado "ilha seca"!

É bem conhecida a *Topografia Cristã* de Cosmas Indicopleustes, e o seu mérito. Mas neste ponto o bom Padre não fez senão repetir uma tradição universal, que, ademais, está hoje confirmada pelos fatos. Todos os exploradores das regiões árticas suspeitam da existência de um continente, ou "ilha seca", além da região dos gelos eternos. Talvez seja agora mais compreensível o significado da seguinte passagem de um dos Comentários:

Nos primórdios da vida [humana] a única terra seca ficava no extremo direito da esfera ¹⁵⁵, ali onde [o Globo] é imóvel ¹⁵⁶. Toda a terra era um imenso deserto líquido, e a água era morna...

(152) Bailly julgava ver neste Cavalo uma embarcação de doze remos. Ensina a Doutrina Secreta que a Terceira Raça primitiva construiu barcos e flotilhas antes de edificar casas; mas que o Cavalo, apesar de ser um animal bem posterior, tem, sem embargo, um sentido primário mais oculto. O crocodilo e o hipopótamo eram tidos como sagrados, e representavam símbolos divinos, tanto entre os antigos egípcios como entre os mexicanos. Em Homero, Possêidon é o Deus do Cavalo, chegando mesmo a tomar-lhe a forma para agradar a Ceres. Arion, sua progênie, é um dos aspectos desse "Cavalo", que é um Ciclo.

(153) As partes separadas devem ser a Noruega e outras terras nas proximidades do Círculo Ártico.

(154) Cosmas Indicopleustes em *Collect. Novæ Patrum*, tomo II, pág. 188; veja-se também *Journal des Savants*. Supl. 1707, pág. 20.

(155) Os dois Pólos são chamados "o extremo direito" e o "extremo esquerdo" do nosso Globo (o direito correspondendo ao Pólo Norte), ou a cabeça e os pés da Terra. Toda ação benéfica (astral e cósmica) vem do Pólo Norte; toda influência fatal do Pólo Sul. Os Pólos têm muita relação com a magia da "mão direita" e a da "mão esquerda", sobre as quais influem.

(156) Quanto maior a proximidade do Pólo, menos sensível é a rotação; nos Pólos propriamente ditos a revolução diurna está neutralizada: daí o dizer-se que a Esfera está "imóvel".

Ali nasceu o homem, nas sete zonas da parte imortal, da parte indestrutível do Manvantara¹⁵⁷. Reinava uma eterna primavera nas trevas; [mas] o que são trevas para o homem de hoje era luz para o homem em sua aurora. Ali repousavam os Deuses, e ali Fohat¹⁵⁸ reina desde então... Por isso dizem os sábios Pais que o homem nasceu na cabeça de sua Mãe [a Terra] e que os seus pés [da Terra], no extremo esquerdo, geraram [engendraram] os ventos maléficos que sopram da boca do Dragão inferior... Entre a Primeira e a Segunda [Raças], a [Terra] Central Eterna foi dividida pela Água da Vida¹⁵⁹.

Esta flui ao redor de seu corpo [o da Mãe-Terra] e o anima. Um de seus extremos surge de sua cabeça, ficando turvo em seus pés [o Pólo Sul]. Purifica-se [no regresso] em seu coração, que palpita sob o pé da Shamballah sagrada, que não havia nascido ainda [no princípio]. Porque é no cinturão da morada do homem [a Terra] que se encontram a vida e a saúde, ocultas, de tudo o que vive e respira¹⁶⁰. Durante a Primeira e a Segunda [Raças] o cinturão estava coberto pelas grandes águas. [Mas] a grande Mãe trabalhava sob as ondas, e uma nova terra se uniu à primeira, que os nossos sábios chamam coifa [gorro]. Ela trabalhou ainda mais para a Terceira [Raça], e a sua cintura e o seu umbigo apareceram acima da água. A cintura era o sagrado Himavat, que se estende ao redor do Mundo¹⁶¹. E fragmentou-se do

(157) Admite-se em Ocultismo que a terra ou ilha que coroa o Pólo Norte, à guisa de uma caixa craniana, é a única que permanece inalterável durante todo o Manvantara de nossa Ronda. Todos os continentes e terras centrais surgiram do fundo dos mares, por turnos, muitas vezes; mas aquela terra nunca sofrerá alteração.

(158) Tenha-se presente que o nome védico ou avéstico de Fohat é Apâm-Napât. No *Avesta*, está ele entre os Yazatas do Fogo e os Yazatas da Água. O sentido literal é: "Filho das Águas", mas estas "Águas" não são o líquido que nós conhecemos, e sim o *Æther* — as Águas Igneas do Espaço. Fohat é o "Filho do *Æther*", em seu aspecto mais elevado: Akâsha, o Pai-Mãe dos Sete Primitivos e do Som ou Logos. Fohat é a Luz do Logos.

(159) Esta "Água" é o sangue ou fluido vital que anima a Terra, comparada aqui a um corpo vivo.

(160) O Ensino Oculto confirma a tradição popular que proclama existir uma Fonte de Vida nas entranhas da Terra e no Pólo Norte. É o sangue da Terra, a corrente eletromagnética que circula em todas as artérias e que se diz encontrar-se acumulada no "umbigo" da Terra.

(161) O Ocultismo aponta a cadeia dos Himalaias como este "cinturão", e afirma que, debaixo da água e em cima, ela circunda o Globo. O "umbigo" está situado na direção do Sol poente ou a Oeste do Himavat, onde se acham as raízes do Meru, montanha que fica ao norte dos Himalaias. Meru não é "a montanha fabulosa situada no umbigo ou centro da Terra", mas suas raízes ou bases estão nesse "umbigo", enquanto o Meru mesmo se encontra distante, no Norte. Tal circunstância o relaciona com a terra "central" que "nunca perece", a região onde "o dia do mortal dura seis meses e a noite outros seis". Conforme diz o *Vishnu Purâna*: "Ao Norte do Meru sempre existiu a noite quando é dia em outras regiões; pois o Meru fica ao Norte de todos os *Dvipas* e *varshas* [ilhas e países]." O Meru, portanto, não está no Atlas, como sugere Wilford, nem só por estar "relativamente ao Norte para os habitantes de diversas partes, para quem o Oriente é o lugar onde o Sol primeiro aparece..." (vol. II, pág. 244)

lado do Sol poente, do colo¹⁶² para baixo [para o Sudoeste], em numerosas terras e ilhas; mas a Terra Eterna [a calota] não se rompeu. Terras secas cobriam a face das águas silenciosas, nos quatro lados do mundo. Todas pereceram [em sua vez]. Então apareceu a mansão dos malvados [a Atlântida]: A Terra Eterna estava agora oculta, porque as águas ficaram sólidas [congeladas] ao sopro de suas narinas e dos ventos maus que saíam da boca do Dragão, etc.

Isso mostra que a Ásia Setentrional é tão antiga quanto a Segunda Raça. Pode-se até dizer que a Ásia é contemporânea do homem, visto que já existia desde os primórdios da vida humana o seu Continente-Raiz, por assim dizer, e a parte do mundo que hoje conhecemos como Ásia só mais tarde foi destacada e separada pelas águas glaciais.

Se, portanto, está correta a interpretação do ensinamento, o primeiro Continente que veio à existência cobria inteiramente o Pólo Norte como uma crosta ininterrupta, e assim permanece até o presente, do outro lado daquele mar interior, que aparecia como uma *miragem* inatingível aos olhos dos poucos exploradores das regiões árticas que o avistaram.

Durante a Segunda Raça, outras terras emergiram do seio das águas, como uma continuação da "cabeça" em seguida ao "pescoço". Começando nos dois hemisférios, sobre a linha acima do extremo Norte de Spitzbergen¹⁶³, na projeção de Mercator para o nosso lado, é possível que essas terras incluíssem, do lado da América, os sítios que hoje ocupam a baía de Baffin e as ilhas e promontórios vizinhos. Ali, apenas alcançavam, para o Sul, o setuagésimo grau de latitude; aqui, constituíam o continente em forma de ferradura a que se refere o Comentário. Dos dois pontos extremos deste último, um compreendia a Groenlândia, com um prolongamento que cruzava o quinquagésimo grau um pouco a Sudoeste, e o outro compreendia o Kamschatka: ambos os extremos se uniam onde agora é a franja Norte das costas da Sibéria oriental e ocidental. Esse continente desfez-se em pedaços e desapareceu. A Lemúria formou-se nos primeiros tempos da Terceira Raça. Quando, por sua vez, foi destruída, surgiu a Atlântida.

(162) Os próprios Comentários não fogem às metáforas orientais. Compara-se o Globo ao corpo de uma mulher, a "Mãe-Terra". "Do colo para baixo" quer dizer: desde o mar interior situado hoje além da intransponível barreira de gelo. A Terra, como diz Parâshara, "é a mãe e nutriz, acrecida de todas as criaturas e de suas qualidades, aquela que encerra todos os mundos".

(163) As Estâncias dão a este sítio um nome que é traduzido no Comentário como lugar sem latitude (Niraksha), a Mansão dos Deuses. Conforme diz um escoliasta no *Sûrya Siddhânta* (XII, 42-44):

"Acima deles marcha o Sol quando está nos equinócios; não têm sombra equinocial nem elevação do pólo (*akshomati*).

"Em ambas as direções a partir do Meru, há duas estrelas polares (*dhruvatârâ*), fixas no meio do firmamento; para os que se acham em lugares sem latitude (*niraksha*), ambas têm o seu sítio no horizonte.

"Daí não haver naquelas cidades [naquele país] elevação dos pólos, por estarem as duas estrelas polares situadas no horizonte; mas os seus graus de co-latitude (*lambaka*) são noventa. Em Meru os graus de latitude (*aksha*) são do mesmo número." (Veja-se o *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, II, 208.)

ESPECULAÇÕES OCIDENTAIS BASEADAS EM TRADIÇÕES GREGAS E PURÂNICAS

Desse modo, é natural ver que, ainda com os escassos dados de que dispõe o historiador profano, um sábio sueco, Rudbeck, que viveu há cerca de dois séculos, tentasse provar que a Suécia era a Atlântida de Platão. Chegou mesmo a acreditar que havia descoberto, na configuração da antiga Upsala, a situação e as dimensões da capital da Atlântida, tais como as indicava o filósofo grego.

Rudbeck laborava em erro, como o demonstrou Bailly; mas este também se enganava, e mais ainda, pois a Suécia e a Noruega fizeram parte da antiga Lemúria, assim como da Atlântida, pelo lado da Europa, do mesmo modo que a Sibéria oriental e ocidental e o Kamschatka a ela pertenceram, pelo lado da Ásia. Contudo, e uma vez mais, perguntamos: Quando foi isso? Só estudando os *Purânas* é que podemos ter uma noção aproximada, se não desejamos levar em conta os Ensinamentos Secretos.

Três quartos de século são passados desde que Wilford formulou suas fantasiosas teorias, segundo as quais as Ilhas Britânicas seriam a "Ilha Branca", o Atala dos *Purânas*. Essas teorias não têm a menor consistência, pois Atala é um dos sete Dvipas, que fazem parte dos Lokas inferiores, uma das sete regiões de Pâtala (os antípodas). Ademais, indica Wilford¹⁶⁴ que os *Purânas* situam essa região "na sétima zona ou no sétimo clima" (melhor dizendo, no sétimo grau de calor), o que a localiza entre as latitudes de 24° e 28° Norte. Devia procurar-se, portanto, no mesmo grau do Trópico de Câncer, enquanto que a Inglaterra se acha entre 50° e 60° de latitude. Wilford dá-lhe os nomes de Atala, Atlântida e Ilha Branca. Diz ele que o inimigo do país era chamado "Diabo Branco", Demônio do Terror, porque:

"Em suas canções [as dos hindus e dos persas] vemos que Caiscaus vai até a montanha de *Az-burj* ou *As-burj*, em cujo sopé o Sol se põe, para combater o *Divsefid*, ou diabo branco, o *Târa-daitya* dos *Purânas*, que tinha sua mansão no sétimo estágio do mundo, correspondendo à sétima zona dos budistas... ou, em outras palavras, à Ilha Branca."¹⁶⁵

Ora, é neste ponto que os orientalistas se viram e se vêem ainda em face do enigma da Esfinge, cuja solução errônea destruirá para sempre a sua autoridade — quando não suas pessoas — aos olhos de todos os hindus eruditos, Iniciados ou não. Porque não há nos *Purânas* — em cujas minúcias contraditórias Wilford baseou as suas especulações — uma só declaração que não tenha vários sentidos e que não se aplique tanto ao mundo físico como

(164) Wilford incide em vários erros. Identifica, por exemplo, Shveta-dvipa, a Ilha Branca, "a ilha situada na parte Norte de Toyambhudi [Mar das frescas águas]", com a Inglaterra, e em seguida tenta identificá-la com Atala (uma região inferior) e com a Atlântida. Ora, Shveta-dvipa é a Mansão de Vishnu (exotericamente) e Atala é um inferno. Também a situa no Ponto-Euxino ou Mar Ikshu (Mar Negro), e depois, em outra passagem, parece relacioná-la com a África e o Atlas.

(165) *Asiatic Researches*, VIII, 280 (1808).

ao metafísico. Se os antigos hindus dividiam geograficamente a superfície do Globo em sete Zonas, Climas e Dvīpas, e alegoricamente em sete Infernos e sete Céus, a medida de sete não se aplicava em ambos os casos aos mesmos lugares.

Pois bem: o Pólo Norte, o país do "Meru", é que é a sétima divisão, por corresponder ao sétimo Princípio (ou ao quarto, metafisicamente) dos cálculos ocultos. Representa a região de Atmā, da Alma pura e da Espiritualidade. É por isso que Pushkara aparece como a sétima Zona, ou Dvīpa, que circunda o Oceano Kshira, ou Oceano de Leite (a região branca, sempre gelada), no Vishnu e em outros Purānas¹⁶⁶. E Pushkara, com os seus dois Varshas, se encontra diretamente ao pé do Meru. Pois está dito que:

"Os dois países ao Norte e ao Sul do Meru têm a forma de arco... [e que] metade da superfície da Terra está ao Sul do Meru, e a outra metade ao Norte do Meru — além do qual se encontra a metade de Pushkara."

Geograficamente, Pushkara é, portanto, a América (Setentrional e Meridional), e, alegoricamente, o prolongamento de Jambu-dvīpa¹⁶⁷, no meio do qual se acha o Meru, pois é o país habitado por seres que vivem dez mil anos e que estão indenes a enfermidades e imperfeições; onde não há virtude, nem vício, nem castas, nem leis, porque estes homens "são da mesma natureza dos Deuses"¹⁶⁸.

Wilford inclina-se a ver o Meru no monte Atlas, e é aí que também situa o Lokāloka. Ora, temos a informação de que o Meru é o Svar-Loka, a morada de Brahma e de Vishnu, e o Olimpo das religiões indianas exotéricas; e está descrito, geograficamente, como "passando pelo meio do Globo terrestre e projetando saliência de cada lado"¹⁶⁹. Em sua parte superior estão os Deuses, e na parte inferior, ou Pólo Sul, a mansão dos Demônios (Inferno). Portanto, como poderia o Meru ser o Monte Atlas? Além disso, Tārādaitya, um Demônio, não poderia ser posto na sétima Zona, se esta se identifica com a Ilha Branca, que outra não é senão Shveta-dvīpa, pelas razões dadas em nota anterior.

Wilford acusa os brâmanes de "haverem misturado confusamente as ilhas e os países", mas foi ele quem fez a confusão maior. Julga que, como o *Brahmānda* e o *Vāyu Purāna* dividem o antigo Continente em sete Dvīpas, que se diz rodeadas por um vasto Oceano, além do qual se encontram as regiões e as montanhas do Atala, daí se segue que:

(166) *Op. cit.*, *ibid.*, págs. 200-1.

(167) Cada nome nos *Purānas* deve ser estudado sob dois aspectos pelo menos, geográfica e metafisicamente, em sua aplicação alegórica; por exemplo, Nila, a montanha (azul), que é um dos limites setentrionais do Meru, há que buscar-se geograficamente em uma cordilheira de Orissa, e ainda em uma montanha muito diferente das outras, na África Ocidental. Jambu-dvīpa é o domínio de Vishnu: o Mundo, limitado nos *Purānas* ao nosso Globo, a região que só contém o Meru e que também é dividida para conter Bhārata-varsha (a Índia), sua melhor divisão e a mais bela, diz Parāshara. O mesmo sucede com Pushkara e todos os demais.

(168) *Ibid.*, pág. 202.

(169) *Surya Siddhanta*, trad. de Whitney, V, 5.

"É mui provável que os gregos houvessem de lá recolhido as suas noções a respeito da célebre Atlântida, a qual, não podendo ser reencontrada depois de ter sido descoberta uma vez, supuseram que fora destruída por alguma comoção natural." 170

Sendo custoso admitir que os sacerdotes egípcios, Platão e até Homero houvessem baseado suas noções da Atlântida em Atala — região inferior situada no Pólo Sul —, preferimos ater-nos às informações dos Livros Secretos.

Cremos em sete Continentes, quatro dos quais já viveram o seu tempo; o quinto ainda existe, e os outros dois hão de surgir no futuro. Cremos que cada um desses territórios não seja propriamente um continente no sentido moderno e corrente da palavra; mas que cada nome, desde Jambu a Pushkara 171, se refere ao nome geográfico dado: I — às terras firmes que cobriam toda a superfície do Globo durante o período de uma Raça-Raiz em geral; II — ao remanescente dessas terras após um Pralaya de Raça geológico, como Jambu por exemplo; III — às regiões destinadas a contribuir, depois de ulteriores cataclismos, para a formação de novos Continentes universais, Penínsulas ou Dvipas 172, correspondendo cada Continente, em certo sentido, a uma porção maior ou menor de terra firme rodeada de água. Desse modo, qualquer que seja a "confusão" que essa nomenclatura possa trazer ao entendimento dos profanos, nenhuma realmente existe para quem esteja de posse da chave.

Assim, cremos saber que, embora duas das Ilhas purânicas — o Sexto e o Sétimo Continentes — estejam ainda por vir, *existiram certamente*, e *existem* terras que entrarão na composição das futuras regiões firmes, de novas terras cuja superfície geográfica será inteiramente modificada, como sucedeu com as do passado. Vemos, portanto, nos *Purânas*, que Shâka-dvipa é (ou será) um Continente, e que Shanka-dvipa, segundo consta do *Vâyû Purâna*, não passa de uma "ilha menor", uma das nove divisões de Bhârata-varsha (às quais o *Vâyû* acrescenta mais seis). Porque Shanka-dvipa era povoada por "Mlechchhas [estrangeiros impuros] que adoravam divindades hindus", e, por conseguinte, tinham relação com a Índia 173. Isso dá a explicação de Shankhasûra, rei de uma parte de Shanka-dvipa, que foi morto por Krishna; aquele rei que residia num palácio "que era uma concha marinha, e cujos súditos viviam também em conchas" — diz Wilford.

"Nas margens do Nilâ 174 surgiam freqüentes lutas entre os Devatâs [Seres Divinos, Semideuses] e os Daityas [Gigantes]; mas, sendo esta última tribo a que prevaleceu,

(170) *Asiatic Researches*, III, 300.

(171) Jambu, Plaksha, Shâlmali, Kusha, Krauncha, Shâka e Pushkâra.

(172) Tais como Shâka e Pushkara, por exemplo, que não existem ainda, mas em cujos territórios entrarão algumas partes da América, da África e da Ásia Central, com a região de Gobi. Tenhamos presente que Upadvipas significa ilhas "fundamentais" ou terra firme em geral.

(173) Eram chamados Demônios, Asuras, Gigantes e monstros, por causa de sua maldade; sendo, por isso, comparado o seu país a Atala, um Inferno.

(174) Não à margem do rio Nilo, com toda a certeza, mas perto dos montes Nilâ da cordilheira do Atlas.

seu rei, Shankhasûra, que habitava no oceano, promovia freqüentes incursões... durante a noite.”¹⁷⁵

Não foi nas margens do Nilo, como supõe Wilford, mas nas costas da África Ocidental, ao Sul do Marrocos atual, que se travaram esses combates. Houve tempo em que todo o Deserto do Saara era um mar, e depois um continente tão fértil como o Delta; convertendo-se por fim, em seguida a outra submersão temporária, em um deserto semelhante ao de Shamo ou de Gobi. É o que indica a tradição purânica, porquanto se lê na mesma página que acabamos de citar:

“A população estava entre dois fogos; pois, enquanto Shankhasûra saqueava um lado do continente, Gracacha [ou Krauncha], rei de Crauncha-dvip [Krauncha-dvipa], assolava o outro lado. Os dois exércitos... transformaram assim a mais fértil das regiões em um deserto árido.”

Certo é que a Europa foi precedida não só pela última ilha da Atlântida, mencionada por Platão, mas ainda por um grande continente, que primeiramente se bipartiu e por último se fragmentou em sete penínsulas e ilhas (chamadas Dvipas). Cobria inteiramente o Norte e o Sul das regiões do Atlântico, assim como algumas partes das regiões Norte e Sul do Pacífico, e compreendia ilhas situadas até no Oceano Índico (restos da Lemúria). Esta afirmação é corroborada pelos *Purânas*, por autores gregos e por tradições asiáticas, persas e maometanas. Wilford, que lamentavelmente confunde as lendas hindus e muçulmanas, apesar disso sustenta claramente a mesma coisa¹⁷⁶. Os fatos que expõe e as suas citações dos *Purânas* provam, de maneira direta e concludente, que os hindus arianos e outros antigos povos foram, como navegantes, predecessores dos fenícios, que hoje passam por ser os primeiros marítimos dos tempos pós-diluvianos. Eis o que se lê em *Asiatic Researches*:

“Em seu desespero, os poucos aborígenes que sobreviveram [à guerra entre os Devatâs e os Daityas] elevaram suas mãos e o seu coração a Bhagavân, exclamando: ‘Aquele que for capaz de libertar-nos... seja o nosso rei’; e usaram a palavra IT [um termo mágico que Wilford evidentemente não entendeu], cujo eco repercutiu em todo o país.”¹⁷⁷

Desabou então violenta tempestade; as águas do Kâli se agitaram de modo estranho, “e no meio das ondas surgiu... um homem, chamado depois IT, à frente de numeroso exército, dizendo *abhayam*, ou *nada há que temer*”, e derrotou o inimigo. “O Rei IT”, explica Wilford, “é uma encarnação inferior de Mrira” — Mrira, provavelmente uma forma de Rudra (?) — que “restabeleceu a paz e a prosperidade em todo o Shanka-dvipa, em Barbaradêsa, Misra-st’hân e Arva-st’hân, ou Arábia”, etc.¹⁷⁸.

(175) *Asiatic Researches*, III, 325.

(176) Vejam-se os volume VIII, X e XI de *Asiatic Researches*.

(177) *Op. cit.*, III, 326.

(178) *Ibid.*

É claro que, se dos *Purânas* consta a descrição de guerras que tiveram por cenário continentes ou ilhas situados além da África Ocidental, no Oceano Atlântico; se os seus escritores falam de Barbarescos e outros povos como os Árabes — eles de quem nunca se soube que houvessem navegado ou atravessado o Kâla-pâni, as Águas Negras do Oceano, na época dos navegadores fenícios — é claro que, então, esses *Purânas* devem ser mais antigos que os Fenícios, que se admite terem vivido no período de 2.000 a 3.000 anos antes de Cristo. Em todo caso, as tradições purânicas são certamente mais antigas¹⁷⁹. Escreve um Adepto:

Nesses relatos, referem-se os hindus à existência desta ilha e mencionam o seu grande poderio; tais escritos devem datar, portanto, de mais de onze mil anos.

Outra evidência da grande antiguidade desses hindus arianos está na descrição que fizeram das últimas ilhas da Atlântida, ou melhor, do que restava da parte oriental do Continente que desapareceu pouco depois do levantamento das terras das duas Américas¹⁸⁰ — os dois Varshas de Pushkara. E descreveram o que conheciam, pois habitaram ali em certa época. Pode-se ainda demonstrá-lo com base nos cálculos astronômicos de um Adepto que criticou Wilford. Recordando o que este orientalista havia externado com relação ao Monte Ashburj, “em cujo sopé o Sol se põe”, e onde se travou a guerra entre os Devatâs e os Daityas¹⁸¹, diz o Adepto:

Consideremos, pois, a latitude e a longitude da ilha perdida e do Monte Ashburj que restou. Foi no sétimo grau do mundo, isto é, no sétimo clima (que se acha entre o 24.º e o 28.º de latitude Norte)... Esta ilha, esta filha do Oceano, tem sido descrita muitas vezes como estando no Ocidente, e o Sol como deitando-se ao pé de sua montanha (Ashburj, Atlas, Tenerife

(179) Vejamos o que diz Wilford sobre a divisão da Atlântida e de Bhârata, ou Índia, confundindo os dois relatos assim como Priyavrata com Medhâtithi:

“A divisão foi feita por Priyavrata... Ele tinha dez filhos, e tencionava dividir entre eles o mundo inteiro, em partes iguais... Do mesmo modo Netuno dividiu a Atlântida entre seus dez filhos: um deles houve... a extremidade da Atlântida” — [a qual] “é provavelmente o antigo continente, em cuja ponta se acha Gades... Esta Atlântida foi inundada; e parece que por Atlântida devemos entender a terra antediluviana, para governar a qual nasceram dez príncipes, segundo a mitologia ocidental [e também do Oriente], sendo que apenas sete deles se assentaram no trono.” (*Op. cit.*, VIII, pág. 286.)

Alguns pensam que, dos sete Dvipas, seis foram destruídos por um Dilúvio. Wilford é de opinião que o sétimo foi “Gades, que compreendia a Espanha”; é mais certo, porém, que fosse a ilha de Platão. (*Op. cit.*, VIII, pág. 375.)

(180) A América, o “Novo Mundo”, é, portanto, se não muito mais antiga, pelo menos mais velha que a Europa, o “Velho Mundo”.

(181) Se a mansão de Div ou Dev-sefid (a do Târadaitya) estava no sétimo grau, é porque ele veio de Pushkara, o Pâtâla (ou os antípodas) da Índia, ou a América. Esta última tocava, por assim dizer os muros da Atlântida, antes que esta houvesse finalmente submergido. A palavra Pâtâla significa, ao mesmo tempo, os países antípodas e as regiões infernais, e assim ambos estas expressões acabaram sendo sinônimas em idéias e atributos como idênticas no nome.

ou Nila, pouco importa o nome) e lutando contra o "Demônio Branco" da "Ilha Branca".

Ora, considerada esta declaração em seu aspecto astronômico, e sendo Krishna o Sol encarnado (Vishnu), um Deus solar, de quem se conta que matou a Div-sefid, o Diabo Branco (uma possível personificação dos antigos habitantes da região situada ao pé do Atlas), temos que talvez se trate apenas de uma representação dos raios verticais do Sol. Já vimos, por outro lado, que os habitantes da Atlântida são acusados por Deodoro de *maldizer* diariamente o Sol e de lutar sempre contra a sua influência. Contudo, é uma simples interpretação astronômica.

Passamos a mostrar que Shankhasûra e Shanka-dvipa, assim como toda a sua história, se referem também geográfica e etnologicamente à Atlântida de Platão, sob roupagem hindu.

Observamos há pouco que, constando dos relatos purânicos que a ilha *ainda existe*, tais relatos devem datar de muito mais que os 11.000 anos transcorridos desde que desapareceu Shanka-dvipa, ou o Poseidon Atlante. Mas não será de todo possível que os hindus tivessem conhecido a ilha mais cedo ainda? Vejamos novamente as indicações astronômicas, que esclarecem perfeitamente este ponto, levando-se em conta, de acordo com o citado Adepto, que:

No tempo em que o "coluro" tropical do verão passava pelas Plêiades, quando o Coração do Leão se encontrava sobre o equador, e o Leão, ao cair do Sol, em posição vertical a Ceilão, o Touro então estaria, ao meio-dia, em posição vertical à ilha da Atlântida.

Isso talvez explique por que os cingaleses, herdeiros dos Râkshasas e dos Gigantes de Lanka, e descendentes diretos de Sinha ou do Leão, foram associados a Shanka-dvipa ou Poseidon (a Atlântida de Platão). Notando-se apenas que, conforme indica o *Sphinxiad* de Mackey, deve o fato ter ocorrido, *astronomicamente*, há uns 23.000 anos, quando a obliquidade da eclíptica teria excedido a 27 graus, e o Touro, conseqüentemente, deve ter passado sobre a Atlântida ou Shanka-dvipa. Que assim foi, está claramente demonstrado. Eis o que dizem os Comentários:

O Touro sagrado de Nandi foi trazido de Bhârata a Shanka para encontrar-se com Risabha [o Touro] em cada Kalpa. Mas quando os da Ilha Branca [originários de Shveta-dvipa]¹⁸², que se haviam mesclado com os

(182) Nem a Atlântida nem mesmo Shanka-dvipa tiveram jamais o nome de "Ilha Branca". Quando a tradição diz que "a Ilha Branca se tornou negra por causa dos pecados de sua gente", quer referir-se tão-somente aos habitantes da "Ilha Branca" ou Siddhapura, ou Shveta-dvipa, que desceram à Atlântida da Terceira e da Quarta Raças para "animá-la, e que, uma vez encarnados, se tornaram negros pelo pecado" — uma figura de retórica. Diz-se que todos os Avatares de Vishnu se originaram da Ilha Branca. Segundo a tradição tibetana, a Ilha Branca é a única região que escapa ao destino dos outros Dvipas: não pode ser destruída pelo fogo nem pela água — porque é a "Terra Eterna".

Daitvas [Gigantes] da terra da iniquidade, se tornaram negros pelos pecados, Nandi então ficou para sempre na Ilha Branca [ou Shveta-dvipa]... Os do Quarto Mundo [da Quarta Raça] perderam AUM.

Ashburj ou Azburj (seja ou não o pico de Tenerife) era um vulcão quando teve início a submersão do "Atala Ocidental" ou Inferno, e os que se salvaram contaram o sucedido aos seus filhos. A Atlântida de Platão pereceu entre a água, por baixo, e o fogo, por cima, pois a grande montanha não parou de vomitar chamas.

O "*Monstro que vomitava fogo*" foi o único sobrevivente no meio das ruínas da infortunada ilha.

Será que os gregos, a quem se atribui haverem feito sua uma ficção dos hindus (o Atala), com ela inventando outra (a Atlântida), são também acusados de lhes haver copiado as noções geográficas e o número sete?

"A famosa Atlântida já não existe, mas é difícil pôr em dúvida que houvesse existido", diz Proclo, 'pois Marcelo, que escreveu uma história sobre assuntos etíopes, afirma que essa grande ilha existiu antigamente, e o fato é confirmado por aqueles que deixaram narrativas escritas concernentes ao mar exterior. *Contam eles que naquele tempo havia sete ilhas* no Oceano Atlântico, consagradas a Proserpina, e mais três de imensas proporções, estas consagradas a Plutão... Júpiter... e Netuno. Demais, os habitantes da última ilha [Poseidon] conservavam a lembrança das prodigiosas dimensões da Ilha Atlântida, segundo o relato de seus antepassados, e sabiam que ela governou durante muito tempo todas as ilhas do Oceano Atlântico. Daquela Ilha podia-se passar a outras grandes ilhas situadas mais além e que não se achavam distanciadas da terra firme, junto à qual estava o verdadeiro mar'.

"Estes sete Dvipas [traduzidos erroneamente por ilhas] formavam, segundo Marcelo, o corpo da famosa Atlântida... Prova evidente de que a Atlântida foi o antigo continente... A Atlântida foi destruída depois de uma violenta tempestade (?): fato bastante conhecido dos autores purânicos, afirmando alguns que, em consequência dessa espantosa convulsão da Natureza, desapareceram seis dos Dvipas." 183

Já foram apresentadas provas suficientes para convencer o mais céptico. Queremos, porém, trazer ainda provas diretas, com base na Ciência exata. Apesar disso, mesmo que se escrevessem muitos volumes, de nada serviriam para aqueles que não querem ver nem ouvir senão com os olhos e os ouvidos de suas autoridades respectivas.

E é assim que os escoliastas católicos romanos ensinam que Hermon, o monte situado no país de Mizpeth — palavra que significa "anátema", "destruição" — é o mesmo Monte Armon. Como prova, citam frequentemente uma declaração de Josefo, de que, ainda em sua época, eram ali diariamente descobertas enormes ossadas de gigantes. Tratava-se, porém, da terra de Balaam, o profeta a quem "o Senhor muito amava". E tão mesclados estão os fatos e os personagens no cérebro daqueles escoliastas que, ao explicar o *Zohar* que as "Aves" inspiradoras de Balaam significam "Serpentes", isto é, os Sábios e os Adeptos em cuja Escola havia aprendido os

(183) *Asiatic Researches*, XI, 26-28.

mistérios da profecia, aproveitam de novo a ocasião para sustentar que o Monte Hermon era habitado pelos “dragões alados do Mal, cujo chefe é Samael”, o Satã judeu!

Diz Spencer:

“A esses espíritos impuros, encadeados no Monte Hermon do Deserto, é que foi enviado o bode expiatório de Israel, que tomou o nome de um deles [Azaz(y)el].”

Não é assim, dizemos nós. O *Zohar* dá a seguinte explicação quanto à prática da magia, que em hebraico recebeu o nome de Nehhaschim, ou a “Obra das Serpentes”:

“E chamada Nehhaschim porque os magos [cabalistas praticantes] trabalham *rodeados pela luz da Serpente primordial*, que percebem no céu como uma zona luminosa, composta de miríades de pequenas estrelas.”¹⁸⁴

Quer isso dizer simplesmente a Luz Astral, assim denominada pelos Martinistas, por Éliphas Lévi, e agora por todos os ocultistas modernos.

A MALDIÇÃO, CONSIDERADA DE UM PONTO DE VISTA FILOSÓFICO

Os anteriores ensinamentos da Doutrina Secreta, complementados pelas tradições universais, devem ter demonstrado que os *Brahmanas* e os *Purânas*, o *Vendidad* e outras Escrituras masdeístas, bem como os anais sagrados egípcios, gregos e romanos, e finalmente os dos judeus, têm todos a mesma origem. Não se pode ver em nenhum deles uma história sem sentido ou sem fundamento, inventada para ilaquear a boa-fé do profano incauto: todos são alegorias que encerram, sob um véu mais ou menos fantasioso, as grandes verdades hauridas no campo da tradição pré-histórica.

A falta de espaço, nestes volumes, impede de nos estendermos mais no que diz respeito às quatro Raças que precederam a nossa. Antes, porém, de apresentar ao leitor a história da evolução psíquica e espiritual dos antecessores diretos antediluvianos de nossa Quinta Humanidade (a Ariana), e de mostrar a sua influência sobre todos os ramos laterais oriundos do mesmo tronco, temos que esclarecer mais alguns fatos.

Expôs-se, com o testemunho de todo o mundo literário antigo e as especulações intuitivas de mais de um filósofo ou homem de ciência das últimas eras, que os ensinamentos de nossa Doutrina Esotérica se confirmam, em quase todos os casos, por provas diretas e indiretas; e que nem os Gigantes “legendários”, nem os Continentes perdidos, nem tampouco a evolução das Raças precedentes, são contos vazios de fundamento. No Apêndice do volume seguinte, a Ciência ver-se-á, uma vez mais, na impossibilidade de replicar; e esperamos que o mesmo Apêndice virá definitivamente dirimir

(184) *Zohar*, III, col. 302.

todas as observações cépticas que surgirem a respeito do número sagrado da Natureza e das nossas cifras em geral.

Enquanto isso, resta por concluir uma tarefa: refutar o mais pernicioso de todos os dogmas teológicos, o da Maldição, que vem pesando sobre a Humanidade e é a causa de todos os seus sofrimentos, segundo se faz crer, desde a suposta desobediência de Adão e Eva no Jardim do Eden.

Os poderes criadores do homem foram um dom da Sabedoria Divina, e não consequência do pecado. Isto se vê claramente no comportamento paradoxal de Jeová, que principia *amaldiçoando* Adão e Eva (ou a Humanidade), em razão do pretenso crime cometido, para depois *abençoar* o seu "povo eleito", dizendo: "Crescei e multiplicai-vos, e enchei a Terra." ¹⁸⁵

A Maldição não foi atraída sobre a Humanidade pela Quarta Raça, uma vez que a Terceira, relativamente sem pecado, e de Antediluvianos ainda mais gigantescos, havia perecido do mesmo modo; portanto, o Dilúvio não foi um castigo, mas simplesmente o resultado de uma lei periódica e geológica. Tampouco recaiu sobre os homens a Maldição do CARMA porque houvessem procurado a união *natural*, como o fazem todos os animais sem mente, nas épocas próprias, senão por terem abusado do poder criador, por terem profanado esse dom divino e malgastado a essência vital sem outra finalidade que a de satisfazerem suas paixões bestiais. Quando o terceiro capítulo do *Gênesis* for bem compreendido, ver-se-á que se refere a Adão e Eva do fim da Terceira Raça e do começo da Quarta.

Nos primeiros tempos, a concepção era tão fácil para a mulher como para toda a criação animal. Nunca esteve no plano da Natureza impor à mulher que desse à luz os seus filhos "com dor". Mas desde aquela época, durante a evolução da Quarta Raça, surgiu a inimizade entre a sua semente e a da "Serpente", a semente ou produto do Carma e da Sabedoria Divina. Porque a semente da mulher, a luxúria, *esmagou a cabeça* da semente do fruto da *sabedoria e do conhecimento*, transformando o sagrado mistério da procriação em satisfação animal; como consequência, a Lei do Carma "*pisou o calcanhar*" da Raça Atlante, alterando gradualmente, sob os aspectos fisiológico, moral, físico e mental, toda a natureza da Quarta Raça humana ¹⁸⁶,

(185) *Gênesis*, IX, 1.

(186) Quão sábias e judiciosas, quão previdentes e salutaras do ponto de vista moral são as leis de Manu sobre a vida conjugal, comparadas com a excessiva liberdade tacitamente permitida ao homem nos países civilizados! A circunstância de terem sido negligenciadas essas leis nos últimos dois milênios não nos impede de admirar o pensamento que lhes presidiu à elaboração. O brâmane era um *Gribasta*, um chefe de família, até certa época de sua vida; depois de engendrar um filho, rompia com sua vida conjugal para se tornar um casto Iogue. Sua própria vida matrimonial era regulada por seu astrólogo brâmane, para ajustar-se à sua natureza. Por isso, nas regiões como o Pundjab, onde a influência letal da licenciosidade muçulmana e, mais tarde, da europeia apenas tocou as castas arianas ortodoxas, se vêem os mais belos homens de todo o Globo, no que respeita à estatura e ao vigor físico; ao passo que no Decan, e principalmente na Bengala, os homens fortes de antigamente estão sendo substituídos por outros cujas gerações decrescem em altura e robustez, a cada século, para não dizer a cada ano.

a tal ponto que, depois de ser, na Terceira Raça, o rei pleno de saúde da criação animal, o homem se converteu, na Quinta Raça, que é a nossa, em um ser débil e enfermo, e veio a ser, na Terra, o mais rico herdeiro das doenças constitucionais e hereditárias, o mais consciente e inteligentemente bestial de todos os animais! ¹⁸⁷

Esta é a verdadeira Maldição, sob o aspecto fisiológico, quase o único de que se ocupa o Esoterismo cabalístico. Vista por esse ângulo, a Maldição é inegável, porque evidente. A evolução intelectual, progredindo lado a lado com a evolução física, certamente que tem sido mais uma maldição que uma bênção, que um dom vivificado pelos "Senhores da Sabedoria", que espargiram sobre o *Manas* humano o fresco rocio de seu próprio Espírito e Essência.

O divino Titã tem, portanto, sofrido em vão, e quase nos sentimos inclinados a lamentar os seus benefícios à Humanidade, e a suspirar por aqueles dias tão bem descritos por Ésquilo em seu "Prometeu Encadeado", quando, no fim da primeira Idade Titânica (a Idade que se seguiu à do Homem Etéreo, do piedoso Kandu e de Pramlochâ), a humanidade física nascente, ainda desprovida de intelecto e (fisiologicamente) de sentidos, era assim retratada:

Vendo, viam em vão;
Ouvindo, não ouviam.
Mas, por largo tempo, quais sombras em sonhos,
Eles ao acaso tudo confundiam.

Nossos Salvadores, os Agnishvâttas, e outros "Filhos da Chama da Sabedoria", personificados pelos gregos em Prometeu ¹⁸⁸, podem ser esquecidos e tratados com ingratidão pela injustiça do coração humano. Em nossa ignorância da verdade, podem ser indiretamente malsinados por causa do dom de Pandora. Mas ouvir declarar e proclamar, pela boca do clero, que são DEMÔNIOS, representa um Carma por demais pesado para "Aquele" que, quando Zeus "desejou ardentemente" extinguir toda a raça humana,

(187) As enfermidades e a superpopulação são fatos que não podem ser negados.

(188) No livro *The Dramas of Æschylus*, da Sra. Anna Swanwick, consta, a propósito do "Prometeu Encadeado" ("Biblioteca Clássica de Bohn", pág. 334), que Prometeu é realmente apresentado como "o campeão e benfeitor da humanidade, cujo estado... se descreve como débil e miserável ao extremo... Diz-se que Zeus se propôs exterminar estes seres fracos e efêmeros, e implantar outra raça em seu lugar na Terra". Nas Estâncias vemos que os Senhores do Ser procedem do mesmo modo, destruindo os primeiros produtos da Natureza e do Mar. "A Prometeu se representa como tendo frustrado esse desígnio, sendo por isso, submetido às mais cruéis torturas, pelo bem dos mortais, infligidas pelo impiedoso Zeus. Temos assim o Titã, símbolo da razão finita e do livre arbítrio [da humanidade intelectual, ou o aspecto superior de Manas], deserto como o *filantropo sublime*, enquanto que Zeus, a Suprema Divindade da Héliada, aparece como um déspota cruel e implacável, caráter sobremodo repulsivo ao sentimento ateniense." A razão disto será explicada mais adiante nesta obra. A "Suprema Divindade" comporta, em todos os Panteões antigos, inclusive o dos judeus, um caráter duplo, composto de luz e sombra.

“se atreveu sozinho” a salvar a “raça mortal” da perdição, ou, segundo as palavras que o poeta faz proferir ao torturado Titã:

Do perigo de ser precipitada
No abismo sem fim do tenebroso Hades.
Por isso atrozes torturas me oprimem,
Torturas penosas de sofrer
Quanto horríveis de contemplar:
Tanto eu dos mortais me apiedeí...

Então o coro justamente exclama:

Grandes foram os benefícios-
Que tu aos mortais outorgaste!

Ao que responde Prometeu:

Sim, e o fogo também lhes dei.

O coro:

Então as criaturas efêmeras
O fogo flamante possuem?

Prometeu:

Sim, e muitas serão as artes
Que virão por ele a aprender...

Mas, com as artes, o “fogo” recebido se converteu na pior das maldições; o elemento animal e a *consciência* da posse desse fogo transformaram o instinto periódico em animalismo e sensualidade crônica¹⁸⁹. É isso que pende sobre a humanidade, qual pesado manto funerário. Assim nasceram a responsabilidade do livre arbítrio e as paixões titânicas que representam a espécie humana em seu aspecto mais sombrio:

“A insaciabilidade inquietante das paixões e desejos inferiores que, com cínica insolência, lançam um desafio às travas da lei.”¹⁹⁰

Segundo o *Protágoras* de Platão, Prometeu dotou o homem com a “sabedoria que proporciona o bem-estar físico”; mas, permanecendo inalterado o aspecto inferior do Manas animal (Kama), daí resultou que, em lugar de “uma mente imaculada, primeiro dom do Céu”, se criasse o eterno abutre do desejo sempre insatisfeito, do pesar e do desespero, aliado à “debilidade melancólica que encadeia a raça cega dos mortais” (556), até o dia em que Prometeu seja posto em liberdade por Hércules, o salvador que o Céu lhe destinou.

(189) O mundo animal, que é guiado só pelo instinto, tem suas *épocas de procriação*, ficando os sexos neutralizados durante o resto do ano. Por isso, o animal livre só conhece a enfermidade uma vez em sua vida: antes de morrer.

(190) Introdução ao “Prometeu Encadeado”, pág. 340, ed. inglesa.

Os Cristãos, especialmente os católicos romanos, têm procurado estabelecer um liame profético entre esse drama e a vinda do Cristo. Não se podia cometer erro maior. O verdadeiro teósofo, aquele que busca a Sabedoria Divina e rende culto à Perfeição Absoluta — à Divindade Desconhecida, que não é Zeus nem Jeová —, rechaçará semelhante idéia. Invocando a antiguidade, provará que nunca houve pecado *original*, mas tão-só o mau uso da inteligência física, passando o elemento psíquico a ser dirigido pelo elemento animal e extinguindo-se em ambos a luz da centelha espiritual. Dirá ele: Que todos aqueles que são capazes de ler nas entrelinhas estudem a Sabedoria Antiga nos velhos dramas da Índia e da Grécia; que leiam com atenção o “Prometeu Encadeado”, que se representou nos teatros de Atenas há 2.400 anos!

O mito não pertence nem a Hesíodo nem a Esquilo, senão que, como disse Bunsen, “é mais antigo que os próprios Helenos” — pois em verdade, pertencem à aurora da consciência humana. O Titã *crucificado* é o símbolo personificado do Logos coletivo, da “Legião” e dos “Senhores da Sabedoria”, ou do HOMEM CELESTE que se encarnou na Humanidade. Demais, como indica o próprio nome (*Pro-me-teus*, “o que vê adiante de si” ou o futuro)¹⁹¹, no que ele ideou e ensinou à humanidade ocupava uma das primeiras planas o conhecimento profundo da Psicologia. Queixava-se ele às filhas do Oceano:

Multiformes profecias ordenei, (492)
E o primeiro fui a distinguir nos sonhos
A visão verdadeira... E os mortais guiei
A uma arte misteriosa...
E a Prometeu
Todas as artes devem os mortais...

Deixando de lado, por algumas páginas, o assunto principal, detenhamo-nos para ver o que pode ser o sentido oculto desta tradicional alegoria, uma

(191) De προμήτις, “previsão”. “O Professor Kuhn” — conforme se lê nos já citados livros *The Dramas of Aeschylus* — “considera o nome do Titã derivado da palavra sânscrita Pramantha, que designa o instrumento usado para acender o fogo. A raiz *mand* ou *manth* implica a idéia de movimento rotatório, e a palavra *manthâmi*, usada para significar o processo de acender o fogo, adquiriu o sentido secundário de ‘arrebatar’; daí o encontrarmos outra palavra do mesmo tronco, *pramatba*, que quer dizer ‘roubo’. “E muito engenhoso tudo isso, mas não de todo exato, encerrando, ademais, um elemento sobremodo prosaico. Não há dúvida que na natureza física, as formas superiores podem desenvolver-se das inferiores. Mas o mesmo já não ocorre no mundo do pensamento. E como nos dizem que a palavra *manthâmi* passou à língua grega e se converteu em *manthanô*, ‘aprender’ — isto é, adquirir conhecimento, donde, *prometheia*, presciência, previsão — podemos encontrar, para o “portador do fogo”, uma origem mais poética do que a que comporta sua raiz sânscrita. A Svástica, o signo sagrado e o instrumento para acender o fogo *sagrado*, pode explicar melhor aquela origem. “Prometeu, o Portador do Fogo, é a personificação do Pramantha”, continua o autor, “e tem seu protótipo no Matarishvan ariano, personagem divino... estreitamente associado a Agni, o Deus do Fogo dos Vedas”. Em sânscrito, Matih significa “entendimento” (intelecto); é sinônimo de Mahat e de Manas, e deve ter alguma relação com a origem do nome; Pramatih (o que é inteligente) é filho de Fohat, e também tem a sua história.

das mais antigas e sugestivas. Como se relaciona diretamente com as primeiras Raças, não será propriamente uma digressão.

O tema da trilogia de Ésquilo, da qual duas partes se perderam, é conhecido de todos os leitores cultos. O Semideus arrebatou aos Deuses (os Elohim) o seu segredo: o mistério do *Fogo Criador*. Por este atentado sacrílego, Cronos¹⁹² o aprisiona e o entrega a Zeus, o Pai e Criador de uma Humanidade que ele queria ver intelectualmente cega e semelhante aos animais; uma Divindade *Pessoal* que não desejava fosse o *HOMEM* "como um de nós". Por isso, Prometeu, o "Dispensador do Fogo e da Luz", é acorrentado ao Monte Cáucaso e condenado ao suplício. Mas o Destino triforme (o Carma) — a cujos decretos, como diz o Titã, Zeus,

Nem ele, o primeiro, pode escapar...

— ordena que tais sofrimentos não durem senão até o dia em que nascer um filho de Zeus.

Sim, um filho mais forte que seu pai. (787)

Um que de tua própria estirpe será. (791)

(Da estirpe de Io.) Esse filho libertará Prometeu (a Humanidade sofre-dora) de sua sina fatal. Seu nome é "Aquele que deve vir".

Sob a autoridade desses poucos versos, que, como toda sentença alegórica, podem ser amoldados a qualquer sentido; sob a autoridade das palavras pronunciadas por Prometeu e dirigidas a Io, filha de Inaco, perseguida por Zeus — alguns autores católicos edificaram toda uma profecia. Diz o Titã crucificado:

E, ó maravilha, os azinhos falantes
Que, mui claro, sem frases enigmáticas,
Te saudaram *esposa ilustre de Zeus*
..... (853)

... acariciando-te apenas
Com o suave contato de sua destra;
Então darás à luz *sombrio Epafos*,
Nome que a sagrada origem recorda... (870)

Isso foi interpretado por diversos fanáticos (Des Mousseaux e De Mirville, entre outros) como uma evidente profecia. Disseram que Io "é a Mãe de Deus", e, o sombrio Epafos, Cristo. Mas este último não destronou seu Pai, salvo metaforicamente, se considerarmos Jeová como o Pai; nem o Salvador cristão precipitou seu Pai no Hades. Prometeu diz (no verso 930) que Zeus será também humilhado:

... tal matrimônio prepara.
Que do alto de seu poderoso trono

(192) Cronos é o "Tempo", e por isso a alegoria é muito sugestiva.

Do nada o precipitará no abismo;
E assim em tudo ficará cumprida
De Cronos a paterna maldição...

... Que continue ali sentado,
Nos seus feros e ardentes raios confiante,
E co'as mãos brandindo os flamantes dardos;
Que inúteis serão, e assim tombará,
Ignominosa, insuportável queda... (980)

O "sombrio Epafos" era o Dioniso-Sabázio, o filho de Zeus e de Deméter, nos Mistérios Sabeus, durante os quais o "Pai dos Deuses", tomando a forma de uma *Serpente*, engendrou com Deméter a Dioniso, ou o Baco Solar. Io é a Luz, e ao mesmo tempo a Eva de uma nova *raça*, e também o é Deméter no caso presente.

O mito de Prometeu efetivamente é uma profecia, mas não se refere a nenhum dos Salvadores cíclicos, que têm aparecido periodicamente em várias nações e povos, nos seus estados transitórios de evolução. Ele se relaciona com o último mistério das transformações cíclicas, em cuja série a Humanidade, tendo passado da condição etérea ao estado físico sólido, da procriação espiritual à procriação fisiológica, é agora conduzida para diante no arco oposto do ciclo, para a segunda fase do seu estado primitivo, em que *a mulher não conhecia o homem*, e a progênie humana *era criada, e não engendrada*.

Esse estado voltará a ser o seu apanágio e o do mundo em geral, quando este descobrir e souber realmente as verdades que jazem no fundo desse grande problema do sexo. Será como "a luz que nunca brilhou nem sobre o mar nem sobre a terra", e que deve chegar aos homens por intermédio da Sociedade Teosófica. Essa luz conduzirá à *verdadeira intuição espiritual*. Então, como foi dito certa vez em uma carta a um teósofo:

"O mundo terá uma raça de Budas e de Cristos, porque o mundo terá descoberto que está em poder dos indivíduos o procriar filhos semelhantes a Budas ou a Demônios... Quando se alcançar esse conhecimento, todas as religiões dogmáticas desaparecerão, e com elas os Demônios."

Se reflexionarmos no desenvolvimento sucessivo da alegoria e no caráter dos heróis, o mistério ficará esclarecido.

Cronos é naturalmente o "Tempo" em sua marcha cíclica. Devora os próprios filhos, inclusive os Deuses *pessoais* dos dogmas exotéricos. Em lugar de Zeus, foi o seu ídolo de *pedra* que ele devorou; mas o símbolo cresceu e se desenvolveu só na fantasia humana, à medida que a humanidade, no ciclo descendente, buscava unicamente a perfeição física e intelectual, excluindo a intelectual. Quando houver progredido igualmente no sentido espiritual, Cronos deixará de enganar-se. Em vez da imagem de pedra, será por ele devorada a própria ficção antropomórfica.

Porque a Serpente da Sabedoria, representada nos Mistérios Sabeus pelo Logos antropomorfizado, a unidade dos poderes espirituais e físicos, criará

com o tempo (Cronos) uma progênie, Dionísio-Baco, ou o “sombrio Epafos”, o “Ser poderoso”, a Raça que o derrubará. Onde nascerá ela? Prometeu mostra a sua origem e o lugar de seu nascimento, na profecia a Io. Io é a Deusa Lunar da geração, pois é Isis e é Eva, a Grande Mãe ¹⁹³. Ele descreve o itinerário (das raças), tão claramente quanto o permitem as palavras. Io é obrigada a deixar a Europa e ir para o Continente Asiático, alcançando aí a mais alta das montanhas do Cáucaso (verso 737); e o Titã lhe diz:

Quando cruzares o rio, que separa
Dois continentes, para o Oriente adusto... (810) —

que ela deve seguir em direção ao Este, depois de atravessar o “Bósforo Címério” e cruzar o que evidentemente é o Volga, onde agora é Astracã, sobre o Mar Cáspio. Em seguida, encontrará os “furiosos ventos do Norte”, e passará à terra da “Legião de Arimaspiã” (a este da Cítia de Heródoto), dirigindo-se ao —

Rio carregado de ouro de Plutão... (825)

Que o Professor Newman supõe, com razão, referir-se ao Ural, sendo os Arimaspi de Heródoto “os habitantes conhecidos dessa região aurífera”.

E agora se apresenta (entre os versos 825 e 835) um enigma para todos os intérpretes europeus. Diz o Titã:

Destes não te acerques; irás depois
A longínqua terra, onde há negra raça,
Nas fontes do Sol, onde flui o Etíope;
Segue pelas margens até que alcances
Potentes rápidos, que ao Nilo enviam
Dos altos Biblinos sacra e pura água.

“Destes”, no primeiro verso, refere-se aos Arimaspi e Gripes.

(193) Queixa-se o autor da tradução de “Prometeu Encadeado” de que nessa descrição da marcha errante de Io “não se possa chegar a um acordo com a nossa própria geografia” (pág. 379). É possível que ele tenha boas razões para tanto. Primeiro, há a viagem e o andar errante, de um lugar para outro, da Raça de que deve sair o “décimo” Avatar, ou Kalki Avatar. Ele a chama “a Raça de Reis nascida em Argos” (888). Mas este Argos não tem relação alguma com o Argos da Grécia. O nome deriva de *arg* ou *arka* — o poder gerador feminino simbolizado pela Lua — o Argha em forma de nave dos Mistérios, que significa a Rainha dos Céus. Eustáquio demonstra que no dialeto dos Argianos Io significava a Lua; ao passo que o Esoterismo o explica como o Andrógino divino, o Denário (10) místico; em hebraico, 10 é o número perfeito, ou Jeová. Arghya, em sânscrito, é a taça das libações, o vaso em forma de nave ou de barco, no qual se oferecem flores e frutas às Divindades. Arghynâth é um título do Mahâ Chohan, e quer dizer “Senhor das Libações”; e Arghya-varsha, a “Terra das Libações”, é o nome misterioso daquela região que se estende desde o Monte Kailâsa até perto do Deserto de Shamo, onde se espera o Kalki Avatar. O Ayriana-Varsedyâ (Airyana-Vaêjo?) dos masdeístas, como região, é idêntico aquele. Diz-se hoje que era situado entre o Mar de Aral, o Baltista e o pequeno Tibete; nos tempos antigos, porém, sua área era muito mais extensa, sendo o lugar de nascimento da humanidade física, da qual Io é a mãe e o símbolo.

Ali, foi ordenado a Io que fundasse uma colônia para ela e seus filhos. Vejamos como tem sido interpretada essa passagem.

A Io se recomendou que viajasse para o Oriente até chegar ao rio Etíope, devendo prosseguir pelas suas margens até o ponto em que ele deságua no Nilo: aqui surge uma dúvida. O autor da tradução de "Prometeu Encadeado" nos dá a conhecer que, "segundo as teorias geográficas dos primeiros gregos",

"Esta condição era preenchida pelo rio Índus." Arrian (VI, 1) refere que Alexandre o Grande, quando se preparava para descer o rio Índus [havendo visto crocodilos neste rio e em nenhum outro, exceto o Nilo...], julgou que havia descoberto as fontes do Nilo; como se o Nilo, saindo de algum ponto da Índia e correndo através de muitas regiões desertas, perdesse com isso o seu nome de Índus, seguisse... por terras desabitadas e recebesse então o nome de Nilo, dado pelos etíopes daqueles lugares e depois pelos egípcios. Vergílio, em sua Quarta Geórgica, faz eco a esse inveterado erro." 194

Ambos, Alexandre e Vergílio, podem ter se equivocado excessivamente em suas noções geográficas; mas a profecia de Prometeu não incidiu no mesmo pecado, pelo menos em seu espírito esotérico.

Quando se simboliza uma Raça e se apresentam em forma de alegoria os sucessos de sua história, não há que esperar uma exatidão topográfica no itinerário traçado para a sua personificação. Sucede, no entanto, que o rio Etíope é o Índus efetivamente, e é também o Nilo ou Nilâ. É o rio que nasce na montanha do Celeste Kailâsa, a Mansão dos Deuses, a 22.000 pés acima do nível do mar. Era o rio Etíope, e assim o chamavam os gregos muito tempo antes da época de Alexandre, porque suas margens desde Attock até Sind, eram povoadas por tribos então geralmente conhecidas como os Etíopes do Oriente. Os habitantes da Índia e do Egito formavam duas nações da mesma família, e os etíopes orientais — os grandes construtores — vieram da Índia, conforme ficou suficientemente provado, acreditamos, em *Isis sem Véu* 195.

Nesse caso, por que Alexandre e até mesmo o erudito Vergílio não haveriam de usar a palavra Nilo, ou Neilo, ao falarem do Índus, que é um dos nomes desse rio? Ainda hoje, nas regiões ao redor de Kalabagh, o Índus é chamado Nilo, "azul", e Nilâ, "rio azul". As águas são ali de um azul tão carregado que este nome lhe foi dado desde tempos imemoriais; e uma pequena cidade situada em suas margens, e que ainda existe em nossos dias, tem o mesmo nome.

É evidente que Arrian, tendo escrito muito depois do tempo de Alexandre, e ignorando o antigo nome do Índus, caluniou inconscientemente o conquistador grego. Os nossos historiadores modernos não se mostram mais cautos nos julgamentos que fazem, pois amiúde emitem as mais peremptórias declarações com base em meras aparências, tão desenvoltamente

(194) *Op. cit.*, pág. 385, nota.

(195) I, págs. 569, 570.

quanto os seus colegas de antanho, que não tinham então nenhuma enciclopédia à sua disposição.

A raça de Io, a “donzela com chifres de vaca”, é, pois, simplesmente a raça avançada dos etíopes, que ela trouxe do Índus para o Nilo, o qual recebeu este nome em memória do rio da mãe-pátria dos colonos da Índia¹⁹⁶. Por isso, Prometeu diz a Io¹⁹⁷ que o Neilo sagrado — o Deus, não o rio — a guiará à terra dos “três ângulos”, isto é, ao Delta, onde os seus filhos tiveram a missão de fundar “aquela remota colônia” (833 e seguintes).

É ali que uma nova raça principia (os egípcios), e uma “raça feminina” (873), a qual, “sendo a quinta descendência” do sombrio Epafos,

Cinquenta em número a Argos tornará.

Então uma das cinquenta virgens cairá por amor e

Em Argos dará à luz raça de reis.

.....
Mas da estirpe sairão heróis indômitos
Que hão de libertar-me, arqueiros famosos,
De tão atroz, horrível sofrimento.

Quando virão esses heróis, não o diz o Titã, pois, segundo observa,

Para todas as coisas expressar
De longo discurso haveria mister.

Mas “Argos” não é senão Arghyavarsha, a Terra das Libações dos antigos Hierofantes, de onde sairá o Libertador da Humanidade; e muitos séculos depois esse nome se converteu no de sua vizinha a Índia, a Aryavarta da antiguidade.

Sabemos, por intermédio de vários escritores antigos, entre os quais Cícero¹⁹⁸ e Clemente de Alexandria¹⁹⁹, que o assunto fazia parte dos Mis-

(196) Alexandre, que conhecia melhor Attock que a Índia (porque ele nunca penetrou na Índia propriamente dita) não podia deixar de ter ouvido que ao Indus, junto a suas cabeceiras, chamavam de Nilo e Nilâ. O erro, se erro há, explica-se assim facilmente.

(197) Os “chifres de vaca” de Io mostram que, alegoricamente, ela é idêntica a Isis e à Lua. É inegável que a Grécia recebeu esta alegoria da Índia, onde Vâch, a “Vaca Melodiosa” do *Rig Veda*, “da qual descende a humanidade” (*Bhagavata Purâna*), é apresentada no *Atareya Brâhmana* como perseguida por seu pai Brahma, que, movido por uma paixão ilícita, a transformou em Cervo. De igual modo Io, recusando submeter-se à paixão de Zeus, foi “guarnecida com chifres”. Em todos os países, a Vaca era o símbolo do poder gerador passivo da Natureza: Isis, Vâch, Vênus (a mãe de Cupido, o prolífico Deus do Amor); mas ao mesmo tempo o do Logos, símbolo que, entre os egípcios e os indianos, passou a ser o Touro, haja vista o Boi Apis e os Touros Hindus dos templos mais antigos. Na Filosofia Esotérica a Vaca é o símbolo da Natureza Criadora, e o Touro (o seu Bezerra) o Espírito que a vivifica, ou o “Espírito Santo”, como demonstra o Dr. Kenealy. Daí o símbolo dos chifres. Estes eram também sagrados entre os judeus, que depositavam no altar chifres de pau-cetim; e um criminoso que os apanhasse teria assegurada a sua salvação.

(198) *Tuscul. Quæst.*, I, II, 20.

(199) *Strom.*, I, II; *Oper.*, I, 467, Ed. de Potter.

térios Sabázios. Estes últimos autores foram os únicos que deram a verdadeira causa de haver sido Ésquilo acusado de sacrilégio pelos atenienses e condenado à morte por apedrejamento. Segundo eles, Ésquilo, que não seria um iniciado, havia profanado os Mistérios ao fazê-los representar num cenário público²⁰⁰. Mas teria incorrido na mesma pena se fosse um iniciado; e é o que deve ter sucedido, porque, de outro modo, fora preciso, como no caso de Sócrates, que um Demônio lhe houvesse revelado o segredo do drama alegórico e sagrado da Iniciação. Como quer que fosse, não se deve ao “pai da tragédia grega” a invenção da profecia de Prometeu, pois ele não fez mais que repetir em forma dramática o que revelavam os sacerdotes durante as Sabázias²⁰¹. Estas últimas eram uma das mais antigas festividades sagradas, cuja origem até hoje permanece desconhecida da história. Os mitólogos associam-nas a Júpiter e a Baco, por intermédio de Mitra, o Sol, chamado Sabázio em alguns velhos monumentos. Certo é, porém, que os Mistérios nunca foram propriedade dos gregos, e datavam de épocas imemoriais.

O tradutor do drama admira-se de que Ésquilo se fizesse merecedor de censura por uma

“discrepância entre o caráter de Zeus, tal como aparece no ‘Prometeu Encadeado’, e o que se acha descrito nos outros dramas”²⁰².

A razão está em que Ésquilo, do mesmo modo que Shakespeare, foi e sempre continuará sendo a “Esfinge” intelectual dos séculos. Entre Zeus, a Divindade Abstrata do pensamento grego, e o Zeus Olímpico, havia um abismo. Este último não representava nos Mistérios outro princípio que o aspecto inferior da inteligência humana física: Manas unido a Kama; ao passo que Prometeu, o aspecto divino de Manas absorvido em Buddhi, para o qual tende, era a Alma divina. Zeus, sempre que representado cedendo a suas paixões inferiores, é a Alma humana e nada mais, o Deus *invejoso*, vingativo e cruel, em seu Egoísmo ou Eu exclusivista. É por isso que Zeus aparece sob a figura de uma Serpente — a tentadora intelectual do homem — que, não obstante, engendra, no curso da evolução cíclica, o “Salvador-Homem”, o Baco Solar ou Dioniso — *mais do que homem*.

Dioniso identifica-se com Osíris, Krishna e Buddha, o Sábio celestial, e com o Avatar futuro (o Décimo), o Christos Espiritual glorificado, que libertará o Chrestos sofredor (a humanidade ou Prometeu) de sua provação. Isto, segundo rezam as lendas bramânicas e budistas, repetidas como eco

(200) Heródoto e Pausânias supunham que a causa da condenação teria consistido em que Ésquilo, adotando a Teogonia dos egípcios, considerava Diana como filha de Ceres e não de Latona. (Veja-se *Ælian, Var. Hist.*, I, V, XVIII; I, 433, Ed. Gronov.) Mas Ésquilo era iniciado.

(201) Os Mistérios de Sabázia eram uma festa periódica, celebrada em honra de alguns Deuses; uma variante dos Mistérios de Mitra. Toda a evolução das Raças era neles representada.

(202) A. Swanwick, *op. cit.*

pelos ensinamentos zoroastrianos, e agora pelos cristãos (estes últimos só ocasionalmente), sucederá no fim do Kali Yuga.

Só depois que vier o Avatar Kalki, ou Soshios, nascerá o homem da mulher sem pecado. Então Brahmá, a Divindade hindu, Ahura-Mazda (Ormuzd), a de Zoroastro, Zeus, o "don Juan" olímpico grego, Jeová, o Deus de tribo, invejoso, vacilante e cruel, dos israelitas, e todos os seus semelhantes do Panteão universal da fantasia humana, se desvanecerão, desaparecendo nos ares sutis. E juntamente com eles se esvaíram as suas sombras, os *aspectos sombrios* de todas essa Divindade, representadas sempre, nas lendas exotéricas, como seus "irmãos gêmeos" e suas criaturas; e como seus próprios *reflexos*, na Filosofia Esotérica. Os Ahrimãs e os Tímons, os Samaels e os Satãs, nesse dia serão todos destruídos, quando as paixões negras e más forem todas subjugadas.

Há, na Natureza, uma Lei Eterna, uma Lei que tende sempre a conciliar os opostos e a produzir a harmonia final. Graças a essa Lei de desenvolvimento espiritual, que há de sobrelevar ao aspecto físico e puramente intelectual, a humanidade ver-se-á livre de seus falsos deuses e alcançará, finalmente, a auto-redenção.

Em sua revelação última, o velho mito de Prometeu, cujos protótipos e antítipos se encontram em todas as antigas Teogonias, em cada uma destas tem suas raízes no próprio mal físico, porque está no umbral da vida física humana. Cronos é o "Tempo", cuja primeira lei é a de observar-se estritamente a ordem das fases sucessivas e harmoniosas, no processo de evolução durante o desenvolvimento cíclico, sob a severa pena de um desenvolvimento anormal com todos os seus consecutórios.

Não estava no plano da Natureza que o homem, sendo um animal superior, se convertesse desde logo, intelectual, espiritual e psiquicamente, no Semideus que é na Terra, quando a sua constituição física permanece mais débil, mais impotente e efêmera que a de quase todos os grandes mamíferos. O contraste é demasiado grotesco e violento, o tabernáculo por demais indigno do Deus que nele habita.

Assim, o dom de Prometeu passou a ser uma maldição, embora *de antemão conhecida e prevista* pela Legião que ele personificava, como o seu nome bem o indica ²⁰³. Nisso consistem, ao mesmo tempo, o seu pecado e a sua redenção. Porque a Legião que se encarnou em uma parte da huma-

(203) Veja-se a nota (pág. 431) concernente à etimologia de προμητης, ou *previsão*. Prometeu o confessa no drama, quando diz:

O tu, divino éter, de asas velozes,
Vê quanto eu, um deus, de outros deuses sofro.

.....
Mas, que digo eu? *De antemão sei mui claro*
Tudo o que tem de ser

..... Mister agora
Esta sorte fatal sofrer constante
Que esta lei do Destino é invencível... [105]

O "Destino" aqui está por CARMA ou NÉMESIS.

nidade, apesar de a isso induzida pelo Carma ou Nêmesis, preferiu o livre arbítrio à escravidão passiva, a dor e até a tortura intelectual consciente, “durante o transcurso de miríades de evos”, a uma beatitude instintiva, vazia e peca. Sabendo que tal encarnação era prematura e não estava no programa da Natureza, a Legião Celeste, “Prometeu”, sacrificou-se, apesar de tudo, a fim de que pelo menos uma parte da humanidade se beneficiasse ²⁰⁴. Mas, ao mesmo tempo que libertava o homem das trevas mentais, infligiu-lhe as torturas da própria consciência de sua responsabilidade, resultado de seu livre arbítrio, sem falar em todos os males que constituem a herança do homem mortal e de carne. Prometeu aceitou a tortura para si, pois que a Legião se amalgamou desde então no tabernáculo preparado para ela e que não estava ainda terminado naquele período de formação.

Sendo a evolução espiritual incapaz de seguir a par e passo com a evolução física, rompida que foi a sua homogeneidade com o amalgamento, o dom se converteu na causa principal, senão única, do Mal ²⁰⁵. Altamente filosófica é a alegoria que nos mostra Cronos amaldiçoando Zeus por destroná-lo, na Idade de Ouro primitiva de Saturno, quando os homens eram todos Semi-deuses, e por criar uma raça de homens relativamente débeis e impotentes; e entregando depois à vingança de Zeus o culpado que despojara os Deuses de sua prerrogativa criadora e elevara assim o homem ao seu nível, intelectual e espiritualmente.

No caso de Prometeu, Zeus representa a Legião dos Progenitores Primordiais, os PITRIS, os “Pais”, que criaram o homem sem entendimento e sem mente; ao passo que o divino Titã simboliza os Criadores Espirituais. Os Devas que “caíram” na geração. Os primeiros são inferiores espiritualmente, porém mais fortes fisicamente que os “Prometeus”; e é por isso que estes últimos aparecem como vencidos.

“A Legião inferior, cuja obra o Titã destruiu, frustrando assim os planos de Zeus”, estava, na Terra, em sua própria esfera e raio de ação; ao passo que a Legião superior era uma exilada do Céu, que fora colhida nas redes da Matéria. A Legião inferior era dona de todas as Forças Cósmicas e Titânicas inferiores; o Titã Superior só possuía o Fogo Espiritual e Intelectual.

(204) A humanidade se acha claramente dividida em homens animados por Deus e criaturas inferiores. A diferença intelectual entre os Arianos e outros povos civilizados, de uma parte, e selvagens como os ilhéus dos Mares do Sul, de outra, torna-se inexplicável com qualquer outra hipótese. Nenhuma classe de cultura, nem a preparação através de sucessivas gerações no meio da civilização, seriam capazes de guindar espécimes humanos como os bosquimanos, os veddhas de Ceilão e algumas tribos africanas até o nível intelectual dos Arianos, semitas e os chamados turânios. Naqueles falta a “Centelha Sagrada”; e são eles as únicas raças inferiores do nosso Globo, que se acham em via de desaparecer em futuro próximo, graças aos sábios ajustamentos da Natureza, que trabalha sempre neste sentido. Em verdade, a espécie humana é “do mesmo sangue”, *mas não da mesma essência*. Nós somos, na Natureza, como as plantas que se cultivam e se desenvolvem em estufas artificialmente; e temos em nós uma Centelha, que nelas ainda é latente.

(205) A teoria filosófica da metafísica hindu situa a Raiz do Mal na diferenciação do Homogêneo no Heterogêneo, da Unidade na Pluralidade.

Esse drama da luta de Prometeu contra o Zeus sensual, o tirano e déspota do Olimpo, vemo-lo desenrolar-se diariamente em nossa humanidade atual: as paixões inferiores acorrentando as aspirações superiores ao rochedo da Matéria, surgindo muitas vezes o abutre da dor, do pesar e do arrependimento. Em todos esses casos o que novamente se vê é —

Um deus encadeado, presa da angústia;
O inimigo de Zeus, sempre odiado —

um Deus a quem falta até aquele supremo consolo de Prometeu, que se sacrificou e sofreu —

Porque aos homens amava demasiado;

— pois o divino Titã era movido pelo altruísmo, e o homem mortal obedece sempre ao próprio interesse e egoísmo.

O Prometeu hodierno se transmutou agora em Epi-meteu, “o que somente vê após o acontecimento”, porque a filantropia universal do primeiro há muito que degenerou em egoísmo e auto-idolatria. O homem voltará a ser o Titã livre de outros tempos; não, porém, antes que a evolução cíclica tenha restabelecido a harmonia interrompida entre as duas naturezas: a terrestre e a divina; ele se tornará, depois disso, impermeável às Forças Titânicas Inferiores, invulnerável em sua Personalidade e imortal em sua Individualidade. Mas tal não sucederá senão quando houver eliminado de sua natureza todo elemento animal.

Quando o homem compreender que “*Deus non fecit mortem*”²⁰⁶, senão que o próprio homem a criou, voltará ele a ser o Prometeu de antes da Queda.

Para o simbolismo completo de Prometeu e a origem deste mito grego, recomendamos ao leitor que consulte o Volume IV, Parte II, Seção VI: “Prometeu, o Titã”, etc. Nessa parte, que é uma espécie de suplemento desta, estão expostas todas as informações adicionais sobre as doutrinas que deverão suscitar numerosas dúvidas e controvérsias.

Esta obra é de tal modo heterodoxa, quando comparada com os padrões aceitos da Teologia e da Ciência Moderna, que importa não omitir prova alguma tendente a demonstrar que esses padrões usurpam muitas vezes uma autoridade ilegítima.

FRAGMENTOS ADICIONAIS DE UM COMENTÁRIO SOBRE OS VERSÍCULOS DA ESTÂNCIA XII

O manuscrito de que são tiradas estas explicações adicionais pertence à coleção *Tongshaktchi Sangye Songa*, ou “Anais dos trinta e cinco Buddhas de Compaixão”, segundo a denominação *exotérica*.

(206) *Sap.*, I, 13.

Esses personagens, contudo, ainda que tenham o nome de Buddhas na religião budista do Norte, podem igualmente chamar-se Rishis, Avatares, etc. visto não serem "Buddhas que precederam o Shakyamuni" senão para os partidários setentrionais que seguem a moral predicada por Gautama.

Grandes Mahatmas ou Buddhas de propriedade universal e comum são Sábios *históricos* — pelo menos para todos os ocultistas que crêem em tal Hierarquia de Sábios, cuja existência lhes foi comprovada pelos que conhecem a Fraternidade. São escolhidos entre noventa e sete Buddhas de um grupo e cinquenta e três de outro²⁰⁷, em sua maioria figuras imaginárias, que são realmente a personificação dos poderes dos primeiros²⁰⁸.

Esse "florilégio" dos mais antigos escritos sobre "folhas de palma", são guardados mui secretamente. Cada manuscrito traz em anexo um breve resumo da história da sub-raça a que pertenceu o Budha-Lha particular. O manuscrito especial de onde foram extraídos os fragmentos que se seguem, já traduzidos em linguagem mais compreensível, diz-se que foi copiado de tábuas de pedra que pertenceram a um Buddha dos primeiros tempos da Quinta Raça, o qual fora testemunha do Didúvio e da submersão dos principais continentes da Raça Atlante.

Não está muito longe o dia em que se reconhecerá a exatidão de grande parte, senão de tudo, do que ora expomos dos Anais Arcaicos. Então, aos simbologistas modernos acudirá a certeza de que até mesmo Odin ou Woden, o Deus supremo da mitologia alemã e escandinava, é um daqueles trinta e cinco Buddhas — um dos primeiros, é verdade, porque o continente a que ele e sua Raça pertenciam é também um dos primeiros; tão antigo, efetivamente, que naqueles tempos a natureza tropical se encontrava onde hoje estão os gelos eternos, e quase se podia ir a pé enxuto da Noruega, passando pela Islândia e a Groenlândia, às terras que atualmente circundam a Baía de Hudson²⁰⁹. De maneira semelhante, nos dias do apogeu dos Gigantes Atlantes, filhos dos "Gigantes do Oriente", podia um viajante ir do que hoje é

(207) Gautama Buddha, chamado Shaky Thüb-pa, é o *vigésimo sétimo* do último grupo, pois a maior parte destes Buddhas pertence às Dinastias Divinas que instruíram a humanidade.

(208) Destes Buddhas ou "Iluminados", os predecessores remotíssimos de Gautama Buddha, que representam, segundo se diz, homens que realmente viveram, grandes Adeptos e Santos, nos quais haviam encarnado os "Filhos da Sabedoria", e que, portanto, eram Avatares menores, por assim dizer, dos Seres Celestiais — somente onze pertencem à Raça Atlante, e vinte e quatro à Quinta Raça desde os seus primórdios. São idênticos aos Tirthankaras dos Jâinas.

(209) Pode assim explicar-se a semelhança que existe entre os montículos artificiais dos Estados Unidos da América e os túmulos da Noruega. Tal semelhança foi o que levou alguns arqueólogos americanos a suporem que marinheiros noruegueses haviam descoberto a América há cerca de mil anos. (Veja-se: *Traces de Bouddhisme en Norvège*, de Holmboe, pág. 23.) É fora de dúvida que a América é aquela "terra longínqua para onde homens piedosos e grandes tempestades haviam levado a doutrina sagrada", como supunha um escritor chinês em suas descrições a Newmann. Mas nem o Professor Holmboe, de Estocolmo, nem os arqueólogos americanos adivinharam a verdadeira idade dos túmulos ou montículos. A circunstância de que os noruegueses possam ter redescoberto a terra que os seus antepassados, por tanto tempo esquecidos,

o Deserto do Saara às terras que dormem agora um sono sem sonhos no fundo das águas do Golfo do México e do Mar das Caraíbas.

Acontecimentos, cuja história nunca foi gravada, exceto na memória humana, mas transmitida religiosamente de geração a geração e de uma raça a outra, podem ter-se conservado graças a uma cadeia ininterrupta através do “livro do cérebro”, ao longo de evos sem conta, com mais veracidade e exatidão que em quaisquer documentos ou anais escritos.

“O que faz parte de nossas almas é eterno”, disse Thackeray. Ora, que é que pode estar mais próximo de nossas Almas do que aquilo que se passa na aurora de nossas vidas? Estas vidas são inumeráveis; mas a Alma ou Espírito que nos anima em todas estas miríades de existências é sempre a mesma; e, embora o “repositório” do *cérebro físico* possa olvidar acontecimentos no curso de uma vida terrestre, a massa das recordações coletivas jamais abandonará a Alma Divina que em nós habita. Seus murmúrios podem ser demasiado tênues, o som de suas palavras demasiado distante do plano que os nossos sentidos físicos percebem; mas a sombra dos acontecimentos *que foram*, tanto quanto a dos acontecimentos *que hão de vir*, se acha compreendida no campo de suas faculdades perceptivas, e sempre presente ao seu olho mental.

Talvez seja a voz da Alma a que diz, aos que acreditam mais na tradição que na história escrita, que a exposição a seguir corresponde de todo à verdade, relacionando-se com fatos pré-históricos.

Eis o texto de uma passagem:

OS REIS DA LUZ FORAM-SE, INDIGNADOS. OS PECADOS DOS HOMENS SE TORNARAM TÃO NEGROS QUE A TERRA SE ESTREMECE EM SUA AGONIA... OS ASSENTOS DO AZUL PERMANECEM VAZIOS. QUEM, ENTRE OS DA [RAÇA] MORENA, QUEM, ENTRE OS DA VERMELHA, OU AINDA ENTRE OS DA NEGRA, PODE OCUPAR OS ASSENTOS BENDITOS, OS ASSENTOS DA SABEDORIA E DA MISERICÓRDIA? QUEM PODE AVOCAR A FLOR DO PODER, A PLANTA DO TALO DE OURO E DA FLOR AZUL?

“Reis da Luz” é o nome que se dá em todos os escritos arcaicos aos Soberanos das Dinastias Divinas. Os “Assentos do Azul” são traduzidos por “Tronos Celestes” em alguns documentos. A “Flor do Poder” é hoje o Lótus; o que seria naquele tempo, quem o sabe?

O escritor prossegue lamentando a sorte do seu povo, como o fez Jeremias. Havia perdido os seus Reis do “Azul” (Celestes) e “os da cor de Deva”, de tez lunar; e “os de face refulgente (dourada)” partiram para a “Terra da Bem-Aventura, o País do Fogo e do Metal”, ou, conforme as regras do simbolismo, para as terras situadas ao Norte e ao Este, “de onde

acreditaram desaparecida na submersão geral, em nada infirma o outro fato de que a Doutrina Secreta da terra, que foi o berço do homem físico e da Quinta Raça, havia aberto o seu caminho para o chamado *Novo Mundo*, evos e evos antes da “Doutrina Sagrada”, do Budismo.

as Grandes Águas foram varridas, absorvidas pela Terra ou desvanecidas no Ar". As raças sábias haviam percebido "os negros Dragões da tempestade, chamados pelos Dragões da Sabedoria", e "fugiram conduzidas pelos resplendentes Protetores do País mais Excelente", os grandes Adeptos antigos, provavelmente os que os hindus mencionam como os seus Manus e Rishis. Um deles era o Manu Vaivasvata.

Os "de cor amarela" são os antepassados daqueles que a Etnografia hoje classifica como turanianos, mongóis, chineses e outros povos antigos; e a terra em que se refugiaram foi a Ásia Central. Ali nasceram raças inteiramente novas; ali viveram e morreram, até a separação das nações. Mas esta "separação" não se deu nos pontos que a Ciência Moderna assinala, nem da forma por que o indicam o Professor Max Müller e outros arianistas, quando se referem à divisão dos povos arianos.

Dois terços de um milhão de anos mais ou menos já se passaram desde aquela época. Os gigantes de face amarela da era pós-atlante tiveram tempo de sobra para ramificar-se e produzir os mais heterogêneos e diversos tipos, em razão do seu confinamento forçado em uma parte do mundo, com o mesmo sangue étnico e sem que nenhum sangue novo lhes fosse infundido ou caldeado em um período de quase 700.000 anos.

A mesma coisa ocorreu na África. Em nenhuma outra parte existe tanta e extraordinária variedade de tipos, desde o negro até o quase branco, desde os homens gigantesco até as raças anãs; e isto unicamente por motivo do seu compulsório isolamento. Os Africanos não abandonaram o seu continente durante muitas centenas de mil anos. Se amanhã viesse a desaparecer a Europa, surgindo outras terras em seu lugar, e se as tribos africanas, separando-se, fossem disseminadas pela face da Terra, dentro de cem mil anos formariam elas um núcleo de nações civilizadas. E os descendentes de nossos países cultos, que pudessem ter sobrevivido em alguma ilha, sem dispor de meios para cruzar os novos mares, seriam os que regrediriam a um estado de relativa selvageria.

Assim, a razão que sói invocar-se para dividir a humanidade em raças *superiores* e *inferiores* cai por terra, não passando de uma ilusão.

Tais são os fatos expostos nos Anais Arcaicos. Comparando-os com algumas teorias modernas da Evolução, *minus* a Seleção Natural²¹⁰, essas declarações parecem inteiramente razoáveis e lógicas.

Assim, enquanto os Arianos são os descendentes do Adão *amarelo*, da raça gigantesca atlanto-ariana, altamente civilizada, os Semitas, e com eles os Judeus, são a progênie do Adão *vermelho*; de modo que tanto De Quatrefages como os autores do *Gênesis* mosaico têm razão. Porque, se se pudesse comparar o capítulo V do livro primeiro de Moisés com as genealogias que se encontram em nossa Bíblia Arcaica, observar-se-ia nelas o período que vai de Adão a Noé, salvo, naturalmente, que os nomes seriam outros,

(210) Veja-se *Physiological Selection*, de G. J. Romanes, F.R.S.

estando os anos dos respectivos Patriarcas transformados em períodos, sendo o todo simbólico e alegórico.

No manuscrito de que nos estamos ocupando, vêem-se numerosas e freqüentes referências ao grande conhecimento e civilização das nações atlantes, mostrando o regime de algumas delas e a natureza de suas artes e ciências. Se em relação à Terceira Raça-Raiz, a dos Lêmuro-atlantes, se diz que pereceu juntamente “com sua adiantada civilização e os seus Deuses”²¹¹, com muito mais razão se pode dizer o mesmo dos Atlantes.

Da Quarta Raça foi que os primitivos Arianos adquiriram o seu conhecimento “de um conjunto de coisas maravilhosas” do Sabhâ e do Maya-sabhâ²¹² mencionados no *Mahâbbhârata*, e a dádiva de Mâyâsura²¹³ aos Pândavas. Dela também aprenderam a aeronáutica, Vimâna Vidya, “a arte de voar em veículos aéreos”, e, portanto, seus grandes conhecimentos de meteorografia e meteorologia. Dela herdaram ainda os Arianos sua valiosíssima ciência das virtudes ocultas das pedras preciosas e outras; a Química, ou melhor, a Alquimia; a Mineralogia, a Geologia, a Física e a Astronomia.

Muitas vezes fez a autora a si mesma esta pergunta: É original a história do *Êxodo*, pelo menos em suas minúcias, tal como a relata o *Antigo Testamento*? Ou é, como a história de Moisés e muitos outros, simplesmente mais uma versão das lendas que se contavam a respeito dos Atlantes? Pois, quem pode deixar de ver, lendo a história destes últimos, a grande semelhança dos traços fundamentais? Atente-se na cólera de Deus ante a obstinação do Faraó; em sua ordem aos “eleitos” para que, antes de partir, despojassem os egípcios de suas “jóias de prata e de ouro”²¹⁴; e, finalmente, no afogamento dos egípcios e de seu Faraó nas ondas do Mar Vermelho. Leia-se depois o seguinte fragmento da história primitiva constante do Comentário:

E o “Grande Rei de Face Resplandecente”, o Chefe de todos os de Face Amarela, entristeceu-se ao ver os pecados de Face Negra.

Enviou os seus veículos aéreos [Vimânas] a todos os chefes irmãos [os chefes das outras nações e tribos], com homens piedosos no interior, dizendo:

“Preparai-vos. De pé, homens da Boa Lei! Atravessai o país enquanto [ainda] está seco.”

“Os Senhores da Tempestade se aproximam. Seus carros se aproximam da terra. Os Senhores da Face Negra [os Feiticeiros] não viverão mais que uma noite e dois dias nesta terra paciente. Está ela condenada; e serão submergidos com ela. Os Senhores inferiores dos Fogos [os Gnomos e os Elementais do Fogo] estão preparando suas Agnyastras mágicas [armas de

(211) *Esoteric Buddhism*, 8.^a ed., pág. 67.

(212) [Sabhâ = assembléia; Maya-Sabhâ = a assembléia dos que aprenderam a ciência ensinada por Maya, o arquiteto.]

(213) [ou Asuramaya.]

(214) *Êxodo*, II, 1, 2.

fogo construídas por meio da Magia]. Mas os Senhores do Olhar Tenebroso [‘olho mau’] são mais fortes do que eles [os Elementais], que são escravos dos poderosos. Estão aqueles versados em Astra [Vidyá, o conhecimento mágico superior]. Vinde, e usai os vossos poderes mágicos, [para enfrentar os dos Feiticeiros]. Que os Senhores de Face Resplandecente [os Adeptos da Magia Branca] procedam de modo que os Vimâvas dos Senhores da Face Negra caiam em suas mãos [ou em seu poder], a fim de que nenhum [dos Feiticeiros] possa, graças a eles, escapar às águas, evitar a Vara dos Quatro [Divindades Cárnicas], e salvar os seus perversos [partidários ou povos].

“Que os de Face Amarela enviem sonos para [hipnotizar?] os de Face Negra. Que eles ainda lhes evitem [os Feiticeiros] a dor e o sofrimento. Que todos os homens fiéis aos Deuses solares atem [paralisem] todos os homens dependentes dos Deuses lunares, para que não sofram, nem escapem ao seu destino.

“E que todos os de Face Amarela dêem sua água de vida [seu sangue] aos animais falantes dos de Face Negra, para que não acordem os seus amos”²¹⁵.

“É soada a hora, a noite negra está prestes.

.....
“Que o seu destino se cumpra. Nós somos os servidores dos Quatro Grandes”²¹⁶. Que voltem os Reis de Luz.”

O Grande Rei deixou pender sua Face Resplandecente e chorou...

Quando os Reis se reuniram, já havia começado o movimento das águas...

[Mas] as nações já tinham passado sobre as terras enxutas. Estavam muito além do nível das águas. Seus Reis as alcançaram nos Vimâvas e as conduziram ao País do Fogo e do Metal [a Este e ao Norte].

Em outro trecho se diz:

Choveram Estrelas [Meteoros] sobre as terras dos de Face Negra; mas eles dormiam.

Os animais falantes [os vigilantes mágicos] não se mexeram.

Os Senhores inferiores aguardavam ordens, mas estas não chegaram, porque os seus amos dormiam.

As águas se elevaram e cobriram os vales de um extremo ao outro da Terra. As terras altas ficaram, o fundo da Terra [os países situados nos antípodas] permaneceu seco. Ali habitavam os que haviam escapado: os homens de Face Amarela e olhar reto [a gente sincera e franca].

(215) Animais maravilhosos, feitos artificialmente e de certo modo semelhantes à criação de Frankenstein: falavam e davam aviso a seus amos de todo perigo iminente. O amo era um “Mago Negro”; o animal mecânico estava animado por um Din, um Elemental, segundo os relatos. Somente o sangue de um homem puro podia destruí-lo. Veja-se o Vol. IV, Parte III, “Ciência e Doutrina Secreta comparadas”.

(216) Os quatro Deuses Cárnicos, chamados nas Estâncias os Quatro Mahârâjahs.

Quando os Senhores da Face Negra despertaram e pensaram em suas Vimânas para fugir das ondas que subiam, viram que tinham desaparecido.

Outra passagem, adiante citada, nos mostra que alguns dos Magos de "Face Negra" mais poderosos, que haviam despertado antes dos outros, perseguiram os que os "tinham despojado", achando-se estes na retaguarda, porque "os povos por eles conduzido eram tão numerosos quanto as estrelas da Via-Láctea", segundo consta de um Comentário mais moderno, escrito somente em sânscrito.

Assim como um dragão-serpente desenvolve lentamente os seus anéis, assim os filhos dos homens, conduzidos pelos Filhos da Sabedoria, se desdobraram, e, espalhando-se, seguiram para diante, qual veloz corrente de água doce... Muitos deles, que tinham o coração fraco, pereceram no caminho; a maioria, porém, foi salva.

Mas os perseguidores, "cujas cabeças e peitos sobressaíam acima das águas", lhe deram caça "durante três períodos lunares"; e, finalmente, alcançados pelas águas, que subiam cada vez mais, foram eles mortos até o último homem, cedendo o solo sob os seus pés e tragando a terra todos os que a tinham profanado.

Tem isso todas as aparências de ser a matéria original sobre a qual se construiu a história parecida do *Êxodo*, centenas de milênios depois. A biografia de Moisés, a história do seu nascimento, de sua infância e de sua salvação das águas do Nilo pela filha do Faraó, tudo isso está hoje provado que se inspirou na narrativa caldéia a respeito de Sargon.

E se assim é, como o demonstram suficientemente os tijolos assírios que se acham no Museu Britânico, por que não aconteceria o mesmo quanto à história das jóias roubadas pelos judeus aos egípcios, à da morte do Faraó e de seu exército, e tudo o mais? Os Magos gigantescos de Ruta e Daitya, os "Senhores de Face Negra", podem, no relato posterior, ter-se convertido nos Magos egípcios; e os povos de Face Amarela da Quinta Raça nos virtuosos filhos de Jacob, o "povo eleito"!

Há outra observação a fazer. Existiram várias Dinastias Divinas; uma série para cada Raça-Raiz, a partir da Terceira, sendo cada série adaptada à sua humanidade. Às sete últimas Dinastias, mencionadas nos anais egípcios e caldeus, pertenciam a Quinta Raça, a qual, embora geralmente qualificada como ariana, não o era de todo, uma vez que esteve sempre muito caldeada com outras raças a que a Etnografia dá nomes diferentes.

Ser-nos-ia impossível, dado o espaço limitado de que dispomos, fazer uma descrição mais detalhada dos Atlantes, nos quais todo o Oriente acredita, tanto quanto nós cremos nos antigos Egípcios, mas cuja existência é negada pela maioria dos homens de ciência ocidentais, como já negaram, antes disso, muitas verdades, desde a existência de Homero à dos pombos-correio.

A civilização dos Atlantes foi ainda maior que a dos egípcios. Foram os seus descendentes degenerados, os habitantes da Atlântida de Platão, que construíram as primeiras Pirâmides no país, e isto seguramente antes da vinda dos “etíopes orientais”, como Heródoto chama aos egípcios. É o que se deduz claramente do relato de Amâncio Marcelino, que diz no tocante às Pirâmides:

“Há também passagens subterrâneas e retiros sinuosos, que se conta foram construídos em diferentes lugares por homens hábeis nos antigos mistérios, graças aos quais adivinhavam a aproximação de um dilúvio, a fim de que não se perdesse a memória de suas cerimônias sagradas.”

Esses homens, que “adivinhavam a aproximação de um dilúvio”, não eram egípcios, porque estes jamais presenciaram algum, a não ser a inundações periódica do Nilo. Quem eram? Os últimos sobreviventes dos Atlantes, dizemos nós; essas raças que a Ciência suspeita vagamente terem existido, e pensando nas quais o conhecido geólogo Sr. Charles Gould escreveu:

“Podemos supor que esgotamos inteiramente as riquezas do grande museu da Natureza? Temos penetrado, efetivamente, além de suas antecâmaras? Abrange a história escrita do homem, que data de alguns milhares de anos, todo o curso de sua existência inteligente? Ou temos nos largos períodos míticos, que se estendem por centenas de milhares de anos, e estão registrados nas cronologias da Caldéia e da China, reminiscências obscuras do homem pré-histórico, transmitidas pela tradição e quicá transportadas a certos países de hoje por alguns poucos sobreviventes de outras terras, que, como a fabulosa (?) Atlântida de Platão, tenham sido submergidas, ou foram o cenário de alguma grande catástrofe, que as destruiu com toda a sua civilização?”²¹⁷

Depois disso, podemos retornar com mais confiança às palavras de um Mestre, que, vários anos antes de haver o Sr. Gould traçado as linhas acima, escreveu o seguinte:

*A Quarta Raça teve os seus períodos de civilização mui adiantada. As civilizações grega e romana, e até a civilização egípcia, nada são quando comparadas à que principiou com a Terceira Raça [depois de sua separação]*²¹⁸.

Se, porém, se nega esta civilização e o profundo domínio das artes e ciências à Terceira e à Quarta Raças, ninguém contestará que às grandes civilizações da antiguidade, como as do Egito e da Índia, sucedeu uma sombria época de crassa ignorância e de barbaria, desde o início da era cristã até a nossa civilização moderna, época durante a qual se perdeu toda memória daquelas tradições. Como dissemos em *Ísis sem Véu*:

“Por que havemos de esquecer que, muitos séculos antes que as proas das naves do aventureiro genovês singrassem as águas ocidentais, já tinham os navios fenícios dado a volta ao Globo e levado a civilização a regiões agora silenciosas e desertas? Que arqueólogo ousaria afirmar que as mesmas mãos que traçaram os planos das Pirâmides do Egito, de Karnak e das mil construções cujas ruínas hoje se esboroam nas margens arentas do Nilo, não erigiram também o monumental Angkor-Vat do Cam-

(217) *Mythical Monsters*, pág. 19.

(218) *The Mahátmá Letters to A. P. Sinnett*, pág. 152.

bodje? Ou gravaram os hieróglifos que se vêem nos obeliscos e nas portas da deserta aldeia índia ulitimamente descoberta por Lord Dufferin na Columbia britânica, ou nas ruínas de Palenque e Uxmal, na América Central? Não falam bem alto em favor das antigas civilizações os vestígios, as relíquias que entesouramos em nossos museus, derradeiras reminiscências das “artes perdidas” há tanto tempo? Não servem, agora e sempre, para provar que nações e continentes desaparecidos sepultaram consigo artes e ciências, que não ressuscitaram, nem ressuscitarão, pelo menos no presente século?” 219

E podemos hoje repetir a pergunta que então fizemos; podemos novamente indagar:

“Como é que o ponto de vista mais avançado, a que se chegou em nossa época, só nos permite distinguir vagamente no alto do caminho alpestre do conhecimento, as provas monumentais que outros exploradores deixaram anteriormente, para assinalar as elevadas mesetas por eles atingidas e ocupadas?

“Se os mestres modernos se acham tão adiantados em relação aos antigos, por que não nos devolvem as artes perdidas de nossos antepassados pós-diluvianos? Por que não nos dão as cores inalteráveis de Luxor, a púrpura de Tiro, o vermelho brilhante e o azul deslumbrante que decoram as paredes desse palácio, e que permanecem tão vivos como no dia em que foram aplicados; o cimento indestrutível das pirâmides e dos antigos aquedutos; a lâmina de Damasco, que podia ser retorcida como um saca-rolhas em sua bainha, sem se quebrar; as tintas vistosas e sem igual dos vitrais encontrados entre as velhas ruínas e que resplandeceram nas janelas das antigas catedrais; e, finalmente, o segredo do cristal maleável verdadeiro? E se a química não chega ainda a rivalizar em certas artes, nem sequer com as dos primeiros tempos da Idade Média, por que vangloriar-se de conquistas que, segundo todas as probabilidades, eram perfeitamente conhecidas há milhares de anos? Quanto maior é o progresso da arqueologia e da filologia, tanto mais humilhantes são para o nosso orgulho as descobertas que se fazem diariamente, e mais glorioso é o testemunho que apresentam em favor daqueles que, em razão talvez de sua antiguidade tão remota, eram até agora considerados como ignorantes que se debatiam no tremendo profundo da superstição.” 220

Entre outras artes e ciências, os Antigos cultivaram — como verdadeiro legado dos atlantes — a Astronomia e o Simbolismo, que implicavam o conhecimento do Zodíaco.

Como já explicamos, toda a antiguidade acreditava, com bons fundamentos, que a humanidade e suas raças estão intimamente relacionadas com os planetas, e estes com os Signos do Zodíaco. Toda a história do mundo se acha registrada nos últimos. Nos antigos templos do Egito há um exemplo disso no Zodíaco de Dendera; mas, exceto em um livro árabe pertencente a um sufi, a autora nunca teve ocasião de ver uma cópia correta daqueles maravilhosos arquivos da história passada — e também futura — do nosso Globo. Contudo, é fora de dúvida que existem os anais originais.

Como os europeus não conhecem os verdadeiros Zodíacos da Índia, e quem os conhece não os entende, como sucede com Bentley, aconselhamos o leitor, para prova do que dizemos, a consultar a obra de Denon 221, na qual

(219) Vol. I, pág. 239 (ed. inglesa).

(220) *Ibid.*

(221) *Travels in Egypt*, vol. II, cap. 17.

poderá ver e estudar os dois famosos Zodíacos egípcios. Havendo-os visto pessoalmente, não necessita a autora de apoiar-se no que tenham a dizer outras pessoas que os examinaram e estudaram cuidadosamente. O asserto dos sacerdotes egípcios a Heródoto, de que o Pólo terrestre e o Pólo da Eclíptica tinham outrora coincido, teve a corroboração de Mackey, declarando este que os Pólos estão representados nos Zodíacos em ambas as posições.

"E na parte que mostra os Pólos [os eixos polares] em ângulo reto, há sinais indicativos de que não era a última vez que se encontravam nessa posição, *mas a primeira* [depois de traçados os Zodíacos]. O Capricórnio está ali representado no Pólo Norte, e o Câncer aparece dividido, quase pela metade, no Pólo Sul; o que é uma confirmação de que, originariamente, tinham o seu inverno quando o Sol estava em Câncer. Mas a característica principal de que era um monumento destinado a comemorar a *primeira vez* que o Pólo ocupava aquela posição está no Leão e na Virgem." 222

Calculando com amplitude, crêem os egiptólogos que a Grande Pirâmide foi construída 3.350 anos antes de Cristo 223, e que Menés e sua dinastia existiram 750 anos antes do aparecimento da Quarta Dinastia, durante a qual *se supõe* terem sido levantadas as Pirâmides. Estima-se, assim, que a era de Menés remonta a 4.100 anos antes de Cristo. Pois bem: a declaração de Sir J. Gardner Wilkinson, de que todos os fatos tendem a concluir que os egípcios já haviam

"feito grandes progressos nas artes civilizadas antes da época de Menés e, talvez, antes de terem emigrado para o vale do Nilo..." 224,

é bastante sugestiva, por destruir a hipótese da relativamente moderna civilização do Egito. Assinala uma grande civilização em tempos *pré-históricos* e uma antiguidade ainda maior. Os Schesu-Hor, "servidores de Hórus", eram o povo que se estabelecera no Egito; e, segundo o afirma o Sr. Maspero, a "esta raça pré-histórica".

"pertence a honra de haver constituído o Egito tal como o conhecemos, desde o início do período histórico"

E Staniland Wake acrescenta:

"Fundaram eles as cidades principais do Egito, e estabeleceram os santuários mais importantes." 225

Foi isso *antes* da época da Grande Pirâmide e quando o Egito apenas acabava de emergir das águas. No entanto,

(222) *The Mythological Astronomy of the Ancients Demonstrated* (pág. 30), por um simbologista e astrônomo singularmente intuitivo, uma espécie de Adepto autodidata de Norwich, que viveu no primeiro quartel deste século (XIX).

(223) Veja-se Proctor, *Knowledge*, vol. I, págs., 242, 400.

(224) *Herodotus*, de Rawlinson, II, 345.

(225) *The Great Pyramid*, pág. 37.

“Possuíam o sistema de escrita hieroglífica, que é peculiar aos egípcios, e deviam estar já consideravelmente adiantados em civilização.”

Conforme diz Lenormant:

“Era o país dos grandes santuários pré-históricos, sede do domínio sacerdotal, e que representou o mais importante papel na origem da civilização.”

Qual é a época que se atribui a esse povo? Alude-se a 4.000 ou, no máximo, 5.000 anos antes de Cristo (Maspéro). Ora, dizem-nos que é por-meio do Ciclo de 25.868 anos (o Ano Sideral) que se pode chegar, aproximadamente, ao ano da construção da Grande Pirâmide.

“Admitindo que a longa e estreita passagem descendente que parte da entrada estivesse dirigida para a estrela polar dos construtores da Pirâmide, demonstraram os astrónomos que no ano de 2.170 antes de Cristo a passagem se orientava para o Alfa do Dragão, que era então a estrela polar... O astrónomo Richard A. Proctor, depois de declarar que a estrela polar ocupava a posição requerida há uns 3.350 anos antes de Cristo, como também no ano de 2.170 a.C., acrescenta: ‘Qualquer destes anos corresponderia à posição da passagem descendente da Grande Pirâmide; mas os egíptólogos nos dizem ser de todo estreme de dúvida que a primeira dessas épocas é demasiado recente’.” 226

Mas também se declara que:

“Esta posição relativa do Alfa do Dragão e de Alcione, sendo extraordinária... não poderia voltar a apresentar-se durante todo um Ano Sideral.” 227

Isso prova que, indicando o Zodíaco de Dendera a passagem de três Anos Siderais, a Grande Pirâmide deve ter sido construída há 78.000 anos; ou, em todo caso, que semelhante possibilidade merece ser aceita com tanta confiança quanto a última data de 3.350 anos antes de Cristo.

Ora, no Zodíaco de certo templo da longínqua Índia Setentrional se vêem as mesmas características do Zodíaco de Dendera. Os que conhecem bem os símbolos e constelações dos hindus poderão verificar, pela descrição dos egípcios, se as indicações de tempo são ou não exatas. No Zodíaco de Dendera, tal qual o conservam os Adeptos egípcios, coptas e gregos, e segundo a explicação um pouco diferente de Mackey, o Leão está sobre a Hidra, e sua cauda é quase reta, dirigida para baixo em um ângulo de quarenta ou cinquenta graus, posição que condiz com a conformação *original* dessas constelações. Mackey, porém, acrescenta:

“Em muitos lugares vemos o Leão [Sinha] com a cauda voltada para cima da espádua, e terminando com uma cabeça de serpente, mostrando assim que o Leão havia estado *invertido*, o que efetivamente deve ter acontecido com todo o Zodíaco e todas as demais constelações, quando o Pólo esteve invertido.”

E eis o que ele diz quanto ao Zodíaco circular, que se vê também na obra de Denon:

(226) Staniland Wake, *op. cit.*, págs. 6 e 7.

(227) *Ibid.*, pág. 6.

"Ali... o Leão está sobre a Serpente, com a cauda formando uma curva descendente, o que nos mostra que, embora devam ter se passado *seiscentos ou setecentos mil anos* entre as duas posições, pouca ou nenhuma diferença se produziu nas constelações do Leão e da Hidra; ao passo que a Virgem está representada de maneira muito diferente nas duas: no Zodíaco circular, a Virgem amamenta o seu filho; mas parece que não haviam tido esta idéia quando o Pólo esteve pela primeira vez no plano da Eclíptica; pois neste Zodíaco, tal como o apresenta Denon, vemos três Virgens entre o Leão e a Balança, a última das quais tem na mão uma espiga de trigo. É de lamentar que neste Zodíaco se hajam rompido as figuras na última parte do Leão e no começo da Virgem, o que fez desaparecer um *Decan* em cada signo." ²²⁸

Contudo, o significado é claro, porquanto os três Zodíacos pertencem a três épocas diferentes, a saber: às três últimas famílias da quarta sub-raça da Quinta Raça-Raiz, e cada uma das quais deve ter vivido de 25.000 a 30.000 anos aproximadamente. A primeira delas, a dos "Arianos Asiáticos", presenciou a sorte dos últimos povos da raça dos Gigantes Atlantes ²²⁹ (os das Ilhas-Continentes de Ruta e Daitya), que pereceram há uns 850.000 anos, no fim do período Mioceno ²³⁰. A quarta sub-raça testemunhou a destruição dos últimos restos das Atlantes — os Atlanto-arianos da última ilha da Atlântida, há uns 11.000 anos. Para melhor compreensão, aconselhamos o leitor a olhar o diagrama da Árvore Genealógica da Quinta Raça-Raiz — geralmente chamada Raça Ariana, ainda que de modo algo incorreto — e ler as explicações que o acompanham.

Que o leitor tenha bem presente, no que respeita às divisões das Raças-Raízes e à evolução da Humanidade, o que já ficou dito nesta obra e o que também se explica, de maneira clara e concisa, no *Esoteric Buddhism* do Sr. Sinnett.

I — Há sete Rondas em cada Manvântara; a Ronda atual é a Quarta, e estamos agora na Quinta Raça-Raiz.

(228) *The Mythological Astronomy of the Ancients Demonstrated*, págs. 30-31.

(229) O leitor não se deve deixar induzir em erro quanto ao termo "Atlantes", supondo que se aplica a uma só raça ou mesmo a uma só nação. É como se disséssemos "Asiáticos". Os Atlantes eram numerosos e de tipos variados e múltiplos: representavam diversas "humanidades" e um número quase incontável de raças e nações, mais diferentes entre si do que o seriam os "Europeus" se este nome fosse dado indistintamente aos habitantes das cinco partes do mundo de hoje, o que sem dúvida acontecerá, visto o rápido progresso da civilização, daqui a duzentos ou trezentos anos. Havia Atlantes morenos, vermelhos, amarelos, brancos e negros, gigantes e anões, como sucede, relativamente, ainda hoje, com os homens de algumas tribos africanas.

(230) Um Mestre assim se exprimiu no *Esoteric Buddhism* (8.ª ed., pág. 67): "No período Eoceno, mesmo no seu início, o grande ciclo dos homens da Quarta Raça, os [Lémuro-] Atlantes, já havia alcançado o seu mais alto grau [de civilização], e o Grande Continente, pai de quase todos os continentes atuais, acusava os primeiros sintomas de afundamento." E na pág. 73 se diz que a Atlântida desapareceu quase toda durante o período Mioceno. Para mostrar como os continentes, raças, nações e ciclos se entrelaçam, basta considerar a Lemúria, cujas últimas terras desapareceram uns 700.000 anos antes do começo do período Terciário (pág. 67), assim como a última terra da "Atlântida", que só pereceu há 11.000 anos; de modo que foram, uma, até o período Atlante, e, a outra, até o período Ariano.

II — Cada Raça-Raiz comporta sete sub-raças.

III — Cada sub-raça comporta, por sua vez, sete ramificações, que podem ser chamadas “ramos” ou “famílias”.

IV — As pequenas tribos, renovos e produtos destes últimos são inumeráveis, e dependem da ação cármica.

Examine-se a Árvore Genealógica, na página seguinte, e compreender-se-á, É um simples diagrama, cujo fim é unicamente ajudar o leitor a formar uma idéia do assunto, em meio à confusão dos termos empregados em ocasiões diversas para as divisões da Humanidade.

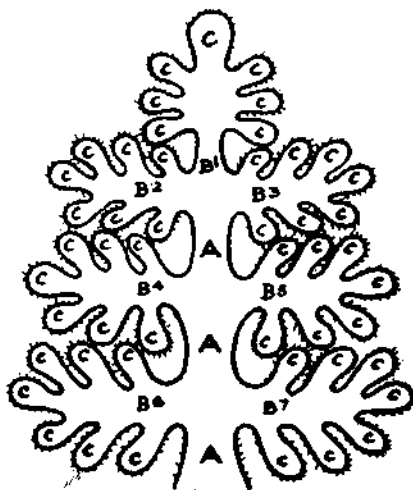
Pretendemos também expressar aqui, em algarismos — ainda que só dentro de limites aproximados e à guisa de comparação — o tempo durante o qual é possível distinguir claramente uma divisão de outra. Querer demarcar períodos exatos a algumas delas é tarefa vã, que só conduziria a irremediável confusão, já que as Raças, sub-raças, etc., até em suas menores ramificações, se interpenetram e se misturam umas às outras, ao ponto de ser quase impossível separá-las.

A Raça Humana foi comparada a uma árvore, e isto serve admiravelmente como ilustração.

O tronco principal de uma árvore pode comparar-se a uma Raça-Raiz (A).

Seus braços mais largos às diversas sub-raças, em número de sete (B¹, B², B³, etc.).

Em cada um destes braços há sete “ramos” ou “famílias” (C).



ÁRVORE GENEALÓGICA DA QUINTA RAÇA-RAIZ

Um cacto dá uma excelente comparação, porque as suas “folhas” carnosas são cobertas de espinhos, e cada um dos quais pode comparar-se a uma nação ou tribo de seres humanos.

Ora, a nossa Quinta Raça-Raiz já tem de existência — como Raça *sui generis* e de todo independente de seu tronco — cerca de 1.000.000 de anos; sendo de concluir-se, pois, que cada uma das quatro sub-raças anteriores viveu aproximadamente 210.000 anos, e que cada “família” tem uma existência média de 30.000 anos. A “família” européia ainda tem, portanto, bastantes milhares de anos pela frente, se bem que as nações (ou os inumeráveis “espinhos” que as cobrem) variem em cada “estação” sucessiva de três a quatro mil anos. É algo curioso observar a relativa semelhança que há entre a duração da existência de uma “família” e a de um Ano Sideral.

O conhecimento de tudo isso e a exatidão absoluta das divisões do tempo formavam parte integrante dos Mistérios, onde tais ciências eram ensinadas aos Discípulos e transmitidas de um a outro Hierofante.

Todo o mundo sabe que os astrônomos europeus fixam — bastante arbitrariamente — a data da invenção do Zodíaco egípcio no ano 2.000 ou 2.400 antes de Cristo (Proctor), insistindo em que essa data coincide com a da construção da Grande Pirâmide. Tal coisa, aos olhos de um oculista e de um astrônomo oriental, há de parecer completamente absurda.

Admite-se que o ciclo de Kali Yuga teve início entre 17 e 18 de fevereiro do ano 3.102 a.C. Ora, pretendem os hindus que no ano 20.400 antes do Kali Yuga a origem do seu Zodíaco coincidiu com o Equinócio da Primavera — quando houve uma conjunção do Sol e da Lua — e Bailly demonstrou, por meio de longo e cuidadoso cálculo sobre aquela data, que, ainda quando fosse ela fictícia, a época por eles adotada como ponto de partida do seu Kali Yuga *era perfeitamente real*. “Essa época foi o ano 3.102 antes de nossa era”, escreveu Bailly²³¹. O eclipse da Lua, havendo se apresentado quinze dias depois do começo da Idade Negra, ocorreu em um ponto situado entre a Espiga da Virgem e a estrela θ da mesma constelação. Um de seus Ciclos mais esotéricos está baseado sobre certas conjunções e posições respectivas da Virgem e das Plêiades (Krittikâ). Como os egípcios trouxeram o seu Zodíaco da Índia Meridional e de Lanka²³², segue-se, evidentemente, que o sentido esotérico era idêntico. As “três Virgens”, ou a Virgem em três posições diferentes, significavam uma indicação das três primeiras “Dinastias Divinas ou Astronômicas” que instruíram a Terceira Raça-Raiz, e que, depois de abandonar os Atlantes ao seu destino, retornaram, ou melhor, voltaram a descer durante a terceira sub-raça da Quinta, a fim de revelar à Humanidade salva os mistérios do lugar de sua origem — os Céus Siderais. A mesma indicação simbólica das Raças humanas e das três Dinastias (Deuses, Manes — Astrais semidivinos da Terceira e da Quarta Raça — e os Heróis da Quinta Raça), que precederam os reis puramente humanos, se encontrava na distribuição das galerias e passagens

(231) Veja-se: *Traité de l'Astronomie Indienne et Orientale*, Parte III.

(232) Ceilão.

do Labirinto Egípcio. Como as três inversões dos Pólos mudaram naturalmente a face do Zodíaco, foi preciso construir um novo em cada vez. No *Sphinxiad* de Mackey²³³, as especulações do audacioso escritor devem ter horrorizado a parte ortodoxa da população de Norwich, porquanto ele diz, sobremodo fantasticamente:

"Mas, afinal de contas, o maior espaço de tempo registrado nesses monumentos [o Labirinto, as Pirâmides e os Zodíacos] não vai além de cinco milhões de anos²³⁴. E isso é muito menos do que nos indicam os anais [esotéricos] dos chineses e dos hindus. Estes últimos registraram conhecimentos do tempo em relação a sete ou oito milhões de anos²³⁵, o que eu verifiquei em um talismã de porcelana."²³⁶

Os sacerdotes egípcios possuíam o Zodíaco do Asura-Maya atlante, como ainda o possuem os hindus modernos. Conforme explicado no livro *Esoteric Buddhism*, os egípcios, assim como os gregos e os "romanos" de milhares de anos atrás, eram "restos dos Atlanto-arianos": os primeiros descendiam dos Atlantes mais antigos, ou de Ruta, e os outros da última raça daquela ilha cujo desaparecimento repentino foi narrado a Solon pelos Iniciados egípcios. A Dinastia humana dos egípcios mais antigos, que principiou com Menés, estava de posse de todo o conhecimento dos Atlantes, embora já não houvesse sangue atlante em suas veias. Mas aqueles tinham preservado todos os Anais Arcaicos. Há tempo que tudo isso ficou esclarecido²³⁷. E é precisamente porque o Zodíaco egípcio tem de 75.000 a 80.000 anos que o dos gregos é muito menos antigo. Volney declarou, com exatidão, que este último conta somente 16.984 anos — ou seja, 17.082 anos até a data em que estamos escrevendo²³⁸.

(233) [Um esboço zodiacal em *Mythological Astronomy*, de Mackey.]

(234) Não é assim. Os antepassados dos Brâmanes Arianos tinham o seu Zodíaco e os seus cálculos zodiacais provenientes dos Nascidos pelo poder de Kriyâshakti, os "Filhos do Ioga"; e os dos egípcios procediam dos Atlantes de Ruta.

(235) Os hindus, portanto, podem ter registrado um tempo de sete ou oito milhões de anos; mas não assim os egípcios.

(236) *Op. cit.*, pág. 30.

(237) Esta questão tem sido largamente debatida e objeto de freqüentes discussões e controvérsias. Veja-se *Five Years of Theosophy*, artigo "Mr. Sinnett's *Esoteric Buddhism*", págs. 325 a 346.

(238) *Ruins of Empires*, pág. 360 (ed. inglesa). Volney diz que, como Aries estava em seu décimo quinto grau 1.447 anos antes de Cristo, daí se conclui que o primeiro grau da Balança não podia ter coincidido com o Equinócio da Primavera posteriormente a 15.194 anos antes de Cristo. Acrescentando-se a isso 1.790 anos depois de Cristo, data em que Volney escreveu, segue-se que transcorreram 16.984 anos desde a origem grega (ou melhor, histórica) do Zodíaco.

CONCLUSÃO

TEMOS que encerrar esta parte de A DOUTRINA SECRETA; a angústia de espaço nos impede maior desenvolvimento.

As quarenta e nove Estâncias e os poucos Comentários, que foram aqui expostos, representam tudo o que pode ser dado a público nestes volumes. Estes informes, com alguns Anais ainda mais antigos (que só estão ao alcance dos Iniciados do mais alto grau) e toda uma biblioteca de comentários, glosas e explicações, formam o resumo da história da Gênese do Homem.

Esforçamo-nos por explicar, à luz dos Comentários até agora citados, o sentido oculto de algumas alegorias, mostrando quais os verdadeiros conceitos da Antiguidade Esotérica sobre a Geologia, a Antropologia e até mesmo a Etnografia. Na terceira parte do volume que se segue, trataremos de estabelecer uma relação metafísica mais estreita entre as primeiras Raças e os seus Criadores, os Homens *Divinos* procedentes de outros Mundos; e faremos acompanhar nossas exposições dos elementos de maior importância que lhes sirvam de comprovação em Astronomia e Simbolismo Esotéricos.

A duração dos “períodos” que separam, no espaço e no tempo, a Quarta Raça da Quinta — nos primórdios históricos ¹, ou mesmo legendários, desta última — é demasiado colossal para que possamos oferecer, a teósofos inclusive, dados mais minuciosos. Durante o curso das idades pós-diluvianas, marcadas em certas épocas periódicas pelos mais terríveis cataclismos, nasceram e desapareceram muitas raças e nações, quase sem deixar traços, para que possa alguém dar a seu respeito uma descrição revestida de algum valor. Se os Mestres de Sabedoria têm a história completa e seguida de nossa Raça, desde a sua fase de início até a época atual; e se possuem anais ininterruptos acerca do homem, desde que se desenvolveu em um ser físico completo e se tornou, por isso mesmo, o rei dos animais e o dono desta Terra — não cabe à autora declarar. É bem provável que assim

(1) Emprega-se aqui a palavra “históricos” porque, embora os historiadores tenham diminuído, até quase o absurdo, o tempo que separa da nossa época moderna certos acontecimentos, não deixam estes de pertencer à história, a partir do momento em que são conhecidos e aceitos. Assim, a guerra de Tróia é um sucesso histórico, o qual, embora lhe queiram atribuir menos de 1.000 anos antes de Cristo, se passou realmente uns 6.000 anos (mais provavelmente do que 5.000 anos) antes de Cristo.

seja: esta é, pelo menos, a minha convicção pessoal. Mas, se assim for, esse conhecimento estará reservado aos mais altos Iniciados, que não confiam estas coisas aos seus discípulos. A autora, portanto, não pode transmitir senão o que lhe foi ensinado, e nada mais; e até isso há de parecer, ao leitor profano, um sonho estranho e fantástico, antes que uma realidade possível.

É muito natural que tal aconteça, e durante anos foi esta a impressão da humilde escritora destas páginas. Nascida e educada em países europeus, que se presumem civilizados e positivos, sentiu ela as maiores dificuldades para assimilar o que precede. Mas existem provas de certo caráter que com o tempo se tornam irrefutáveis e inegáveis para todo espírito sincero e não embotado por preconceitos. Durante uma série de anos, tais provas lhe foram presentes, e agora tem ela a certeza completa de que o nosso Globo atual e suas Raças humanas nasceram, cresceram e se desenvolveram deste modo, e não de nenhum outro.

É, porém a opinião pessoal da autora, e não se pode esperar que a sua ortodoxia tenha mais peso que outra "doxia" qualquer, aos olhos daqueles para quem uma teoria nova é sempre heterodoxa até prova em contrário. Por isso, estamos, os ocultistas, preparados para ouvir perguntas como as seguintes:

— Como podemos saber se a autora não inventou isso? E, supondo que *ela* não o tenha feito, como se pode assegurar que tudo quanto foi exposto — e tal como consta das Estâncias — não é produto da imaginação dos Antigos? Como puderam eles conservar os anais de uma antiguidade tão imensa e incrível?

A resposta de que a história do mundo, desde a sua formação até o seu fim, "está escrita nas estrelas", isto é, registrada no Zodíaco e no Simbolismo Universal, cujas chaves se acham em poder dos Iniciados, não há de satisfazer aos cépticos. Há muita dúvida quanto à antiguidade do Zodíaco egípcio, e nega-se a do Zodíaco hindu em termos peremptórios.

A autora declarou certa vez um amigo profano: "Vossas conclusões, muitas vezes, são excelentes, mas vossas premissas são sempre duvidosas." A isso respondemos que era, pelo menos, um ponto ganho sobre os silogismos científicos, pois que, à exceção de alguns poucos problemas do domínio da Ciência Física pura, as premissas e as conclusões dos cientistas são, a um tempo, tão hipotéticas quanto invariavelmente errôneas. E se assim não as vêem os profanos, a razão simplesmente está em que, ao aceitar em confiança os dados científicos, ignoram os profanos que premissas e conclusões geralmente são o produto dos mesmos cérebros, os quais, por mais sábios que sejam, não são infalíveis — verdade esta diariamente comprovada pelos constantes ajustamentos e modificações das teorias e especulações científicas.

Mas, seja como for, os anais dos templos, tanto zodiacais como tradicionais, e os anais ideográficos do Oriente, tais como os lêem os Adeptos da Ciência Sagrada, ou Vidyâ, não são um átimo mais duvidoso que a chamada História Antiga das nações européias, agora editada, corrigida e ampliada por meio século de achados arqueológicos e pela interpretação assaz

problemática dos ladrilhos assírios, dos fragmentos cuneiformes e dos hieróglifos egípcios. Os nossos dados também se baseiam nas mesmas “interpretações” — com a adição de um número quase inesgotável de obras secretas, de que a Europa não tem o menor conhecimento — *mais* a ciência perfeita, que têm os Iniciados, do simbolismo de todas as palavras assim registradas.

Alguns desses anais são de imensa antiguidade. Todos os arqueólogos e paleontólogos conhecem as produções ideográficas de certas tribos semi-selvagens, que, desde tempos imemoriais, trataram de exteriorizar seus pensamentos sob uma forma simbólica. É esse o modo mais primitivo de registrar fatos e idéias; e pode-se ter uma noção da antiguidade de semelhante processo na raça humana por alguns sinais, evidentemente ideográficos, encontrados em achas da era paleolítica.

As tribos de Peles Vermelhas da América, ainda há relativamente poucos anos, dirigiram uma petição ao Presidente dos Estados Unidos solicitando que lhes fosse concedida a posse de quatro pequenos lagos, e tal petição estava escrita sobre a superfície de um pequeno pedaço de tela, de que apenas constava uma dúzia de traços representando animais e aves. Os selvagens americanos possuem certo número de maneiras diferentes de escrever; mas nenhum de nossos homens de ciência está ainda familiarizado com a primitiva cifra hieroglífica, conservada até hoje em algumas Fraternidades e chamada *Senzar* em ocultismo; ou sequer dela tem conhecimento.

Demais, todos aqueles que decidiram considerar tais processos de escrita — por exemplo, os ideogramas dos Peles Vermelhas, e até mesmo os caracteres chineses — como “tentativas das raças primitivas da Humanidade para exprimir seus pensamentos rudimentares” impugnariam formalmente a nossa afirmação de que a escrita foi inventada pelos Atlantes, e não pelos Fenícios. Certo, o pretender que a humanidade conhecia a escrita há muitas centenas de mil anos, quando os filólogos já decretaram que era ignorada na Índia dos dias de Pânini, assim como na Grécia do tempo de Homero, será recebido com uma desaprovação geral, quando não com um silêncio desdenhoso. Em que pese o ridículo e todas as negações, os ocultistas manterão o que disseram, simplesmente pela razão seguinte: Desde Bacon até a nossa contemporânea Real Sociedade, temos um período demasiado longo repleto de erros os mais ridículos cometidos pela Ciência, para que possamos ter mais confiança nas suposições científicas que nos assertos dos nossos Instrutores.

A escrita, pontificam os nossos homens de ciência, era desconhecida de Pânini; e, no entanto, este sábio compôs uma Gramática que contém 3.996 regras, e que é a mais perfeita de todas as Gramáticas já elaboradas! Os mais generosos concedem que Pânini tenha vivido apenas alguns séculos antes de Cristo; e as rochas do Irã e da Ásia Central — de onde, segundo os filólogos e os historiadores, foram para a Índia os antepassados do mesmo Pânini, os Brâmanes — estão *cobertas de inscrições*, feitas há dois ou três mil anos, pelo menos, ou há doze mil anos, como afirmam alguns paleólogos mais ousados.

A escrita, segundo Grote, era uma *ars incognita* nos tempos de Hesíodo e Homero, sendo desconhecida dos Gregos até 770 anos antes de Cristo; e,

no entanto, os Fenícios, que a teriam *inventado* e a usavam desde 1.500 anos antes de Cristo, ou mais cedo², viviam entre os Gregos e estavam sempre em contato com eles! Todas essas conclusões científicas e contraditórias se desvaneceram, como fumo no ar, quando Schliemann descobriu (a) o sítio em que se achava a antiga cidade de Tróia, cuja existência real fora posta em dúvida e considerada como fábula durante muito, e (b) vasilhas de barro, nas escavações ali feitas, com inscrições em *caracteres desconhecidos* dos paleontólogos e dos sanscritistas, que tudo negavam. Quem agora negará a realidade de Tróia e dessas inscrições arcaicas? O Professor Virchow deu o seguinte testemunho:

"Eu mesmo presenciei duas dessas descobertas e ajudei na reconstituição dos objetos. Os caluniadores, que tiveram a sem-cerimônia de acusar de impostura o autor da descoberta, desde há muito que foram reduzidos ao silêncio."³

As mulheres verídicas não foram mais poupadas que os homens verídicos. Du Chaillu, Gordon Cumming, a Sra. Merian⁴, e muitos outros foram tachados de mentirosos.

Eis o que diz o autor de *Mythical Monsters*, na Introdução dessa obra⁵:

"A Sra. Merian foi acusada de mentir deliberadamente ao fazer a descrição de uma aranha comedora de pássaros, isso há cerca de duzentos anos. Mas hoje... observadores dignos de fé confirmaram suas palavras, no que se refere à América do Sul, Índia e outras regiões.

Audubon foi igualmente acusado pelos botânicos de haver inventado o nenúfar amarelo, que fez constar em seu livro *Birds of the South* sob o nome de *Nymphæa Lutea*; e depois de ter ficado durante anos sob a eiva desta acusação, teve finalmente confirmada a sua indicação com a descoberta na Flórida... em... 1876 da flor há tanto tempo perdida."⁶

E, assim como Audubon foi qualificado de impostor por esse motivo, e ainda por causa do seu *Haliaetus Washingtonii*⁷, também Victor Hugo chegou a ser ridicularizado por sua maravilhosa descrição do peixe-diabo, do qual um homem foi a vítima impotente.

"O caso foi alvo de motejos, como uma impossibilidade monstruosa; no entanto, alguns anos mais tarde, foram encontrados, nas costas da Terra Nova, polvos armados com tentáculos de 30 pés de comprimento, capazes de arrastar sob a água um bote

(2) É um fato histórico que Sanchuniathon compilou todas as descrições concernentes à religião dos Fenícios de anais e documentos oficiais que se achavam nos arquivos das *mais antigas* cidades fenícias, e escreveu em caracteres fenícios no ano 1.250 antes de Cristo.

(3) Prof. Virchow, no Apêndice I a *Ilios* de Schliemann, Murray, 1880.

(4) A respeito desta última, escreveu Gosse: "Ela é considerada uma completa herética, a qual ninguém deve acreditar; fabricou uma falsa história natural e inventou fatos científicos mentirosos." (*Romance of Natural History*, 2.ª série, pág. 227.)

(5) Págs. 9 e 10.

(6) *Popular Science Monthly*, n.º 60, abril de 1807.

(7) O Dr. Cover escreve: "Este famoso pássaro de Washington era um mito; ou Audubon foi enganado ou, como alguns não hesitam em afirmar, *mentiu* a esse respeito." (*Mythical Monsters*, pág. 10.)

de bom tamanho; e este fato tem sido reproduzido desde há séculos... por artistas japoneses.”⁸

E se Tróia foi negada e havida como um mito, e a existência de Hercúlo e Pompéia considerada uma ficção; se as viagens de Marco Pólo foram objeto de riso e qualificadas como fábulas tão absurdas quanto os contos do Barão de Münchhausen, por que havia de ser mais bem tratada a autora de *Ísis sem Véu* e *A Doutrina Secreta*?

O Sr. Charles Gould, autor do livro há pouco citado, transcreve em sua excelente obra algumas linhas de *Macmillan* (1860), que encerram verdades tão palpitantes e de tal modo se ajustam ao caso que não podemos deixar de reproduzi-las:

“Quando um naturalista, seja por visitar lugares pouco conhecidos da Terra, seja por uma questão de boa sorte, descobre uma planta ou um animal muito raro, passa logo a ser acusado de inventar o que descreve... Desde o momento em que se vê que o achado peca contra os juízos preconcebidos, o grande espírito orientador (ou desorientador?), cujo nome é *‘a priori’*, e que aos filósofos empresta a sua onisciência *pro re nata*, insinua que semelhante coisa é impossível; e imediatamente surge a denúncia de que se trata de mistificação. O próprio céu foi acusado de mistificar. Quando Leverrier e Adams predisseram, com os seus cálculos, o aparecimento de um planeta, pretendeu-se com toda a gravidade, em certos círculos, que o planeta calculado não era o planeta, e sim outro que, de modo clandestino e impróprio, se havia colocado nas proximidades do verdadeiro. A tendência para suspeitar de mistificação é mais forte que a tendência para mistificar. Quem foi o primeiro a denunciar que as obras clássicas da Grécia e de Roma não passavam de uma colossal mistificação perpetrada pelos monges, naquilo em que o denunciante estaria tão pouco inclinado (ou menos ainda) quanto o Dr. Maitland a qualificar de tempos obscuros?”⁹

Que assim seja. Nenhum dos cépticos que tenham *A Doutrina Secreta* em conta de “mistificação é obrigado, ou mesmo solicitado, a aceitar as nossas afirmações. Demais, certos jornalistas americanos, de habilidade in-comum, já assim as proclamaram, antes mesmo que a obra estivesse impressa¹⁰.

Além disso, tampouco se faz necessário que alguém creia nas Ciências Ocultas e nos Ensinaamentos Antigos, sem antes possuir algumas noções

(8) *Ibid.*, págs. 10-11.

(9) *Mythical Monsters*, pág. 13, nota.

(10) Já em julho de 1888, quando os manuscritos desse livro ainda se achavam em minha mesa de trabalho, e *A DOCTRINA SECRETA* era completamente desconhecida, denunciavam-na como não sendo mais que o produto do meu cérebro. Vejam-se os termos lisonjeiros em que o *Evening Telegraph* (da América), em sua edição de 30 de junho de 1888, se referiu a esta obra, que ainda não fora publicada: “Entre os livros fascinantes a serem lidos em julho, figura a nova obra da Sra. Blavatsky sobre Teosofia... (1) *A Doutrina Secreta*... mas, por ser ela capaz de mergulhar de novo no passado da ignorância bramânica,... (1?) não é isto prova de que tudo quanto diz seja verdade.” E uma vez proferido o veredicto, eivado de *partis pris*, fazendo crer, erroneamente, que o meu livro já estava publicado e fora lido pelo crítico — o que não era nem podia ser verdade —, agora, que o livro saiu à luz, ver-se-á o mesmo crítico na contingência de sustentar suas primeiras declarações, quer sejam corretas ou incorretas, e o fará, provavelmente, usando de um comentário ainda mais contundente que antes

acerca de sua própria Alma, ou sem que antes creia nela. Nenhuma grande verdade jamais foi aceita *a priori*, e geralmente só depois de transcorrido um ou dois séculos é que ela começa a vislumbrar-se na consciência humana como uma verdade possível, salvo nos casos em que a coisa, que se pretendia ser um fato, tenha sido objeto de uma descoberta positiva. As verdades de hoje são as falsidades e os erros de ontem, e *vice-versa*. Só no século XX é que algumas partes desta obra, senão toda ela, virão a ser justificadas.

A afirmativa de Sir John Evans, de que a escrita era desconhecida na Idade da Pedra, não elide de modo algum os nossos argumentos. Pode ser que ela fosse desconhecida naquele período da Quinta Raça Ariana, e, não obstante, perfeitamente conhecida dos Atlantes da Quarta Raça, no apogeu de sua grande civilização. Os ciclos ascendentes e descendentes das nações e das raças aí estão para explicar o fato.

Se nos disserem que tem havido casos de escritos apócrifos e falsificados, com os quais se ilaqueou a boa-fé de pessoas crédulas, e que a nossa obra pode ser incluída na mesma classe da *Bible dans l'Inde* de Jacolliot (embora, seja dito de passagem, haja nesse livro, entremeadas com os seus erros, mais verdades que as contidas em obras de orientistas reconhecidos e ortodoxos), a increpação e o paralelo nos causarão mui pouca perda. A nossa hora há de chegar. Até o famoso *Ezar Veda* do último século, considerado por Voltaire "o presente mais precioso do Oriente ao Ocidente", e por Max Müller "o livro mais tolo que se possa ler", não deixa de conter alguns fatos e verdades. Os casos em que as negações *a priori* dos especialistas foram confirmadas por posteriores verificações representam uma percentagem ínfima daqueles em que tais negações foram reduzidas a zero por descobertas subsequentes, para total confusão dos sábios que haviam formulado as objeções. O *Ezur Veda* não passou de um pomo de discórdia sem maior significação, comparado com o triunfo de Sir William Jones, Anquetil Du Perron e outros, no que se refere ao sânscrito e sua literatura. Fatos semelhantes foram registrados pelo próprio Professor Max Müller, que, aludindo à falência de Dugald Stewart e Cia. a esse respeito, declara que:

"Se os fatos concernentes ao sânscrito eram verdadeiros, Dugald Stewart foi demasiado prudente para não ver que as conclusões deles resultantes eram inevitáveis. Por isso, ele negou totalmente a realidade da língua sânscrita, e escreveu o seu famoso ensaio com o fim de provar que o sânscrito havia sido construído sobre o modelo do Grego e do Latim, pelos Brâmanes, aqueles arquifalsificadores e embusteiros, e que toda a literatura sânscrita não era mais que uma impostura." ¹¹

A autora está pronta a fazer companhia — e até se sente orgulhosa com isso — a esses brâmanes e a outros "embusteiros" *históricos*, no dizer dos nossos modernos Dugald-Stewarts. Ela já viveu muito, e sua experiência pessoal é por demais variada, para que não conheça, pelo menos, alguma coisa da natureza humana.

(11) *Science of Language*. pág. 163.

"Na dúvida, abstém-te", aconselha o sábio Zoroastro, e a experiência da vida diuturna confirma em todos os casos o prudente aforismo. Vemos, porém, que, tal como São João Batista, aquele sábio de eras passadas pregou no deserto, e tem por companhia um filósofo mais moderno, Bacon, que nos oferece o mesmo inapreciável exemplo de sabedoria prática, quando diz:

"Na contemplação das coisas [em tudo o que se relaciona com o conhecimento, acrescentamos nós], se o homem principia com certezas, terminará na dúvida; mas, *se ele se contenta em principiar com dúvidas, terminará na certeza.*"

Com este conselho do pai da Filosofia inglesa aos representantes do cepticismo britânico, devíamos dar por encerrado o debate; mas os nossos leitores teósofos têm direito a uma última informação de caráter oculto.

Dissemos já o bastante para mostrar que a evolução em geral, os acontecimentos, a humanidade e todas as coisas da Natureza procedem por ciclos. Falamos sobre as sete raças, cinco das quais já quase completaram a sua trajetória terrestre, e afirmamos que cada Raça-Raiz, com suas sub-raças e as inumeráveis divisões em famílias e tribos, era absolutamente distinta da Raça precedente e da subsequente. Surgem objeções a esse respeito, com base na experiência uniforme da Antropologia e da Etnografia. O homem (salvo na cor e no tipo, e talvez em alguma diferença nas características faciais e na capacidade craniana) tem sido sempre o mesmo em todas as partes do mundo — dizem os naturalistas; sim, até em estatura; enquanto, por outra parte, sustentam que o homem descende, com o macaco, do mesmo antepassado desconhecido, asserto que é logicamente impossível sem que se admita uma diversidade infinita de estatura e de forma, desde os tempos de sua primeira evolução como bípede. As mesmas lógicas pessoas que defendem ambas as proposições não nos molestam com suas opiniões paradoxais. Declaramos mais uma vez que nos dirigimos somente àqueles que, duvidando de que sejam os mitos derivados "da contemplação das obras visíveis e invisíveis da natureza exterior", entendem que

"é menos difícil supor que essas maravilhosas histórias de deuses e semideuses, de gigantes e anões, de dragões e monstros, sejam transformações, do que acreditar que não passem de invencionice".

A Doutrina Secreta ensina precisamente essas *transformações*, tanto na natureza física como na memória e nos conceitos de nossa humanidade presente. Confronta as hipóteses puramente especulativas da Ciência Moderna, baseadas na experiência e nas observações exatas de apenas alguns séculos, com a tradição não interrompida e os anais de seus Santuários; e, dissecando esse tecido de teorias fabricadas, qual teia de aranha, nas trevas que encobrem um período de alguns milhares de anos, e que os Europeus chamam a sua "história", a Ciência Antiga nos diz: Escutai agora a minha versão das memórias da Humanidade.

As Raças humanas nascem umas das outras, crescem, desenvolvem-se, tornam-se decrepitas e morrem. As sub-raças e as nações seguem a mesma regra. Se a vossa Ciência Moderna, que tudo nega, e a vossa pretensa Filo-

sofia não contestam que a família humana se compõe de uma variedade de raças e tipos bem definidos, é unicamente porque o fato não pode ser negado; ninguém ousaria dizer que não há diferença externa entre um inglês, um negro africano e um japonês ou chinês. Por outro lado, a maioria dos naturalistas negam formalmente que as raças humanas *mescladas*, isto é, as sementes de outras raças completamente novas, continuem a formar-se em nossos dias, se bem que De Quatrefages e alguns outros o tenham sustentado com boas razões.

Apesar de tudo, não será aceita a nossa proposição geral. Argüirão que, sejam quais forem as formas por que tenha passado o homem, durante o longo passado pré-histórico, não mais sofrerá transformações para o futuro — exceto certas variações, como atualmente; e que, por conseguinte, as nossas Sexta e Sétima Raças-Raízes são meras ficções.

A isso responderemos também: Que sabeis vós? A vossa experiência se limita a alguns milhares de anos, vale dizer, a menos que um dia em toda a idade do gênero humano, e aos tipos atuais dos continentes e ilhas de nossa Quinta Raça. Como podeis saber o que será e o que não será? Entretanto, tal é a profecia dos nossos Livros Secretos e tais são as suas declarações nada incertas.

Muitos milhões de anos são passados desde o começo da Raça Atlante, e, não obstante, vemos ainda os últimos Atlantes mesclados com o elemento Ariano, desde há 11.000 anos. É uma prova da considerável superposição de uma Raça na que lhe sucede, perdendo a mais velha as qualidades características do seu tipo e assumindo os novos traços da mais jovem. Isto se verifica em todas as formações de raças humanas mescladas. Ora, a Filosofia Oculta ensina que, até mesmo atualmente, sob as nossas próprias vistas, a nova Raça e as novas raças estão em via de formação, devendo a transformação operar-se na América, onde já se iniciou silenciosamente.

De Anglo-saxões puros que eram apenas há trezentos anos, os Americanos dos Estados Unidos se converteram em uma nação à parte; e, como resultado do enorme e acentuado cruzamento de nacionalidades diferentes, formam quase uma raça *sui generis*, não só mentalmente como também fisicamente. Eis o que diz De Quatrefages em uma de suas obras:

"Toda raça mesclada, quando é uniforme e fixa, pode representar o papel de uma raça primária em seus cruzamentos novos. A humanidade, tal como existe atualmente, foi com certeza formada, em sua maior parte, pelos sucessivos cruzamentos de um número de raças até agora indeterminado."¹²

Assim, no período de três séculos apenas, os Americanos se tornaram uma "raça primária", antes de se converterem numa raça à parte, fortemente diferenciada de todas as demais raças que atualmente existem. São eles, numa palavra, os germes da *sexta* sub-raça, e daqui a algumas centenas de anos serão certamente os vanguardieiros daquela raça que há de suceder, com todas as suas novas características, à raça européia de hoje, a quinta

(12) *The Human Species*, pág. 274.

sub-raça. Depois disso, dentro de uns 25.000 anos, começarão a preparar a sétima sub-raça; até que a Sexta Raça-Raiz fará o seu aparecimento no cenário de nossa Ronda, em seguida a cataclismos, cuja primeira série deverá um dia destruir a Europa e, mais tarde, toda a Raça Ariana (alcançando assim as duas Américas), bem como a maior parte das terras diretamente ligadas às extremas dos nossos continentes e ilhas.

Quando se dará isso? Quem o sabe! Talvez somente os grandes Mestres de Sabedoria; e estes permanecem tão silenciosos sobre o assunto como os nevados picos que se erguem diante deles. Tudo o que sabemos é que ela, a Sétima Raça, principiará silenciosamente; tão em silêncio, na verdade, que durante milênios os seus postos avançados, as crianças especiais que se desenvolverão em homens e mulheres especiais, serão considerados como anômalos *luxus naturæ*, como raridades anormais, física e mentalmente. Seguidamente, aumentando e tornando-se cada vez maior o seu número com o passar dos tempos, chegará o dia em que eles se constituirão em maioria. Então os homens atuais começarão a ser considerados como mestiços excepcionais, até finalmente desaparecerem dos países civilizados, sobrevivendo tão-só alguns pequenos grupos em ilhas — os picos das montanhas de hoje —, onde passarão a vegetar e a degenerar, para depois se extinguirem, provavelmente dentro de milhões de anos, como se extinguiram no passado os Astecas e hoje está sucedendo com os Nyam-Nyam e a raça anã dos Mula-Kurumbas dos Montes Nilgiri. Todos estes são os remanescentes de raças que foram outrora poderosas e cuja existência se apagou completamente da memória das gerações modernas, assim como a nossa será um dia esquecida para a Humanidade da Sexta Raça. A Quinta Raça se interporá na Sexta durante muitas centenas de milhares de anos, transformando-se mais lentamente que a sua sucessora, mas alterando-se quanto à estatura, ao físico em geral e à mentalidade, do mesmo modo que a Quarta Raça se interpôs na Raça Ariana e a Terceira na dos Atlantes.

Este processo de preparação para a Sexta grande Raça deve durar todo o curso da sexta e da sétima sub-raça¹³; mas os *últimos* remanescentes do Quinto Continente só desaparecerão algum tempo depois do nascimento da *nova* Raça: quando uma *nova* morada, o Sexto Continente, terá surgido sobre as *novas* águas na superfície do Globo, para receber o novo hóspede. Todos os que tiverem a boa sorte de escapar ao desastre geral emigrarão para esse continente e aí se estabelecerão.

A autora, como já disse anteriormente, não sabe quando isso ocorrerá. Sabe apenas que, como a Natureza não procede por saltos, nem o ser humano muda repentinamente do estado de menino para o de homem maduro, o cataclismo final será precedido de muitas submersões e destruições de menor importância, tanto pela água como pelo fogo vulcânico.

A vida exuberante então palpitará fortemente no coração da raça que agora se acha na zona americana, mas já não haverá Americanos quando se iniciar a Sexta Raça, como não haverá Europeus; porque então terá surgido

(13) Veja-se mais atrás o diagrama da Árvore Genealógica da Quinta Raça.

uma nova Raça com muitas nações novas. Contudo, a Quinta Raça não ficará extinta, mas sobreviverá durante certo tempo, permeando a nova Raça por muitas centenas de milênios, e a sua transformação, conforme já dissemos, se fará mais lentamente que a de sua sucessora, embora mudando por completo no mental, no físico em geral e na estatura. A Humanidade não voltará a desenvolver corpos de gigantes, como no caso dos Lemurianos e dos Atlantes, porque a evolução da Quarta Raça conduziu os Atlantes ao último grau de materialidade, no seu crescimento físico, ao passo que a Raça atual está em seu arco ascendente, e a Sexta virá rapidamente a libertar-se dos entraves da matéria, inclusive os da carne.

Deste modo, a Humanidade do Novo Mundo, que é muito mais velho que o Antigo (fato que os homens haviam também olvidado), é a Humanidade de Pârâla (os Antípodas, ou o Mundo inferior como é chamada a América na Índia), que tem por missão e por Carma plantar as sementes de uma Raça futura, maior e muito mais gloriosa que todas as que temos conhecido até agora.

Os Ciclos de Matéria serão seguidos por Ciclos de Espiritualidade e de completo desenvolvimento mental. Segundo a lei de analogia da história e das raças, a maioria da futura Humanidade compor-se-á de Adeptos gloriosos. A Humanidade é filha do Destino Cíclico, e nem uma de suas Unidades pode fugir à sua missão inconsciente, nem alijar-se da carga de seu trabalho cooperativo na obra da Natureza.

Assim, a Humanidade, raça após raça, há de levar a cabo sua Peregrinação Cíclica. Os climas mudarão, e já principiaram a mudar; cada Ano Tropical deixa de lado uma sub-raça, mas somente para dar lugar a uma raça superior, no arco ascendente, à medida que uma série de outros grupos menos favorecidos — os malogros da Natureza — desaparecerem da família humana, como certos indivíduos, sem deixar sequer um traço de sua existência.

Tal é, sob o império da Lei Cármica, o curso da Natureza, da Natureza Sempre presente e Sempre em formação. Porque, segundo as palavras de um Sábio, conhecido tão-só de algumas ocultistas:

O PRESENTE É FILHO DO PASSADO; O FUTURO, A PROGENIE DO PRESENTE. E, NO ENTANTO, Ó MOMENTO PRESENTE! NÃO SABES TU QUE NÃO TENS PAI, NEM PODES TER UM FILHO; QUE SOMENTE ESTÁS SEMPRE ENGENDRANDO A TI MESMO? ANTES DE TERES COMEÇADO A DIZER: "EU SOU A PROGENIE DO MOMENTO QUE PASSOU", TU TE HAS CONVERTIDO NESSE MESMO PASSADO. ANTES DE TERES PRONUNCIADO A ÚLTIMA SILABA, REPARA! JÁ NÃO ÉS O PRESENTE, MAS, EM VERDADE, O FUTURO. ASSIM, O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO CONSTITUEM A TRINDADE EM UM, ETERNAMENTE VIVA — O MAHÂMAYÁ DO ABSOLUTO "QUE É".

GLOSSÁRIO

DE TERMOS EMPREGADOS NAS DOZE ESTÂNCIAS DO LIVRO DE DZYAN

ESTANCIA I

LHA — Todo ser celestial ou super-humano, de Arcanjo para baixo.

O QUARTO — O quarto Globo, ou a nossa Terra.

LHAS DOS SETE — Os sete Logos planetários que governam os sete planetas sagrados.

SEU SENHOR — O Logos solar.

O SENHOR DA FACE RESPLANDECENTE — O Sol.

SENHOR DE SABEDORIA — Mercúrio.

LOKA — Região ou lugar circunscrito.

SENHOR DO LÓTUS — Kumada-Pati. A Lua, mãe da Terra. Segundo os ensinamentos ocultos, a Lua ocupou, em um Manvantara anterior, a mesma posição que a Terra ocupa no Ciclo atual, podendo se dizer que os "princípios vitais" da Lua reencarnaram na Terra.

PAIS — Os Antepassados ou Pitris lunares.

SOMA — A Lua (Chandra) é o símbolo da Sabedoria secreta, e também a bebida sagrada feita com o sumo da planta que tem o mesmo nome, bebida usada nos templos para produzir o estado de êxtase.

SETE PELES — Trata-se das violentas convulsões geológicas que acompanharam o desenvolvimento de cada um dos sete grandes Ciclos da evolução terrestre. São os cataclismos que produziram imensas alterações na configuração das respectivas áreas de água e terra firme. O Sloka 4.º refere-se ao mesmo assunto.

ESTANCIA II

TRINTA CRORES — Trezentos milhões de anos, segundo a Doutrina Secreta.

RUPAS — Corpos; formas quaisquer.

PEDRAS MOLES QUE ENDURECERAM — Minerais.

PEDRAS DURAS QUE AMOLECERAM — Vegetais da espécie dos líquens.

REPOUSAVA SOBRE O DORSO — Expressão que se refere às mudanças na inclinação do eixo da Terra e aos dilúvios conseqüentes.

HOMENS AQUÁTICOS — Criaturas de corpo em parte animal e em parte humano. A Doutrina Secreta insinua que as eventuais monstruosidades apontadas pela ciência médica são casos de atavismo.

DHYÂNI — Deuses solares-lunares e espíritos planetários. Devas criadores.

AS VIDAS — As Mônadas.

AS CHAMAS — Hierarquia de espíritos angélicos. Devas, dos quais se pode considerar como protótipo o Arcanjo São Miguel dos cristãos.

LHAMAYIN — Devas de categoria inferior.

ESTÂNCIA III

SENHOR DOS SENHORES — O Logos Planetário.

CHOHAN — Na Doutrina Secreta a tradução é Senhor. Na literatura teosófica hoje se dá uma aceção mais definida; assim, Dhyân-Chohan corresponderia a “Chefe dos Dhyânis” ou Luzes celestiais, que poderemos traduzir pelo nome de Arcanjos.

SENHORES DA LUA — Pitris lunares.

DAI-LHES — Aos Jivas ou Mônadas.

JIVA — Princípio vital; ser, alma ou espírito vivente. Significa também a Mônada ou Atmâ-Buddhi.

NÃO QUERIAM IR — Os Senhores da Lua ou Pitris lunares.

ESTÂNCIA IV

ESPÍRITO DISPENSADOR DE VIDA — Fohat.

BHÛTA — Fantasma, espectro, elemental, espírito desencarnado.

CHHĀYA — Sombra ou imagem astral.

MANUSHYA — Homem com mente, para distinguir dos Chhâyās, que eram amanásicos, isto é, sem mente.

OS PAIS — Pitris lunares ou Pitris Barishad que desenvolveram suas sombras ou Chhâyās para fazer com elas o primeiro homem.

SEU PRÓPRIO FOGO — Fogo elétrico ou kavyavâhana, o fogo dos Pitris.

FOGO SOLAR — Shuchi ou espírito do Sol.

SHUGHĪ — Um dos nomes de Indra, e também do terceiro filho de Abhimânin, filho de Agni, isto é, um dos quarenta e nove fogos primordiais. Significa também puro, santo, virtuoso.

ESTES TRES — Os Pitris e os dois Fogos.

O SOPRO — Mônada humana.

ESPELHO DE SEU CORPO — Segundo a Doutrina Secreta, significa sombra astral; mas pela moderna terminologia teosófica parece mais apropriado denominá-lo “duplo etéreo”.

VEÍCULOS DE DESEJOS — Rûpa-Kama. O corpo astral, segundo a terminologia moderna.

DRENADOR DAS ÁGUAS — Diz o Comentário que equivale a Shuchi ou o fogo da paixão e do instinto animal.

GRANDE FOGO — Fogo Solar. Provavelmente o Logos Solar.

TERCEIRA — A Terceira Raça.

ESTÂNCIA V

OS PRIMEIROS — A Primeira Raça.

PAI AMARELO E MÃE BRANCA — O Sol e a Lua, ou seja, os Dhyânis Solares e os Pitris Lunares.

A ASSEXUAL PROCEDENTE DA SEM SEXO — Quer dizer que a forma assexual procede da sombra sem sexo.

NASCIDOS POR SI MESMOS — Diz a Doutrina Secreta: “Aplica-se a todos os Deuses e Seres nascidos da vontade de uma Divindade ou de um Adepto.”

FILHOS DO CREPUSCULO — Segundo o sistema hindu, os Pitris surgidos do “Corpo do Crepúsculo” de Brahma.

AS ÁGUAS ANTIGAS SE MISTURARAM COM AS MAIS RECENTES — A raça primitiva ou velha interpenetrou a Segunda Raça, até identificar-se com ela. A Primeira Raça não morreu.

O EXTERIOR DA PRIMEIRA SE CONVERTEU NO INTERIOR DA SEGUNDA — As sombras astrais se revestiram de corpo físico.

A VELHA ASA, ETC. — A Forma Etérea que produziu sua sombra e imagem (o corpo físico) converteu-se em Sombra.

ESTÂNCIA VI

TERCEIRA — A Terceira Raça. O Comentário desta Estância diz que este foi o estado da humanidade ovípara.

Nota ao sôka 23 — Por ser astral a Primeira Raça, não podia ser destruída ou molestada nem pelo fogo físico nem pelas águas diluviais. Mas a Segunda Raça podia ser e foi destruída desse modo.

ESTÂNCIA VII

FILHOS DA NOITE — Do “Corpo da Noite” de Brahma, segundo o sistema hinduista.

QUARTA — A Quarta Raça.

ENCHERAM O CARMA — Intensificaram o veículo do Desejo.

SETE — As sete primitivas espécies humanas.

SENHORES DA SABEDORIA TENEBROSA — Aśuras, Filhos da Noite, o fruto da Primeira Cadeia Planetária.

NASCIDOS POR SI MESMOS, NASCIDOS DO SUOR E NASCIDOS DO OVO — Os corpos físicos incompletamente aparelhados e ainda não maduros. Diz a Doutrina Secreta: “Nem todos os organismos estavam suficientemente preparados. As Potestades encarnantes escolhem os frutos mais maduros, deixando de lado os restantes.”

OS DUPLOS — Andróginos. Terceira Raça.

VAHAN — Veículo.

KRIYASHAKTI — Poder da Vontade e também do Pensamento.

ESTÂNCIA VIII

RODA ANTERIOR — A precedente Terceira Ronda. O ponto assinalado nas Estâncias é o começo da Quarta Ronda.

SARPAS — Serpentes.

TERCEIRA — Terceira Raça.

CARECIAM DE CENTELHA — Os de cabeça estreita (veja-se o sloka 24).

MONSTROS ENCURVADOS E COBERTOS DE PELO VERMELHO — “Estes monstros não são os antropóides nem outros quadrúmanos, mas o que os antropólogos denominariam ‘o elo perdido’, ou seja, o primitivo homem inferior”.

ESTÂNCIA IX

LHAS — Nesta Estância são os Filhos da Sabedoria.

AMANASA — Sem mente.

Nota ao sloka 36 — A Primeira Raça, a dos Nascidos Por Si Mesmos, carecia de linguagem. A Segunda Raça tinha uma linguagem fonética, semelhante a um canto composto só de vogais. A Terceira Raça desenvolveu a princípio uma espécie de linguagem um pouco melhor que os diversos sons da natureza; mais tarde, porém, quando da separação dos sexos, a linguagem ficou mais definida, embora ainda não passasse de uma tentativa monossilábica. A forma aglutinante apareceu com a Quarta Raça.

ESTÂNCIA X

SETE ZONAS — Sete Centros Criadores que, segundo os Ensinamentos Ocultos, deram origem às Raças-Raízes, cada qual no Continente do respectivo período.

COR DA LUA — Amarelo claro.

SETE PEQUENOS RAMOS — Significam o começo.

OS SETE SEGUINTEs — As sub-raças.

KHADO — Elementais designados em sânscrito pelo nome de Dâkinis.

TERCEIRO OLHO — O olho de Shiva na Índia. A Glândula Pineal ou órgão físico de visão astral.

Nota aos slokas 40, 41 e 42 — Referem-se estes slokas à degenerescência das raças lemuriana e atlante.

ESTANCIA XI

CONSTRUÍRAM CIDADES COLOSSAIS — Trata-se dos Lemurianos.

FOGOS EXPELIDOS — Lava.

PEDRA BRANCA — Mármore.

PEDRA PRETA — Basalto. Algumas das estátuas da Ilha da Páscoa são de origem lemuriana.

ERGUERAM GRANDES IMAGENS — Os atlantes.

NOVE YATIS — Equivalentes a 8.316 metros.

SEUS PAIS — Os Lemurianos. O Continente lemuriano foi destruído sobretudo pela ação vulcânica.

A ÁGUA AMEAÇAVA A QUARTA — O Continente atlante foi destruído por sucessivos dilúvios e submersões.

SETE GRANDES ILHAS — As sete ilhas Dvipas pertencentes ao Continente atlante, destruídas por uma sucessão de cataclismos ocorridos a grandes intervalos de tempo.

DVIPA — Uma ilha ou continente.

ESTANCIA XII

A QUINTA — A Quinta Raça.

AS SERPENTES QUE VOLTARAM A DESCER — Os Arhats, Adeptos ou Sábios, que sempre foram designados com este símbolo na tradição oculta. Foram os Reis Divinos, Sacerdotes e Chefes que figuram nas lendas de tantos e tantos países.

Nota ao sloka 47 — Diz a Doutrina Secreta que o primitivo tronco divino (o de cor da Lua) desapareceu para sempre.

NOTAS ADICIONAIS

Zoar, Idra Suta, pág. 16.

Há várias formas deste nome: *Zohar, Idra Suta, Idra Zootab*; e a Ed. Brody menciona *Idrah Zootab* (pág. 165). Em outro destes volumes figura *Idra Suta*.

As referências feitas ao *Zohar* no presente volume foram extraídas, em quase todos os casos, da obra *Qabbalah*, de Isaac Myer, LL. B. O autor publicou apenas 350 exemplares.

Ardhanâri, pág. 47.

Este personagem macho-fêmea figura no livro *Hindu Pantheon*, de Moor, lâminas 7 e 24, mas sem a Suástica.

Asuramaya ou *Asura Maya*, pág. 65.

Em *The History of Indian Literature*, pág. 253, Albrecht Weber diz: "A tradição épica, outra vez, dá como o mais antigo astrônomo Asura Maya, e afirma que a ele o próprio Deus Solar transmitiu o conhecimento das estrelas. Em outra parte já... aventei a opinião de que este 'Asura Maya' é idêntico ao 'Ptolomaio' dos gregos, uma vez que o último nome, como vemos das inscrições Pujadasi, se converteu no 'Turamaya' indiano, nome do qual mui facilmente podia advir 'Asura Maya'; e uma vez que, segundo a tradição posterior, este Maya é claramente associado a Romaka-pura no Ocidente."

A terminação Maya não deve ser confundida com Mâyâ. Rezando a tradição que Asura Maya foi um Atlante (veja-se o volume III, comentário à Estância XI), a palavra Maya deve ser, portanto, identificada com os Mayas, nome de uma tribo, raça ou povo da antiga Atlântida.

As obras de Asura Maya não chegaram até nós, mas constam de um bom número de citações no Brihajjataka, de Varâhamihira, onde ele é chamado "Maya". É considerado um famoso artista Dâna, e magníficas obras de arte lhe foram atribuídas, tanto no *Râmâyana* como no *Mahâbhârata*. Foi o célebre pai de Mandodân, Rainha de Râvana, e com ela presenteou a Râvana uma arma mágica, a musselina Shakti, que ele arremessou sobre o irmão de Râma, Lakshmana. O *Mahâbhârata* relata que foi este Maya

Dânaava quem construiu o maravilhoso palácio de Yudhishtira, que provocou a inveja de Duryodhana, dando lugar ao jogo de dados que teve como consequência a guerra do Mahâbhârata.

Polistor diz: pág. 69.

Na “edição nova e ampliada de *Ancient Fragments*, de Cory”, o trecho citado está assim redigido: “Belus veio e cortou em dois pedaços a mulher; com uma das metades formou a terra, e com a outra metade o céu; e ao mesmo tempo destruiu os animais no abismo.”

Ribhus, pág. 70, nota 16.

Os três são Ribhu, Vibhvan e Vâja, filhos de Sudhanya e nomeados após o mais velho. Foram eles grandes artistas e discípulos de Tvashtri, outro nome de Vishvakarman, o arquiteto dos Deuses. Os Ribhus alcançaram o estado de Deva à custa de grandes *tapas*, austeridades. Criaram seres e os dotaram de vida.

Os Quatro Corpos de Brahmâ, pág. 73.

Estes quatro corpos foram sucessivamente assumidos por Brahma no começo deste Kalpa, para criar as quatro espécies de seres. Asuras, Suras (Devas), Pitris (Pais) e Homens. As três qualidades que revestiram estes seres foram: Satya, Rajas e Tamas. Tamas predominou no primeiro corpo, Satya no segundo, Satya-Rajas no terceiro, e somente Rajas no quarto. Satya — harmonia; Rajas — mobilidade; Tamas — inércia através de extrema tensão.

360 dias dos mortais perfazem um ano, pág. 84.

Há muitas maneiras de os hindus contarem um ano, por exemplo: 1. *Barhaspatya*, o tempo gasto por Júpiter (Brihaspati) para dar a volta de eclíptica; 2. *Nâkshatra* — Sideral, sendo cada mês de 27,6 dias aproximadamente; 3. *Saura* — Solar; um mês solar corresponde a 30 vezes o nascer e pôr-do-sol; 4. *Chandra* — Ano Lunar; 5. *Sâvana* — mês de 30 dias solares, i.é., de um a outro nascer do Sol; este mês é usado para a fixação das cerimônias religiosas hindus; 12 de tais meses correspondem aos 360 dias acima mencionados.

Outros Sete Filhos Nascidos da Mente, pág. 92.

Os sete (algumas vezes dez) Filhos Nascidos da Mente de Brahmâ têm nomes diferentes em cada Manvantara, e são muitas vezes personagens distintos. Apresentamos aqui quatro listas:

Doutrina Secreta

1

Ambâ
Dulâ
Nitatui
Abrayanti
Maghâyanti
Varshayanti
Chupunikâ

Shatapâha-Brâhmana

3

Gautama
Atri
Vishvâmitra
Jamadagni
Bharadvâja
Kashyapa
Vasishtha

Doutrina Secreta

2

Marichi
Atri
Angiras
Pulastya
Pulaha
Kratu
Vasishtha

Mahâbhârata

4

Marichi
Atri
Angiras
Pulastya
Pulaha
Kratu
Vasishtha

Um estudante hindu pensa que o n.º 1 se refere à nomenclatura astronômica (veja-se o vol. IV sob o título "A Cruz e o Círculo"), e indica as estrelas da Grande Ursa — as femininas Krittikâs que foram as nutrizes do Grande Kumâra. Pensa que as listas 3 e 4 se referem aos sete Rishis que são os adhikarapurushas (agentes do Governo Oculto do mundo) de diferentes Manvantaras. A lista n.º 2 (pág. 113) e provavelmente do primeiro Manvantara, e a n.º 3 do atual, o Vaivasvata.

Dirghotamas, pág. 112.

Tanto quanto se saiba, não há semelhante livro. *Dirghatamas* (longa escuridão) era o nome de um sábio védico a quem se atribuíram alguns dos Hinos do *Rig Veda*. Ele nasceu cego, e o *Mahâbhârata* conta (*Adhiparva*, 1.ª Seção) que, a pedido do Rei Bali (o próximo Indra), deixou descendência por sua mulher Sudesnâ. Nos *Vedas*, *dirghatamas* (longa escuridão) vem descrito muitas vezes, e o Sr. B. G. Tilak pensava que se referia ao Ártico como a pátria dos Arianos, devido à longa noite de seis meses. Veja-se o seu *The Orion* ou *Researches into the Antiquity of the Vedas*.

Sobre os Elementos, pág. 122.

Para uma exposição sobre os Elementos, veja-se *A Compendium of the Raja Yoga Philosophy*, que inclui uma tradução do *Atmabodhâ* de Shri Shankaracharya. Isso tem relação com o método de Panchikaranam ou a combinação dos cinco grandes elementos, de modo que de sua fusão resultam os cinco elementos menores, os cinco sentidos e os cinco órgãos dos sentidos, etc. (veja-se *Bibliografia*).

A "Escala descendente" de causas, pág. 123.

Esta relação foi extraída do *Viṣṇu Purāṇa*, Wilson, versão de Fitzedward Hall, vol. I, págs. 2-3. Pensa um estudante que o quarto termo está faltando e deve ser Pradhānātman ou Viśvabhāvana, i.e., Natureza-Raiz sem começo. Outro estudante julga que o quinto, Kṣettraiṇa (ou Jivātmā) deve vir em terceiro lugar na lista, não em quinto. Assinala que Pratyagatman (Eu Supremo) está omitido, e que o último, Bhrāntidarshanataḥ, dificilmente pode ser considerado como um Mahāpuruṣa, a menos que se trate do espírito que penetra o Universo, caso em que será idêntico ao segundo da lista.

Júpiter acha-se em estado de fusão, pág. 153.

Escreveu um estudante ocidental: "Há evidência de que a camada superficial de Júpiter tem uma temperatura *baixa*; mas as camadas interiores são indubitavelmente quentes, embora não como o Sol.

Chhâyâs, pág. 191.

Outra versão da história é que Sûrya (o Sol) tinha uma mulher chamada Sanjñâ (percepção, conhecimento), que dele teve Yama e Yami. Certa vez Sanjñâ pediu permissão a Sûrya para visitar o pai Viśvakarman, o que ele negou. Decidida a ir, ela criou, com seus poderes super-humanos, uma mulher exatamente igual a ela, sua própria "sombra" ou Chhâyâ, que deixou em seu lugar. Chhâyâ teve do Sol três filhos — Sāvarni (da mesma cor ou tribo), que é um sobrenome materno do oitavo Manu (págs. 122 ss.), Shani (o planeta Saturno) e Tapani. Sûrya finalmente descobriu o que acontecera, e percebeu que sob a forma de uma égua Sanjñâ se havia devotado a austeridades. Metamorfoseando-se ele próprio em um cavalo, teve com ela três filhos mais, dois dos quais foram os gêmeos Ashvins (possessores de cavalos), os médicos dos deuses. (Veja-e o vol. IV, Seção C: "O Elemento Setenário nos Vedas".)

Nomes tibetanos, pág. 195.

Chenresi — Tibetano: Sphyan.ras.gzigs = Sânscrito: Avalokiteshvara — um nome de Deus; Poderoso e Onividente.

Chenresi Vanchug — Tibetano: Sphyan.ras.gzigs byan.chub.sems.dpah = Sânscrito: Bodhisattva Avalokiteshvara, i.e., Bodhisattva Poderoso e Onividente.

Jigtengonpo — Tibetano: hjiḡ.rten.mgon.po = Sânscrito: loka-nātha, Senhor do Universo.

Chakna-padma-karpo — Tibetano: phyag.pa.padma.dkar.po = Sânscrito: pundarikapāni, isto é, o que tem um lótus branco na mão.

Dias de nascimento desses Dhyānis, pág. 197.

Em seu *Chinese Buddhism*, pág. 208, Edkins dá os dias de nascimento mencionados pela Sra. Blavatsky como segue:

“Data do nascimento de O-mi-to-Fo ou ‘*Amida*’ (Amitâbha) *Buddha*: 11.º mês, 17.º dia.

“Data do nascimento do *Buddha* feminino Chun-ti: 3.º mês, 6.º dia [não o 7.º, como consta das edições de 1888 e 1893].

Edkins dá ainda outros “dias de nascimento”, entre eles o de “*Mi-li-Fo* (Maitreya *Buddha*): 1.º mês, 1.º dia — o *Buddha* que deve suceder a Shakyamuni no governo do mundo”.

Virabhadra, pág. 201.

Variam os relatos quanto ao modo por que *Virabhadra* emanou de *Shiva-Rudra*. Outra versão além da apresentada neste volume diz que ele foi criado por *Shiva* do seu cabelo trançado; mas a geralmente aceita é que nasceu da ira, fogo, de *Rudra*.

Sadik

Esta palavra também se escreve *Sydyk*, *Sydic*, *Sadic*, *Zedec*; e quer dizer: “um homem justo”.

Des Esprits (citações).

A Sra. *Blavatsky* cita frequentemente esta obra, inclusive referências contidas em suas páginas.

As indicações sobre *Des Esprits*, de *Mirville*, *Pneumatologie* ou *Mémoires* significam todas a mesma obra. Consiste ela em seis volumes (em francês), e o seu título completo é: *Pneumatologie. Des Esprits et de leur Manifestations Diverses. Mémoires Adressés aux Académies*.

BIBLIOGRAFIA

Livros existentes na Biblioteca de Adyar e cujas citações foram verificadas.

- Anugitā*, trad. K. T. Telang. *Sacred Books of the East*. Oxford. Clarendon Press, 1908.
- Asgard and the Gods*, W. Wagner; adaptação por M. W. Mac-Dowell. Londres. Swan, Sonnenschein, Les Bas, Lowry, 1886.
- Asiatic Researches*, vols. 1, 3, 8, 9, 11. Londres, 1798-1811.
- Ancient Mythology, An Analysis of*, Jacob Bryant. Londres. W. Marchant, 1807. 6 volumes.
- Atlantis: The Antediluvian World*. Ignatius Donnelly. New York. Harper and Brothers, 1882.
- Book of God, The*, ☉ (Kenealy). Londres. Reeves and Turner. Sem data.
- Buddhism, Chinese*, Joseph Edkins, D. D. Londres. Kegan Paul, Trench & Co. Ltd. Ed. popular.
- Cory's Ancient Fragments*, E. Richmond Hodges. Nova e ampliada edição. Londres. Reeves and Turner, 1876.
- City of God, The*, Santo Agostinho; trad. Professor Marcus Dods, D. D. Edinburgo. T. T. Clark, 1897.
- Descent of Man, The*, Charles Darwin, M. A., F. R. S. Londres. John Murray, 1890.
- Dhammapada*, série *Sacred Books of the East*, Londres. Oxford University Press, 2.^a ed., 1924.
- Esoteric Buddhism*, A. P. Sinnett, 8.^a edição. Londres. The Theosophical Publishing House, 1918.
- Esprits, Des (Pneumatologie)*, J. E. de Mirville, Paris. H. Vrayet de Surcy, 1863, 6 volumes.
- Five Years of Theosophy*, Madras. The Theosophical Publishing Society, 1885.
- Hindu Pantheon, The*, Edward Moor. Londres. J. Johnson, 1810.
- Human, Species, The*, A. de Quatrefages. Londres. Kegan Paul. Trench. Trübner & Co., Ltd., 1890.
- Indian Literature, The History of*, Albrecht Weber, trad. John Mann. M. M., & Theodore Zachariae. Ph.D. Londres. Trübner & Co., 1878.
- Isis Unveiled*, H. P. Blavatsky. New York. J. W. Bouton, 1886 (5.^o milheiro).
- Kabbalah, The*, Adolf Franck; revista e traduzida por Dr. T. Sossnitz. New York. Kabbalah Publishing Co., 1926.
- Kabbalah Unveiled, The (Kabbala Denudata)*, trad. de S. L. MacGregor Mathers. Londres. George Redway, 1887.
- Kalevala, The*, rad. de John Martin Crawford. New York. John B. Alden, 1888.
- Life and Religion, New Aspects of*, Henry Pratt, M. D. Londres, Williams & Norgate, 1886.

- Mahâtma Letters to A. P. Sinnett, The*. Compilação de A. T. Barker. Londres. Rider & Co. Ed. de 1930.
- Manava-Dharma-Shâstra*, trad. de A. C. Burnell; editado por E. W. Hopkins. Londres. Trübner & Co., 1884.
- Man before Metals*, N. Joly. Londres. Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 5.^a ed., 1892.
- Man: Fragments of Forgotten History*, por Dois Chelas. Londres. Reeves & Turner, 2.^a ed., 1887.
- Man's Place in Nature*, T. H. Huxley. Londres. Macmillan & Co. Ltd., 1900.
- Modern Science and Modern Thought*, S. Laing. Londres. Chapman & Hall Ltd., 1902.
- Modern Zoroastrian*, A. S. Laing. Londres. F. V. White, 1887.
- Mythical Monsters*, Charles Gould. Londres. W. H. Allen & Co., 1886.
- Mythological Astronomy*, S. A. Mackay. Londres. Hunt and Clarke, 1826.
- Natural Genesis, The*, Gerald Massey. Londres. Williams and Norgate, 1883.
- Perfect Way, The*, Anna Kingsford and Edward Maitland. Londres. Field and Tuer, 1887.
- Phallicism*, Hargrave Jennings. Londres. George Redway, 1884.
- Qabbalah*, trad. de Isaac Myer. L. L. B. Filadélfia. Publicação privada do autor.
- Sacred Mysteries among the Mayas and Quichés*, Augustus Le Plongeon. Nova York. Robert Macoy, 1886.
- Science and Language, The*, Max Müller M. A. Londres, 3.^a edição. Longman, Green, Longman and Roberts, 1862.
- Source of Measures, The Key to the Hebrew-Egyptian Mystery*, J. Ralston Skinner. Filadélfia. David Mckay Company, sem data.
- Travels in Upper and Lower Egypt*, B. Denon, trad. de A. Aikin, 3 vols. Londres. Longman and Rees, 1803.
- Vishnu Purâna, The*, trad. de H. H. Wilson, org. de Fitzedward Hall. Londres. Trübner & Co., 5 vols. 1864-1870.
- World-Life or Comparative Geology*, Alexander Winchell. Chicago. S. C. Griggs & Co., 1883.
- Zend-Avesta, The*, série *Sacred Books of the East*, vol. 4, trad. de J. Darmsteter. Oxford. The Clarendon Press, 1880.
- Livros existentes no Museu Britânico e cujas citações foram verificadas:
- Ancient Faiths Embodied in Ancient Names*, Thomas Inman. Londres. Trübner, 1868.
- Day After Death, The*, trad. do francês, Louis Figuier. Londres. Richard Bentley and Son, 1872.
- Force and Matter*, Dr. Louis Büchner. Editado por F. Collingwood. Londres. Trübner, 1864.
- Hibbert Lectures*, 1887, A. H. Sayce. Londres. Williams and Norgate, 1898, 5.^a edição.
- Mythologie de la Grèce Antique*, F. Decharme. Paris. Garnier Frères, 1879.
- Pedigree of Man, and other Essays, The*, Hæckel, tradução de Aveling. Londres, Free-thought Publishing Co., 1883.
- Philosophy Historical and Critical*, André Lefèvre, trad. de A. H. Keane. Londres. Chapman and Hall, 1879.
- Physiology, Textbook of*, Michael Foster. Londres. Macmillan, 1879, 3.^a ed.
- Pluralité des Mondes Habités, La*, Camille Flammarion. Paris. Charpenier.
- Principles of Zoology*, Louis Agassiz e A. A. Gould. Boston. Gould and Lincoln, 1851.

LIVROS ADICIONAIS PARA REFERENCIA

- Coming of Man, The*, Robert Broom. Londres. H. F. & G. Witherby Ltd.
- Descent of Man, The*, Charles Darwin, M. A. F. R. S. Londres. John Murray, 1890, 2.^a ed.
- Climate and Cosmology*, James Croll. Londres. Ed. Stanford Ltd. Reimpresso.
- Corroborations of Ancient Archaeology*, G. Nevin Drinkwater. Londres. The Theosophical Publishing House, 1935.
- Early Astronomy and Cosmology*, C. P. S. Menon, B. A., M. Sc. (Lond.) F. R. A. S. Londres. George Allen and Unwin Ltd., 1932.
- Esoteric Astrology*, Alan Leo. Londres. Modern Astrology Office, 1913.
- Mammal-Like Reptiles of South Africa*, Robert Broom. Londres. H. F. & G. Witherby Ltd.
- Myths and Marvels of Astronomy*, Richard A. Proctor. Londres. Cratto & Windus, 1880.
- Secret Tradition in Alchemy, The*, A. F. Waite. Londres. John M. Watkins.
- Dictionary of the Sacred Language of all Scriptures and Myths*, A. G. A. Gaskell. Londres. George Allen & Unwin Ltd., 1923.
- Atlantis: The Antediluvian World*, Ignatius Donnelly. Nova York. Harper Brothers, 1882. Reimpresso. Londres Sampson Low.
- Atlantis, The Story of*, W. Scott-Elliott. Londres. The Theosophical Publishing Soc., 1896.
- Atlantean Continent, The*, H. E. Forrest. Londres. H. F. & G. Witherby Ltd.
- Lost Atlantis, The*, James Bramwell. Londres. Cobden Sanderson, 1937.
- Sabeian Researches*, John Landseer. Londres. Hurst Robinson & Co. e Edinburgh, A. Constable & Co., 1823.
- Ur of the Chaldees*, Sir Leonard Woolley. Londres. Faber & Faber.
- Civilization of the Eastern Iranians in Ancient Times*, Dr. Wilhelm Geiger, trad. Dârâb Dastur Peshotan Sângâna, B. A., Londres. Henry Frowde, 1885, 2 volumes.
- Ancient Egypt, The Light of the World*, Gerald Massey. Londres. T. Fisher Unwin, 1907. 2 vols. Edição limitada a 500 exemplares.
- Early Zoroastrianism* (Hibbert Lectures, 1912). James Hope Moulton. Londres. Williams & Norgate, 1913.
- Religion of Zarathustra, The*, I. G. S. Tareporewala. Madras. The Theosophical Publishing House, 1926.
- Apollonius of Tyana, Life and Times of*, C. P. Fells; Londres, Oxford University Press, 1923.
- Secret Doctrine in Israel, The*, A. E. Waite. Londres. William Rider & Sons Ltd., 1913.
- Doctrine and Literature of the Kabalah, The*, A. E. Waite. Londres. The Theosophical Publishing Society, 1902.
- Stones of Stonehenge, The*, G. Herbert Stone, F. S. A. Londres, Robert Scott, 1924.
- Buddha's Path of Virtue, The*, F. L. Woodward, M. A. Madras. The Theosophical Publishing House, 1921.
- Celtic Myth and Legend*, Charles Squire. Londres. The Gresham Publishing Co., (sem data).
- Bridge of the Gods in Celtic Mythology, The*, Edith F. Pinchin. Londres. The Theosophical Publishing House, 1934.

Indian Serpent-Lore: The Nāgas in Hindu Legend and Art, J. Ph. Vogel, Ph.D. Londres. Probsthain, 1926.

Two Creation Stories in Genesis, The, A Study in Symbolism, James Forrester Brown. Londres. John M. Watkins, 1921.

Devil Worship in France, A. E. Waite. Londres. George Redway, 1896.

Essais: Scientific, Political, and Speculative. Herbert Spencer. Londres, Williams and Norgate, 1883, 2 volumes.

First Principles, Herbert Spencer. Londres, Williams and Norgate, 2 vols., 1884.

Principles of Biology, The, Herbert Spencer. Londres. Williams and Norgate, 2 volumes, 1884.

Principles of Psychology, The, Herbert Spencer. Londres. Williams and Norgate, 1881.

Principles of Sociology, The, Herbert Spencer. Londres. Williams and Norgate, 1887.

Collected Essays, T. H. Huxley. Londres, Macmillan & Co. Ltd., 8 vols., 1900.

World of Life, The, Alfred Russell Wallace, O. M., D. C. L., F. R. S. Londres, Chapman and Hall, 3.^a edição, 1911.

Pedigree of Man, The, Annie Besant. Benares e Londres, The Theosophical Publishing House, 1931.

Beginnings of the Sixth Root Race, The, C. W. Leadbeater. Madras. The Theosophical Publishing House, 1931.

Self and its Sheaths, The, Annie Besant. Madras. The Theosophical Office, 2.^a ed., 1912.

Reincarnation, E. D. Walker, Nova York, Macoy Publishing Company, 1896.

Reincarnation, Theosophical Manual, N.º 2, Annie Besant, Londres. The Theosophical Publishing House, 30.º milheiro, 1915.

Karma, Theosophical Manual, N.º 4. Annie Besant. Londres. The Theosophical Publishing House, 26.º milheiro, 1913.

Karma, A Study in, Annie Besant. Madras. The Theosophical Publishing House, 2.^a edição, 1917.

Rāja Yoga Philosophy, A Compendium of the, (including Shrimat Shankaracharya's Aprozhanubhuti, Ātmanātmā Viveka, Ātmā-Bodha, Crest Jewel of Wisdom, etc.), por vários autores. Bombaim. Rājāram Tookarām, 1901.

Golāḍhyāya of the Siddhanthā-shiromani, Bhaskārachārya (com o comentário "Mitāksara"). Calcutá, School Book Society Press, 1856. (Na Biblioteca de Adyar, somente em sânscrito.)

The Theosophist, junho de 1938: "Man and the Anthropoids", E. W. Preston, M. Sc. Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House.

The Theosophist, junho de 1938: "Problems of Evolutionary Science", C. G. Trew, B. Sc., Ph. D. Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House.